

PUCRS

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN – FAMECOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL
DOUTORADO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

FELIPE ADAM

QUANDO AS JORNALISTAS ASSUMEM O PROTAGONISMO:
MEMÓRIA DO GÊNERO BIOGRÁFICO BRASILEIRO PELA ÓTICA FEMININA (1990-2020)

Porto Alegre
2024

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

FELIPE ADAM

**QUANDO AS JORNALISTAS ASSUMEM O PROTAGONISMO:
MEMÓRIA DO GÊNERO BIOGRÁFICO BRASILEIRO PELA ÓTICA FEMININA (1990-
2020)**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Comunicação Social do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Escola de Comunicação, Artes e Design – Famecos da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Área de concentração: Práticas e Culturas da Comunicação.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Carlos Hohlfeldt

Porto Alegre

2024

FELIPE ADAM

QUANDO AS JORNALISTAS ASSUMEM O PROTAGONISMO:
MEMÓRIA DO GÊNERO BIOGRÁFICO BRASILEIRO PELA ÓTICA FEMININA (1990-
2020)

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Comunicação Social do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Escola de Comunicação, Artes e Design – Famecos da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Área de concentração: Práticas e Culturas da Comunicação.

Aprovado em: _____ de _____ de _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Beatriz Corrêa Pires Dornelles (PUCRS)

Prof. Dra. Marialva Carlos Barbosa (UFRJ)

Prof. Dra. Marta Regina Maia (UFOP)

Prof. Dra. Monica Martinez (UNISO)

AGRADECIMENTOS

Minha admiração pelas biografias surgiu ainda quando criança. Sou de uma geração anterior à Internet, que estudou a partir da leitura de enciclopédias e presenciou, ainda nos anos escolares, a mudança dos suportes físicos para os digitais. Admito que tive acesso a um bom colégio, que possuía uma vasta e plural biblioteca, além de ter conseguido usufruir a compra de uma coleção da Barsa que meus pais, com muito custo, conseguiram adquirir. Por conta própria, li a trajetória de vida de todos os ex-presidentes da República brasileiros e com pouco mais de 10 anos de idade, já reconhecia essas personalidades por imagens, mesmo ainda não ter sido ensinado na escola.

Não tinha aptidão para desenhos, pinturas e demais trabalhos manuais; por isso, nas aulas de educação artística, esforçava-me nas pesquisas sobre a vida e obra do artista escolhido pela professora no bimestre. Por meio do *xerox* das enciclopédias Delta Júnior e Barsa, podia entregar um trabalho histórico manual, datilografado ou digitado, à altura de um estudante matriculado no ensino fundamental, sobre o italiano [*Giuseppe*] Arcimboldo, o holandês [*Vincent*] Van Gogh, o russo [*Wassily*] Kandinsky, o espanhol [*Joan*] Miró, o holandês [*Maurits Cornelis*] Escher e o espanhol [*Salvador*] Dalí, por exemplo. Na oitava série, em 2005, nossa professora de Física solicitou uma pesquisa biográfica sobre a história e contribuições do alemão Albert Einstein, na ocasião da efeméride dos 50 anos de seu falecimento, oportunidade ideal para garantir uma boa nota em uma disciplina que não dominava com facilidade.

Tinha – e ainda tenho - uma certa habilidade em gravar informações. Sendo assim, pela memória favorável, preteria as disciplinas de Gramática, Literatura, História e Geografia, em detrimento às ciências exatas. Para suprir essa debilidade, buscava notas a partir de outras abordagens. Talvez, por buscar uma melhor conexão com a matéria, interessaria mais em saber quem foram Pitágoras e Bhaskara, por exemplo, do que entender a aplicação direta de determinadas fórmulas no cotidiano, bem como conhecer [*Georg Simon*] Ohm, [*Alessandro*] Volta, [*André-Marie*] Ampère e [*James*] Watts, contemporâneos do século XVIII que emprestariam os sobrenomes às definições de resistência, tensão, corrente e potência elétrica, respectivamente.

Durante a graduação em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, na Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI), tive disciplinas que dialogavam ora entre História e Jornalismo, ora Literatura e Jornalismo. Professoras como a Dra. Valquíria Michela John e minha então orientadora, Dra. Vera Lúcia Sommer, me ajudaram a interpretar o sentido do livro-reportagem e do Jornalismo literário. Conhecer as biografias me fez inserir noutras

culturas, noutros hábitos, mas também pude acessar o proibido, aquilo que estava escondido e não aparecida no dia a dia.

Após escrever um livro como produto de TCC, em 2013, sobre as vidas de anônimos que construíram a ferrovia que percorreu a região onde cresci em Blumenau (SC), no mestrado me debrucei a respeito dos estudos biográficos. Sob orientação do professor Dr. Sérgio Luiz Gadini, tratei de realizar um levantamento junto a Associação Brasileira das Editoras Universitárias (ABEU) sobre os profissionais de imprensa que possuíam biografias publicadas em editoras acadêmicas. À época, a partir de oito livros na amostra, concluí que a narrativa a respeito dos biografados possuía três características essenciais e que pareciam uma tendência no gênero: ambiente jornalístico, espaços de pertencimento e legado do biografado (Adam, 2020). Seria no doutorado que poderia aprofundar o estudo na biografia sob o viés jornalístico. Nada seria tão fácil.

Quando cheguei à rodoviária de Porto Alegre, na tarde daquela terça-feira, dia 3 de março de 2020, o impacto foi gritante. Não conhecia ninguém na capital do Rio Grande do Sul. Era eu sozinho nesta *querência amada*. Lembro-me de atravessar a rodovia Osvaldo Aranha (Freeway), passar pelo posto da Polícia Rodoviária Federal (PRF), avistar a Arena do Grêmio, acompanhar os vagões da Empresa de Trens Urbanos de Porto Alegre (Trensurb) e conversar com Deus. Apenas pedi que me ajudasse pelos próximos quatro anos. Se eu ainda pudesse ter alguma dúvida sobre a existência d'Ele na minha vida, qualquer mínima desconfiança se dissipou nos próximos minutos.

Com apenas duas semanas na cidade, diante da pandemia do coronavírus (Covid-19), os órgãos municipais e estaduais começaram a tomar providências. Na segunda, dia 16 de março, a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) suspendeu as aulas até o dia 12 de abril e, em seguida, até o fim deste mês. Além de toda ansiedade, medo, tédio – e teimosia do Governo Federal – o Ministério da Educação simplesmente suspendeu seis mil bolsas de estudo financiadas pela agência da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), o que acarretou uma onda de incertezas, que seriam resolvidas num prazo de dois meses. O que viria a ser 40 dias de isolamento se estendeu por todo o ano de 2020 e 2021. Para encerrar uma gestão que retrocedeu a qualidade científica do país, em dezembro de 2022, 200 mil pesquisadores tiveram atraso nos pagamentos das bolsas científicas, após a edição do Decreto nº 11.269 que bloqueava valores para o Ministério da Educação. O valor foi pago apenas no dia 12 de dezembro de 2022, após muitos colegas terem vencimentos nos dias 5 e 10.

Vivi altos e baixos. Ri bastante, mas chorei na mesma proporção. Tive momentos de desespero, mas situações de otimismo que só eu sentia, mesmo quando tudo parecia desabar. Presenciar a ciência do seu próprio país se desmoronar em frangalhos não foi fácil. Além disso, ser jornalista e pesquisador no Brasil é difícil; é caótico, frustrante, desanimador. Ser considerado inimigo do Governo Federal foi assustador, trágico, decepcionante. Planejei quatro anos intensos, mas não imaginei que eles viriam tão impactantes. O doutorado é uma montanha-russa com *loopings* sequenciais. Se você não estiver com os cintos bem firmes, o estrago pode ser grande. E a saúde mental, que tanto nos acompanha no cotidiano, pode também ser a sua principal inimiga.

Mesmo aos trancos e barrancos, venci os desafios e por isso, agradeço a CAPES pelo custeio do meu doutorado. Reconheço o privilégio de ter tido a oportunidade de possuir uma bolsa integral durante meus quatro anos na PUCRS. Embora desde 2013 sem reajuste, os valores (no meu caso, R\$ 2.200,00 de ajuda de custo e R\$ 1.400,00 como pagamento da mensalidade da pós-graduação) muito me ajudaram a chegar onde pretendia estar. Contudo, após muita luta, a esperança se tornou mais concreta quando o então presidente Luiz Inácio Lula da Silva assinou, no dia 16 de fevereiro de 2023, o reajuste das bolsas científicas das agências CAPES e CNPq, o que elevou os valores para R\$ 2.100,00 e R\$ 3.100,00 no mestrado e doutorado, respectivamente. Uma vitória a todos os acadêmicos que produzem pesquisa de qualidade em nosso Brasil.

Se na graduação e no mestrado não trabalhamos sozinhos, no doutorado, não seria diferente. Embora as atividades se tornariam mais solitárias, é extremamente necessária a menção das pessoas que circundaram meu percurso acadêmico de quatro anos. Meus pais, Wilson e Joceli, que tanto fizeram por mim durante anos, acompanharam-me de longe. Embora o contato não fosse mais presencial, as conversas se mantiveram regularmente seja pelas redes sociais ou em conversas de videochamadas no *Instagram* e *WhatsApp*. Meu pai, que não chegou a concluir o ensino fundamental, pode presenciar mais uma conquista do seu filho. Trago comigo sua generosidade e sábias palavras – *Aproveita enquanto tu és novo* era uma daquelas frases que sempre vinha em minha mente. Minha mãe, que durante grande parte da minha infância me incentivou na leitura, provou que as vitórias são alcançadas à base de esforço e dedicação. Durante a pandemia, pode comprovar que a idade é apenas um sabor a mais pra conquistas: em 2021, concluiu seu tecnólogo em Gestão Hospitalar com muito orgulho e felicidade. Gratidão eterna por todo apoio, pela amizade e compreensão. Não chegaria a uma pós-graduação sem a educação e o incentivo de vocês.

Ainda no início da incipiente quarentena da pandemia, também conheci uma mulher a quem devo muitas vitórias e que viria a se tornar minha companheira durante todo o período de doutorado. Sem a compreensão e o jeito especial da Kamyla, o cansaço não se tornou frequente, o medo se dissipou e a confiança redobrou. À medida que os capítulos desta tese progrediam, ela se tornava a primeira ouvinte/leitora dos esboços recém finalizados. Pode contribuir com trocas de palavras, reescritas de orações completas, sugestões mais variadas de acordo com a necessidade autoral. Percebi que, a cada semana, a parceria se solidificou na jornada e a sua presença me serviu de amuleto, um talismã necessário para as conquistas do presente trabalho. Por toda paciência, carinho e afeto. Por toda alegria que já me proporcionou. E, principalmente, por acreditar em mim quando, às vezes, eu mesmo nem tinha forças de crer em meu próprio potencial, este trabalho é dedicado a você, meu amor.

Nesta seção de agradecimentos, também gostaria de saudar o nome de Liliane Endres Vargas, bem como de seus irmãos e filhos. Durante o período de 3 de março a 26 de setembro de 2020, consegui me espiritualizar e adquirir segurança. O que era para ser uma simples estadia num Airbnb se estendeu a uma parceria. Quando o inverno passou e uma pequena esperança surgia com a primavera, aluguei um novo espaço, um apartamento em frente ao Colégio Champagnat, no bairro Partenon. Ali, dividi não somente um espaço, mas histórias de vida semelhantes a minha própria biografia. Pelas conversas inspiradoras, risadas, refeições, tarefas domésticas e rodas de violão, grato aos colegas Ayalon Angelo de Moraes Filho, Christian Mattos e Henrique Berwanger pelos dois anos e sete meses de convivência. Meu sincero abraço também se estende ao amigo Guilherme Felipe Furtado Soares, de Blumenau (SC), que me ajudou nas revisões dos resumos dos artigos para o inglês, bem como a Matheus Gastaldon, lá em Ponta Grossa (PR), que elaborou todas as ilustrações contidas nesta tese.

Na PUCRS, pude contar com a orientação do professor Dr. Antonio Carlos Hohlfeldt, a quem muito me inspirou na trajetória de pesquisador. Referência no quesito história do Jornalismo brasileiro, o professor Hohlfeldt compartilhou de suas experiências passadas enquanto integrante de entidades científicas, mas também emprestou e adquiriu livros, apoiou-me na submissão de artigos a periódicos científicos ou eventos e sempre confiou no projeto. A segurança de tê-lo como orientador fez a pesquisa do doutorado fluir de maneira tranquila. Neste parágrafo, receba o meu sincero muito obrigado.

Quero deixar registrado meu mais profundo agradecimento as 15 mulheres jornalistas que, gentilmente, aceitaram de prontidão meu convite em participar desta pesquisa: Adriana Negreiros, Alicia Klein, Clarisse Meireles, Consuelo Dieguez, Cristiane Correa, Daniela Arbex, Evanize Sydow, Janaína Marquesini, Karla Monteiro, Leneide Duarte-Plon, Luana Costa,

Luciana Hidalgo, Maria Dolores Duarte, Raquel Munhoz e Regina Echeverria. A todas elas, gratidão pela confiança em compartilhar aspectos pessoais e experiências profissionais. Este trabalho serve como uma ferramenta importante à preservação do trabalho dessas jornalistas que, com a apuração do repórter, entregam ao público leitor, obras de caráter investigativo e de valorização da memória nacional.

Um fiel agradecimento às professoras que aceitaram integrar minha banca de doutorado. Desde o início, havia conversado com meu orientador que gostaria de uma banca formada por mulheres docentes. Tendo em vista que as minhas entrevistadas são de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo, busquei convidar pesquisadoras que também fossem oriundas desses três estados. Assim, além da professora Dra. Monica Martinez (Universidade de Sorocaba - UNISO), que esteve presente no exame de qualificação, realizado em 3 de outubro de 2022 – bem como o professor Dr. Juremir Machado da Silva (PUCRS) - e que muito contribuiu no desenvolvimento do trabalho, foram convidadas a Dra Marialva Carlos Barbosa (Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ) e a Dra Marta Regina Maia (Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP). Como integrante da Escola de Comunicação, Artes e Design (FAMECOS), pude contar com a experiência da Dra. Beatriz Corrêa Pires Dornelles.

Saúdo, com muito respeito, todos os profissionais da PUCRS que trabalham na Biblioteca Central Irmão José Otão. Desde o ano que ingressei na universidade, em 2020 – inclusive, durante a pandemia que isolou as atividades acadêmicas -, sempre fui muito bem auxiliado ora em tempos de empréstimos de livros ou impressões nos totens, ora no uso dos armários e reservas de salas para estudo. O escritor espanhol Jorge Carrión (2018, p. 264), em *Livrarias: Uma história da leitura e de leitores*, nos ensina que enquanto as livrarias vivem de seleção e descarte, “[...] a biblioteca se obstina em lembrar-se de tudo”. Ao olhar para trás, percebo que foi uma grande oportunidade poder usufruir de um espaço que congrega tanto conhecimento, um lugar onde me senti sempre em casa.

Já pelas bibliotecas da UFRGS, consegui dois livros que me ajudaram no desenvolvimento da tese. Um deles, inclusive, era uma biografia escrita por uma das 15 jornalistas entrevistadas. Sem matrícula na instituição, o empréstimo foi possível graças ao amigo Wagner Machado da Silva, funcionário da universidade, e a minha cunhada Isadora Silveira Peixoto, acadêmica do curso de Medicina Veterinária. Gratidão.

Ainda pude participar, como aluno ouvinte, em 2021/2, de duas disciplinas que se tornaram fundamentais para o alinhamento do trabalho da presente tese: *Jornalismo Literário como campo de estudos*, ofertada em parceria com os programas de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura (UNISO), Comunicação Social (Universidade Metodista de São Paulo

- UMESP) e a Maestría en Periodismo (Universidad de Antioquia, Colômbia), ministrada durante as segundas à noite pelos professores Dra. Monica Martinez, Dr. Mateus Yuri Passos e Dr. Raul Osorio Vargas, respectivamente; e *A pesquisa histórica sobre a imprensa brasileira realizada por jornalistas*, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades (Universidade Federal do Espírito Santo - UFES) nas quartas noturnas, comandada pelo professor Dr. Victor Israel Gentilli.

Tive a oportunidade no mestrado e, em especial durante o doutorado, de me aproximar de duas referências: Dra. Karine Moura Vieira e Dr. Alexandre Zarate Maciel. Por toda a paciência, compreensão e amizade, agradeço todos os momentos em que pude ter a liberdade de encaminhar uma mensagem pelo *WhatsApp* ou realizar uma chamada de vídeo para pedir orientações sobre o objeto, já que ambos os docentes realizaram trabalhos semelhantes a esta presente tese. Com a professora Karine, escrevemos e apresentamos um trabalho na SBPJor 2020; junto ao professor Maciel surgiu a oportunidade em integrar o Grupo de Pesquisa Jornalismo de Fôlego, coordenado por ele junto à Universidade Federal do Maranhão (UFMA), campus de Imperatriz.

Neste parágrafo, dedico um agradecimento especial aos professores Dr. Felipe Simão Pontes e Dra. Paula Melani Xavier, que me apresentaram os textos fundamentais para compreensão do feminismo na disciplina do Seminário Metodológico de Jornalismo e Gênero, no segundo semestre de 2018, ainda no mestrado em Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Por meio deles, tive contato com autoras como Angela Davis, bell hooks, Betty Friedan, Elisabeth Badinter, Gerda Lerner, Heleieth Saffioti, Judith Butler, Michelle Perrot, Naomi Wolff, Orna Donath, Silvia Federici, Simone de Beauvoir, Sueli Carneiro e Teresa de Lauretis.

Também agradeço a disponibilidade do professor Alexandre Maciel em me ajudar na gravação das primeiras sete entrevistas desta presente tese, via Google Meet. Menciono aqui, ainda, o auxílio da professora Dra. Marluce Zacariotti, da Universidade Federal do Tocantins (UFT), na gravação da oitava entrevista, também por meio do Google Meet. Por fim, mas não menos importante, meu muito obrigado a todos os integrantes da secretaria da FAMECOS, nas pessoas do colega Radler da Rosa e Juliana Silva, além dos colegas Gilson Crippa, Matheus Passos, Pedro Araujo e Renan Vieira, do setor técnico e audiovisual da FAMECOS, que me auxiliaram no empréstimo de fones de ouvidos e *webcams* durante o período de gravação das entrevistas.

Por fim, por este trabalho ter sido construído ao longo de uma crise sanitária global, valorizo a memória dos mais de 700 mil brasileiros que faleceram em virtude da Covid-19 até

o fim de 2023. Ainda lembro, nestas linhas, de todos aqueles que perderam familiares, amigos, vizinhos, amores, mas também aqueles que respeitaram às normas de distanciamento social, usaram máscaras, abusaram do álcool em gel, não aglomeraram e se vacinaram com as quatro doses. Por mais brasileiros que pensem no próximo, com menos egoísmos ou mesquinhas. Por mais cidadãos que busquem a tolerância, estejam abertos ao diálogo, sem individualismos. Por mais pessoas que priorizem a educação e valorizem a ciência do próprio país.

Porto Alegre (RS), verão de 2024.

RESUMO

Esta tese de doutoramento se propõe a investigar a contribuição das mulheres jornalistas brasileiras, enquanto autoras de biografias, no período de 1990 a 2020. O objetivo geral da presente pesquisa foi identificar a produção biográfica de mulheres jornalistas para a história do Jornalismo brasileiro, com intenções específicas de apresentar a evolução do mercado editorial biográfico no Brasil; elaborar um mapa dos protagonistas biografados durante o período selecionado e, principalmente, discutir a presença das mulheres jornalistas enquanto biógrafas. Com o intuito de quantificar a produção biográfica no país, fez-se necessário, primeiramente, acessar o catálogo virtual das 400 editoras associadas ao Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL). Assim, a partir dos dados coletados, descobriu-se que o Grupo Editorial Record, Grupo Companhia das Letras, L&PM Editores, Globo Livros, Planeta do Brasil, Rocco, Intrínseca, Ediouro, Sextante e o Grupo Editorial Scortecci são as dez editoras que mais publicaram o gênero biográfico em um arco temporal de 30 anos. Considerada como um gênero híbrido (Dosse, 2009), a biografia reúne aspectos contextuais multidisciplinares; porém, para este trabalho, buscou-se a aproximação da biografia com o Jornalismo (Lima, 2009). Se a sociedade lembra daquilo que se permite recordar (Halbwachs, 1990), infere-se que o livro biográfico é um produto cultural que funciona como um instrumento de memória. Com o intuito de iluminar a contribuição das jornalistas biógrafas à história do Jornalismo brasileiro, apoiada em uma fundamentação teórica que congrega tanto os estudos de memória (Halbwachs, 1990; Pollak, 1992; Candau, 2019) quanto os de história das mulheres (Perrot, 1988, 2005, 2016; Lerner, 2019, 2022), optou-se em aplicar a entrevista qualitativa, com questões semiestruturadas e abordagem em profundidade (Duarte, 2008) a 15 mulheres jornalistas brasileiras autoras de biografias (1990-2020), dentre um total de 23 encontradas no levantamento e que tiveram condições de tempo e disponibilidade para atender ao convite. São elas, em ordem alfabética: Adriana Negreiros, Alicia Klein, Clarisse Meireles, Consuelo Dieguez, Cristiane Correa, Daniela Arbex, Evanize Sydow, Janaína Marquesini, Karla Monteiro, Leneide Duarte-Plon, Luana Costa, Luciana Hidalgo, Maria Dolores Duarte, Raquel Munhoz e Regina Echeverria. O questionário, sustentado a partir de três eixos de perguntas - aspectos biográficos, ambiente jornalístico e vivência autoral - revelou nuances relativas à trajetória profissional dessas mulheres. Todas elas são jornalistas diplomadas oriundas do Sudeste brasileiro e tiveram o primeiro contato com a leitura ainda meninas. Das 15 entrevistadas, oito mencionaram *O anjo pornográfico: A vida de Nelson Rodrigues* (Castro, 1992) e *Chatô: O rei do Brasil* (Morais, 1994) como fontes de inspiração para biografias, além de terem desenvolvido experiência na produção de reportagens e perfis em publicações impressas - pelo menos dez delas trabalharam no *Jornal do Brasil* ou em periódicos da editora Abril -, um requisito essencial para a confecção de uma biografia.

Palavras-chave: Comunicação social; Jornalismo; Biografias; Mulheres jornalistas; História do Jornalismo brasileiro; Mercado editorial.

RESUMEN

Esta tesis doctoral tiene como objetivo investigar la contribución de las periodistas brasileñas, como autoras de biografías, en el período de 1990 a 2020. El objetivo general de esta investigación fue identificar la producción biográfica de las periodistas a la historia del periodismo brasileño, con intenciones específicas para presentar la evolución del mercado editorial biográfico en Brasil; elaborar un mapa de los protagonistas biografiados durante el período seleccionado y, principalmente, discutir la presencia de mujeres periodistas como biógrafas. Para cuantificar la producción biográfica en el país fue necesario, primero, acceder al catálogo virtual de las 400 editoriales asociadas al Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL). Así, a partir de los datos recolectados, se descubrió que Grupo Editorial Record, Grupo Companhia das Letras, L&PM Editores, Globo Livros, Planeta do Brasil, Rocco, Intrínseca, Ediouro, Sextante y Grupo Editorial Scortecci son las diez editoriales que más publicaron el género biográfico durante un lapso de 30 años. Considerada como un género híbrido (Dosse, 2009), la biografía reúne aspectos contextuales multidisciplinares; sin embargo, para este trabajo buscamos acercar biografía y Periodismo (Lima, 2009). Si la sociedad recuerda lo que se permite recordar (Halbwachs, 1990), se infiere que el libro biográfico es un producto cultural que funciona como instrumento de la memoria. Con el objetivo de iluminar la contribución de los periodistas biográficos a la historia del periodismo brasileño, sustentada en una fundamentación teórica que reúne tanto los estudios de la memoria (Halbwachs, 1990; Pollak, 1992; Candau, 2019) como la historia de las mujeres (Perrot, 1988, 2005, 2016); Lerner, 2019, 2022), se decidió aplicar la entrevista cualitativa, con preguntas semiestructuradas y abordaje en profundidad (Duarte, 2008) a 15 periodistas brasileñas autoras de biografías (1990-2020), de un total de 23 los encontrados en la encuesta y que tuvieron el tiempo y disponibilidad para responder a la invitación. Son, en orden alfabético: Adriana Negreiros, Alicia Klein, Clarisse Meireles, Consuelo Dieguez, Cristiane Correa, Daniela Arbex, Evanize Sydow, Janaína Marquesini, Karla Monteiro, Leneide Duarte-Plon, Luana Costa, Luciana Hidalgo, Maria Dolores Duarte, Raquel Munhoz y Regina Echeverría. El cuestionario, basado en tres ejes de preguntas - aspectos biográficos, entorno periodístico y experiencia del autor - reveló matices relativos a la trayectoria profesional de estas mujeres. Todas ellas son periodistas graduadas del Sudeste de Brasil y tuvieron su primer contacto con la lectura cuando eran niñas. De las 15 entrevistadas, ocho mencionaron *O anjo pornográfico: A vida de Nelson Rodrigues* (Castro, 1992) y *Chatô: O rei do Brasil* (Morais, 1994) como fuentes de inspiración para biografías, además de haber desarrollado experiencia en la realización de reportajes y perfiles en publicaciones impresas - al menos diez de ellas trabajaron en el *Jornal do Brasil* o en periódicos publicados por Abril -, requisito indispensable para escribir una biografía.

Palabras clave: Comunicación social; Periodismo; Biografías; Mujeres periodistas; Historia del Periodismo Brasileño; Mercado editorial.

SUMMARY

This doctoral thesis aims to investigate the contribution of Brazilian women journalists, as authors of biographies, in the period from 1990 to 2020. The general objective of this research was to identify the biographical production of women journalists to the history of Brazilian Journalism, intending to present the evolution of the biographical publishing market in Brazil; draw up a map of the protagonists biographed during the selected period and, mainly, discuss the presence of women journalists as biographers. In order to quantify biographical production in the country, it was necessary, first, to access the virtual catalog of the 400 publishers associated with the Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL). In this way, from the data collected, it was discovered that Grupo Editorial Record, Grupo Companhia das Letras, L&PM Editores, Globo Livros, Planeta do Brasil, Rocco, Intrínseca, Ediouro, Sextante and Grupo Editorial Scortecci are the ten publishers that most published the biographical genre over a 30-year time span. Considered as a hybrid genre (Dosse, 2009), biography brings together multidisciplinary contextual aspects; however, for this work, we aimed to bring biography and Journalism closer together (Lima, 2009). If society remembers what it allows itself to remember (Halbwachs, 1990), the conclusion is that the biographical book is a cultural product that functions as an instrument of memory. With the aim of illuminating the contribution of biographical journalists to the history of Brazilian Journalism, supported by a theoretical foundation that brings together both memory studies (Halbwachs, 1990; Pollak, 1992; Candau, 2019) and women's history (Perrot, 1988, 2005, 2016; Lerner, 2019, 2022), we chose to apply the qualitative interview, with semi-structured questions and an in-depth approach (Duarte, 2008) to 15 Brazilian women journalists that are author of biographies (1990-2020), among a total of 23 found in the survey and who had the time and availability to respond to the invitation. They are, in alphabetical order: Adriana Negreiros, Alicia Klein, Clarisse Meireles, Consuelo Dieguez, Cristiane Correa, Daniela Arbex, Evanize Sydow, Janaína Marquesini, Karla Monteiro, Leneide Duarte-Plon, Luana Costa, Luciana Hidalgo, Maria Dolores Duarte, Raquel Munhoz and Regina Echeverria. The questionnaire, based on three axes of questions - biographical aspects, journalistic environment and authorial experience - revealed nuances relating to the professional trajectory of these women. All of them are graduated journalists from Southeastern Brazil and had their first contact with reading as children. Between the 15 interviewed, eight mentioned *O anjo pornográfico: A vida de Nelson Rodrigues* (Castro, 1992) and *Chatô: O rei do Brasil* (Morais, 1994) as sources of inspiration for biographies, in addition to having developed experience in producing reports and profiles in printed publications - at least ten of them worked at *Jornal do Brasil* or in periodicals published by Abril publisher -, an essential requirement for writing a biography.

Keywords: Social communication; Journalism; Biographies; Women journalists; History of Brazilian Journalism; Publishing Market.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 - Quantidade de narrativas biográficas vendidas (2010-2019).....	35
Gráfico 2 - Ocupações dos biografados nos livros mais vendidos (2010-2019).....	36
Imagem 1 - Capas das três biografias assinadas por jornalistas mulheres e premiadas no Jabuti.....	47
Gráfico 3 - Quantidade de pesquisas sobre biografia no Brasil divididas a partir das grandes áreas de conhecimento.....	49
Gráfico 4 - Distribuição das editoras associadas à SNEL pelo Brasil (2018).....	131
Gráfico 5 - Quantidade de mulheres jornalistas brasileiras, autoras de biografias, no Grupo Editorial Record (1990-2020).....	136
Gráfico 6 - Quantidade de mulheres jornalistas brasileiras, autoras de biografias, no Grupo Companhia das Letras (1990-2020).....	137
Gráfico 7 - Quantidade de mulheres jornalistas brasileiras, autoras de biografias, na L&PM Editores (1990-2020).....	138
Gráfico 8 - Quantidade de mulheres jornalistas brasileiras, autoras de biografias, na Globo Livros (1990-2020).....	139
Gráfico 9 - Quantidade de mulheres jornalistas brasileiras, autoras de biografias, na Planeta do Brasil (1990-2020).....	141
Gráfico 10 - Quantidade de mulheres jornalistas brasileiras, autoras de biografias, na Rocco (1990-2020).....	142
Gráfico 11 - Quantidade de mulheres jornalistas brasileiras, autoras de biografias, na Intrínseca (1990-2020).....	143
Gráfico 12 - Quantidade de mulheres jornalistas brasileiras, autoras de biografias, na Ediouro Publicações (1990-2020).....	144
Gráfico 13 - Quantidade de mulheres jornalistas brasileiras, autoras de biografias, na Sextante (1990-2020).....	145
Gráfico 14 - Quantidade de mulheres jornalistas brasileiras, autoras de biografias, no Grupo Editorial Scortecci (1990-2020).....	146
Gráfico 15 - Identidade de gênero dos biografados no Brasil (1990-2020).....	180
Gráfico 16 - Quantidade de livros biográficos sobre mulheres a cada ano (1990-2020).....	183
Gráfico 17 - Lista dos protagonistas mais biografados no Brasil (1990-2020).....	186
Gráfico 18 - Ocupações das personalidades biografadas no Brasil (1990-2020).....	189
Gráfico 19 - Nacionalidade dos biografados publicados no Brasil (1990-2020).....	193

Gráfico 20 - Identidade de gênero dos biógrafos com publicações no Brasil (1990-2020).....	208
Gráfico 21 - Nacionalidade dos biógrafos com publicações no Brasil (1990-2020).....	211
Gráfico 22 - Quem são os jornalistas que mais escreveram biografias no Brasil (1990-2020).....	214
Gráfico 23 - Proporção da presença de homens jornalistas biógrafos e mulheres jornalistas biógrafas no Brasil (1990-2020).....	222
Imagem 2 - Década de 1970.....	243
Imagem 3 - Década de 1980.....	248
Imagem 4 - Década de 1990.....	253
Imagem 5 - Década de 2000.....	261
Imagem 6 - Década de 2010.....	265

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Produção da temática <i>Biografias</i> no Brasil (2014-2022).....	24
Tabela 2 - Lista de mulheres premiadas nas categorias <i>Reportagem</i> e <i>Biografias</i> do Jabuti....	46
Tabela 3 - Quantidade de artigos nas revistas por palavras-chaves.....	71
Tabela 4 - Lista das 23 mulheres jornalistas brasileiras autoras de biografias (1990-2020)....	147
Tabela 5 - Datas das entrevistas com as 15 jornalistas biógrafas.....	158
Tabela 6 - Cronologia das conclusões de curso das jornalistas biógrafas.....	239

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABEU	Associação Brasileira das Editoras Universitárias
ABJL	Associação Brasileira de Jornalismo Literário
ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
ABRELIVROS	Associação Brasileira de Livros e Conteúdos Educacionais
ADI	Ação Direta de Inconstitucionalidade
AI-2	Ato Institucional número 2
AI-5	Ato Institucional número 5
ALCAR	Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia
APCA	Associação Paulista de Críticos de Arte
APCT	Associação Paulista de Críticos Teatrais
BJR	Brazilian Journalism Research
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBL	Câmara Brasileira do Livro
CCCS	Centre for Contemporary Cultural Studies
CNV	Comissão Nacional da Verdade
COMPÓS	Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação
CPDOC	Centro de Documentação e Pesquisa de História Contemporânea do Brasil
CUP	Centro Unificado Profissional
Difel	Difusão Editorial do Livro
DOI-CODI	Departamento de Operações de Informação - Centro de Operações de Defesa Interna
DOPS	Departamento de Ordem Política e Social
EJM	Estudos em Jornalismo e Mídia
ENADE	Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
EXPOCOM	Exposição de Pesquisa Experimental em Comunicação
FAAP	Fundação Armando Álvares Penteado
FAMECOS	Escola de Comunicação, Artes e Design
FGV	Fundação Getúlio Vargas
FLICA	Festa Literária de Cachoeiro
FUMEC	Fundação Mineira de Educação e Cultura

GTIT	Gerência de Tecnologia da Informação e Telecomunicação
IES	Instituição de Ensino Superior
IJF	Instituto José Frota
INTERCOM	Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
IPYS	Instituto Prensa y Sociedad
LA	Livro de Atualidade
MIS	Museu da Imagem e do Som
MPB	Música Popular Brasileira
OAB-RS	Ordem dos Advogados do Brasil do Rio Grande do Sul
PIBIC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
PLBN	Prêmio Literário Biblioteca Nacional
PRF	Polícia Rodoviária Federal
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro
PUCMG	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
PUCRJ	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
PUCRS	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
RBCC	Revista Brasileira de Ciências da Comunicação
RBHM	Revista Brasileira de História da Mídia
Renami	Rede Narrativas Midiáticas
RETIJ	Rede de Estudos Trabalho e Identidade dos Jornalistas
SBPJor	Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo
SETE	Sciences de l'Environnement, des Territoires et de l'Economie
SNEL	Sindicato Nacional dos Editores de Livros
STF	Superior Tribunal Federal
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TER	Tribunal Regional Eleitoral
Trensub	Empresa de Trens Urbanos de Porto Alegre
UEPG	Universidade Estadual de Ponta Grossa
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFES	Universidade Federal do Espírito Santo
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFJF	Universidade Federal de Juiz de Fora
UFMA	Universidade Federal do Maranhão

UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UFT	Universidade Federal do Tocantins
UMESP	Universidade Metodista de São Paulo
UnB	Universidade de Brasília
UNIMEP	Universidade Metodista de Piracicaba
UNIP	Universidade Paulista
UNISINOS	Universidade do Vale do Rio dos Sinos
UNISO	Universidade de Sorocaba
UNIVALI	Universidade do Vale do Itajaí
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
USP	Universidade de São Paulo
UVSQ	Université de Versailles Saint-Quentin-en-Yvelines

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	22
1.1	A atração pelo biografado como extensão de si mesmo.....	27
1.2	Os tipos de personalidades mais admiradas.....	33
2	O interesse pela vida alheia e sua tradição: Revisão teórica dos estudos biográficos nas áreas da História e do Jornalismo.....	44
2.1	As narrativas orais e a fabricação de heróis.....	49
2.2	A compreensão utópica de uma vida (quase) total.....	67
3	Uma cultura para consumo: Evolução do mercado editorial e a massificação do gênero biográfico no Brasil.....	85
3.1	Aspectos pioneiros da indústria editorial brasileira.....	93
3.2	Massificação de livros e instabilidade política no Brasil.....	103
3.3	O recomeço aos desconhecidos (ou vencidos).....	122
4	Roteiro metodológico: Rastros de um percurso histórico.....	128
4.1	Retrato biográfico do mercado editorial brasileiro.....	131
4.2	O uso das entrevistas no Jornalismo e na academia.....	152
4.3	Aplicações da técnica de entrevista.....	156
5	A memória biográfica do feminino: Ausência de pluralidades em três décadas (1990-2020) de mercado editorial brasileiro.....	165
5.1	A noção de arquivo.....	166
5.2	A memória como silêncio (ou apagamento) do passado.....	170
5.3	A resistência frente à invisibilidade.....	177
6	Mulheres jornalistas, mulheres biógrafas: Contribuições delas para a história do Jornalismo brasileiro.....	197
6.1	Presença das jornalistas no mercado editorial biográfico.....	206
6.2	Aspectos biográficos.....	222
6.3	Ambiente jornalístico.....	239
6.4	Vivência autoral.....	269
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	327
	REFERÊNCIAS	335
	APÊNDICE A - Livros biográficos mais vendidos de não ficção (2010-2019).....	354
	APÊNDICE B - Prêmio Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) / Eixo Literatura (2006-2020).....	359

APÊNDICE C - Prêmio Literário Biblioteca Nacional - "Prêmio Sérgio Buarque de Holanda" (Ensaio Social) (2005-2020).....	361
APÊNDICE D - Prêmio Jabuti de Literatura - "Reportagem" (1993-2020).....	363
APÊNDICE E - Prêmio Jabuti de Literatura - "Biografia" (1998-2020).....	367
APÊNDICE F – Carta às jornalistas biógrafas.....	371
APÊNDICE G – Questionário.....	372
ANEXO A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE): Alicia Klein.....	375
ANEXO B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE): Maria Dolores Duarte.....	377
ANEXO C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE): Leneide Duarte-Plon.....	379
ANEXO D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE): Clarisse Meireles.....	381
ANEXO E – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE): Regina Echeverria.....	383
ANEXO F – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE): Luciana Hidalgo.....	385
ANEXO G – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE): Janaína Marquesini.....	387
ANEXO H – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE): Luana Costa.....	389
ANEXO I – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE): Raquel Munhoz.....	391
ANEXO J – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE): Karla Monteiro.....	393
ANEXO K – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE): Cristiane Correa.....	395
ANEXO L – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE): Adriana Negreiros.....	397
ANEXO M – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE): Consuelo Dieguez.....	399
ANEXO N – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE): Daniela Arbex.....	401

ANEXO O - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE): Evanize Sydow.....	403
--	------------

1 INTRODUÇÃO¹

As pessoas se tornaram um objeto à venda (Bauman, 2008; Sibilia, 2008). Transformadas em seres mercadológicos, as vidas de cada indivíduo servem de exploração para jornais e revistas, estão publicizadas em diversos programas de entretenimento, dramatizadas em filmes, séries, novelas, peças de teatros, expostas em anúncios, exibidas nas redes sociais – além das incontáveis *lives* musicais transmitidas ao longo da pandemia, como reposta do setor artístico frente à proibição de *shows* ao longo dos anos de 2020 e 2021. Enfim, a vida privada está escancarada em uma vitrine diária cuja intimidade necessita ser aprovada pelo *touch* do outro, independente do dia ou do horário. Vive-se num espaço biográfico (Arfuch, 2010), cercado por múltiplas evidências de que os bastidores do cotidiano precisam ser revelados.

Sintoma de uma nova era, o sociólogo polonês Zygmunt Bauman defendia que o fim da intimidade era a principal característica da pós-modernidade. Não há limite para a privacidade, não existe pudor, o comportamento é volátil. Embora não seja o problema que norteie a investigação da presente tese, decide-se iniciar a investigação a partir da seguinte dúvida: por que as pessoas se interessam pela vida alheia, sobretudo a de personagens com destaque no meio social, político, artístico, econômico, etc.? Aliado a isso, o que há de tão sedutor na biografia do outro a ponto de as pessoas consumirem infinitos produtos a respeito do cotidiano? Apenas curiosidade ou algum grau de dependência?²

As biografias que eu gosto... por exemplo, esse caso do Visconti³, é uma história do cinema italiano, sabe? E como é uma biografia muito bem contextualizada, porque ele era de uma família nobre, contando o que era a vida na Itália, é uma aula de história. Não é só a personagem. Porque a personagem, ele não é sozinho, [...] essa história do homem e sua circunstância têm muito sentido. É claro que você lê uma biografia do Visconti ou você lê uma biografia do Buñuel falando da Espanha, você tem uma visão de mundo. Diferente, provavelmente, dessa do Harry⁴, que eu acho muito mais fofoca mesmo. Aí é uma coisa do ser humano, de querer saber da vida alheia, vamos fofocar um pouco. Então, acho que têm biografias e biografias, têm umas que são focadas ali naquela personagem, contando histórias dele, as transas dele, as desgraças dele, a briga com pai e mãe e outras, que são as que eu gosto, que são as contextualizadas. É porque você

¹ Esta tese está redigida segundo a norma 10520 da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), em vigor desde o dia 19 de julho de 2023.

² A partir desta citação, utilizarei a marcação em itálico para destacar, somente quando me valho dos depoimentos exclusivos das 15 mulheres jornalistas biógrafas entrevistadas para a presente tese, com o intuito de diferenciar dos possíveis trechos delas em prólogos ou epílogos dos próprios livros.

³ Consuelo Dieguez faz referência a obra *Luchino Visconti: O fogo da paixão* (Nova Fronteira, 1990), escrito por Laurence Schifano.

⁴ Príncipe Harry, Duque de Sussex, é o filho mais novo do (atual) rei britânico Charles III e da (então) princesa de Gales, Diana. Em janeiro de 2023, ele publicou *O que sobra* (Objetiva, 2023), memórias dele na família real.

conta a história, de alguma forma, a história mundial ou a história local, mas de uma forma mais saborosa, porque é pelo olhar do biografado (Dieguez, 2023).

A fim de traduzir o motivo do consumo das pessoas, sem adentrar nos estudos de recepção, a presente introdução parte de reflexões teóricas que pretendem iluminar as dúvidas mencionadas nesta introdução. No primeiro capítulo do livro *O reino e o poder*, a respeito da história do jornal *New York Times*, o jornalista Gay Talese (2000, p. 13) pontuava: “Em sua maioria, os jornalistas são incansáveis *voyeurs* que veem os defeitos do mundo, as imperfeições das pessoas e dos lugares”. Cenas agradáveis da normalidade do dia-dia, como uma caminhada no parque, uma ida à padaria ou o brincar das crianças num pátio de colégio, não atraem os jornalistas, já que, para eles “[...] a tristeza é seu jogo, o espetáculo, sua paixão, a normalidade, sua nêmesse” (Talese, 2000, p. 13). A fim de atrair os leitores, Talese, pertencente a uma geração de repórteres norte-americanos da década de 1960, aplicou técnicas da literatura a seus textos jornalísticos:

Em cada um de meus livros há um fascínio pelas verdades mais obscuras da natureza humana, um desejo de ir além da fachada e tocar os nervos e as nuances da vida privada. Há muito acredito que o realismo é fantástico, que os sonhos e impulsos da América moderna, se narrados com exatidão, podem ser tão socialmente significantes e historicamente úteis quanto as vidas e situações fictícias criadas por dramaturgos e romancistas (Talese, 2000, p. 9).

Além do livro sobre o periódico estadunidense, o escritor se destacou pelas obras *Fama e anonimato*, de 1970, um esboço sobre situações banais do cotidiano de Nova York, além de um conjunto de perfis de anônimos construtores da ponte Verrazano-Narrows; *Honra teu pai*, lançado em 1971, a respeito da máfia italiana na América; *A mulher do próximo*, publicado em 1980, sobre a onda de liberdade sexual nos Estados Unidos e, mais recentemente, *O voyeur*, de 2016. Nesta obra, Talese é convidado por Gerald Foos a conhecer o estabelecimento comercial do qual era proprietário no estado do Colorado. Trata-se de um motel onde Foos espionava a vida íntima dos seus clientes, pelas grades do sótão, sobre alguns dos quartos locados.

Meu intuito não é promover semelhanças entre a espionagem fanática desse proprietário com o interesse exagerado que consumidores de livros biográficos possuem pela vida do outro. Contudo, o *voyeurismo* apela ao acompanhamento de hábitos triviais, o monitoramento da rotina dos vizinhos – uma espécie de *olho mágico* – cuja observação compulsiva do ambiente privativo se torna, em grande parte, um distúrbio doentio, equivalente a um fetiche. O leitor de biografias se assemelha ao telespectador, definido por Patrick Charaudeau (2007, p. 9) como

quem assiste sem ser observado, “[...] olhar sobre a intimidade do outro, olhar livre de culpa porque não é visto, duas condições para definir a posição voyeurismo. O telespectador é um *espectador voyeur*”.

No Brasil, o mercado editorial soube se aproveitar do interesse alheio e reitera esse desejo. De acordo com a pesquisa Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro⁵ – Ano Base 2022, encomendada pela Câmara Brasileira do Livro (CBL), Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL) e Nielsen Book, a rubrica *biografia* contabilizou a produção de 1.787.178 exemplares, o que representa somente 0,55% dos títulos impressos no Brasil (Tabela 1). Contudo, em relação ao comparativo de 2021 e 2022, dentre 27 temáticas, apenas as categorias “Literatura Jovem Adulto” (0,78% x 1,07%) e “Artes” (0,22% x 0,27%) aumentaram a participação no setor editorial.

Tabela 1 - Produção da temática *Biografias* no Brasil (2014-2022)

Ano	Quantidade de exemplares produzidos	Participação do gênero no mercado editorial
2014	5.265.245	1,05%
2015	4.193.354	0,94%
2016	5.138.616	1,20%
2017	5.710.986	1,45%
2018	5.026.484	1,44%
2019	2.970.727	0,75%
2020	2.093.547	0,67%
2021	2.800.682	0,72%
2022	1.787.178	0,55%

Fonte: Elaborado a partir dos dados divulgados pela *Pesquisa Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro*.

Ainda conforme indicado na tabela acima, o pico de produção biográfica no período ocorreu em 2017. Uma das possíveis causas desse progressivo aumento foi a decisão do Judiciário brasileiro⁶, em junho de 2015, na defesa em favor da liberação das biografias não-autorizadas. Por unanimidade, os nove ministros do Supremo Tribunal Federal (STF)

⁵ A pesquisa começou a ser realizada em 2012. Nos primeiros dois anos, não havia dados contabilizados por segmentos; por isso, a tabela apresentou os números somente a partir de 2014. Disponível em: <https://snel.org.br/pesquisas/>. Acesso em 22 jul. 2022.

⁶ Desde 2007, quando a Justiça decidiu pela proibição da venda de *Roberto Carlos em detalhes*, do jornalista Paulo Cesar de Araujo, havia a discussão sobre a disputa pela liberação ou censura de biografias não-autorizadas. No segundo semestre de 2013, o caso voltaria à tona, novamente com força. Na época, parte da classe artística – Caetano Veloso, Chico Buarque, Djavan, Gilberto Gil, Roberto Carlos, entre outros – se reuniu num grupo intitulado Procure Saber, sob a liderança da empresária Paula Lavigne. *A batalha das biografias* (Silva, 2017) se transformou em exposição midiática – e mercadológica - de artistas da MPB e colocou em campos opostos os defensores da liberdade de expressão e o do direito à privacidade.

entenderam que a liberdade de expressão é mais notável que o direito à privacidade. A partir de 2017, a produção desse campo biográfico diminuiu até 2020, muito corroborado pela crise do setor livreiro, com falta de verbas e demissões de funcionários, o que fez com que empresas do ramo decretassem falência. Porém, o ano de 2022 reflete ainda os impactos da pandemia no mercado editorial.

A produção de biografias no país, mesmo não tendo uma fatia percentual considerável no mercado de livros do país, ainda é muito grande. Se existem lançamentos a nível de milhões, é porque há interesse em consumi-los. O desejo pela vida alheia pode ser motivado por aprendizados, tanto pelo conhecimento de uma época, quanto pelo que o Outro pode ensinar por meio da experiência de vida:

Eu sou uma leitora de biografia. E eu acho que, o quanto você pode contar e aprender de história de uma época, através de uma pessoa, entende? [...] Eu acho que isso é muito atraente nas biografias. Você poder olhar pra outras coisas, por meio de uma trajetória, sabe? O quanto que a gente pode entrar em outras histórias, entender cenários, enfim, compreender melhor aquele momento, através de uma história [...] [As biografias] são sempre uma oportunidade de você, e isso eu acho que o nosso trabalho também faz, é você dar elementos pra outras pesquisas, pra outros livros, pra outros aspectos. Isso eu acho interessante (Sydow, 2023).

Às vezes, não é uma história, mas alguma pessoa, alguma personalidade, isso me toca muito profundamente. Então, eu acho que é isso, claro que tem uma curiosidade, é claro que tem futilidades, mas você aprende muito com a história do outro, se você souber enxergar o que essa história pode te trazer. Porque, às vezes, a gente olha e não é capaz de enxergar, então, eu acho que é isso. Eu sempre fui uma interessada pela vida do outro, sempre fui, sempre fui aquela que meio que estava olhando pela fechadura, mas eu queria abrir a porta, queria entender o todo. Isso me atrai muito, as histórias das pessoas, desde sempre (Arbex, 2023).

O presente trabalho se propõe a contribuir com os estudos de história do Jornalismo⁷ brasileiro. Diante do fenômeno das biografias no Brasil, existe um nicho de trabalho jornalístico – tanto em função da produção, quanto de vendagem do segmento – e esta investigação objetiva desbravar questões ainda não debatidas na universidade, quiçá, no mercado de trabalho. Duas pesquisas realizadas na última década se destacam sobre a temática da biografia: enquanto a tese *Do fazer um saber - A construção do biografar: O discurso de autoria sobre a prática jornalística na produção de biografias por jornalistas brasileiros*, de autoria da jornalista e professora Dra. Karine Moura Vieira, defendida na Universidade do Vale do Rio dos Sinos

⁷ Com o intuito de valorizar o campo acadêmico e profissional, decidiu-se escrever Jornalismo com a primeira letra em maiúsculo.

(UNISINOS), em 2015, revelou os bastidores e desafios da confecção biográfica por jornalistas brasileiros ao entrevistar Alberto Dines, Lira Neto, Mário Magalhães, Regina Zappa e Ruy Castro, *Narradores do contemporâneo: Jornalistas escritores e o livro-reportagem no Brasil*, escrita pelo jornalista e professor Dr. Alexandre Zarate Maciel, apresentada em 2018, na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), evidenciou o debate de dez jornalistas escritores sobre o campo do Jornalismo a partir da prática extensiva da reportagem em livros. Entre os entrevistados, três biógrafos: Fernando Moraes, Lira Neto e Ruy Castro.

Para tanto, em minha pesquisa do doutorado, decidi voltar o olhar à construção biográfica por parte de mulheres jornalistas, norteado por este problema de investigação: Qual a contribuição das mulheres jornalistas ao gênero biográfico brasileiro? O objetivo geral foi identificar a produção biográfica de mulheres jornalistas para a história do Jornalismo brasileiro (1990-2020), com intenções específicas de apresentar a evolução do mercado editorial biográfico brasileiro; elaborar um mapa dos protagonistas biografados, durante o período selecionado no Brasil; além de discutir a autoria das mulheres jornalistas, enquanto biógrafas. Pelo fato de ambas as teses citadas no parágrafo anterior iluminarem o aperfeiçoamento da escrita biográfica e, também, pelos autores utilizarem a técnica da entrevista em profundidade, optou-se em também usá-las como referências para ilustrar o percurso metodológico. Para fins didáticos, antecipo que, tanto esta introdução, quanto as considerações finais, serão escritas em primeira pessoa, como resultado das impressões que tive ao longo da jornada. Também mantive a ortografia original, *ipsis litteris*, em citações cujo original datava dos anos 1930, 1940 ou 1950.

Em um levantamento através do *site* Publishnews (www.publishnews.com.br), constata-se que a lista dos livros mais vendidos (ver lista completa no Apêndice A), na categoria não ficção, é permeada por histórias de vidas, seja de anônimos, seja de ilustres conhecidos. Embaladas em uma capa dura, luxuosa, ou revestidas por um papel brilhoso, título atraente, um encarte de fotos sedutoras com grafias coloridas - e taxadas por um preço que valorize o conteúdo do livro e mantenha a grife do nome do autor – essas biografias são comercializadas como um produto cultural. Nesse aspecto, John Thompson (2009, p. 203) aponta dois processos de valoração. A primeira pode ser compreendida pelo viés simbólico, um valor intrínseco ao objeto, “[...] em virtude dos modos pelos quais, e na extensão em que, são *estimados* pelos indivíduos que os produzem e recebem – isto é, por eles aprovados ou condenados, apreciados ou desprezados”. Em contrapartida, o objeto também possui um dado valor econômico, momento este em que ele se transforma em mercadoria e pode ser negociado em um mercado (Thompson, 2009).

Personalidades das mais diferentes nações, idades e profissões cuja história decidiram – ou não – compartilhar com os fãs ou demais interessados, a trajetória desses protagonistas vende, independente do grau de notoriedade. Todavia, existem componentes peculiares entre a vida de famosos e a de desconhecidos: a identidade de gênero, raça, classe social, categorias profissionais e até o país de origem, conforme será debatido nos resultados do presente trabalho. Após realizar uma apresentação da pesquisa e da relação *voyeurística* que existe em querer conhecer a biografia do outro, o tópico a seguir discute a origem do interesse das pessoas em consumirem histórias de vida.

1.1 A atração pelo biografado como extensão de si mesmo

A admiração por histórias de vida sempre existiu, desde os tempos antigos. Ao tentar esclarecer a origem das coisas, o percurso da vida, a rotina da comunidade, os contadores de histórias dos povos primitivos recorriam aos mitos, por meio das narrativas orais (Jung, 1977). Tida como uma realidade cultural complexa (Eliade, 2006), os mitos contam “[...] como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma *criação*” (Eliade, 2006, p. 11).

Enquanto *narrativa de origem*, o mito funciona como um exercício imaginário que tenta responder às perguntas básicas sobre o princípio. Portanto, segundo Mircea Eliade (2006, p. 17), conhecer os mitos “[...] é aprender o segredo da origem das coisas. Em outros termos, aprende-se não somente como as coisas vieram à existência, mas também onde encontrá-las e como fazer com que reapareçam quando desaparecem”. Seja através da mitologia grega ou romana, asteca ou nórdica, egípcia ou hindu, celta ou maia, inca ou chinesa, os povos primitivos aprenderam a dialogar com a natureza: “O homem das sociedades nas quais o mito é uma coisa vivente, vive num mundo *aberto*, embora *cifrado* e misterioso [...]. Em última análise, *o Mundo se revela enquanto linguagem*. Ele fala ao homem através de seu próprio modo de ser, de suas estruturas e de seus ritmos” (Eliade, 2006, p. 125). Para desvendar esses códigos peculiares, um acadêmico estadunidense passou a se interessar pela composição histórica do formato mitológico.

Muito antes de publicar *O herói de mil faces* (Cultrix/Pensamento, 1989) em 1949, obra que desvenda os passos dos protagonistas heroicos ao longo de uma jornada, Joseph John Campbell se encantou com um espetáculo que serviria de inspiração aos futuros estudos. Foi após assistir, aos seis anos, ao desfile *Wild West Show*, organizado por Buffalo Bill, no Madison

Square Garden, e conhecer o Museu de História Natural – ambos em Nova York - que o mitólogo estadunidense se contagiou com as lendas dos índios americanos (Cousineau, 1994):

A mitologia tem muito a ver com os estágios da vida, as cerimônias de iniciação, quando você passa da infância para as responsabilidades do adulto, da condição de solteiro para a de casado. Todos esses rituais são ritos mitológicos. Todos têm a ver com o novo papel que você passa a desempenhar, com o processo de atirar fora o que é velho para voltar com o novo, assumindo uma função responsável (Campbell, 1990, p. 12).

Campbell (1997) ainda explica que, o material do mito, é o material da vida; portanto, essencial. Segundo ele, os mitos possuem vários aspectos, resumidos basicamente em quatro objetivos principais (Campbell, 1990): o primeiro deles é a questão mística, o segundo é a cosmológica, seguida pela sociológica e a pedagógica: “Entrar em harmonia e sintonia com o universo, e permanecer nesse estado, é a principal função da mitologia. Quando as sociedades evoluem, distanciando-se de sua condição primeva inicial, o problema consiste em manter o indivíduo nessa *participation mystique* com a sociedade” (Campbell, 1997, p. 7).

As escolhas que norteiam a vida das pessoas encontram também explicação na psicologia. Carl Gustav Jung (1977), ao dissertar a respeito da função dos símbolos, conclui que o conhecimento científico é inversamente proporcional ao grau de humanização do mundo. O sujeito se sente isolado, pois “[...] perdeu a sua *identificação emocional inconsciente* com os fenômenos naturais. E os fenômenos naturais perderam suas implicações simbólicas” (Jung, 1977, p. 95). O trovão já não é mais a voz de um deus colérico, a árvore não significa mais a vida e nenhum rio mais simboliza o refúgio de espíritos. Todas as crenças desapareceram: “As grandes religiões padecem de uma crescente anemia, porque as divindades prestimosas já fugiram dos bosques, dos rios, das montanhas. [...] Nossas vidas são agora dominadas por uma deusa, a Razão, que é a nossa ilusão maior e mais trágica” (Jung, 1977, p. 101).

Maquiada pelo poder do consumo, a atração pela vida alheia, no formato do livro biográfico pode ser influenciada pelo narcisismo. Para Sigmund Freud (2011, p. 55, grifo nosso), “[...] torna-se mesmo evidente que o objeto serve para substituir um ideal não alcançado do próprio Eu. Ele [*o objeto*] é amado pelas perfeições a que o indivíduo aspirou para o próprio Eu, e que através desse rodeio procura obter, para satisfação de seu narcisismo”. Assim, de acordo com a psicanálise, existe um narcisismo primário e *normal* a partir do entendimento de teoria da libido e do instinto de autoconservação, o qual pode ser atribuída a toda a raça humana (Freud, 2010). No entanto, aqui, é chamada a atenção para alguns traços narcísicos e sua correlação com a atração por obras biográficas.

De acordo com a mitologia grega, Narciso era filho do rio Cefiso e da ninfa Liríope. Embora tenha tido uma gravidez difícil, o parto foi jubiloso: “Não era concebível um menino tão belo! Na cultura grega, de modo particular, beleza fora do comum sempre assustava. [...] E Narciso era mais belo do que os Imortais, que carregavam o peso da eternidade, embriagados de néctar e fartos de ambrosia” (Brandão, 1987, p. 175). Após negar um relacionamento com a ninfa Eco, Narciso foi traído pelo excesso de vaidade, e se afogou no amor-próprio, o que culminou no desfecho de sua vida:

Ele desprezou todas as ninfas, como havia desprezado a pobre Eco. Certo dia, uma donzela que tentara em vão atraí-lo implorou aos deuses que ele viesse algum dia a saber o que é o amor e não ser correspondido. A deusa da vingança ouviu a prece e atendeu-a. Havia uma fonte clara, cuja água parecia de prata, à qual os pastores jamais levavam rebanhos [...]. Ali chegou um dia Narciso, fatigado da caça, e sentindo muito calor e muita sede. Debruçou-se para desalterar-se, viu a própria imagem refletida na fonte e pensou que fosse algum belo espírito das águas que ali vivesse. [...] Apaixonou-se por si mesmo. Baixou os lábios, para dar um beijo e mergulhou os braços na água para abraçar a bela imagem (Bulfinch, 2002, p. 124-125).

Como observado, a personagem Narciso está associada ao prestígio e orgulho próprios, mito este que inspirou cientistas a compreenderem a saúde mental ao longo do século XX, o que ainda repercute na sociedade contemporânea, como os afetos não correspondidos pelo maciço investimento no Eu. Todavia, a dinâmica do amor impossível ganhara força muitos anos antes, no período das grandes monarquias, quando integrantes da realeza - reis e rainhas, príncipes e princesas, duques e duquesas - despertavam na plebe sensações de respeito e, também, curiosidade (Morin, 1989). Diante de personagens que simbolizavam o inacessível, surgiria uma nova forma de retratar a sociedade.

Segundo estudo do professor britânico Fred Inglis (2012), Londres, do fim do século XVIII; Paris, no século XIX, e Nova York/Chicago, dos primeiros anos do século XX, foram as cidades que, nessa ordem, corroboraram a formação e a industrialização da celebridade. Se a sociedade londrina foi o primeiro lugar a se constituir como cidade, por meio de elementos que se aproximavam da modernidade, a capital da França, por sua vez, se tornou conhecida por priorizar o visual no centro da fama (Inglis, 2012): “Portanto, a celebridade resulta de uma combinação de postura e posição de poder. Os donos de terra e os milionários [...] só se destacavam dos demais na medida em que podiam ostentar, em diferentes graus, uma riqueza propriamente dita ou uma riqueza evidenciada pelo gosto” (Inglis, 2012, p. 56).

Renato Ortiz (2000, 2016) elaborou um dossiê sobre os aspectos sociológicos das *celebridades*. Conforme apresentado pelo pesquisador brasileiro, esse termo surge em meio ao

fenômeno da cultura de massa, dinâmica que contextualizou o século XX. Em oposição ao continente europeu, devastado por duas guerras mundiais, os Estados Unidos souberam ativar uma indústria de entretenimento localizada num distrito de Los Angeles: “Ao importar o cadillac, o chicletes, a coca-cola e o cinema não importamos apenas objetos ou mercadorias, mas também todo um complexo de valores e de condutas que se acham implicados nesses produtos” (Ortiz, 2000, p. 93). Foi com a presença marcantes de bens simbólicos diversificados de Hollywood que os Estados Unidos puderam abranger culturalmente o globo:

Cultura de massa nomeia essa dimensão do *homem médio* na qual a produção e a difusão cultural transformaram-se radicalmente. Ela é considerada de massa porque se insere num espaço partilhado *por todos*, esse é o lugar público de sua circulação. O que só é possível graças à existência dos novos meios tecnológicos; toda a discussão da época fundamenta-se nesta premissa: para a circulação ampla dos bens culturais as transformações técnicas são imprescindíveis. Elas dão materialidade e funcionalidade ao sistema que se convencionou denominar *de massa*. Um todo integrado no qual as partes encontravam-se interligadas por canais de comunicação (Ortiz, 2016, p. 681).

Caracterizada como individual – “[...] as celebridades são únicas, e sua relação com aqueles que as reconhecem é singular” (Ortiz, 2016, p. 681) - e democrática – por contrariar “[...] a ordem anterior, aristocrática ou burguesa, a sociedade de massa é percebida como promoção do espírito democrático, contraponto e negação do elitismo preexistente” (Ortiz, 2016, p. 684). A cultura de massas evoca, ainda, a ideia de um herói – termo que será discutido no capítulo dois. A idolatria pela trajetória de uma personalidade faz com essa mesma pessoa – ou a história dela – seja, de alguma forma, revisitada pelos indivíduos leitores e assim lhe faça mais sentido ou, ainda, desperte mais seu interesse, tanto na escolha da obra, quanto no fascínio em determinada leitura. Enquanto objeto cultural e meio de comunicação, os livros do gênero biográfico apelam à tradição oral, quando se utilizam do mito como roteiro de narrativa. Comparada ao porão de uma loja de departamentos, cuja maior necessidade é a venda rápida, Leo Löwenthal (2016, p. 195) aponta que as biografias “[...] são apresentadas como se no âmbito intelectual representassem o que lojas exclusivas e especializadas representam no âmbito de bens de consumo. Esta comparação designa a atmosfera social à qual a biografia popular pertence: uma aparente riqueza”⁸.

⁸ Versão original: “[...] are presented as if in the intellectual realm they represent that which the exclusive and specialty stores represent in the realm of consumer goods. This comparison designates the social atmosphere in which the popular biography belongs: one of apparent wealth”.

Na década de 1960, à época da publicação de *Mito e realidade*, Eliade (2006) anteviu o que Edgar Morin (1989) iria aprofundar quase uma década depois, em 1972, na publicação de *As estrelas*: “É possível que, nunca antes na história, o artista tenha estado tão certo como hoje de que, quanto mais audacioso, iconoclasta, absurdo e inacessível ele for, tanto mais será reconhecido, louvado, mimado, idolatrado” (Eliade, 2006, p. 161). Em *O espírito do tempo*, Morin (1997) refletiu sobre o sistema das estrelas e a cultura de massa. Se as primeiras mitologias possuíam projeção eterna, hoje, as novas mitologias ocupam esse espaço de maneira provisória. Produto da indústria cultural, as estrelas não são falsos deuses, mas seus substitutos:

Esse novo Olimpo é, de fato, o produto mais original do novo curso da cultura de massa. As estrelas de cinema já haviam sido anteriormente promovidas a divindades. O novo curso as humanizou. Multiplicou as relações humanas com o público. Elevou ao estrelato as cortes reais, os *playboys*, e até certos homens políticos. Desde que as estrelas inacessíveis e sublimes do cinema desceram à terra, desde que as cortes reais se transformaram em Trianon da cultura de massa, isto é, desde o progresso propriamente dito da cultura de massa enquanto tal -, a vida dos olímpicos participa da vida quotidiana dos mortais, seus amores lendários participam dos destinos dos amores mortais (Morin, 1997, p. 106).

Os valores religiosos, que nutriam a mitologia em si, desaparecem e são substituídos por indivíduos mais breves e passageiros. Afinal, a essência da cultura de massa é a rotatividade; a beleza é uma condição; a juventude, uma exigência; e a felicidade, uma garantia (Morin, 1989). É na fase de amadurecimento do cinema, em Hollywood, que as norte-americanas Ava Gardner, Joan Crawford, Judy Garland e Rita Hayworth iriam despontar; que as suecas Greta Garbo e Ingrid Bergman serviriam de exemplo profissional e que as italianas Gina Lollobrigida e Sophia Loren assumiriam a referência de encanto. Para Morin (1989, p. 92), as faces e os timbres “[...] que o cinema seleciona já são na vida portadores de uma espécie de mistério sagrado. São máscaras que exprimem imediatamente a força ou a ternura, a inocência ou a experiência, a virilidade ou a bondade, e sobretudo algo de sobre-humano, uma harmonia divina”.

Em meio à cultura de massas, Morin (1997) categoriza os temas viris como *projetivos*, enquanto os femininos seriam mais *identificativos*. Na busca obsessiva pelo amor, as estrelas carregam arquétipos que determinam a função social das personagens representadas em uma tela de cinema: “O aventureiro, o *cowboy*, o xerife, sempre encontram na floresta virgem, a savana, no deserto, nas grandes planícies do Oeste o amor de uma heroína pintada e bela” (Morin, 1997, p. 131). Esperar pelo beijo do homem que irá salvar a vida opressiva e humilhante é a sina das personagens femininas, tanto de longas-metragens adultos, quanto infantis. Em

outras palavras, o sofrimento do amor é traduzido pela dependência de um herói masculino. Vale a pena toda a aflição, em *A Branca de Neve e os sete anões* (1937), o desprezo, em *Cinderela* (1950) ou a agonia de Aurora, em *A bela adormecida* (1959), todas histórias reinterpretadas pelos estúdios de Walt Disney e inspiradas nas personagens de contos de fada já conhecidos.

Ao contrário da domesticação a que as mulheres eram impostas – e por muito tempo o foram e continuam sendo - por meio de filmes, desenhos animados e anúncios, os homens eram caracterizados com uma roupagem de liberdades. Ser homem era sinônimo de poder, presença, permissões. Assumir a figura paternal é se interessar por carros, conserto de equipamentos, funcionamento dos sistemas elétricos ou hidráulicos. Manusear armas e não expressar sentimento são características complementares. Não há possibilidade para erros, medos ou fraquezas. A essência da virilidade masculina é ter um corpo de jovem atleta, bonito, com músculos duros e evidentes. Aderir barba e bigode na juventude encarna um visual de maturidade. Ostentar pelos grisalhos é se tornar um adulto elegante, já que os homens nunca envelhecem - apenas se tornam charmosos e experientes.

Lembrar de John Wayne, Clint Eastwood ou Lee Van Cleef, e não os associar ao gênero *western*, talvez seja quase que um pecado ao nosso imaginário: “Wayne dramatizava e incorporava sua versão dramática da hombridade patriótica norte-americana” (Inglis, 2012, p. 225). A mesma sintonia ocorre quando se vincula Arnold Schwarzenegger, Jean-Claude Van Damme ou Sylvester Stallone aos inúmeros filmes de ação – especialmente aqueles ambientados em guerras. Al Pacino, Marlon Brando e Robert De Niro em filmes policiais de cunho mafioso, do mesmo modo.

Somam-se aos artistas de cinema os ídolos do esporte e, também, os da música, duas áreas que reúnem a grande massa – os súditos - em torno de um espetáculo. No caso do futebol, o esporte é consequência da soma do divertimento originário da Idade Média e do lazer conquistado frente à Revolução Industrial (Inglis, 2012):

Desde o início, os campos de futebol, e somente um pouco depois os estádios de beisebol, foram construídos no coração das indústrias pesadas: as grandes arquibancadas *pareciam* fábricas; as grandes multidões urbanas eram idênticas aos homens expelidos pelos portões da fábrica; os números produzidos pelo jogo – gols, médias de rebatidas, pontos, números de espectadores – eram analisados como se fossem estatísticas industriais. A arquitetura industrial abarcou o terreno sagrado do campo, o único canteiro de grama verde num raio de quilômetros; o uniforme usado pelos jogadores [...] era uma negação deliberada das roupas de trabalho (Inglis, 2012, p. 257).

Através do narcisismo, os indivíduos buscam, muitas vezes, algo como uma extensão de si mesmos. A fim de entender essa sedução, Morin (1989) pesquisou sobre o porquê do espectador se interessar pela intimidade da estrela: “A primeira assimilação é o conhecimento. O fã quer saber tudo, ou seja, quer possuir, dominar e digerir mentalmente a imagem integral do ídolo. O conhecimento se torna assim um meio de apropriação mágico” (Morin, 1989, p. 60). No entanto, para além do narcisismo, mas ainda à luz da psicologia, pode-se hipotetizar que, como nos sonhos noturnos e na própria ficção, os livros biográficos proporcionam alternativas, rotas de fuga, possíveis modelos. Por meio do passado de pessoas admiradas, o sujeito leitor vivencia outras possibilidades, perspectivas de que uma só vida não é capaz de dar conta. Ademais, o leitor se cerca por indivíduos ou personagens semelhantes, cujos laços de identificação repercutem nos espaços de pertencimento conjugado.

1.2 Os tipos de personalidades mais admiradas

A fim de entender o vaivém do dia a dia, em que desconhecidos se inter cruzam nas mais diferentes rotinas, busca-se apoio nos textos da filósofa húngara Agnes Heller (1989) e do antropólogo canadense Erving Goffman (2002). A primeira aponta que o significado da vida cotidiana tanto é heterogêneo quanto hierárquico, já que as estruturas sociais se alteram conforme as funções dos envolvidos: “A vida cotidiana é a vida do homem *inteiro*; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade” (Heller, 1989, p. 17). Nas múltiplas camadas de sentidos, habilidades, sentimentos e ideologias, o homem incorpora as várias personas à medida que necessita se defender ou assumir posições: “O homem singular não é pura e simplesmente indivíduo, no sentido aludido; nas condições da manipulação social e da alienação, ele se vai fragmentando cada vez mais *em seus papéis*” (Heller, 1989, p. 22). A autora húngara defende, ainda, que o pensamento cotidiano é composto por características tais como a espontaneidade, possibilidade, entonação e mimese: “Não há vida cotidiana sem *imitação*. Na assimilação do sistema consuetudinário, jamais procedemos meramente *segundo preceitos*, mas imitamos os outros; sem mimese, nem o trabalho nem o intercâmbio seriam possíveis” (Heller, 1989, p. 36).

O cotidiano dos anônimos também impacta no desenvolvimento da pesquisa de Erving Goffman. Nos anos 1950, ele estudou os indivíduos sociais na vida diária e apontou que a *idealização* era uma das práticas de representação, cujo molde seria ajustado de acordo com as expectativas que grupos sociais julgavam importantes: “Assim, quando o indivíduo se apresenta diante dos outros, seu desempenho tenderá a incorporar e exemplificar os valores oficialmente

reconhecidos pela sociedade e até realmente mais do que o comportamento do indivíduo como um todo” (Goffman, 2002, p. 41).

Na década de 1980, Leo Löwenthal, sociólogo alemão contemporâneo da Escola de Frankfurt, publicou a obra *Literatur und Massenkultur*. Num dos seus capítulos, fazia referência a um estudo pioneiro sobre o triunfo dos ídolos de massa, a partir da análise de biografias nas publicações *Saturday Evening Post* e *Collier's*. Löwenthal (2016) inferiu que a maioria dos protagonistas biografados, nos primeiros quase trinta anos do século XX (1901-1930), derivavam do ambiente industrial e de negócios: “No passado, e especialmente antes da Primeira Guerra Mundial, a biografia popular vivia em uma atmosfera otimista onde a compreensão dos processos históricos e o interesse por pessoas bem-sucedidas parecia integrar agradavelmente um esforço harmonioso”⁹ (Löwenthal, 2016, p. 215). Entre 1930 e 1941, Löwenthal (2016) percebeu que o interesse do leitor havia mudado e pessoas ligadas ao ramo do entretenimento começaram a ter destaque. Assim, ao invés de receber informações a respeito dos agentes e técnicas da produção social, Löwenthal concluiu que os leitores recebem informações, “[...] sobre os agentes e métodos do consumo social e individual. Durante o lazer eles leem, eles leem quase que exclusivamente sobre pessoas que estão diretamente, ou indiretamente, provendo o tempo de leitura por lazer do leitor”¹⁰ (Löwenthal, 2016, p. 217).

O estudo europeu de Löwenthal caracterizou uma realidade da década de 1980. Mas apesar dos trinta anos de diferença, algumas coisas persistiram, mesmo do outro lado do oceano Atlântico. No Brasil, por exemplo, Licia Oliveira Souza (2014) realizou um levantamento sobre o mercado editorial de não ficção, no período de 2001 a 2011. À época, a pesquisadora percebeu que o cenário social era de ascensão da classe média, e aumento de vendas pela Internet, em consonância ao número de ofertas de livros digitais. Destacam-se, no intervalo analisado, as obras biográficas de cunho religioso e aquelas que reúnem personagens históricos (Souza, 2014). Baseada na lista dos livros mais vendidos, organizada pela revista *Veja*, a autora notou:

[...] que as grandes editoras tendem a buscar histórias sobre personalidades de grande destaque público, sejam eles artistas, políticos ou desportistas, e tentam aliar o lançamento da publicação a outra oportunidade de divulgação [...]. Já nas pequenas e médias editoras, nota-se um cenário voltado à pesquisa historiográfica ou jornalística, com personalidades que de alguma forma tenham relação com o catálogo e com a linha editorial da casa, ligando-se ao

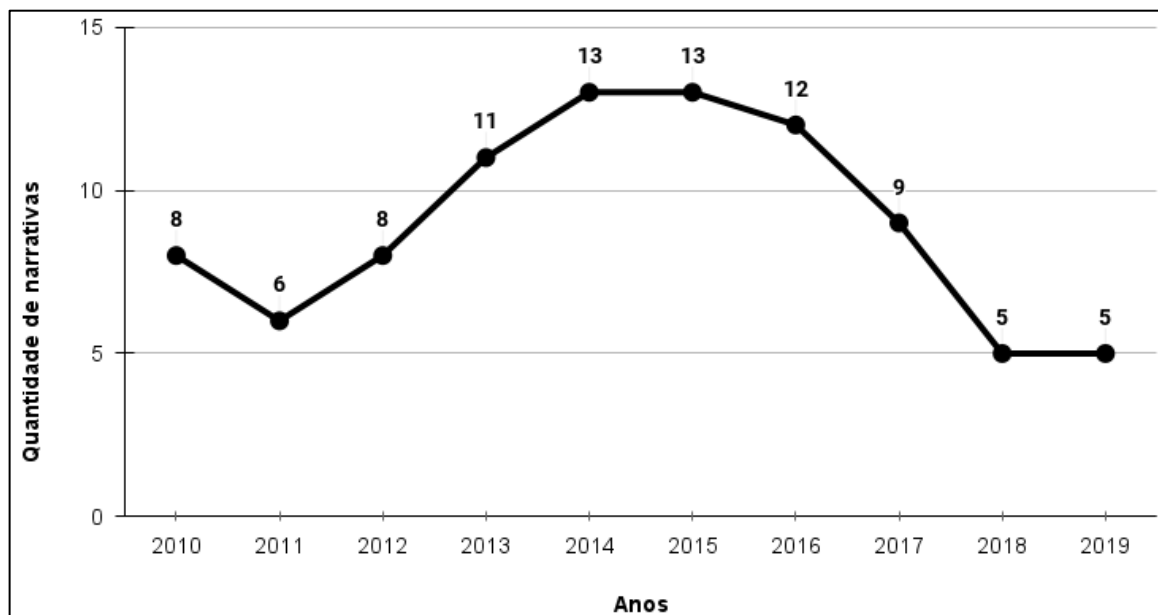
⁹ Versão original: “In the past, and especially before World War I, the popular biography lived in an optimistic atmosphere where understanding of historical processes and interest in successful people seemed to integrate pleasantly into one harmonious endeavor”.

¹⁰ Versão original: “[...] about the agents and methods of social and individual consumption. During the leisure in which they read, they read almost exclusively about people who are directly, or indirectly, providing for the reader’s leisure time”.

nicho consumidor e à preservação de memória do biografado (Souza, 2014, p. 12).

Como se verá no capítulo cinco desta tese, existe uma ausência de pluralidades estampadas no campo biográfico nos últimos 30 anos (1990-2020), especialmente entre os protagonistas biografados, o que contribui em uma construção memorialística falha. Aqui, na introdução, apresenta-se um levantamento próprio a partir da lista dos vinte livros mais vendidos na categoria não ficção, no período de 2010 a 2019. As informações foram retiradas do *site* Publishnews, especializado na indústria do livro. Com o intuito de compreender o motivo das pessoas se interessarem pela vida do próximo - e de comprovar esse interesse pela biografia alheia - conseguiu-se ter um panorama da evolução do consumo de obras biográficas a cada ano, na década selecionada. Abaixo (Gráfico 1), a quantidade de narrativas biográficas (Lima, 2009) do período:

Gráfico 1 - Quantidade de narrativas biográficas vendidas (2010-2019)



Fonte: O autor

Nota: Arte de Matheus Gastaldon

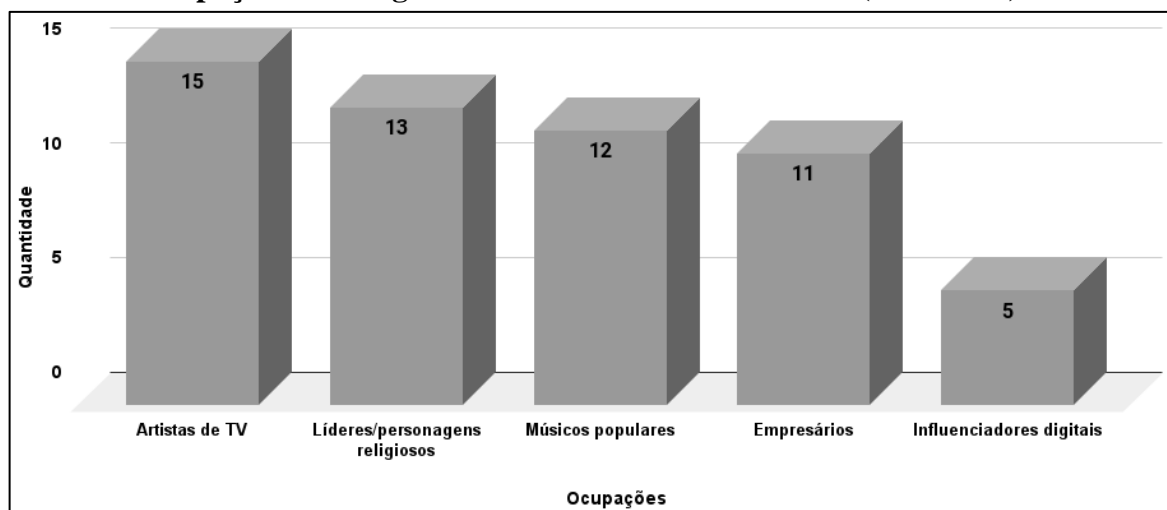
Percebe-se que 2014 e 2015 foram os anos com maior número de títulos de cunho biográfico editados entre as 20 obras mais comercializadas na categoria *não ficção*. Todavia, o que é importante apontar, nesse levantamento, é a evolução de obras com protagonistas mulheres durante a última década. De 2010 a 2013, as biografadas apareceram de maneira irrisória entre as protagonistas de narrativas biográficas: uma em 2010 (*Ruth Cardoso: Fragmentos de uma vida*, do jornalista Ignácio de Loyola Brandão); uma em 2011 (*A parisiense*); nenhuma em 2012, mas três em 2013 (*Demi Lovato: 365 dias do ano – Staying*

Strong; Eu sou Malala; Crianças francesas não fazem manha). Diante desse panorama desanimador, a filósofa norte-americana Judith Butler (2003) já se perguntava sobre como as mulheres poderiam se fazer mais presentes na linguagem e na política. Uma possível solução seria as próprias mulheres se auto compreenderem: “A crítica feminista também deve compreender como a categoria das *mulheres*, o sujeito do feminismo, é produzida e reprimida pelas mesmas estruturas de poder por intermédio das quais se busca a emancipação” (Butler, 2003, p. 19).

A partir de 2014, pela primeira vez no período de dez anos, as mulheres seriam maioria entre as biografadas: sete contra seis homens; em 2015, empate entre os sexos – seis a seis; no ano seguinte, nove mulheres e dois homens; em 2017 e 2018, um cenário mais equilibrado: 5 homens, 4 mulheres e 3 homens, 2 mulheres, respectivamente. A apoteose aconteceria em 2019, quando as cinco histórias de vidas (*Minha história; Aprendizados; Prólogo, ato, epílogo; O diário de Anne Frank e Furacão Anitta*) mais vendidas entre as 20 obras de não ficção, tratavam inteiramente de mulheres: “Esses domínios de exclusão revelam as consequências coercitivas e reguladoras dessa construção, mesmo quando a construção é elaborada com propósitos emancipatórios” (Butler, 2003, p. 22).

A fim de se ter uma noção dos tipos de biografias que despertam mais atenção dos leitores consumidores, infere-se que seria mais ilustrativo categorizar as profissões dos protagonistas. Assim, abaixo, o Gráfico 2 apresenta as ocupações dos biografados e, em seguida, a análise de cada função.

Gráfico 2 - Ocupações dos biografados nos livros mais vendidos (2010-2019)



Fonte: O autor

Nota: Arte de Matheus Gastaldon

As cinco categorias observadas no gráfico anterior indicam sintonia com as chamadas *celebridades* (Inglis, 2012). Símbolo do sucesso, os biografados imantam sensações múltiplas que vão desde fama e talento, ao luxo e reconhecimento universal pelo que realizam. Assim, as biografias de celebridades são produzidas, comercializadas e cultuadas devido às pistas que os protagonistas condensam, valores que cativam os olhares e sentimentos da audiência - no caso dos leitores. Regina Echeverria, em depoimento a este autor, fornece algumas pistas do porquê de algumas biografias fazerem tanto sucesso:

*Tem uma frase de uma escritora de best sellers, que se chama Jackie Collins¹¹. Ela dizia o seguinte: As pessoas gostam de ler sobre três grandes temas: pobre que se torna rico, a empolgante *trip* do poder e a psicologia barata dos relacionamentos. Eu adorei isso, isso foi meu dote [risos]. É a grande tese do McLuhan, você se interessa pelo quintal do seu vizinho. Na verdade, o que se descobriu com o McLuhan? O que as ideias dele fizeram pensar? O mundo é muito grande, mas ele é muito pequeno. Ele, às vezes, se resume ao quintal do meu vizinho (Echeverria, 2023).*

Em meio à heroificação do indivíduo, do culto ao barato e da beleza utilitária (Adorno; Horkheimer, 1995), os artistas vinculados à televisão são os protagonistas com maior interesse comercial pelos consumidores. Contudo, além dos atores (Lázaro Ramos) ou atrizes (Fernanda Montenegro) e apresentadores de programas de auditório (Hebe Camargo e Jô Soares), um fato chama atenção: do total de 15 livros, oito são sobre profissionais da cozinha. Embora esses livros não tenham um caráter memorialístico, já que tratam de receitas caseiras, parte-se do pressuposto de que os leitores tenham adquirido o produto atraído pela figura midiática de Bela Gil, Pierre Dukan e Rita Lobo - e não apenas com interesse no conteúdo. Assim, foi a partir do reconhecimento do sujeito – associado ao carisma (Weber, 2004) – que os protagonistas influenciaram o receptor para tal decisão.

Na sequência, os 13 livros que tratam de religião abordam matizes e crenças diversificadas, seja da cultura católica (*Aparecida; Maria; Humano demais*), líderes evangélicos (trilogia de *Nada a perder*) ou de doutrina espírita (*Kardec*). O poder de impacto e de convencimento que pessoas desse segmento possuem pode ser explicado pelo filósofo francês Gustave Le Bon. Conhecido pelo trabalho *Psicologia das multidões* (1895), Le Bon escreveu, ainda no início do século XX, o livro *As opiniões e as crenças*. Nele, afirmava que as opiniões se propagavam a partir de três aspectos intrínsecos: a afirmação e a repetição, o

¹¹ Romancista britânica falecida em setembro de 2015.

exemplo e, por fim, o prestígio. O tópico inicial possuiria a função de conquistar novos seguidores:

Suficientemente repetida, a afirmação acaba por criar, primeiramente, uma opinião e, mais tarde, uma crença. A repetição e o complemento necessário da afirmação. Repetir muitas vezes uma palavra, uma idéia, uma fórmula, é transformá-las fatalmente em crença. Do fundador da religião ao negociante, todos os homens que procuram persuadir a outros, têm empregado esse processo (Le Bon, 2001, p. 209).

Além da afirmação e da repetição, o sujeito que desejasse ser ouvido pelos seguidores deveria se atentar ao exemplo, “[...] uma forma poderosa da sugestão, mas, para agir realmente, cumpre que ele cause impressão. Na educação, um único exemplo que impressione, é mais eficaz do que fracos exemplos muito tempo repetidos” (Le Bon, 2001, p. 211). Dessa forma, impressionaria admiradores e, por consequência, conferiria devoção. O terceiro ponto teria relação com a reputação e a credibilidade que os líderes religiosos possuem junto aos respectivos grupos: “A necessidade de adoração das multidões torna-as logo escravas dos indivíduos, que nelas exercem prestígio. Elas adoram freneticamente todos os seus adoradores” (Le Bon, 2001, p. 215). É importante mencionar, neste parágrafo, o conceito de *contágio mental*, desenvolvido por Le Bon (2001, p. 217): “O contágio mental constitui um fenômeno psicológico cujo resultado é a aceitação involuntária de certas opiniões e crenças”, isto é, a defesa de pontos de vista e julgamentos a partir de elementos afetivos. A influência desse contágio, na proliferação de crenças religiosas, é evidente. Mensagens de religiosos como as do padre Fábio de Melo ou do bispo Edir Macedo, não apenas cumprem o papel de harmonização entre as pessoas, ou de esperança diante das dificuldades; também criam um impacto de persuasão potente a quem acompanha os passos daquele líder pelos diversos canais de comunicação. Afinal, o contágio “[...] se exerce tanto mais energicamente quanto mais numerosa for a multidão. Uma crença fraca será muito depressa reforçada pela reunião dos indivíduos que a adotam” (Le Bon, 2001, p. 222).

Músicos populares são a terceira categoria, segmento este que reuniu 12 obras. A motivação dos leitores, aqui encontrada, vai ao encontro do interesse do receptor, fenômeno semelhante à cultura dos fãs, que comercializam todo tipo de objeto vinculado ao protagonista idolatrado: “O amor de fã não pode *possuir*, nem no sentido sociológico nem no sentido físico do termo. O amor pela estrela não provoca ciúme ou inveja, é partilhável, pouco sexualizado, ou seja, adorador. A adoração implica uma relação verme-estrela” (Morin, 1989, p. 52). O cantor canadense Justin Bieber, a banda britânica One Direction e a cantora norte-americana

Demi Lovato são três dos exemplos de artistas que alcançaram o sucesso no período da década de 2010 a 2019.

Além disso, a biografia precisa ressoar no leitor, tal qual uma câmara de eco. Isto é, fazer sentido. Assim, ao criar um laço de identificação, histórias de músicos pertencentes a bandas que fazem sucesso há gerações também podem provocar um sentimento de nostalgia, o que acarreta a busca pelo produto relacionado ao artista, como se fosse um item de colecionador. Esse anseio expressa efeitos diversos, como “[...] melancolia e saudosismo, mas também positividade e alegria. Pode representar alienação e escapismo, mas também pode proporcionar uma experiência rica e reflexiva. Pode se esgotar na imediatez do consumo ou sedimentar algum tipo de conhecimento” (Ribeiro, 2018, p. 3). Os músicos britânicos Keith Richards, guitarrista dos Rolling Stones, e Ozzy Osbourne, ex-vocalista da Black Sabbath, ou os cantores brasileiros Lobão e Rita Lee servem de exemplo para ilustrar esse aspecto nostálgico. Tratada como doença memorialística perigosa, mortal e até servir como efeito da saudade por uma separação física ou pela passagem do tempo (Natali, 2006), a nostalgia ganhou visibilidade em peças audiovisuais, especialmente na programação de emissoras de televisão (Ribeiro, 2018):

Uma característica, no entanto, que parece marcante do mercado de nostalgia em geral é a forma fragmentada com que o passado é apropriado. Muitas vezes, faz-se referência apenas a alguns de seus símbolos e ícones, de forma isolada e descontextualizada. Nesses casos, o passado é acionado de forma alusiva, como elemento de produção de familiaridade, conexão emocional e identificação do consumidor com os produtos (Ribeiro, 2018, p. 3).

Em seguida, a pesquisa apontou 11 livros a respeito de empresários. Ao mesclar trajetória com orientações de caráter administrativo, essas obras compartilham experiências dos protagonistas com interesse em reforçar a reputação daquela personalidade no campo de sua atuação. Afinal de contas, o que têm em comum *O livro do Boni*, do paulista José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, ex-diretor de televisão da Rede Globo e *Novos caminhos, novas escolhas*, do paulista Abilio Diniz? Além de serem um registro de memórias, eles buscam conferir credibilidade, mesmo quando a fama ou o sucesso já não persistem, como a do autor de *O X da questão: A trajetória do maior empreendedor do Brasil*, sobre o mineiro Eike Batista. Como líderes gerenciadores, essas personalidades buscam ofertar diálogos e respostas em meio aos períodos de crise econômica, mensagens de esperança diante de incertezas. Cristiane Correa, na entrevista para o autor desta tese, falou um pouco a respeito das biografias de empresários, segmento na qual ela se destacou:

Eu acho que os meus livros, as pessoas consomem menos por um interesse pela vida alheia e mais por um interesse em saber como as pessoas conquistaram o que elas conquistaram. [...] Mas eu acho que a gente tem sempre um interesse de ver: Como aquela pessoa está fazendo? Será que ela não tem alguma coisa pra eu aprender com ela? Os meus livros, que como dou muita palestra sobre eles, eu vejo que é essa a pegada das coisas. Eles não querem nem saber da vida pessoal. Eu acho engraçado porque, por exemplo, no livro do Abilio, tem umas coisas da vida pessoal, ninguém nunca pergunta. Eles querem saber sobre a briga, como ele fazia pra não deixar a empresa cair, como faz pra se manter a resiliência, mas não vai te perguntar como era com a mulher dele, como era com a mãe, ninguém pergunta isso (Correa, 2023).

Neste parágrafo, chama atenção os cinco livros de influenciadores digitais. Todas essas obras são de indivíduos anônimos que ficaram conhecidos na Internet por meio de canais personalizados no Youtube, *blogs* e demais mídias sociais. Semelhante aos *chefs* de cozinha, que vendem livros de receitas caseiras práticas, devido ao reconhecimento que possuem na televisão, estas personagens fazem uso do prestígio e produzem obras sobre como preparar vídeos nas plataformas digitais e se tornar o próximo famoso. São os *influenciadores digitais*, discípulos renovados do conceito do *líder de opinião* estudado pelo sociólogo austríaco Paul Lazarsfeld: “Os *líderes de opinião* apresentados não são, nesse sentido, figuras de destaque, mas quem se mostra interessado em um tema e, a partir disso, busca mais informações” (Martino, 2018, p. 8). Isto é, o “[...] indivíduo não se torna um *líder de opinião* devido à sua posição social ou prestígio, mas por seu engajamento com um assunto, sobre o qual lê e se informa a respeito” (Martino, 2018, p. 9).

Tomei a liberdade de apresentar essas reflexões iniciais para que se pudesse melhor compreender a razão das pessoas se interessarem pela vida alheia. Viver em um espaço recheado de diferentes singularidades faz com que novos modelos de comportamento sejam evidenciados. Além de puro aprendizado ou inspiração, as biografias também servem como amuletos para o autoconhecimento:

Eu acho que todos nós temos uma necessidade e um desejo muito grande de nos conhecermos. Acho que o nosso grande desafio é saber quem nós somos. Quando nós nos debruçamos sobre a vida do outro, no fundo, é a tentativa de nos compreender o que nos move. Quando lemos a biografia, o que procuramos naquela personagem é encontrar sentido em nossa existência. É isso que eu penso (Negreiros, 2023).

Eu acho que a gente também pode pensar muito sobre nós mesmos, olhando a vida do outro. É claro que existe um equilíbrio aí, que é até que ponto isso

é saudável, porque muitas vezes, a gente se deixa influenciar pela vida do outro e se frustra com a nossa própria, né? Porque ninguém gosta de mostrar o lado ruim da sua própria vida. Então, isso acaba gerando um certo tipo de comparação. Mas eu acho que dá pra refletir muito sobre nós mesmos olhando a vida dos outros também. Então, acho que as histórias de vida das pessoas, de biografias, enfim, da gente se aproximar, também é uma forma da gente se autoconhecer, sabe? (Costa, 2023).

Nesta tese, a fim de melhor organizar as ideias, a seguir, esboçamos didaticamente o conteúdo de cada capítulo. No capítulo dois (*O interesse pela vida alheia e sua tradição: Revisão teórica dos estudos biográficos nas áreas da História e do Jornalismo*) a tese busca proporcionar um panorama das pesquisas sobre a biografia, no Brasil, em duas áreas de pesquisa: a História, inclusa na Grande Área de Conhecimento das Ciências Humanas, e a Comunicação/Jornalismo, vinculada à Grande Área de Conhecimento das Ciências Sociais Aplicadas. Essa revisão teórica é importante para se conhecer o que já foi pesquisado no país e reconhecer lacunas sobre o que é possível estabelecer em futuras investigações. Além de refletir sobre o conceito de *herói* permeado pela mitologia, pretende-se explicar como a ascensão da biografia fez também dela um gênero desprestigiado, por privilegiar os grandes homens em detrimento dos homens comuns. Até evidenciar os protagonistas anônimos, contribuições ocorreram sob influência da escola francesa da Nova História, a escola britânica dos estudos culturais, os italianos da *microstoria*, até a perspectiva latina decolonial. Por fim, a discussão em torno de uma vida completa, resgatada em formato impresso, o tema da verdade e o limiar do biógrafo e biografado marcaram os debates de teóricos das duas áreas.

Adiante, o capítulo três - *Uma cultura para consumo: Evolução do mercado editorial e a massificação do gênero biográfico no Brasil* - se pauta por resgatar aspectos históricos do surgimento do livro enquanto objeto de conhecimento e produto cultural. Ademais, busquei manter conexões com a ascensão e posterior modernização da indústria editorial no Brasil (Hallewell, 2017), até alcançar os anos 1990, com indícios sobre o alcance de vendagem do gênero biográfico. Para isso, também se integrou no debate as pesquisas relativas ao livro-reportagem (Lima, 2009; Maciel, 2018).

A discussão a respeito do caminho metodológico aplicado na pesquisa de doutorado, é dividida em duas partes e ocorre no capítulo quatro, intitulado *Roteiro metodológico: Rastros de um percurso histórico*. Primeiramente, é esclarecido o processo de rastreamento e classificação das editoras associadas à SNEL. Em seguida, num segundo momento, com o acesso às dez editoras que mais produzem biografias no país - Grupo Editorial Record, Grupo Companhia das Letras, L&PM Editores, Globo Livros, Planeta do Brasil, Rocco, Intrínseca,

Ediouro, Sextante e o Grupo Editorial Scortecci - foi possível investigar o panorama dos biógrafos e biografados no país. Nesse cenário memorialístico, foi utilizada a identidade de gênero¹² como classificação, compreendida por Butler (2003, p. 39) como “[...] uma relação entre sexo, gênero, prática sexual e desejo”, sem adentrar na orientação sexual. Deve-se justificar, ainda, que, embora leitor dos estudos raciais e também de decolonialidade, não me senti confortável em julgar somente por foto se determinada pessoa (sejam autores ou protagonistas) era negra ou descendente indígena, por exemplo. Não queria, na minha posição social de homem, branco, cis, heterossexual, sulista, morador de capital e com acesso à pós-graduação *strictu sensu*, apontar quem é branco, negro ou mestiço. Nunca é tarde mencionar que, sem pessimismos, a história do Brasil é feita, sim, de imensas desigualdades sociais e preconceitos de raça, classe, gênero ou entre regiões. Portanto, não gostaria de contribuir ainda mais com essa segregação. Talvez, em uma investigação futura, em parceria com outros pesquisadores, tendo a possibilidade de contatar as (os) autoras (es) e as personagens, possamos suprir essa lacuna.

Depois, com as informações das editoras que mais publicam biografias no Brasil, e com os resultados encontrados sobre jornalistas biógrafas, o texto debate a aplicação da *entrevista* em pesquisas de cunho qualitativo (Lakatos; Marconi, 2017), especialmente a entrevista qualitativa com questões semiestruturadas e abordagem em profundidade (Duarte, 2008). O capítulo ainda comenta o uso da história oral (Maia, 2006; Ribeiro, 2015), em pesquisas de comunicação, e apresenta a seleção com as 15 futuras entrevistadas: Adriana Negreiros, Alicia Klein, Clarisse Meireles, Consuelo Dieguez, Cristiane Correa, Daniela Arbex, Evanize Sydow, Janaína Marquesini, Karla Monteiro, Leneide Duarte-Plon, Luana Costa, Luciana Hidalgo, Maria Dolores Duarte, Raquel Munhoz e Regina Echeverria. Por fim, enquanto instrumento de pesquisa, a entrevista em profundidade se torna elemento crucial para o entendimento sobre a realidade jornalística, especialmente no quesito da história do Jornalismo brasileiro.

Em seguida, o capítulo cinco (*A memória biográfica do feminino: Ausência de pluralidades em três décadas (1990-2020) do mercado editorial brasileiro*) propõe apresentar uma radiografia de quem são os biografados postos à venda no mercado editorial brasileiro. Por meio do debate sobre os conceitos de *arquivo* (Asmann, 2011; Figueiredo, 2017) e *memória* (Halbwachs, 1990; Pollak, 1989), infere-se que é urgente questionar a cultura que se consome no Brasil, através das obras biográficas.

¹² Isto é, a relação do sexo biológico entre pessoas cis (homens e mulheres) ou pessoas trans (aqueles que não se identificam com o sexo de nascença).

As discussões sobre a história das mulheres, baseada nos textos das historiadoras Michelle Perrot (1988, 2005, 2016) e Gerda Lerner (2019, 2022), ecoam no capítulo seis (*Mulheres jornalistas, mulheres biógrafas: Contribuições delas para a história do jornalismo brasileiro*), com os resultados das entrevistas realizadas com 15 mulheres jornalistas biógrafas, autoras de 12 livros. Três eixos de análise orientaram o questionário elaborado: *aspectos biográficos*, com menções sobre a infância, educação, contato com a leitura, experiência no colégio e a escolha pelo curso de Jornalismo; *ambiente jornalístico*, onde se pode abordar a estreia dessas profissionais nas redações, os desafios da mulher jornalista, o interesse pelas biografias, a decisão pela migração ao mercado editorial; e *vivência autoral*, sobre o motivo da escolha da personagem principal, a metodologia aplicada na pesquisa biográfica, possíveis desafios ao longo da investigação e o impacto (ou não) da maternidade, para o desenvolvimento de suas tarefas.

2 O interesse pela vida alheia e sua tradição: Revisão teórica dos estudos biográficos nas áreas da História e do Jornalismo

Entre história e ficção, Jornalismo e história, o fato de captar os mil e um desvios da existência humana é a seara do biógrafo, que extrai o mel de todos os traços à sua disposição a fim de responder ao enigma colocado pelo sentido da vida (Dosse, 2015, p. 122).

Como apontado na introdução, a cada ano, novos livros biográficos são lançados no mercado. Biografados variados, nacionalidades diversas, ocupações múltiplas. A procura por histórias de vida fez com que os prêmios literários reconhecessem o que as editoras produziam e o que o público, por sua vez, consumia. Em escala global, a valorização por esse tipo de trabalho chegou tarde, especialmente em uma premiação centenária, como conta Alexandre Maciel (2018):

Em termos internacionais, o campo da não ficção em livro comemorou o prêmio Nobel de Literatura de 2015, concedido, pela primeira vez, a uma autora de livros-reportagem, a escritora e jornalista bielorrussa Svetlana Alexiévitch, que concebeu, entre outras obras, *Vozes de Tchernóbil: A história oral de um desastre* e *A guerra não tem rosto de mulher*, lançados em 2016 no Brasil. Um sinal de reconhecimento do gênero no campo literário e no mercado editorial (Maciel, 2018, p. 133).

No Brasil, há pelo menos vinte anos, a produção de livros-reportagem e de biografias escritas por jornalistas são reconhecidas em premiações literárias. Como exemplos desse prestígio, citam-se os gaúchos Caco Barcellos e Eliane Brum, o paranaense Laurentino Gomes e a mineira Daniela Arbex. A fim de ilustrar a representatividade dos jornalistas, o presente capítulo apresenta uma breve síntese dos prêmios da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA), da Biblioteca Nacional e do Jabuti de Literatura, este instituído pela Câmara Brasileira do Livro (CBL).

Como a APCA não possui um *site* oficial para divulgação dos trabalhos, a fonte para conhecimento dos laureados se baseou no livro *APCA 60 anos* (Cunha, 2017). Em abril de 1956, a Associação Paulista de Críticos Teatrais (APCT) começou a premiar os melhores do teatro do estado de São Paulo (Cunha, 2017); três anos depois, artistas da música erudita também foram lembrados pela associação. Em meio ao ápice da ditadura militar, em 1972, a entidade passou a ser nomeada como Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA), quando as categorias “Artes Visuais”, “Cinema”, “Literatura”, “Música Popular” e “Televisão” passaram também a ser contempladas pelo prêmio (Cunha, 2017). Em mais de seis décadas de existência, o troféu

APCA, “[...] que simboliza e externa para as várias categorias artísticas o trabalho de seus membros, é um dos mais antigos e expressivos prêmios culturais do Brasil” (Cunha, 2017).

O eixo “Literatura” do prêmio APCA reconhece o gênero biográfico desde 2006, ano em que a obra *Pretobrás: Por que eu não pensei nisso antes?*, organizada pela dupla Luiz Chagas e Mônica Tarantino, sobre o compositor Itamar Assumpção, conquistou reconhecimento. Até 2020, apenas três edições não haviam premiado livros biográficos. Além disso, no período, 14 autores foram reconhecidos, sendo 11 homens e três mulheres: Mônica Tarantino, a cantora Rita Lee, em 2016, pela autobiografia, e Lilia Moritz Schwarcz, em 2017, por *Lima Barreto: Triste visionário*. Destaque para 2015, quando os livros *Júlio Mesquita e seu tempo: Volume I, II, III e IV*, do jornalista Jorge Caldeira, e *Elis Regina: Nada será como antes*, do também jornalista Júlio Maria, dividiram o prêmio (ver lista completa dos vencedores no Apêndice B).

O Prêmio Literário Biblioteca Nacional (PLBN) foi criado em 1994. De acordo com o *site*¹ da Biblioteca Nacional, é possível acessar os vencedores dos nove segmentos desde o ano de 2005. Dos 18 autores premiados na categoria “Ensaio Social”, nomeada como Prêmio Sérgio Buarque de Holanda, sete são homens e onze são mulheres. Destaque a Marcelo Godoy, único jornalista vencedor do PLBN, quando em 2005 foi reconhecido pela biografia *A casa da vovó: Uma biografia do DOI-Codi (1969-1991), o centro de sequestro, tortura e morte da ditadura militar* (ver lista completa dos vencedores no Apêndice C).

Entretanto, o principal prêmio literário brasileiro é o Jabuti (Vaz, 2014). Criado em 1959 pela Câmara Brasileira do Livro, ele proporciona, como principal legado, “[...] a diversidade cultural em um país cada vez mais dominado pelas novas tecnologias, mas que ainda cultiva algumas ações como essa de valorização do papel do livro na sociedade” (Vaz, 2014, p. 23). Neste parágrafo, a pesquisa irá se direcionar a duas frentes de categorias, a de “Reportagem” e a de “Biografias”. Segundo o *site*² da instituição, o primeiro segmento seria celebrado no Jabuti a partir de 1993 (ver lista completa dos vencedores no Apêndice D). De 2002 a 2005, a categoria foi integrada com “Biografia”. Dos anos de 2006 a 2014, ela seria alterada novamente: “Reportagem e Documentário”. Em 2019, a nomenclatura seria mudada mais uma vez para “Biografia, Documentário e Reportagem”.

Ao voltarmos o olhar somente às “Biografias” (ver lista completa dos vencedores no Apêndice E), ainda conforme o mesmo *site*, observa-se que o gênero recebeu destaque na

¹ Disponível em: <https://www.bn.gov.br/explore/premios-literarios/premio-literario-biblioteca-nacional>. Acesso em 21 jul. 2021.

² Disponível em: <https://www.premiojabuti.com.br/premiados-por-edicao/>. Acesso em 21 jul. 2021.

premiação somente em 1998, associado a “Ensaio”. De 2002 a 2005, como dito anteriormente, “Biografia” se juntaria a “Reportagem” e, a partir de 2006, tornar-se-ia uma categoria única. Como já afirmado, o segmento, em 2019 e 2020, foi desmembrado em “Biografia, Documentário e Reportagem”. É importante salientar que, no total, desde 1993, na categoria “Reportagem” e, desde 1998, no segmento “Biografias” (ou afins, conforme nomenclatura), apenas nove mulheres conquistaram o primeiro lugar no Jabuti, conforme divulgado na Tabela 2, abaixo:

Tabela 2 - Lista de mulheres premiadas nas categorias *Reportagem e Biografias do Jabuti*

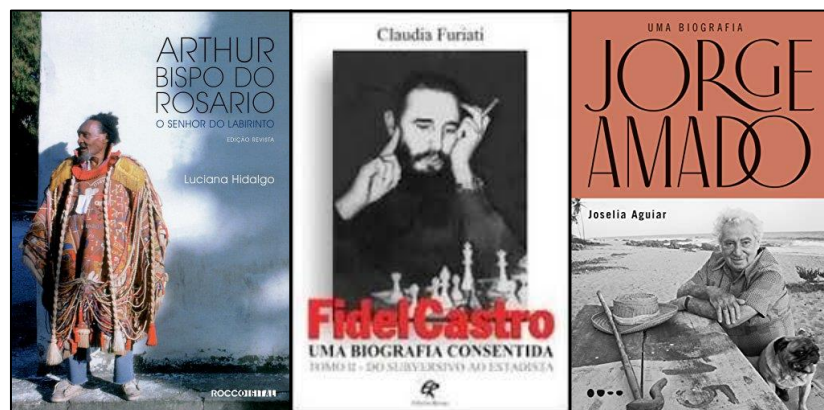
Ano	Categoria	Autor	Ocupação	Obra	Editora
1997	Reportagem	Luciana Hidalgo	Jornalista	<i>Arthur Bispo do Rosario: O senhor do labirinto</i>	Rocco
2003	Reportagem e biografia	Cláudia Furiati	Jornalista	<i>Fidel Castro: Uma biografia consentida</i>	Revan
2007	Reportagem	Eliane Brum	Jornalista	<i>A vida que ninguém vê</i>	Arquipélago Editorial
2009	Reportagem	Vanessa Barbara	Jornalista	<i>O Livro Amarelo do Terminal</i>	Cosac Naify
2009	Biografia	Lilia Moritz Schwarcz	Historiadora	<i>O sol do Brasil</i>	Companhia das Letras
2012	Reportagem	Miriam Leitão	Jornalista	<i>Saga brasileira: A longa luta de um povo por sua moeda</i>	Record
2016	Reportagem e Documentário	Daniela Arbex	Jornalista	<i>Cova 312</i>	Geração
2017	Reportagem e Documentário	Roberta Paduan	Jornalista	<i>Petrobras: Uma história de orgulho e vergonha</i>	Companhia das Letras
2019	Biografia, Documentário e Reportagem	Joselia Aguiar	Jornalista	<i>Jorge Amado: Uma biografia</i>	Todavia

Fonte: O autor.

Ao observar a tabela anterior, percebe-se que, das nove mulheres, oito são jornalistas. Dessa amostra, três conquistaram o prêmio por meio de biografias, conforme ilustrado abaixo

(Imagem 1): a carioca Luciana Hidalgo, que escreveu sobre o artista sergipano Arthur Bispo do Rosario; a também carioca Cláudia Furiati, que pesquisou a respeito do ex-presidente cubano Fidel Castro; e a baiana Joselia Aguiar, que biografou o escritor baiano Jorge Amado. Chama atenção a diferença dos anos entre as premiações – enquanto a primeira jornalista biógrafa recebeu o Jabuti em 1997, a segunda foi em 2003 e a próxima, somente em 2019, 16 anos depois:

Imagem 1 - Capas das três biografias assinadas por jornalistas mulheres e premiadas no Jabuti



Fonte: Arte sobre as capas dos livros.

Com *Arthur Bispo do Rosario*, Luciana Hidalgo foi pioneira ao se tornar a primeira mulher jornalista a vencer o Jabuti com uma biografia. Há quase três décadas, em 1996, o mercado editorial jornalístico, de não ficção, era dominado majoritariamente por homens. No caso do gênero biográfico, com nomes de peso como Fernando Morais e Ruy Castro. Antes de Luciana, poucas mulheres - como Regina Echeverria e Judith Lieblich Patarra - haviam conquistado espaço com publicações. Sobre o reconhecimento literário, Luciana conta como foi estreiar em um gênero ainda pouco multifacetado:

Realmente, não havia muitas mulheres jornalistas escrevendo biografias, embora já houvesse muitas jornalistas mulheres nas redações de jornais. Confesso que, na época, eu não pensava nisso, nessa questão da representatividade. O feminismo parecia algo do passado para a minha geração, achávamos que já tínhamos conquistado tudo. Que nada. Ainda havia muita luta pela frente, que o diga o neofeminismo de hoje, com meninas denunciando o quê, na minha geração, não mais denunciávamos. Por isso, fico feliz em saber que dei alguma contribuição a essa luta coletiva, que é de todas nós. Ainda bem que, na época, eu era uma jovem destemida e em nenhum momento achei que não seria capaz de escrever um livro pelo fato de

ser mulher. Pelo contrário, simplesmente resolvi escrever e escrevi (Hidalgo, 2023).

Daniela Arbex, autora de cinco livros-reportagem – um deles vencedor, no ano de 2016 -, jurada do Jabuti no segmento “Biografia e Reportagem”, na edição 2022, é também uma das integrantes da seleção das entrevistadas para esta tese. Ao refletir sobre a quantidade de mulheres biografadas, a autora de *Os dois mundos de Isabel* cita o pequeno número de jornalistas premiadas e vai ao encontro do que Luciana comentou na citação anterior:

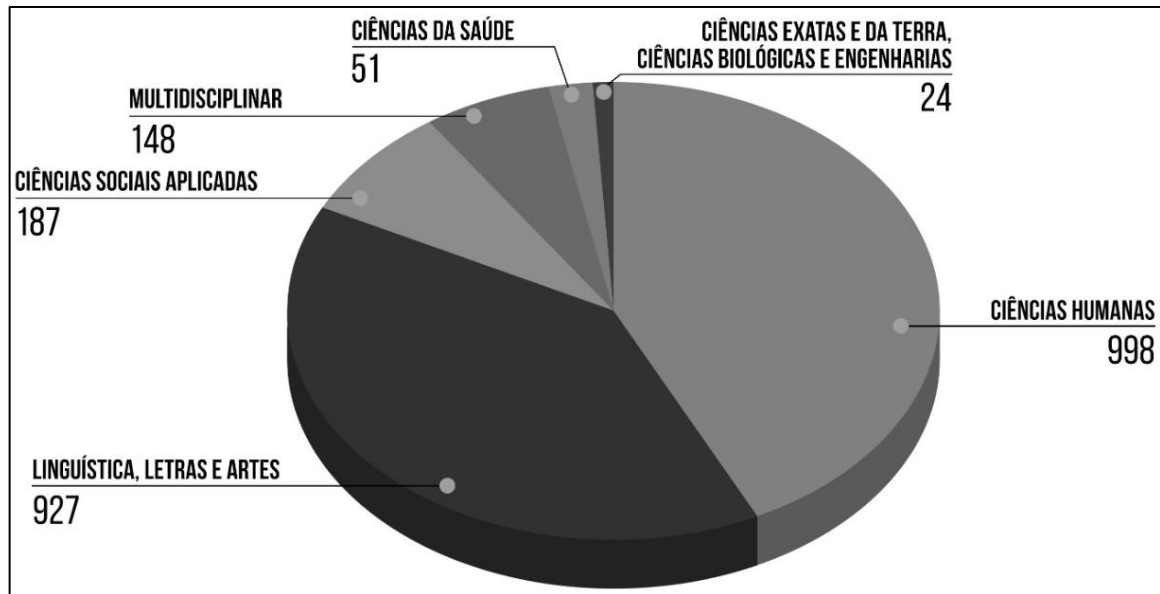
Eu acho que o mercado literário também era muito restrito, no sentido de você dar espaço para homens. É só você ver o Jabuti. A maioria dos vencedores são homens e são os que mais produzem, por quê? Eu acho que até por uma questão cultural, a mulher não tinha essa visibilidade, não tinha esse reconhecimento, não tinha essa representatividade e o reconhecimento do seu talento. E aí vem Clarice Lispector, ela não escreveu livro-reportagem, nada disso, mas com as crônicas dela, com tudo que ela fez, abrindo caminho pra presença da mulher. Claro que você tem outras grandes, mas na ficção. Na não ficção isso é recente. Aí, hoje, olha como é que nós temos uma leva, nós temos Adriana Carranca, a gente tem Patrícia Campos Melo, a Simone Duarte, a Eliane Brum, hoje você tem mulheres que são referência (Arbex, 2023).

Porém, como indica Luciana Hidalgo, ainda é um universo povoado por mais homens: “Então, [...] pra você ter mulheres escritoras, quer dizer, você tem que ter mulheres em tudo, você tem que ter mulheres escritoras, tem que ter mulheres editoras, tem que ter mulheres que escrevem resenhas pros jornais, que estão nos prêmios literários como juradas?” (Hidalgo, 2023). Luciana, por exemplo, foi uma das avaliadoras da categoria “Biografia”, na 60ª edição do prêmio Jabuti de Literatura, em 2018.

Com o intuito de observar se as pesquisas da academia coincidiam com o nicho biográfico promovido pelo mercado editorial, buscou-se o estado da arte a partir do catálogo de Teses e Dissertações³ disponível no portal CAPES. Ao utilizar a palavra-chave *biografia*, alcançou-se o número de 2335 trabalhos. Abaixo, o Gráfico 3 disponibiliza a divisão por Grandes Áreas do Conhecimento:

³ Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>. Acesso em 15 abr. 2022.

Gráfico 3 - Quantidade de pesquisas sobre *biografia* no Brasil divididas a partir das grandes áreas de conhecimento



Fonte: O autor

Nota: Arte de Matheus Gastaldon

A partir do gráfico anterior, percebe-se que 998 (42,74%) trabalhos pertencem à Ciências Humanas, 927 (39,7%) são de Linguística, Letras e Artes, além de 187 (8,00%) vinculados à Ciências Sociais Aplicadas. Somente as três áreas somam 90% das pesquisas relacionadas à biografia. Neste capítulo, a tese se dedica a elaborar um panorama das pesquisas realizadas na História e na Comunicação, dentro das Grandes Áreas do Conhecimento das Ciências Humanas e Ciências Sociais Aplicadas, respectivamente; portanto, a partir de um total de 1185 trabalhos.

2.1 As narrativas orais e a fabricação de heróis

Das 998 pesquisas das Ciências Humanas relacionadas à biografia no Brasil, 401 – ou seja, 40,18% - pertenciam à área de conhecimento da História. Esse alto volume de teses e dissertações apenas comprova o pioneirismo do campo nos estudos biográficos. Baseado nas reflexões teóricas de Joseph Campbell (1990, 1997, 2010) e François Dosse (2015), o primeiro tópico deste capítulo se dedica a discutir o conceito de herói.

O mitólogo romeno Mircea Eliade (2006) adverte que, tanto os deuses, quanto os heróis, bem como os animais que integram a narrativa mitológica, não pertencem ao mundo cotidiano. Para que estejam próximos dessas criações ancestrais, o homem se inspira nos atos contados pelas histórias, no legado oral transmitido pela comunidade: “A imitação dos gestos paradigmáticos tem igualmente um aspecto positivo: o rito força o homem a transcender os seus

limites, obriga-o a situar-se ao lado dos Deuses e dos Heróis míticos, a fim de poder realizar os atos deles. Direta ou indiretamente, o mito *eleva* o homem” (Eliade, 2006, p. 128).

A transcendência que Eliade (2006) sugere vai ao encontro da harmonização entre mente e corpo, provocada pelos mitos e defendida pelo também mitólogo Joseph Campbell (1990, p. 74). De acordo com o estadunidense, os “[...] mitos e ritos eram meios de colocar a mente em acordo com o corpo, e o rumo da vida em acordo com o rumo apontado pela natureza”.

Já pela ótica do francês Jean-Pierre Vernant (1992, p. 189-190), o mito é um ensinamento, “[...] uma tela sobre a qual estão bordadas a narração oral e a literatura escrita, [...] uma e outra com liberdade suficiente para que as divergências nas tradições [...] não se constituam escândalo nem problemas do ponto de vista da consciência religiosa”.

A personagem principal das histórias mitológicas é o herói. Segundo Junito de Souza Brandão (1987, p. 15), a etimologia da palavra *herós* “[...] talvez se pudesse aproximar do indo-europeu *servä*, da raiz *ser-*, de que provém o avéstico *haurvaiti*, *ele guarda* e do latino *seruäre*, *conservar*, *defender*, *guardar*, *velar sobre*, *ser útil*, donde *herói* seria o *guardião*, o *defensor*, o *que nasceu para servir*”. Na mitologia grega, por exemplo, por serem fruto da relação de um deus com uma mortal, não havia uma preocupação sobre se os heróis eram divinos ou humanos. No entanto, para que houvesse uma melhor sistematização, decidiu-se diferenciar os rituais de sacrifício:

Aos deuses se sacrificava pela manhã, aos heróis, à tarde; aos deuses se ofereciam vítimas brancas, aos heróis, pretas; aos deuses o sacrifício se fazia sobre um [...] (bomós), *altar* colocado sobre um embasamento; aos heróis, sobre uma simples [...] (eskhára), uma *lareira* ou *braseiro*, instalado no chão; as vítimas oferecidas aos deuses se degolavam com o pescoço voltado para o alto, as dedicadas aos heróis com o pescoço inclinado para baixo, para o centro da Terra, para que o sangue caísse diretamente num [...] (bóthros), num *fosso sacrificai* (Brandão, 1987, p. 17).

Ao ser interrogado pelo jornalista Bill Moyers a respeito do porquê de existirem tantas histórias de heróis na mitologia, Campbell (1990, p. 131) enfatizou que era sobre o que se valia a pena escrever. Afinal, seja nos mitos, seja nos romances populares, “[...] o protagonista é um herói ou uma heroína que descobriu ou realizou alguma coisa além do nível normal de realizações ou de experiência. O herói é alguém que deu a própria vida por algo maior que ele mesmo”.

Conforme já debatido na introdução desta tese, as pessoas se interessam pela vida alheia de outras pessoas, buscam identificação por meio das trajetórias e se inspiram no legado delas. Daí o interesse pelas biografias inspiradoras de heróis, ídolos ou de grandes homens.

O historiador francês François Dosse admite ser um desafio a tentativa de reescrever uma vida. Para ele, a biografia é um gênero híbrido, tensionado entre a reprodução de um passado utópico e a ficção de lacunas indesejáveis. Para quem se atreve a mergulhar nessa arte, o pesquisador sugere seguir alguns princípios. Primeiro, a escrita em uma sequência cronológica e, segundo, “[...] nunca descentralizar demais o herói da biografia, nunca fazê-lo desaparecer no pano de fundo” (Dosse, 2015, p. 56). Contudo, mesmo tendo esses dois conselhos à vista, o historiador aponta alguns objetivos a se ter em mente: “Fazer justiça a certas figuras que a história oficial esqueceu ou depreciou” (Dosse, 2015, p. 76), além de “[c]ombater as injustiças perpetradas pelo tempo, mas também distanciar-se das lendas douradas a fim de impor um ponto de vista mais imparcial” (Dosse, 2015, p. 112).

Contar histórias a partir das próprias vivências sempre serviu para realçar valores heroicos na Antiguidade ou destacar passados exemplares no período medieval (Dosse, 2015). Nos exemplos a seguir, evidenciam-se preocupações em superar o esquecimento a qualquer custo, aceitar a finitude da vida e a preocupação de imortalizar o presente às gerações futuras (Dosse, 2015). A começar pelo mundo grego, Isócrates e Xenofonte aparecem como pioneiros da prática biográfica, ao realçarem a vida política das personagens (Dosse, 2015). Enquanto Isócrates “[...] associa os fatos da biografia ao caráter moral do indivíduo, procurando assim explicá-lo” (Dosse, 2015, p. 124), Xenofonte busca “[...] lutar contra o olvido, escolher o que a posteridade deve guardar e dar a conhecer um certo número de traços característicos da personalidade em questão” (Dosse, 2015, p. 125).

Já na Roma antiga, destacam-se os registros de Plutarco e Suetônio. Plutarco tinha a intenção de “[...] revelar os traços de destaque de um caráter psicológico, em sua ambivalência e complexidade, inaugurando assim o gênero da vida exemplar com tons moralizantes” (Dosse, 2015, p. 127). Ademais, para Plutarco, escrever sobre vidas é ter “[...] espaço para abordar tanto a esfera privada quanto a pública, para descrever a personalidade individual através de pequenas pistas” (Burke, 1997). Plutarco, por exemplo, tido como o *pai da Biografia* para o biógrafo brasileiro Edegar Cavalheiro, legou 210 obras, sendo que 130 sobreviveram a ação do tempo. Destas, 46 eram perfis fragmentados de *Vidas paralelas*: “Lidando com homens superiores – ou que ele assim julgava -, não desconhecia os inferiores, aqueles que não passam de *nódoas das virtudes humanas*. Preferia, contudo, ocupar-se dos primeiros” (Cavalheiro, 1943, p. 25).

Suetônio acompanha a herança do predecessor Plutarco, ao se ater à “[...] informação autêntica de todas as fontes possíveis” (Dosse, 2015, p. 134). Enquanto Plutarco comparou vidas paralelas de sujeitos com importância equivalente da Grécia e Roma antigas – como Alexandre Magno e Júlio César, Teseu e Rômulo, Demóstenes e Cícero – Suetônio, em *A vida*

dos doze Césares, se baseou na trajetória do general ditador Júlio César, último líder da República romana, e nos primeiros onze imperadores (Otávio Augusto, Tibério, Calígula, Cláudio, Nero, Galba, Otão, Vitélio, Vespasiano, Tito e Domiciano).

Ainda na Antiguidade - porém, com maior impacto na Idade Média – despontou uma nova modalidade biográfica: a hagiografia. “Esse gênero literário privilegia as encarnações humanas do sagrado e ambiciona torná-las exemplares para o resto da humanidade” (Dosse, 2015, p. 137). As vidas de santos se popularizam num momento em que o poder estava concentrado na Igreja Católica que, por sua vez, controlava todo o acesso ao conhecimento e informação:

Desde logo, o santo é santo graças ao olhar dos outros, daqueles que fabricam sua lenda dourada, e em seguida dos leitores que ali vão buscar uma possível identificação. Para ser considerado um homem possuído por Deus, é preciso ainda que ele reúna número suficiente de testemunhas prontas a corroborar essa certeza e cujos depoimentos, recolhidos num dossiê, são apresentados para uma eventual canonização (Dosse, 2015, p. 139).

Dosse (2015) se baseia na análise de Alain Boureau sobre a *Lenda áurea*⁴ com o intuito de caracterizar os tipos históricos de santos. Entre eles, têm-se os santos *originais* – que possuíram algum contato com Jesus Cristo, os ditos apóstolos; os santos *antigos* – correspondentes aos primeiros mártires; e os santos *históricos*, equivalentes aos doutores e bispos que viveram entre os séculos IV ao VII. Todos eles possuem a característica de se sacrificar em torno de algo maior, no caso, uma religião redentora. Boureau classifica em três categorias a função dos santos: o das *testemunhas*, os *defensores* e os *pregadores* (Dosse, 2015). A partir desses papéis santificados, o historiador Dosse infere que o leitor que se interessa por hagiografias, na verdade, busca por intercessores, aqueles que intervêm a favor daquele que suplica: “Quanto mais o modo de vida do crente se afasta do modo de vida do santo, mais o primeiro delega esse desejo de pureza ao segundo, erigindo em porta-voz cujos favores devem ser conquistados” (Dosse, 2015, p. 144). Esses mediadores da fé cristã, que mediam o Paraíso e o plano terreno, eram caracterizados, não como seres imitáveis, mas sim admiráveis, pelo exemplo, o que os tornava mais familiares.

Para Eliade (2006, p. 150-151), o contexto da mitologia se exacerba, na Idade Média: “Tôdas as classes sociais se atribuem tradições mitológicas próprias. A cavalaria, os artesãos, os amanuenses, os camponeses, adotam um *mito de origem* de sua condição ou vocação, e

⁴ Obra composta por 180 capítulos, organizada pelo beato Tiago de Voragine no século XIII e que reunia a narrativa litúrgica a respeito das vidas dos santos (Dosse, 2015).

esforçam-se por imitar um modelo exemplar”. Uma das que mais se destaca é a lenda celta do rei Artur. Jacques Le Goff (2011) se baseia no cronista Nennius para contar que um guerreiro de nome Artur lutou com destaque ao lado dos bretões a fim de expulsar os saxões da Inglaterra, após a fuga do Império Romano. Campbell (1997) nos auxilia a entender a personagem ao recordar da história pelo viés do povo derrotado, os bretões:

O povo do sul da Inglaterra, os bretões, imigrou para a Bretanha e entre eles desenvolveu-se uma lenda. Artur era o grande defensor. Ele há de voltar. Virá devolver-nos a nossa terra natal. Essa crença é conhecida como Esperança dos Bretões, e é da Bretanha que vem grande parte do fabulário arturiano – revivescido na tradição oral pelo material proveniente da Irlanda e de Gales –, razão pela qual existe um vasto conteúdo céltico associado a essas histórias (Campbell, 1997, p. 211).

Personagem de uma literatura medieval cristã, o rei Artur reuniu fragmentos que consolidam a mitologia em torno de si: a criação de uma instituição - a Távola Redonda; a parceria entre ele - o herói – e o mago Merlin, além do esforço na busca de um tesouro perdido – o santo Graal (Le Goff, 2011).

À medida que os séculos avançavam, a Idade Média assistia ao feudalismo deixar de ser uma organização social, o movimento das Cruzadas ruir e o Renascimento⁵ comercial tomar forma, bem como o investimento das monarquias em grandes navegações para os novos continentes. Embora a Igreja Católica ainda fosse uma das instituições sociais mais fortes, as hagiografias não despertavam mais tanto interesse. Baseadas em um novo tempo, “[...] a existência do herói é atestada pelo modo de enfrentar e vencer a adversidade ao preço de um sofrimento. Essa atitude se concretiza finalmente no sacrifício que o herói aceita em defesa de sua causa” (Dosse, 2015, p. 152). Essa nova personagem serviria de mote à chamada *biografia cavaleiresca*, de caráter laicizado, “[...] que celebra como heróis os cavaleiros cujo empreendimento social passa a desafiar o primado dos clérigos, e frequentemente, a contestá-lo” (Dosse, 2015, p. 152). Semelhante à vida dos santos, essa modalidade reflete sobre estados de espírito, pela ética e bons costumes:

Essas biografias revelam a implantação progressiva de um individualismo que irrompe numa sociedade ainda estruturada, basicamente, por instituições fortes, de rituais intangíveis. Em geral, o relato biográfico conta a história de uma transgressão e o herói metaforiza a possível liberação dos interditos familiares para construir seu destino pessoal (Dosse, 2015, p. 153).

⁵ É na época renascentista, por exemplo, em meados do século XVI, que surge uma primeira grande obra sobre as vidas de arquitetos, engenheiros, escultores e pintores italianos. Elaborada por Giorgio Vasari, o compêndio se chamava *Vidas dos artistas* (1550).

Essa transgressão, apontada por Dosse (2015), integra a saga predestinada do herói. Alguma coisa o incomoda a tal ponto do herói realizar uma longa empreitada. Às vezes, o protagonista se prepara com a intenção de buscar as respostas a suas inquietações; em outros momentos, ocorrem aventuras de que o herói se sente obrigado a participar, mesmo sem a devida intenção (Campbell, 1990). Na obra *O poder do mito*, Campbell esclarece as razões de existirem certas sequências de ações, semelhantes em várias histórias do mundo, independente dos povos, das religiões e dos períodos históricos:

Na essência, pode-se afirmar que não existe senão um herói mítico, arquetípico, cuja vida se multiplicou em réplicas, em muitas terras, por muitos, muitos povos. Um herói lendário é normalmente o fundador de algo, o fundador de uma nova era, de uma nova religião uma nova cidade, uma nova modalidade de vida. Para fundar algo novo, ele deve abandonar o velho e partir em busca da idéia-semente, a ideia germinal que tenha a potencialidade de fazer aflorar aquele algo novo (Campbell, 1990, p. 145).

Os estudos de Campbell sobre o herói não era uma completa novidade. Em 1928, o russo Vladimir Propp já havia observado as morfologias dos contos folclóricos e percebeu algo em comum nesses textos literários. Com uma lista total das 31 funções das personagens ao longo das histórias de magia, Propp (1984, p. 59) sinalizou que a grande maioria das “[...] funções agrupou-se em pares (proibição-transgressão; interrogatório-informação; combate-vitória; perseguição-salvamento, etc.). Outras funções podem ser reunidas em grupos. Assim, o dano, o envio, a reação, a partida do lar, constituem o nó da intriga”. Além disso, as mais de três dezenas de tipos diferentes de atribuições convergem de acordo com sete esferas específicas de atuação, categorizadas em as esferas do antagonista (ou malfeitor), doador (ou provedor), auxiliar, princesa (personagem procurado), mandante, herói, e falso herói: “Isto é, estas *esferas* correspondem, *grosso modo*, às personagens que realizam as ações. São as esferas de ação” (Propp, 1984, p. 73).

Campbell chegou a resultados semelhantes por caminhos diferentes, quando também se atentou às repetições das narrativas de origem de várias aldeias e comunidades. O mitólogo elaborou um esquema com histórias míticas das mais diversas culturas e o desfecho encontrado a partir da interseção delas foi que as jornadas desses heróis eram muito parecidas. O pesquisador ainda notou que as histórias dos mitos e dos contos de fada eram compostas por 17 etapas, as quais Campbell resolveu agrupar em três partes, registradas no livro *O herói de mil faces*, originalmente publicado em 1949:

Tipicamente, o herói do conto de fadas obtém um triunfo microcômico, doméstico, e o herói do mito, um triunfo macrocômico, histórico-universais. Enquanto o primeiro – o filho mais novo ou desprezado que se transforma em senhor de poderes extraordinários – vence os opressores pessoais, este último traz de sua aventura os meios de regeneração de sua sociedade como um todo. Os heróis tribais ou locais, tais como o imperador Huang-ti, Moisés ou o asteca Tezcatlipoca, comprometem as bênçãos que obtêm com um único povo; os heróis universais – Maomé, Jesus, Gautama Buda – trazem uma mensagem para o mundo inteiro (Campbell, 2010, p. 41-42).

Contemporâneo de Campbell e interessado pela simbologia dos povos antigos, o psiquiatra suíço Carl Gustav Jung percebeu semelhanças nas histórias de várias religiões: “O mito universal do herói, por exemplo, refere-se sempre a um homem ou um homem-deus poderoso e possante que vence o mal, apresentado na forma de dragões, serpentes, monstros, demônios, etc. e que sempre livra seu povo da destruição e da morte” (Jung, 1977, p. 79). Devido a esses atos libertadores, povos lembram, homenageiam e perpetuam a figura redentora do herói, “[...] compreendendo danças, música, hinos, orações e sacrifícios, prendem a audiência num clima de emoções numinosas (como se fora um encantamento mágico), exaltando o indivíduo até sua identificação com o herói” (Jung, 1977, p. 79).

A Idade Moderna, caracterizada como o período renascentista, se destaca também pela individualização (Dosse, 2015). É o momento em que letrados resgatam as obras de Plutarco: “Com base no modelo antigo, todo o período do Renascimento procura encontrar os caminhos exemplares na perspectiva de uma difusão das virtudes. As biografias ficam, assim, permeadas por uma filosofia moral cujos valores se autonomizam com respeito aos preceitos cristãos” (Dosse, 2015, p. 155). Nessa época, à medida que o mundo se secularizava, de acordo com outro historiador, o inglês Peter Burke (1997), governantes e filósofos, bem como generais e literatos, eram as ocupações das pessoas cujas vidas chamavam atenção e, por isso, mereciam ser homenageadas através de biografias. Como característica das biografias renascentistas, destacam-se estruturas cronológicas, mas também temáticas; profecias sobre o futuro dos protagonistas e, ainda, o uso enfatizado do diálogo.

Burke (1997) ainda observa dois aspectos na biografia renascentista e que poderiam ser aplicadas em outras obras do mesmo segmento, ao longo do século XVII. Em primeiro lugar, a *exemplaridade*. Em segundo, a ideia de uma *personalidade estática*, “[...] o produto fixo de um equilíbrio de humores e, para alguns escritores, o resultado inevitável de uma constelação de fatores ligados ao nascimento. [...] Ele ou ela devem exibir *constância*, como uma rocha ou poderosa árvore em meio a uma tempestade” (Burke, 1997, p. 95-96). De acordo com Burke

(1997), os biografados eram as personalidades do momento, isto é, as vidas dos grandes homens. Como a concentração do poder estava nas mãos de monarquias, não soaria estranho se a realeza não despertasse tamanha atenção. À época, o rei possuía, “[...] junto de si, um historiógrafo encarregado de transmitir à posteridade as boas obras do reinado. Os projetos de escrita da vida do monarca se multiplicam na medida em que ele encarna, sozinho, o poder estatal” (Dosse, 2015, p. 158). Escrever para a posteridade era uma necessidade imperial, era deixar como herança os registros de um bom governo, memórias a respeito das superações governamentais e, em especial, realçar qualidades: “Os reis foram os primeiros a se situar na categoria dos deuses, isto é, a considerar a si mesmos como *homens totais*. [...] *Ser reconhecido como homem é, antes de mais nada, ver reconhecido o direito de imitar os deuses*” (Morin, 1989, p. 21).

Toma-se como modelo o general romano, Caio Júlio César. Antes do tempo de Cristo, o militar já se preocupava em registrar as façanhas dos seus exércitos. Segundo o jornalista e pesquisador Antonio Hohlfeldt (2002), à medida que as conquistas ocorriam, Júlio César documentava os acontecimentos para a posteridade, a partir de uma maneira peculiar, a primeira pessoa enfática, na qual acentua “[...] o uso da primeira pessoa do plural, ainda que se referindo apenas e unicamente a uma só pessoa. Ou seja, o *eu* singular, comum a uma narrativa autobiográfica, é substituído pelo *nós* que enfatiza e, no caso de Caio Júlio, frisa a realeza de que ele se achava investido” (Hohlfeldt, 2002, p. 81). A imagem do monarca Luís XIV é um outro bom exemplo (Burke, 2009). Personagem do Absolutismo francês e detentor da alcunha Rei Sol, Luís XIV reinou na França por mais de sete décadas. Após sua morte, em 1715, mas por sua causa, o significado da palavra *herói* seria alterado: ao invés da referência mitológica, a palavra seria diluída no meio social:

Desde o Século das Luzes, ele toma uma nova acepção e o *herói* passa a ser simples *personagem* de uma narrativa. Fica, até certo ponto, banalizado. A essa primeira distorção semântica junta-se outro remanejamento, com uma concepção de heroísmo não mais aceita como um bloco compacto e sim como uma série de qualidades, virtudes em variações múltiplas que se prestam a outras tantas avaliações controversas. [...] As Luzes cederão espaço a outra noção, que aos poucos irá substituir a do herói: trata-se do *grande homem* (Dosse, 2015, p. 161).

Em contraponto aos gestos dos grandes, fabulosos e heroicos homens, cabe aqui uma menção a um espaço dedicado aos discursos considerados infames. Mesmo após a publicação de *História da loucura*, Michel Foucault continuou a desvendar arquivos escondidos em bibliotecas, hospícios, manicômios e sanatórios. Neles, Foucault (2006) se deparou com textos

curtos do período de 1660-1760 que proviam de arquivos da polícia, petições ou ordens de prisão sob tutela do rei e relatavam acusações sem fundamentos, descrições de estereótipos, julgamentos das pessoas que não se encaixavam em um nicho de normalidade; ou ainda situações banais do cotidiano, como perda de fortunas, conflitos familiares com algum interesse, jovens mulheres que reivindicavam direitos. No texto *A vida dos homens infames*, escrito originalmente em 1977, Foucault (2006, p. 207) buscou descobrir a razão de tamanho sufocamento dessas pessoas marginalizadas na sociedade moderna. Em mínimas frases, vidas de pessoas foram alteradas e que, “[...] de fato, sua liberdade, sua infelicidade, com frequência sua morte, em todo caso seu destino, foram, ali, ao menos em parte, decididos. Esses discursos realmente atravessaram vidas; essas existências foram efetivamente riscadas e perdidas nessas palavras”.

Muitas das ordens não eram verticalizadas, resultado das decisões únicas de um Absolutismo reinante. Em muitos casos, segundo Foucault, as solicitações provinham de familiares, religiosos ou integrantes da política local, que procuravam se vingar por meio da pena capital. Nos documentos encontrados, pessoas mais humildes eram taxadas de “[...] indigentes, pobres pessoas, ou simplesmente medíocres, em estranho teatro no qual tomam posturas, clamores de vozes, grandiloquências, em que revestem molambos de roupagens que lhes são necessários se quiserem que se lhes preste atenção na cena do poder” (Foucault, 2006, p. 218).

Além disso, o filósofo francês atentou que a religião cristã foi a responsável por organizar o rito da confissão, “[...] em que aquele que fala é ao mesmo tempo aquele de quem se fala; apagamento da coisa dita por seu próprio enunciado, mas aumento igualmente da própria confissão que deve permanecer secreta” (Foucault, 2006, p. 212-213). Na virada dos Oitocentos, percebeu-se uma confissão atrelada a queixas e espionagens, em que tudo o que se interroga é registrado com o intuito de permanecer em grandes arquivos acumulados “[...] que se depositam em uma enorme massa documental e constituem assim, através dos tempos, como a memória incessantemente crescente de todos os males do mundo” (Foucault, 2006, p. 213).

Em virtude da lógica propagada pelo Iluminismo e dos ideais fundantes da Revolução Francesa, o pós-1789 foi marcado por exaltações a um heroísmo revolucionário, com ênfases em Rousseau e Montesquieu, bem como celebrações a Denis Diderot e Jean le Rond D'Alembert, idealizadores dos 35 volumes da *Encyclopédie*, o primeiro datado de 1750, “[...] uma reunião da informação disponível em sua época, e também uma vívida ilustração tanto da política como da economia do conhecimento” (Burke, 2003, p. 19). Hohlfeldt (2007, p. 8) corrobora com a questão, ao explicar que a estrutura da *Enciclopédia ou Dicionário raciocinado*

*de ciências, de artes e de artes mecânicas, por uma sociedade de gente de letras*⁶, era organizada tal qual um dicionário, “[...] com a ordem alfabética dos tópicos, sendo que, a cada verbete, acrescentava-se, entre parêntesis, o campo de conhecimento a que pertencia”. Ao trabalhar com verbetes, a Enciclopédia ofertava um novo tipo de aprendizado, por meio da referência cruzada, onde um verbete, por exemplo, poderia referenciar um outro nome e mais outro. Além de possibilitar uma consulta múltipla e sucessiva, dogmas e tabus eram questionados pelo método, muito mais coerente e lógico: “O conhecimento tradicional, sobretudo a maneira pelo qual ele era adquirido, não passaria, segundo insinuações dos enciclopedistas, de preconceitos e superstições. A Enciclopédia, ao contrário, procurava apresentar científica e racionalmente o conhecimento” (Hohlfeldt, 2007, p. 9)

A busca por figuras que pudessem assumir o ideal de liberdade, igualdade e fraternidade foi de extrema necessidade para se perpetuar o culto ao herói: “O herói é, pois, posto à prova no fluxo dos acontecimentos revolucionários, mas essa relação se inverte logo porque a Revolução precisa de seus heróis para se legitimar com o sangue vertido dos mártires” (Dosse, 2015, p. 162). O racionalismo que contestava a dominação do Rei e da Igreja também bradou diante da figura heroica, imagem que fazia relação a períodos de guerra, sangue e morte. Em busca de pacificidade, o filósofo Voltaire sugeriu substituir o termo *herói* por *grande homem*. Dosse (2015, p. 166) busca, em Daniel Fabre, o esclarecimento: “Sua tese é simples: o herói dos campos de batalha prejudica a sociedade, ao passo que o grande homem a enriquece com suas obras”. Homens como o filósofo René Descartes, o dramaturgo Molière e o teólogo François Fénelon, bem como suas respectivas obras, serão mais valorizados:

Em definitivo, os êxitos militares nos campos de batalha surgem como um legado efêmero em comparação com a solidez das obras e descobertas dos grandes homens, cujo trabalho pela humanidade é mais construtivo na edificação de um patrimônio cultural comum. Insiste-se, no Século das Luzes, sobre os méritos pessoais, associados à sua capacidade universalizante (Dosse, 2015, p. 167).

Embora as biografias do século XVIII e XIX sejam permanentemente de homens, elas não mais se referem exclusivamente a personagens intocáveis, vinculados a um ser divino. As obras começam a valorizar sujeitos pensantes cujas ideias disseminadas possam integrar os indivíduos da sociedade: “O grande homem é aquele que consegue fazer coincidir sua determinação pessoal com a vontade coletiva de uma época” (Dosse, 2015, p. 169). A expansão

⁶ Versão original: *Encyclopédie, ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et de métiers, par une société de gens de lettres*.

do universo de diferentes biografados é uma primeira tentativa de democratizar os assuntos com foco na experiência dos indivíduos. Haveria um reconhecimento social da biografia – porém, como subgênero, desdenhado por historiadores (Dosse, 2015).

Augustin Thierry, no século XIX, invocou uma visão radical à época, numa tentativa de voltar o olhar de historiador para as massas: “Resulta daí uma história de baixo para cima, verdadeiro contraponto à antiga glorificação dos heróis [...] O grande homem é, pois, a encarnação, o porta-voz não do divino, mas de uma substância nova que ele habita e que se chama, no século XIX, a *alma nacional*” (Dosse, 2015, p. 176).

No século XIX, o gênero biográfico – ainda menosprezado por historiadores – seria reinterpretado. O sujeito não teria apenas a vida resgatada, com o intuito de recuperar aquela determinada trajetória; aquele passado específico também funcionaria como um passaporte para iluminar o contexto de uma categoria, o panorama de uma época: “A biografia modal visa, por meio de uma figura específica, ao tipo idealizado que ela encarna. O indivíduo, então, só tem valor na medida em que ilustra o coletivo” (Dosse, 2015, p. 195). Criticada pelas novas ciências sociais que surgiriam no século – como a sociologia – a biografia continuava a não ser prestigiada. De acordo com Dosse (2015, p. 199), os discípulos de Marx comparavam o gênero a “[...] um antigo legado da burguesia, cujo defeito básico consiste em ocultar os verdadeiros cacifes, mascarando as desigualdades. Torna-se, pois, fonte de alienação para os leitores, a quem se oferece por baixo preço uma pseudovingança com o sonho sobre sua sorte cotidiana”.

Apesar das críticas ácidas, a biografia sobreviveria. Uma variação dela, a prosopografia, foi tomando forma ao buscar, na concepção individual das vidas, o interesse em entender o coletivo (Dosse, 2015). Gênero antigo, a prosopografia busca entender o grupo sem se ater a uma imersão da singularidade: “Num primeiro sentido, ela significa o estabelecimento e a justaposição de notícias individuais, mas representará, pelo caráter serial, um modo de esclarecimento útil para a história política e social” (Dosse, 2015, p. 223). Exemplo dessa prática foi a do historiador italiano Maurizio Gribaudo, sobre os trabalhadores da cidade de Turim, nos primeiros anos do século passado: “Ele reúne um *corpus* de trajetórias familiares de mais de duas mil pessoas. É essa etapa, a prosopográfica, que lhe permitirá reconstituir as carreiras profissionais e as diversas formas de relações familiares no meio operário de Turim, fazendo valer a diversidade e a complexidade” (Dosse, 2015, p. 225).

Como percebido, o gênero biográfico percorreu vários séculos, passou por mudanças consistentes, flertou com variados conceitos, foi aceito pela elite e, mais tarde, excluído pela população. O século XX iria experimentar uma mescla de sensações, com revoluções, lutas pela independência e duas guerras mundiais. Como será debatido mais adiante, de um lado, havia o

interesse da História em evidenciar histórias de vida a respeito de integrantes sociais esquecidos; de outro, preocupação em resgatar biografias como um instrumento de valorização de personalidades contemporâneas, isto é, os novos heróis, seja Alexandre Magno, Júlio César ou Calígula; Napoleão Bonaparte, Luís XIV ou George VI; Kennedy, Mao ou Saddam, não importa. Embora divirjam nas visões ideológicas em ciclos temporais diferentes, os homens públicos - independente da forma de governo - à frente de administrações, sabem valorizar a liderança diante do grande público:

O acesso ao trono já é uma divinização. Tiranos e imperadores já são *bem-aventurados* e *augustos*. A estrela e o rei são seres carnis contaminados pelo seu papel. O mesmo tipo de mitologia envolve suas pessoas, penetra nelas e as determina. O mesmo segredo público cerca suas vidas privadas. A mesma vida de ostentação, de cerimônias, de espetáculo, vida de sonho real, lhes é imposta. São admirados, mas não invejados; não se têm ciúmes de reis e estrelas (Morin, 1989, p. 69).

Os grandes ditadores, bem como os políticos das décadas de 1920 e 1930 deixaram registrado o que a propaganda em favor próprio pode fomentar na grande massa (Inglis, 2012). Ao incorporarem a figura de um messias redentor, os líderes masculinos se autointitulam salvadores de uma pátria esquecida: “A figura messiânica é identificada com o Herói cultural ou o Ancestral mítico cujo retorno era aguardado. Sua vinda equivale a uma reatualização dos Tempos míticos da origem, e, portanto, a uma recriação do Mundo” (Eliade, 2006, p. 67). Assim, qualquer evento é sinônimo de espetáculo público, grandioso, maiúsculo, com destaque aos protagonistas governamentais. São ocasiões como “[...] a parada militar, os Jogos Olímpicos, a final da Copa do Mundo, a parada de papel picado em Manhattan, a Abertura do Parlamento, os casamentos reais, as marchas do Dia do Trabalho – que se tornaram então acessórios essenciais do poder” (Inglis, 2012, p. 184), onde esses atores políticos se tornam estrelas internacionais.

É interessante compreender como a figura do herói, independente do período histórico, provoca uma dependência nas comunidades. Vinculado às mais variadas mitologias, muitas vezes ele está associado a uma figura paternal, que acolhe os indivíduos órfãos em uma sociedade carente de referências. Para Edgar Morin (1989), em sua analogia com os astros e estrelas do mundo artístico, os heróis são uma espécie de semideuses: “Os heróis atuam a meio caminho entre os deuses e os mortais; ambicionam tanto a condição de deuses quanto aspiram a libertar os mortais de sua miséria infinita. Na vanguarda da humanidade, o herói é o mortal em processo de divinização” (Morin, 1989, p. 26). Sacerdotes religiosos, personalidades

políticas, esportistas e astros da música, mas também outras figuras messiânicas como empresários, militares e juristas se tornam fonte de conhecimento e proteção.

Ao longo do século XX, a biografia não foi tão prestigiada, pois o gênero privilegiava estadistas, políticos ou militares, em detrimento do homem comum. Porém, as histórias de vida continuariam sendo de interesse da História, graças às novas ciências sociais. A sociologia, por exemplo, na década de 1920, voltou o olhar ao empirismo, a fim de desvendar a *ecologia urbana*. Com tal finalidade, a constituição de um Departamento de Sociologia, na Universidade de Chicago, foi fundamental, a fim de também entender os impactos da crise econômica de 1929 entre os migrantes estadunidenses: “O que unifica esses trabalhos é a visão da cidade como laboratório privilegiado para estudar os problemas de marginalidade, segregação e violência” (Dosse, 2015, p. 245).

Diante da influência sociológica, dois historiadores franceses buscaram aproveitar os estudos interdisciplinares a fim de atualizar o campo historiográfico. Na Europa, em 1929, Lucien Febvre e Marc Bloch lançaram a revista *Annales d’Histoire Économique et Sociale*⁷, de cujo comitê editorial constavam nomes da geografia (Albert Demangeon), sociologia (Maurice Halbwachs) e economia (Charles Rist), por exemplo (Burke, 1991), que daria início a um movimento conhecido como *Nouvelle histoire*⁸: “Pouco a pouco os *Annales* converteram-se no centro de uma escola histórica. Foi entre 1930 e 1940 que Febvre escreveu a maioria de seus ataques aos especialistas canhestros e empiricistas, além de seus manifestos e programas em defesa de *um novo tipo de história*” (Burke, 1991, p. 38). É certo que a Segunda Guerra freou todo esse desenvolvimento. Tanto que ceifou a vida de um dos seus fundadores, Bloch, que se alistou no Exército, retornou à academia onde se aproximou da Resistência francesa e ali, na universidade, foi capturado por alemães e morto em 1944. Já Maurice Halbwachs, que contribuiu diretamente na revista dos *Annales* e desenvolveria estudos relativos à memória coletiva, teve fim semelhante: preso pela *Geheime Staatspolizei*, a Gestapo⁹, em julho de 1944, Halbwachs foi levado ao campo de concentração de Buchenwald, onde faleceu no dia 16 de março de 1945.

Após a derrota dos países do Eixo, Febvre transformou os *Annales* em “[...] órgão oficial de uma igreja ortodoxa” (Burke, 1991, p. 43). Quando falece, em 1956, um dos seus discípulos assume a direção da revista. Fernand Braudel possuía respeito entre os pares e sua liderança em meio a múltiplas ideias e interesses fez com o que o periódico tendesse ao estudo da história

⁷ Tradução livre: *Anais de História Econômica e Social*.

⁸ Tradução livre: Nova história.

⁹ Tradução livre: Polícia estadual secreta. Era um dos órgãos de segurança da Alemanha nazista.

quantitativa, primeiro por meio da economia, depois pela demografia: “Faziam uso abundante dos métodos quantitativos, não só para estudar as flutuações de preços, as taxas de nascimento, casamento e mortalidade, mas também tendências na distribuição da propriedade, na produtividade agrícola, etc.” (Burke, 1991, p. 77).

A tendência após o movimento de Maio de 1968 era que uma terceira geração dos *Annales* surgisse com interesse em promover mudanças significativas na revista. Debates a respeito do sonho, da infância e do corpo (Burke, 1991), bem como a preocupação em adicionar estudos sobre o trabalho e a mulher, foram observados: “O centro de gravidade do pensamento histórico, porém, não está mais em Paris, como seguramente esteve entre os anos 30 e 60. [...] A história das mulheres, por exemplo, tem se desenvolvido não só na França, mas também nos Estados Unidos, Grã-Bretanha, Holanda” (Burke, 1991, p. 80). Historiadoras como a francesa Michelle Perrot e a estadunidense Natalie Zemon Davis, por exemplo, são nomes que refletem os esforços em romper os silêncios dos atores coadjuvantes da história, em especial, numa preocupação em registrar uma história ainda não-dita das mulheres. Os métodos quantitativos continuaram – desta vez, ao utilizar a estatística para resgatar práticas religiosas e os hábitos de leitura das diferentes classes sociais (Burke, 1991).

Embora os integrantes da terceira geração não tenham tido muito interesse na política em si, o renascimento da narrativa foi essencial para se entender histórias de vida, seja a biografia de São Luís, por Jacques Le Goff, seja de pessoas comuns: “O renascimento não é simplesmente um retorno ao passado. A biografia histórica é praticada por diferentes razões e assume formas diferentes. Pode ser um meio de entender a mentalidade de um grupo” (Burke, 1991, p. 103-104).

Classificada como a Revolução Francesa da historiografia (Burke, 1991), a *Nova história* tinha o intuito de oferecer um raciocínio diferente diante das temáticas centrais da História. Para Burke (1991), o movimento conquistou espaço, mas também pecou em algumas questões. Por exemplo: concentrou-se muito na França medieval, mas negligenciou o que ocorreu no mundo pós-1789; subverteu áreas tradicionais, como a política, em detrimento de outras, como a história rural e cultural. Em síntese, enquanto uma corrente de pensamento, a maior contribuição dos *Annales*:

[...] foi expandir o campo da história por diversas áreas. O grupo ampliou o território da história, abrangendo áreas inesperadas do comportamento humano e a grupos sociais negligenciados pelos historiadores tradicionais. Essas extensões do território histórico estão vinculadas a descobertas de novas fontes e ao desenvolvimento de novos métodos para explorá-las. Estão também associadas à colaboração com outras ciências, ligadas ao estudo da

humanidade, da geografia à lingüística, da economia à psicologia. Essa colaboração interdisciplinar manteve-se por mais de sessenta anos, um fenômeno sem precedentes na história das ciências sociais (Burke, 1991, p. 126).

Nos anos 1950, o Reino Unido seria palco de um novo campo de pesquisas. De perspectiva popular, os estudos culturais contribuiriam para uma melhor compreensão da identidade do sujeito inserido numa sociedade em formação. A cultura serviria como campo de disputa social, onde diversos fenômenos passariam a ser pensados como processos comunicacionais. Três livros seriam considerados as obras fundantes: *The uses of literacy*; escrito por Richard Hoggart em 1957; *Culture and society*, de 1958, elaborado por Raymond Williams; e *The making of the English working-class*, publicado em 1963, resultado do trabalho de Edward Palmer Thompson, cuja análise se baseia na história e identidade da categoria operária: “O ponto de partida é a atenção sobre as estruturas sociais (de poder) e o contexto histórico enquanto fatores essenciais para a compreensão da ação dos meios massivos, assim como o deslocamento do sentido de cultura da sua tradição elitizada para as práticas cotidianas” (Escosteguy, 2006, p. 143). Frente às observações de que há uma autonomia dos receptores na interpretação das mensagens, o professor Hoggart criou e assumiu, no ano de 1964, o Centro de Estudos Culturais Contemporâneos¹⁰ junto ao Departamento de Língua Inglesa da Universidade de Birmingham: “Os Estudos Culturais não configuram uma *disciplina*, mas uma área onde diferentes disciplinas interatuam, visando o estudo de aspectos culturais da sociedade” (Escosteguy, 2002, p. 159). Quando Stuart Hall inicia a direção do centro de estudos, em 1969, a Escola Britânica concentrou sua atenção sobre o papel ideológico da mídia nas questões raciais e a emergência de variadas práticas de resistência, entre elas, a luta do feminismo por meio da noção de poder (Escosteguy, 2002).

Em meados da década de 1970, historiadores de corrente italiana, como Carlo Ginzburg e Giovanni Levi, realizaram estudos a partir de protagonistas anônimos, com o objetivo de atentar “[...] às estratégias individuais, à complexidade dos elementos em jogo e ao caráter imbricado das representações coletivas” (Dosse, 2015, p. 254). Para Burke (2005), a *microstoria* pode ser analisada a partir de três perspectivas: em primeiro lugar, ela é entendida como “[...] uma reação contra um certo estilo de história social que seguia o modelo da história econômica, empregando métodos quantitativos e descrevendo tendências gerais, sem atribuir muita importância à variedade ou à especificidade das culturas locais” (Burke, 2005, p. 60-61). Como segundo ponto, a chamada micro-história foi a consequência do embate com a

¹⁰ Versão original: Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS).

antropologia. Por fim, ela surgiu a partir da “[...] crescente desilusão com a chamada *narrativa grandiosa* do progresso, da ascensão da moderna civilização ocidental, pela Grécia e Roma antigas, a Cristandade, Renascença, Reforma, Revolução Científica, Iluminismo, Revolução Francesa e Industrial” (Burke, 2005, p. 60-61).

O exemplo mais conhecido relativo à *microstoria* é a de Domenico Scandella, o popular Menocchio, moleiro italiano retratado por Ginzburg (2006), na obra *O queijo e os vermes*, publicada originalmente em 1976. Após empreender uma investigação em arquivos e documentações da Inquisição, além de rascunhos e relatos do próprio Menocchio, Ginzburg (2006, p. 9) pode “[...] saber quais eram suas leituras e discussões, pensamento e sentimentos: temores, esperanças, ironias, raivas, desesperos”. A partir dessas impressões singulares, sobre o seu cotidiano no século XVI ou os hábitos que possuía, Ginzburg esboçou uma cultura oral que pode ser aplicada a todo um segmento daquela sociedade renascentista. Assim, conseguiu “[...] reconstruir um fragmento do que se costuma denominar *cultura das classes subalternas* ou ainda *cultura popular*” (Ginzburg, 2006, p. 11). Dosse (2015, p. 257) complementa: “Estudando as microrrealidades, a *microstoria* não renuncia às vias da generalização, da globalização – ao contrário, busca-as. A micro-história se esforça por conciliar uma técnica específica, a escolha de uma localização precisa, com a vocação para elucidações mais gerais”.

Pela perspectiva das pessoas desconhecidas, Michel de Certeau (1998) pode repensar o cotidiano de classes subalternas, por meio das narrativas de práticas comuns. Na introdução da obra *A invenção do cotidiano*, o autor escreve que se deseja “[...] exumar os modelos de ação característicos dos usuários, dos quais se esconde, sob o pudico nome de consumidores, o estatuto de dominados (o que não quer dizer passivos ou dóceis). O cotidiano se inventa com mil maneiras de *caça não autorizada*” (De Certeau, 1998, p. 38). Os sujeitos ordinários, excluídos do dia-dia e que são silenciados por não pertencerem a uma determinada categoria, também possuem uma cultura própria, a qual merece ser observada com atenção. Observação próxima do pesquisador brasileiro Luiz Beltrão (2004, p. 55), quando, na década de 1960, concebeu a primeira teoria brasileira sobre comunicação¹¹, a folkcomunicação, e a conceituou como sendo “[...] o processo de intercâmbio de informações e manifestações de opiniões, idéias e atitudes da massa, por intermédio de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore”. Seus hábitos de leitura, suas práticas diárias, a passos lentos, começam a integrar os meios científicos e serem reconhecidos como indivíduos participantes de uma sociedade:

¹¹ A tese de doutorado foi intitulada *Folkcomunicação: Um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias* e foi defendida em 1967, na Universidade de Brasília (UnB).

Este herói anônimo vem de muito longe. É o murmúrio das sociedades. [...] Pouco a pouco ocupa o centro de nossas cenas científicas. Os projetores abandonaram os atores donos de nomes próprios e de brasões sociais para voltar-se para o coro dos figurantes amontoados dos lados, e depois fixar-se enfim na multidão do público. Sociologização e antropologização da pesquisa privilegiam o anônimo e o cotidiano onde *zooms* destacam detalhes metonímicos – partes tomadas pelo todo. Lentamente os representantes que ontem simbolizavam famílias, grupos e ordens, se apagam da cena onde reinavam quando era o tempo do nome (De Certeau, 1998, p. 57-58).

No teatro social da vida, enquanto poucos são protagonistas, alguns são coadjuvantes. Outros ainda assumem o posto de figurantes. Em busca de aceitação no palco do cotidiano, o mais forte irá conduzir os trâmites da dominação e do poder. E os mais fracos, despidos do próprio caráter, são taxados como antagonistas da História. A invisibilidade dos subalternos se tornaria tema de investigações dos povos outrora colonizados. Uma das estudiosas foi Gayatri Spivak, indiana pertencente a corrente pós-colonialista. Inspirada na violência epistêmica de Foucault para criticar a classificação do sujeito colonial como o Outro e, ainda, intrigada com a representação que os povos do Sul asiático possuíam no Ocidente, Spivak (2010) conferiu palestra em que indagava o público se o subalterno poderia também ter o direito de falar. Para ela, não existe essa opção, ainda mais entre as mulheres subalternas, que vivem em completa obscuridade: “O que a elite deve fazer para estar atenta à construção contínua do subalterno? A questão da *mulher* parece ser a mais problemática nesse contexto. Evidentemente, se você é pobre, negra e mulher, está envolvida de três maneiras” (Spivak, 2010, p. 110).

Na América Latina, o peruano Aníbal Quijano foi o precursor dos estudos decoloniais, que tinham como objetivo o de romper com as matrizes históricas que permeiam a formação social. A partir do conceito de *colonialidade do poder*, Quijano reconstituiu uma perspectiva racial no continente durante a exploração branca europeia, a partir do século XVI. Além disso, a modernidade – compreendida aqui como uma imposição de normatividade – trazida pelos dominadores se baseou no fenótipo dos povos dominados e isso já foi o bastante para tratá-los como inferiores “[...] bem como suas descobertas mentais e culturais. Desse modo, raça converteu-se no primeiro critério fundamental para a distribuição da população mundial nos níveis, lugares e papéis na estrutura de poder da nova sociedade” (Quijano, 2005, p. 118). Índios, negros e mestiços se tornaram seres invisíveis:

Desse ponto de vista, as relações intersubjetivas e culturais entre a Europa, ou, melhor dizendo, a Europa Ocidental, e o restante do mundo, foram codificadas num jogo inteiro de novas categorias: Oriente-Occidente, primitivo-civilizado, mágico/mítico-científico, irracional-razional, tradicional-moderno. Em suma, Europa e não-Europa. Mesmo assim, a única categoria com a devida honra de

ser reconhecida como o Outro da Europa ou *Ocidente*, foi *Oriente*. Não os *índios* da América, tampouco os *negros* da África. Estes eram simplesmente *primitivos*. Sob essa codificação das relações entre europeu/não-europeu, raça é, sem dúvida, a categoria básica. Essa perspectiva binária, dualista, de conhecimento, peculiar ao eurocentrismo, impôs-se como mundialmente hegemônica no mesmo fluxo da expansão do domínio colonial da Europa sobre o mundo (Quijano, 2005, p. 122).

Essa relação dicotômica afetou também as relações sexuais de dominação: “Daí em diante, o lugar das mulheres, muito em especial o das mulheres das raças inferiores, ficou estereotipado junto com o resto dos corpos, e quanto mais inferiores fossem suas raças, mais perto da natureza ou diretamente, como no caso das escravas negras, dentro da natureza” (Quijano, 2005, p. 129). Para, enfim, conquistar o direito de fala, mulheres também necessitaram ocupar espaço antes limitados e, assim, assumirem vozes que, outrora, eram silenciadas. Pesquisadoras como a brasileira Lélia González, a estadunidense de ascendência mexicana, Gloria Anzaldúa, e a argentina María Lugones foram expoentes de um movimento decolonial na América Latina que buscava priorizar vozes, antes, inaudíveis.

A partir dessa análise, foi possível entender um retrospecto das narrativas de vida no campo historiográfico desde as influências mitológicas e sociológicas, passando pela concepção das biografias de grandes nomes, até figurar o interesse do gênero em retratar as trajetórias das pessoas esquecidas, como será ainda debatido no capítulo cinco. Nessa aproximação do segmento biográfico com a vida de pessoas comuns, Dosse (2015) sinaliza que a biografia passa também a dialogar com o ofício de jornalista e para isso cita o exemplo do francês Jean Lacouture. Este, conhecido - entre outras - pela biografia do general Charles de Gaulle, “[...] recolhe os testemunhos orais cruzando-os com as fontes escritas, mesclando a relação do jornalista com a instantaneidade e o esforço de objetivação do historiador” (Dosse, 2015, p. 119).

O historiador brasileiro Benito Bisso Schmidt (1997) reconheceu que os jornalistas conquistaram maior fama entre os leitores pelo fato de possuírem um estilo mais envolvente. Em detrimento a isso, disse ainda que não defende um campo exclusivo de biografias históricas, mas admitiu que, ao tentar aproximações entre historiadores e jornalistas, descobrem-se intersecções, bem como afastamentos (Schmidt, 1997), como o tratamento diferenciado das citações e maior conteúdo ficcional na narrativa. Também observou avanços nas contribuições de ambos os profissionais, especialmente a “[...] de desvendar os múltiplos fios que ligam um indivíduo ao seu contexto” (Schmidt, 1997, p. 15). À época da análise do historiador, biografias como *Chatô: O rei do Brasil*, de Fernando Morais, e *Mauá: Empresário do Império*, de Jorge

Caldeira, despontavam como obras de destaque nas livrarias. Por isso, a constatação de que jornalistas possuíam um interesse por vidas de pessoas com destaque na sociedade brasileira. Por mais que as trajetórias de indivíduos comuns ainda não fossem tão populares no mercado editorial, nas reportagens, os anônimos já tinham conquistado espaço. Aliás, sempre foram a essência do Jornalismo.

2.2. A compreensão utópica de uma vida (quase) total

Antes de continuar a entender as abordagens realizadas pelo campo da Comunicação em relação às biografias, decidiu-se conhecer o que a academia tem estudado diante de algumas perspectivas das histórias de vida. Para isso, além de uma revisão da produção bibliográfica a partir da palavra-chave *biografia*, optou-se, ainda, em utilizar as de *livro-reportagem*, *jornalistas-escretores* e *biográfico*.

A começar por *biografia*, dos 187 trabalhos defendidos em programas de pós-graduação das Ciências Sociais Aplicadas, 84 - isto é, 44,91% - são relacionados à Comunicação como área de conhecimento. Percebe-se que os estudos se utilizam das trajetórias de personagens para abranger o contexto, como em temáticas do cinema, publicidade, relações públicas, teatro ou televisão. Também se observa a figura de profissionais da imprensa como fios condutores de uma construção histórica do Jornalismo brasileiro, como em *Império das palavras: Estudo comparado dos Diários e Emissoras Associadas, de Assis Chateaubriand, e Hearst Corporation, de William Randolph Hearst*, tese elaborada por Jacques Alkalai Wainberg, na USP, em 1996; *Olhos de jornalista: O Jornalismo segundo Barbosa Lima Sobrinho*, dissertação de Rosemary Bars Mendez, defendida em 1999, na UNESP; *Landell de Moura: Precursor da rádio difusão*, dissertação de César Augusto Azevedo dos Santos, em 2000, também na UNESP; *Carlos de Andrade Rizzini: O jornalista completo*, tese de Paulo da Rocha Dias, apresentado na UNESP, em 2004; e *Jornalismo e literatura: A tribo jornalística de Erico Verissimo*, dissertação de Eduardo Ritter, defendido em 2011, na PUC-RS.

No aspecto de aproximação dos livros biográficos com o Jornalismo, destacam-se *Páginas da vida. A arte biográfica e perfis*, dissertação produzida por Sérgio Luiz Villas Boas, em 2002, na USP. No mesmo ano e instituição, Monica Martinez defendia a tese *Jornada do Herói: A estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em Jornalismo*. Em 2006, Sérgio Luiz Villas Boas concluíu seu doutorado na USP, com a tese intitulada *Metabiografia e seis tópicos para aperfeiçoamento do Jornalismo biográfico*. Nos anos de 2011 e 2015, respectivamente, Karine Moura Vieira iluminaria os estudos jornalísticos a respeito do gênero biográfico, ao produzir a dissertação *O desafio de narrar uma vida: A crítica genética*

no estudo da biografia como gênero jornalístico, e a tese *Do fazer um saber: A construção do biografar - O discurso de autoria sobre a prática jornalística na produção de biografias por jornalistas brasileiros*, na UFRGS e na UNISINOS. Por fim, a dissertação *A construção narrativa do biógrafo e do biografado em “Roberto Carlos em detalhes” e “O réu e o rei”*, apresentada por Babiana Mugnol, em 2018, na UFRGS.

Ao averiguar a palavra-chave *livro-reportagem*, no catálogo do portal CAPES de Teses e Dissertações, o resultado revelou 46 trabalhos, distribuídos em 23 pesquisas vinculadas à Grande Área de Conhecimento da Linguística, Letras e Artes, 19 em Ciências Sociais Aplicadas e quatro em Multidisciplinar. Quanto ao primeiro grupo, observou-se pesquisas voltadas ao trabalho de jornalistas como Caco Barcellos, Eliane Brum e Laurentino Gomes, além de aspectos que incluem livros biográficos, como o encontrado na tese de Antonio Heriberto Catalão Jr, *Jornalismo Best-Seller: O livro reportagem no Brasil contemporâneo*, apresentada em 2010, na UNESP. No segundo grupo, além de investigações cujos objetos empíricos se baseiem na obra de Caco Barcellos, Euclides da Cunha e Lima Barreto, destacam-se a obra pioneira no Brasil, *Livro-reportagem como extensão do Jornalismo impresso: Realidade e potencialidade*, tese do professor Edvaldo Pereira Lima, defendida na USP, em 1990 - transformada na obra seminal *Páginas ampliadas: O livro-reportagem como extensão do Jornalismo e literatura - e Narradores do contemporâneo: Jornalistas escritores e o livro-reportagem no Brasil*, tese de Alexandre Maciel apresentada na UFPE, em 2018, completa a série. Em relação às palavras-chaves *jornalistas-escretores*, o catálogo mostrou nove investigações, sendo quatro das Ciências Sociais Aplicadas – todas da Comunicação, inclusive, a tese de Alexandre Maciel (2018).

Por fim, aplicou-se *biográfico*, com 78 resultados em Ciências Sociais Aplicadas. Especialmente na Comunicação, a pesquisa é marcada por 41 trabalhos: além das teses *Metabiografia e seis tópicos para aperfeiçoamento do Jornalismo biográfico*, de Sergio Vilas-Boas, e *Do fazer um saber: A construção do biografar - O discurso de autoria sobre a prática jornalística na produção de biografias por jornalistas brasileiros*, de Karine Moura Vieira, já mencionadas anteriormente, destaca-se a tese *Acionamentos biográficos no Jornalismo em revista: Uma análise das histórias de vida de Lula e Obama, em Veja e Time*, de Michelle da Silva Tavares, defendida na UFMG, em 2016.

Também se optou em averiguar a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da PUCRS¹², com filtro somente ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social. O

¹² Disponível em: <https://biblioteca.pucrs.br/acervos/colecoes-on-line/teses-e-dissertacoes/teses-e-dissertacoes-eletronicas-da-pucrs-tede/>. Acesso em 12 jul. 2023.

intuito era provar um certo ineditismo da pesquisa, o que, de fato, aconteceu. Foram encontradas 229 pesquisas para a palavra-chave *biografia*, 13 para *livro-reportagem*, 17 para *jornalistas-escritores* e 67, no *biográfico*. Embora haja investigações com abordagens sobre a trajetória de diversas personalidades, a partir de seus legados na área do cinema, do esporte, da literatura, da música ou do impacto dos universos particulares junto a um possível imaginário, o interesse se limitou às biografias impressas. Assim, após a leitura dos resumos, chegou-se a apenas duas pesquisas: a dissertação *As imagens criadas pelas biografias de líderes neopopulistas da América Latina*, do jornalista Alexandre Antônio Nervo, e a tese intitulada *A ficção do novo Jornalismo nos livros-reportagem de Caco Barcellos e Fernando Moraes*, do também jornalista Juan de Moraes Domingues. Ambas defendidas em 2012. Ou seja, há mais de dez anos.

Decidiu-se, ainda, dar evidência aos trabalhos apresentados aos principais eventos da comunicação que dialogassem com a temática da presente tese. Os mais antigos são os congressos anuais organizados pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM), criada em 1977. Entretanto, o portal¹³ disponibiliza os anais dos eventos – tanto nacionais quanto regionais - realizados a partir de 1994. O sistema de busca apresentou 17 trabalhos com a palavra-chave *biografia*, 54 trabalhos com *livro-reportagem*, 131 com *jornalistas-escritores* e oito resultados para *biográfico*.

As reuniões anuais da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPÓS) ocorrem desde 1991. Contudo, a COMPÓS apresenta no seu *site*¹⁴ apenas os anais a partir da nona edição, ou seja, do evento realizado em 2000, na cidade de Porto Alegre (RS). Dos 20 grupos de trabalhos da COMPÓS, encontraram-se três resultados com a palavra-chave *biografia*: *Idolatria e malandragem: A cultura brasileira na biografia de Romário*, de Ronaldo Helal, em 2002; *Biografias em fractais: Múltiplas identidades em redes flexíveis e inesgotáveis*, de Felipe Pena, em 2003; *Imagem e palavra: Retrato e biografia na constituição do sujeito*, de Gabriela Frota Reinaldo, em 2011. Já com *biográfico*, mais dois trabalhos: *Figuras do mal no filme biográfico brasileiro*, de Cristiane Freitas Gutfreind, em 2013, e *Imagens- memória: documentários-homenagem, autobiográficos e biopics*, de Denize Araujo, em 2016. Quanto a *livro-reportagem* e *jornalistas-escritores*, não houve nenhum registro.

Os eventos da Associação Brasileira de Pesquisadores de História da Mídia (Rede ALCAR), como o próprio nome indica, tratam de temas específicos relacionados aos aspectos históricos em várias áreas da comunicação. Criada em 2001, o primeiro congresso de âmbito

¹³ Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/index.php>. Acesso em 01 set. 2021.

¹⁴ Disponível em: <https://www.compos.org.br/>. Acesso em 25 ago. 2021.

nacional aconteceu dois anos depois. Todos os anais dos 13 encontros estão disponíveis no *site*¹⁵ da rede. Porém, ao fazer a busca pelas palavras-chave *biografia*, *livro-reportagem*, *jornalistas-escretores* e *biográfico*, foi necessária uma análise apurada, pois os resultados apontam tanto trabalhos sobre o uso do gênero biográfico como instrumento de estudos quanto a história da vida de uma personalidade como fio condutor de uma narrativa macro. Assim, em virtude de ser uma associação que reúne investigadores de cunho histórico, foi visível a grande quantidade de artigos que dialogavam com aspectos biográficos.

Os encontros nacionais de pesquisadores em Jornalismo coordenados pela Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor)¹⁶ acontecem desde o ano de 2003; todavia, apenas estão disponíveis para consulta os anais a partir de 2012, isto é, o da 10ª edição sediada em Curitiba (PR). Com a palavra-chave *biografia*, encontrou-se *Teoria da prática: o discurso de si e a construção de uma noção de autor na produção de biografias por jornalistas brasileiros*, de Karine Moura Vieira, em 2013; *Biografia jornalística: Algumas possibilidades*, em 2014, e *Biografia Jornalística: Convergências possíveis*, em 2018, ambos de Rodrigo Barz; além de uma mesa coordenada pela Rede Narrativas Midiáticas (RENAMI), intitulada *Biografias, perfis e histórias de vida no Jornalismo* em 2020.

A partir do termo *livro-reportagem*, *Contrato social jornalístico no campo do livro-reportagem: O papel do jornalista-autor*, de Alexandre Maciel, e *A linguagem e seus suportes: Uma reflexão sobre as confluências entre o webjornalismo e o livro-reportagem*, de Dayane do Carmo Barretos, ambos apresentados em 2015; *Revisando paradigmas: Livro-reportagem e o compromisso com uma visão jornalística mais plural da realidade*, de Alexandre Maciel, e *Livro-reportagem: Formato jornalístico para pautas humanitárias?*, de Marcos Zibordi, os dois debatidos em 2016; *“Pressão da editora é mínima. A pessoal é enorme”*: *Jornalistas e a produção do livro-reportagem*, novamente de Alexandre Maciel, em 2017.

Com *biográfico*, dois títulos em 2012: *Da transversalidade à circulação: A função-autor do jornalista na rearticulação do biográfico na contemporaneidade*, de Karine Moura Vieira, e *Lula e Obama em fragmentos biográficos temporalizados: A vitória presidencial sob o olhar de Veja e The Economist*, de Michele da Silva Tavares. Já para *jornalistas-escretores*, nenhum resultado foi registrado.

Além dos anais do INTERCOM, COMPÓS, ALCAR e SBPJor, decidiu-se, ainda, averiguar os textos científicos publicados nos principais periódicos em Comunicação do Brasil.

¹⁵ Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar>. Acesso em 26 ago. 2021.

¹⁶ Disponível em: <http://sbpjour.org.br/sbpjour/>. Acesso em 02 set. 2021.

Para tanto, foi acessada a plataforma Sucupira¹⁷, onde foi possível pesquisar todos os 56 programas de pós-graduação da área de Comunicação. Com os nomes listados, buscou-se preencher com as respectivas revistas acadêmicas. No levantamento, que consta na presente tese, estão apenas aquelas com *qualis* A2, A3, A4 e B1, o que congregou 29 periódicos, de acordo com a Tabela 3. Além desse número, somaram-se as quatro revistas das entidades científicas analisadas anteriormente: *E-compós*, *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação* (RBCC), *Brazilian Journalism Research* (BJR) e *Revista Brasileira de História da Mídia* (RBHM), totalizando 33 periódicos:

Tabela 3 - Quantidade de artigos nas revistas por palavras-chaves

<i>Qualis</i>	<i>Revistas</i>	<i>Biografia</i>	<i>livro-reportagem</i>	<i>jornalistas-escritores</i>	<i>biográfico</i>	Total
A2	<i>E-compós</i>	1	-	-	2	3
A2	<i>Famecos</i>	5	-	-	-	5
A2	<i>MATRIZES</i>	3	-	-	2	5
A2	<i>RBCC</i>	5	1	1	2	9
A2	<i>BJR</i>	1	1	-	-	2
A2	<i>Observatório</i>	5	1	0	2	8
A3	<i>Comunicação, Mídia e Consumo</i>	-	-	-	-	0
A3	<i>Galáxia</i>	4	2	-	1	7
A3	<i>Animus</i>	2	-	1	-	3
A3	<i>Contracampo</i>	9	1	-	4	14
A3	<i>Eco-Pós</i>	-	-	-	1	1
A3	<i>EJM</i>	5	4	-	3	12
A3	<i>Fronteiras</i>	1	-	-	-	1
A3	<i>Intexto</i>	2	1	-	-	3
A3	<i>Reciis</i>	1	1	-	1	3
A4	<i>Comunicação & Inovação</i>	-	-	-	-	0
A4	<i>Contemporânea</i>	4	-	-	-	4
A4	<i>Logos</i>	4	-	-	-	4
A4	<i>Lumina</i>	2	-	-	1	3
A4	<i>Esferas</i>	-	-	-	-	0
A4	<i>Questões Transversais</i>	-	-	-	-	0
A4	<i>RBHM</i>	3	1	-	3	7
A4	<i>Discursos Fotográficos</i>	1	2	-	1	4

¹⁷ Os *qualis* foram baseados nas classificações da última avaliação (2017-2020) da plataforma Sucupira.

Disponível em:

<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/programa/quantitativos/quantitativoAreaConhecimento.jsf?areaAvaliacao=31>. Acesso em 05 dez. 2023.

B1	<i>Comunicação & Sociedade</i>	38	12	-	12	62
B1	<i>Comunicação Midiática</i>	2	1	-	-	3
B1	<i>Eptic Online</i>	3	-	-	-	3
B1	<i>Pauta Geral</i>	1	1	-	-	2
B1	<i>Interin</i>	2	-	-	1	3
B1	<i>Líbero</i>	2	2	-	1	5
B1	<i>Tríade</i>	-	-	-	-	0
B1	<i>Mídia e Cotidiano</i>	1	2	-	-	3
B1	<i>Novos Olhares</i>	5	-	-	1	6
B1	<i>RuMoRes</i>	4	4	-	1	9

Fonte: O autor

Embora as buscas tenham sido feitas a fim de contemplar textos que envolvessem as quatro palavras-chave - seja nos ensaios, artigos, entrevistas ou resenhas –, o que se percebeu foi que no quesito *biografia* ou *biográfico*, as temáticas são muito variadas, desde abordagens sobre pessoas no campo da fotografia (*Robert Capa: Espectador e coadjuvante nos conflitos de seu tempo*, 2009)¹⁸ e da literatura (*Hilda Hilst nos fluxos midiáticos: Proposta metodológica do fazer-memória biográfico*, 2022)¹⁹ até novos olhares sobre a *biografia*, como em *A biografia do ponto de vista comunicacional* (2014)²⁰, *Sujeitos do biográfico: Jornalistas e a construção do status de autoria na produção da biografia como reportagem* (2018)²¹, *Biografias improváveis: O si mesmo de um outro como imaginação historiadora* (2021)²².

Dos 33 periódicos brasileiros mais bem avaliados da área da Comunicação, junto à plataforma Sucupira da CAPES, destacam-se, a seguir, os cinco com maior inserção de trabalhos relativos às palavras-chaves pesquisadas: *biografia*, *livro-reportagem*, *jornalistas-escretores* e *biográfico*. A primeira é *Comunicação & Sociedade*, revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), com 62 pesquisas encontradas; *Contracampo*, periódico do Programa de Pós-Graduação de Comunicação da Universidade Federal Fluminense (UFF), com 14 trabalhos assinalados; em seguida, *Estudos em Jornalismo e Mídia* (EJM), do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), com 12 investigações; adiante, *Revista*

¹⁸ Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/2937>. Acesso em 5 ago. 2023.

¹⁹ Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/view/14098>. Acesso em 5 ago. 2023.

²⁰ Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/90452>. Acesso em 5 ago. 2023.

²¹ Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/4602>. Acesso em 5 ago. 2023.

²² Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/12958>. Acesso em 5 ago. 2023.

Brasileira de Ciências da Comunicação (RBCC), vinculado à INTERCOM, e *RuMoRes*, do Programa de Pós-Graduação Meios e Processos Audiovisuais (USP), apresentaram nove resultados cada. Em quinto: *Observatório*, do Programa de Pós-Graduação Comunicação e Sociedade da Universidade Federal do Tocantins (UFT), com oito.

Na primeira metade do século passado, mesmo a biografia não sendo reconhecida como um gênero estritamente histórico, literário ou jornalístico, debates acerca das funções do biógrafo ou da condução da narrativa já marcavam presença no Brasil da metade dos anos 1940. Um deles foi o livro do historiador Luiz Viana Filho, um dos pioneiros biógrafos brasileiros, que publicou *A verdade na biografia* (1945). À época, o autor dividiu os tipos de biografias em quatro grupos definidos, como se essas categorias não pudessem existir em simbiose: aquelas em que relaciona a vida em ordem cronológica; aquelas em que seja possível também estudar uma época; apreciações críticas sobre o legado da obra; e, por fim, a narração prioritária da vida (Viana Filho, 1945). O historiador também postula que as biografias precisam seguir distinções “[...] fixas, imutáveis, permanentes” (Viana Filho, 1945, p. 19) que possam classificá-la como tal gênero. Assim, “[...] chame-se romanceada, moderna, literária, ou histórica, a biografia [...] terá de subordinar-se às limitações impostas por aquelas características de submissão à verdade, à exatidão, ao sentimento de justiça, que lhe são inerentes, sob pena de deixar de ser biografia” (Viana Filho, 1945, p. 25).

Essas definições ressoam no pensamento de algumas mulheres jornalistas biógrafas, quase 80 anos depois. Leneide Duarte-Plon, que reescreveu a trajetória do frei Tito de Alencar juntamente com a filha, a também jornalista Clarisse Meireles, é direta no significado do que para ela é uma biografia:

A biografia é a vida de um homem ou uma mulher contada num tempo determinado e com o contexto histórico determinado em que essa pessoa viveu e no qual ela produziu um trabalho, uma obra, no qual ela foi uma, no caso do Tito, uma vítima e um mártir, apesar de ter sido também uma pessoa que produziu um trabalho importante. É isso, é um homem ou uma mulher dentro de um contexto histórico com um trabalho relevante, isso é uma biografia (Duarte-Plon, 2023).

Às vezes, a história do protagonista está imersa num tempo distante da época em que o biógrafo pesquisa. Ou ainda, bem diferente do que o biógrafo viveu. Esse transporte ao passado faz com que a jornalista viva e conheça um pouco do que foi a fuga de refugiados europeus em consequência da Segunda Guerra Mundial, como o fez Consuelo Dieguez; o Jornalismo brasileiro, na então capital, Rio de Janeiro dos anos 1950, investigada por Karla Monteiro,

através da biografia de Samuel Wainer; ou o sofrimento de quem sofreu com as torturas físicas e mentais perpetradas pela ditadura militar brasileira, período iluminado por Clarisse Meireles juntamente com Leneide Duarte-Plon:

A biografia, eu acho que é contar um tempo, uma época, por um olhar específico, por um olhar especial. Eu acho que o fascínio da biografia está nisso. Não é você explicar apenas o personagem, é você explicar uma época [...] Como meu fascínio por histórias é muito grande desde pequena, a biografia me fascina nisso, no caso também do Hans Stern, porque era a forma dele contar o mundo, uma época trágica, um menino na Noite dos Cristais, nossa, eu achei um privilégio. Eu ler uma carta de um menino, que assistiu à invasão da fábrica do pai dele, ele estava ali, ele viu. Ele ficou debaixo de um armário, mas ao mesmo tempo, não é só história dele, não é só isso que me interessava, era a história daquele tempo, daquela época. E o que era o Brasil? Que era esse Brasil na época em que ele chega? Esse país que estava começando a ficar moderno... então, pra mim, biografia vale por isso (Dieguez, 2023).

Então, eu acho que uma biografia é uma história de uma vida retratando, não só a vida dessa pessoa, mas a história de um tempo, o tempo que ela viveu [...] a função é essa, é contar a história de um tempo. Por exemplo, a vida do Samuel. Obviamente que a gente quer conhecer as histórias com a Danuza, as brigas com a mulher, mas o que ela está contando, na verdade? Ela está contando um período histórico, um período histórico que foi marcado por golpes de Estado, por guerras, então, se você ler a biografia, você vai entender um tempo, vai entender o século XX (Monteiro, 2023).

É uma oportunidade de você, ao ler uma biografia ou escrever uma, é você mergulhar num tempo [...] Se você está contando a história de uma pessoa, imagina-se que tem algum destaque dentro daquele dos seus contemporâneos. Então, acho que é isso, você lê a biografia pela pessoa, mas também, provavelmente, pra mergulhar no tempo em que essa pessoa estava inserida e nas questões que ela, enfim, discutia (Meireles, 2023).

Nos primeiros quatro capítulos de *A verdade na biografia*, Luiz Viana Filho se preocupa em afirmar o desafio de congregar uma só vida em um suporte impresso. Em pouco mais de setenta páginas, Viana Filho (1945, p. 47) reforça essa dificuldade em outras quatro oportunidades, quando compara as atividades do biógrafo com a de um *paleontólogo*: “Quem acusaria de *invenção* o paleontólogo, que, à vista duma porção de ossos fósseis reconstitue o dinossauro?”; *matemático*: “[...] o biógrafo jamais conseguirá sair do seu trabalho com a satisfação dum matemático, que acaba de resolver uma equação e está seguro da exatidão dos resultados. Para êle restará sempre margem de erro e de dúvida” (Viana Filho, 1945, p. 53); *máquinas de fotografia*: “E é justamente pelo fato de ver *com olhos diferentes* que cada biógrafo, se confrontado com qualquer outro, transmite imagens distintas. Do mesmo modo que

máquinas fotográficas munidas de lentes de refração diversa produzirão da mesma imagem fotografias desiguais” (Viana Filho, 1945, p. 66); *tinta em óleo sobre tela*: “Mas, assim como os melhores retratos não são os que têm mais tinta, ou os que nos mostram todos os poros duma face, também as melhores biografias não serão as que encerrem maior número de documentos e citações” (Viana Filho, 1945, p. 82). Na verdade, complementa: “[...] as que, no conjunto, logrem proporcionar-nos nítida e real impressão sobre a vida e a personalidade de um homem” (Viana Filho, 1945, p. 82).

Ao contrário de Irineu Funes - personagem de um dos contos do escritor argentino Jorge Luís Borges (1982) - que, após ficar aleijado, se recordava exatamente de todos os acontecimentos, capacidade esta que o fazia lembrar de tudo que fosse mais antigo e mais trivial, a grande maioria da população não consegue treinar a memória para reunir tantos detalhes. Biógrafos também não possuem a necessidade urgente de congregar a maior quantidade possível de informações, somente pelo fato de conceber uma biografia. Assim foi com a jornalista Joselia Aguiar (2018, p. 559). Laureada na categoria “Biografia, Documentário e Reportagem” do prêmio Jabuti, em 2019, ela reconheceu a limitação do trabalho enquanto biógrafa: “Concluo sete anos de trabalho com a certeza de que Jorge Amado é uma de área de investigação interminável, que ainda deve ser explorada em muitos campos”. Lira Neto (2012, p. 526), mesmo na tentativa de reunir em uma trilogia o máximo de informações possíveis sobre Getúlio Vargas, reconheceu que havia limitações: “Em se tratando de Getúlio, muitas perguntas permanecem sem resposta. Este livro não se propõe a eliminá-las, esgotá-las ou resolvê-las em definitivo, mas, antes, a oferecer novas contribuições, elementos e possibilidades ao debate”, afirmou no primeiro volume, finalista da categoria “Biografia” no Jabuti de 2013. Lira conquistaria o Jabuti em Biografia no ano seguinte, pela publicação do segundo tomo (*Getúlio: Do Governo Provisório à Ditadura do Estado Novo (1930-1945)*) e, ainda em 2014, receberia o troféu APCA – categoria “Biografia, Autobiografia e Memória” - pelo último livro (*Getúlio: Da volta pela consagração popular ao suicídio (1945-1954)*).

Outro jornalista, Jason Tércio, que recebeu o troféu APCA no segmento “Biografia, Autobiografia e Memória”, também em 2019, discorreu sobre os percalços de sua experiência em investigar o poeta Mário de Andrade. Resumiu a multifacetada personalidade do expoente da Semana de 1922 em um oceano, tamanho era a vastidão de conteúdos que se movimentavam ao redor dele. Disse que, o biógrafo:

[...] reconstrói a vida individual, do nascimento à morte, abarcando as dimensões pública e privada – ou seja, os ângulos profissional, afetivo,

emocional, comportamental e familiar, com base em documentação, análise e discernimento diante das informações. Esse gênero de escrita exige técnica narrativa e metodologia bem específicas, e disposição para gastar sola de sapato. E foi com esse espírito que me dispus a reconstruir a vida completa de Mário de Andrade (Tércio, 2019, p. 12).

Em depoimento ao autor da presente tese, Alicia Klein, biógrafa do ex-piloto de Fórmula 1, o heptacampeão Michael Schumacher, refletiu sobre o desafio de escrever uma vida, seja pela própria experiência, seja pela leitura de outras obras. Janaína Marquesini, na mesma toada, ao buscar conceituar o termo *biografia*, ponderou sobre a empreitada do ofício e o impacto da convivência com a protagonista, mesmo ela já falecida:

Cara, eu acho que uma biografia é uma responsabilidade com a verdade de outra pessoa. E ela é, por isso, muito complexa. [...] A história de uma pessoa é sempre contada dentro de um ponto de vista e o biógrafo tem essa responsabilidade, ainda que a isenção e a imparcialidade sejam impossíveis, de achar um ponto de vista que seja justo com a história daquela pessoa. [...] Então, eu acho, talvez, um dos trabalhos jornalísticos de maior responsabilidade. Porque o que a gente faz no Jornalismo diário, ele morre muito rápido. O print é eterno, as informações estão lá para sempre. Mas ele esfria muito rápido. O livro não. Ele é um trabalho para o futuro, ele permanece, ele perdura muito mais tempo. Então, eu acho que é essa responsabilidade de você entender, a partir do seu ponto de vista, as nuances da história de uma pessoa, são incríveis e por isso eu gosto muito (Klein, 2023).

Mas para o biógrafo, eu acho que [biografia] é a gente parar de viver a nossa vida pra viver a vida do personagem. Porque você não consegue mais pensar, tudo que você faz, sem pensar, sem imaginar o que o personagem pensaria naquela mesma situação, sabe? Você fica tão próximo da personagem, eu fiquei tão próxima da Clementina por seis anos que, tudo que eu fazia, eu tentava incluir ela, sabe? O tempo inteiro, eu tentava sentir igual ela sentia, é lógico que nunca, nunca, nunca, nunca vou conseguir. Impossível ter esse nível de empatia, ainda mais por causa das realidades totalmente opostas e pelas histórias de vida, pelas condições, por eu ser uma mulher branca e ela ser uma mulher preta. Enfim, e todo o abismo que nos coloca em lugares diferentes. Mas você vive a vida do personagem o tempo inteiro, você vai se condicionando a tentar pensar como ele, a tentar ver como ele, a tentar sentir o que aconteceu naquele momento. E quando você faz isso todos os dias por muito tempo, vira uma coisa automática na cabeça, é uma loucura, sabe? Você vive o personagem, sente o personagem, ele vira um fantasma do seu lado, sabe? O tempo inteiro (Marquesini, 2023).

Hohlfeldt (2015, p. 45) compara o trabalho do biógrafo a uma tarefa de arqueólogo: “Você tem de escavar os materiais que sobraram”. O manuseio de documentos em meio a bibliotecas e arquivos tal qual uma colher e um pincel dentro de um sítio arqueológico denotam

a paciência no cuidado das possíveis descobertas. São vestígios que indicam referências, artefatos que podem representar uma recordação, rastros de um passado que ainda não acabou.

Segundo o dicionário Michaelis (2002, p. 329), a palavra *biografia* significa “[d]escrição da vida de uma pessoa”. O Aurélio (2004) possui definição semelhante e acrescenta: “Livro que constitui uma biografia” (Ferreira, 2004, p. 298). Já Houaiss e Villar (2001) trazem uma versão mais completa, com múltiplos significados:

1 narração oral, escrita ou visual dos fatos particulares das várias fases da vida de uma pessoa ou personagem **2** o suporte físico (livro, filme, texto teatral, disco óptico etc.) onde se insere uma biografia **3** a história da vida de alguém **4** compilação de biografias de homens célebres **5** gênero literário cujo objeto é o relato da aventura biográfica de uma pessoa ou de um personagem **6** ciência relativa a essa espécie de descrição (Houaiss; Villar, 2001, p. 456).

Para esta tese se utilizará a definição de biografia cunhada por Lima (2009, p. 425), em que ela é uma narrativa de longo percurso, “[...] cuja missão é contar toda a vida de uma pessoa, viva ou morta”. Porém, as lembranças da totalidade de qualquer vida se torna uma utopia, quando se pensa que nenhuma vida seria capaz de caber em um só livro, independente das páginas ou volumes. Além do mais, não existe uma história definitiva, única ou verdadeira. Pierre Bourdieu, em 1986, se pôs a duvidar de uma biografia real que resgatasse determinado passado de maneira original: “Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como o relato coerente de uma seqüência de acontecimentos com significado e direção, talvez seja conformar-se com uma ilusão retórica, uma representação comum da existência” (Bourdieu, 2001, p. 185). Essa ilusão a que o sociólogo francês refere tem relação com a interferência de fatores contextuais:

Tentar compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um *sujeito* cuja constância certamente não é senão aquela de um nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações (Bourdieu, 2001, p. 189-190).

O jornalista e pesquisador Mozahir Salomão Bruck se utiliza da teoria de Bourdieu para elaborar a tese *A denúncia da ilusão biográfica e a crença na reposição do real: O literário e o biográfico em Mário Cláudio e Ruy Castro*, defendida em 2008, na PUC-MG, e que se transformaria em livro um ano depois, intitulado *Biografias e literatura: Entre a ilusão biográfica e a crença na reposição do real*. Nele, Bruck (2009, p. 55) reflete a respeito de uma

possível armadilha no jogo biográfico. Se o objetivo da biografia é recuperar a trajetória de alguém pela narrativa, o que se normalmente percebe nos volumes “[...] é enterrar definitivamente a pessoa – indivíduo – e consagrar o mito, na medida em que uma imagem-síntese do biografado, *a priori*, parece orientar e *enquadrar* o trabalho de coleta, seleção e construção da narrativa biográfica”.

O historiador francês Didier Musiedlak caminha no mesmo sentido de análise. O foco da arte biográfica deve permanecer sendo a desconstrução do personagem fabricado para a posteridade. Adriana Negreiros, por exemplo, alimentava uma curiosidade pela cangaceira Maria Bonita, musa do bandoleiro Lampião, fato que precisou ser reavaliado para que a Maria Gomes de Oliveira, a Maria de Déa, precisasse vir à tona: “Desmitificar é a condição necessária para retomar o vivido do personagem e restituir a maneira pela qual esse imaginário foi construído, a partir de uma situação singular” (Musiedlak, 2007, p. 107). O diálogo entre a vida pública e a vida privada da personagem principal permanece sendo o entrave eterno do biógrafo. Ao invés de compor o quebra-cabeças a partir das pistas deixadas nas mãos de terceiros, o jornalista biógrafo necessita mergulhar na figura mítica para que o verdadeiro DNA possa ser emergido. Caso contrário, “[...] o biógrafo corre o risco de ser absorvido até o ponto de cair na caricatura da mudança de identidade, caso em que o biógrafo torna-se vítima do biografado” (Musiedlak, 2007, p. 108).

Todavia, a biografia é válida por reparar histórias perdidas e contribuir na construção de uma memória nacional, ainda muito tímida no Brasil. Ao desconstruir a figura mítica de Maria Bonita, a jornalista Adriana Negreiros precisou, primeiro, desmanchar a versão justiceira e romântica que ainda persistia em povoar o imaginário brasileiro. Essa tarefa, para ela, foi uma das atividades mais fascinantes:

O mais interessante da biografia é que você mira no indivíduo e, por meio desse indivíduo, você conta a história de uma época. Acho que é isso que a biografia tem de mais fascinante. Acho fascinante também no sentido de que ela desmonta muitos mitos sobre a desimportância da personalidade. A gente viveu tempos em que se defendeu uma ciência quase higiênica, em que o indivíduo, o sujeito, não aparecia, de que o importante eram as grandes estruturas e eu acredito que a biografia vai na contramão dessa crença, de valorizar a experiência individual, o papel que essa experiência individual tem para contar uma história coletiva (Negreiros, 2023).

Semelhante atitude aconteceu com Mario Magalhães, jornalista autor de *Marighella: O guerrilheiro que incendiou o mundo*. Ao longo do percurso de apuração, o biógrafo percebeu ausência de anotações do biografado. De acordo com Magalhães (2012, p. 583), “[...] certa

historiografia oficial se empenhou em eliminar da memória do país os rastros de Carlos Marighella. Por outro, ele tratou de não deixar pegadas em mais de duas décadas de clandestinidade rigorosa”. Daniela Arbex e Luana Costa possuem uma visão muito próxima, de que a história de um indivíduo pode servir de estalo para a necessidade do entendimento de uma história mais global. Alberto Dines (1981, p. 19) que o diga: “Biografia de um só personagem, sem elenco, é tão artificial como a vida *in vitro*, laboratorial”. Por conseguir ter um foco mais amplo, sem se limitar ao passado de um único indivíduo, a biografia encarna uma função de aprendizado memorialístico. E lições de vida independem de ser conhecido ou anônimo, como lembra Cristiane Correa:

Eu acho que a função de uma biografia é eternizar a história de alguém, mas eu acho que, mais do que eternizar a história de alguém, no nosso caso, é eternizar a história de um país também. Porque, quando, na verdade, eu acho que um dos méritos, não sei se é essa a palavra, um dos méritos da biografia da Dona Isabel, é que junto com a história dela eu vou contando a história do Brasil, entendeu? Qual era o momento histórico que a gente estava vivendo, isso é muito legal porque as pessoas que vão se interessar pela história daquela personagem tem a chance de conhecer, ter um novo olhar sobre o Brasil. Então, eu acho que é isso, eu não acho que é só uma homenagem, eu acho que é um registro histórico de alguém que fez a diferença (Arbex, 2023).

[Biografia] é uma forma de, por meio da história de uma vida, a gente contar a história de uma sociedade inteira, entendeu? De uma comunidade inteira. E aqui no Brasil, especialmente. Por que, quem são os nossos artistas ou pessoas que se consagraram em algum meio? São pessoas que, em sua maioria, vieram de realidades muito pobres. Muito baseado em muita exploração, sabe? Então, os nossos grandes artistas, se a gente for ver, tirando a galerinha da Bossa Nova ou gente que tinha mais dinheiro, são pessoas que vieram das periferias, dos subúrbios, enfim, são pessoas que chegaram ali num índice de exploração muito grande, então, contar essas histórias dessas pessoas, de Cartola, por exemplo, que é tão genial quanto Vinícius de Moraes, mas faltou oportunidade pra ele, como o Vinícius teve, é também uma forma da gente contar a história da nossa sociedade, sabe? Da formação da nossa sociedade. Então, biografia, pra mim, tem essa função social bem importante no nosso país (Costa, 2023).

Quando é uma biografia mais de negócios, as pessoas querem saber como esse cara construiu aquilo, se é uma biografia tipo aquelas que o Ruy Castro faz, aquilo te transporta para um outro mundo. Algumas biografias te fazem entender melhor o país, elas são tão contextualizadas que você consegue entender melhor. Então, talvez, eu acho que a biografia é pra você conhecer pessoas que são interessantes, mas pessoas que são interessantes, não são necessariamente pessoas famosas ou bilionárias. Então, acho que biografia é pra quem teve vida interessante (Correa, 2023).

Já para o jornalista Sergio Vilas-Boas (2002, p. 136-137), biografia é “[...] o recorte de uma vida, não *a* vida. Dito de outro modo: ela é um arranjo de vidas a partir de fatos que levam à interpretação de *uma* vida”. Ou seja, é uma visão interpretativa do autor que se propõe a investigar o passado de alguém. Este olhar parcial pode ser lido no fim do epílogo da nova edição de *Furacão Elis*, a versão comemorativa aos 30 anos da publicação original. Nele, a jornalista Regina Echeverria (2012, p. 171), conta “[...] a história de Elis Regina Carvalho Costa que eu conheci. Por favor, me contem outras”.

Monica Martinez (2008) se aproxima da mitologia – em especial, a jornada do herói de Campbell - para formular uma estrutura de histórias de vida. A hipótese da autora é de que esses modelos, “[...] adaptados ao universo da comunicação social, sejam um caminho possível que sirva para nortear a produção de relatos envolventes, que dêem satisfação tanto aos autores da narrativa, pela qualidade obtida com o trabalho, quanto aos leitores, pela amplitude e fruição do texto” (Martinez, 2008, p. 32).

Em consonância à impossibilidade de congregar um livro que totalize a vida completa de um indivíduo, o jornalista e pesquisador Felipe Pena apresentou o conceito de *biografia em fractais* na tese *Adolpho Bloch: Uma biografia em fractais e outras estórias*, ao Programa de Pós-Graduação em Letras da PUC-Rio, em 2002. Dois anos depois, o assunto foi aprofundado na obra *Teoria da biografia sem fim*. Baseado no termo latim *fractal*, que significa *irregular*, Pena (2004) sugere reescrever determinada vida a partir de capítulos nominais, temáticos: “A elaboração de uma biografia em fractais não só confirma a opção pela complexidade como tenta refletir a multiplicidade de identidades do biografado” (Pena, 2004, p. 84). Como resultado de sua ideia, o pesquisador reescreveu a história do empresário Adolpho Bloch, dono das extintas revista *Manchete* e TV *Manchete*: “Os capítulos sobre a vida de Bloch foram escritos fora de ordem cronológica e referem-se a características centrais do indivíduo [...] Dessa forma, um capítulo conta estórias sobre o judeu, outro sobre o empresário, outro sobre o editor, e assim por diante” (Pena, 2004, p. 84).

A docente Marialva Barbosa contribui com o debate ao inserir a expressão *biografias improváveis*, em texto publicado na *Revista Brasileira de História da Mídia*. Nela, Barbosa (2021) reflete sobre o poder do biográfico, em especial, quando ele confere credibilidade a outrem, a partir do nome próprio, da delimitação do sujeito enquanto ser atuante na sociedade. No caso de pessoas escravizadas, quando a invisibilidade é uma constante, o objetivo é lançar olhares a “[...] essas vidas passadas à procura de vozes audíveis, situadas, ainda hoje, como vozes emudecidas” (Barbosa, 2021, p. 30). Segundo a pesquisadora, a nomenclatura de *improváveis* remete “[...] a ancoragem numa real suposição do realizado no passado confere

fidelidade possível às vidas que não deixaram suas próprias falas na situação de audíveis” (Barbosa, 2021, p. 33), com a preocupação máxima em restaurar a vida daqueles que viveram, mas não existiram. Em outras palavras, a intenção principal de Barbosa (2021, p. 34) é “[...] inserir vidas no espaço biográfico, transformando-as de perdidas em reconhecidas”.

Em 2006, Vilas-Boas expunha uma interpretação para os textos de gênero biográfico. A tese *Metabiografia e seis tópicos para aperfeiçoamento do Jornalismo biográfico*, elaborada por ele, no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo (USP) – e atualizada dois anos depois, no livro *Biografismo: Reflexões sobre as escritas de vida*²³ - considera a *Descendência, Fatalismo, Extraordinariedade, Verdade, Transparência e Tempo* como limitações filosóficas dos biógrafos. São questões inerentes ao processo do biografar, que influenciam os autores na escrita, como uma espécie de norma. Ao tentar decifrar a relação tênue do biógrafo com o biografado, Vilas-Boas (2008, p. 34) aceita que “[...] as relações motivacionais entre a vida do biografado e suas obras (as realizações inerentes a qualquer vida) se imbricam também nas relações motivacionais do biógrafo-autor, porque pesquisar é também um ato autobiográfico”. Jornalista multipremiado com a obra *Marighella* - categoria “Biografia” do troféu APCA (2012), segmento “Biografia” do Jabuti (2013), *Hours concours* do prêmio Direitos Humanos de Jornalismo, categoria “Literatura brasileira” do prêmio Casa de las Américas (2014) – Mario Magalhães revela o motivo de interessar por um guerrilheiro fuzilado em novembro de 1969: “Eu desejava contar uma vida fascinante, sem as amarras de tempo e espaço, características das emergências de uma redação de jornal; para um repórter, poucos desafios equivalem a descobrir e narrar a epopeia de quem quase sempre se viu obrigado a pelejar nas sombras” (Magalhães, 2012, p. 584).

Por sua vez, o jornalista e pesquisador Igor Sacramento, na tese *Nos tempos de Dias Gomes: A trajetória de um intelectual comunista nas tramas comunicacionais*, defendida em 2012, no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), propôs o conceito-método de *biografia comunicacional*. Segundo Sacramento (2014, p. 154), ao invés da narrativa biográfica focalizar as ações e o legado da personagem central, “[...] o enfoque recai sobre as práticas e as mediações socioculturais envolvidas nos processos de produção, circulação e consumo de textos que, ao se associarem a um indivíduo,

²³ Com o intuito de provar sua hipótese, Vilas-Boas (2008) apresenta recortes das obras *JK: O artista do impossível*, de Claudio Bojunga; *O anjo pornográfico: A vida de Nelson Rodrigues e Estrela solitária: Um brasileiro chamado Garrincha*, ambos de Ruy Castro; *Chatô: O rei do Brasil*, de Fernando Moraes; *Mauá: Empresário do Império*, de Jorge Caldeira; *Morte no paraíso: A tragédia de Stefan Zweig*, de Alberto Dines e *Fidel Castro: Uma biografia consentida*, de Cláudia Furiati.

constituem a vida à qual relacionar e por que eles existem”²⁴. No trabalho, o pesquisador se debruçou nos textos relacionados ao dramaturgo Dias Gomes, autor da peça *O pagador de promessas* e das novelas *O bem-amado* e *Roque Santeiro*, entre outras, transmitidas pela TV Globo. Nesse modelo teórico, formulado por Sacramento (2014, p. 158-159),

[...] o estudo da trajetória individual concentra-se na mobilidade das práticas sociais e discursivas nas quais o sujeito biografado esteve envolvido nos diferentes momentos de uma vida. Assim, tanto os posicionamentos quanto as imagens públicas do biografado no tecido social constituem processos de comunicação que precisam ser historicizados. [sic] é possível escrever a trajetória de um artista, por exemplo, além da análise textual de suas obras, mas enfatizando a comunicação: as práticas socioculturais específicas de produção, circulação e reconhecimento dos significados propostos em determinados enunciados²⁵.

Como percebido, os estudos jornalísticos sobre o gênero rendem na universidade brasileira. A título de curiosidade, a biografia também é utilizada como ferramenta para fins mais específicos, seja para educação de leitores, como para a compreensão de sujeitos ou períodos. O jornalista e pesquisador Fabiano Ormanzeze apresentou a dissertação *A biografia como divulgação científica: Uma análise de discurso da coleção "Grandes Cientistas Brasileiros"*, em 2003. Como metodologia, Ormanzeze se baseou na análise do discurso para analisar 24 biografias distribuídas em 12 fascículos, encartados pela revista *Caros Amigos* e publicadas entre dezembro de 2009 e novembro de 2010. Em todas as edições, visualizou-se que a memória dos biografados foi valorizada como identificação ao público leitor e estratégia para educação científica (Ormanzeze, 2003).

Apoiada na dicotomia entre memória e esquecimento, Bruna Raquel de Oliveira e Santos defendeu, no mestrado, o trabalho *Limites e possibilidades da biografia: Um estudo acerca dos relatos biográficos sobre o cantor Wilson Simonal*. Nele, Santos (2014) realizou uma análise comparativa de duas obras biográficas sobre o compositor e cantor: *Nem vem que não tem: a vida e o veneno de Wilson Simonal*, de Ricardo Alexandre (2009); e *Quem não tem swing morre com a boca cheia de formiga: Wilson Simonal e os limites de uma memória*

²⁴ Versão original: “[...] the focus is on the practices and the sociocultural mediations involved in processes of production, circulation and consumption of texts, which, by associating to an individual, constitute the life to which they relate and why they exist”.

²⁵ Versão original: “[...] the study of individual trajectory concentrates on mobility of social and discursive practices in which the biographed subject was involved in the different moments of a lifetime. Thus, both the placements and the public images of the biographed in the social fabric constitute communication processes that need to be historicized. Therefore, it is possible to write the trajectory of an artist, for example, in addition to the textual analysis of his or her works, but emphasizing communication: the specific socio-cultural practices of production, circulation and recognition of the proposed meanings on certain utterances”.

tropical, de Gustavo Alonso (2011), a fim de observar a tensão entre as reminiscências. Para fins de um melhor entendimento da história do Jornalismo brasileiro, o jornalista e pesquisador Felipe Adam concluiu, na dissertação *A história do Jornalismo brasileiro através das biografias de profissionais da imprensa publicadas pelas editoras universitárias (1998-2018)*, que as biografias tendem a apresentar três características essenciais, fato que auxilia na compreensão do gênero: ambiente jornalístico, espaços de pertencimento e legado do biografado (Adam, 2020).

Como aproximação de campos de estudos, destacam-se a tese de Mariana Ramalho Procópio-Xavier, intitulada *A configuração discursiva das biografias a partir de algumas balizas da História e do Jornalismo*. Um dos objetivos da investigação da jornalista e pesquisadora foi perceber a construção biográfica nas duas áreas, apoiada pelos movimentos da Nova História e do Jornalismo Literário (Procópio-Xavier, 2012). Pelo viés de alinhamento com a literatura, cita-se a dissertação do professor Rodrigo Barz, *Jornalismo e literatura: As complexificações narrativas jornalísticas de cunho biográfico*. Nela, Barz (2014) identifica elementos que possam auxiliar na classificação da biografia como jornalística.

Por sua vez, ao buscar compreender o fenômeno da biografia pelo âmbito jornalístico, a jornalista e pesquisadora Karine Moura Vieira entrevistou cinco jornalistas-biógrafos - Alberto Dines, Lira Neto, Mario Magalhães, Regina Zappa e Ruy Castro – com o intuito de discutir as rotinas de produção. Nesses bastidores da escrita biográfica, devidamente registrados em *Do fazer um saber - A construção do biografar: O discurso de autoria sobre a prática jornalística na produção de biografias por jornalistas brasileiros*, Vieira (2015, p. 50) conclui que a biografia, “[...] mais do que o desejo de contar a história do outro, (tentar) conhecê-lo e compreendê-lo, é também um exercício de alteridade, uma relação dialógica entre os sujeitos, o biógrafo e o biografado”. E complementa: “É uma construção de conhecimento sobre um outro que contribui para o desenvolvimento de uma episteme biográfica (conhecimento) e de um espaço biográfico (experiência) a partir da processualidade deste fazer” (Vieira, 2015, p. 50).

Pelo relato das jornalistas biógrafas, pode-se ter uma ideia das funções básicas do gênero biográfico. Apresentar a vida de um protagonista, com virtudes e defeitos, aproximar aquela personagem do ser humano, para que a obra sirva ao leitor como *aprendizado*; junto com a vida dessa personalidade, há também a *reconstrução de uma época*, com caracterizações do período. Ainda foi lembrada a importância da biografia como uma ferramenta de *desconstrução de mitos*. Em suma, a biografia - aqui pensada enquanto obra jornalística - escrita sobre alguém

anônimo ou conhecido pode assumir um viés educativo, um instrumento de valorização do passado.

O presente capítulo apresentou as narrativas biográficas a partir de estudos das áreas da História e do Jornalismo. No campo historiográfico, apoiado também pelas contextualizações mitológicas, a intenção foi retratar a evolução das histórias de vida, desde a preocupação em registrar os feitos dos grandes homens até o surgimento de um interesse pelas camadas populares, silenciadas e - por consequência - esquecidas da sociedade. No Jornalismo, os estudos a respeito do gênero biográfico ainda são esparsos, se comparado à História. Tanto em dissertações e teses, quanto em textos publicados em anais de eventos científicos, a contribuição tem sido moderada. Entretanto, a qualidade das investigações impressiona pela contribuição dos autores à temática e, também, à própria história do Jornalismo brasileiro. A seguir, no capítulo três desta tese, a intenção é resgatar o histórico do mercado editorial brasileiro e inserir nessa retrospectiva o surgimento das publicações de livros-reportagem (Lima, 2009; Maciel, 2018), bem como das biografias escritas por jornalistas.

3 Uma cultura para consumo: Evolução do mercado editorial e a massificação do gênero biográfico no Brasil

O livro foi a primeira máquina de ensinar e também a primeira utilidade produzida em massa. Amplificando e estendendo a palavra escrita, a tipografia revelou e amplificou tremendamente a estrutura da escrita (McLuhan, 2011, p. 199).

Embora o presente capítulo tenha como foco a evolução do mercado editorial brasileiro, em especial, a produção de obras biográficas escritas por jornalistas, julga-se necessário uma reflexão sobre a história da escrita, da leitura e do livro. Para tanto, além das contribuições dos historiadores Asa Briggs, Peter Burke e Roger Chartier, a investigação também buscará suporte, por meio de breves menções, nos trabalhos de Marshall McLuhan (1972) e Michel de Certeau (1998). Para os relatos sobre a história editorial brasileira, este capítulo recorreu, essencialmente, a *O livro no Brasil: Sua história*, de Laurence Hallewell (2017) e aos capítulos de *Impresso no Brasil: Dois séculos de livros brasileiros*, organizado por Aníbal Bragança e Márcia Abreu (2010).

O ato de contar histórias perpassa os séculos. Não é simples coincidência que o deus Hermes, segundo a mitologia grega, ou Mercúrio, para os romanos, congregue em um só corpo a simbologia dos transportes, do comércio e da comunicação: “Sem dúvida constitui uma tradição o fluxo de informações seguir o fluxo do comércio, pois os mercadores operando por mar ou terra traziam novidades juntamente com a mercadoria” (Briggs; Burke, 2006, p. 31). A narrativa oral, na Antiguidade Ocidental, era munida de sedução em que ritmos e gestos se congregavam em harmonia (Vernant, 1992). Os gregos, por exemplo, sabiam que a comunicação era fundamental para a constituição de uma sociedade e valorizavam a retórica com o intuito de fixar a atenção da plateia: “Se o verbo é orientado em direção ao prazer é porque ele age sobre o ouvinte à maneira de uma encantação” (Vernant, 1992, p. 174). Todavia, enquanto a magia da palavra falada se encerra no discurso, a utilidade da escrita se caracteriza pela durabilidade da argumentação: “Escrever um texto é depositar sua mensagem, *es meson*, no centro da comunidade, isto é, colocá-la abertamente à disposição do conjunto do grupo” (Vernant, 1992, p. 175).

Na introdução de *História da leitura no mundo ocidental*, Guglielmo Cavallo e Roger Chartier (1998) esclarecem que as bibliotecas helenísticas gregas não funcionavam explicitamente como espaço de leitura; sinalizavam mais a grandeza das dinastias – ilustrado pela Biblioteca de Alexandria, um lugar tanto universal, por congregar utopicamente todos as

obras conhecidas à época, quanto racional, por tentar classificar o grande volume de livros ali reunidos. Inspirada na biblioteca particular de Aristóteles, a Biblioteca de Alexandria abarcava coleções privadas e públicas, num sincretismo entre livraria e biblioteca, conforme elucida Jorge Carrión (2018, p. 47): “A biblioteca é sólida, monumental, está ligada ao poder [...]. A livraria, por outro lado, é líquida, temporária, dura o espaço de sua capacidade de manter com mudanças mínimas uma ideia no tempo. A biblioteca é estabilidade. A livraria distribui, a biblioteca conserva”.

O uso da escrita, durante a Roma antiga, funcionou como controle social, restrita aos grupos nobres e sacerdotais (Cavallo, 1998). Já despontava também uma leitura domiciliar, mais solitária, motivada pela formação de bibliotecas privadas, locais estes que surgiram como resultado das conquistas do exército romano. As bibliotecas públicas, por sua vez, floresceram com o intuito de conservar documentos civis e literários. Tais espaços, segundo Cavallo (1998, p. 77), eram acessados “[...] por leitores que procuravam obras antigas ou raras, para fazer certas comparações, para ler rapidamente algum trecho ou ainda como local de encontro, espaço urbano de *convivência*. Tratava-se, em suma, de bibliotecas eruditas”. Será no período imperial que aparecerá um novo formato de livro confeccionado: ao invés do rolo, surgia o *códex* (códice):

De confecção mais fácil, o códice abreviava o tempo, permitindo uma mais vasta circulação do livro. No que diz respeito à quantidade de texto, a economia de material era enorme, visto que se escrevia nos dois lados do papel e não apenas em um, de forma que o custo de um códice resultava muito menos elevado do que o de um *volumen*. Por sua própria forma, o códice permitia ao leitor ficar com uma mão livre (Cavallo, 1998, p. 90).

No Oriente, outro império dominava vastos espaços geográficos. Em meio a mistérios e dúvidas, as peregrinações do italiano Marco Polo pelo império mongol funcionaram como valiosos relatos de viagem (Hohlfeldt, 2002). Acredita-se que, desde 221 a.C., os chineses já imprimiam textos e gravuras. Com a bússola e a pólvora, os povos poderiam se aventurar em viagens e a se defender com munição. Segundo Carrión (2018, p. 119), foi no século II d.C. que o papel seria inventado na China, formado à base de uma “[...] pasta com trapos, cânhamo, casca de árvores e redes de pesca. Menos nobre do que o bambu e a seda, o papel levou séculos para se impor como o melhor suporte da palavra escrita e apenas no século VI é que deixou as fronteiras chinesas e no século XII chegou à Europa”.

Ao invés da oralidade e dos primeiros registros que marcaram os povos greco-romanos, o período medieval será caracterizado por uma leitura silenciosa e, por isso, as bibliotecas

tornar-se-ão um espaço cativo. A escrita se transforma numa ferramenta nevrálgica, na consolidação das tradições da Igreja Católica. O clero controlava a leitura nos palácios e castelos; os mosteiros funcionavam como redutos da informação: “Quanto mais a palavra escrita era percebida como o suporte de transmissão das autoridades do passado [...], menos ela era entendida como um simples arquivo da palavra falada” (Parkes, 1998, p. 106). Mesmo na fase da Baixa Idade Média (séculos XI ao XV), com o surgimento das universidades, os religiosos – com destaque para a ordem dos dominicanos, de onde provinha Tomás de Aquino, que seria canonizado em 1323 - ainda compunham o maior grupo de letrados (Burke, 2003):

Não se poderia superestimar a relação fundamental do Ocidente com aquela que foi durante muitos séculos a Escritura por excelência, a Bíblia. [...] O texto sagrado é uma voz, ensina (primeiro sentido de *documentum*), é a chegada de um *querer dizer* do Deus que espera do leitor (de fato, o ouvinte) um *querer-ouvir* do qual depende o acesso à verdade (De Certeau, 1998, p. 228).

Ainda no espectro do período medieval, Chartier (2014, p. 58) realiza uma revisão genealógica da história do livro a partir dos termos lexicais. Ele ensina que, entre os séculos XIV e no começo do XV, algumas palavras foram alteradas de sentido, como “[...] o *auctor*, aquele que dá existência e que tem o peso da autoridade, e o *actor*, aquele que, na língua medieval clássica, é o contemporâneo, o compilador, o glosador”. O termo *escritor*, além de significar aquele que copia, também incorpora o sentido de daquele que compõe (Chartier, 2014).

Se um dos problemas na Idade Média foi a escassez de livros, a partir do século XVI, o desafio era administrar a enorme quantidade de volumes produzidos na fase moderna (Briggs; Burke, 2006). Um dos pilares da estrutura dominante da Igreja Católica Apostólica Romana era o tribunal da Inquisição¹, que regia a lista dos livros proibidos. As obras consideradas subversivas, pelos clérigos, eram taxadas pelo Índice, um catálogo “[...] de livros impressos que os fiéis estavam proibidos de ler. [...] O Índice-modelo editado em 1564, começava com uma série de regras gerais proibindo três tipos principais de livros: os heréticos, os imorais e os mágicos” (Briggs; Burke, 2006, p. 56). Segundo a Inquisição, caso algum livro fosse acessado pelos católicos sem autorização, a punição para os curiosos era inevitável: a fogueira.

O período entre os séculos XV e XVIII foi caracterizado por dois fatos históricos: a invenção da imprensa, por Johannes Gutenberg, por volta de 1450, e a publicação da

¹ Tribunal instituído pela Igreja Católica Apostólica Romana, com o intuito de julgar e punir os praticantes de heresias – isto é, as pessoas que agiam contra a fé católica – entre os séculos XIII e XIX.

Encyclopédie, por volta de 1750 (Burke, 2003; Hohlfeldt, 2007). Na obra *A galáxia de Gutenberg: A formação do homem tipográfico*, Marshall McLuhan (1972, p. 176) admitiu que o surgimento da escrita se tornou um divisor social: “A invenção da tipografia confirmou e estendeu a nova tendência visual do conhecimento aplicado, dando origem ao primeiro bem de comércio uniformemente reproduzível, à primeira linha de montagem e à primeira produção em série”. A contribuição dos tipos móveis fez mecanizar a arte exclusiva, até então, dos escribas e copistas, fazendo surgir novos ofícios relacionados à produção tipográfica tais como o oficial impressor, o mestre impressor, o mercador livreiro, além de cogitar o aparecimento de autores e de público para os materiais impressos (Febvre; Martin, 2000). McLuhan (1972, p. 185-186) alerta que, “[...] mesmo que a alfabetização fosse universal, um Autor, sob as condições da cultura manuscrita, ainda assim não teria público. [...] O que precisamos ter em mente é que o livro manuscrito é de leitura vagarosa e de movimentação e circulação lentas”.

Ao conceituar que os meios de comunicação funcionam como extensões do homem, McLuhan (2011) dá a entender que o surgimento da escrita – “[e]ncarada simplesmente como um armazenamento da informação, ou como um meio de rápida recuperação do conhecimento” (McLuhan, 2011, p. 195) - resultou em desdobramentos psíquicos e sociais. De Certeau (1998, p. 271) converge com essa sensação, ao admitir que a leitura, há 300 anos, “[...] não é mais acompanhada, como antigamente, pelo ruído de uma articulação vocal nem pelo movimento de uma mastigação muscular. Ler sem pronunciar em voz alta ou a meia-voz é uma experiência moderna, desconhecida durante milênios”.

Para McLuhan (2011, p.195, grifo nosso), a tipografia intensificou a experiência visual e auxiliou na alfabetização, bem como no surgimento dos mercados de massa: “Nos primeiros dois séculos [1450-1650], a impressão por tipos móveis foi muito mais motivada pelo desejo de ver os livros antigos e medievais do que pela necessidade de ler e escrever livros novos. Até 1700, mais de 50 por cento de todos os livros impressos eram clássicos ou medievais”. Ao popularizar as obras da Antiguidade e da Idade Média, a prensa de Gutenberg redistribuiu minimamente o acesso à informação: “Tais textos, agora impressos, estavam espalhados e dispersos, sendo inacessíveis e difíceis para o manuseio e leitura. Com a impressão, eles se fizeram livros portáteis de propriedade individual e de fácil leitura” (McLuhan, 1972, p. 199).

A novidade não agradaria a todos; logo, a Igreja Católica percebeu que a democratização da informação seria uma ameaça ao controle religioso. Somente pelo fato do público da base da pirâmide social possuir os impressos em mãos já causava alvoroço no clero. Não que as pessoas fossem estudar o conteúdo das obras com afinco, pois pouquíssimas delas sequer

dominavam a fonética das letras, mas isso já sinalizava uma tímida liberdade da burguesia diante da dependência da exclusiva interpretação dos textos sacros pelos sacerdotes (Briggs; Burke, 2006). A tecnologia da palavra impressa favoreceu, num primeiro momento, a homogeneização do discurso. Por meio da invenção de Gutenberg, a escrita e a linguagem seriam renovadas – fato que fez o continente europeu progredir na transmissão do conhecimento (McLuhan, 1972). O sistema de impressão criou a classificação de preços, auxiliou na alfabetização e transformou o diálogo entre as pessoas. Para manusear o novo equipamento, artesãos letrados assumiram as funções tipográficas bem como, por consequência, expandiram-se livreiros e bibliotecários (Briggs; Burke, 2006). Porém, Elizabeth Eisenstein (1998) esclarece que as leituras silenciosas não derivaram exclusivamente da tipografia – o hábito já era conhecido na época dos escribas medievais. Por isso, a autora alerta que:

[...] precisaremos ter o cuidado de não pressupor, como o fizeram McLuhan e outros autores, que a disseminação dos hábitos de leitura silenciosa levou inevitavelmente à redução do uso da palavra falada. Apesar do êxito crescente da indústria de livros de texto, o fato é que as palestras em aula jamais feneceram. Os sermões e orações impressos não afastaram os pregadores de seus púlpitos, nem os oradores de suas tribunas. Ao contrário, tanto os sacerdotes como os tribunos foram beneficiados pelo modo como seu carisma pessoal pôde ser aumentado e engrandecido pela palavra impressa (Eisenstein, 1998, p. 110).

Em meio a nobres e artesãos, a procura por cartas e registros, relatos de viagens ou demais documentações tornaram grandes cidades da Europa moderna como redutos centrais do comércio de mapas e livros (Briggs; Burke, 2006). Com a soma de quase 500 instituições impressoras, a cidade de Veneza - conhecida pelas gôndolas que navegam pelas vielas aquáticas – foi a primeira a despontar, ainda no século XVI, como o cerne do comércio editorial (Burke, 2003). E não só pela quantidade de impressores, mas também pela sua posição estratégica entre o Ocidente e o Oriente, o que fazia com que os homens das penas fossem atraídos para o norte da Itália: “Livros impressos não eram simples mercadorias. Eram tanto presenteados como vendidos, e esses presentes, como as dedicatórias dos autores a seus patrocinadores, ajudavam a manter as relações sociais” (Burke, 2003, p. 148).

Essas relações sociais – associadas à rapidez da multiplicação dos panfletos, graças à invenção de Gutenberg - ajudaram o frade alemão Martinho Lutero a propagar as ideias contra as práticas católicas da indulgência, que culminaram na Reforma Protestante de 1517 (Gilmont, 1999). A defesa de Lutero em expandir a instituição da Igreja à toda a comunidade paupérrima que vivia nos arredores dos palácios e castelos fez com que o Vaticano se colocasse em alerta.

Além das críticas mercadológicas, Lutero se propôs a traduzir a Bíblia do latim para o alemão. Com essa atitude, os textos na língua vernácula poderiam ser acessados além das fronteiras alemãs: “O fenômeno editorial que se desenvolve em torno da Bíblia é mais impressionante. As reedições sucedem-se em um ritmo rápido. A Bíblia alemã de Lutero chega a mais de 400 reedições totais ou parciais antes de sua morte em 1546” (Gilmont, 1999, p. 49-50). Contudo, o fato é que, embora a burguesia se mostrasse interessada em participar das decisões populares, a grande maioria da população não dispunha de recursos para adquirir os livros – nem mesmo, lê-los. É muito provável que, nas regiões onde o movimento de Lutero se expandiu, os textos eram mais lidos em público do que em domicílios (Briggs; Burke, 2006).

Soma-se a isso, em especial, o pouco acesso da mulher à leitura. Caso ela não fosse nascida em berço reluzente, a alfabetização estava fadada a um fracasso geral. Um estudo organizado pela historiadora estadunidense Natalie Zemon Davis, intitulado *Culturas do povo: Sociedade e cultura no início da França moderna*, mostrou que apenas 28% das mulheres urbanas, entre 1560 e 1570, sabia assinar o nome. As demais integrantes dos 72%, esposas de comerciantes, artesãos e tabeliães, não sabiam escrever:

Assim, no populoso estrato médio da sociedade urbana, embora a alfabetização masculina e feminina possa ter aumentado desde o meio do século XV, sob o impacto da invenção da imprensa, a alfabetização masculina cresceu muito mais que a feminina. Os homens de ofício podem ter feito negócios com uma contabilidade escrita; já as mulheres, mais frequentemente, tinham de contar nos dedos, usar o ábaco ou outros recursos do tipo. Apenas na base da hierarquia social, entre os trabalhadores não-qualificados e os jardineiros urbanos, homens e mulheres eram iguais. Como entre os camponeses, poucos em cada sexo eram alfabetizados (Davis, 1990, p. 69).

Ainda no século XVI, os portos ibéricos também serviram de importação de conhecimentos. Se Lisboa era famosa por ser “[...] a capital do império ultramarino português” (Burke, 2003, p. 62), Sevilha era reconhecida como “[...] o único lugar de entrada da prata trazida do México e do Peru para a Espanha. A chegada anual da frota da prata trazia informações do Novo Mundo” (Burke, 2003, p. 62). Mercadores subiam e desciam das naus e caravelas com informações sobre descobertas de territórios, ouro e especiarias. Essas descrições necessitavam ser coletadas, o que fazia das cidades portuárias um importante centro de registros. O que não era mencionado é que todo processo de contato – e posterior colonização – ocorreu baseado em uma exploração violenta. O período das navegações foi pintado em uma tela cuja modernidade pudesse ser compreendida como a salvação dos povos do Novo Mundo, tidos como primitivos e selvagens. Para Eduardo Galeano (1976, p. 52), os índios eram

transformados “[...] em bestas de carga, porque resistiam a um peso maior do que o que suportava o débil lombo da lhama, e de passagem comprovava-se que, na realidade, os índios eram bestas de carga”. Declarados como conquistadores, Cristóvão Colombo ou outros chefes de expedições, como Bartolomeu Dias, Vasco da Gama, Pedro Álvares Cabral, Américo Vespúcio, Francisco Pizarro, Hernán Cortés ou Fernão de Magalhães se tornaram símbolos do orgulho de reinados portugueses e espanhóis; centros que abusavam do desperdício e raspavam fortunas que julgavam intermináveis. Entretanto, à medida em que a imposição de uma normatividade, pelos homens brancos, acontecia, o genocídio se tornava comum, o que acarretou na barbárie de povos dizimados: “Há países e pessoas exitosas e há países e pessoas fracassadas porque os eficientes merecem prêmio e os inúteis, castigo. Para que as infâmias possam ser transformadas em façanhas, a memória do norte se divorcia da memória do sul, a acumulação se desvincula do esvaziamento” (Galeano, 2002, p. 34-35).

Ao longo do século XVII, Amsterdã se firmou como o novo núcleo de conhecimentos industriais e financeiros, além de ser “[...] o maior centro europeu de jornais, um novo gênero literário que provavelmente ilustra, melhor do que qualquer outro, a comercialização da informação” (Briggs; Burke, 2006, p. 65). Ao final daquele século, a capital da Holanda se tornaria a cidade com maior produção de livros em toda Europa, com destaque na primeira metade dos anos 1600 às impressões de clássicos de bolso, editados pela família Elzevir (Carrión, 2018). Já durante o século XVIII, Londres abrigou o foco da comercialização de livros: “Para cada homem de letras de sucesso podiam contar-se centenas de trabalhadores - e trabalhadoras - literários na pobreza [...]. Eram os mercenários, os escritores *de tração*, como foram descritos por analogia com as carruagens puxadas por cavalos” (Burke, 2003, p. 150). Assim como em Veneza e Amsterdã, a cidade-sede da Coroa britânica também presenciou vendedores em uma nova prática: a falsificação ou pirataria (Briggs; Burke, 2006).

Na França absolutista, contextualizada pelo direito divino dos reis, a literatura clandestina era peça nevrálgica no Antigo Regime, já que o livro era tratado como um objeto de cunho emancipatório (Darnton, 1992). Em contraponto aos dogmas religiosos, pensadores apostavam no uso da Razão como fonte de conhecimento, fato que questionaria os hábitos, tanto da Igreja, quanto da Monarquia - duas classes que viviam em simbiose: “No século XVIII, a ideologia das Luzes queria que o livro fosse capaz de reformar a sociedade, que a vulgarização escolar transformasse os hábitos e costumes, que uma elite tivesse com seus produtos, se a sua difusão cobrisse todo o território, o poder de remodelar toda a nação” (De Certeau, 1998, p. 261). Nesse período, destaca-se, ainda, uma estratégia de vendas, mais acessível aos populares.

Para Chartier (2005, p. 106), a *Bibliothèque bleue*², “[...] deve, portanto, ser concebida como uma fórmula editorial que permitia a venda barata das edições, cujos custos de produção eram baixos e que, assim, assegurava uma circulação mais ampla, para além da clientela das livrarias”. Acompanhada por uma literatura de *colportage* (mascate), a Biblioteca azul fez surgir a oportunidade de camadas marginalizadas, como as mulheres, de se apropriarem da escrita e reivindicarem espaço para leitura: “Com os livros publicados para um maior número, esses mecanismos têm sem dúvida, uma forma particular, mas eles comandam igualmente os modos de edição das obras literárias mais canônicas - ainda que, frequentemente, a história da literatura as tenha esquecido” (Chartier, 2005, p. 111).

Lembranças e esquecimentos dialogam em uma fixa dualidade, em que, para recordar, é necessário descartar. De acordo com Mircea Eliade (2006, p. 119), a Historiografia nasceu na Grécia antiga, graças a Heródoto, que se preocupava em registrar as histórias, “[...] a fim de que as façanhas dos homens não se perdessem no curso dos tempos. Ele queria *conservar a memória* dos atos dos gregos e dos bárbaros”. Como fonte de memória, Chartier (2007) compreendia o livro como um lugar de registro: “O medo do esquecimento obcecou as sociedades européias da primeira fase da modernidade. Para dominar sua inquietação, elas fixaram, por meio da escrita, os traços do passado, a lembrança dos mortos ou a glória dos vivos e todos os textos que não deveriam desaparecer” (Chartier, 2007, p. 9). A prática da escrita assume uma áurea mítica em torno das ambições dos povos em fazer história: “*Oral* é aquilo que não contribui para o progresso; e, reciprocamente, *escriturístico* aquilo que se aparta do mundo mágico das vozes e da tradição. Com tal separação se esboça uma fronteira (e uma frente) da cultura ocidental” (De Certeau, 1998, p. 224). Seja pelo receio da destruição em caso de catástrofes ou simplesmente motivada em possuir uma fonte de arquivo, as sociedades buscavam proteção na escrita. E essa esperada segurança esbarrava numa multiplicidade sem limites de textos:

O excesso de escrita, que multiplica os textos inúteis e abafa o pensamento sob o acúmulo de discursos, foi considerado um perigo tão grande quanto seu contrário. Portanto, embora temido, o apagamento era necessário, assim como o esquecimento também o é para a memória. Nem todos os escritos foram destinados a se tornar arquivos cuja proteção os defenderia da imprevisibilidade da história. Alguns foram traçados sobre suportes que permitiam escrever, apagar e depois escrever de novo (Chartier, 2007, p. 9-10).

² Tradução livre: Biblioteca azul.

Como o objetivo desta tese é identificar a contribuição da produção biográfica de mulheres jornalistas para a história do Jornalismo brasileiro (1990 a 2020), a intenção, nesta etapa, é promover uma discussão a respeito dos aspectos históricos do livro. Para tanto, pautou-se a evolução dos aspectos relacionados ao objeto livro e o hábito de leitura com foco no legado grego e romano, a Inquisição da Idade Média, a contribuição da tipografia de Gutenberg, o avanço dos ideais da Reforma Luterana e o lançamento da Enciclopédia elaborada por Denis Diderot e Jean d’Alembert, anos antes da Revolução Francesa.

Daqui em diante, o texto foca, a partir do século XIX, na evolução da indústria editorial no Brasil. Primeiramente, com os primeiros livreiros e editores no Brasil colônia; depois, em torno da figura de Monteiro Lobato e, em seguida, a massificação cultural no contexto dos anos 1950 a 1970 – muito influenciada pelos múltiplos aspectos da indústria cultural. Adiante, a instabilidade da década de 1980 e o surgimento das editoras independentes no país, associado à busca por histórias de vidas que foram reprimidas pela ditadura militar.

3.1 Aspectos pioneiros da indústria editorial brasileira

No período colonial - bem antes de Dom João VI decidir fugir das tropas de Napoleão Bonaparte e emigrar para o Brasil, juntamente com a família real portuguesa, em 1808 - eram os jesuítas quem controlavam a retórica. A Companhia de Jesus significou, para José Cardoso Ferrão Neto (2010, p. 31), “[...] uma verdadeira milícia irradiada de norte a sul do Brasil em igrejas, missões, colégios, hospitais e seminários, regida pela palavra escrita em forma de constituição, devidamente disciplinada para a tarefa de colocar ordem no Novo Mundo e civilizar os incrédulos”. Enquanto a política centralizadora da metrópole e a religião católica moralista faziam vistas grossas aos distúrbios sociais que afetavam as tramas do cotidiano, as tentativas forçadas de catequização dos índios de nada impediram os descendentes a continuar sendo taxados como diferentes e, assim, segregados na escala social.

Iniciativas efêmeras para a instalação de oficinas de impressão se mostraram infrutíferas no período colonial, com destaque à tipografia comandada pelo português António Isidoro da Fonseca, que chegou com seu prelo em 1747, e aqui permaneceu, por dois anos (Melo, 1973; Hallewell, 2017). Porém, mesmo sem expansão de uma literatura enraizada, sem identificação com ideais de consumo, a tentativa precursora de se ter uma máquina tipográfica, em uma colônia distante da metrópole, demonstrou que aquele pedaço de chão na América teria dificuldades em implementar a imprensa, motivada, não só por aspectos políticos e econômicos, mas também por fatores sócio-culturais, como a colonização baseada em feitorias, deficiência

de urbanização, uma burocracia estatal com falhas; atividades ainda incipientes no comércio e indústria, além da censura proveniente da metrópole (Melo, 1973). Somente com o decreto assinado por Dom João VI no dia 13 de maio de 1808, é que o Brasil colônia teria a própria Imprensa Régia. Apesar do ato sancionado, Márcia Abreu (2010, p. 43) nos alerta que “[...] ainda não estava permitido, em caráter geral, o estabelecimento de tipografias, já que cabia *exclusivamente* à casa oficial publicar documentos, papéis e livros, o que lhe garantia o monopólio da impressão no Brasil”. Vale lembrar que, quando a Corte atravessou o oceano Atlântico, o território brasileiro ainda experimentava uma forte adesão à oralidade. Durante o período joanino³, a prática prevaleceria, mesmo com a Imprensa Régia já estabelecida no país. O *boca a boca* ainda continuava a ser a melhor forma de se saber as novidades: “Toda uma psiquê nacional estaria sendo formada mais no hábito de *ouvir ler* do que no percurso das letras pelos olhos” (Ferrão Neto, 2010, p. 61).

Briggs e Burke (2006) revelam que muito antes do surgimento do termo *meios de comunicação*, os livreiros eram os únicos intermediários entre os escritores e os leitores. Isso pode ser observado na narrativa a respeito dos primeiros livreiros situados na capital do Brasil colônia. Se a Paris do século XIX reunia os atributos necessários – rodas de personalidades, cafés, salões, livrarias - para a conquista de uma reputação social (Carrión, 2018), uma aventura ao sul da linha do Equador poderia consagrar aos viajantes. Na tentativa de conquistar novos clientes, experiências o aguardavam na sede da Coroa portuguesa. O primeiro editor no Brasil foi Paulo Augusto Martin, o Paulo Martin filho (Abreu, 2010; Bompard, 2021). O pai possuía vasta experiência na área livreira desde 1777, quando, ainda em Lisboa, “[...] multiplicou o número de remessas de listas de obras à revisão da Real Mesa Censória⁴, assim como os pedidos de licença para a expedição de livros para fora do país. Ao mesmo tempo, começou a mandar imprimir, na França ou em Portugal, obras sob o nome de sua livraria” (Bompard, 2021, p. 57).

Cerca de duas décadas depois, diante do volume de negócios da família Martin, Paulo encaminha o filho – Paulo Augusto Martin - ao Brasil, com o intuito de ele aprender o trabalho de livreiro com outro negociante, João Roberto Bourgeois (Bompard, 2021). A partir de 1800, quando Martin filho chegou ao Rio de Janeiro, e nos dois anos que se seguiram, a cidade presenciou grande procura de livros, especialmente aqueles importados de Portugal pelo velho Martin: “Foi nesse período, de 1803 a 1804, que Paul Martin (o pai), sem dúvida estimulado pelas perspectivas de vendas no Brasil, decidiu criar uma livraria própria no Rio de Janeiro, da

³ Época histórica que corresponde ao tempo em que Dom João VI esteve em solo brasileiro, isto é, entre 1808 a 1821.

⁴ Tribunal português responsável por controlar a circulação das obras no reino.

qual permaneceu proprietário até sua morte, em 1813 [...], embora seu filho fosse o administrador” (Bompard, 2021, p. 73). Do catálogo antigo das obras encaminhadas por Martin pai, Jean-Jacques Bompard (2021) destaca que a maioria delas era em português, porém francês e latim tinham seu espaço. Mais de um quarto delas congregava religião e teologia; cerca de 20% eram de romances; biografias (como a de Luís XVI ou de Napoleão), além de textos de educação – química, física, botânica – e medicina (Bompard, 2021):

A partir da instalação da Imprensa Régia no Rio de Janeiro, coube aos moradores de Lisboa ter de esperar para receber e ler obras impressas do outro lado do Atlântico, invertendo uma condição secular, que forçava os habitantes do Brasil a aguardar pelos impressos produzidos na Europa [...] Geralmente, considera-se que as obras saídas dos prelos da Imprensa Régia deixavam a desejar do ponto de vista econômico, devido aos custos da impressão, muito mais elevados do que os praticados em Portugal. Efetivamente, os livros eram muito mais caros no Rio de Janeiro do que em Lisboa (Abreu, 2010, p. 58).

Além da criação da Imprensa Régia, outra data representou um passo determinante para a construção de um mercado de informação. A partir de 10 de setembro de 1808, começou a circular a *Gazeta do Rio de Janeiro*, cujo primeiro número anunciava que o periódico estaria à venda na loja de Paulo Martin filho (Bompard, 2021, p. 87). Além de comercializar o jornal, ele se destacou na venda de mapas e plantas de cidades, investiu em seguros e foi acionista do Banco do Brasil, criado por Dom João VI, em 12 de outubro de 1808. Próximo a 1814, a cidade possuía em torno de dez livreiros. Com foco num futuro próximo, Martin filho começou a preparar alguém que pudesse o auxiliar na loja e a busca ocorreu na família, especialmente na figura de seu primo, Jean-Baptiste Bompard.

De acordo ainda com Abreu (2010), o monopólio da Imprensa Régia se encerrou em 1821. Com o fim do controle, abriu-se a possibilidade de diversificar as opções de impressões no Brasil, ao longo do século XIX - como a Nova Tipografia e a de Moreira e Garcez: “Nessas circunstâncias, as publicações que surgiram, entre elas algumas de caráter efêmero e produzidas com recursos rudimentares, tinham em comum alardear, segundo a sensibilidade de seus redatores, certa militância, enquanto faziam o aprendizado do confronto de opiniões” (Bompard, 2021, p. 169).

Em torno de duas décadas mais tarde, outra família de livreiros se instalaria no Brasil. Fundada em 1837, na França, Eliana Dutra (2010) conta que os irmãos François, Auguste e Pierre Garnier inovaram no comércio ao expor as obras literárias na calçada, para que os pedestres pudessem folheá-los. Outro deles, Baptiste Louis, migrou ao Brasil com o intuito de expandir o mercado livreiro dos irmãos, especialmente por ser um local próximo aos países

latino-americanos de língua espanhola (Dutra, 2010). Segundo Dutra (2010), até a década de 1920, a loja dos irmãos Garnier se tornou referência na importação de livros, bem como na impressão de obras gregas (*A república*, de Platão; *A política*, de Aristóteles) e divulgação de textos franceses (*A democracia na América*, de Tocqueville; *Teorias sociais e política*, de Comte). No catálogo do final dos anos 1850, observa-se uma categorização (História, Biografia, Lembranças, Memórias, Crônicas e Anedotas) que demonstra, desde então, o interesse do ser humano em histórias de vida:

As obras chamadas de *biografia universal*, sejam antigas, sejam modernas, são consideradas pelos editores não só como dicionários, mas também como *uma história da vida pública e privada dos homens que se destacaram por seus escritos, seus atos, seus talentos, suas virtudes ou crimes; redigidas por homens de letras e sábios*. Da enorme lista de colaboradores desse gênero literário, avultam os nomes de Benjamim Constant, Chateaubriand, Victor Cousin, Guizot, De Bonald, Michelet, Michaud, Madame de Stäel e Cuvier (Dutra, 2010, p. 76).

Contemporâneos da loja dos irmãos Garnier, outra dupla familiar também desencadeou trabalho livreiro e tipográfico no Rio de Janeiro dos Oitocentos. O ousado Edward Laemmert veio ao Brasil em 1827 e, após oito anos de atuação – onde conseguiu montar o negócio próprio, a Livraria Universal - convenceu o irmão Heinrich, mais cauteloso, a deixar a Holanda e firmar uma sociedade do outro lado do Atlântico: E. & H. Laemmert, mercadores de livros e de música (Hallewell, 2017). Em 1837, Edward comprou dois prelos a fim de investir em um setor gráfico da família; assim, em janeiro de 1838, foi inaugurada a oficina denominada Typographia Universal. Além de impressões como guias de bolso, a linha editorial da Laemmert também contemplava a pioneira “[...] edição do *Almanack⁵ Administrativo, Mercantil e Industrial da Corte e Província do Rio de Janeiro*. [...] Após uns poucos anos, foi ampliado de forma a abranger informações sobre todo o Império, até que, em 1875, cada edição anual estendia-se a cerca de 1700 páginas” (Hallewell, 2017, p. 257).

Apesar de ter publicado Machado de Assis e ter apostado em traduções de livros franceses ou de obras para a juventude, tais como *Robinson Crusoe*, do francês Daniel Defoe; *As viagens de Gulliver*, do irlandês Jonathan Swift, e *Dom Quixote*, do espanhol Miguel de Cervantes, o foco da Laemmert não era a literatura e, sim, as temáticas da história e ciência

⁵ Em *Lições de almanaque*, Vera Casa Nova (1996) ensina que a etimologia da palavra *almanaque* é muito controversa. Em geral, o significado possui relação com a contagem e organização do tempo, fato percebido nas principais seções existentes no folheto, como o calendário, as fases da lua, informações meteorológicas, notas sobre agricultura, bem como conselhos higiênicos e receitas de medicina popular.

(Hallewell, 2017), atestados pelos manuais técnicos a respeito de agricultura e economia doméstica. A principal obra do catálogo da editora Laemmert, entretanto, foi *Os sertões*, o ensaio interpretativo de Euclides da Cunha sobre o movimento de Canudos, “[...] publicado em dezembro de 1902 numa edição de mil exemplares, esgotada em dois meses. Fizera uma segunda em junho de 1903 e uma terceira em 1905, num total de dez mil exemplares; pelos padrões da época, foi, sem dúvida, um grande sucesso de vendas” (Hallewell, 2017, p. 273).

Ainda que os livreiros-editores se esforçassem em inovar o catálogo, com exemplares escritos em português, como ocorrido em 1863, por meio da editora Garnier (Dutra, 2010), as obras eram ainda onerosas. No final do Segundo Reinado⁶, não apenas livreiros, mas outros comerciantes exploravam um novo segmento de mercado: as edições de bolso e coleções econômicas (El Far, 2010). Esses livros se caracterizavam por serem de baixo custo⁷, com histórias inéditas e de fácil interpretação. Assim, conforme Alessandra El Far (2010), logo elas seriam reconhecidas pelo complemento *do povo*, exemplificado tanto pelos títulos das obras (*Médico do povo*; *Cozinheiro popular*) quanto pela simpatia junto à população:

Esses negociantes queriam vender ao *povo* aquilo que até então havia sido reservado a grupos específicos. Em vez de delimitar, segmentar, restringir, tinham o propósito de estabelecer um comércio capaz de ampliar, extrapolar, superar as fronteiras econômicas e sociais. Foi exatamente isso que fez o jovem editor Pedro da Silva Quaresma [...] Quaresma abriu, no final da década de 1870, sua Livraria do Povo (El Far, 2010, p. 95).

De acordo com Laurence Hallewell (2017), a livraria fundada por Pedro Quaresma, em 1879, permaneceria firmes aos preceitos originais até os anos de 1960, concentrados na publicação de obras baratas, com apelo popular. Antes de Monteiro Lobato se dedicar a uma literatura voltada ao público infantil, Quaresma também legou algumas contribuições a esse segmento: “Na época, a maior parte da literatura infantil e praticamente todos os livros para as crianças menores vinham de Portugal; e mesmo a pequena parte traduzida no Brasil ainda seguia, na linguagem, os usos da pátria-mãe” (Hallewell, 2017, p. 306). Para evitar que os pequenos se confundissem com o vocabulário português europeu, o livreiro Quaresma contratou Alberto Pimentel para que traduzisse e adaptasse à língua brasileira. Assim, surgiram coleções infantis, como *Contos da Carochinha* (1894), *Historias da Avozinha* (1896) e

⁶ Período equivalente ao governo de Dom Pedro II – filho de Dom Pedro I e neto de Dom João VI – que reinou no Brasil entre 1840 a 1889.

⁷ Alessandra El Far (2010, p. 95) indica que, “[...] enquanto uma edição bem cuidada da Garnier ou dos irmãos Laemmert custava entre 3 e 5 mil réis, dependendo, é claro, do número de páginas e do gênero em questão, as obras da Livraria do Povo, em formato brochura, variavam de 100 a 2 mil réis”.

Historias da Baratinha (1896): “Os tradicionalistas mostraram-se horrorizados, mas a inovação garantiu a Quaresma o virtual monopólio do mercado de livros infantis. Após o falecimento do editor, essa Biblioteca Infantil Quaresma foi reeditada, em 1967, pela editora de livros de bolso Edições de Ouro” (Hallewell, 2017, p. 306), mais tarde, denominada Ediouro.

Menos de dez anos após a instalação da República, e dois anos após o fim da Revolta da Armada, irrompe, no Nordeste brasileiro, a Guerra de Canudos. Em 1896, o movimento messiânico liderado por Antônio Vicente Mendes Maciel, popularmente conhecido como Antonio Conselheiro, levou milhares de sertanejos a se concentrarem em um arraial situado no interior da Bahia. A fim de entender as razões do conflito e confirmar as informações que pululavam no eixo Rio-São Paulo, o jornal *O Estado de São Paulo* enviou, em 1897, o engenheiro militar Euclides da Cunha para o local dos acontecimentos.

Ainda não havia uma definição formada para a reportagem. Os jornais expressavam, majoritariamente, opiniões sobre os acontecimentos do dia a dia. Ninguém saía para apurar ou conversar com as pessoas. Os textos eram basicamente impressões, mensagens parciais com foco em revelar mexericos, divulgar novidades das famílias abastadas ou apresentar discordâncias ferrenhas escondidas por detrás de pseudônimos jornalísticos. Até Euclides da Cunha retornar do conflito de Canudos - e, mais tarde, João do Rio se interessar pelas banalidades do cotidiano, nos anos 1920 - era assim que se fazia o Jornalismo, um modelo ainda muito rudimentar no Brasil.

Reportar informações no fim do século XIX já era uma prática corriqueira nos Estados Unidos, por exemplo, como bem registrado pelo professor Michael Schudson (2010). Desde a década de 1830, a imprensa norte-americana era repleta de *penny papers*⁸, e continuaria sendo ao longo do combate da Guerra Civil Americana⁹ (1861-1865). Aliás, o conflito foi uma divisória fundamental para a consolidação do Jornalismo, já que as pessoas ansiavam por notícias dos familiares (Schudson, 2010). Após o período da guerra, a figura do repórter se tornaria mais respeitada – e mais recompensada – muito, devido, ao apelo da valorização de um diploma. Nos anos de 1880 e 1890, motivados pelo “[...] apelo popular da volta ao mundo em 80 dias de Nelly Bly; Henry Morton Stanley encontrando Livingstone na África, ou a correspondência de guerra de Richard Harding Davis” (Schudson, 2010, p. 86), muitos jovens se interessaram pela escrita em jornal a fim de mitificar suas aventuras. Soma-se a isso o

⁸ Segundo Schudson (2010), os *penny papers* eram os jornais populares comercializados a um centavo. Distribuídos diariamente por jornaleiros, esses papeis logo aumentariam a tiragem. Data de 1833 o primeiro jornal a seguir esse modelo: *New York Sun*, que, em menos de quatro meses, rodava 5 mil exemplares por dia.

⁹ Também conhecida como Guerra de Secessão, esse conflito marcou o território estadunidense na segunda metade do século XIX. Um dos motivos foi a luta pela abolição dos negros, liderada pelos estados do Sul.

desejo dos repórteres por um ideal coletivo do ofício, que perpassava a responsabilidade dos jornais em se manterem ativos e factuais, bem como responsabilizava os repórteres pela função inerente à busca de informações (Schudson, 2010).

Se “[A] carta de Pero Vaz de Caminha foi a primeira reportagem escrita sobre o Brasil”, nas palavras de Antonio Olinto (1955, p. 59), a melhor de todas viria com esse relato de campanha. O primeiro dos 26 textos¹⁰ enviados para São Paulo e, posteriormente, publicados no jornal paulistano, tratou de uma análise sobre as tropas militares lideradas por Antonio Moreira Cesar¹¹, o responsável pela terceira campanha de combate à Canudos. Antonio Hohlfeldt (2011) lembra que, embora a favor dos republicanos, Euclides não apenas permanecia ao lado dos militares. Ele também se aproximou do povo baiano para entender o impacto da revolta naquela pequena comunidade. Em suas próprias anotações a respeito da expedição, pode-se compreender dois tipos peculiares de registros: “De um lado, os depoimentos pessoalizados desde sua chegada à região. De outro, os registros que faz, profundamente emocionais, de acontecimentos que envolvem prisioneiros e que lhe permite traçar a psicologia dos jagunços, sem que tenha de classificá-los” (Hohlfeldt, 2011, p. 25). Reconhecidas pelo esforço de apuração, as reportagens euclidianas – bem como toda a interpretação geográfica e social em *Os sertões*, publicado em 1902, por meio da editora Laemmert - possuem o mérito de imergir num país em formação e compreender as suas identidades, além de moldar a prática de um Jornalismo brasileiro ainda embrionário:

A leitura dessas reportagens nos permite verificar práticas claramente jornalísticas em Euclides da Cunha: a) levantamento antecipado de dados, a partir do momento em que recebe a pauta para a viagem; b) visita e deambulação pelos lugares, na melhor prática da reportagem contemporânea; c) fala com todo o tipo de fonte, e não apenas com as fontes oficiais, estabelecendo, assim, equilíbrio quanto aos pontos de vista apresentados; d) entrevista as pessoas mais variadas e transcreve tais diálogos, numa prática de entrevista extremamente moderna e eficiente, porque profusamente dramática; e) utilização da primeira pessoa do singular, com o que enfatiza o depoimento que suas reportagens traduzem; f) como bem registrou Walnice Nogueira Galvão, e pode-se aplicar, sobretudo, a Euclides da Cunha, seu trabalho é grande e se tornou imortal porque foi feito no calor da hora. É testemunho, naquela linha, que pouco depois John Reed realizaria com o mundialmente reconhecido *Dez dias que abalaram o mundo*, é o relato do aqui

¹⁰ Todos os textos originais escritos por Euclides da Cunha e publicados no jornal *O Estado de S. Paulo* estão disponíveis em: <https://www.euclidesdacunha.org.br/>. Acesso em 15 jul. 2022.

¹¹ Reconhecido pela frieza nos conflitos, Antonio Moreira Cesar faleceu em combate, em março de 1897, durante a terceira expedição à Canudos, comandada pelo próprio militar. Antes da ida à Bahia, Moreira Cesar participou, no Rio de Janeiro, da luta contra integrantes da Marinha contrários ao governo do marechal Floriano Peixoto, no episódio conhecido como Revolta da Armada (1893-1894). Mais tarde, motivado pela mesma situação, foi chamado para derrotar opositores em Santa Catarina, na chamada Revolução Federalista (1893-1895).

e agora, melhor característica do Jornalismo, trazendo o distante para o perto e o passado para o presente, sempre atualizado (Hohlfeldt, 2011, p. 30).

Na reconstituição histórica sobre o desenvolvimento do livro no Brasil, destaca-se ainda a figura do paulista José Bento Monteiro Lobato. Herdeiro de cafeicultores da região do Vale do Paraíba, Lobato aproveitava as horas vagas para observar a rotina dos vizinhos caipiras. Em 1914, ao jornal *O Estado de S. Paulo*, ele opinou a respeito da técnica dos roceiros em queimar a terra para iniciar um novo cultivo – denominada por Lobato de *velha praga*. Neste texto, segundo Hallewell (2017, p. 351), “[...] descrevera os casebres dos caboclos a brotar da noite para o dia no meio da floresta como os cogumelos que nascem sobre a madeira podre – o urupê – e isso lhe forneceu o título para um artigo em que retornou o ataque ao Jeca Tatu e seu modo de vida indolente e antissocial”. Naquelas linhas, Lobato esboçou as primeiras ideias a respeito dos problemas enfrentados pelo homem do campo e que comporiam a versão do livro de contos *Urupês*, quatro anos depois. Logo na estreia, o escritor colheria sucesso com a vendagem, muito provocada pela “[...] natureza revolucionária, oportuna e persuasiva do livro” (Hallewell, 2017, p. 353).

Ademais, outra razão determinou as boas vendas. O autor se utilizou de um vocabulário claro e direto, em contraste com as expressões formais dos maranhenses Henrique Coelho Neto e Humberto de Campos, por exemplo. Lobato seguia uma escrita menos rebuscada, do mesmo modo que outros contemporâneos – como o dos cariocas Afonso Henriques de Lima Barreto e João Paulo Alberto Coelho Barreto, o João do Rio - sem os preciosismos que permeavam boa parte das obras lidas no período dos anos 1910 e 1920. Interessado pelo cotidiano comum de anônimos, João do Rio alcançou notoriedade com as reportagens que viriam a se transformar no livro *As religiões no Rio* (1904), além da pesquisa *O momento literário*¹² (1908). Naquela, dedicou-se a conhecer “[as] transformações urbanas, a disseminação do uso do automóvel, a chegada do cinema, a alteração do cenário literário, com o fim da boemia, a imprensa em rápida mudança para o caráter de indústria” (Lima, 2009, p. 218). Cremilda Medina (1988) esclarece que, João do Rio, ao invés de emitir opiniões aleatórias nas suas reportagens, tomava atitudes que fundariam os futuros conceitos do Jornalismo moderno. Entre eles, a coleta de informações por meio de entrevistas, a confecção dos relatos a partir da observação direta da realidade, possibilitadas pelas idas do profissional à rua. Eles simbolizam “[...] a tendência de humanização tão explorada pela reportagem atual; a descrição de costumes e de situações

¹² A pesquisa concebida por João do Rio em 1904 foi atualizada na tese de doutorado da jornalista Cristiane Costa, defendida em 2004 na Universidade Federal do Rio de Janeiro. A investigação foi publicada pela Companhia das Letras, em 2005, sob o título *Pena de aluguel*.

sociais inauguram a reportagem de contexto; de passagem, alguns traços retrospectivos do fato narrado levariam, mais tarde, à reportagem de reconstituição histórica” (Medina, 1988, p. 59).

Em suma,

[s]e Euclides da Cunha foi desbravador de fronteiras da narrativa, tendo como cenário o sertão agreste inconquistado pelas lentes da mente intelectual, João do Rio foi o descobridor de horizontes possíveis da reportagem de campo no espaço urbano ainda por reconhecer-se, dada a sua própria evolução rumo a novos níveis de complexidade. Sua contribuição pioneira vai além, contudo, para dentro da especificidade da comunicação social factual, porque seu trabalho é demarcadamente jornalístico (Lima, 2009, p. 218).

Estudiosa da obra lobatiana, Cilza Bignotto (2010) esclarece que o lançamento de *Urupês* levou Monteiro Lobato a perceber que, embora o sistema literário estivesse consolidado, a indústria livreira, por sua vez, ainda engatinhava naquele incipiente Brasil republicano. O problema era a escassa rede de pontos de venda espalhados pelo país, já que, naquele momento, havia pouco mais de 30 livrarias e ainda, concentradas nos mesmos lugares (Hallewell, 2017). A saída foi buscar segurança na rede de contatos da *Revista do Brasil*¹³ - periódico que tinha entre seus autores, Rui Barbosa e Olavo Bilac, sujeitos com grande presença na vida intelectual brasileira - e expandir a oferta e distribuição dos livros. Assim, “[...] por um lado, autores ajudariam a vender assinaturas, para manter a revista em que poderiam ter seus trabalhos publicados; por outro, Lobato favorecia com a publicação de artigos aqueles escritores que o ajudassem a vender a revista” (Bignotto, 2010, p. 130).

Os ditos *letrados*, para Nelson Werneck Sodré (1999), procuravam, nos jornais, o que os livros não forneciam: notoriedade e um pouco de dinheiro. Nos anos 1920, São Paulo presenciou uma franca expansão da indústria fabril, em paralelo à indústria editorial, evidenciada pela realização da Semana da Arte Moderna, em 1922¹⁴: “O que havia de novo era o elemento nacionalista, o reconhecimento da realidade brasileira e a preocupação com essa realidade; e, nisso, a inspiração exemplar e não reconhecida pelos modernistas foi, com toda certeza, o *Urupês*, de Monteiro Lobato” (Hallewell, 2017, p. 361). A hegemonia cultural era disputada com a então capital da República, onde a urbanização também tomava forma, motivada por uma modernidade oriunda de uma Belle Époque¹⁵ europeia:

¹³ Monteiro Lobato foi proprietário da *Revista do Brasil* entre os anos de 1918 e 1925.

¹⁴ Entre os dias 11 e 18 de fevereiro de 1922, o Teatro Municipal de São Paulo, na capital paulistana, sediou a Semana de Arte Moderna, que tinha como objetivo divulgar as novas tendências artísticas brasileiras, fato que acabou não sendo bem aceito pela elite da cidade.

¹⁵ No Brasil, a Belle Époque se refere ao período do início da República, em 1889, até a realização da Semana de Arte Moderna, em 1922.

A cidade que antes era toda ouvidos, no tempo do rei, até pela dimensão um pouco maior do que a de uma aldeia onde cada voz e cada ruído ganham ressonância, como nas sociedades tradicionais que antecedem a civilização letrada, agora se encontra *fragmentada* entre o centro e o subúrbio e distingue-se pela *apresentação visual* de sua paisagem e sua gente, na modernidade das aparências e na aparência de modernidade (Ferrão Neto, 2010, p. 153).

Associado a autores infantis do século XIX, como os alemães irmãos Jacob e Wilhelm Grimm, autores de *Branca de Neve e os sete anões* (1812), *Rapunzel* (1812) e *O pequeno polegar* (1819); o dinamarquês Hans Christian Andersen – que assinou *A pequena sereia* (1837) e *O patinho feio* (1843); o francês Júlio Verne, em *Cinco semanas em um balão* (1863), *Viagem ao centro da Terra* (1864); *Vinte mil léguas submarinas* (1870), *A volta ao mundo em 80 dias* (1872); o britânico Charles Lutwidge Dodgson, sob o pseudônimo Lewis Carroll – com *Alice no país das maravilhas* (1865) – e o italiano Carlo Collodi, que escreveu *As aventuras de Pinóquio* (1883) - Lobato foi o primeiro no Brasil a pensar em literatura para as crianças¹⁶, em 1920, com a publicação de *A menina do narizinho arrebitado*: “Seu êxito decorreu, acima de tudo, da recusa a proteger ou condescender: tratava seus leitores, como fazia com seus próprios filhos, como seres humanos racionais” (Hallewell, 2017, p. 376).

Porém, engana-se quem ache que a imaginação de Lobato se restringisse às personagens de Jeca Tatu ou ao mundo fantasioso da Dona Benta, das travessuras da boneca Emília ou do conhecimento do visconde de Sabugosa, no Sítio do Pica-Pau Amarelo. O escritor se sobressaiu enquanto homem de negócios à frente da Monteiro Lobato & Cia (futura Companhia Editora Nacional): “Pode-se dizer que Monteiro Lobato foi o primeiro escritor a conceber a literatura como mercadoria” (Costa, 2005, p. 75). Uma das suas prioridades foi pensar o livro enquanto produto de consumo para a massa, cuja atração começava por uma capa colorida (Hallewell, 2017). Melhorias na aparência interna, com novas diagramações e fontes atraentes, as quais melhoravam a qualidade da impressão, também fazem parte do legado lobatiano. Contudo, Bignotto (2010) alerta quanto a essa vasta idolatria. Mesmo sendo ele um sujeito estratégico na consolidação de um mercado moderno de livros no Brasil, Lobato não as inventou do nada. Ao

¹⁶ De acordo com o estudo de Marisa Lajolo e Regina Zilberman (1991), houve publicações infantis antes do investimento no segmento pelo escritor e empresário Monteiro Lobato. Ao longo da década de 80 do século XIX, destacam-se as primeiras obras traduzidas por Carlos Jansen e Figueiredo Pimentel, com adaptações voltadas ao infantil. Em 1886, Júlia Lopes de Almeida – que ajudou a idealizar a Academia Brasileira de Letras (ABL), em 1897, mas que foi impedida de tomar posse ao lado dos primeiros quarenta imortais por ser mulher - publicou *Contos infantis*, em parceria com a irmã Adelina Lopes de Almeida, em Portugal. No Brasil, o Dia Nacional do Livro Infantil é comemorado no dia 18 de abril, alusivo à data de nascimento de Lobato. Já o Dia Nacional do Livro é lembrado em 29 de outubro, quando se faz referência à fundação da Biblioteca Nacional.

ocupar o lugar de um editor de sucesso e de um escritor reconhecido, “[...] teria aproveitado os benefícios dessa malha para inovar a distribuição de livros no país. Nessa perspectiva, ele não teria sido revolucionário por *criar* uma rede de distribuição nacional, mas por empregar novos métodos” (Bignotto, 2010, p, 136).

3.2 Massificação de livros e instabilidade política no Brasil

Proveniente do latim *cultura*, o conceito de cultura era vinculado ao cultivo agrícola, ao cuidado de algo, como animais. Do século XVI em diante, segundo o sociólogo estadunidense John Thompson (2009), o significado abarcaria o desenvolvimento humano. No fim dos Oitocentos, a palavra *cultura* se tornou sinônimo de *civilização*, esta interpretada como oposição a barbárie. Em outras palavras, tornar-se culto era se assumir civilizado (Thompson, 2009). Outro sociólogo, o polonês Zygmunt Bauman, ensaiou algumas perspectivas para o termo *cultura*, todas elas guiadas pela sentimento de classificação. A primeira delas, a nível hierárquico, uma cultura letrada ou adquirida, que é herdada aos descendentes e se torna propriedade: “E toda propriedade pode ser adquirida, dissipada, manipulada, transformada, moldada e adaptada” (Bauman, 2012, p. 91). Pela segunda perspectiva, a cultura é interpretada por meio do conceito diferencial, ou seja, o registro no qual se afirmam as distinções da *minha* e da *sua* comunidade. Para algumas sociedades, em resposta a segregação, é mais atraente homogeneizar do que dar espaço ao diferente.

Várias tentativas de se entender a cultura do pós-guerra se mostraram produtivas e pioneiras, à época. Entre elas, uma teoria europeia, quase centenária. Da Alemanha, um grupo de pesquisadores, de diferentes áreas de trabalho, começou a investigar a economia, a sociologia e a literatura, em busca de uma identidade nacional. De várias formas, vinculados aos contextos coletivos, os estudiosos do Instituto de Pesquisa em Ciências Sociais, vinculado à Universidade de Frankfurt, “[...] traduziram a desilusão de grande parte dos intelectuais com respeito às transformações do mundo contemporâneo, seu ceticismo quanto aos resultados do engajamento político revolucionário, mas também o desejo de autonomia e de independência do pensamento” (Matos, 1993, p. 5).

Ao longo da década de 1940, durante a perseguição nazista aos judeus, pela Europa, e posterior exílio em países do próprio continente e, em seguida, nos Estados Unidos, Theodor Adorno e Max Horkheimer iniciaram estudos sobre a cultura relacionados aos meios de comunicação. Em 1947, publicaram a *Dialética do Esclarecimento*, cujo capítulo *A indústria cultural: O Esclarecimento como mistificação das massas*, seria fundamental para a

compreensão da corrente de pensamento frankfurtiana. Ao observarem que os bens culturais são produzidos de maneira industrial, semelhante a uma mercadoria, Adorno e Horkheimer (1985, p. 121) inferem que, “[...] [q]uanto menos promessas a indústria cultural tem a fazer, quanto menos ela consegue dar uma explicação da vida como algo dotado de sentido, mais vazia torna-se necessariamente a ideologia que ela difunde”. Em suma, “[...] o modo industrial de produção da cultura corre o risco de padronização com fins de rentabilidade econômica e controle social” (Mattelart; Mattelart, 2005, p. 79).

Francisco Rüdiger (2002, p. 138) alerta que a expressão *indústria cultural* faz alusão “[...] a uma prática social, através da qual a produção cultural e intelectual passa a ser orientada em função de sua possibilidade de consumo no mercado”. Comprar um produto significa assumir a essência desse produto a partir do que ele emana de influência: “As obras de arte e as próprias ideias, senão as pessoas, são criadas, negociadas e consumidas como bens cada vez mais descartáveis” (Rüdiger, 2002, p. 139). Embora a Escola de Frankfurt tenha assumido uma visão pessimista dos meios de comunicação na cultura, vale lembrar o contexto ao qual os estudos estão vinculados: movimentos totalitários, Segunda Guerra Mundial, Guerra Fria, Maio de 1968. Apesar desse panorama radical, os estudos levaram diferentes gerações de pesquisadores a repensarem métodos ou tendências.

Para Renato Ortiz (2001, p. 38), seria apenas “[...] na década de 40 que se pode considerar seriamente a presença de uma série de atividades vinculadas a uma cultura popular de massa no Brasil”. Embora o rádio tenha sido introduzido no país em 1922, a modernidade do aparelho ainda se manteve distante até meados da década seguinte. O panorama iria ser alterado a partir de 1932, quando a legislação permitiria uma cota de 10% de publicidade diária na programação, o que auxiliou no financiamento das emissoras (Ortiz, 2001). Enquanto isso, no campo político, o rádio também funcionou como um “[...] instrumento de repersonalização do poder. Ao restituir à palavra e à voz do dirigente toda a sua força, ele corre o risco de permitir o reaparecimento das mais diversas atitudes afetivas com relação ao poder” (Schwartzberg, 1978, p. 172).

Se, na Europa do início dos anos 1930, uma guerra de palavras já estava em curso, na América não tardaria a ser muito diferente. Ainda antes de declarar guerra ao Eixo – bem como durante todos os 12 anos (1933-1945) em que presidiu os Estados Unidos -, Franklin Delano Roosevelt se aproveitou do microfone radiofônico para se aproximar dos cidadãos norte-americanos, fato já testado quando governador do estado de Nova York. Para se ter uma ideia

do impacto do aparelho em solo estadunidense, o número de casas com rádio praticamente dobrou, no período de 1932 a 1943 (Schwartzberg, 1978).

A atitude de Roosevelt inspirou também outras lideranças pela América Latina, como Getúlio Vargas, no Brasil, e Juan Domingo Perón, na Argentina. O primeiro período getulista corresponde aos anos de 1930 a 1945 e foi marcado, inicialmente, pela revolução que culminou no fim da política do café-com-leite¹⁷ – simbolizada pela derrubada do então presidente Washington Luís - e na tomada do poder pelos partidários da Aliança Liberal, liderada pelo gaúcho de São Borja, mas também por reformas políticas, criação de empresas nacionais, além de intensificar, no país, o processo de industrialização. É nesse contexto que, segundo a pesquisadora Marialva Barbosa (2007), em meio a 19 jornais diários, 13 estações de rádio e outros periódicos semanais, surge a revista *O Cruzeiro*¹⁸, um dos principais ramos do primeiro conglomerado em comunicações do país – os Diários Associados – que perderia o fôlego apenas na ditadura militar, dos anos 1960. Paralelo a isso, o rádio irrompe e se consolida como um instrumento de informação, de entretenimento e de função mnemônica. Semelhante ao sistema postal,

[...] o rádio alcançou toda a população, mesmo nos lugares mais remotos, e de modo diferente de outras mídias como a imprensa e o cinema. Em qualquer lugar, era *um bom companheiro*, consolando e entretendo, informando e educando, além de oferecer, em qualquer lugar, conforto para cegos, doentes, solitários e os que estavam confinados em suas casas. Na memória, pelo menos, as imagens que evocam subsistiam tanto quanto as palavras que oferecia (Briggs; Burke, 2006, p. 230).

Vargas provinha do Rio Grande do Sul, estado que despontava, à época, segundo Elizabeth Torresini (1999), como terceiro polo industrial do país, atrás do Rio de Janeiro e de São Paulo, muito motivado pelo deslocamento populacional com destino aos centros urbanos: “As cidades tornavam-se cada vez mais os lugares da leitura, da valorização da imprensa e edição de livros, dos gabinetes de leitura e das bibliotecas. Prosperava o comércio e a produção manufatureira e industrial de impressos, nomeadamente livros” (Torresini, 2010, p. 236). Segundo pesquisa organizada por Athos Damasceno Ferreira (1973), data de 1829, em Porto Alegre, a criação do primeiro gabinete de leitura na então província do Rio Grande Sul. Porém, em pouco mais de um ano, o espaço se transformaria em sociedade secreta e, mais tarde, em

¹⁷ É como ficou conhecido o revezamento da presidência do Brasil por políticos oriundos de São Paulo e Minas Gerais, durante a República Velha (1889-1930).

¹⁸ Sobre os bastidores de reportagem da revista *O Cruzeiro*, sugere-se a leitura de Luiz Maklouf Carvalho (2001).

loja maçônica, fato que deixará a província desprovida de novos gabinetes. Ao longo da Revolução Farroupilha (1835-1845), que culminou na instalação da República de Piratini, os revolucionários buscaram tomar medidas que pudessem resolver os problemas de instrução na região. Ferreira (1973, p. 12) recorda que, em meados de 1839, se idealizou a criação de um gabinete de leitura, com mais de 800 volumes e que “[...] talvez viesse a ser o precursor da primeira biblioteca do Estado” – contudo, não chegou a se efetivar. Após o encerramento da Guerra dos Farrapos, através do Tratado de Paz, a cidade de Rio Grande instalaria um gabinete para leitura, em 1846, que viria a se tornar Biblioteca Rio-Grandense, no ano de 1878, por meio do comerciante português, João Barbosa Coelho (Ferreira, 1973). Tentativas frustradas de implementação de gabinetes de leitura em Porto Alegre ocorreram - como a do médico Cyro Pedrosa, em 1852, a da firma Wanzuller & Cia, em 1853, e a do livreiro Henrique Rosenhain, em 1866 – até José Gertun, em 1872, montar uma dependência de obras literárias e científicas no próprio bazar e livraria (Ferreira, 1973). Se no começo, não dispunha de muitos volumes, sendo que a maioria deles eram publicados em língua alemã, em 1877, Gertun “[...] já contava com um acervo de 6.000 títulos. Esse acervo alcançará o montante de 8.400 volumes em 1889” (Ferreira, 1973, p. 36), ano que deixará de funcionar. No fim do século XIX, e ainda durante o seguinte, surgiram livrarias como a Gundlach, a Americana e a Universal. Todavia, a casa editorial que mais se destacou em Porto Alegre foi a Livraria e Editora do Globo.

Instalada em 1883, pelo imigrante português Laudelino Pinheiro Barcellos (Hallewell, 2017), a loja era uma pequena papelaria local. Quando os negócios se tornaram mais prósperos, em 1890, Barcellos contratou um menino, José Bertaso, para auxiliar na limpeza e venda dos materiais. A identificação entre os dois foi tamanha que a dupla evoluiu para uma sociedade. Sob essa gestão, a firma lançou o *Almanaque do Globo* (1916) e comprou o primeiro linotipo do estado (1919). Naquele ano, após o falecimento de Laudelino, José assumiu a livraria. O ponto chave para compreender a singularidade da Livraria do Globo será a publicação ambiciosa da *Revista do Globo*. Inicialmente dirigida por Mansueto Bernardi¹⁹, ela irá destacar os autores gaúchos premiados por associações literárias (Torresini, 1999). Ainda na gestão de Bernardi, a editora investiu na publicação de livros políticos e biografias de contemporâneos do século XIX, como Napoleão Bonaparte, Abraham Lincoln, Otto von Bismarck e o imperador Guilherme II (Torresini, 1999). Com a saída de Bernardi da Globo, em 1931, o filho mais velho

¹⁹ Italiano de nascença, Bernardi veio ainda bebê ao Brasil para se estabelecer no interior do estado do Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/bernardi-mansueto>. Acesso em 13 jul. 2022.

de José Bertaso – Henrique - assume a seção editorial e a revista passa a ser comandada por um jovem escritor oriundo de Cruz Alta (RS): Erico Lopes Veríssimo.

Se Veríssimo focava nos assuntos da revista, o filho do dono buscava inovar a livraria-editora com o intuito de desfazer a característica provinciana que ela ainda possuía (Torresini, 1999), fruto do contexto Oitocentista em que fora concebida. Mais tarde, Veríssimo iria colaborar como consultor editorial de Henrique, em uma prática pioneira que seria profissionalizada anos depois: “Foi desse modo que entrou, na indústria do livro no Brasil, a figura do editor profissional, que funcionava como editor da obra sem ser dono da editora. [...] Somente em 1972 foram criados, no Brasil, cursos de editoração, implantados em algumas faculdades de comunicação” (Hallewell, 2017, p. 441). A parceria com Henrique Bertaso seria ainda marcada pelos avanços em traduções. Obras de autores com a qualidade de James Joyce, Virgínia Woolf, Aldous Huxley e Agatha Christie começaram a ser disponibilizados em português, em uma época onde a escassez de tradutores - com qualidade - em idiomas além do francês e espanhol, ainda predominava (Hallewell, 2017). Inclusive, as obras de Huxley foram traduzidas pelo próprio Veríssimo.

Erico também aproveitaria o espaço da seção editorial da Livraria do Globo para publicar os próprios títulos. Após um início de poucas vendas, com *Fantoches* (1932) e *Clarissa* (1933), o escritor gaúcho obteve êxito com *Caminhos cruzados* (Hallewell, 2017). O sucesso veio à tona no mês de julho de 1938, quando os três mil exemplares da primeira edição de *Olhai os lírios do campo* chegaram à vitrine da Globo, livro que se esgotou em duas semanas (Hallewell, 2017). Nos anos finais da década de 1940, especialmente depois da Segunda Guerra, a Globo passou a investir também em obras mais técnicas, bem como em dicionários e enciclopédias. Em 1948, o patrão José Bertaso falece, sem ter a chance de presenciar o apogeu de Veríssimo com a publicação do primeiro volume de *O tempo e o vento*, intitulado *O continente*. Além deste, a épica história de Ana Terra e Capitão Rodrigo, em paralelo ao panorama de formação do estado gaúcho, foi constituída em mais seis volumes, até 1963 (Hallewell, 2017). Com o falecimento do patriarca, os herdeiros da família Bertaso transformam a empresa em sociedade anônima – Livraria do Globo S.A. e Editora Globo S.A. Com um acervo de quase três mil títulos, a editora foi adquirida, em 1986, pelo grupo de comunicação pertencente à família Marinho, a fim de substituir a Rio Gráfica (Hallewell, 2017).

Embora fossem as gerações da família Bertaso quem administraram a Livraria do Globo, vale recordar que foi o imigrante português de sobrenome Barcellos quem instalou a embrionária papelaria na rua da Praia, no fim do século XIX:

As maiores redes de livrarias brasileiras nasceram de projetos de imigrantes: Joaquim Ignácio da Fonseca Saraiva, da região portuguesa de Trás-os-Montes, abriu em 1914 a primeira Saraiva, embora na época se chamasse Livraria Acadêmica; a primeira Nobel foi fundada em 1943 pelo italiano Cláudio Milano (em 1992, seu neto adotou o sistema de franquias e as lojas se multiplicaram); a Livraria Cultura surgiu da ideia de uma imigrante judia alemã, Eva Herz, de abrir um serviço de empréstimo de livros na sala de estar de sua casa, em 1950, e apenas em 1969 é que se tornou livraria. Os três impérios nasceram na mesma cidade, São Paulo, e se expandiram por todo o país (Carrión, 2018, p. 188).

Quanto à indústria do livro, a expansão no Brasil era muito fraca. Com a taxa de analfabetismo significativamente alta, os escritores não conseguiram ser valorizados como profissionais. O número de editoras começou a cair: de 280, em 1948, para 144, em 1953 (Ortiz, 2001). Entre as razões, “[...] a importação subsidiada do papel se aplicava somente aos jornais e não aos livros, os impostos alfandegários e a taxa do dólar faziam com que se tornasse mais barato importar livros do que papel para imprimir-los no Brasil” (Ortiz, 2001, p. 46). Mesmo com esses problemas, o mercado editorial conseguiu sobreviver, muito em virtude de dois dos principais editores brasileiros no período: José Olympio e Ênio Silveira.

Olympio era do interior de São Paulo, natural de Batatais. Tendo em vista que muito dos escritores regionalistas tinham migrado para o Rio de Janeiro, Olympio e sua esposa Vera também se mudaram, em 1934. Na então capital da República, fez carreira no Rio de Janeiro, com loja estrategicamente montada na Rua do Ouvidor²⁰, número 110, quase em frente à Livraria Garnier, que funcionava análoga a um clube intelectual (Hallewell, 2017). José Lins do Rego, Jorge Amado, Oswald de Andrade, Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos eram alguns dos nomes que brilhavam nas estantes *olympianas*: “Para o leitor comum, especialmente nas províncias, a literatura brasileira ainda estava parada em Machado de Assis. Somente José Olympio teve a perspicácia necessária para dar-se conta de quanto e do quão rapidamente as perspectivas da nação estavam mudando” (Hallewell, 2017, p. 485). Além de romances ficcionais, Olympio apostou em ensaios históricos. Em 1936, a equipe criou a coleção *Documentos Brasileiros*, dirigida por Gilberto Freyre, onde *Raízes do Brasil* foi o título de estreia. Assinado por Sérgio Buarque de Holanda, a obra é tida como uma das mais importantes no segmento de não ficção durante os anos 1930 (Hallewell, 2017). Também investiu em biografias:

²⁰ O logradouro se originou no fim do século XVIII e se tornou o principal ponto de encontro da população carioca, interessada nas novidades europeias. O charme da rua se estendeu até meados de 1900, quando o auge cultural se mudou para a recém-inaugurada Avenida Central; mais tarde, Avenida Rio Branco.

À publicação de *A vida dramática de Euclides da Cunha*, de Elói Pontes, em 1938, seguiu-se uma reimpressão de *Peru versus Bolívia*, e a primeira edição de *Canudos*, obras de Euclides, cujos direitos ainda estavam com a viúva – o que não sucedia com *Os sertões*, que continuou sendo propriedade da Francisco Alves até 1969, quando caiu em domínio público (Hallewell, 2017, p. 493).

Além de Euclides da Cunha, para a pesquisadora Walnice Galvão (2005), Eloi Pontes é lembrado pela notoriedade que recebeu com a sequência de títulos biográficos a respeito de literatos como Raul Pompéia, Machado de Assis e Olavo Bilac, publicados entre 1935 e 1944. Ainda durante o regime brasileiro do Estado Novo, mesmo tendo conhecido o presidente ditador por meio do colega jornalista Lourival Fontes – que esteve à frente do departamento de propaganda do governo entre 1934 a 1942²¹ -, José Olympio sofreu com a censura do período getulista, não apenas com apreensão e incineração de livros, como aqueles assinados por Gilberto Freyre, Jorge Amado e Monteiro Lobato, mas também pela prisão de autores, tais como Graciliano Ramos e Rachel de Queiroz, o projetista Oscar Niemeyer e o pintor Candido Portinari, que tanto frequentaram a loja de Olympio (Hallewell, 2017). Os atos incendiários reverberam a áurea do período: quase quatro séculos depois da Inquisição, atitudes semelhantes ocorriam na Alemanha nazista - como a queima de livros assinados por autores judeus, em 10 de maio de 1933, comandada pelo então ministro da Propaganda, Paul Joseph Goebbels; na ditadura soviética, a partir da censura de textos tidos como obscenos por Joseph Stálin.

Em busca de identidade nacional, o mercado do livro vai descobrir um nicho literário originado pelo campo da história: o gênero biográfico. Edgard Cavalheiro, já reconhecido pela biografia do poeta Fagundes Varela (1940) – e muito antes de publicar os dois volumes a respeito de Monteiro Lobato (1955) – escreveu, em 1943, *Biografias e biógrafos*, um dos primeiros livros brasileiros a refletir sobre a história da arte biográfica. Em âmbito mundial, Cavalheiro aponta os nomes precursores de Plutarco, o britânico Lytton Strachey, o polonês Emil Ludwig e o francês André Maurois, biógrafos que serviram de referência aos futuros profissionais das escritas de vida. Se Strachey moderniza o gênero, ao incluir aspectos da vida privada do protagonista, detalhes dos dramas sociais ou fracassos do passado, Ludwig vai além, ao buscar recompor cenários baseados em cartas, diários ou memórias da personagem e de pessoas do círculo mais próximo: “Refletir-se nas personagens com o fito de apresentá-las ao leitor para que estes nelas se reflitam, eis a sua preocupação. Ou, em outras palavras: suprir

²¹ Disponível em: https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/biografias/lourival_fontes. Acesso em 04 mar. 2022.

com psicologia o que nem história nem o meio explicariam satisfatoriamente” (Cavalheiro, 1943, p. 49). Na década de 1980, Alberto Dines (1981, p. 23), autor de *Morte no paraíso: A tragédia de Stefan Zweig*, comparou Strachey ao seu protagonista, outro biógrafo contemporâneo dos demais autores citados. Para o jornalista brasileiro, “Lytton Strachey preferia desmitificar, derrubando ídolos dos pedestais. Zweig escolheu a odisséia dos vencidos à saga dos vencedores”. André Maurois reconhecia que as pessoas precisavam de exemplos; contudo, de nada adiantava modelos, se eles fossem divinizados: “A preocupação fundamental do biógrafo moderno – e neste detalhe está a grande diferença e a grande vantagem da biografia contemporânea – é que este não deve impor o seu personagem e sim expô-lo. Caberá ao leitor aceitá-lo ou não” (Cavalheiro, 1943, p. 63).

A historiadora Mariza Guerra de Andrade (2013) conta que, após o fim da Segunda Guerra, esse segmento despertaria como fonte de consolo diante de tamanha intolerância, brutalidade e mortes pelo mundo: “A possibilidade de viver havia se tornado inadiável, e era preciso um novo protocolo de vida, de interlocução humanitária [...] por meio da narração da história de vida. A biografia da individualidade, da *alma*, da liberdade e do sentimento humano venceu” (Andrade, 2013, p. 81). Uma primeira onda de biografismos aconteceu, no Brasil, nas décadas de 1940 e 1950 (Galvão, 2005), muito influenciada pela escrita de biógrafos europeus, como o austríaco Stefan Zweig, o holandês Hendrik Willem van Loon, bem como do polonês Emil Ludwig e do francês André Maurois, autores de volumosas obras sobre reis e rainhas, personalidades militares, compositores, pintores, poetas e líderes religiosos. Van Loon, por exemplo, “[...] produziria uma espécie de enciclopédia do biografismo num só alentado volume, *Vidas ilustres*” (Galvão, 2005, p. 363).

Bem diferente do que se lê nos dias atuais, os livros biográficos nacionais, produzidos durante a primeira era Vargas, serviam para homenagear. A linguagem laudatória era comum, com excesso de adjetivos que mais prejudicavam do que auxiliavam na compreensão do texto. O intuito dos autores, muitos advogados, críticos literários, médicos, militares, era essencialmente saudosista. Não que houvesse uma preocupação latente com a memória nacional, mas a publicação de uma história de vida delimitava as peças do jogo social. Afinal, recordava-se para não esquecer. Curioso notar o que uma biografia representava nos idos dos anos 1930, um período autoritário em que o Estado Novo necessitava de referências para glorificar o passado.

No prefácio de *O duque de ferro*²², Eugênio Vilhena de Moraes (1933, p. IX) apresenta, confiante, em meio à ortografia da época, que “[...] aqui se encontram alguns aspectos, rigorosamente exactos, de um dos mais bellos, sem duvida, translados de dignidade, honra, lealdade e também de exito na vida, que do nosso grandioso scenario histórico apresentar se possa à admiração dos contemporaneos”. A bravura e o civismo estão impregnados nas nomenclaturas de outras obras, tais como *Rondon: Uma relíquia da pátria* (1942), assinada por Amílcar Botelho de Magalhães e publicada quando o general biografado completava 75 anos; e *Herval: Maior soldado das Américas* (1946), de Mário D’Alva, a respeito de Manuel Luís Osório, o Marquês do Herval, que esteve à frente do Exército brasileiro na Guerra do Paraguai.

Amando Caiuby (1941, p. 9) abusa dos atributos para qualificar José Bonifácio de Andrada e Silva. Expressões como “[...] uma das mais empolgantes figuras da América no século passado”; “[...] notável pelo descortino da inteligência, precisão e equilíbrio dos empreendimentos” (Caiuby, 1941, p. 9); “[...] um dos mais formidáveis vultos de todas as Américas” (Caiuby, 1941, p. 9) tentam denotar uma justificação inquestionável a respeito do merecimento de uma biografia dedicada ao *patriarca da Independência*. De outro lado, Ítala Gomes Vaz de Carvalho expõe a mágoa e o ressentimento diante do desprezo à obra do pai, o maestro Carlos Gomes. Esse *acerto de contas* é ilustrado nas seguintes linhas:

Faltou ao grande musico o amparo certo de sua patria, que o teria feito chegar a um mais alto cume de gloria, não sómente quando na madurezza de seu estro genial, como tambem quando, já alquebrado, de mãos e coração sangrando pelo herculeo esforço de elevar mais e mais a sua terra, não teve o heroico artista o esteio da sympathia e do fraternal interesse de que era merecedor (Carvalho, 1937, p. 12).

Gondin da Fonseca (1940, p. 9), ao biografar Alberto Santos Dumont, revela a organização do próprio trabalho: “Eu construi uma teoria sôbre a vida de Santos Dumont: [...] o estudo de múltiplos documentos, a investigação dos hábitos do biografado e a leitura cuidadosa de tudo o que êle escreveu e publicou, levaram-me a arquiteta-la”. Isso porque, para elaborar a conjectura sobre o *pai da aviação*, Fonseca esbarrou na ausência de informações e escassas obras de indivíduos que conviveram com o biografado: “Quasi tôdas as nossas biografias não são análisis: são, - ou panegíricos muito adjetivados, ou ataques sem misericórdia. Orações fúnebres de amigos, ou catilinárias de inimigos” (Fonseca, 1940, p. 12). Lembre-se, ainda, o preparo de Lucia Miguel Pereira para a concepção de *A vida de Gonçalves*

²² Por opção própria, decidiu-se manter a ortografia original da publicação.

Dias, em 1943. Da mesma forma que Gondin da Fonseca, a autora se aproveitou dos escritos do criador da *Canção do exílio* (“Minha terra tem palmeiras/onde canta o sabiá/As aves, que aqui gorjeiam/Não gorjeiam como lá”) para rabiscar os primeiros esboços biográficos: “Talvez poucos homens de letras entre nós tenham deixado material biográfico tão vasto como Gonçalves Dias. Abundância que, por um lado, facilita a tarefa, permitindo melhor conhecimento, e por outro a dificulta, criando um problema de ordem técnica” (Pereira, 1943, p. 7).

Dessa época se destacam os pioneiros biógrafos brasileiros. Em suas *Memórias*, o historiador Pedro Calmon (1995, p. 183) recorda que foi o tio Miguel quem sugeriu que ele enveredasse pela arte biográfica: “De Montreux mandou-me Miguel Calmon um recorte de jornal suíço sobre Garibaldi, aconselhando-me a escrever sobre algum de nossos heróis. Era em 1932. Por que não d. Pedro I?”. Autor de *José Anchieta: O santo do Brasil* (1930), *Gomes Carneiro: O general da República* (1933), *O rei cavaleiro: Vida de D. Pedro I* (1933), *O rei do Brasil: Vida de D. João VI* (1935), *O Rei filósofo* (1938), a respeito de Dom Pedro II, *A princesa Isabel: A redentora* (1941), Calmon buscou, nestes quatro últimos, retratar numa sequência de biografias, denominadas *coroadas*, “[...] a vida dos soberanos que houve neste país, o meu d. Pedro I, o pai, o manso e artiloso d. João [VI], o filho, *rei filósofo*. Complete a série com a princesa Isabel, recomendou-me o conde de Afonso Celso” (Calmon, 1995, p. 240).

Ainda na década de 1940, outro historiador, Luiz Viana Filho, já observava uma epidemia biográfica em formação. Como experiente biógrafo, percebeu que essa febre de histórias de vida possuía algumas finalidades: “Frequentemente iremos encontrar a biografia, não a serviço da biografia, do estudo da vida de um *homem*, mas a serviço da pedagogia, que se apercebe ter na narração da vida dos grandes vultos, pelos sentimentos que os seus exemplos podem despertar, poderoso veículo de ideias” (Viana Filho, 1945, p. 29-30). Autor de uma trilogia sobre personalidades do fim do Império e início da República, *A vida de Rui Barbosa* (1941), *A vida de Joaquim Nabuco* (1952), *A vida do Barão do Rio Branco* (1958), percebe-se, nestas duas últimas obras, um cuidado de Viana Filho na apresentação dos protagonistas, em uma tentativa de se afastar dos ídolos intocáveis. Sobre o abolicionista, disse que não pretendia erguer uma estátua: “Pretendemos, sim, esboçar um Nabuco tal como acreditamos que existiu: vivo, ágil, impetuoso, idealista. [...] Um Nabuco com as suas grandezas, os seus sofrimentos, e também as suas imperfeições” (Viana Filho, 1952, p. 10). Ao biografar o diplomata José Maria da Silva Paranhos Júnior, é possível perceber o esforço pela verossimilhança, ao contar para o leitor as divergências do protagonista em questão: “Esperamos ter alcançado o objetivo a que

nos propusemos, isto é, fazer surgir dêsse abundante material – e sem faltar à verdade e à justiça – um Rio Branco parecido com o que realmente existiu” (Viana Filho, 1958, p. XI).

Ao reler esses registros de páginas já amareladas, separados por sete décadas da publicação original, aproximadamente, percebe-se mudanças na abordagem da narrativa. Nas leituras dos livros biográficos desse período, tanto de Viana Filho quanto de Raimundo Magalhães Jr, observa-se volumes mais robustos, um texto que prioriza a ordem cronológica, inclusive, desde as origens da família. Magalhães Jr, por sinal, modernizou o gênero com *Arthur Azevedo e sua época* (1953); *Dom Pedro II e a condessa de Barral* (1956), *Deodoro: A espada contra o Império* (1957), *Rui, o homem e o mito* (1964), além de *A vida turbulenta de José do Patrocínio* (1972), *A vida vertiginosa de João do Rio* (1978), entre outras obras, como a de quatro volumes a respeito de Machado de Assis, trazidas ao público em 1981.

Ao tentar desmitificar o nome dos biografados, retirando-os dos mais altos patamares da memória coletiva e torná-los mais humanos, Magalhães Jr procurou ainda reavaliar qualidades perpetuadas por décadas, semelhante a uma reparação. Assim foi com o retrato do primeiro presidente da República, um homem de incomum bravura, “[...] aliando a mais intransigente honestidade à total despreocupação pelos bens materiais, era marcial, autoritário, cioso de suas prerrogativas, dotado de um temperamento narcisista, que o levava por vezes a atitudes de arrebatamento e obstinação” (Magalhães Jr, 1957, p. 7-8). Quanto a Rui Barbosa,

[e]videntemente, seria êste livro desnecessário, se o trabalho de mitificação não fôsse, como é, porfiado e constante, contribuindo para dar aos brasileiros de hoje uma versão profundamente deformada da época em que Rui viveu, como se êle tivesse sido um verdadeiro mártir, um grande injustiçado, um colossal gênio incompreendido, superior à sua época infecunda e aos seus invejosos ou despeitados contemporâneos, quando, na verdade, embora homem de inegável talento e cultura, era êle um político entranhadamente conservador, ao mesmo tempo ambicioso, comodista e inconstante, omisso em seus deveres parlamentares, raramente freqüentando o Senado, sem real capacidade de liderança, tão longe de suscitar devoções duradouras quanto de assegurar lealdade definitiva a alguma ideia ou pessoa (Magalhães Jr, 1965, p. X).

As pontuações de Magalhães Jr não seriam perdoadas nos jornais. À medida que *Rui, o homem e o mito* era vendida, a crítica pesou o discurso contra a obra, tida como *maldita e livro-bomba* (Andrade, 2013), à editora Civilização Brasileira e à Academia Brasileira de Letras, onde o autor era o quinto ocupante da cadeira 34. Reflexo de uma época em que o governo militar também já começava a cercar os direitos dos cidadãos, o livro sacudiu o mercado editorial, mais pela curiosidade que despertou e, ainda, por ter afetado seguidores de Rui

Barbosa, num país em que não se prezam as revisões do passado. Assim, esse título “[...] pode ser considerado, naquele quadro, uma insubordinação político-ideológica com desdobramentos à ordem social. Com a repressão política e a censura em curso, ele, autor, questiona temáticas referentes sobre concepções de passado único, de história, de memória” (Andrade, 2013, p. 125).

Diante do conjunto de obras que ocupava as prateleiras das livrarias, precursores como o mineiro Antonio Olinto (1955), o carioca Alceu Amoroso Lima (1960) e o pernambucano Luiz Beltrão (2016) tentaram entender o que era a biografia inserida entre as tessituras da História, da Literatura ou do Jornalismo. Em *Jornalismo e literatura*, Olinto (1955) discorre sobre o sentido da reportagem, ao apontar o nome de Homero como o primeiro repórter de que se tem notícias. Também menciona o *livro tipo reportagem*, como um espaço que compila textos já escritos para jornal. Exemplifica que os “[...] livros de memórias, as narrativas ou relatos de movimentos políticos e revolucionários, também podem estar enquadrados na classe do Jornalismo em forma literária” (Olinto, 1955, p. 23). Sobre a tendência ou não do *livro de reportagem*, profetiza que “[...] só chegarão a um futuro mais longínquo as reportagens que superarem o aspecto imediatista do Jornalismo e plasmarem os acontecimentos com o golpe de verdade próprio das coisas universais” (Olinto, 1955).

Já no seu *O Jornalismo como gênero literário*, Lima (1960) divide a prosa em *ficção*, *apreciação* e *comunicação*. De acordo com sua finalidade, o autor inseriu o Jornalismo no segundo tipo, pois teria a capacidade de formar o juízo de outrem. No grupo de *apreciação*, Lima (1960, p. 40) subdivide a categoria em um trio: “a apreciação de **obras**, ou Crítica; a apreciação de **pessoas**, ou Biografia; e a apreciação de **acontecimentos**, ou Jornalismo”.

O professor Luiz Beltrão foi ao encontro dos dois teóricos anteriores. Em texto intitulado *O livro de atualidade*, escrito originalmente em 1969, ou seja, dois anos após a defesa da primeira tese em Comunicação no Brasil, de sua autoria, Beltrão (2016) refletia que os *livros de atualidade* (LA) são caracterizados, em sua essência, por serem publicados quando os fatos ainda ocorrem: “Com o LA, o leitor obtém uma forma prática de reter informações palpitantes sobre os fatos e situações do presente, podendo-se considerar que essa modalidade jornalística acha-se hoje inserida na práxis social como elemento de ação reflexiva humana” (Beltrão, 2016, p. 207). Diante dessas observações, o pernambucano dividiu o bloco em quatro gêneros diferentes: jornalístico, memorialístico, documental e de referências. Para o presente trabalho, foca-se nas duas primeiras categorias, em que o jornalístico abarca crônicas, diários, entrevistas ou reportagens e o memorialístico, que compreende “[...] memórias, biografias e depoimentos

sobre fatos, personalidades ou série de sucessos que, embora passado algum tempo de sua ocorrência, continuam presentes e atuantes na consciência coletiva” (Beltrão, 2016, p. 211). Ainda embrionários, esses conceitos mostravam como os autores estavam atentos à produção e à vendagem no mercado editorial brasileiro, bem como à onda biográfica do momento. Também se percebe que, naquela época, havia um espaço bem delimitado entre Jornalismo e biografia, por exemplo. Ademais, essas definições iriam antecipar, em três décadas, os debates, ainda rudimentares, sobre o livro-reportagem.

Como observado nos títulos assinados por Calmon, Viana Filho, Magalhães Jr, entre outros, os biografados eram figuras relativamente destacadas do público; portanto, pertenciam a um imaginário social. A atração pelas biografias não era nova, apenas reforçava aquilo que Hollywood já fazia muito bem. Influenciadas pelas histórias que o cinema exibia - como referência às narrativas dos grandes homens, personalidades exemplares e que pudessem fornecer algum legado aos espectadores - as biografias encarnavam protagonistas oriundos de uma fábrica de heróis. O historiador François Dosse, estudioso do gênero, pontua que esses modelos de referência são cíclicos: “Cada época cria seus heróis e lhes atribui, quer sejam de uma época distante, próxima ou atual, seus próprios valores. O herói cristaliza em si uma simbolização coletiva” (Dosse, 2015, p. 151-152).

Mas não só de palavras impressas vive o ser humano. O contexto global dos meios de comunicação vivia avanços. Antes do italiano Guglielmo Marconi sintonizar as primeiras ondas radiofônicas, o sentido visual provocado pelo cinema já divertia espectadores, mesmo que a grande tela estivesse muda. Nos Estados Unidos, a invenção dos irmãos Lumière tornou possível as imagens se movimentarem, dando a impressão à plateia de que as fotografias poderiam também conversar: “Nessa época, Hollywood, na Califórnia, que seria o centro da futura era de ouro, já havia produzido seu primeiro filme. Ainda era uma cidade mínima, com pequenos bosques de laranjas, recém-integrada (1903) ao crescente complexo metropolitano de Los Angeles” (Briggs; Burke, 2006, p. 170). Em 1927, uma virada tecnológica marcaria a indústria do entretenimento. Produzida pela Warner Brothers, *The jazz singer* (*O cantor de jazz*, em português), com o ator branco Al Jonson pintado de tinta preta, para parecer um negro, tornar-se-ia o primeiro filme sonoro, sendo o pontapé para a era de ouro do cinema hollywoodiano (Briggs; Burke, 2006).

O público infantil também era um segmento cativo. Desde a criação do camundongo Mickey, em 1928, Walt Disney reinava absoluto no quesito animação, o que foi corroborado com seu primeiro longa-metragem *Branca de Neve e os sete anões* (1937) e sucessos

posteriores, como *Pinóquio* (1940) e *Bambi* (1941). Mesmo em meio a outros estúdios, como a Universal, que difundia a personagem Pica-Pau, de Walter Lantz; ou a Warner, que distribuía a série de curtas Looney Tunes, com os animais falantes Pernalonga, Patolino, Gaguinho, Frajola e Piu-Piu, Coiote e Papa-Léguas, a Disney se destacou ao trazer para o cinema animações sonoras dos contos de fadas, como *Cinderela* (1950), inspirada na história do francês Charles Perrault, de 1697, e *Peter Pan* (1953), baseada na peça do escocês James Matthew Barrie, em 1904.

Seria apenas ao final da década de 1930 que a televisão seria apresentada ao mundo, durante a realização da Feira Mundial de Nova York, em 1939 (Briggs; Burke, 2006). No início, acreditava-se que a nova invenção atrairia apenas a classe abastada, fato que se mostrou equivocado: “Com a oferta de poucos programas, a produção de aparelhos cresceu consideravelmente entre 1947 e 1952, de 178 mil para 15 milhões; em 1952 havia mais de 20 milhões de aparelhos em uso. Mais de um terço da população norte-americana tinha um” (Briggs; Burke, 2006, p. 234). A relação do número de aparelhos com o das salas de cinema era inversamente proporcional: “A ida média semanal ao cinema caiu de 90 milhões em 1948 para 47 milhões em 1956. O número de salas de cinema chegou ao auge em 1945, com 20 mil casas, e depois caiu para 17.575 em 1948 e 14.509 em 1956” (Briggs; Burke, 2006, p. 234).

Com a instalação do aparelho de televisor nos lares, surge a oportunidade de investir nesse novo meio de comunicação. Nos Estados Unidos, em 1957, os cartunistas William Hanna e Joseph Barbera fundaram os estúdios Hanna-Barbera. Ambos foram os responsáveis pela criação de desenhos como *Zé Colmeia* (1958), *Flinstones* (1960), *Manda Chuva* (1961), *Jetsons* (1962), *Johnny Quest* (1964), *Space Ghost* (1966), *Homem Pássaro* (1967), *Corrida Maluca* (1968) e *Scobby-Doo* (1969).

Em 1950, a televisão é implantada no Brasil, novidade trazida pelo magnata Assis Chateaubriand, dono do conglomerado Diários Associados. O aparelho iria alterar o modo de consumo nos lares brasileiros; todavia, iniciará os trabalhos de maneira precária: “Existiam somente alguns canais e a produção e a distribuição televisiva (resumida ao eixo Rio-São Paulo) possuía um caráter marcadamente regional. Não havia um sistema de redes, os problemas técnicos eram consideráveis” (Ortiz, 2001, p. 47). Associado a isso, poucos dispunham do aparelho – somente em 1959 é que a televisão começará a ser fabricada em território brasileiro:

Seria difícil aplicar à sociedade brasileira deste período o conceito de indústria cultural introduzido por Adorno e Horkheimer. Evidentemente as empresas culturais existentes buscavam expandir suas bases materiais, mas os obstáculos que se interpunham ao desenvolvimento do capitalismo brasileiro

colocavam limites concretos para o crescimento de uma cultura popular de massa. [...] Porque a indústria cultural integra as pessoas a partir do alto ela é autoritária, impondo uma forma de dominação que as *sintoniza* a um centro ao qual elas estariam *ligadas*. Porém, a padronização promovida por e através dos produtos culturais só é possível porque repousa num conjunto de mudanças sociais que estendem as fronteiras da racionalidade capitalista para a sociedade como um todo (Ortiz, 2001, p. 48-49).

Seria também em 1950 que o Brasil sediaria pela primeira vez uma Copa do Mundo²³, desfecho favorável aos uruguaios diante dos brasileiros, na final disputada no estádio do Maracanã, em 16 de julho. Esse ano também marcaria o primeiro passo diante da grande modernização do Jornalismo brasileiro. Conforme registraram os jornalistas Nilson Lage, Tales Faria e Sérgio Rodrigues (2004), o *Diário Carioca* seria reconhecido por uma série de inovações, entre elas, a inserção do *lead* americano - com informações objetivas a respeito do fato, na tentativa de responder às seis perguntas básicas: O quê? Quem? Quando? Onde? Como? Por que? -, além do primeiro manual estilístico de redação do Brasil, que orientava “[...] a eliminação de adjetivos inúteis, o combate aos chavões, o uso de preposições mais próximo ao da linguagem falada e a supressão, paulatina mas constante, das formas arcaicas de tratamento e referência” (Lage; Faria; Rodrigues, 2004, p. 139). Na mesma década, o *Jornal do Brasil*²⁴ também realizaria mudanças no próprio estilo, bem como a *Tribuna da Imprensa*. Este, fundado por Carlos Lacerda, e a *Última Hora*, por Samuel Wainer, possuíam uma forte ligação com a política. Karla Monteiro (2020), jornalista e biógrafa de Wainer, revelou que a produção de um jornal era a oportunidade para que um sujeito pudesse ser respeitado entre os pares. No caso de Wainer, por ele ascender como empresário numa profissão onde o local do berço era o grande diferencial:

Talvez tivesse a pretensão de ser aceito no clube dos barões de imprensa, embora não honrasse nenhum dos códigos vigentes: nascimento, fortuna ou tradição. O herdeiro Paulo Bittencourt, do *Correio da Manhã*, e a dupla Macedo Soares e Horácio de Carvalho, do *Diário Carioca*, provinham de famílias ilustres, ciosos da educação europeia. Os Mesquita estavam sentados sobre a tradição de um jornal quase secular. Roberto Marinho era filho de Irineu Marinho - e já ensaiava o seu império. Carlos Lacerda, além da linhagem familiar, era útil ao establishment. A *Tribuna da Imprensa* falava a mesma língua, abraçando a visão conservadora que imperava nos grandes

²³ Além disso, o evento esportivo simbolizava um recomeço, já que em virtude da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), a última Copa do Mundo tinha acontecido na França, em 1938.

²⁴ Sugestão de leitura: *Até a última página: Uma história do Jornal do Brasil*, escrito pelo jornalista Cezar Motta. Disponível em: https://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=28000343&idtag=71580496-b285-441e-92b8-1a5c45fbe675&gclid=Cj0KCOjwuMuRBhCJARIsAHXdnqMwdrtAHixBq7eo_MB2MWTjGY7TQByZI39meAbNTWlsxNJE16HjlosaAukLEALw_wcB. Acesso em 17 mar. 2022.

jornais. Quanto a Chateaubriand, este fora o último outsider. Trocando em miúdos, o que Samuel pretendia era se tornar o novo Chatô, que saíra da cidade de Umbuzeiro, na Paraíba, para virar um magnata da imprensa à custa de conchavos políticos. Um Chatô de esquerda, de convicta ideologia, é verdade. O jornal que se desenhava na sua cabeça seria indiscutivelmente o primeiro – e único – jornal trabalhista e nacionalista a ingressar no seletivo grupo dos grandes (Monteiro, 2020, p. 175-176).

Ele simbolizou uma luta ativista associada a um novo perfil técnico, inexistente no Jornalismo dos anos 1950. Ao invés de periódicos velhos, ultrapassados, sem diagramação ou ordem de notícias, o *UH* representava novidade, com fôlego de jovens repórteres que tinham a pretensão utópica de mudar o mundo:

Em pouco mais de um ano, a *Última Hora* esmagara a concorrência. Sem dúvida, se tratava de uma publicação governista, tutelada pessoalmente por Getúlio Vargas, mas contrapunha-se ao discurso hegemônico da imprensa. Enquanto os outros jornais tratavam as greves como baderna, a *Última Hora* exaltava a luta. O divórcio, o racismo, a desigualdade, a injusta distribuição de terras, os direitos dos trabalhadores – de um jeito ou de outro, as pautas progressistas encontraram representação (Monteiro, 2020, p. 209).

Ainda na década de 1950, motivada principalmente pela vitória dos Aliados, na Segunda Guerra, os Estados Unidos iniciariam a hegemonia política, bélica e financeira ao redor do globo. Entre as principais formas foi a influência cultural, por meio do cinema, das histórias em quadrinhos, da música, do vestuário, mas também pelo lançamento de produtos que traduziam o melhor do *american way of life*: a fundação da revista *Playboy*, pelo empresário Hugh Hefner em 1953; dois anos depois, a criação da rede de lanchonetes McDonald's e, no mesmo ano, a abertura do primeiro parque de diversões do cartunista Walt Disney, a *Disneyland*, localizado na Califórnia; e, no fim da década, em 1959, o lançamento da boneca Barbie, que concretizaram o domínio norte-americano, para além das armas.

Após 15 anos de ditadura getulista, uma guerra que abalaria o mundo, um mandato de Eurico Gaspar Dutra e um suicídio presidencial que entraria para a História, os brasileiros ansiaram pela segunda metade da década de 1950, em especial, após a vitória de Juscelino Kubitschek. O ex-governador de Minas Gerais, que governou ao ritmo da bossa nova e ao fim do mandato, levou a capital federal ao interior do Brasil, também viu a Seleção Brasileira de futebol conquistar a primeira estrela de Copa do Mundo em solo sueco, em 1958. O Brasil vivenciava os *anos dourados*²⁵ e, embora influenciado pelo capitalismo estadunidense, muitos

²⁵ Período equivalente a 1945 e 1964, isto é, do fim da primeira Era Vargas ao início da ditadura militar.

dos produtos citados anteriormente tardariam duas décadas a chegar em solo tropical. Em âmbito editorial, JK apoiou o mercado livreiro com renovações no parque gráfico, um indicador de progresso cultural: “Graças a Kubitschek, a indústria gráfica cresceria 143,3% entre 1950 e 1960, a quinta maior taxa de crescimento entre as indústrias do país (ainda que grande parte desse crescimento representasse recursos para a produção de jornais” (Hallewell, 2017, p. 585).

No limiar entre as tessituras do Jornalismo e da Literatura, a pesquisadora Karine Moura Vieira (2015) identifica dois momentos em que as funções ontológicas de ambos se aproximam. No primeiro momento, o realismo literário do século XIX, nas figuras do francês Gustave Flaubert, do português Eça de Queiroz e do também francês Émile Zola, autores de *Madame Bovary* (1857), *O crime do Padre Amaro* (1875) e *Germinal* (1885), respectivamente – no Brasil, esse movimento fez escola nas mãos dos escritores Machado de Assis, com *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881); Raul Pompeia, que escreveu *O ateneu* (1888) e Aluísio Azevedo, autor de *O cortiço* (1890). Em um segundo momento, segundo Vieira (2015, p. 52), o *New Journalism*: “Ambos os movimentos marcaram os modelos de produção jornalística do romance-reportagem e também influenciaram a produção biográfica”. Esse movimento, iniciado na década de 1960, nos Estados Unidos, transformou o jeito de contar histórias no Jornalismo, ao utilizar técnicas literárias da ficção. O pós-Segunda Guerra fez com que as pessoas se interessassem por narrativas mais realistas, sem se ligar a fatos superficiais. A valorização de pessoas comuns, a partir de observações, os detalhes das roupas, dos objetos e dos lugares, o enredo nutrido pelo aspecto psicológico, muito enfatizado pelo saber ouvir, fez com que periódicos como o *Herald Tribune*, a *Esquire* e a *New Yorker*, nos Estados Unidos, fizessem história. Segundo Lima (2009), em 1966, os leitores brasileiros presenciariam mudanças, tanto na linguagem plástica, quanto em uma abordagem mais interpretativa das matérias, trazidas pela revista *Realidade*²⁶ e o *Jornal da Tarde*²⁷, discípulos da corrente estadunidense:

Realidade abre-se para o Brasil e para o mundo com uma proposta de cobertura ambiciosa. Realiza mês a mês, em suas edições, a construção somativa de um novo mapa da realidade contemporânea, onde aparentemente não há preconceito na seleção de pautas. *Realidade* ajuda o leitor a descobrir o Brasil em suas múltiplas facetas nos diversos campos da atividade econômica, da produção artística, da existência social, do comportamento

²⁶ Para estudo mais aprofundado sobre o tempo da revista *Realidade*, sugere-se a leitura da obra escrita por José Salvador Faro (1999).

²⁷ A fim de se saber maiores detalhes sobre o *JT*, recomenda-se a leitura do livro produzido por Ferdinando Casagrande (2019), agraciado em 2020 com o Prêmio Livro-Reportagem Amazon, categoria “Profissional”.

humano, da condição religiosa, da disputa política, da arena esportiva (Lima, 2009, p. 224-225).

Enquanto isso, a indústria livreira daria mais um passo rumo à modernização. Ex-vice-presidente da Câmara Brasileira do Livro (CBL) e ex-presidente do Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL), o paulistano Ênio Silveira comandava a Civilização Brasileira, editora inicialmente fundada em 1929, pelo trio Ribeiro Couto, Gustavo Barroso e Getúlio Costa. Três anos depois, ela foi adquirida por Octalles Marcondes Ferreira, que tinha sido sócio, na Companhia Editora Nacional, de Monteiro Lobato. Estudante de sociologia da USP, Ênio Silveira iniciou no mercado editorial por meio da CEN – indicado por Lobato - onde trabalhou com seu futuro sogro, Marcondes Ferreira (Hallewell, 2017). Este o convidou, em 1952, para assumir a Civilização Brasileira, na cidade do Rio de Janeiro:

Sua contribuição em métodos administrativos, publicidade, produção gráfica e política editorial foi, no conjunto, quase tão importante em seu tempo quanto haviam sido as inovações de Monteiro Lobato. Como Lobato, Ênio Silveira foi um radical; mas, enquanto Lobato praticamente abandonou a atividade editorial para dedicar-se a suas campanhas políticas, a política de Ênio Silveira encontrou expressão em seu trabalho editorial – a ponto de pôr em risco a própria existência de seu negócio durante os primeiros anos após a revolução de 1964 (Hallewell, 2017, p. 588).

Essa gestão inovadora significou mudar a imagem da empresa através de anúncios, cartazes e *outdoors*, além das aparências visuais dos livros, mais coloridas e que ocupavam todo o espaço do volume: “Embalando os livros de capa dura em coloridas *jaquetas* – que no Brasil são chamados de sobrecapas – e os apresentando em versão mais barata de brochura aparada, buscava-se diversificar o produto, a fim de atender a diferentes demandas” (Lima; Mariz, 2010, p. 258). Percebe-se uma preocupação com o projeto tipográfico e, pelo que Hallewell (2017, p. 599) indica, a “[...] transferência do índice ou sumário do fim para o começo do livro é típica dessa tendência, como também o fato de, atualmente, os livros praticamente serem sempre publicados com as páginas refileadas”, fato que facilita e instiga o costume dos leitores em folhear os títulos na livraria.

Para agregar à imagem da casa editorial, Ênio também apostou em autores nacionais do calibre de Antonio Callado, Millôr Fernandes, Dias Gomes, Ferreira Gullar, Raimundo Magalhães Jr e Dalton Trevisan. Buscou variedades de traduções em *best-sellers* garantidos, isto é, “[...] todo livro que obtém grade sucesso de público” (Sodré, 1985, p. 74), desde o irlandês Oscar Wilde, aos norte-americanos Francis Scott Fitzgerald e Norman Mailer, do

argentino Júlio Cortázar ao húngaro Gyorgy Lukács e o tcheco Franz Kafka. Logo após reconhecer o mérito - em entrevista publicada no ano de 1994 na RioArtes - da Civilização Brasileira, em traduzir *O Capital*, de Marx, para o português, direto da língua alemã, Silveira forneceu pistas da estratégia editorial:

Somos um pouco distintos de vários colegas nossos, que ficam à caça do *best-seller* – eu diria até que o *best-seller* é grande sucesso, mas de fôlego curto. Preferimos os livros que vendam permanentemente, livros que constituam a base cultural de uma casa, de um leitor interessado em aprender o mundo (RioArtes, 1994 *apud* Félix, 1998, p. 49)²⁸.

A partir de 1964, até o fim da primeira década da ditadura militar, que corresponde aos três primeiros presidentes gerais, o segmento livreiro apresentou fôlego. Nos idos de 1964, em meio à queda de João Goulart e à posse de Humberto de Alencar Castello Branco, a indústria editorial produziu 52 milhões de livros – quase dez anos depois, em 1972, mesmo com o Ato Institucional número 5 (AI-5) já em vigor²⁹, o número atingia 136 milhões (Hallewell, 2017). Inclusive, data do ano de 1970, a realização da primeira Bienal Internacional do Livro, sediada no Parque Ibirapuera, em São Paulo. De acordo com a pesquisa de Sandra Reimão (1996, p. 55), com a industrialização e a segmentação da cultura, a classe média brasileira, durante os anos de 1970 “[...] passa a ter acesso a eletrodomésticos, a comprar em supermercados e *shopping centers*, para onde vai de carro próprio. À noite assiste-se a televisão – 80% dos lares urbanos possuem o aparelho”. Com essa abrangência, a televisão funciona como vértice fundamental da consolidação da indústria cultural no Brasil. Devido à popularidade, torna-se também aliada do mercado editorial. Reimão (1996, p. 61) entende que o ponto crucial na indústria livreira nacional se dá em 1972, quando “[...] o mercado editorial brasileiro ultrapassa a marca de um livro por habitante ao ano”. Além disso, a sobrevalência expansiva da televisão “[...] como principal meio de comunicação no Brasil favorece um determinado segmento no mercado livreiro e nas listas de *best sellers*: o de autores de forte presença na televisão” (Reimão, 1996, p. 65).

Conquanto as editoras de oposição sofressem coações, outras realizavam o trabalho sem filtros, o que ajuda também no aumento da indústria do livro. Uma das razões para esse desenvolvimento é “[...] a queda nas taxas de analfabetismo, o crescimento do número de

²⁸ Trecho da entrevista de Ênio Silveira concedida a Rio Artes no ano de 1994 e publicada, na íntegra, na obra organizada por Moacyr Félix, intitulada *Ênio Silveira: Arquiteto de liberdades* (1998).

²⁹ Assinado pelo então chefe do Executivo, Artur da Costa e Silva, no dia 13 de dezembro de 1968, o AI-5 permitia aos militares o uso do autoritarismo e da repressão aos indivíduos contrários ao regime.

estudantes universitários, a industrialização da produção e da comercialização editorial, inclusive em bancas de jornal, e o crescimento do PIB” (Reimão, 1996, p. 72). O fenômeno editorial atuava em paralelo às políticas de repressão, o que tornou arriscado o mercado livreiro das ciências sociais e de política, já que um título, ou apenas uma palavra, poderia ser mal interpretada pelos censores. Milhares de obras “[...] foram sumariamente confiscados de livrarias e de editoras pelas mais diversas razões: por falarem do comunismo (mesmo que fosse contra), porque o autor era *persona non grata* do regime, por serem traduções do russo, ou simplesmente porque tinham capas vermelhas” (Hallewell, 2017, p. 633). Um decreto de janeiro de 1970, sancionado pelo “[...] mais conservador – e certamente o mais intransigente e inflexível – de todos os presidentes militares do Brasil nestes últimos anos, Emílio Garrastazu Médici” (Hallewell, 2017, p. 645), impunha a pré-censura aos livros que abordassem temáticas sexuais e que comprometessem a moral e bons costumes da família.

Se José Olympio viveu às turras junto à censura varguista, pela queima de obras e detenção de escritores vinculados à casa editorial, Ênio Silveira sofreu com boicotes e pressões da ditadura militar: “O editor esteve preso por sete vezes, a editora sofreu dois ataques a bomba, um dos quais destruiu a sua livraria, a maior da cidade na época. Além disso, a editora teve tiragens inteiras apreendidas, cortes de crédito por parte de bancos e diversas outras restrições financeiras” (Lima; Mariz, 2010, p. 270). No próximo tópico, o debate parte para a compreensão sobre como as atrocidades do regime foram reveladas em um novo formato de segmento.

3.3 O recomeço aos desconhecidos (ou vencidos)

Nos Estados Unidos, o ano de 1969 foi histórico não apenas pelo festival de rock de Woodstock ou pelos testes ainda rudimentares com a Arpanet – modelo que antecedeu o que, atualmente, se chama Internet. O ano também simbolizava o encerramento da década de 1960, período que começou com a eleição presidencial do democrata John Kennedy, presenciou crises armamentistas, corridas espaciais, apoio dos estadunidenses aos governos ditatoriais pela América Latina, assassinatos dos irmãos Kennedy, dos ativistas Martin Luther King Jr e Malcom X, além de encerrar a década com a chegada dos três astronautas da Apollo 11 à Lua. A sociedade estadunidense estava diferente e ansiava por algo que pudesse mitigar a vergonha da campanha bélica no Vietnã. Não havia mais *American way of life*, buscava-se liberdade sexual; não se desejava viver apenas das glórias do passado, a população queria lutar por direitos do agora, das mulheres, dos negros e negras. Por isso, quando Luiz Costa Lima (2011)

elaborou uma análise sobre a comunicação e a cultura de massa, publicado nesse mesmo 1969, as influências sociais estavam ali presentes.

Diante desse prisma multifacetado, Lima (2011) discorre sobre a cultura. Assim como ocorreu na fase renascentista italiana, onde folhetos franceses, alemães, ingleses e poloneses, datados dos séculos XVII e XVIII, eram uma forma incipiente de valorização cultural, as transformações na indústria da mídia, com o surgimento da comunicação de massa, também serviram para modificar o pensamento cultural. Ao indagar a respeito da dicotomia quantidade e qualidade, Lima (2011, p. 25) chegou a reflexão de que “[...] em termos mais gerais: os *mass media*, como qualquer veículo de comunicação cultural, estabelecem *quantidades*, importam pelas quantidades que trazem à circulação; a cultura que os integra estabelece qualidade, importa pelo valor que socialmente se lhe confere”. Sobre a qualidade, em especial, admite:

Quando afirmamos que a qualidade é veiculada pela modalidade de cultura, não estamos falando em qualidade individual e efetiva de cada objeto pertencente àquela modalidade. *O valor declarado de uma cultura não indica o valor verdadeiro de suas obras*. Trata-se, na verdade, de dois âmbitos diversificados em que funciona a noção de valor. O valor efetivo das obras só pode ser aferido mediante critérios de análise – que serão mais objetivos ou menos – enquanto o valor veiculado pela modalidade de cultura é inconsciente, social, generalizador e, ao mesmo tempo, discriminativo (Lima, 2011, p. 25-26).

Em livro publicado no ano de 1990, Thompson (2009, p. 288) procurou elencar quatro características da comunicação de massa, tratada como “[...] *a produção institucionalizada e a difusão generalizada de bens simbólicos através da transmissão e do armazenamento da informação/comunicação*”. Respeitadas as três décadas desde a escrita original do conceito, é interessante analisar o encaminhamento das mudanças observadas, à época do lançamento de *Ideologia e cultura moderna*. O primeiro aspecto levantado por Thompson (2009) é a produção e a difusão institucionalizada, baseada em atividades em larga escala, com reproduções múltiplas e com interesse de fixação dos bens simbólicos. Como segundo indício, percebe-se uma quebra entre a produção x recepção desses mesmos bens, o que acarreta uma transmissão indeterminada a públicos diferentes. A terceira característica da comunicação de massa aponta um distanciamento considerável das diferentes formas simbólicas no âmbito do tempo e do espaço, o que pode variar se depender de como esses produtos simbólicos são consumidos: “Por exemplo, a extensão da acessibilidade de um livro no tempo e no espaço pode depender mais das maneiras como esse livro é recebido – se ele é recomendado ou ignorado [...] – do que dos canais de difusão e da natureza e do meio técnico como tal” (Thompson, 2009, p. 291). Por fim,

o sociólogo analisa que a comunicação de massa “[...] *implica a circulação pública de bens simbólicos*”, o que acarreta uma pluralidade de receptores, cujas mensagens são acessadas por diferentes modos de apropriação.

Mauro Wolf (1999, p. 43), no livro *Teorias da comunicação*, menciona Edgar Morin como vinculado à teoria culturológica que, por sua vez, tinha como característica essencial “[...] o estudo da cultura de massa, distinguindo os seus elementos antropológicos mais relevantes e a relação entre o consumidor e o objecto de consumo”. No prefácio à terceira edição brasileira de *O espírito do tempo* - obra que, segundo Wolf (1999), inaugura essa corrente culturológica -, Morin (1997) esclarece que a década de 1960 foi marcada por infinitas mudanças no mosaico cultural; porém, alerta que o espírito é diferente nos anos 1970: “Traços e focos de *contracultura*, e mesmo de *revolução cultural* formaram-se no *underground*, à margem da cultura de consumo, porém também penetrando-a, irrigando-a. A cultura de massas tende, a um tempo, a deslocar-se e a integrar [...] as correntes desintegradoras” (Morin, 1997, p. 7).

Por ser um período relativamente recente na história do Brasil, a ditadura militar (1964-1985) ainda reverbera em debates acadêmicos voltados para o público em geral. Segredos de quem esteve à frente do país, silêncios dos familiares das vítimas ou de quem presenciou as perseguições durante os anos de chumbo, as tramas dos 21 anos de autoritarismo são, aos poucos, reveladas. A respeito do universo editorial, destacam-se as contribuições das obras de Deonísio da Silva (1989), Sandra Reimão (1996), Maria Luiza Tucci Carneiro (2002a), Rildo Cosson (2007) e Flamarion Maués (2013), que dissertam sobre os livros proibidos, a aproximação da Literatura com o Jornalismo e a perseguição às editoras de oposição, além de Carneiro (2002b), que organizou material sobre o processo da censura no Brasil, em diferentes épocas da história.

Na apuração de *Nos bastidores da censura*, Silva (1989) apresentou 430 obras literárias interditas entre 1964 e 1985. Segundo Reimão (2010, p. 278-279), desse total, “[...] 92 são de autores brasileiros. Desses 92, 7 são textos teatrais censurados para publicação em livro, 15 são livros de não ficção e 70 são textos literários. Entre os 70 textos literários, cerca de 60 são eróticos/pornográficos”.

Em meio à euforia ufanista emanada do governo militar, por meio das obras faraônicas e no ritmo da conquista do tricampeonato³⁰ mundial de futebol, aproximadamente 40 novos comércios editoriais nasceram entre o começo de 1970 e meados de 1980, com o perfil de

³⁰ O tricampeonato se refere à terceira conquista da Copa do Mundo de futebol, fato que aconteceu em 1970, no México. Na final do torneio, a seleção brasileira superou a Itália pelo placar de 4 a 1.

editoras de oposição (Maués, 2013), como as paulistas Alfa-Ômega, Brasil Debates, Ciências Humanas, Kairós; as fluminenses Graal, Paz e Terra, Vozes, Zahar e a gaúcha L&PM: “O que caracterizava o conjunto das editoras de oposição era seu perfil e sua linha editorial claramente oposicionistas, sem que isso implicasse que essas empresas tivessem necessariamente vinculações políticas explícitas” (Maués, 2013, p. 13). Além disso, como a oposição ao regime uniu vários dissidentes ideológicos, não se pode mencionar que editoras de oposição sejam sinônimo de editoras de esquerda. De qualquer modo, “[...] parece que nenhum livro de oposição era apenas um produto editorial e comercial. Ele era uma manifestação política pública, que se dirigia aos formadores de opinião, ou ao menos tinha essa pretensão” (Maués, 2013, p. 29).

No âmbito editorial, a década de 1980 também serviu para resgatar a saga da esquerda (Galvão, 2005), isto é, revelar as intrigas do regime militar, por meio de livros escritos por ex-presos políticos, denúncias de militantes de oposição e até narrativas sobre temas tabus (Maués, 2013). Isso é corroborado pelo levantamento elaborado por Reimão (1996), em que os assuntos mais presentes, entre os títulos de autores nacionais mais comercializados no setor de não ficção, eram, nesta ordem, *Política e/ou economia atual ou recente* (36%), *Memórias, biografias e autobiografias* (30%) e *Sexo, educação, psicologia e/ou feminismo* (21%). De acordo com Reimão (1996, p. 94), “[...] o clima de otimismo e participação é um dado qualitativamente importante para se entender o aumento da presença de autores nacionais entre os mais vendidos em 1985”. Data deste ano, a publicação da biografia *Olga*, do jornalista mineiro Fernando Morais, que permaneceu 29 meses na lista dos livros mais vendidos e, por isso, é “[...] o maior best-seller jornalístico do Brasil de 1966 a 2004” (Catalão Júnior, 2010, p. 108).

Conforme define Galvão (2005), a partir dos anos 1970, surge o *novo biografismo*, conceito este caracterizado por dois aspectos. Primeiramente, esse período pós-64 evidenciaria as narrativas biográficas - pouco conhecidas - de brasileiros que tiveram importante papel na reconstituição histórica do país. Um segundo ponto trataria de bandeiras progressistas: “Tudo isso vem a propósito de chamar a atenção para o quanto este novo biografismo, que é jornalístico e não acadêmico, tem do estilo da crônica, pois é uma espécie de crônica dos tempos próximos, só que mais expandida e estruturada” (Galvão, 2005, p. 359). Em entrevista ao pesquisador Sergio Vilas-Boas (2008), Alberto Dines reconhece a importância da publicação de *Morte no paraíso: A tragédia de Stefan Zweig*, assinada por Dines, em 1981, para a história do Jornalismo brasileiro:

Os biógrafos Luis Viana Filho, Pedro Calmon, Otávio Tarquínio de Souza, Gondin da Fonseca e Lúcia Miguel Pereira, por exemplo, são mais ou menos da mesma geração de Raymundo Magalhães Júnior. Alguns colaboraram com jornais, mas não eram jornalistas propriamente ditos. Não conheço outro jornalista realmente presente em redações de jornais e revistas que tenha feito, na época, algo parecido com a minha biografia de Stefan Zweig (Dines, 2008 *apud* Vilas-Boas, 2008, p. 38)³¹.

A tendência apontada para década de 1990 – baseada nos anos 1990 a 1995 - era os leitores brasileiros preferirem o tema esotérico, no segmento de ficção, e os livros de autoajuda, na categoria de não ficção (Reimão, 1996). Entretanto, os anos 1990 serviram para consolidar as obras impressas de cunho biográfico. Segundo pesquisa revelada por Vilas-Boas (2002), entre os anos de 1995 e 1997, o número de títulos biográficos comercializáveis no Brasil praticamente dobrou: “O que se sabe, com certeza, é que as três biografias mais comercialmente bem-sucedidas daquele período foram *Chatô*, *Mauá* e *Estrela solitária*. As três lideraram as listas dos livros de não ficção mais vendidos em novembro de 1995” (Vilas-Boas, 2002, p. 23).

Assis Chateaubriand e Irineu Evangelista de Sousa, o visconde de Mauá, foram pessoas importantes, mas que não estavam à frente de tudo, como monarcas ou estadistas da época. Também não eram da classe laboral; porém, atuavam no controle social, por meio dos bastidores. Por sua vez, Manoel Francisco dos Santos, o Garrincha, teve a sua apoteose no futebol, durante as décadas de 1950 e 1960, mas foi vencido pelo alcoolismo e acabou na miséria. Ainda como reflexo dos anos 80, a narrativa biográfica da década seguinte serviu para retirá-lo do patamar de herói nacional e torná-lo comum entre os admiradores: “À época do lançamento de *Estrela solitária*, Ruy Castro afirmou que o objetivo de uma biografia é revelar o ser humano para quem se habituou a só ver o herói e mostrar o herói para quem só teve a chance de conhecer o ser humano” (Vilas-Boas, 2002, p. 127). Essa opinião sintetiza uma das funções das escritas de vida: a desmistificação da personagem.

Para Galvão (2005), os protagonistas mais investigados nesse contexto do *novo biografismo* foram artistas da música popular (*Noel: Uma biografia*; *Furacão Elis*; *Carmen: Uma biografia*), seguido por sujeitos ligados à política (*Olga*; *JK: O artista do impossível*) e por fim, jornalistas ou personalidades do teatro/cinema/televisão (*Dercy de cabo a rabo*; *O anjo pornográfico: A vida de Nelson Rodrigues*; *A fantástica história de Silvio Santos*). Seja obras saudosistas ou sintéticas, coleções com vários volumes ou uma brochura de poucas páginas, as

³¹ Trecho da entrevista do jornalista Alberto Dines concedida exclusivamente ao pesquisador Sergio Vilas-Boas (2008).

biografias, no geral, se acostumam a apresentar um protagonista que supera os desafios durante a sua trajetória e vence a jornada semelhante a um herói (Galvão, 2005).

Esse fôlego de novas obras jornalísticas, biográficas ou de cunho investigativo, fomentou novos estudos no Brasil a respeito da aproximação entre Jornalismo e Literatura. No suporte do livro-reportagem, como mencionado no capítulo anterior, Edvaldo Pereira Lima (2009) publicou *Páginas ampliadas*, obra que se tornou referência também para os estudos sobre o Jornalismo Literário e as narrativas biográficas; Carlos Rogé Ferreira Júnior (2003) estudou as práticas de discurso em três tópicos – o Novo Jornalismo, o romance-reportagem e os livros-reportagem; Cristiane Costa (2005) abordou o flerte de jornalistas com o mercado de ficção, em um arco temporário de um século, a começar por 1904, a partir da pioneira obra de João do Rio, *O momento literário*; Marcelo Bulhões (2007), em linguagem didática, propôs-se a apresentar pontos de conexão histórica entre as duas áreas; Mônica Martinez (2016), contribuiu pelo viés do Jornalismo Literário; Antonio Catalão Júnior (2010), com a tese *Jornalismo best-seller: O livro reportagem no Brasil contemporâneo*, buscou compreender como as experiências de reportagem eram representadas no objeto livro – no caso, os 18 livros-reportagem mais vendidos entre 1966 e 2004; e Alexandre Maciel (2018), através das perspectivas de dez jornalistas autores e dois editores, iluminou uma lacuna então existente: os bastidores, a rotina e a produção das reportagens em livro.

Como argumentado, o percurso das biografias no Brasil ocorreu a passos lentos, mas contínuos. A começar por uma tentativa de exaltar vidas exitosas e que pudessem servir de patrimônio imaterial, à época, num país sem memória. Contudo, conforme será detalhado nos resultados apresentados no capítulo cinco, ainda hoje se observa que o cenário permanece desigual.

Após descrever, no capítulo dois, uma espécie de estado da arte, com as contribuições da História e do Jornalismo para o desenvolvimento do gênero biográfico e, nesta terceira parte, apresentar uma tentativa de resgate histórico do mercado editorial associado à evolução do Jornalismo, propõe-se, a seguir, detalhar o roteiro metodológico do trabalho a fim de, nos capítulos cinco e seis, discutir os resultados da presente pesquisa.

4 Roteiro metodológico: Rastros de um percurso histórico

Planejar é replanejar (Braga, 2011, p. 10).

A pesquisa acadêmica é feita de escolhas. Sejam aquelas vinculadas ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) ou projetos de extensão, Trabalhos de Conclusão de Curso (TCCs), sejam as dissertações ou teses, o pesquisador precisa atentar aos objetivos da investigação. Por ser este o trabalho com maior rigor científico, Eva Lakatos e Marina Marconi (2017, p. 262) alertam que, após quatro anos, a tese de doutorado “[...] requer não só exposição e explicação do material coletado, mas também análise e interpretação dos dados”. Demanda ainda “[...] reflexão, iniciativa e persistência no trabalho, dado que engloba a exposição de um problema e sua correspondente solução” (Lakatos; Marconi, 2017, p. 262).

A intenção das presentes páginas é identificar a produção biográfica de mulheres jornalistas na história do Jornalismo brasileiro (1990-2020). Se o sociólogo estadunidense, Howard Becker (1997), define a *metodologia* como o estudo do método, na atual etapa, para chegar ao objetivo proposto, deve-se apresentar uma radiografia do percurso metodológico aplicado na pesquisa de doutorado.

Entretanto, pelo fato das histórias de vida serem um campo multifacetado, inseridas nas grandes áreas das Ciências Humanas e das Ciências Sociais Aplicadas, o entendimento pela caracterização da biografia também se torna interdisciplinar, em um campo de forças com vetores distribuídos entre a História, a Literatura, o Jornalismo, a Antropologia, a Sociologia e a Psicologia, pelo menos. Para o doutorado, decidiu-se focar nas referências somente em duas delas: na História, fonte pioneira de pesquisas sobre a Biografia, e o Jornalismo, base dos estudos ao longo da pós-graduação. Por acreditar que o presente trabalho aborde um fragmento de um campo profissional – isto é, a do mercado das mulheres jornalistas autoras de biografias - a tese se direciona a compreender as biografias jornalísticas e, ainda, propor uma tentativa de avaliar sua contribuição à história do Jornalismo brasileiro.

Aos pesquisadores interessados em se debruçar sobre o passado histórico do Jornalismo, Richard Romancini (2007, p. 40) recomenda “[...] a obrigação de expor com a máxima clareza suas fontes (de modo a permitir, se possível, que outros consultem-nas), os supostos que orientaram a coleta de seus dados, a problemática conceitual construída para o estudo e que orientou a análise”. Como complemento de uma possível proposta de reconstrução histórica, Marialva Barbosa (2012, p. 468) ensina “[...] o que devemos privilegiar são as práticas humanas envolvidas em processos que são sempre comunicacionais”. Se, para Barbosa (2012), a história

é a interpretação das interações dos sujeitos que legaram seus vestígios à posteridade, as pegadas de quem peregrinou pelo universo alcançam o presente quando alguém se dedica a elucidar um fato que permanece esquecido. Cabe ao pesquisador decifrar os códigos com as peças que se tem no tabuleiro social:

Por esta razão, fazer história do Jornalismo não é tão somente alinhar fatos, datas e nomes. Não é apenas considerar personagens emblemáticas e singulares que, por uma política de memória, ocupam um lugar perene. Não é tentar localizar a gênese dos processos, preocupando-se com *o quando tudo começou*. Não é também analisar os discursos produzidos em outros tempos, como se ao analisar esses discursos proferidos estivéssemos automaticamente fazendo história. [...] Portanto, fazer história do Jornalismo é minimamente considerar a teoria da história e utilizar os postulados centrais das análises históricas nos quais tempo, espaço e sujeitos humanos ganham destaque (Barbosa, 2012, p. 468-469).

Com esse intuito, a revisão bibliográfica se tornou uma etapa fundamental, ilustrada no capítulo dois desta tese. Seu objetivo foi reunir um referencial teórico pluralizado, oriundo de referências de várias épocas e nacionalidades, sem deixar de lado a intenção de ofertar aos leitores uma revisão consistente dos conceitos-chave. Além de mencionar trabalhos pioneiros – obras estas disponíveis na Biblioteca Central Irmão José Otão (<http://biblioteca.pucrs.br>), da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS); emprestadas por meio da biblioteca particular do orientador; liberadas em arquivos com extensão em pdf's na Internet ou adquiridas via *site* da Estante Virtual (<http://estantevirtual.com.br>) - a apresentação do estado da arte serviu para conhecer diferentes abordagens diante de diversos problemas de pesquisa, objetos de estudo, revisões teóricas e métodos defendidos a nível de pós-graduação na área da Comunicação.

Para Antonio Carlos Gil (2008, p. 50), um dos benefícios da técnica da pesquisa bibliográfica é “[...] permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Esta vantagem se torna particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço”. Da mesma forma, no capítulo três, a reconstrução histórica da indústria editorial brasileira se deu muito influenciada pelo que já havia sido abordado em pesquisas publicadas em obras de referência, bem como em livros, teses e dissertações, anais de encontros científicos e periódicos da área, estes constituídos por Lakatos e Marconi (2017, p. 54) como “[...] o foco primeiro dos pesquisadores, porque é neles que se pode encontrar conhecimento científico atualizado de ponta”.

Ao se preocupar com a formação de mestres e doutores em Comunicação no Brasil, José Luiz Braga (2011) reflete sobre a pesquisa empírica. Os desafios levantados pelo professor convergem para a reavaliação de preliminares consideradas, à época da escrita do artigo – mas ainda bastante comuns, como verdades inquestionáveis. Tratar de objetos de estudo a partir de uma única escola teórica ou aplicar métodos de acordo com o projeto de pesquisa pode, às vezes, não surtir o efeito desejado. Somado a isso, exige-se que os pós-graduandos sejam precursores de abordagens, métodos e testagens, fato que também não se torna um fato absoluto:

Não é preciso que as descobertas realizadas nas pesquisas empíricas se caracterizem como a vanguarda do conhecimento na área – nossas descobertas raramente o são. Trata-se mesmo de enfrentar a resistência da realidade, cercá-la com nossa problematização e ser capaz de perceber alguma coisa ali que, por mais modesta e singular, antes não era claramente percebida, agora encontra um esclarecimento produzido por nosso trabalho investigativo, de observação sistemática, de questionamentos, de articulação adequada entre os fundamentos teóricos acionados e as dúvidas postas pela construção do objeto. Fala-se às vezes em *originalidade* (sobretudo para a tese de Doutorado). Mas esta é relativamente rara e depende de condições muitas vezes externas ao esforço investigativo. Mais importante é um esforço sistemático para a descoberta – o que é outra coisa (Braga, 2011, p. 6).

Pelo viés metodológico, Braga (2011) também explica alguns pontos de vista. Ao invés de ser interpretada como um capítulo obrigatório, que formaliza e, por consequência, valida o teste científico, a metodologia poderia ser encarada como uma oportunidade de se aproximar do objeto onde o pesquisador ilumina o mapa das hipóteses tal qual a clareza de um arqueólogo ou detetive: “No campo de estudos em Comunicação, tais cuidados são particularmente relevantes, uma vez que importamos teorias, conceitos e metodologias de múltiplos horizontes – que pedem transferências e harmonizações complexas para funcionarem juntos” (Braga, 2011, p. 8). Ao entender as fragilidades do objeto em questão, o pesquisador compreenderá qual a melhor técnica ou o autor mais indicado que poderá auxiliá-lo na solução das dúvidas.

A fim de que os enigmas sejam decifrados, um problema de pesquisa coerente precisará ser constituído. Na presente tese, a pergunta que norteia a investigação é: qual a contribuição das mulheres jornalistas ao gênero biográfico brasileiro? Para buscar respostas a essa indagação, fez-se necessário, primeiramente, elaborar uma radiografia memorialística com o intuito de quantificar as biografias publicadas no mercado editorial brasileiro em um arco temporário de 30 anos (1990-2020), conforme detalhado a seguir.

4.1 Retrato biográfico do mercado editorial brasileiro

A finalidade da presente tese é identificar a contribuição da produção biográfica de mulheres jornalistas para a história do Jornalismo brasileiro (1990-2020). Para isso, foi utilizada uma metodologia quali-quantitativa, a partir do banco de dados já levantado durante o mestrado¹ do autor (Adam, 2020) junto à Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Nesse primeiro levantamento, ainda em 2018, desenvolvido a partir dos catálogos virtuais das então 400 editoras associadas ao Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL), inferiu-se que existe uma distribuição editorial desigual perante as cinco regiões brasileiras, de acordo com o Gráfico 4 abaixo:

Gráfico 4 - Distribuição das editoras associadas à SNEL pelo Brasil (2018)



Fonte: O autor

Nota: Arte de Matheus Gastaldon

Ao contrário dos apontamentos do mestrado (Adam, 2020), que indicavam um maior predomínio das editoras universitárias na região Sul, neste mapa, a superioridade se destaca na região Sudeste, o que obriga alguns comentários. Nordeste e Sul somam a mesma quantidade

¹ Embora tenha sido realizado, o levantamento da SNEL não foi empregado no trabalho final do mestrado. Para a dissertação, o autor utilizou somente os dados das editoras conveniadas à Associação Brasileira das Editoras Universitárias (ABEU). A dissertação se intitula e pode ser acessada por este link: <https://tede2.uepg.br/jspui/handle/prefix/3164>. Acesso em 29 abr. 2022.

de editoras; entretanto, enquanto Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul possuem uma média de oito por estado, os nove nordestinos – mesmo tendo o triplo de unidades federativas - apresentam uma média de 2,5. Além disso, é urgente mencionar a concentração da literatura na região Sudeste, pois, ao mesmo tempo em que Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul congregam 11 editoras, os sete estados do Norte somam apenas nove. Outrossim, essa má distribuição indica menos oportunidade de publicação para os escritores, um leque menos plural de opções de leitura, bem como sinaliza uma diminuição de assuntos regionais em detrimento a temáticas oriundas do eixo Sudeste.

Em uma planilha do Microsoft Excel, elaborou-se sete colunas assim denominadas: *Razão social*, *Nome fantasia*, *Local*, *Título*, *Autor*, *Ano* e *Observação*. Quando a editora possuía muitos livros, decidiu-se abrir uma aba no mesmo arquivo para melhor o detalhamento. Após averiguar todos os *sites* das casas editoriais², promoveu-se a procura de títulos a partir da categoria “Biografia” ou outras semelhantes – como “Comunicação”, “Jornalismo”, “História”, entre outros, já que o gênero é multidisciplinar (Dosse, 2015) e serve de fonte para vários campos de estudos. Concluiu-se que, das 400 editoras, em pelo menos 100, o *site* não existia, estava desatualizado ou em manutenção. Além disso, muitas das empresas associadas à SNEL não possuíam a categoria “Biografia”, sequer havia divisão por assuntos no catálogo virtual ou editavam temáticas específicas, como arquitetura, culinária, literatura infantil, manuais técnicos, entre outros.

Dessa maneira, depois de realizar o primeiro levantamento, ainda muito primário, com um rascunho da distribuição editorial no Brasil, constatou-se que as dez editoras com maiores publicações de narrativas biográficas (Lima, 2009), um grande grupo que engloba textos biográficos, autobiográficos, memorialísticos, perfis e ensaios - somam-se a esses os gêneros epistolares, como cartas ou diários - eram, em sequência, o Grupo Editorial Companhia das Letras, o Grupo Editorial Record, a L&PM Editores, a Globo Livros, a Planeta do Brasil, a Intrínseca, a Rocco, a Sextante, o Grupo Editorial Scortecci e a Ediouro.

Para uma melhor organização, decidiu-se lançar as dez editoras nas abas do mesmo arquivo do Microsoft Excel. Primeiramente, com 10 colunas, dividiu-se em: 1) *Tipo*, em que se classificou as narrativas em biografias, autobiografias, perfis, cartas ou diários – entretanto, a presente pesquisa apenas se dedicou a analisar as obras biográficas; 2) *Título do livro*; 3) *Biografado*; 4) *Sexo*; 5) *Ocupação*, que não necessariamente possuía relação com a formação; 6) *Autor*, ou seja, o (a) biógrafo (a); 7) *Sexo*; 8) *Ocupação*; 9) *Ano de publicação*; 10) *Selo*, caso

² O primeiro preenchimento das obras na tabela, com o rastreamento das 400 editoras, consumiu quinze dias no ano de 2018: 2, 4 e 7 de outubro; 1º, 9, 16, 17, 18, 19, 25, 26, 29 e 30 de novembro; 1º e 2 de dezembro.

houvesse alguma categorização do livro dentro da editora. Depois, quando o olhar se voltou apenas às biografias, foram acrescentadas mais três colunas: *Nacionalidade*, do biografado; *Saúde*, se o protagonista estava vivo ou morto à época do lançamento da obra; e *Nacionalidade*, do biógrafo.

Além disso, para o preenchimento das células, foi considerado o ano de lançamento divulgado na página oficial da editora, na Internet, ainda que a publicação original fosse datada de outra época. Às vezes, o livro apareceu duas vezes na lista, porque a obra precisou ser relançada, devido a alguma adaptação cinematográfica. É importante reiterar que as planilhas foram elaboradas manualmente, pela primeira vez, em outubro/novembro de 2018 e, portanto, atualizadas em novembro/dezembro de 2020, ano este que finalizava o arco temporal proposto para o projeto de doutorado. No segundo semestre de 2020, durante a realização da disciplina *Literatura, História e Memória Cultural*, ministrada pela professora Dra. Regina Kohlrausch, no Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, somente a tabela do Excel das dez editoras é que foi atualizada até aquele ano com o intuito de apresentar uma primeira radiografia dos resultados no artigo final exigido pela disciplina e, posteriormente, submetido e publicado na revista *Lumina*, periódico pertencente ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

Parte-se da ideia de que um livro biográfico trate da vida de pessoas, mas quanto à questão comercial, autores e editoras decidiram aplicar o termo *bio* para outras vidas, como bandas de música (*ABBA: A biografia*, 2014; *The Rolling Stones: A biografia definitiva*, 2015), lugares (*Os degraus de Ipanema*, 1997), jornais (*Até a última página: Uma história do Jornal do Brasil*, 2018; *Jornal da Tarde: Uma ousadia que reinventou a imprensa brasileira*, 2019), gêneros musicais (*A onda que se ergueu no mar: Novíssimos mergulhos na Bossa Nova*, 2017; *Uma história do samba*, 2017) e até de doenças (*O imperador de todos os males: Uma biografia do câncer*, 2012).

Entretanto, em sentido estrito, como a intenção é realizar o levantamento apenas das obras classificadas como biografias, após os dados elencados na planilha, filtraram-se os títulos biográficos relacionados a seres humanos. Alerta-se aos leitores que, para esta tese, o autor se norteou pela definição de Edvaldo Pereira Lima (2009, p. 425), segundo a qual, a biografia é uma narrativa de longo percurso, “[...] cuja missão é contar toda a vida de uma pessoa, viva ou morta”. Assim, descartaram-se os livros biográficos que abordassem bandas de música, lugares, jornais, empresas, gêneros musicais, animais, anos, doenças, relacionamentos e segredos de família. Mesmo em se tratando de pessoas, foram excluídas as biografias ilustradas (ou em quadrinhos), as crônicas biográficas, as *fotobiografias* – termos estes que não serão explicitados

ao longo do trabalho. Após esse filtro, a nova ordem das editoras que mais publicam biografias no Brasil, entre 1990 e 2020, foi alterada para: Grupo Editorial Record, Grupo Editorial Companhia das Letras, L&PM Editores, Globo Livros, Planeta do Brasil, Rocco, Intrínseca, Ediouro, Sextante e Grupo Editorial Scortecci.

Antes de prosseguir, cabe um detalhe a respeito de algumas características dos títulos biográficos, que servem como reflexões preliminares. A adjetivação expressa nos títulos das obras é a primeira delas. Palavras como *definitiva* (*Freddie Mercury: A biografia definitiva*, 2013), *autorizada* (*Deus tenha misericórdia dessa nação: A biografia não autorizada de Eduardo Cunha*, 2019), *oficial* (*Tudo de novo: A biografia oficial do Roupas Nova*, 2013), *verdadeira* (*Diana: Sua verdadeira história*, 2013) são usadas como uma forma de atrair o leitor. Além disso, termos como *vida* (*Travessia: A vida de Milton Nascimento*, 2006; *Mick: A vida louca e o gênio selvagem de Jagger*, 2015), *a biografia* (*Hebe: A biografia*, 2017; *Kardec: A biografia*, 2019), *o segredo* (*Sou dona da minha alma: O segredo de Virginia Woolf*, 2010; *O segredo de Copérnico*, 2011) também são empregados com o intuito de totalizar uma história, uma vida completa.

Ainda foi identificado o uso dos substantivos *homem* e *mulher* associados a qualidades, como em *Duque de Caxias: O homem por trás do monumento* (2008), *A dona das chaves: Uma mulher no comando das prisões do Rio de Janeiro* (2010), *Mona Lisa: A mulher por trás do quadro* (2018) ou *Ferrari: O homem por trás das máquinas* (2019). Por fim, como se não bastasse, as editoras aplicam superlativos como forma de engrandecer a figura masculina, como em *mais original* (*Sócrates: A história e as histórias do jogador mais original do futebol brasileiro*, 2014) ou *mais perigoso* (*O homem mais perigoso do país: Biografia de Filinto Müller*, 2017).

A hipótese do levantamento era que haveria mais homens do que mulheres – seja no quesito autoral, seja no de personagens investigadas -, mas não se tinha ainda dimensionado esse desequilíbrio. Com esse panorama biográfico, foi possível elaborar, primeiramente, quem são os biógrafos e os biografados no Brasil. Adiante, os primeiros resultados da quantificação, a começar pelo número de biografias, dos livros assinados por mulheres biógrafas e por fim, as jornalistas brasileiras que se dedicam à escrita do gênero.

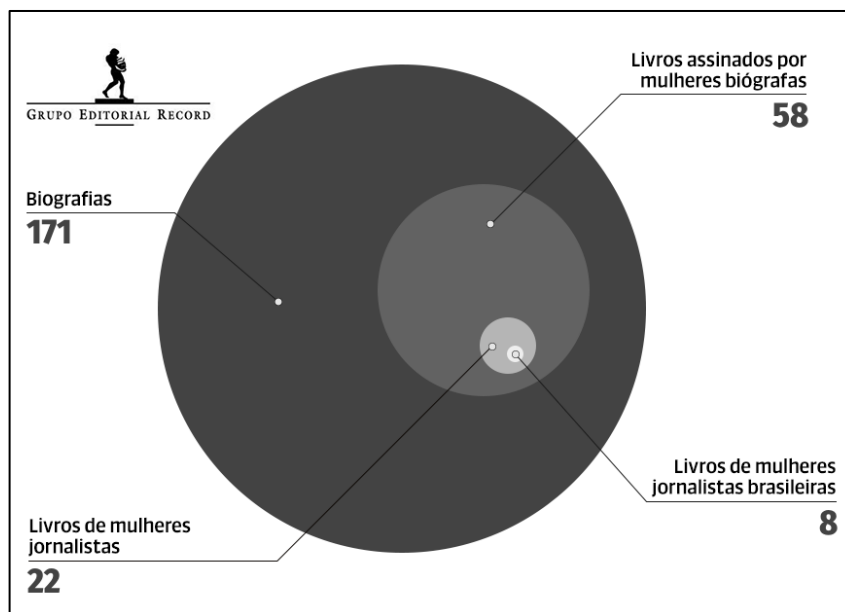
A história das editoras pertencentes ao Grupo Editorial Record (@grupoeditorialrecord) se inicia em 1942, por meio da Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A. Laurence Hallewell (2017, p. 733) conta que o objetivo, primeiramente, era de “[...] atuar como distribuidora, no Brasil, das histórias em quadrinhos publicadas na imprensa periódica”. No entanto, os dois sócios Alfredo Machado e Décio Abreu, resolveram apostar no mercado do

livro e, em 1962, publicaram o primeiro. Oito anos mais tarde, a sociedade se desfez: “A produção editorial da Record começou com livros infantis e universitários, mas sua ênfase logo recaiu na ficção, publicada inicialmente sob o selo editorial da Eldorado, sua subsidiária. Até os anos de 1970, essa ficção se limitou quase exclusivamente a traduções de *best-sellers*” (Hallewell, 20147, p. 734), notadamente norte-americanos. Jorge Amado, Graciliano Ramos e, mais tarde, Fernando Sabino, também figuraram no *casting* da Record.

Atualmente, em 2022, o grupo possui variados selos e editoras, muitas delas com um passado pioneiro no Brasil. Integra a empresa a editora Bertrand Brasil e o selo Difusão Editorial do Livro (DIFEL), as Edições BestBolso, as editoras BestSeller (e o selo BestBusiness), Civilização Brasileira, os selos Galera e Galerinha, além das editoras José Olympio, Nova Era, Paz e Terra, Rosa dos Tempos, Verus e Viva Livros - o que a torna o maior conglomerado editorial na América Latina.

Pelo *site* do grupo (<https://www.record.com.br>), o tópico *Biografia & Autobiografia* foi acessado nos dias 11 e 16/10/2018 – posteriormente atualizado em 26/11/2020 – e exibiu 171 biografias, 58 delas assinadas por mulheres. Conforme indicado no Gráfico 5, entre as biógrafas, 22 eram de autoria de jornalistas, sendo oito deles de brasileiras: *Travessia: A vida de Milton Nascimento* (2006), de Maria Dolores Duarte; *A máquina* (2008), biografia de Alicia Klein sobre o ex-piloto alemão de Fórmula 1, Michael Schumacher; *Nasci para sonhar e cantar: D. Ivone Lara – A mulher no samba* (2009), escrita por Mila Burns; *Um homem torturado: Nos passos de frei Tito de Alencar* (2014), de autoria de Leneide Duarte-Plon e Clarisse Meireles, que pesquisaram a vida de um frade perseguido na ditadura; *H Stern: A história do homem e da empresa* (2015), por Consuelo Dieguez; *Padre Marcelo Rossi: Uma vida dedicada a Deus* (2015), assinada por Heloísa Marra; *Frei Betto: Biografia* (2016), de Evanize Sydow – em parceria, com o historiador Américo Freire, além de *Quelé, a voz da cor: Biografia de Clementina de Jesus* (2017), do trio Janaína Marquesini, Luana Costa e Raquel Munhoz, juntamente com Felipe Castro:

Gráfico 5 - Quantidade de mulheres jornalistas brasileiras, autoras de biografias, no Grupo Editorial Record (1990-2020)



Fonte: O autor

Nota: Arte de Matheus Gastaldon

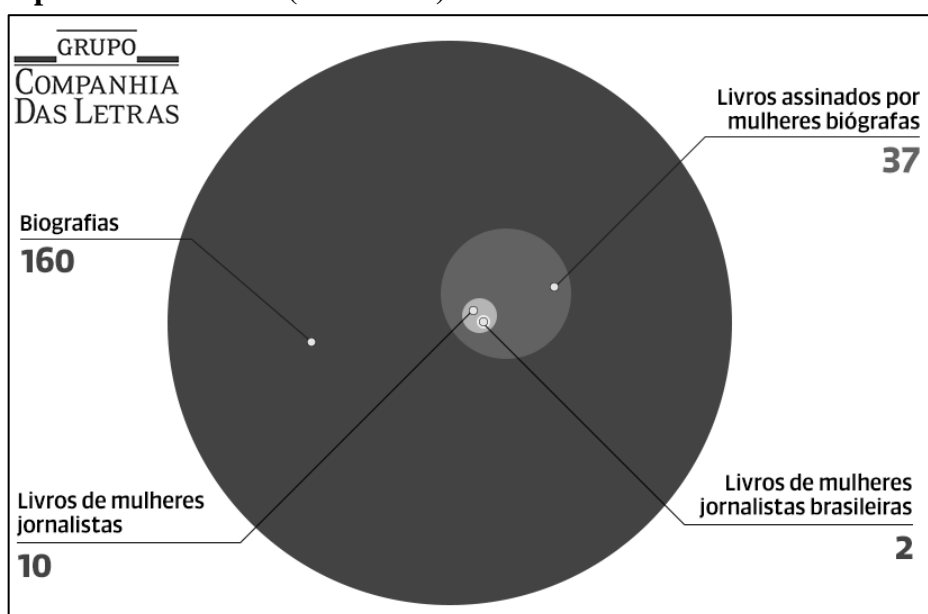
Em seguida, desponta o Grupo Companhia das Letras (@companhiadasletras). A fim de compreender a gênese e posterior imersão da Companhia das Letras no mercado editorial brasileiro, Teodoro Koracakis (2010) orienta uma revisitação ao passado do editor, o paulistano Luiz Schwarcz. Schwarcz fez parte da equipe de trabalho da editora Brasiliense, a partir de 1978, quando ingressou como estagiário e por lá acompanhou a vivência do ambiente livreiro: “Como alternativa à ditadura que se encerrava, era oferecida uma verdadeira biblioteca libertária, repleta de *beats*, poetas marginais e heróis revolucionários. [...] A Brasiliense da década de 1980 moldava e era moldada por seu público preferencial: o jovem leitor” (Koracakis, 2010, p. 291).

Em março de 1986, Schwarcz fundou a própria editora, cujo nome “[...] foi inspirado no da organização comercial dos tempos coloniais, a Companhia das Índias, e sua marca emprega os símbolos do viajante” (Hallewell, 2017, p. 731), tais como o avião, a bicicleta, a locomotiva, a motocicleta, o navio. Embora a nomenclatura seja a de nome fantasia, ao não adotar o sobrenome Schwarcz, o proprietário fugiu da “[...] personalista adoção do nome do fundador, como José Olympio, Martins Fontes ou Jorge Zahar. Também não foi utilizada designação nacionalista, como Brasiliense, Civilização Brasileira, [...] que identifica a fundação da editora com um novo modo de pensar o país” (Koracakis, 2010, p. 293). Os primeiros quatro lançamentos ocorreram de maneira simultânea, em outubro do mesmo ano. Dos primeiros

títulos, sobressai *Rumo à estação Finlândia*, do crítico literário estadunidense Edmund Wilson, obra que comercializou 110 mil exemplares (Hallewell, 2017).

Para Koracakis (2010), o catálogo carrega um valor muito simbólico, com livros de autores prestigiados nos respectivos nichos de atuação. Através do segmento “Biografia & Autobiografia”, disponível no site (<https://www.companhiadasletras.com.br>) do grupo, acessado em 20/11/2018 e atualizado em 01/12/2020, evidenciam-se obras de autores consagrados em premiações, como Fernando Morais, Mario Magalhães, Lira Neto e Ruy Castro. De acordo com o Gráfico 6, no total, computaram-se 160 biografias, 37 delas assinadas por 39 mulheres biógrafas (um livro como coautora e um com duas mulheres). Outro resultado é que, dos 37 livros, dez são de autoria de jornalistas. Infelizmente, apenas dois de brasileiras: Adriana Negreiros (*Maria Bonita: Sexo, Violência e Mulheres no Cangaço* (2018) e Karla Monteiro (*Samuel Wainer: O homem que estava lá* (2020)).

Gráfico 6 - Quantidade de mulheres jornalistas brasileiras, autoras de biografias, no Grupo Companhia das Letras (1990-2020)



Fonte: O autor

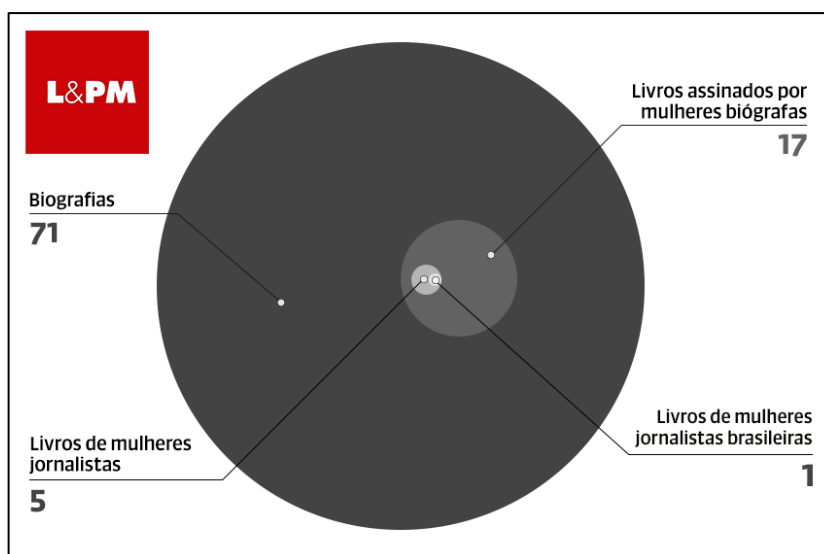
Nota: Arte de Matheus Gastaldon

Segundo Hallewell (2017), com a migração de todo o acervo da Livraria e Editora do Globo para o Rio de Janeiro, sob tutela da Globo Livros, a editora com maior destaque na região Sul – e, em âmbito nacional – passou a ser a L&PM (@lepmeditores), nome oriundo das iniciais dos sobrenomes dos dois colegas fundadores: Ivan Pinheiro Machado e Paulo de Almeida Lima. A partir de agosto de 1974, a nova casa editorial de Porto Alegre (RS) começou a se destacar com a publicação de *Rango 1*, personagem em quadrinhos que vivia a miséria, durante o período

da ditadura militar. Também foi reconhecida nacionalmente por ser a casa dos livros de Luis Fernando Veríssimo, Mario Quintana, Millôr Fernandes, Moacyr Scliar e do uruguaio Eduardo Galeano. Durante a década de 1990, em meio aos problemas econômicos que ainda repercutiam pelo Brasil, a L&PM criou um novo modelo literário: as coleções *pocket*. Sobre esse novo formato, lançado em 1997, Marília Barcellos revela que a renovação do catálogo, direcionado a nichos específicos, é uma aposta interessante para a captação fiel de leitores. Assim, a decisão de vender os livros de bolso “[...] levou à ampliação dos pontos de venda e à inovação nas estratégias para atrair o leitor, com *displays* espalhados em pontos alternativos no Brasil, o que permitiu conquistar uma posição de destaque no mercado e mesmo oxigenar os rumos da empresa” (Barcellos, 2010, p. 324).

O catálogo *Biografias* foi acessado pelo pesquisador através do *site* da editora (<https://www.lpm.com.br/site/default.asp>), nos dias 29/11 e 03/12 de 2018, com última atualização no dia 10/12/2020. Os resultados são melhor ilustrados pelo Gráfico 7, onde, das 71 biografias rastreadas no catálogo, 17 são escritas por 18 mulheres biógrafas, já que a obra sobre Henry David Thoreau é assinada por Marie Berthoumieu e Laura El Makki. Das 17, cinco são de autoria de jornalistas: Alexandra Lemasson, Celia Ribeiro, Christiane Rancé, Christine Jordis e Sophie Chauveau; entretanto, apenas uma brasileira: Celia Ribeiro, que biografou o bisavô educador em *Fernando Gomes: Um mestre no século XIX* (2007).

Gráfico 7 - Quantidade de mulheres jornalistas brasileiras, autoras de biografias, na L&PM Editores (1990-2020)



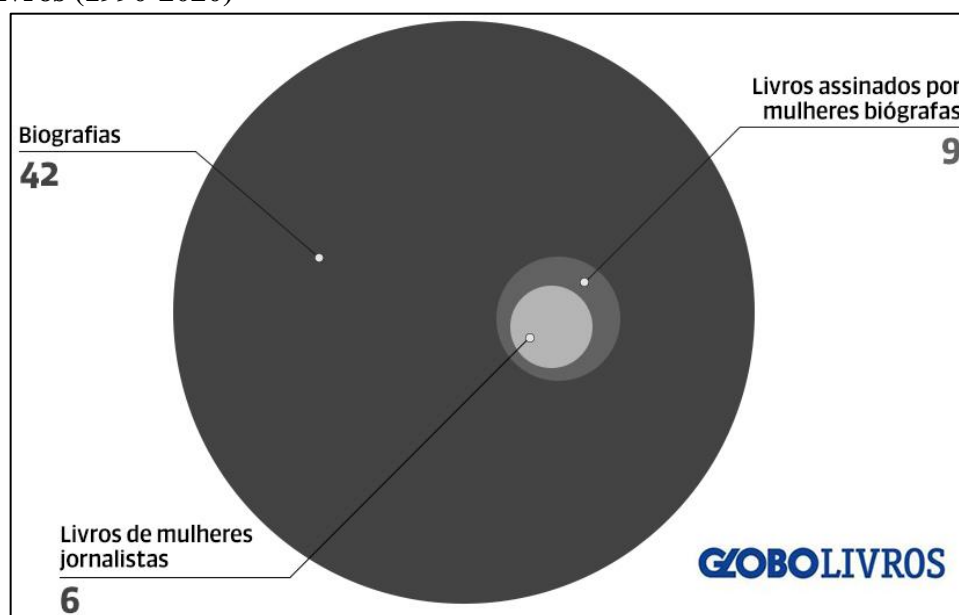
Fonte: O autor

Nota: Arte de Matheus Gastaldon

A Globo Livros (@globolivros) é outra editora com estreita relação com a capital gaúcha. Inicialmente denominada como Livraria e Editora do Globo, fundada por Laudelino Pinheiro Barcellos e, futuramente, de propriedade da família Bertaso, seu acervo seria adquirido pela Rede Globo, em 1986, como parte de um projeto de expansão do conglomerado midiático da família Marinho no setor editorial. Parte da história dessa pioneira editora gaúcha foi contada no capítulo anterior, mas cabe aqui lembrar da importância desse espaço no âmbito livreiro, centrado na pessoa de Erico Veríssimo, especialmente em um mercado, à época, débil de boas traduções. Agatha Christie, Aldous Huxley, James Joyce, William Faulkner são alguns dos autores trazidos por Veríssimo ao Brasil.

Não há, na Globo, um catálogo dividido por segmentos ou temáticas. Assim, foi preciso analisar todas as obras para que se pudesse chegar ao número de 42 biografias, de acordo com o Gráfico 8. Dentre elas, sobressai a série de livros sobre personagens católicas, como Nossa Senhora Aparecida, Francisco de Assis e Nossa Senhora de Fátima. Do total de biografias encontradas no catálogo virtual (<http://globolivros.globo.com/>) - acessado em 17/11/2018 e atualizado em 03/12/2020 - nove são livros assinados por mulheres biógrafas, sendo seis de autoria de cinco jornalistas: Angela Lambert, Deirdre Bair, Emily Herbert, Lynne Olson, Patricia Posner. Porém, nenhuma delas é brasileira.

Gráfico 8 - Quantidade de mulheres jornalistas brasileiras, autoras de biografias, na Globo Livros (1990-2020)



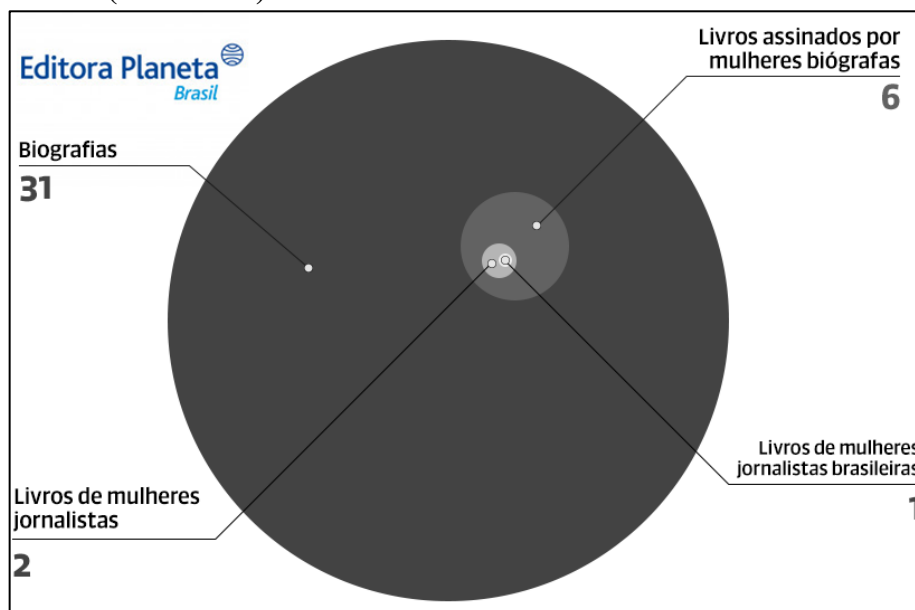
Fonte: O autor

Nota: Arte de Matheus Gastaldon

Única editora estrangeira entre as dez listadas na pesquisa da presente tese, a Planeta do Brasil (@planetadelivrosbrasil) integra o grupo espanhol Planeta de Libros, sediado na cidade de Barcelona. Fundado em 1945, desde 1952 promove, anualmente, o Prêmio Planeta (Barcellos, 2010), que reconhece os melhores romances. Sua entrada no maior país da América Latina se deu em 2003, com estratégias renovadoras, como a conquista da confiança de escritores locais: “A relação autor-editora foi de imediato mexida, especialmente com autores de prestígio, por meio do oferecimento de *luvas*, isto é, o adiantamento de direitos autorais, para os escritores brasileiros consagrados, o que estava fora dos padrões praticados até então no mercado interno” (Barcellos, 2010, p. 318). Ademais, a publicação paralela dos mesmos livros em outros territórios é outra maneira de persuadir os autores. No caso da Planeta, ela está presente nos países da América Latina e em mais três países da Europa (França, Itália e Portugal), sendo a maior editora da Espanha.

Assim como a Globo Livros, a Planeta do Brasil também não possui um segmento específico de livros biográficos. Restou averiguar o catálogo virtual (<https://www.planetadelivros.com.br/>) por temáticas que vão ao encontro das histórias de vida, como a de Ciências Humanas e Sociais. Acessado em 19/11/2018, e atualizado no dia 08/12/2020, a pesquisa contabilizou 31 biografias, conforme exemplificado a seguir, no Gráfico 9. Desta quantidade, seis são assinadas por mulheres biógrafas, sendo duas obras de autoria de jornalistas: a estadunidense Liza Mundi, autora de *Michelle: A biografia*, a respeito da ex-primeira-dama norte-americana, e a brasileira Carla Rodrigues, que biografou o sociólogo Herbert José de Sousa em *Betinho: Sertanejo, mineiro, brasileiro*, no ano de 2007.

Gráfico 9 - Quantidade de mulheres jornalistas brasileiras, autoras de biografias, na Planeta do Brasil (1990-2020)



Fonte: O autor

Nota: Arte de Matheus Gastaldon

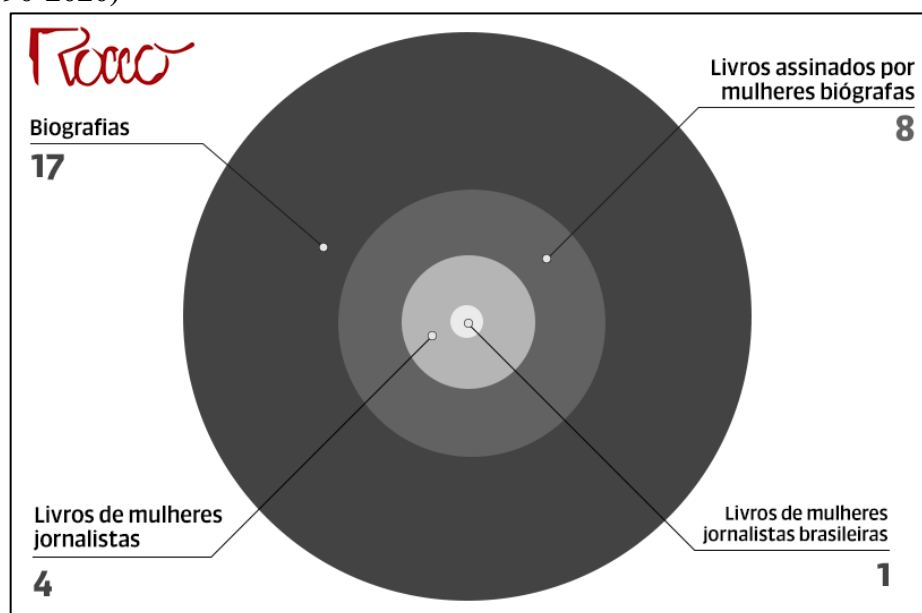
Paulo Roberto Rocco fundou, em junho de 1975, no Rio de Janeiro, sua própria editora, inspirada no sobrenome da família: “Seus primeiros títulos foram *Teje preso*, de Chico Anísio, *Casos de amor*, de Marisa Raja Gabaglia, e *O viúvo*, de Osvaldo França Júnior – livros de venda certa que, esperava Rocco, lhe tornariam financeiramente possível assumir riscos no lançamento de nomes [...] novos” (Hallewell, 2017, p. 797)³. De acordo com o *site* da casa (<https://www.rocco.com.br/>), grandes êxitos da ficção e não ficção foram lançados e permaneceram pela editora, caso de *O alquimista* (1988), berço de sucesso do brasileiro Paulo Coelho; *A fogueira das vaidades* (1989), do estadunidense Tom Wolfe; *Mulheres que correm com os lobos* (1994), da também estadunidense Clarissa Pinkola Estés; *Harry Potter e a pedra filosofal* (2000), da britânica J. K. Rowling; além do recente *best-seller*, *O conto da aia* (2017), da canadense Margaret Atwood.

Um único livro assinado por uma jornalista brasileira desponta no universo de 17 biografias listadas no tópico *Biografia/Memórias/Diários* da editora Rocco. Trata-se de

³ A justificativa de Hallewell para tamanha certeza de vendas se motiva pelo fato de que os três, à época, possuíam espaço na grande mídia. O humorista Chico Anísio era contratado da TV Globo e tinha um programa semanal com grande audiência. Já a jornalista Marisa Raja Gabaglia se tornou conhecida pelas crônicas publicadas no jornal *O Globo* e as entrevistas em programas jornalísticos exibidos pela TV Globo. Por fim, o romancista Osvaldo França Júnior, ex-militar da Aeronáutica, autor de *O viúvo* (1965), *Jorge, um brasileiro* (1967) – obra, esta, reconhecida no Prêmio Walmap de Literatura do mesmo ano, e que inspiraria a primeira versão da minissérie *Carga pesada*, transmitida pela TV Globo entre 1979-1981.

Luciana Hidalgo, autora de *Arthur Bispo do Rosario: O senhor do labirinto*. A obra foi publicada em 1996, sendo premiada em 1997, pelo Jabuti de Literatura, categoria “Reportagem”. Além de Luciana, mais três jornalistas se aventuram pela escrita biográfica: a holandesa Janny Van Der Molen, a inglesa Lesley-Ann Jones e a italiana Lorenza Foschini. O Gráfico 10, a seguir, discrimina os detalhes do rastreamento realizado em 20/11/2018 e atualizado em 08/12/2020.

Gráfico 10 - Quantidade de mulheres jornalistas brasileiras, autoras de biografias, na Rocco (1990-2020)



Fonte: O autor

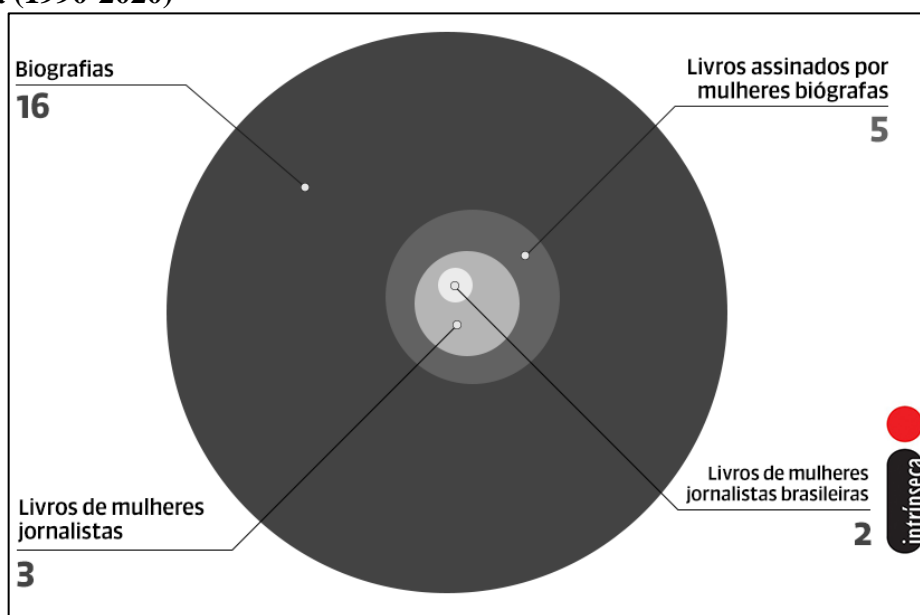
Nota: Arte de Matheus Gastaldon

Fundada em dezembro de 2003, no bairro da Gávea, no Rio de Janeiro, a editora Intrínseca (@intrinseca) assumiu, como meta de trabalho, a qualidade de livros em detrimento da quantidade de lançamentos. De acordo com o site (<https://www.intrinseca.com.br/>), destacam-se as obras ficcionais *A menina que roubava livros*, do australiano Markus Zusak, publicada em 2007, e a série *Crepúsculo*, da norte-americana Stephenie Meyer, em 2008.

Por meio da temática *Biografias e Histórias Reais* – disponível pelo site acessado em 17 e 18/11/2018, atualizado em 03/12/2020 – constatou-se um total de 16 biografias, sendo que cinco delas são livros assinados por mulheres biógrafas. Destes cinco, três livros são de autoria de jornalistas, sendo um escrito pela norte-americana Juliet Macur e os outros dois de brasileiras: Márcia Vieira, que escreveu *Como se tornar um campeão: A história de Adriano de Souza, o Mineirinho, da pobreza ao título mundial de surfe*, em 2017; e Daniela Arbex, que

lançou, em 2020, *Os dois mundos de Isabel: A saga da menina que nasceu no sertão mineiro, em 1924, e com apenas 9 anos passou a ver e ouvir coisas que ninguém compreendia*. Abaixo, o Gráfico 11, com a proporção dos valores.

Gráfico 11 - Quantidade de mulheres jornalistas brasileiras, autoras de biografias, na Intrínseca (1990-2020)



Fonte: O autor

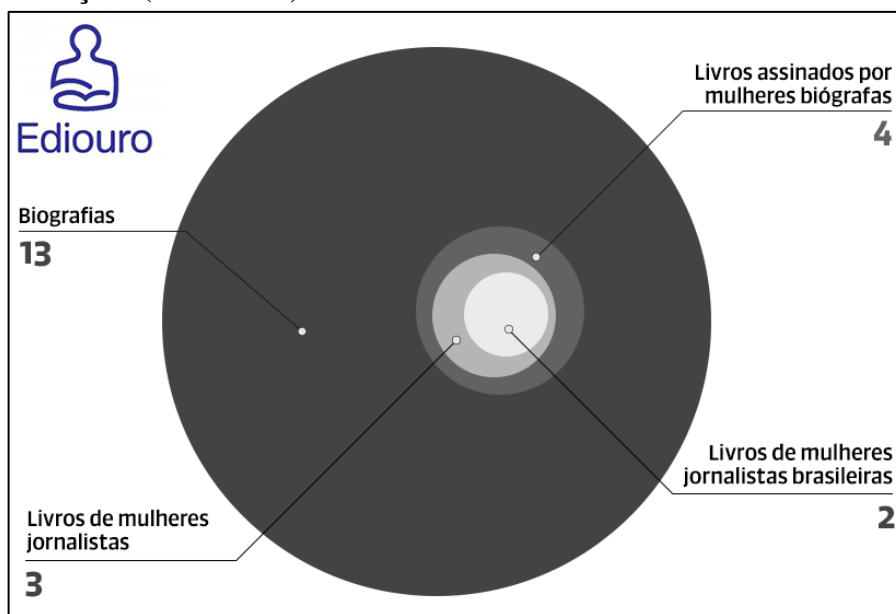
Nota: Arte de Matheus Gastaldon

Outro grupo de gaúchos seria o responsável por uma das iniciativas editoriais mais duradouras no Brasil (Hallewell, 2017). Os irmãos Jorge e Antonio Gertum Carneiro, junto com Frederico Mannheimer, empreenderam a Tecnoprint Gráfica, cuja primeira obra saiu em 1939. Um ano depois, constituíram a Publicações Pan-Americanas, com foco em livros importados; entretanto, a Segunda Guerra gerou impedimentos para essa atividade. Conforme relata Hallewell (2017), o trio apostou em livros eróticos, nos anos 1950 e, mais tarde, na coleção de livros de bolso nomeada Edições de Ouro. Mais de 70 anos depois, a Ediouro Publicações é uma empresa carioca que agrega sete editoras: a Agir, concebida em 1944, por Alceu Amoroso Lima, com o intuito de divulgar autores católicos; a Coquetel, reconhecida pelos passatempos; a Ediouro Educação, com um catálogo didático e paradidático; a Nova Fronteira, fundada em dezembro de 1965, pelo jornalista Carlos Lacerda; a Petra, que publica obras de caráter religioso; a Pixel, a respeito de HQ's e a Trama, com enredos sobre *thriller* e *fantasy*.

Acessada em 01/11/2018, e atualizada em 09/12/2020, a categoria “Biografias”, pertencente a Ediouro (<https://www.ediouro.com.br/>), ofertava 13 biografias no total,

principalmente de músicos, personagens religiosos e políticos. Quatro são assinadas por mulheres biógrafas, sendo três, novamente, de autoria de jornalistas. Junto a britânica Lucy O'Brien, somam-se as brasileiras Mariana Godoy, autora de *Santa Dulce dos Pobres: A vida, a fé e a santidade do Anjo Bom da Bahia* (2019) e Regina Echeverria, que escreveu *Raimundo Fagner: Quem me levará sou eu* (2019). A seguir, o Gráfico 12 discrimina as numerações.

Gráfico 12 - Quantidade de mulheres jornalistas brasileiras, autoras de biografias, na Ediouro Publicações (1990-2020)



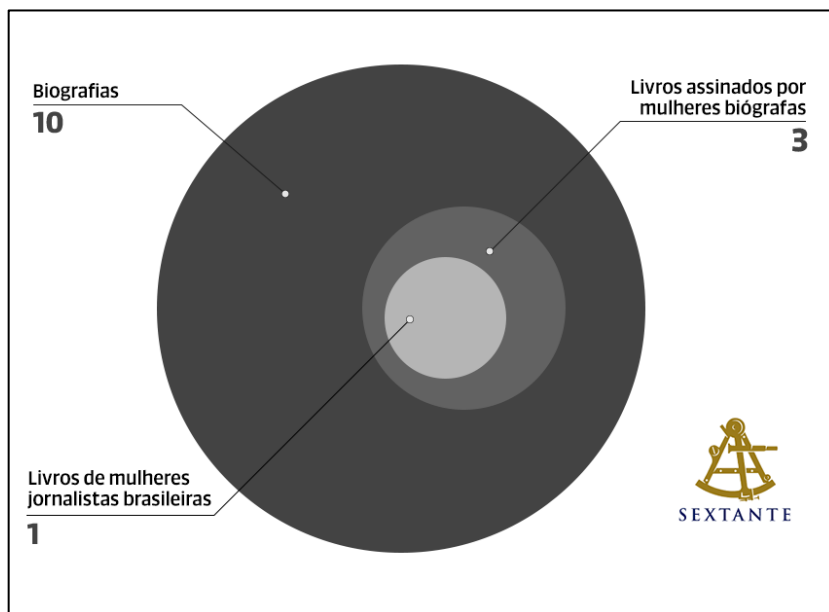
Fonte: O autor

Nota: Arte de Matheus Gastaldon

Criada em 1998, no Rio de Janeiro, a editora Sextante (@editorasextante) possui esse nome em alusão ao aparelho de navegação que servia para medir os ângulos entre o céu e o horizonte. Em junho de 2022, de acordo com o próprio *site* (<https://sextante.com.br/>), a Sextante reunia duas editoras: Estação Brasil, espaço para reflexão de temáticas sociais do país, casa de autores como o jornalista gaúcho Eduardo Bueno e o sociólogo potiguar Jessé de Souza; e Primeira Pessoa, criada em 2010 com o objetivo de publicar histórias da vida de brasileiros, especialmente empresários, esportistas e políticos.

O segmento “Biografias e História Reais” foi acessado em 26/11/2018 e atualizado posteriormente, em 08/12/2020. De acordo com o Gráfico 13, pode-se observar que a editora comercializava 10 biografias, com três livros assinados por mulheres biógrafas e destes, apenas um é de autoria de uma jornalista brasileira: *Abilio: Determinado, ambicioso, polêmico* (2015), assinado por Cristiane Correa.

Gráfico 13 - Quantidade de mulheres jornalistas brasileiras, autoras de biografias, na Sextante (1990-2020)



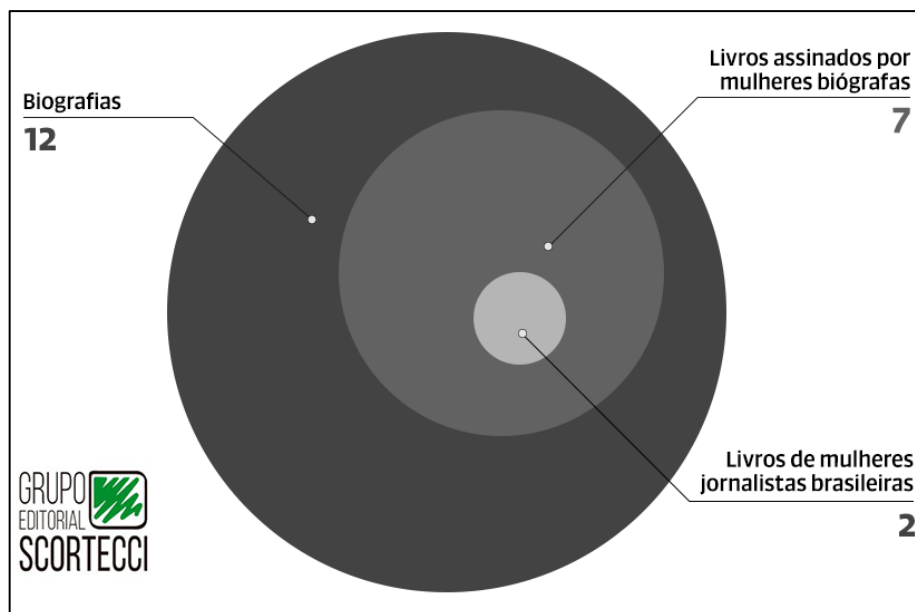
Fonte: O autor

Nota: Arte de Matheus Gastaldon

O cearense João Scortecci já estava em São Paulo há dez anos, quando fundou a Scortecci Editora (@scorteccieditora), em agosto de 1982. Segundo Hallewell (2017), o mercado livreiro vivenciou e ainda presencia uma necessidade dos autores - de poesia, em especial - pagarem a quantidade dos exemplares do próprio bolso: “Não obstante, devo citar uma das melhores nos seus métodos e organização, João Scortecci Editora, do bairro de Pinheiros, na cidade de São Paulo” (Hallewell, 2017, p. 800). Hoje, o Grupo Editorial Scortecci possui livrarias, plataformas digitais de recitais e lançamentos de livros, além de uma gráfica própria.

O Gráfico 14, abaixo, apresenta uma radiografia do gênero biográfico na editora. O *site* da empresa (<https://www.scortecci.com.br/home.php>) não apresenta divisão por áreas temáticas. Apesar disso, ao acessar a página virtual, no dia 26/11/2018, e atualizar as informações em 10/12/2020, verificou-se que a Scortecci apresentava 12 biografias no catálogo. Destas, sete são assinadas por mulheres biógrafas, sendo 1 em coautoria com um homem. Observou-se, ainda, que dois livros são de autoria de jornalistas, ambas brasileiras: Maria Denise Santiago, que assinou *O realizador de sonhos: A biografia de José Sanches Blanes* (2008) e Paloma Denaro, em parceria com o psicólogo Santiago Gomes, que escreveram *Pulso de ferro: Na reciclagem* (2020).

Gráfico 14 - Quantidade de mulheres jornalistas brasileiras, autoras de biografias, no Grupo Editorial Scortecci (1990-2020)



Fonte: O autor

Nota: Arte de Matheus Gastaldon

Embora os números possam ser melhor organizados em gráficos, mapas ou tabelas, o investigador vinculado a uma ciência social – e, no caso do Jornalismo, em especial, às Ciências Sociais Aplicadas – deve ter a consciência de que qualquer dado numérico não consegue traduzir a experiência de uma vida singular. A quantificação é necessária para que se tenha noção de um cenário, mas sem desmerecer o contexto ou até ser tentado a generalizar um fato ou profetizar tendências equivocadas. Nos gráficos que foram apresentados, evidenciou-se uma lacuna de pesquisa, a qual merece ser investigada com extrema atenção:

Não resolvemos ou nos livramos de um problema ignorando-o; fazendo-o, apenas deixamos que seus efeitos operem sem serem observados e criem dificuldades desconhecidas para o nosso empreendimento científico comum. Se fizermos frente aos nossos problemas de método e de técnica com uma combinação de análise logicamente rigorosa e de compreensão sociológica da pesquisa como um empreendimento coletivo, talvez possamos finalmente criar uma ciência viável (Becker, 1997, p. 46).

Quando o cientista social reflete que os dados do trabalho não são apenas números, mas vezes que foram silenciadas e, às vezes, esquecidas, os resultados funcionam como indicadores de reinterpretção da memória de um campo – no caso, o da história do Jornalismo, mas também associado a isso, a história editorial. Se o catálogo dos livros pode traduzir muito do pensamento

ideológico da empresa, o passado de casas editoriais se confunde com a trajetória dos responsáveis, como os editores Monteiro Lobato (Companhia Editora Nacional), Erico Veríssimo (Livraria do Globo) e Ênio Silveira (Civilização Brasileira). Mesmo não sendo o foco da presente pesquisa, evidencia-se a contribuição histórica de outras pessoas pioneiras, as mulheres editoras, tais como Rose Marie Muraro, precursora da Rosa dos Tempos⁴ – hoje pertencente ao Grupo Editorial Record; Ivana Jinkings, que fundou a Boitempo Editorial⁵; Rejane Dias, à frente do Grupo Editorial Autêntica⁶, ou Sônia Machado Jardim, que preside o Grupo Editorial Record. Abaixo, a Tabela 4 apresenta as 23 mulheres jornalistas brasileiras, autoras de 20 livros biográficos publicados entre 1990 e 2020:

Tabela 4 - Lista das 23 mulheres jornalistas brasileiras autoras de biografias (1990-2020)

Grupo Editorial	Selo	Jornalista biógrafa	Título Biografia	Biografado	Ano
Record	Record	Maria Dolores Duarte	<i>Travessia: A vida de Milton Nascimento</i>	Milton Nascimento	2006
	BestSeller	Alicia Klein	<i>A máquina</i>	Michael Schumacher	2008
	Record	Mila Burns	<i>Nasci para sonhar e cantar: D. Ivone Lara – A mulher no samba</i>	Dona Ivone Lara	2009
	Civilização Brasileira	Leneide Duarte-Plon e Clárisse Meireles	<i>Um homem torturado: Nos passos de frei Tito de Alencar</i>	Frei Tito de Alencar Lima	2014
	Record	Consuelo Dieguez	<i>H Stern: A história do homem e da empresa</i>	Hans Stern	2015

⁴ Segundo o *site* da editora, a Rosa dos Tempos foi fundada em 1990, com intuito de publicar conteúdos editoriais de interesse feminino, como obras pioneiras do pensamento feminista (*A mística feminina, E eu não sou uma mulher?, O martelo das feiticeiras*), participação social das mulheres e debates de gênero e raça. Disponível em: <https://www.record.com.br/editoras/rosa-dos-tempos/>. Acesso em 13 jul. 2022.

⁵ Angela Davis, Giorgio Agamben e Silvia Federici são alguns dos nomes presentes no catálogo da Boitempo, editora constituída em 1995 por uma família comunista. Mesmo não estando entre as dez que mais publicam biografias, o levantamento realizado no mestrado apontou que a Boitempo, também possui o gênero no catálogo. No total, são 15 livros sobre indivíduos com destaque na cena da ideologia de esquerda – Antonio Gramsci, Friedrich Engels, Karl Marx, Georg Hegel, Rosa Luxemburgo - além da coleção Pauliceia, série com 14 volumes, em que sete deles (Adoniran Barbosa, Caio Prado Júnior, Candido Portinari, Carlos Maia de Souza - o Carlito Maia, Florestan Fernandes, Gino Meneghetti e João do Rio) são perfis de personalidades brasileiras. Disponível em: <https://www.boitempoeditorial.com.br/vitrine/pauliceia>. Acesso em 25 mai. 2022.

⁶ Criada em 1997, a Autêntica se tornou um grupo editorial em 2011. Nele, reúne seis editoras: Autêntica Editora, Editora Gutenberg, Editora Nemo, Editora Vestígio, Yellowfante e a Autêntica Business. Destaque para a Vestígio, que publica obras de não ficção e biografias. Disponível em: <https://grupoautentica.com.br/sobre>. Acesso em 13 jul. 2022.

	BestSeller	Heloísa Marra	<i>Padre Marcelo Rossi: Uma vida dedicada a Deus</i>	Padre Marcelo Rossi	2015
	Civilização Brasileira	Américo Freire e Evanize Sydow	<i>Frei Betto: Biografia</i>	Carlos Alberto Libânio Christo, o frei Betto	2016
	Civilização Brasileira	Felipe Castro, Janaína Marquesine, Luana Costa e Raquel Munhoz	<i>Quelé, a voz da cor: Biografia de Clementina de Jesus</i>	Clementina de Jesus	2017
Companhia das Letras	Objetiva	Adriana Negreiros	<i>Maria Bonita: Sexo, violência e mulheres no cangaço</i>	Maria Bonita	2018
	Companhia das Letras	Karla Monteiro	<i>Samuel Wainer: O homem que estava lá</i>	Samuel Wainer	2020
L&PM Editores	L&PM Editores	Celia Ribeiro	<i>Fernando Gomes: Um mestre no século XIX</i>	Fernando Gomes	2007
Planeta do Brasil	Planeta	Carla Rodrigues	<i>Betinho: Sertanejo, mineiro, brasileiro</i>	Herbert José de Sousa	2007
Rocco	Rocco	Luciana Hidalgo	<i>Arthur Bispo do Rosario: O senhor do labirinto</i>	Arthur Bispo do Rosario	1996
Intrínseca	Intrínseca	Márcia Vieira	<i>Como se tornar um campeão</i>	Adriano de Souza	2017
		Daniela Arbex	<i>Os dois mundos de Isabel</i>	Isabel Salomão de Campos	2020
Sextante	Primeira Pessoa	Cristiane Correa	<i>Abilio: Determinado, ambicioso, polêmico</i>	Abilio Diniz	2015
Ediouro	Agir	Regina Echeverria	<i>Raimundo Fagner: Quem me levará sou eu</i>	Raimundo Fagner	2019
	Petra	Mariana Godoy	<i>Santa Dulce dos Pobres: A vida, a fé e a santidade do Anjo Bom da Bahia</i>	Santa Dulce dos Pobres	2019
Scortecci	Scortecci	Maria Denise Santiago	<i>O realizador de sonhos: A biografia de José Sanches Blanes</i>	José Sanches Blanes	2008

		Santiago Gomes e Paloma Denaro	<i>Pulso de ferro: Na reciclagem</i>	José Trujillo	2020
--	--	--------------------------------------	--	------------------	------

Fonte: O autor

Contabilizadas as biografias e apresentadas as jornalistas biógrafas, em seguida, o foco recaiu na escolha de quais as mulheres participariam do trabalho. George Gaskell (2013) orienta que o termo *seleção* é mais adequado para se utilizar do que a palavra *amostra*. Segundo ele, *amostra* dialogaria com pesquisas e levantamentos de opinião, ao passo que *seleção* indica uma subjetividade e uma importância ao entrevistado escolhido: “A finalidade real da pesquisa qualitativa não é contar opiniões ou pessoas, mas ao contrário, explorar o espectro de opiniões, as diferentes representações sobre o assunto em questão” (Gaskell, 2013, p. 68).

Quando Alexandre Maciel (2018, p. 141-142) investigou a rotina de jornalistas-autores que se dedicam a escrever livros-reportagem, levou em conta que precisava partir dos “[...] profissionais que tivessem uma herança jornalística consolidada, mesmo não vivenciando atualmente rotinas produtivas tradicionais, ou que ainda conciliassem o seu ofício de escritores com o trabalho em redações”. Ademais, outra questão ponderada foi buscar o equilíbrio dos selecionados “[...] em relação à experiência no campo dos livros, ou diferentes idades, bem como separar jornalistas-biógrafos dos demais, como os autores de livros de reconstituição histórica ou aqueles que narram fatos e questões contemporâneos explorados em forma de reportagem” (Maciel, 2018, p. 142). Esse rigor serviu de inspiração para o presente trabalho; contudo, durante a qualificação da tese, em 3 de outubro de 2022, foi sugerido contatar as 23 jornalistas biógrafas a participarem da pesquisa, conselho acatado pelo autor.

A tentativa de ter, ao menos, uma representante de cada um dos dez grupos editoriais apresentados acima não foi possível, pois nem todas as 23 jornalistas biógrafas responderam às solicitações via rede social ou *e-mail*. Algumas possuíam o *Instagram* ativo – isto é, publicavam postagens e *stories*, interagiam com seguidores, respondiam comentários - e, por isso, aquelas que utilizavam essa rede foram as primeiras a serem contatadas: Adriana Negreiros (@adriananegreiros), Alicia Klein (@aliciaklein), Consuelo Dieguez (@consudieguez), Daniela Arbex (@daniela.arbex), Karla Monteiro⁷ (@karla.monteiro.5), Heloísa Marra

⁷ Era a única jornalista biógrafa que o autor conhecia de trocar mensagens, já que ela havia participado como convidada em uma das aulas da disciplina remota *A pesquisa histórica sobre a imprensa brasileira realizada por jornalistas*, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades (Universidade Federal do Espírito Santo - UFES), que o autor integrou, como aluno especial. Realizada no segundo semestre de 2021, sempre nas quartas noturnas, a matéria foi comandada pelo professor Dr. Victor Israel Gentili. A participação de Karla Monteiro ocorreu no dia 29 de setembro. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=bwayd_ohKQg. Acesso em 14 jul. 2023.

(@heloisamarra), Mariana Godoy (@marianagodoy) e Mila Burns (@milaburns). As primeiras cinco deram retorno positivo; com as demais, não houve resposta, ou apresentaram incompatibilidade de agenda. Evanize Sydow foi procurada via *Facebook*, com sinal positivo. Tendo recebido o primeiro aceite, o próximo passo era encaminhar um *e-mail* com o intuito de formalizar o convite. Nessa etapa, foi anexada uma carta, assinada pelo professor orientador e pelo autor desta tese (ver Apêndice F), em que ambos explicavam os objetivos de pesquisa.

Quatro das autoras possuíam um *site* próprio para divulgar as obras e um espaço para o contato direto. Com exceção de Daniela Arbex, que respondeu à mensagem pelo *Instagram*, foi encaminhado *e-mail* para Cristiane Correa, Maria Dolores Duarte e Regina Echeverria. Todas agradeceram a lembrança e concordaram em participar da pesquisa. Quando não havia nenhuma rede social ativa, cogitou-se procurar o nome das autoras por meio do currículo Lattes⁸. Dessa maneira, os *e-mails*, tanto de Carla Rodrigues, quanto de Luciana Hidalgo, foram encontrados através das produções acadêmicas publicadas em periódicos. Após o envio, apenas Luciana aceitou; Carla agradeceu pelo convite, mas estaria, na época, entrando em férias pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Para tentar algum contato com Maria Denise Santiago e Paloma Denaro, enviou-se um *e-mail* à editora Scortecci, sem nenhum retorno. Sendo assim, tentou-se as redes sociais *Facebook* e *Instagram*, respectivamente. Também sem resposta. Algo semelhante aconteceu com Márcia Vieira: após conseguir o *e-mail* da jornalista, junto à editora Intrínseca, foi enviado mensagem, com resposta da biógrafa e tréplica do autor da tese, mas sem continuidade. Sobre Célia Ribeiro, foi feito contato por *e-mail* com a editora L&PM, mas o departamento de Marketing retornou, afirmando que a jornalista se encontrava em idade avançada e sem condições para dar entrevista.

Por fim, mas não menos importante, foi decidido contatar aquelas jornalistas biógrafas que assinaram livros em parceria. Foram dois casos. O primeiro se trata de Leneide Duarte-Plon e Clarisse Meireles, mãe e filha, autoras da obra sobre frei Tito de Alencar. Após procurar as redes sociais (*Instagram*, *Facebook*, *LinkedIn*), currículo Lattes e as editoras, mas sem sucesso, conseguiu-se ajuda através de uma colega conhecida da mesma disciplina da UFES. Joelle Rouchou conhecia Leneide e me passou o *e-mail* dela. Após trocar mensagens, Leneide encaminhou o convite com cópia para Clarisse. Como Leneide residia na França, a solução foi gravar, no início da tarde em que ambas estivessem disponíveis, sem ser hora muito avançada

⁸ Currículo profissional acadêmico onde estudantes de graduação, mestrando, doutorando e demais pesquisadores registram as produções bibliográficas (artigos), técnicas (apresentações de trabalhos) e artístico-culturais. O nome faz referência ao sobrenome do físico brasileiro César Lattes.

na Europa, já que Paris está quatro horas adiante. Além disso, a entrevista ocorreu em duas ocasiões, por falta de tempo de uma das entrevistadas.

Na segunda situação, após averiguar o *Instagram*, o autor descobriu que havia uma conta (@queleavozdacor) do livro *Quelé, a voz da cor: Biografia de Clementina de Jesus*, com divulgações a respeito do lançamento e de outros projetos paralelos. Por meio do perfil, não houve resposta da mensagem enviada. No entanto, encontrou-se o perfil de Janaína Marquesini (@janainamarquesini) que, gentilmente, aceitou a proposta e compartilhou o *e-mail* das demais duas autoras, Luana Costa e Raquel Munhoz. Vale a menção: nos dois casos, as entrevistas foram em conjunto: a primeira, em dupla, e a outra, em trio. No total, foram contabilizadas entrevistas com 15 mulheres, em 12 encontros.

É importante salientar que não houve nenhuma frustração para com aquelas que não puderam participar. Mesmo sem ter conseguido falar com todas, o trabalho avançou, já que das 23 jornalistas contatadas, 15 deram um retorno positivo, ou seja, uma média de 65% de aderência: Adriana Negreiros, Alicia Klein, Clarisse Meireles, Consuelo Dieguez, Cristiane Correa, Daniela Arbex, Evanize Sydow, Janaína Marquesini, Karla Monteiro, Leneide Duarte-Plon, Luana Costa, Luciana Hidalgo, Maria Dolores Duarte, Raquel Munhoz e Regina Echeverria: “Uma boa pesquisa exige fontes que sejam capazes de ajudar a responder sobre o problema proposto. Elas deverão ter envolvimento com o assunto, disponibilidade e disposição em falar” (Duarte, 2008, p. 68). Todas as jornalistas biógrafas estimularam o autor e se sentiram gratas pela lembrança do nome. Afinal, muitas sequer imaginavam a importância que tinham para o campo jornalístico das biografias.

O desafio de aplicar o método das histórias de vida perpassa também a compreensão, não só das pessoas que incluem a amostra da presente pesquisa, mas também autores que integram o debate teórico. Quais as experiências de Robert Park como repórter impactaram nas técnicas de observação na Escola de Chicago? Como seriam os estudos frankfurtianos de Theodor Adorno e Max Horkheimer sobre a indústria cultural sem a influência do contexto nazista anterior e posterior ao conflito da Segunda Guerra Mundial? De que forma as vivências de Lélia González e María Lugones, pelo território latino-americano, resultaram em livros e artigos sobre o feminismo decolonial?

O arquivo do Excel exibiu também as personagens biografadas. Quem eram as pessoas destacadas em um livro? Quais tipos de indivíduos eram permitidos ser lembrados para a posteridade? A discussão dos resultados será apresentada no capítulo cinco, desenvolvida à luz dos estudos de *memória coletiva* (Halbwachs, 1990). A segunda parte dos resultados obtidos, a respeito das mulheres biógrafas, será tratada no capítulo seis, por meio das pesquisas

relacionadas a história das mulheres (Perrot, 2005, 2016; Briggs; Burke, 2006). Para esboçar uma tentativa de compreender a contribuição das mulheres jornalistas à história do biografismo brasileiro, optou-se, a seguir, por realizar uma digressão sobre os conceitos da entrevista, originárias do campo sociológico da Escola de Chicago.

4.2 O uso das entrevistas no Jornalismo e na academia

As entrevistas são peças fundamentais dos pesquisadores sociais e instrumento estratégico no trabalho jornalístico. É o momento em que tanto a investigação quanto a pauta se tornam humanizadas, menos frias e mais próximas dos leitores. Assim como ocorre com outras profissões, como os assistentes sociais, pedagogos ou psicólogos, por exemplo (Gil, 2008), que necessitam da conversa a dois para o andamento do trabalho, os jornalistas utilizam da técnica para a captação de informações, a checagem dos dados e a posterior escrita da matéria.

Nilson Lage (2005, p. 73), em um dos seus livros a respeito das atividades jornalísticas, se dedicou a descrever os tipos, as técnicas e as aplicações da entrevista. Para ele, esse método contempla algumas significações, tais como “a) qualquer procedimento de apuração junto a uma fonte capaz do diálogo; b) uma conversa de duração variável com personagem notável ou portador de conhecimentos ou informações de interesse para o público”. À época do lançamento de *Entrevista: O diálogo possível*, em 1986, Cremilda Medina acreditava que os meios de comunicação estariam longe de democratizar os testemunhos anônimos. A solução seria apostar em uma prosa viável: “A entrevista, nas suas diferentes aplicações, é uma técnica de interação social, de interpenetração informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais; pode também servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação” (Medina, 2005, p. 8). A origem dessa técnica advém da Escola de Chicago, espaço dedicado a construção de uma ciência social baseada em dados empíricos (Mattelart; Mattelart, 2005).

As narrativas de vida servem como uma estratégia para compreender o próprio sujeito emoldurado, em cujo contexto ele está inserido. Desde o início do século XX, a Universidade de Chicago, por meio de integrantes do departamento de Sociologia, percebeu que as mesclas étnicas e culturais seriam mais facilmente compreendidas se os atores sociais fossem ouvidos. A força laboral da América, representada pelos rostos dos milhares de imigrantes, serviu de primeira inspiração à Escola de Chicago:

Um de seus alunos, William Thomas, voltou para lá ensinar de 1897 a 1918. Demonstrou a fecundidade dessa escola graças a uma pesquisa sobre o *campônio polonês* que se tornou célebre, publicando-a em 1918 de parceria com [Florian] Znaniecki. Essa pesquisa representa uma soma de trabalho impressionante em cinco volumes, fruto da coleta de milhares de cartas de imigrantes, de histórias de vida, da comparação entre o país de origem e o país de acolhida (Dosse, 2015, p. 244).

Nos anos 1920, decorrente da explosão social causada pelo conflito da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), do *crash* na bolsa de valores em Nova York, no ano de 1929, e a ascensão de movimentos totalitários na Europa, Robert Ezra Park incentivou um estudo voltado ao empírico. O objetivo era estudar a consequência dessa crise nas pessoas, principalmente dos hábitos e rotinas dos imigrantes na periferia urbana. Repórter investigativo e ativista do movimento negro, Park transforma “[...] sua prática de jornalista e concebe como forma superior de reportagem as pesquisas sociológicas que irá realizar nos bairros da periferia” (Mattelart; Mattelart, 2005, p. 30). Junto a Park, os integrantes da escola se utilizavam de anotações, cartas, observações e estatísticas para radiografar a sociedade norte-americana no período que antecedeu à Segunda Guerra:

A cidade como *laboratório social*, com seus signos de desorganização, de marginalidade, de aculturação, de assimilação; a cidade como lugar da *mobilidade*: tal é o terreno de observação privilegiado pela Escola de Chicago. Entre 1915 e 1935, as contribuições mais importantes de seus pesquisadores são consagradas à questão da imigração e da integração dos imigrantes na sociedade americana. É a partir dessas comunidades étnicas que Park se interroga sobre a função assimiladora dos jornais e, em particular, das inúmeras publicações em língua estrangeira sobre a natureza da informação, o profissionalismo do Jornalismo e a diferença entre ele e a *propaganda social* ou publicidade municipal [Park, 1922] (Mattelart; Mattelart, 2005, p. 30).

Becker (1997, p. 105) ensina que esses métodos de pesquisa social ofereceram uma análise cujo resultado “[...] levava em consideração as peculiaridades locais, explorando aquelas coisas que eram distintamente verdadeiras na Chicago dos anos vinte. Assim procedendo, eles completaram parcialmente um mosaico de grande complexidade e detalhe, com a própria cidade como tema”. Nesse debate, Claudia Lago (2007, p. 52) chama a atenção, em especial, sobre a arte de ouvir o que o Outro tem para falar. Seja em contextos provocados pelas entrevistas acadêmicas, seja nas conversas comuns do cotidiano, “[...] o ouvir [...] ajuda ao pesquisador perceber o sentido das ações que observa, bem como as significações específicas que o grupo observado atribui às suas próprias ações, rituais, etc”. Karine Moura Vieira (2013, p. 12) complementa a ideia, ao dizer que a melhor ferramenta do pesquisador/jornalista será

elaborar um planejamento que priorize a audição: “O *como* escutar estabelece para o trabalho da entrevista as pistas do *como narrar* [...]. Dessa forma, a essência da entrevista não estaria apenas no conteúdo, mas também no dizer”.

A História se aproveita desse sopro de renovação emanado da Sociologia para redirecionar os estudos sobre as biografias. Surge a aplicação da história oral, na década de 1940, através da criação de um centro de História Oral na Universidade de Colúmbia, por meio do historiador e biógrafo norte-americano Allan Nevins (Dosse, 2015). Segundo o historiador britânico Paul Thompson, à época do surgimento do centro institucional de história oral, em Colúmbia, a equipe de Nevins se dedicou a gravar e reunir as lembranças de personalidades estadunidenses, homens com sobrenomes famosos, poder e dinheiro, fato que se estendeu durante duas décadas, causando a sensação de que essa era, basicamente, o tipo de história oral feita nos Estados Unidos (Thompson, 1992). Embora a história oral tenha sofrido resistências de historiadores, que a julgavam um método renovado do que a Escola de Chicago já fazia vinte anos antes, além de ser uma estratégia baseada na oralidade, ação praticada desde os tempos antigos, Nevins funda, em 1967, a *American Oral History Association*⁹, fato que vai ganhar corpo junto às mobilizações das passeatas do Maio de 1968, já que o movimento também “[...] deseja dar a palavra aos sem-vozes, às gentes de baixo, aos oprimidos” (Dosse, 2015, p. 246). Somente a partir dos anos 1970 é que as trajetórias de grupos étnicos, classes sociais ou expressões culturais – como a história dos índios, a história dos negros e a história das mulheres - foram resgatadas:

Uma vez que é da natureza da maior parte dos registros existentes refletir o ponto de vista da autoridade, não é de admirar que o julgamento da história tenha, o mais das vezes, defendido a sabedoria dos poderes existentes. A história oral, ao contrário, torna possível um julgamento muito mais imparcial: as testemunhas podem, agora, ser convocadas também de entre as classes subalternas, os desprivilegiados e os derrotados. Isso propicia uma reconstrução mais realista e mais imparcial do passado, uma contestação ao relato tido como verdadeiro (Thompson, 1992, p. 26).

Ao pensar nos gestos, olhares, ritmos ou silêncios, a história oral serve como auxílio para a entrevista jornalística, ainda mais num mercado em constante mudança, repleto de forças que implicam diretamente na composição final da notícia, com fontes consideradas apenas repassadoras de informações, mas que passam despercebidas. Marta Maia (2006, p. 140) sugere que a história oral “[...] pode conseguir abrir novos campos de atuação para o repórter, que tanto

⁹ Tradução livre: Associação Americana de História Oral.

pode ampliar o espaço para a discussão sobre a arte de entrevistar, quanto criar novas demandas de pautas, permitindo que fontes não convencionais também sejam ouvidas”. Ademais, o ritual da observação pode se tornar uma aliada. A arte de ouvir as palavras vagas ou entender as pausas do entrevistado faz com que o repórter pratique a empatia, estabeleça um vínculo: “O que distingue o homem da inteligência artificial, que tem se tornado uma referência essencial no mundo contemporâneo, é justamente a capacidade de se emocionar e de estabelecer relações afetivas que podem reconduzir o sujeito a um estado relacional” (Maia, 2006, p. 143).

Após considerar a história oral como um recurso metodológico (Maia, 2006), Mônica Caprino e Priscila Perazzo (2011) complementam a reflexão ao ponderar a respeito de quais objetos ou fenômenos vinculados à área comunicacional fazem jus à técnica da história oral, por exemplo:

Em geral, poderemos dizer, [...] que, para pensar a história oral como metodologia a ser utilizada nos estudos de Comunicação, o primeiro pressuposto será deixar de pensar a pesquisa em Comunicação somente como aquela que se detém sobre a produção e os processos comunicativos intrínsecos aos meios de comunicação de massa, mas concebê-la também, [...] como o estudo das mediações entre meios de comunicação e sociedade, os espaços de relacionamento das pessoas com os meios (Caprino; Perazzo, 2011, p. 804).

Caprino e Perazzo (2011) também reiteram que a ênfase no sujeito é a principal abordagem desses estudos. Assim, a personagem se torna singular e, através das suas lembranças, a história do indivíduo pode servir de fio condutor para demarcar aspectos contextuais. A partir dos aspectos do testemunho oral, da memória e da narrativa em si, fomentam-se meios para se resgatar uma cultura popular:

Uma pesquisa baseada na história oral, portanto, funda-se nas pessoas que serão entrevistadas. As experiências dessas pessoas, quando narradas por elas próprias, permitem recuperar uma história social, cultural e cotidiana trazida pelo *cidadão comum*, ou seja, por agentes da história que não foram heroicizados, mitificados ou transformados em *grandes homens* ou pessoas públicas ou famosas. Nesse sentido, são múltiplos os sujeitos sociais que poderão narrar suas histórias de vida (Caprino; Perazzo, 2011, p. 806).

A partir das experiências realizadas à frente do Memória Globo¹⁰, portal de arquivos e entrevistas de funcionários da Rede Globo, nas áreas do Jornalismo, do esporte e do entretenimento, Ana Paula Goulart Ribeiro (2015, p. 75) revela a contribuição da história oral

¹⁰ Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/>. Acesso em 31 mai. 2022.

para projetos da comunicação: “As entrevistas podem ser extremamente úteis na obtenção de dados sobre o passado inexistentes em arquivos e em documentos de outra natureza, como os escritos, os iconográficos e os audiovisuais”. Ribeiro (2015, p. 78) faz um esboço da aplicação desse método como uma estratégia para a construção da história do Jornalismo: “O objetivo é fazer um cruzamento entre biografia e história. Na realidade, a metodologia propõe o cruzamento de três níveis de contextualização: individual, institucional e macrossocial”, com o cuidado da conversa não se tornar uma celebração da pessoa entrevistada, bem como o alerta de aceitar as respostas com absoluta certeza, sem confrontar com outros documentos.

Monica Martinez (2015, 2016) vai ao encontro dos debates já levantados por Maia (2006), Caprino e Perazzo (2011) e Ribeiro (2015), ao indicar diálogo nessa harmonização entre o Jornalismo e a história oral, já comprovado em reflexões obtidas com resultados empíricos. A partir das discussões sobre a veracidade, o gênero textual, a autoria e os aspectos éticos, Martinez busca uma possibilidade de convergência. Afinal, conforme a pesquisadora aconselha – ao se referir ao estudo do historiador italiano Alessandro Portelli -, “[...] não entramos nesse processo para *estudar* um entrevistado ou uma dada comunidade, mas simplesmente para aprender sobre e, sobretudo, com eles. Portelli lembra que é justamente o que não sabemos que encoraja as pessoas a falarem conosco” (Martinez, 2016, p. 90). Ao defender a importância do método da história de vida nas ciências, a pesquisadora recomenda a seleção de bons narradores e o cuidado para com a condução da entrevista. Diferente de uma entrevista jornalística, a técnica aplicada em uma pesquisa social poderá ser estimulada com fotografias, vídeos, músicas, filmes ou até objetos e peças de roupa, o que demanda uma ainda maior dedicação no trato com o entrevistado (Martinez, 2015).

Como a biografia é um assunto que mergulha na história cultural do país, o escritor acaba tendo que desvendar os caminhos que possam esclarecer a atividade do jornalista. Para a seleção da tese, a preocupação foi agregar profissionais que pudessem complementar o estudo quantitativo das editoras e auxiliar na compreensão da evolução da escrita biográfica jornalística no Brasil, a partir da perspectiva feminina. Nesse percurso histórico para identificar a produção biográfica de mulheres jornalistas brasileiras, planejou-se um roteiro das estratégias metodológicas para o que se julgou mais apropriada a aplicação da técnica de entrevista, conforme debatido a seguir.

4.3 Aplicações da técnica de entrevista

A pandemia do novo coronavírus (Covid-19) impossibilitou as relações presenciais, o que afetou as interações psico-sociais humanas. Desde março de 2020, os brasileiros precisaram

se readequar a um novo tipo de contato, o virtual, tendo o *Zoom Meetings*, o *Google Meet*, o *Microsoft Teams*, o *Skype* ou até mesmo as chamadas de vídeo pelo *Instagram* ou *WhatsApp* como plataformas de suporte em aulas, reuniões e demais conferências. O que, em primeiro momento, causou resistência ou estranheza, logo serviu de apoio para minimizar os problemas do cotidiano. Eventos científicos também apostaram em encontros remotos, ao facilitar a participação de mais pessoas, sem custos adicionais de alimentação, hospedagem e transporte.

O presente trabalho se desenvolveu durante uma crise sanitária global. Tanto é que os primeiros dois anos (2020 e 2021) de doutorado ocorreram à distância, com aulas remotas e orientações presenciais com respeito ao distanciamento. Depois de se familiarizar com diferentes plataformas de videoconferência nos últimos meses e observar facilidades – tanto de contato, quanto de logística - optou-se, para esta tese, em realizar as entrevistas com as jornalistas de maneira virtual. Tendo como prioridade programas gratuitos e que possibilitam gravações acima de uma hora, o mais indicado foi o *Meet*, ferramenta na qual só foi possível a utilização com o auxílio do professor Dr. Alexandre Zarate Maciel, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Gentilmente, durante sete encontros, ele abriu a sala virtual para as entrevistas, as quais eram gravadas e depois encaminhadas por *e-mail*. Quando ele estava prestes a entrar de férias, pedi ajuda para a professora Dra Marluce Zacariotti, da Universidade Federal do Tocantins (UFT), registrar o oitavo encontro. As demais conversas foram feitas através do *Teams* e salvas – após o final da gravação – direto no OneDrive da PUCRS. Entretanto, já que pelo *e-mail* original acadêmico da universidade não era possível efetuar gravações, foi solicitado à Gerência de Tecnologia da Informação e Telecomunicação (GTIT) da PUCRS, por meio da Famecos, a criação de um novo *e-mail*, exclusivo, que pudesse viabilizar a gravação das próximas entrevistas.

Ainda durante o período de contato com as 15 jornalistas, montou-se uma logística financeira para que as biografias pudessem ser lidas antes das entrevistas. Entretanto, foi apenas adquirido o livro encontrado no levantamento. Por exemplo: Daniela Arbex já publicou cinco obras até 2023; todavia, a única biografia encontrada tinha sido sobre a vida da médium Isabel Salomão de Campos. Regina Echeverria é o mesmo caso: publicou uma dezena de biografias antes de escrever sobre o cantor e compositor Raimundo Fagner. Isso também não significa que as futuras entrevistas se basearam unicamente na biografia em questão, já que o passado autoral de cada uma delas é bastante vasto.

Os três únicos livros que o autor já tinha, em sua pequena biblioteca, eram *Maria Bonita: Sexo, violência e mulheres no cangaço* (Objetiva, 2018), de Adriana Negreiros; *Os dois mundos de Isabel*, de Daniela Arbex (Intrínseca, 2020); e *Samuel Wainer: O homem que estava lá*

(Companhia das Letras, 2020), de Karla Monteiro. Portanto, era necessário adquirir as nove obras restantes. Duas delas foram gratuitas: *Arthur Bispo do Rosario: O senhor do labirinto* (Rocco, 1996), emprestado da biblioteca da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), por meio do cartão acadêmico do colega de doutorado, Wagner Machado da Silva, e *Quelé, a voz da cor: Biografia de Clementina de Jesus* (Record, 2017), presenteada pelas autoras e encaminhado ao endereço residencial do autor, via Correios. Como as demais sete biografias não estavam nas estantes das bibliotecas da PUC ou da UFRGS, nem mesmo do orientador, foi necessário efetuar a compra pela Amazon¹¹ ou Estante Virtual¹². À medida em que os livros eram lidos, pode-se agendar as entrevistas¹³ com as jornalistas biógrafas, conforme organizado na Tabela 5, e, em seguida, a transcrição¹⁴:

Tabela 5 - Datas das entrevistas com as 15 jornalistas biógrafas¹⁵

Jornalista biógrafa	Primeiro contato	Data da entrevista	Tempo de gravação
Alicia Klein	<i>Instagram</i>	24/04/2023	1h21'29"
Maria Dolores Duarte	<i>Site pessoal</i>	25/04/2023	2h01'39"
Leneide Duarte-Plon e Clarisse Meireles	<i>E-mail</i>	26/04/2023	2h30'18"
Regina Echeverria	<i>Site pessoal</i>	27/04/2023	2h08'14"
Luciana Hidalgo	<i>E-mail</i>	28/04/2023	2h12'27"
Janaína Marquesini, Luana Costa e Raquel Munhoz	<i>E-mail</i>	02/05/2023	2h34'22"
Karla Monteiro	<i>Instagram</i>	05/05/2023	1h39'22"
Cristiane Correa	<i>Site pessoal</i>	09/05/2023	2h32'31"
Adriana Negreiros	<i>Instagram</i>	11/05/2023	1h32'18"
Consuelo Dieguez	<i>Instagram</i>	11/05/2023	2h34'28"
Daniela Arbex	<i>Instagram</i>	15/05/2023	3h09'27"
Evanize Sydow	<i>Facebook</i>	19/05/2023	1h57'31"

¹¹ A Amazon Prime é uma modalidade do conglomerado Amazon que valoriza as compras *e-commerce*, com preços mais baixos do que os cobrados nas editoras, rapidez na entrega e frete grátis. *Um homem torturado: Nos passos de frei Tito de Alencar* (Record, 2014) custou R\$ 46,90; *Frei Betto: Biografia* (Record, 2016), valia R\$ 45,90; e *Raimundo Fagner: Quem me levará sou eu* (Agir, 2019), R\$ 27,45. Também pela Amazon, mas vendido por um sebo livreiro, *A máquina: Michael Schumacher, o melhor de todos os tempos*, foi vendido a R\$ 21,72 (com frete).

¹² *H Stern: A história do homem e da empresa* (Record, 2015) foi adquirido por R\$ 31,56; *Travessia: A vida de Milton Nascimento* (Record, 2006) custou R\$ 49,47. Ambos com o valor de frete incluso. Após ter pesquisado, na Estante Virtual, e descobrir que a obra *Abilio* também se encontrava disponível em Porto Alegre, decidiu-se comprá-la diretamente com o vendedor, pelo valor de R\$ 14,00.

¹³ A ordem das entrevistas não necessariamente condiz com a ordem do envio de *e-mails*.

¹⁴ A transcrição das primeiras sete entrevistas se deu de forma manual. Para facilitar a atividade, que consumia mais de um dia, foi comprado, por dois meses, um programa chamado Transkriptor, ao custo de R\$ 81,19/mensais. Disponível em: <https://transkriptor.com/>. Acesso em 14 jul. 2023.

¹⁵ As 15 jornalistas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), referenciado a partir do Anexo A.

Fonte: O autor

Após a realização das conversas, cogitou-se incluir mais jornalistas biógrafas, em especial, as premiadas em concursos literários. Já que Luciana Hidalgo, premiada no Jabuti em 1997, havia sido entrevistada, pensou-se em conversar com Cláudia Furiati e Joselia Aguiar, laureadas no mesmo prêmio e categoria nos anos de 2003 e 2019, respectivamente. No entanto, como a investigação é feita a partir de critérios, manteve-se a ideia inicial que foi a de se basear nas dez editoras que mais publicaram biografias no Brasil (1990-2020). Dessa forma, por terem sido editados pela Revan e pela Todavia, as obras de Cláudia e Joselia não entraram na seleção. Outro caso curioso, que vale explicação, foi o ocorrido com o livro da jornalista Malu Gaspar, *Tudo ou nada: Eike Batista e a verdadeira história do grupo X* (Record, 2014). Embora o título tenha saído em uma editora que fez parte do levantamento e publicado em um dos anos que integram o arco temporal, ele não se encontrava mais disponível no catálogo da Record. O motivo é que a autora havia migrado para a Companhia das Letras e, assim, lançado o mesmo livro, em 2022, fora do período investigado para esta tese.

Lakatos e Marconi (2017, p. 211-212) indicam que a entrevista é apenas uma das técnicas para a coleta; porém, primordial: “É um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados, ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social”. Uma das principais vantagens desse tipo de técnica, para o pesquisador, é que existe uma “[...] maior flexibilidade, podendo o entrevistador repetir ou esclarecer perguntas, formular de maneira diferente; especificar algum significado, como garantia de estar sendo compreendido” (Lakatos; Marconi, 2017, p. 214).

Embora também seja uma estratégia acadêmica, a entrevista é uma técnica utilizada no Jornalismo. Na presente pesquisa, antes de assumirem o posto de entrevistador/entrevistado, os integrantes do diálogo são jornalistas. Dessa forma, a conversa é usada como uma forma de aproximar os pares, compartilhar experiências, buscar elementos que diminuam a relação entre ídolo e fã, já que o pesquisador e as 15 jornalistas compartilham do mesmo campo profissional. De acordo com Fábio Pereira e Laura Neves (2013, p. 37), a entrevista, enquanto “[...] uma interação simbólica, uma situação em que se negociam pontos de vista, sentimentos e motivações, interpretações sobre o mundo, estatutos e identidades sociais”, é a técnica mais adequada para esse tipo de entendimento entre papéis sociais:

Conduzir uma boa entrevista de pesquisa consiste em mais do que *fazer a pessoa falar*. Em geral, é preciso relativizar o jogo de papéis entrevistador-

entrevistado e não se restringir à coleta de *boas declarações*. Muitas vezes, trata-se de buscar a compreensão de aspectos considerados pouco importantes pelo entrevistado. Ou de levá-lo a refletir sobre a sua prática, sua identidade em um contexto da interação com o pesquisador (Pereira; Neves, 2013, p. 38).

Como metodologia da presente tese, optou-se pela entrevista qualitativa, com questões semiestruturadas e abordagem em profundidade, conceituada por Jorge Duarte (2008, p. 62) como um recurso que auxilia o pesquisador a “[...] recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte, selecionada por deter informações que se deseja conhecer”. A fim de ilustrar o impacto da metodologia da entrevista nas pesquisas da área de Comunicação, pesquisou-se o catálogo de Teses e Dissertações¹⁶ disponível no portal CAPES. Com o termo *entrevista em profundidade*, por exemplo, foi possível chegar a 649 pesquisas, no total; 298 delas na grande área de conhecimento das Ciências Sociais Aplicadas, sendo 82 na área de Comunicação, somando a de Jornalismo e de Editoração. Uma das pesquisas que recebe destaque é a tese de Karine Moura Vieira, *Do fazer um saber: A construção do biografar - O discurso de autoria sobre a prática jornalística na produção de biografias por jornalistas brasileiros*, defendida em 2015 e que serve de inspiração à presente tese.

Em virtude da sincronia dos campos de forças que atuam na composição do segmento, Vieira (2015) propôs investigar aspectos no texto biográfico em que é possível caracterizá-lo como um gênero jornalístico. Para isso, entrevistou cinco repórteres biógrafos - em ordem cronológica das entrevistas, Mario Magalhães, Regina Zappa, Ruy Castro, Alberto Dines e Lira Neto - para entender o local de fala dos jornalistas e incitá-los referente às suas percepções nesse campo de trabalho: “Esses sujeitos [...] partilham das mesmas posições que eu na produção desta pesquisa de tese: autora/jornalista/pesquisadora. [...] Dessa forma, a essência da entrevista não estaria apenas no conteúdo, mas também no dizer, no escutar e em como essa interação se faz” (Vieira, 2015, p. 89).

Conforme apresentado no capítulo dois, os novos estudos que envolvem a biografia associada ao Jornalismo são ainda poucos e limitados ao processo de produção, como a tese de Vieira (2015). Contudo, não pelo viés biográfico, mas pela temática do livro-reportagem, Maciel (2018) – por sua vez - se debruçou a pesquisar a rotina dos jornalistas na produção editorial. Por meio de uma pesquisa qualitativa, realizada mediante uma entrevista individual em profundidade, Maciel (2018) elaborou um roteiro com questões que envolvem linhas de força pré-definidas, com foco nas formas narrativas, o tipo de leitor, as posturas ideológicas e

¹⁶ Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>. Acesso em 31 mai. 2022.

o mercado editorial. Para isso, buscou respostas em uma seleção de dez¹⁷ jornalistas-escritores - na seguinte sequência, Zuenir Ventura, Fernando Morais, Ruy Castro, Lira Neto, Caco Barcellos, Laurentino Gomes, Daniela Arbex, Adriana Carranca, Leonêncio Nossa e Rubens Valente - e dois editores de livros - Fernando Mangarielo, proprietário da editora Alfa-Omega, e Otávio Costa, *publisher* da Companhia das Letras.

Apesar da baixa quantidade de pesquisas jornalísticas em estudar o fenômeno das publicações biográficas – como já indicado no capítulo dois – observa-se que as contribuições de Vieira (2015) e Maciel (2018) iluminaram um campo camuflado na universidade, embora o mercado editorial já nutria um nicho tanto de produção quanto de vendagem. A defesa da presente investigação ocorre em fevereiro de 2024, isto é, exatamente nove anos depois da tese de Vieira e seis da de Maciel. Tem-se como propósito partir somente do recorte das mulheres jornalistas, a fim de complementar a história do Jornalismo brasileiro, já que nas duas teses, apenas três mulheres fizeram parte da seleção dos investigadores. Além disso, é válido reiterar que os estudos de gênero, embora venham recebendo certa atenção por parte da academia, recentemente, ainda não tinham se dedicado ao foco autoral das jornalistas biógrafas. Assim, ao lidar com as recordações individuais, a investigação dará espaço a múltiplas vozes jornalísticas femininas, que complementam uma memória histórica, majoritariamente, masculina.

Como o objetivo da pesquisa é discutir a contribuição das mulheres jornalistas enquanto biógrafas, uma das hipóteses era de que as obras produzidas pelas mulheres pudessem ser resultado de encomendas, como as biografias autorizadas, fruto de homenagens. Outra ideia levantada foi a possibilidade de mulheres atuarem como *ghostwriters*. Com esses questionamentos discriminados, a ideia foi se concentrar na trajetória de cada entrevistada, a começar pelas influências familiares, o ingresso no curso de Jornalismo, a estreia nas redações, o interesse por biografias, a decisão pelo mercado editorial, a escolha da personagem principal, a metodologia aplicada na pesquisa biográfica, possíveis dificuldades e desafios ao longo da investigação, para que assim se pudesse traçar um esboço da realidade individual (ver a lista de questões elaboradas para as 15 entrevistadas no Apêndice G). Todavia, de nada adianta um questionário bem elaborado, se a condução da prosa não é efetiva. No âmbito da reportagem, porém, não menos importante que a prática acadêmica, Lage (2001) orienta que uma das

¹⁷ Três dos jornalistas são reconhecidos pelas publicações biográficas: Fernando Morais, Lira Neto e Ruy Castro. Lembrados pelos livros-reportagem, Daniela Arbex e Leonêncio Nossa também enveredaram pela biografia, após a defesa da tese de Maciel (2018). Arbex escreveu *Os dois mundos de Isabel* (2020) e Nossa lançou o primeiro volume de *Roberto Marinho: O poder está no ar* (2019).

estratégias para o êxito da entrevista é saber perguntar sobre a resposta, para que não haja relutâncias inesperadas como denominações vagas ou desvios do tema.

Duarte (2008, p. 63) infere que “[...] as perguntas permitem explorar um assunto ou aprofundá-lo, descrever processos e fluxos, compreender o passado, analisar, discutir e fazer prospectivas”. Outro ponto interessante é a utilidade das entrevistas em profundidade. Não interessa a quantificação de determinado atributo, mas de que forma essa mesma característica é observada por um conjunto de pessoas: “Seu objetivo está relacionado ao fornecimento de elementos para compreensão de uma situação ou estrutura de um problema” (Duarte, 2008, p. 63). Assim, para se ter uma aproximação sobre a realidade do jornalista que se dedica a escrever biografias, a entrevista individual poderá agregar ao trabalho. Contudo, a entrevista só poderá gerar confiança se respeitar um tripé de conjuntos críveis: seleção de entrevistados adequados, procedimentos seguros para captação de informações e posterior descrição dos resultados (Duarte, 2008).

Na entrevista utilizada em uma pesquisa qualitativa, cujo objetivo “[...] é uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos” (Gaskell, 2013, p. 65), pode-se elaborar uma série de perguntas em um roteiro semiestruturado. Nesse caso, a fim de buscar maior compreensão do entrevistador, o pesquisador solicita mais esclarecimentos em meio às perguntas já anotadas: “Chegam até a acrescentar perguntas para fazer precisar uma resposta ou para fazê-lo aprofundar: Por quê? Como? Você pode dar-me um exemplo? E outras tantas subperguntas que trarão freqüentemente uma porção de informações significativas” (Laville; Dionne, 2008, p. 188). Duarte (2008, p. 66) propõe uma analogia com o funil, em que cada questão é aprofundada exaustivamente, por completo, isto é, “[...] o pesquisador faz a primeira pergunta e explora ao máximo cada resposta até esgotar cada questão. Somente então, passa para a segunda pergunta”. Quanto ao roteiro desse modelo - chamado por Duarte (2008, p. 66) como entrevista *semiaberta* – ele “[...] exige poucas questões, mas suficientemente amplas para serem discutidas em profundidade, sem que haja interferências entre elas ou redundâncias”. Por meio das narrativas biográficas, das histórias de vida, aprende-se como o indivíduo se torna agente dentro da conjuntura social:

Obtêm-se assim belas ocasiões de compreender como as pessoas representam esses fenômenos e acontecimentos históricos, sociais ou culturais, como passaram por eles, vividos na indiferença ou em uma participação mais ativa. É uma maneira de recolocar o indivíduo no social e na história: inscrita entre a análise psicológica individual e a dos sistemas socioculturais, a história de

vida permite captar de que modo indivíduos fazem a história e modelam sua sociedade, sendo também modelados por ela (Laville; Dionne, 2008, p. 159).

Como estratégia de pesquisa, as histórias de vida também encontram resistências. Às vezes, o entrevistado assume a narração, ao transformar o entrevistador em mero ouvinte. Entretanto, ao invés de interpretar o diálogo como um momento superficial ou limitado, as informações adquiridas pelas histórias de vida também se tornam revelações ao pesquisador, cuja intenção é iluminar o passado que ainda se desconhece. Afinal de contas, “[...] a função da pesquisa não é a de simplesmente descrever o observado, mas sim compreendê-lo” (Laville; Dionne, 2008, p. 160).

O estudo do gênero biográfico pode ser analisado pelo viés da personagem central (o protagonista biografado) ou pela participação autoral, isto é, pelo biógrafo. As respostas a respeito do passado profissional, da trajetória jornalística, da vivência autoral, ou de premonições sobre o mercado de trabalho, bem como a relação com as editoras de livros, compõem temáticas que, isoladas, denotam significados particulares. São as conexões plurais entre as doze jornalistas, aproximadas por saberes distintos e experiências semelhantes, que promovem um mosaico científico (Becker, 1997) - tal qual a técnica impressionista do pontilhismo¹⁸ -, em busca de uma construção histórica da participação das mulheres enquanto biógrafas:

Cada peça acrescentada num mosaico contribui um pouco para nossa compreensão do quadro como um todo. Quando muitas peças já foram colocadas, podemos ver, mais ou menos claramente, os objetos e as pessoas que estão no quadro, e sua relação uns com os outros. Diferentes fragmentos contribuem diferentemente para nossa compreensão: alguns são úteis por sua cor, outros porque realçam os contornos de um objeto (Becker, 1997, p. 104-105).

Enquanto obra cultural em formato de livro, o gênero biografia representa a vida de um sujeito. Por mais que a intenção seja reconstituir o passado de alguém, é impossível afirmar que determinada trajetória aconteceu daquela forma linear, cronológica (Bourdieu, 2001). Por outro lado, o gênero se constitui, para Maria Cristina Gobbi, como uma alternativa de método de pesquisa, em que a história de vida de alguém auxilia na compreensão social de um período: “Mais que um desafio, escrever histórias de vida é uma possibilidade singular de mergulhar no

¹⁸ Técnica artística que se popularizou na França, ao final do século XIX. Nesse movimento impressionista, os pintores pontuavam a tinta suavemente na tela, sem misturar as cores, compondo um desenho repleto de pontilhados.

passado, no íntimo dos entrevistados. É a dicotomia entre o real e o pessoal, a produção e a ruptura. É, na verdade, a nosso ver, a renovação do presente” (Gobbi, 2008, p. 84).

Após expor o percurso metodológico, onde foram apresentados os bastidores da pesquisa e as possíveis pistas para novas investigações, a presente tese se preocupa, no próximo capítulo, em apresentar e discutir os resultados dos quatro anos de doutorado. No cinco, expõe-se um panorama das biografias publicadas no período de 1990 a 2020, a partir das dez editoras que mais editam biografias no Brasil, onde a representação desigual de homens e mulheres – tanto em biógrafos quanto em biografados – serão discutidas através dos estudos de memória coletiva (Halbwachs, 1990; Pollak, 1989). Afinal, quem merece ser lembrado pela posteridade? No capítulo seis, o texto se encaminha para debater o papel das biógrafas – isto é, qual a contribuição das mulheres jornalistas – junto à história do Jornalismo brasileiro, a partir de suas obras.

5 A memória biográfica do feminino: Ausência de pluralidades em três décadas (1990-2020) de mercado editorial brasileiro

A memória desperta é contraditória, como nós. Nunca está quieta e, conosco, vai mudando. Não nasceu para âncora. Tem, antes, a vocação da catapulta. Quer ser ponto de partida, não de chegada. Não renega a nostalgia, mas prefere a esperança, seu perigo, sua intempérie. Acreditavam os gregos que a memória era irmã do tempo e do mar, e não se enganavam (Galeano, 2002, p. 217).

O ano era 1327 e o cenário, um mosteiro localizado ao norte da Itália. Durante a investigação de uma sequência de óbitos que aconteceram nessa abadia, o monge franciscano Guilherme de Baskerville e o noviço Adso Melk entram em uma torre proibida onde descobrem segredos intocáveis pelos frades. São centenas de desenhos, livros, pergaminhos, fontes de informações que ora escondem, ora revelam; ensinam ou deturpam. Presos a uma grande quantidade de documentos que se transformam em um labirinto - cuja analogia confusa e intrincada faz lembrar as dúvidas do homem medieval em meio à descoberta do conhecimento - os protagonistas dialogam sobre o achado:

- Mas como podemos confiar na antiga sabedoria, de que vós sempre buscais as pegadas, se ela é transmitida por livros mendazes que a interpretaram com tanta liberdade?
 - Os livros não são feitos para acreditarmos neles, mas para serem submetidos a investigações. Diante de um livro não devemos nos perguntar o que diz mas o que quer dizer, idéia que os velhos comentadores dos livros sagrados tiveram claríssima (Eco, 1983, p. 361).

Embora o livro *Il nome della rosa*¹ (em português: *O nome da rosa*) seja uma ficção do escritor italiano Umberto Eco, publicado em 1980, ele suscita questões estratégicas a respeito do período da Idade Média, como a restrição ao conhecimento, pela Igreja Católica. Em uma época onde havia mais ouvintes do que leitores – e estes, mais soletravam do que compreendiam o significado das palavras – “[...] a literatura era produzida, nesses tempos, e em grande parte, para recitação pública; por isso, o seu caráter era mais retórico do que literário, e as regras da retórica governavam sua composição” (Chaytor, 1980, p. 151).

Além dos aspectos históricos, *O nome da rosa* também retrata o controle da informação que perpassa a preservação da memória na época medieval: “Cristianização da memória e da

¹ O livro inspirou a produção do filme *The name of the rose*, lançado em 1986. Dirigido pelo cineasta Jean-Jacques Annaud, os protagonistas Guilherme de Baskerville e Adso Melk foram interpretados, respectivamente, pelos atores Sean Connery e Christian Slater. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=s0cdAv4ZODE&has_verified=1. Acesso em 7 jun. 2022.

mnemotécnica, [...] desenvolvimento da memória dos mortos, principalmente dos santos, papel da memória no ensino que articula o oral e o escrito, [...] tais são os traços mais característicos das metamorfoses da memória” (Le Goff, 2003, p. 438). Enquanto produto cultural, o livro ainda possui um valor simbólico de conhecimento, o que reforça a aceitação da mensagem que se quer vender: “Publicar é tornar público, é fazer passar do oficioso para o oficial. A publicação é a ruptura de uma censura” (Chartier, 2009, p. 244).

Neste capítulo, busca-se apresentar uma radiografia de quem são as personagens biografadas em obras que são postas à venda no mercado editorial brasileiro. Para isso, será apreciado o catálogo virtual de dez editoras brasileiras ao longo do período de 1990 a 2020: Grupo Editorial Record, Grupo Companhia das Letras, L&PM Editores, Globo Livros, Planeta do Brasil, Rocco, Intrínseca, Ediouro Publicações, Sextante, Grupo Editorial Scortecci. Diante desse perfil de três décadas, parte-se do pressuposto de que os critérios para a escolha de um biografado perpassam, também, estratégias comerciais. Entretanto, os resultados apresentados neste capítulo indicam que os protagonistas à venda nas prateleiras do segmento biográfico estão aquém de serem plurais. O perfil dos biografados, no Brasil, é homem, europeu, com ocupação de liderança política. As dez pessoas mais biografadas no país são, novamente, homens, sem quase nenhum espaço para se contar a história das mulheres pioneiras, com destaque nas áreas de atuação. As próximas páginas se propõem a questionar a cultura que se consome no país, através da literatura de não ficção, no caso, as obras biográficas comercializadas no Brasil.

5.1 A noção de arquivo

Antes de Zygmunt Bauman dissertar sobre a liquidez humana, e bem anterior a Salvador Dalí retratar a fugacidade do tempo, nos anos 1930, por meio do quadro *A persistência da memória*, a valorização da mente humana já era tema na Antiguidade (Le Goff, 2003; Eliade, 2006). Lá, os gregos a personificavam na deusa Mnemósine (Memória), irmã de Cronos e de Oceanos, a fonte da imortalidade e o antídoto contra o esquecimento. A mitologia demonstrava que, enquanto o passado era esquecido, a morte era validada, isto é, os falecidos eram assim nomeados como aqueles que tinham perdido a memória (Eliade, 2006). Na Grécia antiga, segundo Jacques Le Goff (2003), ela era celebrada no sentido coletivo e associada a ritos divinos, a partir da instituição de um cargo, o *mnemon*:

O aparecimento destes funcionários da memória lembra os fenômenos que já evocamos: a relação com o mito, com a urbanização. Na mitologia e na lenda,

o *mnémon* é o servidor de um herói que o acompanha sem cessar, para lembrar-lhe uma ordem divina cujo esquecimento traria a morte. [...] Com o desenvolvimento da escrita, estas *memórias vivas* transformam-se em arquivistas (Le Goff, 2003, p. 433).

Para se ter noção da importância do conceito de *arquivo* para o estudo da memória, cabe uma explicação sobre o termo. De acordo com a alemã Aleida Assmann (2011, p. 367), “[a] palavra *arquivo* vem do grego *arché*, que, além de *início*, *origem* e *autoridade*, significa *repartição pública* e *escritório público*”. Ou seja, a definição da palavra *arquivo* vai além de um sistema de registros. Na Idade Média, por exemplo, como já ilustrado no terceiro capítulo, “[...] armazenavam-se nos arquivos dos príncipes, dos mosteiros, das igrejas e das cidades os documentos que serviam para atestação de instituições e grupos. [...] Controle do arquivo é controle da memória” (Assmann, 2011, p. 368). Durante aquele período, a escassez de livros marcou a Europa. A partir do século XVI, o processo se inverteu: “Com a multiplicação dos livros, as bibliotecas tiveram de ser ampliadas, ficou mais difícil encontrar um livro nas prateleiras, e os catálogos se tornaram cada vez mais necessários” (Briggs; Burke, 2006, p. 27). O desafio era manter uma organização e posterior atualização de novas publicações.

Para Assmann (2011), o arquivo assume três funções enquanto um espaço de armazenamento, a começar pela *acessibilidade*, característica que “[...] define se a instituição é democrática ou repressiva” (Assmann, 2011, p. 368). Em seguida, a *seleção*. O arquivo não significa somente um lugar de estoque de informações, mas também um espaço onde se pensa no que fazer com aqueles documentos. Para isso, a *conservação* é fundamental, função esta que reverbera nos debates públicos: “Os estados democráticos seculares, que combateram as instâncias centralizadoras de censura [...], veem-se diante de uma nova tarefa e uma nova responsabilidade. A eles é atribuída a obrigação da conservação, mas não necessariamente a da seleção” (Assmann, 2011, p. 382).

Soma-se ao debate o francês Michel Foucault, que também contribuiu para uma conceituação. Para ele, *arquivo* não seria apenas “[...] a soma de todos os textos que uma cultura guardou em seu poder, como documentos de seu próprio passado, ou como testemunho de sua identidade mantida” (Foucault, 2008, p. 146). Mais do que um acúmulo de documentos ou um amontoado de papéis, arquivo é “[...] a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares” (Foucault, 2008, p. 147). Na busca por sentidos, Foucault prossegue na tentativa de encontrar significados no sistema de enunciados inseridos no funcionamento de um arquivo:

É evidente que não se pode descrever exhaustivamente o arquivo de uma sociedade, de uma cultura ou de uma civilização; nem mesmo, sem dúvida, o arquivo de toda uma época. [...] O arquivo não é descritível em sua totalidade; e é incontornável em sua atualidade. [...] A análise do arquivo comporta, pois, uma região privilegiada: ao mesmo tempo próxima de nós, mas diferente de nossa atualidade, trata-se da orla do tempo que cerca nosso presente, que o domina e que o indica em sua alteridade; é aquilo que, fora de nós, nos delimita (Foucault, 2008, p. 148).

A reabertura de arquivos tidos como inéditos implica aos biógrafos a necessidade de transparência aos leitores. Acessar materiais ainda não descobertos, ou que estavam de posse de outrem, indica desdobramentos para uma nova pesquisa sobre o biografado. Além disso, pela perspectiva francesa, o historiador François Dosse (2015) revela que as justificativas para uma investigação mais imersiva na vida de um sujeito perpassam várias razões, dentre as quais, o reparo no passado de alguém, a desmitificação da lenda, a utilização do biografado como fio condutor de um contexto social ou até, como já indicado, trazer um novo prisma diante de novos recursos de arquivos. Um dos motivos mais usados para demonstrar a relevância da empreitada é o “[...] argumento arquivístico, segundo o qual a descoberta de documentos até então inacessíveis permite fazer uma nova leitura ou corrigir as antigas. O biógrafo se empenha, pois, em reabrir o dossiê para nele incluir as informações novas das quais se acha agora de posse” (Dosse, 2015, p. 113).

No Brasil, Eurídice Figueiredo analisou a literatura, tanto de ficção, quanto de não ficção, como uma ferramenta de arquivo a respeito da ditadura militar brasileira (1964-1985). Figueiredo (2017) busca, nos textos do francês Jacques Derrida, a explicação de *mal de arquivo*, ou seja, a noção dicotômica inerente à função do arquivo, que é de conservar, mas também de destruir: “A obsessão pelo arquivo é o corolário da perda da memória; arquivar-se para se resguardar do esquecimento. Como não existe mais memória, vivemos numa cultura dos vestígios, vestígios esses que são preservados em arquivos” (Figueiredo, 2017, p. 28). O Brasil possui dificuldade em olhar para trás e manter o passado livremente aberto. A Comissão Nacional da Verdade (CNV)² simbolizou uma tentativa tardia de apurar casos de violação de direitos humanos cometidos no país entre 1946 e 1988, punir os respectivos criminosos e reparar os danos de sobreviventes e parentes das vítimas.

O escritor uruguaio Eduardo Galeano (2002) já alertara que a justiça e a memória são requintes excêntricos, quase que exóticos na luta contra o esquecimento. Em um território combalido pelo colonizador português ou espanhol, pelo genocídio dos povos originários e

² Ver o link: <http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/>. Acesso em 11 dez. 2023.

pelas ditaduras aguerridas que assolaram a América Latina, é incutido, na mente das pessoas, o costume de não valorizar o pretérito. Inclusive, o próprio escritor é o produto do exílio ocorrido na Argentina e na Espanha, em função da tomada de poder pelos militares no Uruguai, em 1973: “O esquecimento, diz o poder, é o preço da paz, enquanto nos impõe uma paz fundada na aceitação da injustiça como normalidade cotidiana. Acostumaram-nos ao desprezo pela vida e à proibição de lembrar” (Galeano, 2002, p. 214-215). O autor de *Veias abertas da América Latina* (Paz e Terra, 1984; L&PM, 2010, 2021) e da trilogia *Memória do fogo* (L&PM, 1996, 2010, 2013, 2022) convida a sociedade para que ela reivindique o direito de lembrar, “[...] não para repetir o passado, mas para evitar que se repita; não para que os vivos sejamos ventríloquos dos mortos, mas para que sejamos capazes de falar com vozes não condenadas ao eco perpétuo da estupidez e da desgraça” (Galeano, 2002, p. 216).

Embora existam romances históricos tradicionais (Lukács, 2011), cujos enredos se baseiam em diferentes épocas do passado, a literatura de não ficção se concentra na realidade histórica, em acontecimentos vivenciados. Uma das temáticas mais comuns, entre os brasileiros, diz respeito a época do regime militar: “A literatura sobre a ditadura se constrói a partir desse palimpsesto e cumpre o papel de suplemento aos arquivos [...]. Ao criar personagens, ao simular situações, o escritor é capaz de levar o leitor a imaginar aquilo que foi efetivamente vivido” (Figueiredo, 2017, p. 29). No segmento de não ficção, até porque as personagens não foram criadas pelo narrador, essas obras funcionam como testemunho, onde o trauma é evidenciado e exposto como uma forma de compensação no processo de interpretação do sofrimento: “Tratar da literatura sobre a ditadura convoca categorias de pensamento como o testemunho, o trauma, o exílio, a memória, o arquivo, enfim, a responsabilidade dos autores frente à História e aos leitores” (Figueiredo, 2017, p. 41). Estes são os casos como da biografia *Marighella: O guerrilheiro que incendiou o mundo* (Companhia das Letras, 2012), escrita pelo jornalista Mário Magalhães; a reportagem *Holocausto brasileiro* (Geração Editorial, 2013; Intrínseca, 2019), que premiou a jornalista Daniela Arbex, ou a coleção, em cinco volumes, sobre a ditadura (*Envergonhada, Escancarada, Derrotada, Encurralada, Acabada*) (Companhia das Letras, 2002, 2004; Intrínseca, 2016), vasta pesquisa encabeçada por Elio Gaspari, exemplos que ilustram o poder que narrativas de fôlego suscitam no entendimento dos leitores a respeito da época.

No tópico a seguir, o texto se pautará na contextualização da memória enquanto uma relação de vetores tensionados pela lembrança e pelo esquecimento. São essas duas linhas de força que interferem de maneira intrínseca e dicotômica: por quais razões certos protagonistas são evidenciados e outros, sequer, são mencionados - apagados, como se não existissem. Para

tanto, o capítulo vai em busca de respostas a partir dos estudos sobre a memória, defendidos pelo sociólogo francês Maurice Halbwachs (1990) e pelo sociólogo austríaco Michael Pollak (1989).

5.2 A memória como silêncio (ou apagamento) do passado

No livro *Europa saqueada*³, Lynn H. Nicholas (1996) promove uma incursão pelos territórios europeus antes ocupados por nazistas. Revela a obstinação de Adolf Hitler pelos pinceis e pelas tintas, o tesouro artístico acumulado por Hermann Goëring e parte do patrimônio roubado de grandes centros culturais dos países ocupados, como Áustria, Polônia, Holanda, Bélgica e França. Nicholas (1996) também destrincha a saga, tanto dos museólogos, em tentar salvar objetos raros dos povos ancestrais, quanto dos especialistas em recuperar esculturas, mobiliários ou pinturas que foram roubadas pelos soldados alemães durante a Segunda Guerra.

Esses heróis improváveis exerceram um papel estratégico no conflito. Apesar de as obras de arte serem artefatos – que, vale ressaltar, não substituem a perda humana de uma pessoa para uma família - eles representam valores, simbolizam culturas, preservam identificações. Os laços afetivos vão além do produto em si: transbordam sentimentos de pertencimento que reforçam um retorno ao local de origem. Assim como os objetos, peças de roupas e lugares também são indicativos de memória, aquilo “[...] que secreta, veste, estabelece, constrói, decreta, mantém pelo artifício e pela vontade uma coletividade fundamentalmente envolvida em sua transformação e sua renovação” (Nora, 1993, p. 13). E prossegue: “Museus, arquivos, cemitérios e coleções, festas, aniversários, tratados, processos verbais, monumentos, santuários, associações, são os marcos testemunhais de uma outra era, das ilusões da eternidade” (Nora, 1993, p. 13).

O historiador francês Michel De Certeau (1998, p 188) acrescenta ao debate formulado por Pierre Nora sobre a memória dos relatos de lugares: “As relíquias verbais de que se compõe o relato, ligadas a histórias perdidas e a gestos opacos, são justapostas numa colagem em que suas relações não são pensadas e formam, por esse fato, um conjunto simbólico. Elas se articulam por lacunas”. Objetos, vestuários, instrumentos, lascas de móveis e tudo que o possa conectar ao passado de outrem serve como símbolo de uma vaga memória. Redutos da ausência, esses ambientes tanto podem desvendar segredos de famosos, como recuperar a trajetória de anônimos. Isso é observado em locais de peregrinação como Graceland, a mansão do cantor e

³ O livro serviu de referência para o documentário, intitulado com o mesmo nome e veiculado pelo canal National Geographic. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7uKMCmrZ2P8>. Acesso em 28 jun. 2022.

ator Elvis Presley, no estado norte-americano do Tennessee; ou a Hacienda Napoles, onde o traficante colombiano Pablo Escobar residia com a família, na cidade de Bogotá, capital da Colômbia, transformada, atualmente, em um complexo turístico, com parques de diversão, hotéis e zoológico.

Para curiosos, lugares abandonados como o rancho Neverland, refúgio do cantor Michael Jackson, no estado norte-americano da Califórnia; até ambientes em ruínas de ex-integrantes do alto escalão nazista, como a Carinhall, casa de campo do ex-general do III Reich, Hermann Göring, ou a Vila Bogensse, espaço do ministro da Propaganda nazista, Paul Joseph Goebbels – ambas próximas à capital alemã, Berlim – podem servir, necessariamente, não como museus de preservação, mas locais para eventuais seguidores. Outros lugares específicos para o descanso eterno, como o Cemitério Nacional de Arlington, em Washington; o La Recoleta, em Buenos Aires; o Père Lachaise, em Paris; ou ainda o da Consolação, em São Paulo, onde os jazigos mais parecem mausoléus da família do que depósitos dos restos mortais, transformam-se em fontes de estudos em relação à arquitetura que congrega o ambiente fúnebre: “Os lugares são histórias fragmentárias e isoladas em si, dos passados roubados à legibilidade por outro, tempos empilhados que podem se desdobrar mas que estão ali antes como histórias à espera e permanecem no estado de quebra-cabeças, enigmas, enfim simbolizações” (De Certeau, 1998, p. 189).

O estudo da memória é originário do campo das ciências da saúde e vai além da mente humana, enquanto função cognitiva. Enquanto Sigmund Freud se dedicou aos dois sistemas da psiquê – consciência e inconsciência - Henri Bergson refletiu sobre o aspecto filosófico das recordações. Para este, o passado se conservava pela *memória-hábito*, motivada pelo exercício diário, e pela *imagem-lembrança*, influenciada por situações definidas, que ocorreram e permaneceram no passado – e, por isso, se tornaram singulares (Bosi, 1994). No campo das ciências sociais, Halbwachs seria o responsável em adaptar o conceito às relações humanas. Discípulo de Bergson e contemporâneo de Emile Durkheim, Halbwachs estudaria a classe dos operários na tese *La classe ouvrière et les niveaux de vie*⁴, defendida em 1913, quando concluiu que o homem se caracterizaria pelo grau de integração no tecido das relações sociais. Seis anos depois, assumiu a vaga, na Universidade de Strasbourg (França), como professor de sociologia. Somente em 1925, com o lançamento de *Les cadres sociaux de la mémoire*⁵, é que o trabalho de Halbwachs seria, enfim, reconhecido. Myrian Sepúlveda dos Santos (2012, p. 44), seguidora dos estudos halbwachianos, pontua que, ainda hoje, a obra simboliza uma das principais

⁴ Tradução livre: A classe trabalhadora e os padrões de vida.

⁵ Tradução livre: Os quadros sociais da memória.

reflexões a respeito de memória coletiva. Nela, o sociólogo “[...] estabeleceu os princípios fundamentais de uma teoria sobre a memória que foi desenvolvida empírica e teoricamente em escritos posteriores. Procurou lidar com a memória enquanto um fato social em debate aberto com os principais pensadores de sua época”. No ano de 1933, ele tomou posse como professor visitante na Universidade de Chicago (Estados Unidos) e, dois anos depois, na renomada instituição da Sorbonne (França).

Detido pela polícia secreta nazista, a Gestapo, em 1944 – mesmo ano em que foi nomeado como docente no Collège de France - ele deixaria como legado textos sobre o envolvimento da memória coletiva, publicadas postumamente, o principal delas, *La mémoire collective*, em 1950. No Brasil, a primeira tradução de *A memória coletiva* datou de 1990; novas edições chegariam apenas em 2006. Halbwachs percebeu que os aspectos do passado poderiam ser rememorados mais facilmente em detrimento de outros, uma espécie de domínio comum. As lembranças com menor capacidade de serem evocadas surgiriam através da memória dos outros, já que, para Halbwachs, a memória individual seria um fragmento, um ponto de vista da memória dita coletiva. O sociólogo exemplifica isso ao citar o caso da guerreira e santa Joana d’Arc. São tantas as representações sobre essa mulher, que, na verdade, as pessoas possuem uma noção apenas parcial desse vulto francês; porém, como não há testemunhas vivas, o esboço dessa personagem é rascunhado por uma memória emprestada pelos registros de documentos (Halbwachs, 1990).

Para Halbwachs, existe uma memória interior – também chamada de *memória pessoal* ou *autobiográfica* - e uma memória externa – conhecida ainda como *memória social* ou *histórica*. A primeira classificação encontraria eco no segundo grupo, já que este seria um espaço mais amplo: “Por outra parte, ela não nos representaria o passado senão sob uma forma resumida e esquemática, enquanto que a memória de nossa vida nos apresentaria um quadro bem mais contínuo e mais denso” (Halbwachs, 1990, p. 55). O teórico aponta que as memórias dos indivíduos são baseadas nas recordações de terceiros, ou nas descrições de lugares em cerimônias comemorativas, que acabam por influenciar aqueles que não presenciaram determinadas histórias: “[A] lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e, além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada” (Halbwachs, 1990, p. 71). A mecanicidade da memória, cuja concepção bergsoniana residia no fato de que todas as lembranças eram armazenadas no corpo físico, seria logo refutada por Halbwachs. Essa função totalizante da memória se apresentou como inverídica, pois, caso contrário, os indivíduos poderiam recriar igualmente as vivências do passado por meio dos

sonhos. Como reflete Santos (2012, p. 55), a “[...] grande tarefa da sociologia seria mostrar que a materialidade não estava no corpo, mas na sociedade”.

Tempo e espaço também foram estudados pela perspectiva memorialística. Halbwachs (1990) aponta que, tanto a Igreja Católica, quanto os reinos e principados, possuíam vasto controle dos transportes, dos mercados e das informações, fato ilustrado pelos calendários das plantações, colheitas e ofertas, dedicadas às festividades de santos. Já os comerciantes possuíam pouco apego em saber o que ocorria em outros domínios e, por isso, esse desinteresse facilitava o controle do que era veiculado de maneira rudimentar. A história fragmentada, por consequência, enviesada, facilitava a perpetuação de imaginários sociais e consolidava memórias oficiais diante de uma comunidade costurada por particularidades: “Se o tempo único assim reconstruído se estende sobre espaços mais amplos, abrange somente uma parte restrita da humanidade que povoa essa superfície” (Halbwachs, 1990, p. 114). Parte da população não inserida nesse nicho limitado carrega suas crenças também baseadas em tradições e mitologias. Por incorporar máscaras diferentes no roteiro social, os indivíduos assumem cada uma de suas funções individuais de acordo com os respectivos tempos coletivos (Halbwachs, 1990). Contudo, o pesquisador francês não viveria para debater ou atualizar os seus escritos: Halbwachs foi morto em 1945, no campo de Buchenwald, ao leste da Alemanha, aos 68 anos de idade. Como legado, o sociólogo

[...] tem o mérito, portanto, de ter sustentado a tese de que, mesmo que o indivíduo estivesse só, recordaria através de memórias que não seriam só suas. Indivíduos não se lembram por si mesmos e, para lembrarem, necessitam da memória coletiva, isto é, da memória que foi construída a partir da interação entre indivíduos. Ao ressaltar o caráter social da memória e explicar que nem mesmo as memórias mais íntimas podem ser pensadas em termos exclusivamente individuais, enfatizou o caráter social do ser humano e antecipou as abordagens culturalistas à história. Foi ele quem primeiro afirmou que nenhuma lembrança pode existir sem a sociedade. De fato, é inegável que não podemos separar a memória da linguagem. Essa foi sua grande contribuição (Santos, 2012, p. 58).

Autora de *Memória e sociedade*, a psicóloga social Ecléa Bosi (1994, p. 68) foi uma discípula brasileira do francês Halbwachs e ajudou no entendimento das recordações coletivas: “A memória poderá ser conservação ou elaboração do passado, mesmo porque o seu lugar na vida do homem acha-se a meio caminho entre o instinto, que se repete sempre, e a inteligência, que é capaz de inovar”. Para ela, lembrar o passado não é revivê-lo, mas sim, reconstruir, repensar, refletir, de acordo com as interpretações do presente. Somado às experiências da vida,

as lembranças são atualizadas de acordo com os próprios juízos de valor, crenças e ideologias assumidas.

Contemporâneo de Halbwachs, 15 anos mais novo, o alemão Walter Benjamin problematizava, em seus textos, a história dos vencedores, em meio ao conceito de dominação: “O passado traz consigo um índice secreto, que o impele à redenção. Pois não somos tocados por um sopro do ar que envolveu nossos antepassados? Não existem, nas vozes a que agora damos ouvidos, ecos de vozes que emudeceram?” (Benjamin, 2012, p. 242). Judeu perseguido, o filósofo teve um final parecido com o de Halbwachs: ao invés de assassinato, fugiu da Gestapo e, para não ser levado a um campo de concentração, parece ter se suicidado por envenenamento, em 1940 (Matos, 1993). Preocupado com a maneira como as narrativas eram legadas à posteridade, Benjamin se questionava, entre os anos 1920 e 1930, se a história contada sobre o passado havia acontecido realmente daquela maneira. Semelhante indagação seria retomada por Pierre Bourdieu (2001), diante do que denomina de *ilusão biográfica*. Essas histórias, eternizadas em rabiscos impressos, forneciam a sensação de uma história verdadeira, com carimbo oficial. Assim, a memória de um grupo é transmitida ao outro, o que acarreta uma padronização de lembranças e opiniões:

Ora, os que num momento dado dominam são os herdeiros de todos os que venceram antes. A empatia com o vencedor beneficia sempre, portanto, esses dominadores. [...] Todos os que até agora venceram participam do cortejo triunfal, que os dominadores de hoje conduzem por sobre os corpos dos que hoje estão prostrados no chão. Os despojos são carregados no cortejo triunfal, como de praxe. Eles são chamados de bens culturais. [...] Devem sua existência não somente ao esforço dos grandes gênios que os criaram, mas também à servidão anônima dos seus contemporâneos. Nunca houve um documento da cultura que não fosse simultaneamente um documento da barbárie (Benjamin, 2012, p. 245).

Intrigado pela questão de a memória não favorecer a pluralidade de origens, Pollak (1989) pôs-se a estudar o silêncio e posterior apagamento de alguns grupos, já que a cultura memorialística de grupos minoritários - ou perdedores, diante de uma história oficial – eram transmitidas, majoritariamente, por meio da oralidade. Enquanto função social, a memória coletiva preza mais pela exclusão do que pela liberdade. Ela é seletiva, tem prioridades. Como tentativa de sobrevivência, essas vozes não escutadas repercutem ecos que esbarram na doutrinação imposta pelas classes dominadoras:

Embora na maioria das vezes esteja ligada a fenômenos de dominação, a clivagem entre memória oficial e dominante e memórias subterrâneas, assim como a significação do silêncio sobre o passado, não remete forçosamente à

oposição entre Estado dominador e sociedade civil. Encontramos com mais frequência esse problema nas relações entre grupos minoritários e sociedade englobante (Pollak, 1989, p. 3).

A memória funciona como um mecanismo de proteção para a sociedade, que une aqueles que são comuns. O tabuleiro entre as peças da lembrança e do apagamento é regido pela necessidade de uma busca por pertencimento, tanto individual, quanto coletivo. Aproximar-se de quem pensa igual e manter esse mesmo grupo coeso serve como um importante instrumento de defesa (Pollak, 1989). Por estar à margem do fluxo normal das narrativas do cotidiano e divergir do que é imposto, a cultura dos grupos subordinados passa despercebida. Tudo que possa causar estranhamento ao grupo dominador acaba por ser esquecido ou tratado como invisível. Ambientadas num local divergente ao normal, as histórias de vida dessas pessoas são tocadas em ritmos diferentes, mesmo porque não há intervenção individual direta das instituições dominantes (Connerton, 1993). Os genocídios, ao longo da História, são exemplos muito presentes do que uma proposta de dizimação e posterior apagamento total, motivadas pelo ódio, podem causar à Humanidade. Não somente a perseguição de ciganos, deficientes, homossexuais, judeus e demais adversários dos países do Eixo, na Segunda Guerra Mundial, mas também a invasão pelos povos europeus - e posterior extermínio das civilizações astecas, incas e maias - em solo latino-americano, a brutalidade do Império Otomano contra o povo armênio (1914-1918) ou a tortura e a morte de pessoas contrárias aos governos ditatoriais.

Ao encontro de Benjamin, o filósofo búlgaro Tzvetan Todorov sugere que a história das vítimas pudesse figurar no debate memorialístico, no mesmo patamar dos vencedores. Como fonte histórica de reparo, essa oportunidade serviria para conhecer uma narrativa total, dando evidência também aos fatos passados, antes, ignorados. Pelo olhar dos submetidos, Todorov (2002) reflete ainda sobre as questões traumáticas. Se a concentração de uma memória do mal pode despertar sintomas vingativos, o esquecimento – forçado ou não – também pode ocasionar efeitos trágicos. Por isso, a necessidade de se narrar as feridas, como ensina Márcio Seligmann-Silva (2008, p. 69): “Na situação testemunhal o tempo passado é tempo presente. [...] Mais especificamente, o trauma é caracterizado por ser uma memória de um passado que não passa”. Além de biógrafa, a jornalista Daniela Arbex, por exemplo, é reconhecida por livros-reportagem, cujas temáticas abordam a memória silenciada. Em *Todo dia a mesma noite: A história não contada da boate Kiss* (Intrínseca, 2018) e *Arrastados: Os bastidores do rompimento da barragem de Brumadinho, o maior desastre humanitário do Brasil* (Intrínseca,

2022), por exemplo, a autora aborda memórias suplantadas e sentimentos recalcados dos familiares ou daqueles que conviveram com os protagonistas que sofreram a História.

Se a sociedade lembra apenas daquilo que é permitido recordar, então as lembranças não podem ser classificadas somente como subjetivas, já que os sujeitos são influenciados pelo filtro do coletivo. Em *Memória e sociedade*, Bosi publica um estudo sobre pessoas idosas, acima de 70 anos, e que, além da idade, também possuíam em comum a residência fixa em São Paulo. No arcabouço das informações, ora ingênuas, ora traiçoeiras, na memória amadurecida dos idosos transparece também lucidez, imantada por peles enrugadas, gestos lentos, vozes pausadas. O olhar distante das personagens, de quem também conviveu com traumas e felicidades, revela um aspecto trágico da sociedade pós-industrial. Ao contrário das comunidades primitivas, em que o ancião era o responsável pela função mnemônica, de recordar e guiar as futuras gerações, as sociedades contemporâneas relegam os velhos à marginalidade, os escondem para que os mais novos não sejam incomodados:

Em nossa sociedade, os fracos não podem ter defeitos; portanto, os velhos não podem errar. Deles esperamos infinita tolerância, longanimidade, perdão, ou uma abnegação servil pela família. Momentos de cólera, de esquecimento, de fraqueza são duramente cobrados aos idosos e podem ser o início de seu banimento do grupo familiar (Bosi, 1994, p. 76).

Como já mencionado, mesmo que cada cidadão carregue experiências individuais, os pensamentos são moldados por terceiros, seja através da oralidade da família e amigos, seja pelos discursos públicos de autoridades ou de informações divulgadas pela mídia. O campo da memória é amplo e diversificado. Após os primeiros estudos sociais de Halbwachs (1990), sobre memória coletiva, a temática se estendeu para outras ramificações, como a compreensão do papel arquivístico, das literaturas de testemunho, da nostalgia (Boym, 2017), das memórias traumáticas, das políticas de identidade, inclusive a memória de lugares (Nora, 1993), a partir da análise das estátuas e monumentos, restauração de parques e praças, preservação de casarões tombados, bem como de cemitérios e demais patrimônios imobiliários.

Se as pirâmides do Egito antigo ou as catedrais da Idade Média guardavam o tesouro das civilizações, hoje, de acordo com Pollak (1989), são os prédios dos grandes bancos que cristalizam a nova guarida da memória social. Em outras palavras, o centro do controle. Como será trabalhado mais adiante no presente capítulo, o mercado editorial põe à venda biografias que reforçam determinadas marcas contextuais. Para adquirir esse tipo de produto cultural, é necessário investimento, o que torna a aquisição uma via dúbia: quando não se tem dinheiro, o sujeito leitor fica desconectado da realidade; ao contrário, se ele paga pelo livro, carrega para a

própria prateleira a mesma visibilidade de rostos observados no trânsito social. Essas narrativas não demonstram apenas um desequilíbrio de gênero entre o sexo dos jornalistas-escritores ou dos protagonistas, mas uma falsa pretensão de que homens são mais importantes na sociedade. Isto é, mais lembrados na História pelo fato da cronologia ser contada segundo uma visão masculina dominante. E quando se fala em uma classe de poder, a vantagem não se limita a questões financeiras: abrange também aspectos sexuais, étnicos e sociais.

5.3 A resistência frente à invisibilidade

Na vasta pesquisa a respeito do percurso histórico do gênero biográfico, Dosse (2015) retrata a realidade literária francesa. Segundo ele, 80% das biografias publicadas na editora Pygmalion, por exemplo, tratam de protagonistas mulheres, muito devido às coleções *Reines de France*⁶ e *Grandes Dames de l'Histoire de France*⁷. Todavia, como o próprio nome indica, são mulheres que pertencem ao imaginário elitizado da realeza. Por outro lado, Dosse (2015) menciona o trabalho do especialista em Idade Média, o também historiador Georges Duby, cuja investigação percorreu rastros das vivências de mulheres esquecidas no período medieval; contudo, Duby esbarrou no desafio de acessar o perfil feminino fornecido, majoritariamente, a partir de registros masculinos. Consideradas como fracas e dependentes dos homens, especialmente do laço matrimonial como salvação, as mulheres eram rebaixadas a seres quase infantilizados:

Em primeiro lugar, para os homens de então, *a mulher é um objeto. Os homens as dão, as tomam, as repudiam*. Contudo, não parece que as mulheres se deixassem dominar tão facilmente e esses relatos de vida talvez sejam *exempla* para conclamar os homens a subjugar-las, se preciso, ou em todo caso a mantê-las sob estreita vigilância (Dosse, 2015, p. 221).

Neste levantamento, desenvolvido a partir dos catálogos virtuais das editoras associadas ao Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL), inferiu-se que o Grupo Editorial Record, Grupo Companhia das Letras, L&PM Editores, Globo Livros, Planeta do Brasil, Rocco, Intrínseca, Ediouro Publicações, Sextante, Grupo Editorial Scortecci, nesta ordem, são as dez casas que mais editam biografias no Brasil. Com o intuito de avaliar os tipos de história de vida mais consumidas no país, cabe questionar o que é ofertado pelas editoras ao público.

Se, há cinquenta anos, a realidade editorial brasileira era cercada de proibições de livros, cujas ideias, opiniões ou mensagens eram simplesmente banidas, hoje se vive uma

⁶ Tradução: Rainhas da França.

⁷ Tradução: Grandes Damas da História da França.

multiplicidade de assuntos – todavia, comandados pelas mesmas vozes: “A utilização do livro por pessoas privilegiadas o estabelece como um segredo do qual somente eles são os *verdadeiros* intérpretes. [...] Deste ponto de vista, o sentido *literal* é o sinal e o efeito de um poder social, o de uma elite” (De Certeau, 1998, p. 267). São vestígios que acabam sendo deixados pelo caminho e que a sociedade, enquanto leitora e consumidora de bens culturais, aceita como algo natural. A circulação da indústria do livro afeta o impacto e a chegada dessas obras ao mercado. Ao definir as explicações a respeito de identidade e diferença, Tomaz Tadeu da Silva (2000) indicou que aquele que tem o poder de representar, tem o poder de definir e, ainda, de determinar a identidade:

A afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e de excluir. [...] A identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído. Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre *nós* e *eles* (Silva, 2000, p. 82).

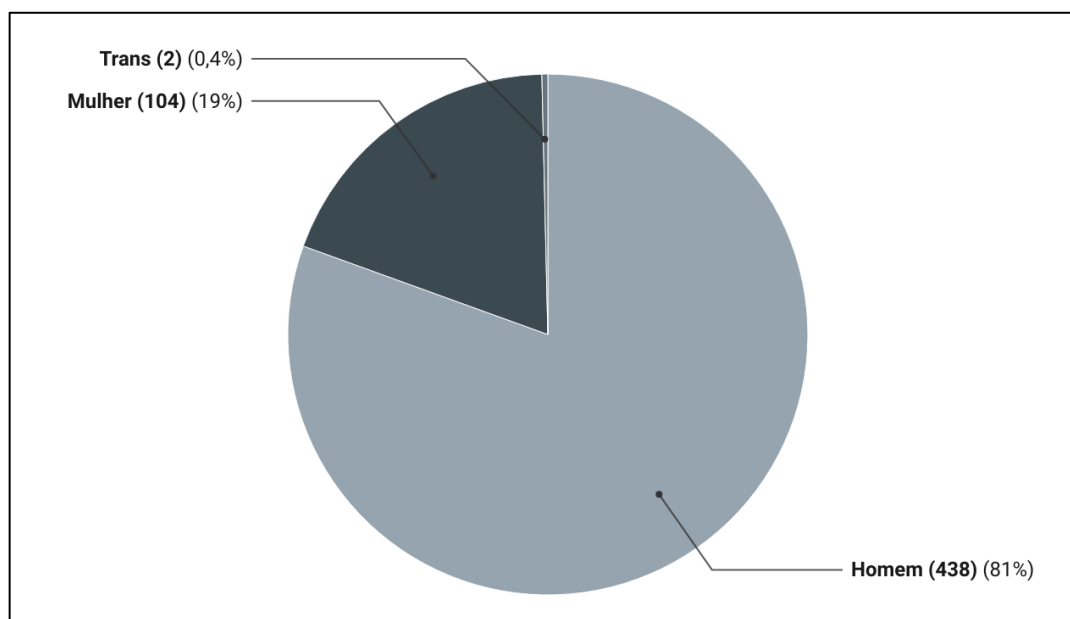
Pela perspectiva das representações identitárias, associadas à memória, o antropólogo francês Joël Candau (2019) pondera sobre essa dualidade complementar. A memória, para Candau (2019), pode ser forte - no sentido coerente, compacta, profunda, inclinada a organizar a imagem do próprio grupo - ou fraca – mais superficial e difusa, propensa a desorganizar a estrutura de uma classe: “As sociedades caracterizadas por um forte e denso conhecimento recíproco entre seus membros são, portanto, mais propícias à constituição de uma memória coletiva – que será nesse caso uma memória organizadora forte – do que as grandes megalópoles anônimas” (Candau, 2019, p. 45). Afirmar, ainda, que, sem memória, o sujeito desaparece, da mesma forma que, sem identidade, o indivíduo se esvai. Os dois fatores estão conectados; a perda da memória é uma perda de identidade: “De um lado, uma sociedade estruturada pelo nome, pela memória, pela temporalidade, pela individualidade fundada sobre o renome e a identidade; de outro, o horror do anonimato, o esquecimento, a atemporalidade, a multidão e o caos de sombras ignoradas” (Candau, 2019, p. 69). À medida que memória e identidade se complementam, deve-se ter cuidado em não aplicar uma retórica totalizante, de agregar todos sob de uma única definição, atentos para não estarem reféns do conceito. No entanto, em um país multifacetado e segregado como é o Brasil, a oferta de livros biográficos pode se tornar um espaço de reivindicação, ainda mais quando os protagonistas dessas obras não representam o mosaico étnico e sexual do país.

À luz da pesquisa organizada por Regina Dalcastagnè (2012), bem como dos apontamentos de Michelle Perrot (1988, 2016) e Gerda Lerner (2019), o presente capítulo pretende analisar e questionar a cultura que se consome através dos livros escolhidos pelas editoras brasileiras. Conclui-se que, mesmo no mercado editorial, as vozes dos homens se sobrepõem ao silêncio das mulheres. Muitas autoras já se debruçaram para discutir a representação feminina nos mitos e em contos de fadas (Franz, 1990; Estés, 2018; Robles, 2019). Dalcastagnè (2012), em análise a respeito dos romances brasileiros publicados entre 1990 e 2004, percebeu uma dissonância no quesito autoral e de personagens. No trabalho, a professora observou os autores, as personagens, os lugares, os sexos, as etnias; enfim, a pluralidade – ou melhor, a ausência dela - nas páginas dos textos de ficção contemporâneos:

Reconhecer-se em uma representação artística, ou reconhecer o outro dentro dela, faz parte de um processo de legitimação de identidades, ainda que elas sejam múltiplas. Daí o estranhamento quando determinados grupos sociais desaparecem dentro de uma expressão artística que se fundaria exatamente na pluralidade de perspectivas (Dalcastagnè, 2012, p. 147).

O abismo encontrado na prosa ficcional pontuava que as mulheres somavam 28,9% dos protagonismos, 41,5% entre as coadjuvantes e apenas 31,7% assumiam a voz narrativa: “Portanto, além de serem minoritárias nos romances, as mulheres têm menos acesso à voz – isto é, à posição de narradoras – e ocupam menos as posições de maior importância” (Dalcastagnè, 2012, p. 165). Ademais, o espaço de atuação das personagens era, em sua maioria, doméstico, atrelado às funções que coincidiam com o lar, além de profissões vinculadas ao teatro, cinema, artes plásticas ou à música, o que leva à conclusão de que “[...] a maioria das mulheres retratadas no romance brasileiro contemporâneo permanece presa às ocupações que poderiam acolhê-las na primeira metade do século XX: donas-de-casa, artistas (em geral, atrizes), estudantes, domésticas, professoras, prostitutas” (Dalcastagnè, 2012, p. 172).

Da mesma forma pela qual Dalcastagnè (2012) denuncia quem define o que é literatura, no aspecto não ficcional, em especial na seara dos livros biográficos, os resultados não são muito diferentes. Os dados apresentados a seguir, no Gráfico 15, revelam quem tem sido lembrado e apontam para uma urgência nas editoras em repensar os títulos de livros, bem como a identidade de gênero, a nacionalidade e os tipos de protagonistas biografados. Por enquanto, os homenageados nas biografias são os mesmos que possuem o poder, o controle e a decisão:

Gráfico 15 - Identidade de gênero dos biografados no Brasil (1990-2020)

Fonte: O autor

Nota: Arte de Matheus Gastaldon

Analisados pela perspectiva da identidade de gênero, o gráfico acima buscou contemplar os biografados cisgêneros, ou seja, homens e mulheres, e os indivíduos transgêneros, isto é, aqueles que não se identificam com o sexo de nascença. De acordo com o Gráfico 15, oito a cada dez biografias tratam a respeito da vida de homens, o que faz acreditar que a indústria editorial não dê importância à trajetória de mulheres. Cabe destaque às duas únicas pessoas trans encontradas no levantamento: o influenciador Thammy Miranda e a humorista Nany People, biografados em *Thammy: Nadando contra a corrente* (2015), publicado pela editora BestSeller (Grupo Editorial Record) e *Ser mulher não é para qualquer um* (2015), pela Planeta do Brasil, respectivamente.

Independente da editora, percebe-se a baixa quantidade de protagonistas mulheres em livros biográficos: nenhuma editora alcançou a metade dos títulos com histórias femininas. Enquanto a Rocco apresentou o maior equilíbrio entre os gêneros dos protagonistas - nove homens e oito mulheres (52,95% x 47,05%) -, a Sextante não possuía nenhum livro biográfico sobre elas. Além desta editora, outras quatro, como a L&PM (sete ou 9,85%), Globo (seis ou 15%), Grupo Editorial Scortecci (duas ou 16,67%) e Grupo Companhia das Letras (27 ou 16,98%) não alcançavam sequer 20% do total de livros cujas personagens principais pertenciam ao sexo feminino. Por quais razões, determinados sujeitos são priorizados? Por que não há reconhecimento cultural das histórias femininas?

Eu acho que pela própria estrutura machista e patriarcal da sociedade. Quantos presidentes da República mulheres nós tivemos? Quantos governadores mulheres nós tivemos? Porque, geralmente, a biografia é de pessoas que se destacaram num nicho, sejam políticos, sejam escritores. E tem muito mais homens nesses postos de poder. Então, eu acho que agora, daqui pra frente, que as mulheres estão galgando mais, isso tende a mudar. Por exemplo, se eu tivesse que biografar uma mulher da política, quem seria? Quem era a mulher que estava lá em 1964? Não tinha, só tinha homem. Então, eu acho que é um reflexo de uma sociedade de homens (Monteiro, 2023).

Mas elas são menos biografadas porque a mulher, em todos os níveis, em todos os países, elas têm uma invisibilidade muito grande, elas têm menor visibilidade que os homens. Se você for pegar, por exemplo, a Berthe Morisot, ela é uma impressionista, ela é uma fabulosa pintora, ela tem o talento que tinha qualquer um dos [Claude] Monet, [Édouard] Manet, [Camille] Pissarro, [Alfred] Sisley, [Edgar] Degas, ela tem um talento à altura deles, mas ela ficou invisibilizada, por quê? Porque ela era mulher (Duarte-Plon, 2023).

Elas [as mulheres], ao longo dos séculos recentes, e desde que se tem notícia da história ocidental, ocuparam menos espaços de poder, visibilidade, liderança e as que ocupavam, justamente, suas histórias foram também menos contadas ao longo do tempo; então, elas são menos conhecidas, foram invisibilizadas ao longo do tempo e são hoje desconhecidas [...]. Mulheres formidáveis sempre existiram, mas elas tinham historicamente menos acesso à vida pública. Porque o patriarcado as deixava cuidando da casa e as que não se conformaram com esse lugar, muitas são conhecidas, outras nem tanto. Não são tão conhecidas quanto deveriam (Meireles, 2023).

Além do que Karla Monteiro, Leneide Duarte-Plon e Clarisse Meireles comentaram, as respostas a esta questão podem ser encontradas nos textos de duas historiadoras. A estadunidense Gerda Lerner (2019, p. 111), por exemplo, ao percorrer mais de dois milênios de história em busca das origens do patriarcado, infere que a “[...] escravidão foi a primeira forma *institucionalizada* de dominância hierárquica na história humana”. Na verdade, a opressão feminina antecede a criação do sistema escravocrata, o que facilita a manutenção de um regime que privilegia a humilhação, a violência e a descaracterização do outro. Para Lerner (2019, p. 112), a discriminação por classes sempre existiu, seja com homens, seja com mulheres; contudo, nenhum homem sofreu preconceito devido ao próprio sexo: “A sexualidade e o potencial reprodutivo das mulheres se tornaram mercadorias a ser comercializadas ou adquiridas para servir a família; então, as mulheres eram consideradas um grupo com menos autonomia do que os homens”. Não demorou muito para que se normalizasse a escravização sexual das prisioneiras mulheres, com o intuito máximo de provar a conquista de um povo, humilhando-o através de suas mulheres.

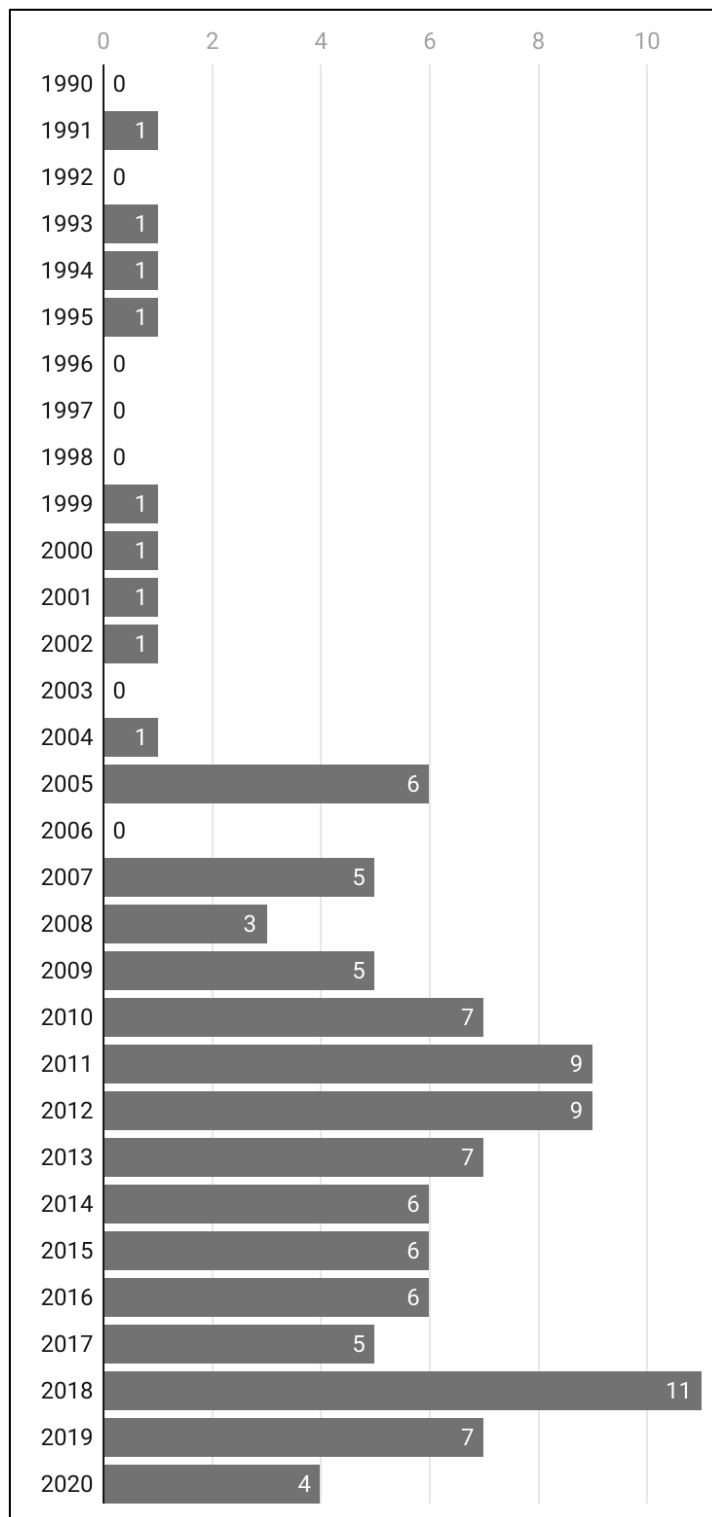
Outro tópico que ilustra a discussão de uma dependência social das mulheres seria a maternidade, tida como um presente divinal, responsabilidade que acompanha o corpo feminino a perpetuar a espécie e, por isso, merecia ser seguida por todas elas. Diante da doutrina religiosa, aquelas que não reproduzem são desviantes, imorais, imperfeitas, pecadoras. No século XVIII, ainda que elas dividissem funções na área agrícola, em casa, continuavam subordinadas aos pais, irmãos ou maridos (Lerner, 2019). Nos Oitocentos, como bem aponta a francesa Michelle Perrot (1988, p. 180), a linha tênue que separava os ambientes públicos e privados marcou as relações familiares: “A ação das mulheres no século XIX consistiu sobretudo em ordenar o poder privado, familiar e materno, a que eram destinadas. [...] A fé contra a razão, a caridade contra o capitalismo e a reprodução como justificativa fundamental constituem os eixos principais dessa moral”. Estando restrita aos espaços domésticos, a mulher se escondia dela mesma e acatava o processo de sua exclusão em decisões sociais, acessos à educação e participação em debates. Os poderes femininos, compreendidos como influências difusas e periféricas, pela ótica de Perrot (1988), revelam imperfeições e suscitam a necessidade do rompimento de um silêncio frente à negação de uma história dedicada às mesmas.

Se a análise das dez editoras focar apenas nos dados numéricos, sem conversão para a porcentagem, a quantidade de biografias de mulheres seria ainda mais irrisória. Ao se atentar aos nomes das protagonistas, entende-se que as biografadas são sempre agentes com destaque no campo histórico-social: enquanto a Planeta do Brasil (Catarina de Médici, Elza Soares, Frida Kahlo, Eny Cezarino, Maria Leopoldina, Marilyn Monroe, Michelle Obama e Simone de Beauvoir) e a Rocco (Anita Garibaldi, Anne Frank, Barbe-Nicole Clicquot Ponsardin, Catarina II, Isabel I de Castela, Lou Andreas-Salomé, Simone Weil e Zilda Arns), acumulavam, cada uma, oito livros, a L&PM trouxe ao catálogo sete (Billie Holiday, Cleópatra, Frida Kahlo, Jane Austen, Lou Andreas-Salomé, Marilyn Monroe e Virginia Woolf); a Globo contabilizava seis obras (Eva Braun, Frida Kahlo, Lady Gaga, Peggy Guggenheim, Ruth Cardoso e Virgem Maria) e a Ediouro reunia cinco (Clara Nunes, Larissa de Macedo Machado - Anitta, Madonna, Santa Dulce dos Pobres e Simone de Beauvoir). Já o Grupo Editorial Scortecci (Amélia e Nair, a irmã Letícia) e a Intrínseca (Almina Herbert - condessa de Carnarvon, e Isabel Salomão de Campos) somavam, individualmente, apenas dois livros sobre mulheres.

Novamente, há uma segregação, inclusive no mercado editorial. Ao longo de 30 anos, a irrisória participação de livros cuja temática são as histórias femininas demonstra que não existe uma política de visibilidade ao tentar evidenciar narrativas mais plurais. Levando em consideração essas mesmas dez editoras, abaixo, no Gráfico 16, pode-se visualizar uma

radiografia a respeito do irregular lançamento de livros escritos a respeito de 105 mulheres, no Brasil, publicados em cada ano:

Gráfico 16 - Quantidade de livros biográficos sobre mulheres a cada ano (1990-2020)



Fonte: O autor

Nota: Arte de Matheus Gastaldon

Pela ilustração acima, pode-se verificar que, inclusive, em sete anos (1990, 1992, 1996, 1997, 1998, 2003 e 2006), não houve publicações que se dedicassem a contar a história de vida das mulheres. Além disso, a década de 1990 somou poucos lançamentos, somente cinco – sendo dois sobre brasileiras - a começar por 1991, com o livro *Zélia, uma paixão*, e *Olga*, em 1993. Este, originalmente publicado em 1985, foi um sucesso de vendas. Produto da época pós-ditadura militar, em que se ansiava por conhecer aspectos outrora secretos, a obra foi uma primeira contribuição memorialística do Jornalismo – por meio de Fernando Morais - à vida de uma mulher, escondida em meio à documentação historiográfica do movimento operário brasileiro e relegada pelo Partido Comunista, apenas, como a companheira de Luiz Carlos Prestes, aquela que fora deportada grávida à Alemanha nazista a mando de Getúlio Vargas. Para entender o fenômeno do *best seller* – tratado como “[...] resultado do processo de industrialização mercantil e efeito da ação capitalista sobre a cultura, inscrevendo sempre, portanto, em sua produção, as diretrizes ideológicas dominantes de interpelação e reconhecimento do sujeito humano” (Sodré, 1985, p. 70), ou, ainda, “[...] uma expressão quantitativa e comparativa, e que diz respeito a vendas” (Reimão, 1996, p. 23) – da obra biográfica *Olga*, recorre-se às ideias de Walter Benjamin.

De acordo com Benjamin (2012), toda obra de arte carrega uma *aura*, um campo de influência que ela própria emana. Essa singularidade faz dela um objeto autêntico que, caso seja reproduzida em série, poderá perder o valor de culto – embora ainda cause atração: “Na medida em que ela multiplica a reprodução, substitui a existência única da obra por uma existência massiva. E, na medida em que essa técnica permite à reprodução vir ao encontro do espectador, em todas as situações, ela atualiza o objeto reproduzido” (Benjamin, 2012, p. 183). Após o lançamento, pela editora Alfa-Ômega, em 1985, *Olga* foi reproduzido em várias camadas: vivenciou novas edições, mudança para a editora Companhia das Letras – onde vendeu 170 mil exemplares (Galvão, 2005) -, aumentou a tiragem dos exemplares, recebendo, inclusive, publicações especiais de acordo com o momento, conforme o histórico abaixo:

Há uma primeira republicação pela Companhia das Letras, em 1993 e, quase dez anos depois, em 2002, em virtude dos 60 anos de falecimento de Olga Benário, a editora traz ao mercado uma nova edição. Em 2004, o livro de Morais inspiraria o filme homônimo *Olga*, estreado no dia 20 de agosto daquele ano e, por isso, a editora publica novamente a obra em uma versão especial, de acordo com a capa do longa. Quatro anos mais tarde, no centenário de nascimento da protagonista, a editora Companhia das Letras lançou uma edição de bolso (Moura Vieira; Adam, 2020, p. 5).

Em síntese, “[t]odas as vezes que uma certa fórmula se populariza, isto é, tem êxito de consumo, a indústria promove e repete sempre o mesmo padrão” (Matos, 1993, p. 69), forma testada e celebrada nos anos 1990, especialmente com obras cuja personagem principal era masculina. No gráfico anterior, também se percebe que a primeira evolução se dá em 2005, voltando a crescer entre os anos de 2010 a 2012. Uma das respostas para essa ascendência de obras a respeito de mulheres pode ser encontrada na política. Naquele período, a América Latina vivenciava uma singularidade, com os mandatos presidenciais de Michelle Bachelet (Chile, 2006-2010/2014-2018), Cristina Kirchner⁸ (Argentina, 2007-2015), Laura Chinchilla (Costa Rica, 2010-2014) e Dilma Rousseff (Brasil, 2010-2016). O pico de lançamentos se daria em 2018, época em que os debates sobre a participação das mulheres na política, na educação e na sociedade, tomava corpo. Na literatura, não seria diferente. É de 2018, também, a publicação de obras interessadas em redescobrir aquelas sobre as quais só se sabia o mínimo necessário, o básico para se entender a História: *A verdadeira Jane Austen: Uma biografia íntima*, pela L&PM; *Isabel de Castela: A primeira grande rainha da Europa*, pela Rocco; *Maria Bonita: Sexo, violência e mulheres no cangaço e Maria Madalena - Da Bíblia ao Código Da Vinci: Companheira de Jesus, deusa, prostituta e ícone feminista*, ambas publicadas na Companhia das Letras.

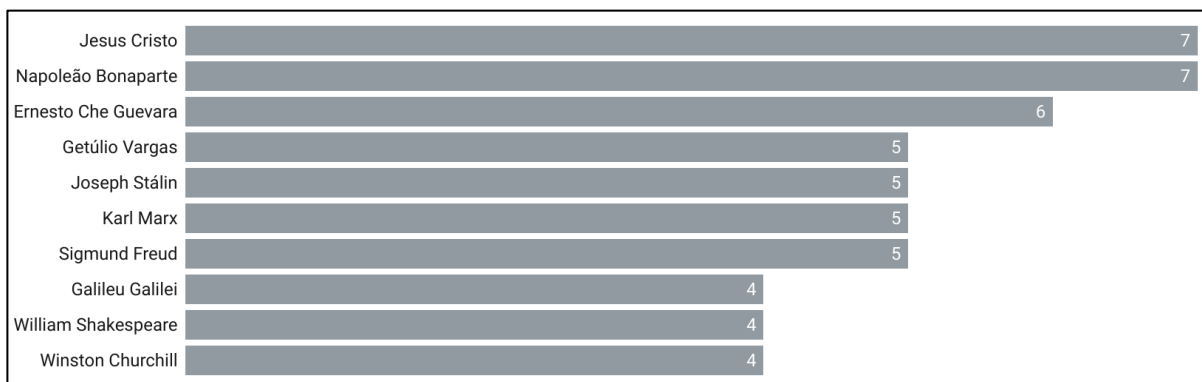
A memória possui enorme apelo afetivo. Eis aqui um exemplo da representação imagética derivada de um patrimônio imaterial. Numa pesquisa organizada por Jean-Noël Jeanneney e Philippe Joutard, em seis países da União Europeia, no ano de 2003 (Dosse, 2015), as inferências apresentaram novas identificações culturais no continente. Quando se pensa em glória e heroificação, os participantes lembraram de dois períodos em especial: Renascença (séculos XIV ao XVI) e a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) (Dosse, 2015). Entre as grandes personalidades dos tempos antigos, o navegador Cristóvão Colombo, o inventor Leonardo da Vinci e o monge Martinho Lutero; no século XX, destaque para o líder político Charles de Gaulle, a cientista Marie Curie e o primeiro-ministro Winston Churchill (Dosse, 2015).

A seguir, o Gráfico 17 exhibe os dez protagonistas mais biografados no Brasil. A partir dele, é interessante refletir sobre quais as referências os leitores possuem ao chegar nas estantes de livrarias. Se os dez sujeitos mais biografados são também os dez homens mais lembrados,

⁸ Ao contrário de Michelle, Laura e Dilma, que foram as primeiras mulheres a se tornarem presidentas da República de seus respectivos países – Chile, Costa Rica e Brasil, respectivamente –, Cristina foi a segunda mulher na Argentina. A pioneira tinha sido María Estela Martínez de Perón, a Isabelita Perón (1974-1976), que governou o país antes do último período ditatorial.

cabe questionar quais os exemplos de pessoas a serem herdadas pela posteridade, os modelos de liderança e pioneirismo legados às futuras gerações. Todas essas dúvidas perpassam o circuito de produção literária, desde aspectos autorais até, especialmente, a ótica editorial. Por não serem escritos por mulheres jornalistas brasileiras, nenhum dos livros a respeito dos dez protagonistas abaixo está incluído na seleção do doutorado:

Gráfico 17 - Lista dos protagonistas mais biografados no Brasil (1990-2020)



Fonte: O autor

Nota: Arte de Matheus Gastaldon

Pela classificação acima, observa-se alguns pontos que convergem com o que já foi discutido no capítulo dois, da presente tese. Desde os tempos mais remotos, as histórias sobre os heróis, dos grandes homens, eram narradas de maneira oral. Com o passar dos séculos, a biografia se moldou a isso, enquanto gênero; porém, permaneceu ativa no registro da vida de generais, estadistas, homens com função benfeitora, de acolhimento, mas também precursores de alguma área. É interessante observar por essa perspectiva, o fato de todos os dez protagonistas serem personalidades importantes, seja no campo religioso ou político, seja científico ou das artes. Não é de impressionar que Jesus Cristo, o nazareno patriarca do Cristianismo, esteja em primeiro lugar, ainda mais em um país com vasta população católica, como o Brasil. Entretanto, surpreende a quantidade de biografias sobre o imperador francês Napoleão Bonaparte, responsável pela fuga da família Real portuguesa ao Brasil, em 1808, bem como a aura mítica do médico e guerrilheiro argentino, Che Guevara, e sua peregrinação pela América Latina. Sujeitos estrategistas da Segunda Guerra Mundial, como o ex-ditador da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), Joseph Stálin, ou o ex-primeiro-ministro inglês, Winston Churchill, também ocupam destaque. A função patriarcal ainda é avaliada pela presença das diversas alcunhas paternais: Galileu (*pai da ciência moderna*), Getúlio (*pai dos*

pobres), Marx (*pai do socialismo*), Freud (*pai da psicanálise*) ou Shakespeare (*pai do teatro inglês*).

Na quinta colocação, 16 personalidades somaram três biografias, cada. São elas: o ditador Adolf Hitler, o médium Alan Kardec, o médico Carl Gustav Jung, o cantor Freddie Mercury, a pintora Frida Kahlo, o filósofo Friedrich Nietzsche, o escritor Gustave Flaubert, o escritor Jack Kerouac, a atriz Marilyn Monroe, o cantor Michael Jackson, o filósofo Nicolau Maquiavel, Papa Francisco, Rainha Vitória, São Francisco de Assis, a filósofa Simone de Beauvoir e o cantor Tim Maia. A partir da sexta posição, têm-se 102 biografados, com dois livros a respeito da história de suas vidas múltiplas e, em seguida, na sétima colocação, 348 protagonistas com uma só biografia. No total, 425 biografados diferentes, destacados em 548 livros, no período analisado entre 1990 e 2020.

Esses resultados nada surpreendem, apenas reforçam que os livros biográficos também funcionam como ferramentas sustentadoras do patriarcado. Ao contrário do que se discute, que mulheres não possuem voz ou são invisíveis na sociedade, reitera-se, aqui, o cuidado do que é registrado. Mulheres possuem voz e ocupam espaços, mesmo que essa fala seja camuflada e, a representação, pequena. Das 26 personalidades mais biografadas – distribuídas nas primeiras cinco colocações - que reúnem um total de 100 títulos publicados no Brasil, durante três décadas, somente quatro são mulheres. Embora a quantidade seja desequilibrada, conclui-se que os rostos femininos mais homenageados são de pessoas à frente do próprio tempo, modelos de atitude e comportamento. Pode-se discordar das decisões da Rainha Vitória (1819-1901), não gostar dos quadros de Frida Kahlo (1907-1954), dos escritos reflexivos de Simone de Beauvoir (1908-1986) ou das poses de Marilyn Monroe (1926-1962) em frente às câmeras, mas as quatro foram mulheres pioneiras nas suas respectivas áreas, ícones que simbolizavam independência. Seja no mundo das ideias, das artes, do cinema ou à frente de um império, todas deixaram um legado atemporal: a superação do modo de subserviência por meio do confronto com o sistema masculino.

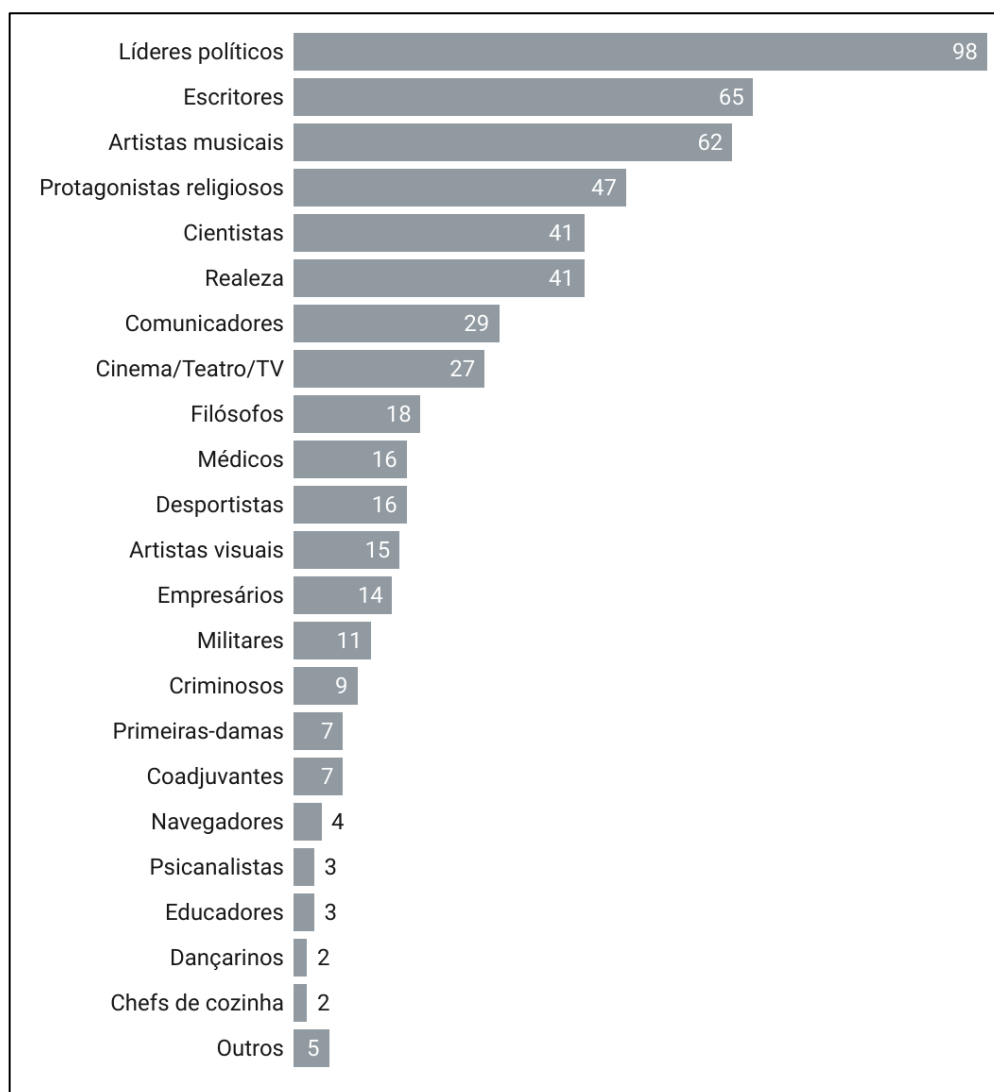
Produto do século XIX, Vitória provocou contrariedades ao longo dos 64 anos de reinado no império britânico. Em um período onde as mulheres eram vistas como um grupo social a ser idealizado, ainda sem direitos ao voto, a rainha passou à História como um exemplo de liderança política. Governou um extenso território em meio a um continente instável pelo surgimento dos Estados republicanos, ainda que a dominação brutal das colônias britânicas tenha manchado o legado vitoriano.

Frida Kahlo tinha apenas três anos quando a Revolução Mexicana estourou na América do Norte, liderada por Emiliano Zapata e Pancho Villa. Expoente da corrente artística

surrealista, a pintora retratou costumes da comunidade local. Teve ainda amores proibidos e carregou traumas que exteriorizou em suas telas, como *Meu nascimento* (1932), *A coluna partida* (1944) e *Sem esperança* (1945). Faleceu aos 47 anos.

Simone de Beauvoir revolucionou o mundo filosófico ao publicar a obra seminal do pensamento feminista, *O segundo sexo*, em 1949 – vinte anos após o lançamento de outro livro emancipatório, *Um teto para todos*, de Virgínia Woolf, a respeito da presença das mulheres no campo literário. Manteve um relacionamento aberto com Jean-Paul Sartre e viveu até os 78 anos de idade.

Marilyn Monroe esbanjou sensualidade, antes da liberdade sexual se tornar uma bandeira do ativismo feminista. Se as consciências políticas e intelectuais eram intimidadoras, a beleza corporal incomodava - pernas à mostra eram sinônimo de atrevimento, uma ameaça ao mundo perfeito da família tradicional (Perrot, 2016). Enquanto Elvis Presley requebrava livremente os quadris, as moças eram coibidas destes movimentos. Era o eterno combate da mulher imaculada, casta e inocente (ilustrada pela Virgem Maria) contra a outra mulher, fruitiva, erótica e vulgar (personificada na Maria Madalena). A atriz faleceu em 1962, um ano antes da publicação de *A mística feminina*, de Betty Friedan. Em conjugação com os relatos anteriores, este capítulo aborda quais as 24 ocupações dos biografados publicados em um arco temporário de 30 anos (1990-2020) no Brasil, ilustrado no Gráfico 18:

Gráfico 18 - Ocupações das personalidades biografadas no Brasil (1990-2020)

Fonte: O autor

Nota: Arte de Matheus Gastaldon

Percebe-se que há uma grande quantidade de líderes políticos, escritores, artistas da área musical, bem como cientistas, profissionais da comunicação e artistas do cinema, teatro e de televisão. Os tipos de ocupações dos biografados, ilustradas acima, lembram as observações de Walnice Galvão. Em uma análise geral sobre as publicações biográficas relativas à última década do século XX, Galvão (2005) indicou as três temáticas que mais interessavam aos biógrafos: artistas da música popular, seguido de políticos e, por fim, jornalistas e personalidades de palco ou tela. Semelhantes também são as conclusões encontradas no Gráfico 2, relativo às ocupações dos biografados nos livros mais vendidos (2010-2019), expostas na introdução desta tese. Cabe mencionar que, diferentemente das obras mais comercializadas, o Gráfico 18 trouxe os livros publicados por dez editoras, justamente reconhecidas por serem as

que mais investem no segmento biográfico no Brasil. A semelhança das ocupações dos protagonistas nos faz refletir sobre o fato de que os lançamentos dos catálogos são correlatos ao interesse dos leitores compradores.

Dentro do arco temporal de três décadas de estreias biográficas, infere-se, pelo gráfico acima, que *líderes políticos* foram os mais homenageados no formato livro, com 98 obras. Nessa categoria, incluem-se desde ex-presidentes da República, ministros e diplomatas, até espões, guerrilheiros e revolucionários. Além disso, fruto de uma colonização e de uma dependência senhorial, não é de estranhar o vasto reconhecimento ao modo *coronelismo* – ou *caudilhismo* – de se governar.

Embora o hábito de leitura⁹, no Brasil, não seja o dos melhores e a biografia não esteja entre os dez gêneros que o leitor mais costuma ler, admira-se o fato do mercado receber uma quantidade considerável de obras sobre 65 *escritores* (52 ficcionistas e 13 poetas). *Artistas musicais*, especialmente vocalistas/líderes de bandas, também ocuparam posição de destaque no levantamento, com 62 livros. Como reflexo de um país católico, observou-se uma quantidade de 47 *protagonistas religiosos*: 20 líderes religiosos, como o padre Marcelo Rossi, padre Fábio de Melo ou o Papa Francisco, e 27 personagens religiosas, representadas pelas biografias a respeito de Santo Agostinho, Santa Rita de Cássia ou da Virgem Maria, entre outros. Integrantes da *realeza* também merecem destaque na análise, já que, nesse grupo, abrigam-se aqueles com ascendência nobre - como Catarina II, da Rússia; Cleópatra, do Egito; ou a rainha Maria Antonieta, da França - ou imperadores, tratados com a grandiosidade de uma família imperial, como Napoleão Bonaparte.

Observam-se, ainda, 41 personalidades de *cientistas*, reunidas entre sociólogos, pesquisadores e inventores. Também possuem relevância 29 profissionais *comunicadores*, desde jornalistas e empresários, a cartunistas e fotógrafos. Ao contrário do sugerido por Edgar Morin (1989), os artistas de *cinema/teatro/TV* não são mais pertencentes a um Olimpo quase intocável e inquestionável (Morin, 1989): somaram apenas 27 biografias nos últimos 30 anos (1990-2020). *Filósofos* e *empresários*, cada um, somam 18 livros.

Alguns dados valem ser destacados. Uma quantidade pequena de *desportistas* (16) despontou no levantamento - destes, sete são futebolistas - o que implica pensar na carência

⁹ Conforme apresentado na quinta e última pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2019), organizado pelo Instituto Pró-Livro em parceria com o Itaú Cultural, a média de livros lidos pelo brasileiro nos últimos três meses chega a 2,6. O tema ou assunto continua sendo o principal fator que influencia na escolha da obra; entretanto, *Biografias* não estão entre os gêneros mais cotados – em uma pesquisa estimulada, o gênero ocupa a 13ª colocação dentre 25 segmentos. A pesquisa ainda revelou que o perfil do leitor biográfico é com escolaridade superior, na idade entre 18 a 24 anos. Disponível: <https://www.prolivro.org.br/5a-edicao-de-retratos-da-leitura-no-brasil-2/a-pesquisa-5a-edicao/>. Acesso em 28 jul. 2022.

aparente de ídolos no desportismo brasileiro. Duas hipóteses para o baixo número são que muitos deles assinam as próprias biografias, ao invés de confiar a terceiros essa responsabilidade. Ademais, as vidas de atletas, especialmente jogadores de futebol, estão escancaradas nas mídias sociais: cada um controla o que quer postar no *Instagram*, *Tik Tok* ou *Youtube*. As próprias plataformas de *streaming*, como a Amazon e a Netflix, oferecem os bastidores da vida íntima dos atletas, desde a infância às conquistas individuais.

A pesquisa ainda apontou sete biografias a respeito de *primeiras-damas*, sendo três delas brasileiras: Eva Braun (duas vezes), Eva Perón, Jacqueline Kennedy, Maria Theresa Goulart, Michelle Obama e Ruth Cardoso. Outro resultado interessante são as vidas de pessoas tidas como *coadjuvantes*, isto é, aquelas que mereceram a lembrança de uma biografia devido à familiaridade com uma personagem ou a um acontecimento da qual foram protagonistas. Eis os sete casos: Jennie Jerome, a Lady Randolph Churchill, mãe de Winston Churchill; Henrietta Lacks, sob o pseudônimo de Loretta Pleasant, que doou as próprias células para estudos da biologia molecular; Paula Allende (duas vezes), filha da escritora Isabel Allende; Sidonie Csillag, a primeira paciente homossexual de Sigmund Freud; Stanley Ann Dunham, mãe do ex-presidente dos Estados Unidos, Barack Obama; e Omar bin Laden, um dos filhos do terrorista Osama bin Laden.

Em *Outros*, reuniu-se as quatro atividades que possuíram apenas uma menção no levantamento. São elas: o *socialite* dominicano Porfirio Rubirosa, a comissária de bordo libanesa Yasmeena, a colecionadora de arte estadunidense Peggy Guggenheim e a cafetina brasileira Eny Cezarino.

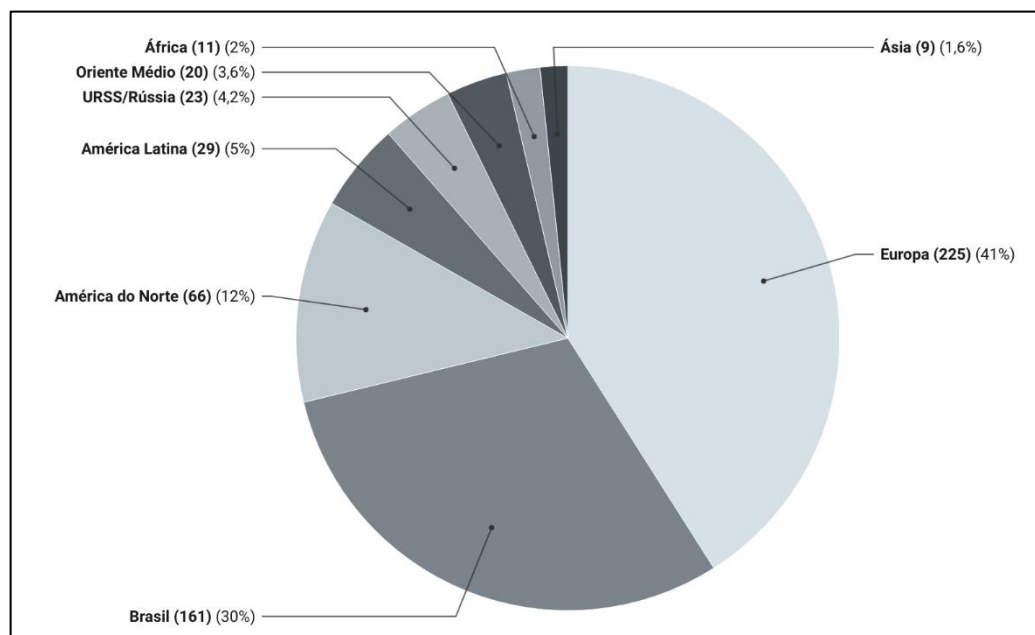
Maurice Halbwachs (1990, p. 78) talvez falhe ao afirmar que a história de um país é “[...] um resumo fiel dos acontecimentos mais importantes que modificaram a vida de uma nação”. Ao admitir que cada indivíduo é integrante de vários grupos paralelos, sejam eles de maior ou menor importância (clubes, escolas, igrejas, partidos, sindicatos, entre outros), o sociólogo infere que, dentro desses nichos, memórias coletivas originais também se constituem. Reflexo da transição secular em que viveu, Halbwachs (1990, p. 80) admitia não haver “[...] a necessidade de escrever a história de um período, de uma sociedade, e mesmo de uma pessoa” enquanto a lembrança de tal fato estivesse muito viva. Somente quando os atores e os espectadores dessa memória desaparecessem e novos agentes sociais estivessem em atuação é que haveria o imperativo de “[...] fixá-las por escrito em uma narrativa seguida uma vez que as palavras e os pensamentos morrem, mas os escritos permanecem” (Halbwachs, 1990, p. 80-81). E continua: “Não é por má vontade, antipatia, repulsa ou indiferença que ela [*a memória*] esquece uma quantidade tão grande de acontecimentos e de antigas figuras. É porque os grupos

que dela guardam a lembrança desapareceram” (Halbwachs, 1990, p. 84, grifo nosso). Daí a importância e o cuidado com o registro. O que ele não chegou a prever foi que as verdades são diferentes de acordo com os interesses dos grupos e a relação de poder é diretamente proporcional ao espaço concedido à preservação mnemônica.

A ausência de referências nacionais pode ser avaliada por meio da dualidade *memória* e *identidade*, discutida pelo sociólogo Renato Ortiz. Não é de se estranhar que Getúlio Vargas, por exemplo, seja o brasileiro mais biografado no Brasil, justamente a figura central de um Estado nacionalista conservador, que buscou a esperança de salvação em torno de uma construção messiânica da personagem. Ortiz (1994), em *Cultura brasileira e identidade nacional*, interpreta a *memória coletiva* como sendo algo próximo à mitificação, ao passo que a *memória nacional* se vincula a uma ordem ideológica. Se a diversidade das memórias coletivas, associadas a diferentes grupos, pode auxiliar na busca por uma memória nacional, Ortiz (1994, p. 138) chama a atenção para o fato de que esta, em consonância com o discurso de nação, “[...] opera uma transformação simbólica da realidade social, por isso [...] pressupõe necessariamente valores populares e nacionais concretos, mas para integrá-los em uma totalidade mais ampla”. Voltada a uma herança atemporal, a memória de uma nação esbarra em uma pasteurização uníssona, em que particularidades são descartadas em função do bem-estar global, ou seja, de uma pequena minoria:

Isto equivale a dizer que a procura de uma *identidade brasileira* ou de uma *memória brasileira* que seja em sua essência verdadeira é na realidade um falso problema. A questão que se coloca não é de se saber se a identidade ou a memória nacional apreendem ou não os *verdadeiros* valores brasileiros. A pergunta fundamental seria: quem é o artífice desta identidade e desta memória que se querem nacionais? A que grupos sociais elas se vinculam e a que interesses elas servem? (Ortiz, 1994, p. 139).

A construção social da memória depende de ações grupais. As referências que servirão de influência são buscadas por leitores a partir de editoras que põem em prática – ou à venda – uma versão dos acontecimentos que possa ser significativa àqueles grupos específicos: “O ponto de vista do grupo constrói e procura fixar a sua imagem para a história. Este é, como se pode supor, o momento áureo da ideologia com todos os seus estereótipos e mitos” (Bosi, 1994, p. 67). O Gráfico 19 pode auxiliar ainda mais na interpretação. Na busca por uma identidade nacional, infere-se que o contexto editorial brasileiro contribua para um imaginário social associado a uma memória coletiva baseada em sujeitos masculinos originários, majoritariamente, no exterior:

Gráfico 19 - Nacionalidade dos biografados publicados no Brasil (1990-2020)

Fonte: O autor

Nota: Arte de Matheus Gastaldon

De acordo com os dados ilustrados acima, 41% dos biografados provêm do Velho Mundo, seguido por 30% de brasileiros, 12% da América do Norte e 5% provenientes dos demais países da América Latina. Embora haja uma pluralidade aparente, exposta no gráfico anterior, observa-se que o mercado editorial brasileiro oferece aos leitores, como fontes de referência, um catálogo dependente de figuras estrangeiras. Primeiramente fruto de uma colonização ibérica e, mais tarde, de outros países europeus, além de ter sido construído por um regime de escravidão forçada, o Brasil, assim como os outros países aderentes ao sistema capitalista, nutre uma dependência social norte-americana desde o fim da Segunda Guerra (Ortiz, 2000). Esse vínculo continua tão intenso que as nacionalidades de mais da metade (53%) dos biografados no mercado editorial brasileiro são provenientes da Europa e da América do Norte. Mais uma vez, a dúvida de quem merece uma lembrança no futuro marca o seu território:

A história de muitas mulheres foi apagada, a gente tem grandes cientistas responsáveis por marcos e descobertas incríveis, a gente tem mulheres na história do Brasil, mulheres negras, inclusive, mulheres escravizadas que têm uma importância histórica absurda, que se não é um projeto Querino [podcast Spotify], a gente não fica nem sabendo, porque a nossa formação é toda muito eurocêntrica. Muito branca. Então, eu acho que tem esses dois lados. O lado de quem biografava e o lado das biografadas, que tiveram as suas histórias muito apagadas e, se não tem um registro histórico, é muito difícil você fazer uma biografia (Klein, 2023).

Essa conexão quase que umbilical, com nomes de protagonistas internacionais, reforça a influência do eurocentrismo (41%) a que está atrelado, por exemplo, no mercado editorial brasileiro. Das dez editoras, somente em quatro delas (Grupo Editorial Record, Ediouro, Sextante e Grupo Editorial Scortecci) a quantidade de protagonistas brasileiros despontava em primeiro lugar. Em outras quatro (Grupo Companhia das Letras, L&PM Editores, Globo Livros e Rocco), houve liderança dos países europeus e, na Intrínseca, a América do Norte – unicamente, os Estados Unidos. Tanto na L&PM quanto na Globo, a soma dos biografados brasileiros apareceu em terceiro lugar, atrás, em ambos os casos, da Europa e dos Estados Unidos. Por fim, houve uma editora em que o número dos protagonistas brasileiros igualou o dos europeus: a Planeta, justamente a única empresa estrangeira, situada na Espanha. No caso, 11 europeus e 11 brasileiros, além de três latino-americanos, três norte-americanos, dois do Oriente Médio e um sul-africano.

Os resultados do Gráfico 19 podem ser cruzados com os nomes mais biografados no país, apresentados no Gráfico 17. Vinte e nove, ou 5%, dos protagonistas, lembrados em obras biográficas, são oriundos dos 20 países pertencentes à América Latina. Mesmo com poucos nomes de língua espanhola traduzidos no Brasil, o Gráfico 17 também reflete o impacto que nomes como Che Guevara ou Frida Kahlo possuem no imaginário do maior país da América do Sul. Em primeiro plano, parte-se do pressuposto de que, se existe uma quantidade diversificada de obras a respeito de um único nome, algum grau de importância deva ter para o país. Porém, em um território tão vasto e multifacetado, estranha-se o sufocamento de mulheres que desempenharam um papel admirável na História dos países latinos. Com exceção de algumas mulheres que, vez ou outra são lembradas - Xica da Silva, Carmen Miranda, Evita Perón – outras, como a sóror mexicana Juana Inés de la Cruz, a líder indígena peruana Micaela Bastidas, a militar boliviana Juana Azurduy, a também militar brasileira Maria Quitéria ou a revolucionária equatoriana Manuela Saenz (Galeano, 2007), assumiram apenas o posto de figurantes no teatro social da América, desafiando a colonização branca, católica e paternalista, mas poucas são mencionadas. Adriana Negreiros defende um acerto de contas urgente com o passado. Embora tardio, o reconhecimento seria justo:

Eu acho que temos um débito muito grande com a história das mulheres. Acho que, historicamente falando, temos contado a vida dos homens, mas não temos prestado atenção na vida das mulheres. Acho que esse débito deve ser compensado. Acho que tem que rolar aí uma política compensatória em relação à história das mulheres. Acho que temos que aplicar essas políticas compensatórias em relação à história também, contar mais histórias de personagens que foram historicamente ignorados, mais personagens

indígenas, mais personagens negros, mais mulheres, e acho que a gente tem que fazer perguntas para essas personagens que só o nosso tempo permite fazer. Para as primeiras pessoas que surgiram na televisão, por exemplo, as primeiras mulheres trans de que se tem notícia, que eram, no passado, tratadas de uma forma, que, aos olhos de hoje, seria completamente equivocada. Acho que é importante voltar para essas histórias e contar essas histórias, refletir sobre essas questões e refletir sobre o que nos trouxe até aqui, e acho que essas histórias merecem ser contadas, histórias que foram ignoradas, que foram ridicularizadas no passado recente. Elas merecem vir à tona e ser contadas com sabedoria que acumulamos ao longo dos últimos anos (Negreiros, 2023).

Michael Pollak (1992) foi categórico: a memória é seletiva. Ela pode até não conservar todas as informações em detalhes precisos - e para recordar, é necessário esquecer algumas coisas – mas, organiza todos os *frames* já vivenciados, sejam eles importantes ou traumáticos. De acordo com o grau de afetividade, a memória reserva um sentimento diferenciado. Se determinada recordação provocar algum laço afetivo junto a um grupo, a identificação se torna ainda mais resistente, tornando a memória uma peça imprescindível ao sentimento de identidade (Pollak, 1992): “A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros” (Pollak, 1992, p. 204).

As crises de identidade nacional podem ser interpretadas pelo fenômeno nostálgico, refletidos por Svetlana Boym (2017, p. 153), sacramentada na citação: “O século XX se iniciou com utopia e terminou em nostalgia”. Compreendida no século XVII como uma doença individual, a nostalgia encarnava um luto pela impossibilidade do retorno mítico a um lugar encantado, um destino espiritual. De doença curável, que apertava o peito e sufocava as lembranças de quem fosse afetado – especialmente soldados distantes da terra natal ou desterrados - a nostalgia passou a ser um sintoma relativo a certa época. De acordo com Boym (2017), três observações iniciais nos permitem compreender a sensação: primeiro, a nostalgia é consequência de um novo entendimento do tempo e do espaço; segundo, a nostalgia é um anseio por tempos diferentes, não necessariamente a saudade de um local específico; terceiro, ela pode ser tanto retrospectiva, quanto prospectiva: “Diferentemente da melancolia, que se restringe aos planos da consciência individual, a nostalgia trata das relações entre a biografia individual e a biografia de grupos ou nações, entre as memórias pessoal e coletiva” (Boym, 2017, p. 154).

Sem adentrar em uma análise profunda das narrativas biográficas, mas tomando apenas os títulos, pelos protagonistas das obras - e, por consequência, das identidades de gênero, das ocupações e das nacionalidades dos biografados – publicadas nos dez grupos editoriais que

mais produzem livros do gênero no país, percebe-se que, nas estantes das livrarias, figuram personagens difusas, que ainda residem na memória coletiva, tanto dos países de origem quanto no Brasil, onde possuem um lugar cativo no catálogo editorial. Os resultados aqui apresentados denotam uma ausência de pluralidades, já que o perfil dos biografados, no Brasil, é majoritariamente homem, europeu e com ocupação de liderança política.

São sujeitos que emprestam o nome ao título de um livro, produto este que será comercializado e estocado em uma prateleira de escritório como indicação de leitura, nas férias, ou fontes para pesquisa. A busca por um passado exitoso faz com que essas personagens, com histórico de pioneirismo, liderança, empoderamento e sucesso, proveniente das funções que exerceram, ainda que destaques efêmeros, motivados pela superação de adversidades ou famas repentinas, sirvam de modelos a serem seguidos, de acordo com a necessidade da época vigente.

Um país como o Brasil, gigante e desigual, sexista desde o nascimento e sempre dependente de uma referência estrangeira, evidencia na subordinação que faz com que humanos sejam transformados em heróis míticos, a fim de enfrentar os medos e gerar confiança na população. Nasceram mortais, mas se tornam modelos eternos, para serem venerados e recordados pela posteridade, assim como os biografados à venda no mercado editorial brasileiros das últimas três décadas (1990-2020).

No capítulo a seguir, a tese evidencia a ótica autoral biográfica. No caso, as 15 mulheres jornalistas que integram o presente trabalho: Adriana Negreiros, Alicia Klein, Clarisse Meireles, Consuelo Dieguez, Cristiane Correa, Daniela Arbex, Evanize Sydow, Janaína Marquesini, Karla Monteiro, Leneide Duarte-Plon, Luana Costa, Luciana Hidalgo, Maria Dolores Duarte, Raquel Munhoz e Regina Echeverria. Para isso, as páginas adiante identificarão as profissionais segundo três eixos de análise: *Aspectos biográficos*, onde descreve hábitos de leitura das jornalistas e o motivo pela escolha da faculdade; *Ambiente jornalístico*, com nuances dos desafios da profissão e *Vivência autoral*, sobre a aproximação das jornalistas ao meio editorial.

6 Mulheres jornalistas, mulheres biógrafas: Contribuições delas para a história do Jornalismo brasileiro

Escrever a história das mulheres é sair do silêncio em que elas estavam confinadas. [...] As mulheres ficaram muito tempo fora desse relato, como se, destinadas à obscuridade de uma inenarrável reprodução, estivessem fora do tempo ou, pelo menos, fora do acontecimento. Confinadas no silêncio de um mar abissal (Perrot, 2016, p. 16).

Ao contrário do capítulo anterior, que evidenciou as protagonistas biografadas no mercado editorial do Brasil, entre 1990 a 2020, o presente busca dar visibilidade às mulheres jornalistas brasileiras que escrevem ou escreveram biografias. Para tanto, busca-se a interpretação nos textos da historiadora francesa Michelle Perrot (1988, 2005, 2016), da escritora Virginia Woolf (1985, 2013) e da também historiadora, a estadunidense Gerda Lerner (2019, 2022) a respeito da presença da autoria feminina.

Para Perrot (2005, p. 33), “[n]o teatro da memória, as mulheres são uma leve sombra”. Lerner (2022) explica o motivo. Por não haver registros anteriores das contribuições de mulheres em várias áreas da História, sempre quando alguém se debruçava sobre algo, era como se precisasse desbravar um novo caminho: “Desse modo, o progresso das mulheres na consciência histórica foi duplamente atrasado – por desvantagens educacionais e por falta de conhecimento do trabalho das antecessoras” (Lerner, 2019, p. 307).

Autores que se apropriaram da psicologia como teoria para a análise de lendas, epopeias ou mitologias, apontam que as mulheres foram domesticadas sempre que se rebelaram (Estés, 2018). Muitas delas foram reprimidas pelas convenções sociais, escondidas por um véu de ternura e pureza. Aquelas que permaneciam indignadas com a ausência de escuta alheia, foram silenciadas. Qualquer transgressora se tornava marginal, tratada como bruxa e, por isso, a melhor maneira de serem caladas era com a perseguição e a violência (Federici, 2017; Chollet, 2022). Os próprios autores das narrativas mitológicas, na tentativa de explicar a criação do mundo, responsabilizam as mulheres por desgraças ou outros problemas sociais, fato ilustrado por Pandora (Bulfinch, 2002) que, movida pela curiosidade, abriu a caixa do esposo Epimeteu (irmão de Prometeu) e, assim, liberou todos os males do mundo. Narrativa semelhante é encontrada pelos seguidores cristãos no capítulo três do livro de Gênesis, quando Eva desrespeita a ordem de Deus e come a maçã, o único fruto proibido no Jardim do Éden (Lerner, 2022). Em ambos os casos, se antes reinava um ambiente de felicidade e inocência, coube a mulher desgraçar o local com males para o corpo e o espírito (Bulfinch, 2002). Outros relatos bíblicos, como a representação hebreica majoritária de um Deus masculino, com autoridade e

poder (Lerner, 2019), bem como a interpretação falaciosa sobre a personalidade de Maria Madalena, nos evangelhos de Marcos, Lucas, Mateus e João (Aslan, 2013), também reforçam a subordinação feminina nas Escrituras.

A espanhola Irene Vallejo (2022), no ensaio *O infinito em um junco*, explica que Safo é nome feminino recorrente quando o assunto é cânone literário grego, embora outras escritoras tenham sido esquecidas. Enquanto Atenas era o celeiro de pensamentos democráticos e reflexões filosóficas – porém, restritas ao mundo masculino – a vizinha cidade-estado de Esparta valorizava um pouco mais as mulheres, por fornecerem futuros soldados à guerra (Lerner, 2019). Já nas ilhas do mar Egeu, como Lesbos, Quios e Samos, as restrições não eram tão impositivas: “As meninas recebiam educação e algumas mulheres, desde que fossem ricas e nobres, tinham direito à palavra – alguns pesquisadores pretendem situar nessa região os últimos rescaldos de um matriarcado perdido” (Vallejo, 2022, p. 180). Em Lesbos, especialmente, eram prestigiadas as instituições educativas, com maior liberdade relacionada à cultura das artes e da sensualidade (Robles, 2019; Vallejo, 2022).

Tal qual Safo e suas discípulas, nas sociedades insulares, outra mulher se destacou pelas ideias liberais, muito à frente do seu próprio tempo, no mundo antigo. Sulpícia, de uma família nobre romana, viveu durante o império de Augusto, período desfavorável à notoriedade feminina. Mesmo assim, “[...] ela se atreveu a escrever poemas autobiográficos, os únicos versos de amor escritos por uma mulher romana da época clássica que chegaram até nós. Em sua poesia, fala uma voz feminina que exige coisas pouco comuns nessa época: liberdade e prazer” (Vallejo, 2022, p. 419). Os únicos seis poemas legados à posteridade ilustram um sentimento intoleroado pela família: o amor pelo Outro ser de uma diferente classe social. Suas mensagens foram interpretadas como transgressoras:

As romanas daquele tempo não tinham meios de conseguir que suas obras fossem conhecidas e divulgadas. A maioria delas nem pensava nisso. E o mais importante: quem avaliava se um livro merecia ou não passar para a posteridade nem sequer levava em consideração o que as mulheres escreviam. Na verdade, não deveria nos surpreender que esses poemas só tenham sobrevivido incrustados em um livro alheio. Apesar dos empecilhos, Sulpícia não foi a única que tentou. Conhecemos breves fragmentos, citações ou referências de 24 escritoras. Todas elas tinham alguns traços em comum: eram ricas, pertenciam a famílias importantes e escreveram sob a proteção de homens poderosos (Vallejo, 2022, p. 422).

Os anos se passaram e o acesso à leitura continuou preponderantemente masculino. A falta de liberdade intelectual das mulheres (Woolf, 1985), corroborada pelo atraso do acesso ao ensino regular (Lerner, 2022) e, ainda, pelo entendimento masculino de que elas são inferiores,

com mente menos desenvolvida e, portanto, sujeitas ao domínio de um homem (Lerner, 2022), fez com que a saúde mental feminina fosse afetada, com descrédito e desconfiança, rebaixando-as a meras figurantes do cotidiano.

Aos indivíduos que não conseguiam acompanhar a decifração das letras em fonemas, restava ouvir as histórias em voz alta nas suas comunidades. Exceto os homens nobres, quem já possuía uma rudimentar alfabetização somente poderia violar o proibido. Quanto mais privado fosse o ambiente de leitura, melhor. Sendo um instrumento de relaxamento, o hábito da leitura era interpretado como ameaçador, no caso, às mulheres. A visão retrógrada masculina fez com que homens ficassem atentos aos perigos da leitura ficcional, possível causa de sentimentos ainda incipientes e que pudessem despertar o amor ou – até – pensamentos eróticos em suas esposas, filhas ou irmãs (Briggs; Burke, 2006). Como solução dessa *enfermidade*, doses rápidas de leituras bíblicas.

O silêncio das mulheres passava, segundo Michelle Perrot (2016), por várias razões. A primeira questão apontada pela historiadora francesa era a sua invisibilidade no espaço público. Outro motivo é o silêncio das fontes, já que as mulheres deixaram poucos rastros ou vestígios (Perrot, 2016) do que foi escrito. Perrot (2005, p. 36) aprofunda a discussão a respeito das práticas da memória feminina. Além de serem personagens, as mulheres também assumem papéis de leitoras e autoras, ambas caracterizadas por privações: “Como a leitura, a escrita é frequentemente, para as mulheres um fruto proibido. [...] Ela deve se defender e esconder-se para continuar o que, aos olhos do pai, é uma criancice e um desperdício”. Como se fosse um pecado aproveitar esse prazer literário, as mulheres decidiam apagar qualquer vestígio que pudesse indicar a leitura: “Este ato de autodestruição é também uma forma de adesão ao silêncio que a sociedade impõe às mulheres [...]. Queimar seus papéis é uma purificação pelo fogo desta atenção a si mesma que confina ao sacrilégio” (Perrot, 2005, p. 37).

Como terceira causa que justifique o silenciamento das mulheres ao longo da História, Perrot sinaliza a ausência de relato. Se falava dos *grandes* homens – reis, imperadores, militares e demais líderes políticos – em detrimento à contribuição feminina. Inclusive, na hagiografia¹, “[...] fala-se mais de santos do que de santas. Além disso, os santos agem, evangelizam, viajam. As mulheres preservam sua virgindade e rezam. Ou alcançam a glória do martírio, que é uma honra suntuosa” (Perrot, 2016, p. 18). No íntimo, as mulheres elaboram suas próprias interpretações; porém, sem a permissão de exteriorizá-las. Quando o fazem, é de maneira anônima, em coletivo: “O Verbo é o apanágio dos que exercem o poder. Ele é o poder. Ele vem

¹ Modelo de narrativa biográfica em que são contadas as trajetórias de sujeitos canonizados, isto é, santificados pelo Sumo Pontífice.

de Deus. Ele faz o homem. As mulheres estão excluídas do poder, político e religioso. No Paraíso, Eva perverteu definitivamente a palavra das mulheres” (Perrot, 2005, p. 318), fato que levou o cristianismo a admitirem pela “[...] fé e na prece, mas no silêncio do arrependimento” (Perrot, 2005, p. 318). Assim, a palavra pública das mulheres se manteve ilegítima, tendo em vista que, para a Igreja Católica Apostólica Romana, sua voz e escrita estão conectadas à subversão e à heresia (Perrot, 2005).

Antes de não ter espaço para escrever e se dedicar ao ofício da pena, as mulheres também demoraram para ter acesso à educação básica. Para a historiadora estadunidense Gerda Lerner (2022), a maioria da população, no início da Baixa Idade Média, entre os séculos XI e XV, era analfabeta. Já que a educação universal ainda era um privilégio, os aprendizados informais, promovidos pelo seio familiar, eram o único registro de ensino: “Mas havia uma diferença importante – a Igreja educava meninos pobres para o ministério, enquanto, durante séculos, o acesso de meninas a conventos dependeu das condições da família para oferecer um dote” (Lerner, 2022, p. 49). Quando surgiram as primeiras universidades, no século XI, a discriminação educacional permaneceu, o que afetou consideravelmente o desenvolvimento intelectual das mulheres, “[...] pois não somente eram excluídas da instrução que tais instituições forneciam, mas também eram privadas das redes informais de profissionais que surgiam de tais instituições de ensino superior” (Lerner, 2022, p. 278).

Aqueles que desejavam registrar os prazeres e decepções da vida, o faziam. Todavia, a ausência de uma História das Mulheres, além da falta de referências de heroínas e protagonistas, fez com as escritoras femininas se sentissem limitadas nesse campo de atuação, ao se dedicarem mais a registros curtos, como cartas, diários ou poemas, do que a textos mais elaborados, como os ensaios filosóficos (Lerner, 2022). Contudo, há os casos das que não gostariam de ser descobertas e, por isso, escreviam sobre assuntos *sem gênero* nos poemas. A saída encontrada, nesses casos, era a utilização de pseudônimos: “Se a voz feminina não fosse diferente da masculina, ou se fosse tão reconhecida e honrada quanto a masculina, não haveria necessidade de abandoná-la, negá-la ou disfarçá-la” (Lerner, 2022, p. 212). Isso apenas reforça a identidade patriarcal dominadora daqueles tempos.

Um dos primeiros casos em que algum sujeito se preocupou em reunir uma lista de mulheres notáveis foi pela iniciativa do italiano Giovanni Boccaccio, entre 1355 a 1359, intitulado *De mulieribus claris*². O escritor renascentista do século XIV reuniu informações de 104 mulheres que viveram na Antiguidade, com o intuito de “[...] mostrar que a sabedoria

² Tradução do latim: Mulheres famosas.

secular das ancestrais era de igual importância para os escritos cristãos e mitos, e que, entre as ancestrais, seria possível encontrar pessoas de força moral suficiente para a realização de atos heroicos” (Lerner, 2022, p. 315), tal qual já havia feito com as biografias de homens famosos, reunidos em *De Casibus Virorum Illustrium*³. Dentre essa centena de mulheres, Boccaccio excluiu as mulheres cristãs por um simples motivo: todas elas eram sempre honradas, ao contrário das pagãs, cujos atos haviam sido denunciados e condenados pela Igreja Católica Apostólica Romana.

Gerda Lerner (2022) afirma, ainda, que o modelo organizado pelo autor de *Decameron* inspirou outras listas. Entre elas, a da italiana Cristina de Pisano, a primeira voz feminina a viver através da própria escrita e nome pioneiro quanto ao esforço de uma História das Mulheres. Cristina viveu entre os séculos XIV e XV e, embora nascida em Veneza, logo se mudou para Paris, a fim de acompanhar o ofício do pai, na corte de Carlos V. Na França, foi instruída com alta educação e, aos 15 anos, recebeu as bênçãos do matrimônio. Após enviuar, herdou as dívidas do esposo, além de precisar sustentar a mãe e a família, formada por três filhos (Lerner, 2022). Para sobreviver, copiou e produziu livros ao longo do reinado de Carlos V, logo sendo convidada a elaborar a biografia do monarca. Em busca de reputação, Cristina escreveu *A cidade das damas* (1405), que se tornaria uma de suas principais obras. Nela, Lerner (2022, p. 320) revela que Cristina de Pisano buscava reinterpretar e destruir as acusações que as mulheres sofriam – especialmente, oriundas das Escrituras – de que eram as responsáveis pelos problemas do mundo: “O que Cristina de Pisano tinha a oferecer às mulheres era a percepção de que deviam olhar para outras mulheres a fim de se defenderem, e que o passado coletivo delas poderia ser uma fonte de força em sua luta por justiça”. Em suma, de acordo, com a historiadora Lerner, Cristina foi um marco na tentativa de estabelecer um registro memorialístico das mulheres:

Reinterpretou a vida das mulheres de sua lista de maneira significativa, já que seu objetivo era diferente do de Boccaccio, que queria provar apenas que existiram mulheres ilustres na Antiguidade. Cristina de Pisano escreveu em defesa das mulheres contra o que ela considerava ataques misóginos dos homens, e escreveu de um ponto de vista inteiramente centrado na mulher. Ao visitar a lista de Boccaccio, portanto, não só excluiu todas as mulheres más, mas, muitas vezes, reinterpretou as histórias de mulheres com má reputação para apresentá-las sob uma perspectiva positiva (Lerner, 2022, p. 318-319).

³ Tradução do latim: Destinos dos Homens Famosos.

De acordo com o francês Michel De Certeau (1998, p. 266), “[...] o texto só tem sentido graças a seus leitores; muda com eles; ordena-se conforme códigos de percepção que lhe escapam. Torna-se texto somente na relação à exterioridade do leitor”. Entretanto, isso acaba tendo outra interpretação quando o assunto são os escritos femininos e todo o processo de sua legitimação, na tentativa de participarem do discurso público, enquanto mulheres autônomas. Para conseguirem o esperado reconhecimento, no século XVII, as mulheres escritoras precisaram superar, essencialmente, três obstáculos:

1) a garantia de que elas eram as autoras de seus próprios trabalhos; 2) ter o direito a seu pensamento próprio; 3) o fato de que seu pensamento pode ser embasado em uma experiência e um conhecimento diferentes do que o de seus mentores e antecessores patriarcais. Uma vez removidos esses obstáculos, as escritoras ainda encaravam a dificuldade de encontrar e criar públicos apropriados para seus trabalhos. Caso se dirigissem aos homens, precisavam desarmar e desconstruir o quadro de referência patriarcal que desvalorizava e banalizava seu trabalho. Elas também precisavam minimizar a separação e a singularidade de sua experiência feminina e, muitas vezes, acabavam distorcendo, disfarçando ou banalizando sua própria experiência. Se o seu público fosse composto de mulheres, elas precisavam encontrar símbolos e uma linguagem codificada para permitir que suas leitoras seguissem o processo pelo qual elas próprias tiveram que passar para poder pensar (Lerner, 2022, p. 73).

No livro *Um teto todo seu*, Virginia Woolf fica indignada com a ausência de textos sobre mulheres, anteriores ao século XVIII, fato que a preocupa, por não ter nenhum modelo feminino em que se espelhar: “Eis-me aqui a perguntar por que as mulheres não escreviam poesia no período elisabetano, e nem tenho certeza de como eram educadas: se aprendiam a escrever; se tinham salas de estar próprias; quantas mulheres tiveram filhos antes dos 21 anos” (Woolf, 1985, p. 61). A preocupação da autora era saber o que as mulheres faziam ao longo do dia, em outras palavras, o que faziam para superar a ociosidade. Como se verá a seguir, existiram mulheres com vocação literária; porém, os impedimentos oriundos da sociedade – e do próprio seio familiar – eram taxativos quanto à capacidade feminina: “A mulher, portanto, que nascesse com a veia poética no século XVI era [...] uma mulher em conflito consigo mesma. Todas as condições de sua vida e todos os seus próprios instintos conflitavam com a disposição de ânimo necessária para libertar tudo o que há no cérebro” (Woolf, 1985, p. 67).

A urbanização, para algumas classes sociais inglesas – exemplificada pela chegada de jornais diários, semanários e revistas mensais – provocou um aumento de leitoras, bem como o aparecimento de *mecenas* que patrocinavam a participação, ainda que tímida, de escritoras com fins lucrativos (Lerner, 2022). Para classes não tão abastadas, caso houvesse alguma tragédia

familiar – como o falecimento do esposo – as mulheres também precisavam assumir o custeio das despesas da casa. E assim fizeram por meio de traduções ou com alguns esboços de textos. Essa nova etapa, no fim dos Oitocentos, foi tida por Woolf (1985, p. 86) como a época mais importante que as expedições militares nas Cruzadas, fase essa em que “[...] a mulher da classe média começou a escrever”. Nas prateleiras, surgem nomes como os da britânica Jane Austen, que escreveu *Razão e sensibilidade* (1811) e *Orgulho e preconceito* (1813); ou da também britânica Emily Brontë, autora de *O morro dos ventos uivantes* (1847) e as estadunidenses Harriet Beecher Stowe, com *A cabana do Pai Tomás* (1852) e Louisa May Alcott, com *Mulherzinhas* (1868). Todavia, a escrita ainda era um ato realizado às escondidas, muitas vezes de maneira disfarçada – Austen, por exemplo, “[...] escondia seus manuscritos ou cobria-os com um pedaço de mata-borrão” (Woolf, 1985, p. 89) e Stowe camuflava “[...] seus escritos em sua cesta de costura para que ninguém de sua família e de seu círculo de amigos desaprovasse suas atividades impróprias como escritora” (Lerner, 2022, p. 74).

Em busca da ocupação de um espaço literário, as mulheres do século XIX saíram dos postos de musas inspiradoras para também assumirem a função de escritoras. Diante do peso do anonimato e da opção por pseudônimos, Rita Schmidt (1995, p. 187) define o feminino enquanto sujeito passivo retratado “[...] na estética da renúncia, na temática da invisibilidade e do silêncio ou na poética do abandono”, para depois refletir sobre o ato de representação da resistência e perguntar o impensado: “[...] o que acontece quando o objeto começa a falar?” (Schmidt, 1995, p. 187). No contexto de dominação patriarcal, aliado a sucessivos projetos de exclusão social, a busca por representatividade das mulheres encorajou as colegas a desobedecerem às normas verticalizadas: “[A mulher] admitiu que gostaria de ser lembrada pela obra, pela própria escrita. Queria a validação de sua autoria, a proteção de sua identidade e a preservação de sua memória. Em suma, aspirava à imortalidade” (Lerner, 2022, p. 218).

No curso da História, vale mencionar a investigação do inglês Richard Hoggart (1973, 1975) a respeito dos usos da cultura letrada na classe trabalhadora, em meados do século XX. Hoggart, pertencente ao centro de estudos culturais, vinculados à Universidade de Birmingham, acompanhou as práticas operárias, anotou os hábitos de integrantes dessa comunidade - em associações, clubes e igrejas – e observou o papel do homem e da mulher na família proletária. Neste aspecto, em especial, o pesquisador inferiu que o lugar que a mãe – em especial aquelas de meia-idade - ocupava nesses espaços era o de união, embora possuísse uma vida solitária: “Não se interessa pela política, nem pelo que se passa no mundo: deixa isso para o marido. Interessa-se pouco pelo que se passa no emprego deste; não tem outros amigos que não sejam os dela, quando se casa” (Hoggart, 1973, p. 52), assinalou, na versão portuguesa do primeiro

volume *As utilizações da cultura*, originalmente publicado como *The uses of literacy*, em 1957. Ele continua: “É uma vida dura, e espera-se da mãe que não pare da manhã à noite: tem de cozinhar, coser, limpar, lavar a roupa, tomar conta das crianças, ir às compras e satisfazer o desejo do marido” (Hoggart, 1973, p. 52). Em meio a uma vida difícil e ocupada a maior parte do dia, como ter tempo para a leitura? E quando houvesse, qual o tipo de assunto a interessaria?

O retrato de Richard Hoggart a respeito da classe trabalhadora inglesa engloba também a criação das garotas que, segundo ele, é diferente da dos rapazes. Estes, desde cedo, compreendem que possuem vantagens em relação às colegas de escola, às irmãs ou até mesmo à própria mãe. Com as meninas, a situação é outra. Para elas, ainda de acordo com Hoggart (1973), a adolescência tende a ser um período sem muitas preocupações. Contudo, uma época em que a alegria será limitada:

Mas a verdadeira vida não tem de ser divertida, a verdadeira vida é o casamento: e para ambos os sexos é essa a data verdadeiramente marcante de uma vida proletária ao lado da qual uma mudança de emprego ou de local de residência, a ida para a universidade ou a aquisição de um diploma profissional são de importância secundária. O casamento assinala para a mulher o fim de uma vida de liberdade, e o começo de uma vida de dificuldades. A maior parte das raparigas aceita porém, de bom-grado semelhante estado de coisas; o período de liberdade é considerado como uma espécie de voo de borboleta, delicioso, mas curto (Hoggart, 1973, p. 63).

O consumo cultural não passou despercebido ao olhar de Hoggart (1973). Ao se ater às revistas que as mulheres proletárias consumiam, percebeu que há um teor sentimental, com anúncios de produtos de cosméticos, remédios caseiros e perfumaria: “Encontramos ainda nestas revistas conselhos de beleza, frequentemente assinados por uma estrela de cinema, conselhos simples às donas de casa, e cerca de meia página de conselhos de uma *tia* ou de uma enfermeira, que resolvem os problemas pessoais das leitoras” (Hoggart, 1973, p. 149). Política e problemas sociais estão ausentes; ao contrário das histórias de folhetim, com teor dramático e de suspense. A vida do cotidiano proletário era difícil. Não havia necessidade de piorá-la a partir das leituras sazonais. Conforme aponta Hoggart (1975, p. 86), no segundo volume do seu ensaio, a comercialização de semanários destinados às famílias, enquanto publicações de massa, faz com que a classe consuma “[...] uma literatura sensacionalista e fantástica, produtora de sensações triviais. A sensação e a fantasia estão a apoderar-se do público cada vez mais, alimentando-o com formas cada vez mais fracas e medíocres”. Prossegue: “Tudo está falsificado: trata-se de uma literatura cheia de ar e vento, sem nada dentro, a exploração descarada de um vazio cintilante” (Hoggart, 1975, p. 86). O consumo variado, de acordo, com

o interesse do pai, da mãe e do casal de filhos, por exemplo, gera um ambiente de “[...] sensacionalismo, fragmentação, simplificação excessiva, irrealidade. [...] Essa invasão de literatura barata tem, no entanto, o efeito de agravar a divisão do mundo” (Hoggart, 1975, p. 96). A leitura para essa família também era um refúgio frente à opressão das fábricas e indústrias.

É curioso notar que a publicação original de *As utilizações da cultura* está inserida em um contexto pré-segunda onda feminista, que surge na década posterior, inaugurada pela publicação de *A mística feminina*, de 1963. Na obra, a ativista Betty Friedan radiografou aspectos de vida de mulheres estadunidenses, casadas, donas de casa e com filhos pequenos. Percebeu que havia um *problema sem nome*, uma crise de identidade nessas mães e esposas. Não obstante, embora o conteúdo seja pioneiro, ao tratar perspectivas femininas em uma sociedade conservadora, o livro peca ao voltar o olhar somente às mulheres heterossexuais brancas, de classe média.

Nesta primeira parte, debateu-se a História das Mulheres, em especial, sua perseverança em assumir um espaço enquanto autora. A seguir, o capítulo discutirá a participação feminina no mercado editorial biográfico brasileiro, quando serão apresentadas radiografias sobre a identidade de gênero dos biógrafos, sua nacionalidade, a porcentagem (%) de participação dos homens e mulheres jornalistas e conhecer quem são as profissionais biógrafas que se dedicam a desenvolver esse gênero jornalístico no Brasil.

Com o intuito de explicitar o histórico e a contribuição profissional das mulheres jornalistas biógrafas no país, o presente capítulo discute os resultados das entrevistas com 15 mulheres, que aceitaram compartilhar os desafios do ofício com o autor da presente tese. São elas: Adriana Negreiros, Alicia Klein, Clarisse Meireles, Consuelo Dieguez, Cristiane Correa, Daniela Arbex, Evanize Sydow, Janaína Marquesini, Karla Monteiro, Leneide Duarte-Plon, Luana Costa, Luciana Hidalgo, Maria Dolores Duarte, Raquel Munhoz e Regina Echeverria. Para facilitar a compreensão, decidiu-se intitular os tópicos 6.2 (*Aspectos biográficos*), 6.3 (*Ambiente jornalístico*) e 6.4 (*Vivência autoral*) de acordo com os três eixos presentes no questionário (ver Apêndice G).

6.1 Presença das jornalistas no mercado editorial biográfico

Em 2022, o *Publishers Weekly*⁴ anunciou os resultados de uma pesquisa que englobava a diversidade de gênero e os salários na indústria livreira dos Estados Unidos. O questionário enviado ao setor reuniu 577 respostas, 60% dos editores comerciais (Milliot, 2022). Datado de 2021, os apontamentos refletiram bastante o período pandêmico da época. Mas o que interessa, para esta pesquisa de doutorado, é a informação de que, embora haja mais mulheres do que homens empregados no mercado editorial – 77% - o abismo salarial ainda permanece. Para se ter ideia, elas recebem, em média, uma remuneração anual de US\$ 70 mil, enquanto os homens ganham vinte mil a mais (Milliot, 2022). Segundo a matéria assinada por Jim Milliot (2022), um dos motivos para que os homens recebam um reconhecimento financeiro maior é sua tendência em focar “[...] na gestão, o segmento mais bem remunerado da empresa, e tendem a ter mais anos de trabalho - possivelmente porque mais mulheres tiram tempo livre para criar os filhos ou deixam o emprego porque têm mais dificuldade em conseguir empregos de gestão com altos salários”⁵.

Esse reflexo não se limita ao universo editorial. Outras nichos e camadas da sociedade enfrentam a mesma misoginia, a níveis de acúmulo de funções, assédios sexuais ou desigualdade salarial. Ocorre o mesmo no Jornalismo brasileiro. A presença da mulher, nas rotinas de produção de notícias, além das transformações do trabalho nas redações, são temas que ainda geram debate, em especial, pela questão da precariedade. Contudo, o capítulo volta o olhar para a migração jornalística – fixa ou temporária - das mulheres, enquanto repórteres de redação para biógrafas.

A pesquisa “Perfil do jornalista brasileiro”, desenvolvida pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e a Rede de Estudos Trabalho e Identidade dos Jornalistas (RETIJ), vinculado à Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJOR), levanta valiosas questões sociodemográficas e laborais da profissão no país. A primeira versão da pesquisa havia sido finalizada em 2013, a partir dos dados coletados em 2012 - em 2022, fora apresentada uma segunda edição, atualizada dez anos depois. Na publicação mais recente, não consta nenhum tópico a respeito da participação de profissionais jornalistas em âmbito editorial, na função de autores ou autoras de livros-reportagem – no caso, biógrafos e biógrafas. A única breve referência à autoria de livros é uma resposta muito sutil e aberta a interpretações, tendo em vista

⁴ Disponível em: <https://www.publishersweekly.com/pw/by-topic/industry-news/publisher-news/article/91157-the-pw-publishing-industry-salary-survey-2022.html>. Acesso em 23 jun. 2023.

⁵ Versão original: “[...] in management, the best-paying segment of the business, and tend to have more years on the job - possibly because more women take time off to raise children, or leave the field because they have a harder time getting high-paying management jobs”.

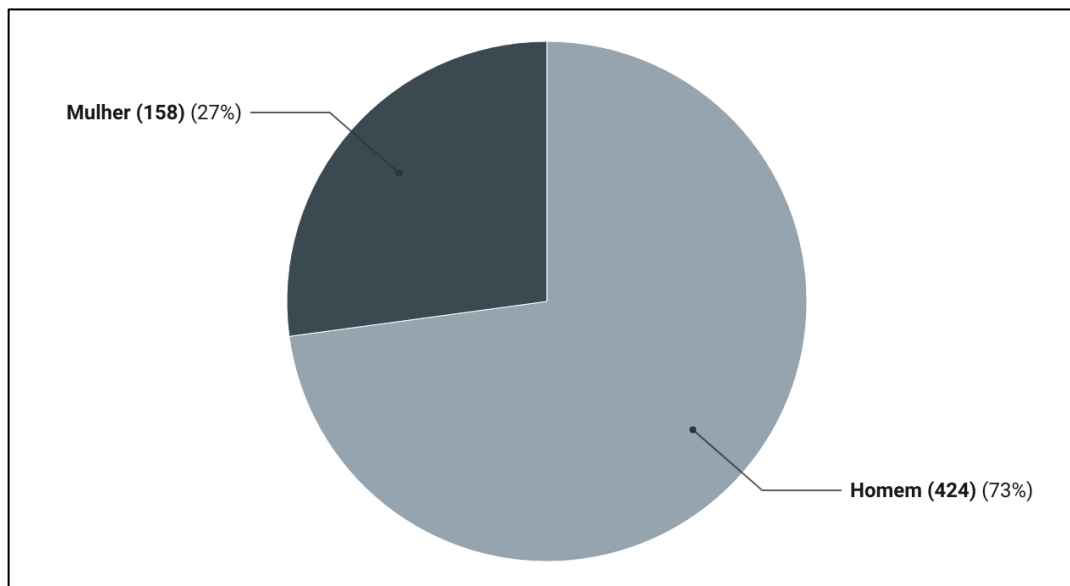
que não especifica os gêneros. No formulário, quando perguntado *se existe mais de uma renda, qual seria a segunda atividade profissional?*, um dos participantes respondeu: “Escrevo livros” (Lima *et al*, 2022, p. 92).

Essa resposta é muito abrangente e vaga de sentidos, já que *escrever livros* pode englobar funções variadas, não apenas de caráter não ficcional. Se a intenção é autoral, a escrita de livros pode abranger diferentes tipos de prosa, desde a ficção a textos mais específicos, tais como os técnicos e científicos. Além disso, trabalhar com obras literárias pode também fazer referência aos distintos papéis que englobam a cadeia produtiva editorial como, por exemplo, a revisão, preparação e edição de livros originais ou traduções.

A decisão pela escrita de obras tidas como *livros-reportagem* pode ser motivada por vontades editoriais ou pelo desejo dos autores em expandir um debate que fuja do espaço restrito nas páginas de uma revista ou jornal. No caso das biografias, não é muito diferente. Todavia, pode haver algumas particularidades, como o ocorrido com as 15 entrevistadas desta tese. Algumas podem ser, inclusive, encomendadas pela família do protagonista, desejosa de ver a história da personagem estampada em um livro. Outros são os casos em que a editora faz um contato preliminar para ver se existe interesse e disponibilidade por parte da autora. Ainda há aquelas que pesquisam por conta própria e, depois de finalizada a investigação, partem para a procura de um suporte editorial.

Na presente pesquisa, sobre a produção de biografias por mulheres jornalistas brasileiras, teve-se o cuidado de realizar um levantamento preliminar sobre a quantidade de autores desse segmento a partir de livros publicados no período de 1990 a 2020. No Gráfico 20, a seguir, parte-se da ideia de que existiram 582 biógrafos com publicações no Brasil, independente da formação ou da ocupação profissional.

Gráfico 20 - Identidade de gênero dos biógrafos com publicações no Brasil (1990-2020)



Fonte: O autor

Nota: Arte de Matheus Gastaldon

É provável que uma das respostas para a quantidade irrisória de mulheres biografadas esteja também no pequeno número de mulheres autoras de biografias. O resultado apresentado acima não destoa do Gráfico 15, contido no capítulo cinco, que já indicava um abismo na relação homem e mulher entre os biografados, o que acarreta uma discussão sobre memória e o que as editoras oferecem de biografias ao público leitor. Uma possível interpretação, para Adriana Negreiros, é justamente essa relação com poucas mulheres como protagonistas de livros biográficos. As mulheres não se veem representadas:

Houve muitas vezes na vida, conversa de bar, que ah, homem gosta de ler biografia, porque os homens vão ler a vida do Churchill, porque os biografados eram geralmente aqueles que habitam universos muito masculinos, que são os reis, os imperadores, os heróis de guerra, os políticos que são todos essencialmente masculinos. Então, eu acho que se delimitou a biografia como um espaço da masculinidade exatamente por isso. E acho que agora é que a gente começa a perceber que não tem que ser assim, à medida que as mulheres começam a ocupar espaços, que são muito marcadamente masculinos, no caso especialmente da política, [...] elas possam surgir como personagens. Eu acho que elas passam também a demandar um olhar de mulheres interessadas em contar essas histórias. Se você reparar melhor, a maioria imensa dos biografados é homem. Então, se configurou como um espaço de poder masculino. Por essa razão, por ser um reflexo dos espaços ocupados pelos homens, em que à medida que a gente vai ocupando esses espaços e as mulheres vêm surgindo nesses ambientes, as mulheres que vão escrever sobre essas personagens também vão ter mais visibilidade e vai ter mais oportunidade. Talvez esse seja o caminho que eu arriscaria para uma possível explicação (Negreiros, 2023).

No quesito *biógrafos*, a desvantagem continua, embora tenha diminuído. Na arte anterior, entre 582 autores contabilizados, 424 (73%) são homens e 158 (27%) mulheres, o que assegura dizer que, a cada dez biografias publicadas no Brasil, sete são de autores masculinos, independentemente de serem historiadores, jornalistas, demais cientistas sociais ou outra ocupação. As 15 jornalistas entrevistadas estão entre as quase 30% de biógrafas. Ao serem interrogadas sobre o porquê de existir poucas mulheres a se dedicarem ao ofício, algumas apontaram não ter um motivo especial. Consuelo Dieguez disse não ser “[...] *por falta de competência. Porque hoje você vê que tem muitas jornalistas brilhantes e que todas têm condições de fazer*” (Dieguez, 2023).

Evanize Sydow, ao refletir sobre a pergunta, também não teve uma resposta pronta, mas disse ser importante o questionamento:

A gente fala muito de biografia, quem lê biografia, quem não lê biografia, mas a gente não fala desse aspecto, da questão de gênero na biografia. A gente tem milhões de mulheres incríveis pra serem biografadas [...] mas a gente não trata desse assunto: por que nós não temos tantas biógrafas? E por que a gente não tem tantas biografadas? Piorou ainda. A gente tem um país com tantas mulheres incríveis, por que a gente não fala delas? Esse questionamento, eu acho que é fundamental, sabe? Uma pesquisa que trate do porquê, a participação da mulher é tão pequena num universo que é tão grande [...]. Eu acho que tem, enfim, tem algumas questões aí, até de ordem prática, também. Porque você dedicar quatro, cinco anos pra um trabalho como esse? Às vezes, até mais, né? Significa você ter apoio pra fazer isso. As mulheres, hoje em dia, cada vez mais elas precisam de um trabalho que sustente uma vida toda, filho, um monte de coisa (Sydow, 2023).

A pequena quantidade de mulheres jornalistas faz lembrar a palestra de Virginia Woolf, proferida a uma associação de mulheres, na década de 1930. Na ocasião, Woolf (2012, p. 3) compartilhou, junto às senhoras, sua própria rotina de escrita: “Basta que vocês imaginem uma moça num quarto, com uma caneta na mão. Só precisava mover aquela caneta da esquerda para a direita – das dez a uma”. Para ver o próprio trabalho publicado, decidiu pelo caminho mais fácil, simples e barato, talvez, o único disponível para uma mulher: ao terminar de escrever, descansou a pena, dobrou a folha e a colocou cuidadosamente no envelope com um selo. O destinatário era a redação de um jornal que pudesse avaliar o texto: “Foi assim que virei jornalista; e meu trabalho foi recompensado no primeiro dia do mês seguinte” (Woolf, 2012, p. 3). Depois do primeiro pagamento, Woolf constatou que, se optasse em continuar, precisaria enfrentar alguns receios. Diante do medo que ela tinha de rabiscar alguma resenha que pudesse contrariar a sociedade elitizada e patriarcal, função que era permitida somente aos homens, a escritora encarou fantasmas.

Entra em cena o Anjo do Lar, uma personagem que assumiu feições extratextuais e que ora incomodava a mulher, ora lhe orientava a respeito de que conduta seguir. Quando estava com a pena entre os dedos, frente ao papel, para resenhar uma obra de autor conhecido, Woolf (2012, p. 4) contou que a entidade aparecia por detrás e cochichava: “Querida, você é uma moça. Está escrevendo sobre um livro que foi escrito por um homem. Seja afável; seja meiga; lisonjeie; engane; use todas as artes e manhas de nosso sexo. Nunca deixe ninguém perceber que você tem opinião própria. E principalmente seja pura”. A sugestão do Anjo do Lar a perturbou a tal ponto de tentar esganar a personagem. A cena fictícia, contada por Woolf, ilustra de que maneira o ambiente aristocrático burguês sufocava as aspirações profissionais de mulheres. Para o controle dos homens, era mais fácil manter a esposa, filha ou irmã educadas, limpas e adornadas, escondidas em casa, rodeada de filhos, bordados e enxovais, do que presenciar a escrita delas em folhetos ou poesias:

Pois, na hora em que pus a caneta no papel, percebi que não dá para fazer nem mesmo uma resenha sem ter opinião própria, sem dizer o que a gente pensa ser verdade nas relações humanas, na moral, no sexo. E, segundo o Anjo do Lar, as mulheres não podem tratar de nenhuma dessas questões com liberdade e franqueza; se querem se dar bem, elas precisam agradar, precisam conciliar, precisam – falando sem rodeios – mentir (Woolf, 2012, p. 4-5).

No âmbito da ficção britânica, a disparidade sexual entre os autores era evidente para Virginia Woolf. Além disso, era mais comum que os homens se interessassem por escrever sobre mulheres do que elas sobre homens – ou até sobre elas próprias. Por isso, Woolf defendia que a mulher necessitava de um espaço – um teto – para escrever e, mais, ser recompensada por isso: “Em primeiro lugar, ter um quarto próprio — sem falar num quarto sossegado ou num quarto à prova de som - estava fora de questão, a menos que seus pais fossem excepcionalmente ricos ou muito nobres, mesmo no início do século XIX” (Woolf, 1985, p. 68-69).

Ainda que de nacionalidades diferentes e com realidades diversas as quais a autora britânica vivenciou, há quase um século, as jornalistas biógrafas brasileiras enfrentam alguns cenários do passado. Maternidade, tempo de dedicação ao trabalho e demais questões pessoais foram algumas das razões apontadas por Alicia Klein e Karla Monteiro:

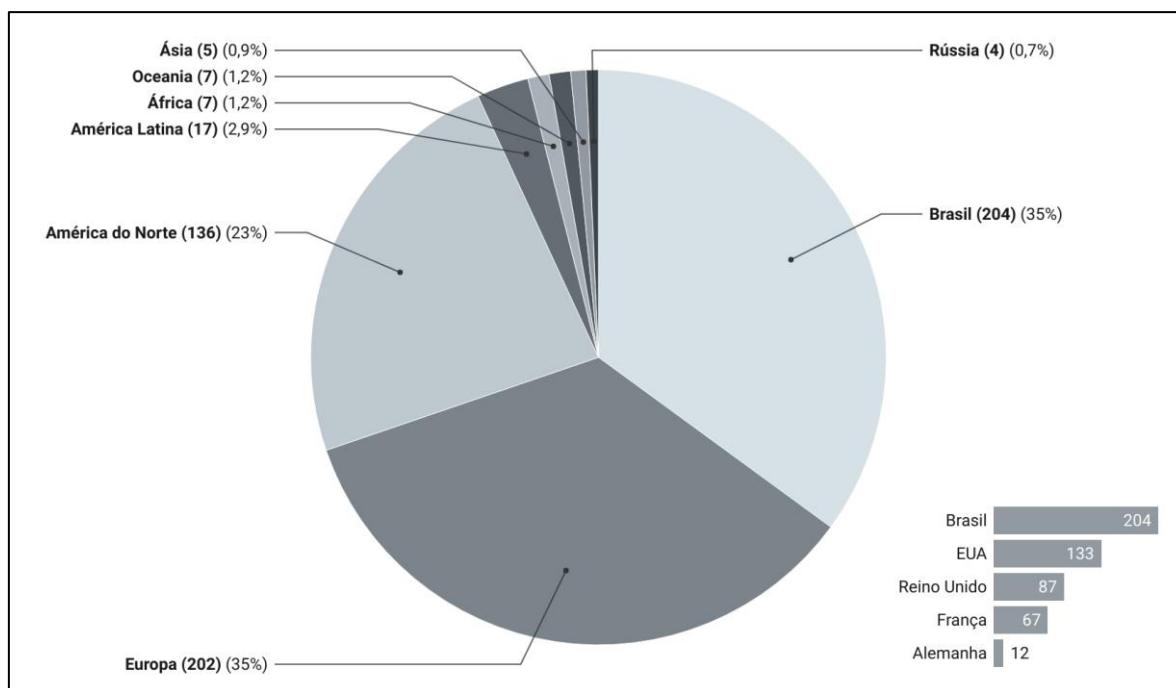
As mães estão permanentemente sobrecarregadas. E essa é uma das grandes reclamações das mulheres, é o fato de que não sobra tempo pra investir nos nossos próprios projetos. Sejam eles pessoais, sejam profissionais. Quase que, invariavelmente, é a mulher que abre mão de alguma coisa, inclusive, do seu tempo livre, pra cuidar dos outros. Então, eu tenho certeza absoluta que

parte do que justifica a nossa ausência nesses espaços é isso. É a sobrecarga, física e mental (Klein, 2023).

Eu acho que se você tem uma família, se você tem filhos, é muito difícil você se dedicar a uma biografia, porque uma biografia te toma, te consome completamente o tempo, você muda pra vida do biografado. Como diz o Ruy Castro, você vira um chato porque você só pensa nisso, você só fala nisso durante os anos que você está fazendo, então tem essa questão pessoal. A mulher, se ela tem filho, tem marido, ela tem um monte de coisa que uma biografia ali vai ser complicado de encaixar (Monteiro, 2023).

O Gráfico 21, adiante, engloba resultados a respeito da nacionalidade dos biógrafos com publicações no Brasil (1990-2020). Semelhante ao do Gráfico 19, exposto no capítulo anterior - quando também se focou a nacionalidades, só que voltada aos protagonistas -, a ilustração tem um efeito duplo: em um primeiro momento, parece demonstrar uma pluralidade, fato que é logo contradito quando se analisa com maior acuidade:

Gráfico 21 - Nacionalidade dos biógrafos com publicações no Brasil (1990-2020)



Fonte: O autor

Nota: Arte de Matheus Gastaldon

A propósito, no dicionário *Cambridge* (1995, p. 127), *biography* é definida como “[...] a história de vida de uma pessoa escrita por outra pessoa”⁶. Para o francês *Le Petit Robert* (2011, p. 257), o verbete *biographie* é conceituado como “[...] escrita que tem por objeto a história de

⁶ Versão original: “[...] the life story of a person written by someone else”.

uma vida particular”⁷. Conforme consta na obra dos italianos Giacomo Devoto e Gian Carlo Oli (1995, p. 237), *biografia* constitui uma “[r]econstrução literária dos eventos da vida de um personagem”⁸. No dicionário enciclopédico *Labor*, proveniente da Espanha, *biografia* é tida como uma ciência histórica,

[...] que se limita a expor a vida global de uma pessoa específica. Procura estudar os seus fatos particulares e significativos através de fontes autenticamente refinadas para conseguir a reconstrução do núcleo da pessoa já ligada ao seu mundo respectivo e que dá lugar ao desenvolvimento circunstancial e próprio de cada vida nas circunstâncias externas (Lasso De La Veja y Jiménez-Placer; Rubert y Candau, 1967, p. 758-759)⁹.

Se comparar o Gráfico 19, publicado no capítulo anterior, e o Gráfico 21, observam-se algumas mudanças. A principal delas é que, se havia dependência de figuras estrangeiras como referências biográficas, neste, a vinculação é ainda maior, o que indica, tanto um nicho brasileiro para o segmento biográfico, quanto para traduções de obras biográficas. Como era de se esperar, tendo em vista que a pesquisa se baseia no mercado editorial nacional, o Brasil é a principal referência autoral de biografias publicadas no país entre 1990 e 2020. América Latina (exceto o Brasil), Ásia e África são continentes que possuíam 29, nove e 11 biografados listados, respectivamente; como autores, as mesmas regiões apresentam 17, cinco e sete, o que faz refletir sobre a baixa participação de biógrafos do Sul Global e o espaço reduzido ao local de fala. Ademais, inversamente proporcional, América do Norte e Europa demonstraram, novamente, resultados acentuados: Canadá e Estados Unidos somavam, juntos, 66 protagonistas biografados – como autores, a participação mais que dobra e chega a 136. A Europa teve um pequeno decréscimo: 225 biógrafos contra 202 biógrafos, mas nada que afete a soberania do Velho Continente. Muito pelo contrário.

O perfil da nacionalidade dos biógrafos ofereceu um panorama de quais são os países com mais autores do segmento biográfico, publicados no mercado editorial brasileiro, entre 1990 a 2020. Embora haja um mercado de biografias quase equilibrado entre o Brasil (204 biógrafos) e o continente europeu (202 biógrafos), aquele ainda desponta em pequena vantagem dentre um total de 582 biógrafos catalogados. Em seguida, os Estados Unidos, com 133, e Reino Unido, com 87, fecham o pódio. A lista dos dez países ainda conta com a França (67), Alemanha

⁷ Versão original: “[...] écrit qui a pour objet l’histoire d’une vie particulière”.

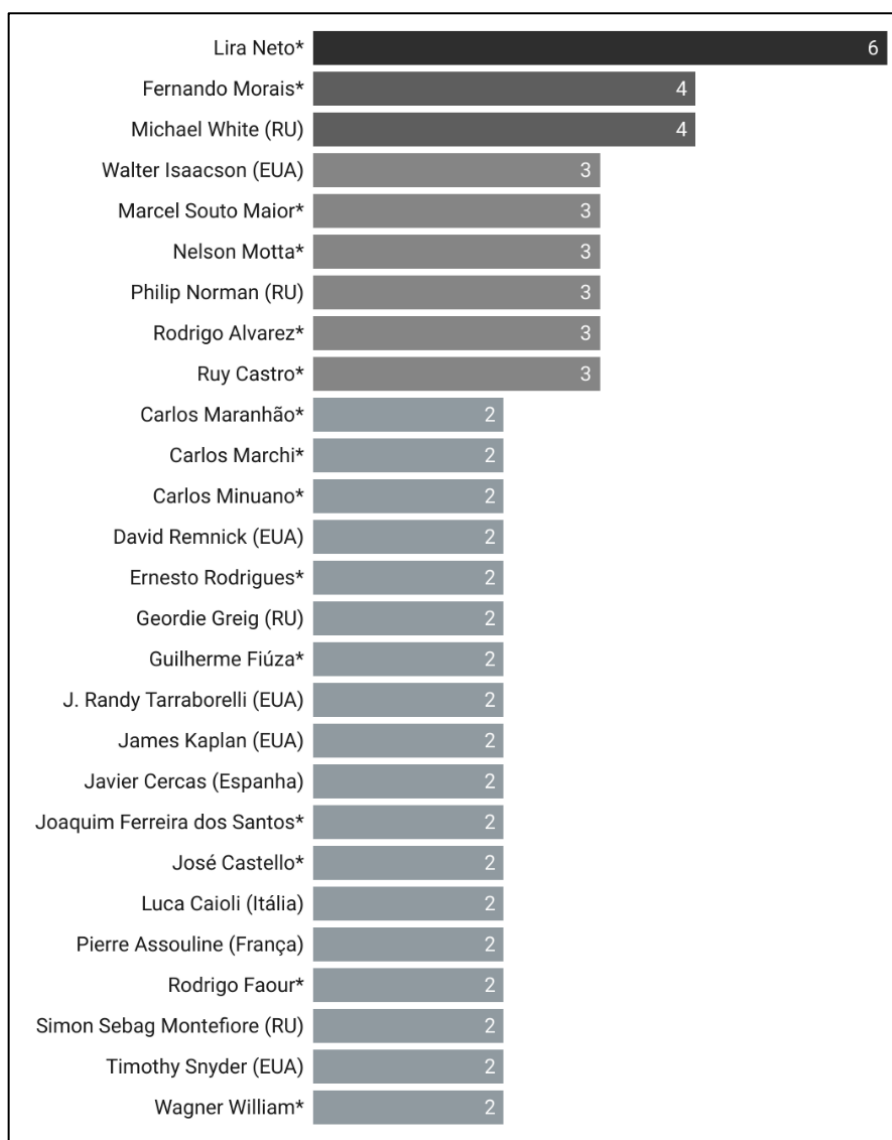
⁸ Versão original: “[r]icostruzione letteraria dele vicende dela vita di um personaggio”.

⁹ Versão original: “[...] que se limita a exponer la vida global de una persona determinada. Intenta el estudio de sus hechos particulares significativos mediante fuentes autenticamente depuradas a fin de lograr la reconstrucción del núcleo de la persona enlazado ya con su mundo respectivo y que da origen dentro de las circunstancias externas al desarrollo circunstanciado y propio de cada vida”.

(12), Itália (11), Espanha (07), Austrália (06), Áustria (05) e, em décimo, empatados com quatro, cada, Argentina, China, Rússia e Uruguai.

Essa pluralidade de países, em especial, aqueles quando os biógrafos são provenientes dos Estados Unidos e o Reino Unido, também indica uma adesão das editoras brasileiras em traduzir obras a respeito de personalidades de língua estrangeira cujos legados, de alguma forma, repercutem no país. Para saber quem são os autores com mais obras biográficas lançadas no Brasil, considerou-se *biógrafos* os que possuíam, pelo menos, duas publicações no gênero. Assim, chegou-se ao número de 60 autores. Porém, por ser esta tese um trabalho realizado junto a um Programa de Pós-Graduação em Comunicação, decidiu-se limitar a autoria somente aos jornalistas, conforme apresentado a seguir, no Gráfico 22. Diante disso, surgiu uma nova lista com 27 jornalistas autores, sendo doze (44%) estrangeiros (cinco estadunidenses, quatro britânicos, um espanhol, um italiano e um francês). Detalhe: nenhuma mulher:

Gráfico 22 - Quem são os jornalistas que mais escreveram biografias no Brasil (1990-2020)



Fonte: O autor

Nota: Arte de Matheus Gastaldon

Para diferenciar e facilitar a compreensão, os brasileiros foram identificados pelo nome, sucedido por um asterisco (*). Contudo, é importante esclarecer algumas questões: Fernando Morais possui mais que quatro biografias assinadas; contudo, o levantamento nas editoras não contemplou *O Mago: A incrível história de Paulo Coelho* (Planeta, 2008; Companhia das Letras, 2015), pois o título não aparecia no catálogo virtual. Semelhante caso ocorreu com Ernesto Rodrigues, que escreveu *Jogo duro: A história de João Havelange* (Record, 2007) e *Zilda Arns: Uma biografia* (Rocco, 2018), mas que também publicou *Ayrton: O herói revelado* (Objetiva, 2004), obra essa não contabilizada, por não aparecer no catálogo da editora.

Exemplo parecido também aconteceu com Guilherme Fiúza, autor de *Meu nome não é Johnny* (Record, 2007) e *Giane: Vida, arte e luta* (Primeira Pessoa, 2012), que também pesquisou a vida do humorista Cláudio Besserman Vianna em *Bussunda: A vida do Casseta* (Objetiva, 2010). Outra situação análoga é a de Rodrigo Faour. Autor de *Dolores Duran: A noite e as canções de uma mulher fascinante* (Record, 2012) e *Angela Maria: A eterna cantora do Brasil* (Record, 2015), Faour já havia lançado *Bastidores: Cauby Peixoto, 50 anos da voz e do mito* (Record, 2001). Porém, as biografias tanto a respeito de Bussunda quanto a de Cauby não se encontram mais no catálogo virtual das editoras. Wagner William também se soma à lista, com a ausência de *Olho no lance: Silvio Luiz* (BestSeller, 2002), antes de lançar, pela editora Record, *O soldado absoluto: Uma biografia do Marechal Henrique Lott* (2005) e *Uma mulher vestida de silêncio: A biografia de Maria Thereza Goulart* (2019).

Ademais, Regina Echeverria, por exemplo, possui 11 biografias editadas em mais de uma editora; porém, para o presente levantamento, considerou-se somente a biografia *Quem me levará sou eu*, sobre o cantor e compositor Raimundo Fagner, pois a Ediouro está listada entre as dez editoras que mais publicam biografias no Brasil. Em futuras investigações, o cenário poderá ser outro, com mais mulheres – e brasileiras – já que Adriana Negreiros prepara uma biografia a respeito de Dercy Gonçalves, e Karla Monteiro, o primeiro de dois volumes sobre Leonel Brizola.

Dos nomes apresentados no Gráfico 22, além do cearense Lira Neto, dois se destacam: Fernando Moraes e Ruy Castro, considerados por Mario Magalhães como a dupla “Pelé e Garrincha”¹⁰ da biografia (Magalhães, 2015 *apud* Vieira, 2015). Fernando e Ruy se tornaram grifes, sinônimos de qualidade no quesito biografia, uma espécie de referência do ofício no Brasil. Inclusive, *O anjo pornográfico* e *Chatô* serviram de inspiração para muitas das mulheres jornalistas entrevistadas para esta tese, como Adriana Negreiros, Evanize Sydow, Janaína Marquesini, Karla Monteiro, Luciana Hidalgo e Maria Dolores Duarte. Além de terem publicado dois livros sobre jornalistas durante os anos 1990, quando muitas delas estavam na universidade, ambos foram os grandes responsáveis em modernizar o gênero no país (Neto, 2022).

Ao tentar entender quais seriam as funções do autor, para o francês Michel Foucault (2006), essa noção constituir-se-ia como um dos momentos mais importantes do processo de individualização, ao longo da história das ideias e do conhecimento:

¹⁰ Analogia de Mario Magalhães citada em entrevista exclusiva para a pesquisadora Karine Moura Vieira, no dia 26/01/2013 (Vieira, 2015, p. 101, p. 130, p. 184).

Em suma, o nome de autor serve para caracterizar um certo modo de ser do discurso: para um discurso, ter um nome de autor, o facto de se poder dizer *isto foi escrito por fulano* ou *tal indivíduo é o autor*, indica que esse discurso não é um discurso quotidiano, indiferente, um discurso flutuante e passageiro, imediatamente consumível, mas que se trata de um discurso que deve ser recebido de certa maneira e que deve, numa determinada cultura, receber um certo estatuto (Foucault, 2006, p. 45).

Cabe aqui mencionar que, embora tenha havido uma popularização do gênero biográfico entre os jornalistas, durante os anos 1990, com publicações de autores como Ana Arruda Callado (*Dona Maria José: Retrato de uma cidadã brasileira*, 1995, com Denilde Leitão; *Jenny: Amazona, Valquíria e Vitória-Régia*, 1996; *Adalgisa Nery: Muita amada e muito só*, 1999); Fernando Morais (*Chatô: O rei do Brasil*, 1994); Humberto Werneck (*O desatino da rapaziada: Jornalistas e escritores em Minas Gerais*, 1992); João Máximo (*Noel Rosa: Uma biografia*, 1990, com Carlos Didier); Jorge Caldeira (*Mauá: Empresário do Império*, 1995); José Castello (*Na cobertura de Rubem Braga*, 1996); José Louzeiro (*Elza Soares: Cantando para não enlouquecer*, 1997); José Maria Cançado (*Os sapatos de Orfeu: A biografia de Drummond*, 1993); Judith Lieblich Patarra (*Iara: Reportagem biográfica*, 1992); Lira Neto (*O poder e a peste: A vida de Rodolfo Teófilo*, 1999); Luciana Hidalgo (*Arthur Bispo do Rosario: O senhor do labirinto*, 1996); Marcel Souto Maior (*As vidas de Chico Xavier*, 1994); Regina Echeverria (*Cazuza: Só as mães são felizes*, 1997) e Ruy Castro (*O anjo pornográfico: A vida de Nelson Rodrigues*, 1992; *Estrela solitária: Um brasileiro chamado Garrincha*, 1996), é importante registrar que, na década anterior, nomes como o carioca Alberto Dines e a paulistana Regina Echeverria foram pioneiros nessa transição da escrita jornalística para o suporte editorial. Dines, que liderou a segunda reforma gráfica do *Jornal do Brasil*, na década de 1960, foi autor de alguns livros de referência didática, como *O papel do jornal* (Summus, 1986) e *A imprensa em questão* (Unicamp, 1997), além de criador do portal Observatório da Imprensa. Escreveu algumas biografias como *O baú de Abravanel* (Companhia das Letras, 1990) e *Vínculos do fogo* (Companhia das Letras, 1992). Mas foi com *Morte no paraíso: A tragédia de Stefan Zweig* (Nova Fronteira, 1981), sobre a vida do escritor austríaco falecido no Brasil, que a narrativa da biografia se tornaria diferenciada:

No fundo, eu sentia que meu biografismo estava muito mais próximo do Jornalismo do que do *classicismo biográfico* dos acadêmicos que conheci. Há uma coisa que digo com segurança: fui o primeiro. *Morte no paraíso* é o primeiro livro de uma rica safra de biografias escritas por jornalistas. Fernando Morais, Ruy Castro, Jorge Caldeira e outros emergiram pelo menos uma

década depois de mim. Disso, aliás, me gabo (Dines, 2008 *apud* Vilas-Boas, 2008, p. 35-36)¹¹.

Mas por que essa obra biográfica é tão diferenciada a ponto de contribuir para o desenvolvimento de futuros jornalistas a se dedicarem ao ofício? Uma das respostas está na tese defendida pela pesquisadora Karine Moura Vieira (2015), que teve a oportunidade de entrevistar o próprio Dines. Para iniciar a empreitada sobre Zweig, o jornalista foi procurar orientações com Antônio Houaiss. Durante a conversa, confessou ao filólogo: “[...] eu nunca fiz uma biografia, eu já li muita biografia, mas nunca fiz. Eu queria que você me ensinasse o segredo. E ele começou a falar das biografias que ele leu e que achou importante. Mas em algum momento, ele falou assim, *o Dines, você é um jornalista, seja jornalista*” (Dines, 2015 *apud* Vieira, 2015, p. 127)¹². Ao unir as técnicas jornalísticas – apuração, pesquisa, entrevista – em um novo e mais amplo espaço de reportagem, a experiência profissional, também como autor de livros-reportagem, tornou possível um novo meio para publicar investigações mais aprofundadas, sem prazos ou definição de laudas: “E isso me deu, me abriu, digamos, uma metodologia muito mais livre, descompromissada, porque o repórter... cada reportagem é uma reportagem diferente da anterior. Essa noção foi muito importante para mim, e eu acho que isso deu uma certa palpitação ao meu livro” (Dines, 2015 *apud* Vieira, 2015, p. 127)¹³. Uma grande reportagem, publicada em livro, em um novo suporte, tornou-o um novo nicho, constituído como “[...] um lugar de fala e de expressão jornalística” (Vieira, 2015, p. 80). Uma fase diferente que, a partir da obra de Dines, segundo Vieira (2015, p. 127), constituiu-se em “[...] um novo momento do biografismo brasileiro”. Na própria introdução de *Morte no paraíso: A tragédia de Stefan Zweig*, o jornalista biógrafo antecipou que a intenção da biografia não era dignificar ou inocentar o protagonista:

Abdico, desde já, da disposição de glorificá-lo ou desmitificá-lo, opção rigorosa e *partisan*, resultante das competições esportivas que, aliás, tanto incomodavam Zweig. A febril idolatria, hoje convertida em obsessão – fabricação incessante de Bezerros de Ouro de segunda mão substituindo fontes primárias de saber -, não serve para tratar a variedade da alma humana. Por outro lado, não convém perfumar o passado em tons pastéis e intocáveis só porque já passou e não dói mais (Dines, 1981, p. 29-30).

¹¹ Trecho da entrevista do jornalista Alberto Dines concedida exclusivamente ao pesquisador Sergio Vilas-Boas (2008).

¹² Trecho da entrevista do jornalista Alberto Dines concedida exclusivamente à pesquisadora Karine Moura Vieira (2015), no dia 12/10/2013.

¹³ Trecho da entrevista do jornalista Alberto Dines concedida exclusivamente à pesquisadora Karine Moura Vieira (2015), no dia 12/10/2013.

Se Dines buscou aconselhamento junto a Houaiss, Fernando Morais e Ruy Castro fizeram o mesmo com o autor de *Morte no paraíso* (Vieira, 2015). A propósito, a escolha de Dines, por Zweig, foi motivada mais pela revisitação ao passado do que pela literatura legada pelo biógrafo austríaco: “Tudo que eu li e vivi podia ser reavivado tendo Zweig como uma espécie de alavanca. A partir de meu personagem central, eu poderia contar um mundo de histórias que me dizem respeito” (Dines, 2008 *apud* Vilas-Boas, 2008, p. 38)¹⁴.

Ao mesmo tempo em que alguns biógrafos desejam escrever sobre um tema específico e, por isso, optam por biografados que sirvam de fio condutor para a história que desejam investigar, outros escrevem sob encomenda. Há, ainda, aqueles que escolhem o protagonista por identificação. Ruy Castro (2022, p. 52), por exemplo, em *A vida por escrito*, revela uma de suas razões: “As pessoas me perguntam: *Por que todos os seus livros se passam no Rio?*. Respondo: *Pelo mesmo motivo por que os de Balzac se passam em Paris, os de Jorge Amado na Bahia [...]* – porque eles preferem lidar com cenários que conheciam bem”.

Já a paulista Regina Echeverria se tornou biógrafa pela facilidade que tinha em escrever grandes perfis, tipo de texto mais intimista, que revela nuances, tanto físicas, quanto psicológicas da personagem, evidencia suas preocupações, descreve trejeitos, enfim, revela o ser humano sob a luz de diversas cores (Lima, 2009). Ao se especializar nesse tipo de narrativa biográfica, Regina encontrou, no livro, uma oportunidade paralela à redação de jornal: “*Então, o que um livro virou para mim? Um lugar onde eu não tinha um espaço fixo. Quantas linhas eu tenho pra escrever?, não, eu podia escrever o que eu quisesse, quanto eu quisesse me alongar, ser a dona do meu trabalho, isso foi muito importante pra mim*” (Echeverria, 2023), afirmou Regina, que participou como jurada da categoria “Biografia”, nas edições 58 e 60 do prêmio Jabuti de Literatura, em 2016 e 2018. O *Furacão Elis* (Nordica, 1985; Globo, 1994; Globo, 2002; Ediouro, 2006; Leya, 2012), título sugerido pelo ex-marido de Regina, o também jornalista Hamilton Almeida Filho, surgiu por meio de um texto de perfil. Durante a sua passagem pelo *Jornal da Tarde*, quando estava na editoria de “Variedades”, Regina foi escalada para cobrir o *show* de Elis Regina, chamado *Falso brilhante*. Era dezembro de 1975, e em comum com a cantora gaúcha, havia o mesmo psicanalista, Roberto Freire:

Depois da pauta, eu comecei a ser assídua, ia várias vezes falar com ela. Aí ficamos amigas, e ela me chamou pra fazer uma biografia. Eu escrevi essa biografia porque ela me chamou pra fazer. Mas eu tinha 30 e poucos anos, ela também, ela era mais velha que eu, eu sou de 1951, ela é de 1945 ou 1946,

¹⁴ Trecho da entrevista do jornalista Alberto Dines concedida exclusivamente ao pesquisador Sergio Vilas-Boas (2008).

*já não sei mais. Data não é comigo*¹⁵... *E eu falava*: Não, Elis, você é muito nova, eu também, não sei fazer isso, vamos dar um tempo. *Mas quem iria imaginar? A Elis só me falou na época, eu achei legal porque ela era uma pessoa da frente, do futuro* (Echeverria, 2023).

Mais de 100 entrevistas depois, a biografia foi finalizada. Por ser o primeiro livro e por ter sido relançado várias vezes nessas quase quatro décadas, *Furacão Elis* é a biografia mais vendida do catálogo de Regina. Inclusive, com tradução no Japão (Tokyo Shoseki, 2002). Ademais, é possível refletir sobre essas escritas biográficas sob um outro aspecto: a adaptação das biografias para o meio audiovisual. Processo sofrido a partir dos anos 2000, muitas obras alcançaram o grande público depois de terem sido transformadas em filmes ou minisséries, como ocorreu com as trajetórias de Cazuza¹⁶, Chico Xavier¹⁷, Maysa¹⁸ ou Tim Maia¹⁹. Em alguns casos, o lançamento, no cinema, faz com que o mercado editorial ganhe mais força graças à *indústria cultural* (Adorno; Horkheimer, 1985): “Ou seja, o cinema, mais que as biografias de papel, em razão de sua natureza formativa na contemporânea civilização da imagem, contribui enormemente para perpetuar e difundir a ilusão biográfica” (Markendorf, 2013, p. 23). Basta haver uma adaptação ou uma efeméride da publicação, que as editoras republicam a obra com uma capa especial, de acordo com a data:

Fernando Morais é um dos que mais tiveram a chance de ver suas obras serem transpostas para a tela grande. A mais cara, com chancela da Globo Filmes, em 2004, foi *Olga*, dirigida por Jayme Monjardim e com Camila Morgado no papel principal. O filme atingiu a marca de 3,5 milhões de espectadores. Outra versão cinematográfica envolvendo a obra desse autor, *Corações sujos*, dirigida por Vicente Amorim e lançada em 2011, não obteve tanta projeção. Entretanto, a transposição mais polêmica foi a de *Chatô, o rei do Brasil*. O ator Guilherme Fontes se propôs a adaptar a obra em 1995, mas o filme só foi lançado, com certo sucesso de crítica, em 2015 (Maciel, 2018, p. 132-133).

¹⁵ Elis Regina nasceu em março de 1945 e faleceu em janeiro de 1982. A primeira edição do livro *Furacão Elis* data de 1985.

¹⁶ O roteiro do filme foi baseado no livro *Só as mães são felizes*. Dirigido por Sandra Werneck e Walter Carvalho, a cinebiografia foi lançada no dia 11 de junho de 2004 e protagonizado pelo ator Daniel de Oliveira, além de Marieta Severo, como Lucinha Araújo. Disponível em: <https://globofilmes.globo.com/filmografia/biografia/filme/cazuzaotemponaopara.ghtml>. Acessado em 11 jul. 2023.

¹⁷ Lançado em 02 de abril de 2010, o longa foi dirigido por Daniel Filho e trazia os atores Matheus Costa, Ângelo Antônio e Nelson Xavier, no papel do médium. Disponível em: <https://globofilmes.globo.com/filmografia/biografia/filme/chicoxavier.ghtml>. Acesso em 11 jul. 2023.

¹⁸ Protagonizado pela atriz Larissa Maciel, o filme foi dirigido por Jayme Monjardim e se encontra disponível na plataforma de vídeos Globoplay, através do link: <https://globoplay.globo.com/maysa-quando-fala-o-coracao-o-filme/t/YHYvMBMNfm/>. Acesso em 11 jul. 2023.

¹⁹ Filme inspirado na obra homônima de Nelson Motta, estreada em 30 de outubro de 2014; dirigida por Mauro Lima, a cinebiografia era estrelada pelos atores Robson Nunes e Babu Santana, como Tim Maia. Disponível em: <https://globofilmes.globo.com/filmografia/biografia/filme/timmaia.ghtml>. Acesso em 11 jul. 2023.

O filme *Elis*²⁰, lançado em 2016, segundo Regina Echeverria, não foi inspirado na obra, embora acredite que o livro *tenha sido devorado*²¹ pelos atores (Echeverria, 2023). Além de *O tempo não para*, Regina possui outro livro transformado em filme: *Gonzaguinha e Gonzagão: Uma história brasileira* (Ediouro, 2006; Leya, 2012) virou *Gonzaga: De pai pra filho*²²: “Eu gosto muito, acho muito bom o filme. Acho que tem muito do meu livro. Tem coisas que eu falo: Cara, como eu pensei isso e agora eu estou vendo isso aqui” (Echeverria, 2023).

Entre as adaptações cinematográficas dos livros das mulheres jornalistas que fazem parte do presente trabalho, destacam-se ainda *O senhor dos labirintos* (2012), dirigido por Geraldo Motta Filho, baseado na obra biográfica sobre Arthur Bispo do Rosario, assinado por Luciana Hidalgo; *Maria Bonita: Sexo, violência e mulheres no cangaço* (Objetiva, 2018), de Adriana Negreiros, que servirá de inspiração para a série produzida pela Paranoide, com direção de Sérgio Machado e anunciada pela plataforma Star + (Negreiros, 2023); além de *Os dois mundos de Isabel* (Intrínseca, 2020), mais um livro de Daniela Arbex a ser transformado em série, pela Globoplay. As outras duas obras foram os livros-reportagem *Holocausto brasileiro* (Geração, 2013; Intrínseca, 2019) e *Todo dia a mesma noite* (Intrínseca, 2018), que resultaram nos dramas *Colônia* (Globoplay, 2021) e *Todo dia a mesma noite* (Netflix, 2023), respectivamente.

O Brasil carece de um centro de estudos jornalísticos voltado ao campo da biografia e do livro-reportagem: o mais próximo a que se chegou foi a criação da Associação Brasileira de Jornalismo Literário (ABJL), em 2005, entidade que ofertava a pós-graduação em Jornalismo Literário nas cidades de São Paulo (SP) e Curitiba (PR). A Universidade Paulista (UNIP)²³, também em São Paulo, oferecia um curso de curta duração intitulado “Jornalismo literário e a produção de livro reportagem”. Semelhante capacitação ocorreu em duas sedes da Pontifícia Universidade Católica (PUC): em Campinas (SP), com o curso de extensão “Jornalismo

²⁰ Andréia Horta dá vida à cantora Elis Regina em filme dirigido por Hugo Prata e lançado em 24 de novembro de 2016. Disponível completo na plataforma de vídeos *Youtube* por meio do link: https://www.youtube.com/watch?v=ryK10G_4Ifc. Acesso em 11 jul. 2023.

²¹ Ilação da entrevistada durante o depoimento concedido, exclusivamente, ao autor desta presente tese.

²² Com direção de Breno Silveira, a cinebiografia chegou aos cinemas no dia 26 de outubro de 2012, ano do centenário de nascimento do “Rei do baião”. Foi protagonizada pelos atores Land Vieira, Chambinho do Acordeon e Adeliô Lima no papel de Luiz Gonzaga e Alison Santos, Giancarlo di Tomazzio e Júlio Andrade interpretando Gonzaguinha. Disponível em: <https://globofilmes.globo.com/filmografia/biografia/filme/gonzagadepaiprafilho.ghtml>. Acesso em 11 jul. 2023.

²³ Disponível em: <https://www.posunip.com.br/curso-detalle/jornalismo-literario-e-producao-de-livro-reportagem/11516>. Acesso em 02 set. 2023.

literário: Perfis, biografias e narrativas de viagem”²⁴ e em Goiânia (GO), no curso de imersão “Jornalismo literário: Escrita criativa e narrativas transformadoras”²⁵.

A produção e vendagem dos livros no segmento das histórias de vida, fez com que mais cursos e oficinas suscitassem iniciativas. Em São Paulo, por exemplo, a Universidade do Livro, que integra a Fundação Editora da UNESP, promoveu *workshops* e palestras a respeito da indústria livreira. Diante do fenômeno biográfico, já conteve em seu catálogo o curso “Obras em domínio público; as biografias; utilização de conteúdos digitais” em agosto de 2015. Ainda na capital paulistana, o Instituto Vera Cruz²⁶ oferece uma pós-graduação em Formação de Escritores onde um dos núcleos de estudo é a Não Ficção Literária.

Diante do sucesso de seus livros, Ruy Castro e Fernando Morais foram pioneiros em promover cursos sobre o ofício do biógrafo. Outros jornalistas autores, inclusive os premiados no Jabuti, na categoria “Biografia”, também revelaram os meandros do biografar. Durante a pandemia, por exemplo, Mario Magalhães, vencedor do Jabuti em 2013, lançou o curso “De Marighella a Lacerda: A arte e os segredos da biografia” pela plataforma Bora Saber?; Josélia Aguiar, premiada no Jabuti de 2019, revelou os bastidores do ofício através dos cursos “Literatura e Jornalismo”, “Escrever vidas”, “Biografia: A arte de contar a vida dos outros” ministrados por meio do espaço Escrevedeira. Lira Neto, ganhador de dois Jabutis, em 2007 e 2014, antes de lançar o livro *A arte da biografia: Como escrever histórias de vida*, em dezembro de 2022, realizou cursos em formato *online* e presencial, em Portugal. Em maio de 2023, Karla Monteiro compartilhou os desafios em biografar Samuel Wainer e Leonel Brizola, no curso *online* intitulado “Biografia: Da escolha do personagem à edição do livro”, em parceria com a editora Companhia das Letras.

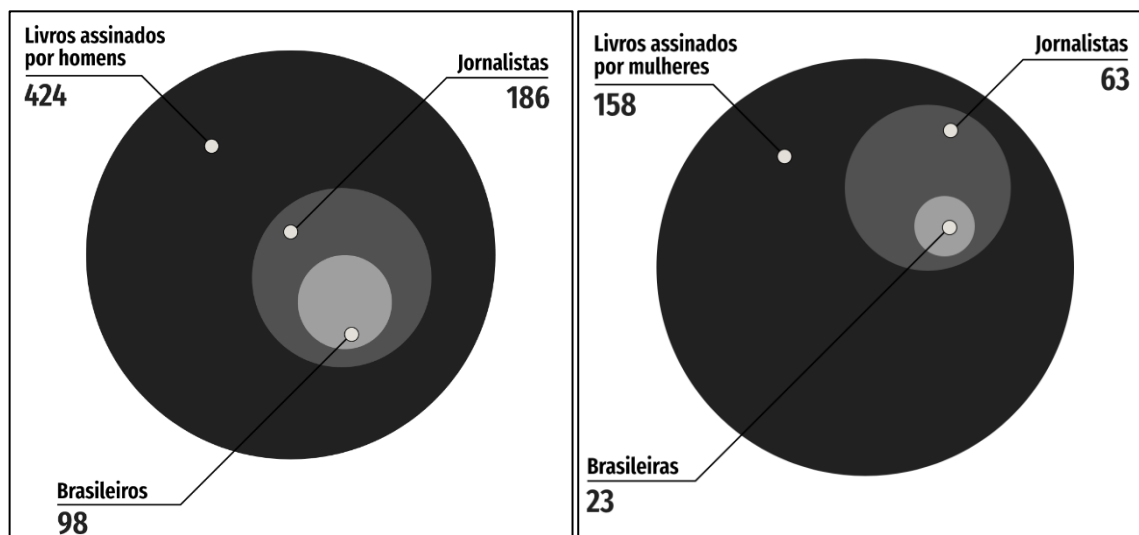
As reflexões debatidas até o momento levam à conclusão de que existe um nicho delimitado de produção traduzido em fenômeno biográfico junto ao suporte editorial. Pode-se notar no Gráfico 23, a seguir, que pouco menos da metade dos livros publicados por homens (43,86%) ou mulheres (39,87%) são escritos por jornalistas. Conforme o mesmo gráfico, a presença masculina entre os autores jornalísticos foi preponderante no segmento biográfico dos últimos 30 anos (1990-2020). Outro dado importante para a interpretação diz respeito ao quesito nacionalidade: mais da metade dos homens jornalistas biógrafos (52,68%) são brasileiros, ao passo que apenas 36% das mulheres jornalistas biógrafas também são nascidas no Brasil.

²⁴ Disponível em: <https://www.puc-campinas.edu.br/puc-campinas-oferece-curso-de-jornalismo-literario/>. Acesso em 02 set. 2023.

²⁵ Disponível em: <https://sites.pucgoias.edu.br/extensao/cursosdeextensao/cursos-de-extensao-abertos/curso-de-imersao-em-jornalismo-literario-escrita-criativa-e-narrativas-transformadoras/>. Acesso em 02 set. 2023.

²⁶ Disponível em: <https://site.veracruz.edu.br/instituto/formacao-de-escritores/>. Acesso em 16 mai. 2023.

Gráfico 23 - Proporção da presença de homens jornalistas biógrafos e mulheres jornalistas biógrafas no Brasil (1990-2020)



Fonte: O autor

Nota: Arte de Matheus Gastaldon

Por fim, do total dos 121 jornalistas biógrafos brasileiros, somente 23 eram mulheres, de acordo com o levantamento realizado pelo autor, a partir dos catálogos virtuais das dez editoras que mais produzem biografias no país. Para esta tese, 15 delas retornaram o convite para participar da investigação da presente tese de doutorado. São elas: Adriana Negreiros; Alicia Klein; Clarisse Meireles; Consuelo Dieguez; Cristiane Correa; Daniela Arbex; Evanize Sydow; Janaína Marquesini; Karla Monteiro; Leneide Duarte-Plon; Luana Costa; Luciana Hidalgo; Maria Dolores Duarte, Raquel Munhoz e Regina Echeverria que, ao longo do primeiro semestre de 2023, aceitaram ser entrevistadas de maneira virtual, através dos suportes Google Meet e Microsoft Teams.

A seguir, será abordada a sua contribuição para a história do Jornalismo e do biografismo brasileiro a partir dos três eixos propostos para análise: *Aspectos biográficos* (6.2), com particularidades da educação, hábitos de leitura e decisão pela faculdade de Jornalismo; *Ambiente jornalístico* (6.3), tópico onde se retrata a trajetória delas juntos aos desafios da mulher jornalista e *Vivência autoral* (6.4), sobre as metodologias de investigação e a relação entre autora e editora.

6.2 Aspectos biográficos

Todas 15 mulheres jornalistas entrevistadas para esta tese são provenientes da região Sudeste do Brasil. Sete delas (Adriana Negreiros, Alicia Klein, Cristiane Correa, Evanize

Sydow, Luana Costa, Raquel Munhoz e Regina Echeverria) nasceram no estado de São Paulo; quatro são procedentes de Minas Gerais (Daniela Arbex, Janaína Marquesini, Karla Monteiro e Maria Dolores Duarte) e outras duas (Consuelo Dieguez e Luciana Hidalgo), naturais do estado fluminense, além de Leneide Duarte-Plon e Clarisse Meireles, que nasceram em Manaus (AM) e Paris (França), respectivamente, mas se criaram desde pequenas na cidade do Rio de Janeiro.

Assim como os biografados escolhidos por elas, todas as mulheres acima possuem histórias de vida diversas, com influências e formações culturais variadas. São cinco gerações distintas, unidas em comum pelo diploma em Jornalismo. É fato que as experiências em diferentes veículos – como as passagens de algumas delas pelo *Jornal do Brasil* ou em periódicos da editora Abril - moldaram as trajetórias e as transformaram, não apenas em repórteres, mas jornalistas biógrafas. Afinal, nas palavras de um conhecido de Cristiane Correa, uma biografia nada mais é que uma grande reportagem equivalente a “[...] *umas 20 matérias de capa*” (Correa, 2023).

Uma das primeiras características observadas nas entrevistas foi a presença de uma referência na educação dessas biógrafas enquanto ainda eram meninas. Geralmente, a mãe, a tia ou a avó. Em algumas ocasiões, mesmo sendo a única garota da família, não havia divisões de trabalho, fato que impediu a criação baseada em um sistema paternalista, focada na assistência ao homem.

Das 15 jornalistas entrevistadas, seis são as primogêniticas entre os irmãos. Cristiane Correa (São Paulo, 1970), por exemplo, cresceu com o irmão mais novo, Ricardo, no extremo da Zona Sul da capital paulista, no distrito chamado Pedreira, próximo à represa Billings. Filha de Domingos e Edinézia, um pai químico e de uma professora primária, Cristiane se acostumou a presenciar a mãe atuando fora de casa e, por isso, era normal dividir as tarefas domésticas quando criança. O compromisso de ajudar na arrumação da casa a tornou independente cedo: “*Desde muito pequena, eu fazia alguma coisa pra ganhar dinheiro. Na escola fazia bijuteria pra vender, fazia bolo e vendia no intervalo. [...] Aí eu comecei a fazer outras coisas, dava aula particular, nossa, eu fazia qualquer coisa pra me sentir independente*” (Correa, 2023).

Assim como Cristiane, Luana Corrêa Costa (São Bernardo do Campo, 1990) também não sentiu que houve diferença na sua criação ou do irmão, quanto ao aspecto de gênero: “*Então, eu acho que os meus pais [...] dividiam bastante as tarefas entre nós dois dentro de casa, não tinha aquela sobrecarga de, por eu ser mulher, eu ter que, sabe, ser mais dona de casa, enfim, não existia essa pressão. Até que eles souberam equilibrar bem*” (Costa, 2023). Nascida no ABC paulista, Luana é filha de um metalúrgico e de uma psicóloga. De acordo com

a entrevistada, mesmo tendo pais com tendências machistas, reflexo de uma criação que ainda repercute em muitos lares brasileiros, ambos foram e ainda são abertos a ouvir e aprender.

De ascendência árabe, a mineira Daniela Fernandes Arbex Soares (Juiz de Fora, 1973) presenciou atitudes machistas e conservadoras por parte do pai e da família dele. Segunda de três filhos de um casal comerciante, Daniela lembra que teve uma infância saudável e que gostava de se dedicar aos estudos. Nessa época, a mãe Sônia ainda não trabalhava fora, o que favoreceu o diálogo entre os filhos, transparente com qualquer assunto: *“Ela também não permitia que os tabus da família do meu pai interferissem na minha criação, mas a minha mãe lutou muito, hoje só que eu tenho essa noção, ela lutou bastante para que isso não interferisse”* (Arbex, 2023). A futura autora de *Holocausto brasileiro* admite que não havia separação das tarefas com os irmãos, especialmente, o mais velho: *“Aliás, hoje eu vejo que minha mãe, coitada, foi muito sobrecarregada. Fez muita coisa sozinha. E eu era muito estudiosa, então, eu tinha tempo para estudar, minha mãe nunca me cobrou: Cê faz isso, cê faz aquilo. Ela sempre me deixou livre para estudar”* (Arbex, 2023).

As gerações são diferentes, mas é interessante observar a intersecção que existe entre as criações, mesmo sendo provenientes de lugares ou épocas distintas. Caçula de nove irmãos, Leneide Duarte-Plon nasceu em Manaus, capital do Amazonas, em 1947, mas se criou no Rio de Janeiro do final dos anos 1950, então capital da República brasileira, sob influência de uma mãe com personalidade forte e independente, embora o pai fosse pastor presbiteriano: *“A minha formação foi toda completamente moderna, eu sou feminista desde que eu comecei a ler e entender a vida feminista engajada e minha mãe era feminista, apesar de trabalhar mais em casa, [...] mas nunca foi uma mulher submissa no sentido de Sim, senhor”* (Duarte-Plon, 2023).

A paulista Alicia Klein (São Paulo, 1983), trinta e seis anos mais nova que Leneide, é filha única do relacionamento dos pais, Marco Aurelio e Fátima, assim como outras duas jornalistas entrevistadas desta tese, as mineiras Karla Monteiro e Maria Dolores Duarte. Alicia relembra que a educação foi progressista, com muita liberdade e autonomia. Pelo pai, herdou a paixão pelo esporte; da mãe, o senso de independência, uma mulher que *“[...] comeu o pão que o diabo amassou, então, teve uma infância muito dura, uma adolescência também muito difícil, batalhou demais pra conseguir. Ela é a primeira pessoa da família a conseguir fazer faculdade, fazendo dois trabalhos ao mesmo tempo”* (Klein, 2023).

Por vezes, as referências de cuidado não se limitavam ao pai ou a mãe. A paulista Regina Lico Echeverria (São Paulo, 1951), por exemplo, conta que o pai a influenciou mais em sua vida, já que ele era imigrante espanhol, com experiência de vida na Europa e contava histórias da família proveniente de Zaragoza, no Nordeste da Espanha. Mas havia uma tia materna,

familiarmente chamada de *Mãe gorda*, que a ajudou muito: “*Eu tinha uma madrinha, a Angelina, que era irmã mais velha da minha mãe, que essa sim foi uma pessoa muito importante na minha vida. Me ajudou muito, me incentivava em tudo que eu queria fazer, era uma pessoa legal*” (Echeverria, 2023).

As tias também foram mulheres especiais para outra paulista, Raquel Carvalho Souza Munhoz (São Paulo, 1990). Fruto das políticas assistencialistas dos governos federais que administraram o Brasil a partir dos anos 2000, a futura jornalista sempre ajudou na economia doméstica: “*Eu comecei a trabalhar em festas, em buffets, com 14 anos de idade, pra tentar, minimamente, ajudar a sustentar dentro de casa. Minha mãe era dona de casa e, depois, meu pai já não tinha mais a oficina mecânica, [ele] ficava fazendo bicos e sempre tudo muito apertado*” (Munhoz, 2023). Nessas horas, as tias eram o suporte dela:

Fui criada num núcleo familiar muito aberto, não só dentro de casa, pai e mãe, irmã, mas muito apoio das minhas tias, que eu considero como segundas mães. São as três irmãs da minha mãe que deram sempre o suporte, de um incentivo a praticar um esporte, a fazer um curso, a incentivar a questão educacional. Ah, vai ter algum curso? Minha mãe falava: Ah, legal, a minha tia falava: Não, faz sim, se inscreve, tem que fazer. Então, eu tive essa base mais voltada a incentivos muito mais das minhas tias do que da minha mãe (Munhoz, 2023).

Para outras famílias, a educação era baseada em um modelo rígido e conservador. A paulista Adriana Negreiros Dantas (São Paulo, 1974) que o diga. Diferente da criação de Cristiane Correa e Luana Costa, por exemplo, Adriana vivenciou um cotidiano que reproduzia um padrão patriarcal, com tarefas pré-estabelecidas. Segundo ela, os outros dois irmãos não se preocupavam com as tarefas do cuidado e o pai, que se aposentou muito jovem por motivo de invalidez, na faixa dos 40 anos, não fazia o mínimo. Filha mais nova dentre cinco irmãos, foi cuidada pela mãe e por duas irmãs - a primeira com doze anos de diferença e a outra, oito anos a mais que Adriana:

Era uma reprodução de um modus operandi doméstico bem tradicional nos termos do patriarcado. Meu pai era muito machista, achava que essas tarefas de fato eram de responsabilidade das mulheres. Os homens, segundo ele, não tinham talento nem obrigação para isso. Mas pelo outro lado, havia um incentivo muito grande dele para que nós todos estudássemos muito e obtivéssemos independência financeira. Para nós, era uma busca diferente do que minha mãe teve com meu pai. Era um paradoxo: havia uns padrões de comportamento quanto aos trabalhos domésticos, mas havia um incentivo para que se prosperasse economicamente (Negreiros, 2023).

A prosperidade econômica, aliada à emancipação financeira, começa pelos estudos. O hábito pela leitura, por exemplo, é um dos principais acessos ao conhecimento. Segundo a mais recente pesquisa Retratos da Leitura no Brasil – 5ª edição²⁷ (2020), coordenada pelo Instituto Pró-Livro, com apoio da Associação Brasileira de Livros e Conteúdos Educacionais (ABRELIVROS), Câmara Brasileira do Livro (CBL) e Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL), 66% dos entrevistados não possuíram influência de alguém para o hábito de leitura. Por outro lado, algum docente, mãe, pai ou responsável de ambos os sexos continuam sendo os principais alicerces em apresentar o universo dos livros às crianças. Entre as 15 jornalistas que participaram da presente pesquisa, ao menos 12 tiveram o privilégio de contar com esse apoio externo. As outras três se interessaram sozinhas, através de bibliotecas públicas ou na própria escola.

No quesito livro, nota-se uma maior participação do pai em despertar o interesse das filhas pela leitura. Nas reminiscências de Leneide Duarte-Plon, o pai sempre carregava um jornal ou uma obra literária, ao contrário da mãe, que estava à volta dos filhos, fato que não a impediu de incentivar a prole a buscar conhecimento: *“Ela casou muito cedo, completou 15 anos no mês seguinte ao casamento. Era numa outra época. [...] E então ela teve sempre muito envolvida pela vida familiar, obviamente, ela teve menos oportunidades de ter uma vida independente nesse sentido cultural”* (Duarte-Plon, 2023).

Luciana Hidalgo Barros (Rio de Janeiro, 1965) e Adriana Negreiros também se lembram do pai ao redor de jornais e estantes de obras literárias. Para Luciana, como advogado, o pai escrevia bem e lia bastante, cerca de três livros por semana, entre ficções e autobiografias: *“Ele não era um leitor culto, que buscava autores um pouco mais complexos. Não. Mas também não lia só porcaria, não. Eu diria que era aquele leitor médio, sabe? Era mais romance, contos eu nunca vi, poesia também não”* (Hidalgo, 2023). Adriana, que tinha o pai afetado por uma distonia muscular paralisante - doença que, apesar de o deixar boa parte do tempo imobilizado, também oportunizou a leitura recorrente de jornais e revistas - cresceu em uma casa que tinha muitos livros. A mãe, segundo Adriana, lia menos, *“[...] mas gostava de uma literatura um pouco mais pobre. Fã do Sydney Sheldon, lia revistas que se vendiam em bancas”* (Negreiros, 2023). Foi em meio aos clássicos e populares, que Adriana despertou o interesse pela leitura.

Consuelo Dieguez, registrada Leonor Consuelo Sperotto Dieguez (Nova Friburgo, 1959) como homenagem à avó italiana e à avó espanhola, respectivamente, afirma que as primeiras histórias foram lidas pelo pai, Angel, antes de dormir. Uma, em especial: *O gigante*

²⁷ Disponível em: https://cbl.org.br/pesquisas_de_mercado_categoria/4-retratos-da-leitura-no-brasil/. Acesso em 12 jul. 2023.

*egoísta*²⁸, de Oscar Wilde. Também menciona os contos dos Irmãos Grimm, histórias mágicas de príncipe e princesa, além de uma coleção de clássicos que seu pai comprava, como *Aladim e a lâmpada maravilhosa*. Todavia, a avó paterna também tinha seus segredos: “*Olha, vovó Consuelo contava muita história, muita história que ela inventava, da Galícia, era conto de princesa, de fada, de não sei o quê, eu cresci com a cabeça povoada disso aí, dessas histórias, entendeu?*” (Dieguez, 2023). Mas as primeiras lembranças que Consuelo talvez tenha do Jornalismo são as leituras que o pai realizava após o almoço, “[...] *porque jornal chegava à tarde em Friburgo. [...] Depois do almoço era a leitura dele e a gente ficava lá ouvindo ele contar. Então, pra mim, jornal era, na época, o meio mais respeitado*” (Dieguez, 2023).

O pai de Regina Echeverria também lia bastante, exemplo que a influenciou a querer descobrir os livros. Mas a jornalista recorda de uma prima, Lena, que possuía a coleção completa de Machado de Assis. Ao folhear os contos e romances do escritor carioca, Regina aprendeu um dos truques fundamentais para quem está disposta a encarar o texto: escrever para que todo mundo entenda: “*Eu devorei aqueles livros dela porque eu ia lá e trocava. Uma hora era um, uma hora era outro. Então, eu digo sempre que aprendi a escrever com o Machado de Assis, escrever certo, corretamente; porém, sem pomposidade, sabe?*” (Echeverria, 2023).

Evanize Martins Sydow (São Paulo, 1972) possui na memória os momentos em que o pai a obrigava unir as letras e tentar pronunciar as palavras impressas na rua. Tudo que aparecia na frente era motivo de prática: bula de remédio, placas, anúncios. Para complementar, o pai pediu para que a irmã, Maria Regina, docente de Português, recomendasse excelentes professoras para as filhas: “*E sempre foi ela quem escolheu as salas que teriam as melhores professoras de Português. Então, eu e minha irmã, a gente [...] sempre estava com aquelas professoras das mais exigentes, as que mais puxavam por essa questão*” (Sydow, 2023).

Embora ninguém da família de Daniela Arbex tenha a apresentado ao mundo dos livros, foi no Colégio Academia, ainda na infância, que começou a gostar de escrever. Aos oito anos de idade, já havia conquistado o primeiro concurso de redação: “*E aí foi uma coisa tão marcante porque, naquela época, quando você ganhava a melhor redação, todo mundo tinha que escrever a sua redação, e isso aconteceu algumas vezes. Eu até me lembro da história, lembro da professora, então eu gostava muito*” (Arbex, 2023). Ao ser alfabetizada, Daniela pedia se a mãe poderia comprar livros e, à época, a obra que mais se recorda de ler todas as noites foi *A bota do bode*:

²⁸ Publicado originalmente em 1888.

Mas ninguém nunca leu para mim, diferente do meu filho que, desde pequenininho, eu contava histórias pra ele, lia com ele, entendeu? É muito diferente, é uma coisa muito estranha, que ninguém na minha família tenha me apresentado, talvez, pelo fato da minha mãe também não ter ensino superior e ter tido uma vida muito difícil na infância, de muitas privações. Esse hábito da leitura ela não tinha, nem o meu pai. Então, eu não sei como é que surgiu isso, eu sei que amava escrever, isso eu me lembro perfeitamente (Arbex, 2023).

Professoras de Língua Portuguesa também foram importantes na vida de Karla Monteiro Pimenta (Diamantina, 1970) e Cristiane Correa. A primeira era filha do casal Domingos e Neide. Esta foi professora de escola pública, onde lecionou no ensino secundário, mas também deu aulas na Escola Normal: *“Na minha casa, sempre teve biblioteca grande, sabe? Então, sempre li desde muito nova, gostava de leitura. Obviamente, quando fiquei adolescente, eu li menos, aquela fase que você se rebela. Mas retomei mais, quando comecei a universidade”* (Monteiro, 2023).

Cristiane também tinha uma mãe professora, dona Edinézia, que lecionava no ensino primário. Mas se recorda de uma docente na escola, em especial, que também marcou os seus anos letivos. Como os pais da pequena Cristiane não possuíam um dinheiro reservado para a compra de livros, era a professora Márcia quem os emprestava:

Nas férias, eu lia muita coisa. Eu chegava das férias, ela queria saber o que eu tinha gostado mais, o que tinha gostado menos. Acho que tive professores que me estimularam também a me desenvolver um pouco nessa questão, principalmente, de leitura, sabe? De achar que ler é um negócio divertido. Então, para mim, tinham férias que eu prometia ler mais livros do que o ano passado: Agora vou ler 15 livros, mas pô, eu não tinha dinheiro, então, essa minha professora me emprestava. Tudo isso foi me formando (Correa, 2023).

Tal qual a família de Cristiane, o lar de Raquel Munhoz também não reservava uma quantia do salário para a aquisição de livros. Mesmo assim, Raquel achava um jeito para conseguir se aproximar da leitura. Moradora próxima de uma biblioteca municipal, no bairro Vila Prudente, em São Paulo, o espaço serviu de refúgio diante dos problemas familiares, como o alcoolismo do pai: *“Minha mãe tinha aquelas coletâneas de ensino médio, A Moreninha, aquelas coleções enormes, minha mãe tinha aquilo, mas ela não falava: Ai, você tem que ler isso, seria importante, eu sabia que eu ia ter que ler um dia pra vestibular”* (Munhoz, 2023). Sem prateleiras com outros tipos de livros em casa, a solução era passar a tarde na biblioteca, onde era possível acessar outros gêneros literários, mais infanto-juvenis. Uma das obras que mais leu nesse período foi *Os miseráveis*, do francês Victor Hugo:

Eu ficava indignada com aquela questão de que existia uma elite, com pessoas com tanto, pessoas com pouco e era uma coisa que eu não tinha contato. Então, para mim, aquilo ali era uma ficção muito distante, eu não... porque a gente tinha pouco em casa, né? Vida muito simples, família muito simples e aí eu ficava deslumbrada com aquilo e eu falava: Nossa!, e eu viajava nas histórias. Então, quando eu lia, eu ficava imaginando o Jean Valjean²⁹, ficava imaginando tudo aquilo, ele ter sido preso por roubar pão (Munhoz, 2023).

Nascida em 1978, na capital Belo Horizonte (MG), Maria Dolores Pires do Reino Duarte é filha do casal Rodrigo e Cíntia; porém, após a separação dos pais, cresceu em Três Pontas, terra materna, ao sul do estado. Moradora de uma cidade pequena, Maria Dolores teve uma criação aberta, livre de controles. A aproximação com os livros ocorreu ao natural, ninguém incentivou ou cobrou responsabilidades junto à leitura, mesmo o pai tendo afinidade com as palavras. O que marcou a vida da futura biógrafa de Milton Nascimento, conterrâneo de Três Pontas, foram as férias que passava em BH com a família paterna. Junto ao pai, construíam histórias a partir dos desenhos dos gibis da *Turma da Mônica*: “*Eu lembro que a gente fez um livro que ficou lindo, ele desenhava uma página, eu outra, a gente ia construindo, que se chamava Joanhinha azul. Ele não me dava um livro para ler, Olha, toma um livro e lê. Mas ele sempre me estimulou a criar histórias*” (Duarte, 2023).

Os resultados do mesmo levantamento Retratos da Leitura no Brasil – 5ª edição (2020) também revelaram quais são os 15 autores de que os leitores mais gostam e quais os 15 mais conhecidos. Em ambas as listas, têm-se os mesmos nomes listados: o escritor de autoajuda Augusto Cury; o cartunista Maurício de Souza; os poetas Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles e Vinícius de Moraes; os romancistas Clarice Lispector, Jorge Amado, José de Alencar, Machado de Assis, Paulo Coelho e o escritor infantil Monteiro Lobato. Autores da doutrina espírita também foram mencionados, como Chico Xavier e Zíbia Gasparetto. Estrangeiras, apenas mulheres inglesas: a policialesca Agatha Christie e a escritora infanto-juvenil, J. K. Rowling. Em ambas as indagações iniciais, o autor de *Dom Casmurro* foi o primeiro mais lembrado, seguido pelo criador do Sítio do Picapau Amarelo.

Para a maioria das 15 entrevistadas desta tese, Machado de Assis e Monteiro Lobato também são referências de leitura. Mas o gosto literário não se resume apenas a eles. Enquanto menina, Maria Dolores Duarte - assim como Karla Monteiro e Luciana Hidalgo - gostava de apreciar obras que ainda não eram apropriadas à sua idade. Na casa da avó em Três Pontas havia muito livro, herdados do bisavô de Maria Dolores. Motivada pela própria curiosidade, a

²⁹ Protagonista da obra *Os miseráveis*.

pequena mexia nas capas para saber o que havia nas estantes. Aos nove anos escolheu *Iracema*, mas não entendeu a história. Continuou por José de Alencar e optou por *O Guarani* – uma escolha mais acertada, recordaria na entrevista. Depois, se empolgou com o mundo fantasioso criado por Monteiro Lobato, coleção completa que tinha na casa da avó. Adorava as histórias da personagem da boneca Emília, como *Emília no país da aritmética* e *Memórias da Emília*. Com 11 anos, pediu para que a mãe a inscrevesse no curso de datilografia. Durante três meses, com aulas diárias, Maria Dolores aprendeu a datilografar na máquina com os dez dedos, prática que a ajudaria anos depois, quando trabalhou na redação da editora Abril.

Ainda criança, Luciana Hidalgo lia os livros da Condessa de Ségur, autora russa do século XIX, radicada na França, e que havia escrito *As meninas exemplares* e *Sofia, A desastrada*. Maiorzinha, com 12 anos, já percorria a biblioteca do pai em busca de novidades. Entre eles, *Servidão humana*, do francês Somerset Maugham, e *Treblinka*, do também francês Jean François Steiner: “*E eu li como ficção porque eu não entendia que aquilo tinha acontecido, [...] enfim, [...] eu ainda não tinha nem ideia do que era o Nazismo aos 12 anos. Muito menos uma ditadura porque meus pais não eram politizados*” (Hidalgo, 2023). Aos 15, o interesse foi outro: *O apanhador no campo de centeio*, de J. D. Salinger e *A redoma de vidro*, da Sylvia Plath, romance autobiográfico em que a autora discorria sobre a adolescência, enredo com que Luciana se identificou, já que vivia aquele período da vida: “*Então, quando eu li a Sylvia Plath, eu vi que era uma protagonista feminina, que era raro em livros de homens. E quando não era raro, por exemplo, Machado de Assis escreveu sobre protagonista feminina, mas é do ponto de vista do homem*” (Hidalgo, 2023).

Quando criança, Karla Monteiro percorreu as histórias de Machado de Assis por influência da mãe, que o adorava. Teve a fase em que venerou Jorge Amado, lia tudo o que o autor baiano publicava. Mas se sentiu atraída também pelo enredo criado por Guimarães Rosa “*[...] porque como sou mineira, [...] tinha muita ligação com aqueles personagens que são da região onde eu nasci, então era muito parecido com as pessoas que eu convivia na infância*” (Monteiro, 2023). Outros conterrâneos entraram na lista dos livros lidos, como Carlos Drummond de Andrade e Fernando Sabino. Foi na adolescência que Karla também se aventurou pela leitura estrangeira, instigada pela geração *beat*:

Foi uma coisa que me influenciou muito na adolescência, sabe, Jack Kerouac, [Irwin Allen] Ginsberg, [William Seward] Burroughs, eu entrei muito por essa vertente, de ler esses escritores americanos dos anos 1950. Foi uma coisa que me influenciou muito, influenciou tanto que eu fui morar em San Francisco, quando eu me formei, sabe? Justamente por causa dos beatniks (Monteiro, 2023).

Guimarães Rosa foi o autor predileto para outra mineira, Janaína Marquesini Borges (Poços de Caldas, 1981), filha mais velha dentre três irmãos: “*Aqueles causos, as crônicas, aquela essência dos personagens do Guimarães Rosa era muito a essência dos meus tios, sabe? Das pessoas que eu conheci na minha infância, aquele jeitão, aquela coisa matuta, aquela coisa de sertanejo*” (Marquesini, 2023). Até os oito anos viveu na roça, em ambiente sem energia elétrica. Com essa idade, a família se mudou para a área urbana. Na cidade, as dificuldades aumentaram. A mãe, com problemas de saúde, e o pai, sem condições de bancar alguém que cuidasse dos filhos, escolheu Janaína para assumir a responsabilidade de cuidar dos dois irmãos mais novos:

Entrei na escola de forma tardia, não tive educação infantil nenhuma, não tive contato com nada. Nenhum processo de alfabetização, de socialização em escola, nada disso, eu entrei na escola na primeira série para já ser alfabetizada. E com uma carga doméstica enorme nas costas, em casa. E de uma família também muito humilde e muito ignorante, sabe? Com uma restrição...o meu pai estudou até a quarta série, minha mãe também. A questão educacional nunca foi uma coisa de que se falava em casa. Se falava sobre tudo, menos sobre educação, entendeu? Eles colocaram a gente na escola porque tinha que colocar, não sei. Mas eu não tinha ninguém na reunião da escola, não tinha ninguém me mandando estudar, não tinha nenhum livro dentro de casa (Marquesini, 2023).

Curioso notar que as lembranças da infância e adolescência são resgatadas por meio da trama dos textos ficcionais. Se Guimarães Rosa foi a ponte para o passado de Janaína Marquesini e Karla Monteiro, Erico Veríssimo teve o mesmo papel para com Consuelo Dieguez. Embora natural de Nova Friburgo (RJ), a família materna era oriunda do Rio Grande do Sul. A mãe, inclusive, havia nascido em Barão do Triunfo, mas cresceu na capital, Porto Alegre. Da família gaúcha, lembra do ambiente musical que ela proporcionava, bem como os momentos em que se sentavam para contar histórias. Quando Consuelo era adolescente, Erico e a dupla Ana Terra/Capitão Rodrigo – além de despertarem a paixão pela literatura – conectaram a memória afetiva da garota fluminense junto à família da região Sul: “*Bom, pra você ter uma ideia, quando eu comecei a ler O tempo e o vento, eu tinha 15 anos. [...] E aí ele [Rodrigo] chegava e comia linguiça com farofa. Eu comia, eu acho que passei o tempo que eu li aquele livro comendo linguiça com farofa*” (Dieguez, 2023).

Maria Dolores Duarte também adorava as leituras de Erico Veríssimo – seu livro preferido era *Olhai os lírios do campo*. Gostou ainda de *A mão e a luva*, de Machado de Assis, mas não se empolgou com José de Alencar. Assim como a série infanto-juvenil *Vagalume*, da

editora Ática, que, aliás, detestava. Antes de ingressar na faculdade, leu os dois volumes de *Os maias*, obra realista assinada pelo português Eça de Queiroz. Gostou tanto que repetiu a leitura.

Leneide Duarte-Plon, Regina Echeverria e Adriana Negreiros são fãs de Machado de Assis, mas nem só de Brás Cubas, Quincas Borba e Capitu são feitas as prateleiras de casa. Leneide, por exemplo, estudou francês no Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro – e, mais tarde, cursou o idioma durante dez anos na Aliança Francesa, onde se formou como professora -, e lá se aproximou de autores do século XIX, como Honoré de Balzac, Charles Baudelaire e Gustave Flaubert. Regina, por sua vez, afirma ser “[...] apaixonada pelo [Gabriel] García Márquez. Eu tenho uma adoração por esse homem, pelo jeito como ele era jornalista. Para nós, é muito bom. Se algum dia, na minha vida, eu conseguisse escrever daquele jeito, alguma coisa latino-americana...” (Echeverria, 2023). Influenciada pelos diferentes gêneros literários consumidos pelo pai e pela mãe, Adriana se aventurou tanto pelo russo Fiódor Dostoiévski - autor de *Memórias do subsolo* (1864), *Crime e castigo* (1866) e *Irmãos Karamazov* (1880) – quanto de obras mais populares “[...] como uma série *As brumas de Avalon*³⁰, *um Harry Potter da época, uma saga feminista que valorizava mais as heroínas em um contexto do rei Arthur*” (Negreiros, 2023). Mais adulta, aos 20 anos, pode renovar o repertório com autores que, para ela, ainda eram desconhecidos. À época, Adriana leu mais “[...] escritores porque era o que tinha mais à mão. De fato, tinha poucas mulheres, meu pai comprava essencialmente autores masculinos. À medida em que fui tendo mais liberdade de acessar bibliotecas, fui descobrindo mulheres, como a *Lygia Fagundes Telles*” (Negreiros, 2023).

Clarisse Duarte de Meireles (Paris, 1976) também se recorda de uma escritora que marcou bastante a infância: a gaúcha Lygia Bojunga, autora de *A bolsa amarela* (1976) e *A casa da madrinha* (1978): “Eu não lembro dos personagens, eu não lembro dos detalhes dos livros. Até pretendo reler com a minha sobrinha. Ou pelo menos, enfim, estimulá-la a ler esses livros. Porque, realmente, eles causaram um impacto que, até hoje, eu lembro com muito carinho” (Meireles, 2023). Filha de brasileiros, Clarisse acompanhou o irmão e os pais, em 1978, ao retornarem à terra natal. Aos quatro anos de idade, entra em cena a avó paterna, Iracema Meireles, professora e criadora de métodos de aprendizagem ainda utilizados em escolas do Brasil. Quando o irmão, dois anos mais velho, já estava em fase de alfabetização, Clarisse recorda que passava por perto e prestava atenção no que a avó ensinava. Como a menina estava interessada, a professora aproveitou a oportunidade e os alfabetizou juntos. Além de elaborar as cartilhas *A casinha feliz* e *É tempo de aprender*, Iracema também desenvolveu

³⁰ Escrita pela estadunidense Marion Zimmer Bradley.

histórias infantis, como as *Histórias da vovó Marieta*: “Então, ela contava pra gente e, certamente, isso influenciou na minha formação, no meu gosto pela leitura” (Maireles, 2023). Maiorzinha, Clarisse começaria a se aventurar na leitura dos jornais.

Aliás, ao menos quatro (Adriana Negreiros, Clarisse Maireles, Leneide Duarte-Plon e Raquel Munhoz) das 15 entrevistadas afirmaram que escolheram o curso de Jornalismo motivadas pelas leituras de jornais. O pai de Leneide tinha ideias que dialogavam com a esquerda brasileira e, para se informar, comprava três jornais diários: *Última Hora*, *Correio da Manhã*, além do *Jornal do Brasil*: “E a gente, como lia jornais, se interessava pela atualidade, pela política, eu me interessava por Jornalismo... foi uma escolha quase que natural em mim, não tinha na família nenhum jornalista, mas para mim era fascinante o mundo do Jornalismo” (Duarte-Plon, 2023).

Leneide deixou como herança à filha, Clarisse Maireles, essa mesma admiração pelo Jornalismo. Mas antes de se apegar ao jornal, tentou estudar Direito: “E aí não gostei, não me adaptei, não quis continuar e aí eu fui, eu troquei pra Comunicação. Foi numa faculdade que também não existe mais. É uma faculdade privada onde a minha mãe dava aula na época, inclusive” (Maireles, 2023). A instituição a que Clarisse faz referência se chamava Faculdade da Cidade, local em que Leneide lecionou por dez anos (1991 a 2001). Foi extinta pelo Ministério da Educação, em 2014. Nesse estabelecimento acadêmico, também se formou outra entrevistada, Luciana Hidalgo, como se verá adiante.

Na casa de Raquel Munhoz, não havia jornais ou revistas, mas na residência dos tios dela, sim. Como os parentes assinavam o *Agora São Paulo*³¹, os periódicos da semana se acumulavam na mesa central. Nos sábados ou domingos, quando a família se visitava, Raquel passava o dia sentada lendo esses jornais, além da *Folha de São Paulo*, que os tios adquiriam no fim de semana. À época, a *Folha* “[...] era um bloco, bem completo, e como são vários tios, cada um pegava ali um caderno, alguma coisa, e ia lendo, então, ficava uma roda, um monte de gente lendo em volta da mesa, eu achava aquilo muito legal” (Munhoz, 2023). Prestes a terminar o Ensino Médio, as amigas tinham decidido cursar Administração, mas Raquel sequer podia cogitar o ingresso em uma faculdade privada. Para isso, fez o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM)³² e, pela nota, conseguiu bolsa para escolher uma universidade. Optou pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), mesmo com algumas ressalvas:

³¹ Conhecido como *Agora*, o jornal surgiu em substituição à *Folha da Tarde*. Foi extinto em 2021, após 22 anos de publicação ininterrupta.

³² Criado em 1998, ainda no primeiro mandato de Fernando Henrique Cardoso, o ENEM possuía o intuito de avaliar o desempenho dos estudantes ao final do Ensino Médio – semelhante ao que ocorre com o Exame Nacional

Porque enquanto minhas colegas iam levar 30 minutos para se deslocar, eu ia levar, no mínimo, uma hora e meia porque ela fica em São Bernardo do Campo, ABC Paulista. Eu tinha que pegar ônibus, trem, se eu pegasse trem eu não ia ter dinheiro, então, tudo tinha que ser muito calculado. Mas, no fim, acabei escolhendo a Metodista e também entrei descobrindo tudo, porque eu nem sabia como era o ambiente acadêmico. Todas as possibilidades que existiam ali (Munhoz, 2023).

Como já mencionado, Adriana Negreiros tinha contato com os jornais que o pai lia e, por essa aproximação diária, gostava da linguagem do *hard news*: “*Eu sempre quis ser jornalista, nunca me ocorreu ser outra coisa, não tinha dúvidas. [...] Lembro que, quando eu era muito pequena, pensava que gostaria de ser, no futuro, uma escritora para escrever as coisas que acontecem na vida real*” (Negreiros, 2023). Mesmo tendo gostado dos jornalistas de televisão, o interesse por crônicas e o desejo de escrever histórias falou mais alto.

Janaína Marquesini, pelo contrário, garantiu que foi em uma reportagem televisiva que a ideia pelo curso de Jornalismo amadureceu. Em especial, a cobertura de guerra do Golfo Pérsico³³: “*Eu lembro que quando eu comecei a faculdade de Jornalismo, a primeira coisa que eu fui ver [...] foi um curso de cobertura de conflito armado, sabe? Não sei, fiquei com isso desde lá de trás*” (Marquesini, 2023). Mas antes de buscar uma faculdade, Janaína precisou se estabilizar e, para isso, passou por alguns empregos em Poços de Caldas - *office girl* e estagiária de informática em uma fábrica de alumínio, auxiliar em padaria e açougue – até se mudar para São Paulo, quando trabalhou em tudo que apareceu: “*Mas o Jornalismo veio de uma coisa que me chamou atenção na televisão e, depois, eu fui construindo isso na minha cabeça e foi ficando mais sério pra mim. Foi virando um objetivo, uma meta que me impulsionou a não parar de estudar pra trabalhar*” (Marquesini, 2023).

As fluminenses Consuelo Dieguez e Luciana Hidalgo declaram que a decisão pelo Jornalismo se deu pela vontade de escrever, associada ao desejo de ajudar as pessoas. Contudo, bem antes de aprender as técnicas de entrevista, Consuelo flertou com Serviço Social, curso em que foi aprovada na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), além de também ser admitida em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUCRJ), com o desejo de seguir carreira na Publicidade. Os rumos foram alterados na celebração do *réveillon* de 1977 para 1978, quando a prima Lídia, então acadêmica de Jornalismo na

de Desempenho dos Estudantes (ENADE) nos cursos de graduação. Foi somente em 2009, no segundo governo de Luiz Inácio Lula da Silva, que o exame se tornou uma prova nacional única com possibilidade de ingresso nas instituições federais.

³³ Conflito ocorrido no Oriente Médio, entre agosto de 1990 a fevereiro de 1991, quando os Estados Unidos declararam guerra ao Iraque, após o ditador Saddam Hussein invadir o território do Kuwait.

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), resolveu opinar, apoiada pelo tio, o pai de Consuelo: “*Eu me lembro que estava [...] na casa de uns amigos dos meus pais, lá em Friburgo. [...] Começou a discussão porque eu tinha que matricular na PUC ou na UERJ. E aí minha prima falou: De jeito nenhum, você tem que ser jornalista, olha o mundo que vai te abrir*” (Dieguez, 2023). Escolha acertada, Consuelo ingressou em 1978 na PUCRJ da qual saiu em dezembro de 1981.

Luciana Hidalgo é contemporânea de Consuelo, mas quase seis anos mais nova. Embora filha de pai advogado, nunca pensou em enveredar pelo Direito. Optou pelo Jornalismo a partir do desejo de escrever, já que era “[...] *a única coisa que existia, porque Letras, na época, era um negócio muito abstrato*” (Hidalgo, 2023). Ademais, outra razão foi o olhar para a desigualdade social, pois acreditava “[...] *que no Jornalismo eu podia, talvez, ajudar nos aspectos sociais, naquela coisa da defesa dos fracos e oprimidos, dos excluídos. Eu realmente achava isso*” (Hidalgo, 2023). Segundo Luciana, na Rio de Janeiro de meados dos anos 1980, só havia Jornalismo na UFRJ. A UERJ ainda não ofertava o curso e a Universidade Federal Fluminense (UFF) só tinha Cinema. Embora tenha sido aprovada em terceiro lugar na PUCRJ, escolheu a Faculdade da Cidade por duas razões, tanto sociais, quanto pragmáticas:

Uma era porque a minha irmã estudava Direito na PUC e eu achava que a PUC era uma continuidade do meu colégio do segundo grau, que eu não gostava, o colégio Andrews, que era tido como colégio, mas a coloração social era classe média alta. Mais direita, era um colégio de elite. E eu, até a oitava série, tinha estudado no Sacré-Coeur, que era um colégio religioso, [...] mas um colégio em Copacabana, de gente simples. O Andrews e a PUC tinham essa coisa elitista de que eu nunca gostei. A Faculdade da Cidade tinha acabado de abrir e ela também, como era nova, tinha uma ideia de coisas práticas. [...] Então, a ideia de uma coisa mais prática e com professores que vinham da CUP³⁴, que tinha sido um exemplo de universidade dos anos 70, de gente de esquerda. Tudo isso junto eu falei: Eu não vou pra PUC, eu vou pra Faculdade da Cidade (Hidalgo, 2023).

O pai de Luciana, mesmo não sendo contra a escolha dela, indicava caminhos alternativos sempre quando percebia a dificuldade da filha em encontrar algum estágio. Chegou, inclusive, a quase obrigá-la a fazer o concurso para técnico judiciário do Tribunal Regional Eleitoral (TRE), enquanto ela ainda estudava na Faculdade da Cidade: “*Eu fiz porque ele insistiu; eu fiz, passei, mas graças a Deus não passei bem, não fui chamada. [...] Ele era muito*

³⁴ Centro Unificado Profissional (CUP), criado em 1974. Era sediado no bairro carioca de Jacarepaguá, com atendimento a alunos da região metropolitana. Nos anos 1980, o estabelecimento foi dissolvido.

pessimista em relação ao meu futuro, veja só. E quando eu lancei o livro do [Artur] Bispo [do Rosario], tudo mudou [risos]” (Hidalgo, 2023).

A mineira Daniela Arbex também adorava escrever desde pequena e, por conhecer o trabalho social da entidade A Casa do Caminho, mantida pela médium Isabel Salomão de Campos, em Juiz de Fora (MG), percebeu que havia outras realidades a que ela ainda não havia sido apresentada: *“E aí você vai aprendendo, escutando tanta história, que isso realmente abriu um mundo para mim. [...] Tanto é que meu Jornalismo, hoje, é todo focado nisso, nessas invisibilidades, muito a questão do luto. [...] Isso é uma coisa que me marcou profundamente”* (Arbex, 2023). Além do gosto pela escrita, a Daniela adolescente tinha também a facilidade em se comunicar, mas não tinha a mínima ideia que esses atributos a fariam optar pelo Jornalismo. Aos 14 anos, em uma viagem, conheceu *“[...] uma pessoa que era muito interessante, um senhor até, ele tinha muita experiência de vida, de viagem, de histórias de vida, e aí eu fiquei a tarde inteira conversando com ele. Quando terminou esse encontro, eu falei: Cara, eu vou ser jornalista”* (Arbex, 2023).

Alicia Klein e Maria Dolores Duarte acompanharam a vivência das mães que, de certa maneira, colaboravam na imprensa. Mas ambas as entrevistadas juram que nunca receberam influências maternas. Cintia, mãe de Maria Dolores, foi uma (dentre três) profissionais que atuavam com fotografia em Três Pontas (MG), nos anos 1980. Registrou por quatro décadas quase tudo da cidade, desde artes, para a Prefeitura, e exposições artísticas, batizados e até alguns acontecimentos para os jornais *Correio Trespontano* ou *Estado de Minas*, na capital, como a chegada do governador à cidade, para a inauguração de obras públicas. Também montou uma produtora de filmes no estúdio que tinha, com o intuito de atender aos matrimônios. Maria Dolores acompanhava o evento, fazia a segunda câmera e até revelava as imagens no laboratório. Mas admite: houve zero influência da mãe, pois o que queria mesmo era escrever. Sequer cogitava a possibilidade de fazer algo relacionado à produção audiovisual: *“E sempre tinha vontade de trabalhar em revista, que eu poderia escrever texto mais longo. Eu não tinha vontade de trabalhar numa redação de jornal, do diário. Então, eu queria fazer esse tipo de texto [...] um pouco mais livre”* (Duarte, 2023).

Já a mãe de Alicia, Fátima, é jornalista por formação, mas também nunca estimulou a filha a também seguir os mesmos passos, principalmente, em virtude de ser uma profissão difícil, historicamente, com baixos salários. Diante disso, Alicia prestou o vestibular da FUVEST para Direito, com a intenção de ingressar na Universidade de São Paulo (USP). Não deu certo, mas conseguiu uma vaga na PUCSP. Ainda não era aquilo que imaginava fazer. Migrou para Letras, idem. Quando se certificou de que gostaria de se dedicar ao esporte,

resolveu tentar o Jornalismo. Afinal, “[...] *sempre tive uma veia de comunicação muito forte, desde muito pequenininha, clichê total, ter uma máquina de escrever e escrever histórias. [...] Eu só tinha a sensação que a faculdade de Jornalismo, talvez, não fosse me agregar muita coisa*” (Klein, 2023). Ingressou na UMESP, em 2001, concluindo o curso em 2005. Cinco anos depois, largou o campo jornalístico e migrou para o meio editorial. Só retornou ao Jornalismo no primeiro ano da pandemia, em 2020.

Cristiane Correa havia cogitado fazer Educação Física porque gostava de esportes. Evanize Sydow tinha pensado em estudar Turismo. Ambas as ideias foram desfeitas após conversarem com os pais. Cristiane, no caso, tinha até uma parente, a tia Vera, que estudava Jornalismo na Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP). Após se graduar, Vera nunca trabalhou na área. Todavia, a seis meses do vestibular, a mãe de Cristiane lhe indagou o motivo de querer atuar como educadora física. Ao saber da filha que a razão era o interesse pelo esporte, a mãe a fez refletir “[...] *que o esporte poderia estar na minha vida diariamente, mas não precisava ser a minha carreira, necessariamente*” (Correa, 2023). Continua: “*Então, quando eu falei que ia fazer Jornalismo, eu acho que é uma profissão que gera uma certa insegurança em pai, mas eles nunca falaram pra fazer outro tipo de coisa. Isso não aconteceu*” (Correa, 2023). Na família de Evanize, foi o pai que a convenceu a seguir por outro caminho, já que depois de terminar o Ensino Médio, fez cursinho durante dois anos, com o objetivo de ingressar em Turismo, na USP: “*E aí, meu pai falou pra mim: Você está tentando Turismo e não entra nesse Turismo, por que você não faz Jornalismo?*” (Sydow, 2023). Antes de optar pela aposta do pai, passou pela cabeça de Evanize estudar Biomedicina, já que a área médica é uma de suas paixões: “*Não tinha, como tem hoje, várias faculdades de Ciências Biomédicas. Na época, era a Escola Paulista de Medicina e era integral. Enfim, eu tinha que trabalhar, aí eu acabei desistindo e eu falei: Quer saber? Eu vou prestar Jornalismo mesmo [risos]*” (Sydow, 2023). A escolha se deu pela Cásper Líbero, uma faculdade que, para Evanize, se apresentava mais moderna, com foco na prática: “*Quando eu fiz o vestibular era totalmente voltado pra escrita. Não dava só pra você: Ah, eu compenso aqui nisso, compenso ali. Não, a nota realmente que importava, a maior, era a redação*” (Sydow, 2023). Depois de ingressar em 1994, a futura biógrafa de frei Betto colaria grau no ano de 1997.

Se, para Evanize Sydow, a escolha pelo Jornalismo foi totalmente acidental, a decisão de Karla Monteiro também foi por acaso. Ela não sabia ao certo o que assinalar no vestibular. Por fim, prestou a prova para Medicina, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), por indicação da mãe; Arquitetura, na Fundação Mineira de Educação e Cultura (FUMEC); e Jornalismo, aprovada em sexto lugar, na PUCMG. Karla confessa que a faculdade não foi tão

representativa, já que sua participação, enquanto acadêmica, não era das melhores: durante o curso, conseguiu um estágio no jornal *Hoje em Dia*, em Belo Horizonte: “*Nunca tive o menor interesse nem por televisão, nem por rádio, sempre por impressos. [...] Eu gostava mesmo da prática, eu gostava de ir pro jornal, era o que me interessava, se eu pudesse não ir à faculdade, eu não ia, sabe?*” (Monteiro, 2023).

Luana Costa, ao contrário, sabia que não iria se dedicar às Ciências Exatas, pois números nunca foram o seu forte na época da escola. Assim, quando teve a oportunidade de participar de uma feira de profissões, não duvidou da aptidão que possuía para a área das Ciências Humanas. A dúvida era decidir entre Letras, Cinema ou Comunicação. Em um desses eventos, Luana estava mais inclinada pelos estudos da Sétima Arte, mas tudo mudou quando assistiu, com os colegas, a uma palestra do então coordenador de Jornalismo da UMESP, professor Rodolfo Carlos Martino. Nela, deparou-se com as disciplinas, os temas tratados e as opções de emprego após estar graduada:

Eu me interessei muito e falei: Poxa, é um campo bem aberto para eu atuar em diversas áreas relacionadas à Comunicação, não só o Audiovisual, mas também escrita, tipo assessoria de imprensa, comunicação corporativa, enfim, tem diversos ramos, fica um leque mais aberto de oportunidades e eu posso escolher isso, no decorrer da minha carreira. Então, eu optei por Jornalismo por conta disso, por conta dessa amplitude de temas para os quais a gente pode partir como comunicador, sabe? E aí foi isso, [...] eu decidi prestar pra Jornalismo, passei e optei pela Metodista, por ser mais perto da minha casa (Costa, 2023).

Das 15 entrevistadas, cinco delas seguiram especializações *stricto sensu* na carreira acadêmica, após concluírem a graduação de Jornalismo: Luciana Hidalgo realizou o doutorado em Literatura Comparada, na UERJ, onde defendeu a tese *Lima Barreto e a literatura da urgência: A escrita do extremo no domínio da loucura* (2007). Clarisse Meireles concluiu o mestrado na França, em 2011, no programa Sciences de l'Environnement, des Territoires et de l'Economie (SETE), da Université de Versailles Saint-Quentin-en-Yvelines (UVSQ), um curso pluridisciplinar na área de gestão do conhecimento ambiental. Luana Costa estudou mestrado no Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades da USP e, em 2022, realizou a apresentação pública da dissertação intitulada *Memória de ouvido: Produção partilhada do conhecimento na umbanda*.

Evanize Sydow cursou o doutorado em História, Política e Bens Culturais, pela Fundação Getúlio Vargas (FGV). Em 2022, ela apresentou a tese *Jaime Wright e a teologia das*

brechas - Biografia do pastor presbiteriano responsável por redes de solidariedade ligadas a igrejas progressistas nas ditaduras militares da América Latina.

Adriana Negreiros iniciou o doutorado em Estudos Feministas, na Universidade de Coimbra, quando residia em Portugal, a fim de compreender como a epistemologia feminista poderia conduzir o processo de contar história de mulheres. A previsão de defesa é em 2025.

Nesta primeira parte dos resultados das entrevistas, pode-se conhecer quem são as 15 jornalistas biógrafas brasileiras, suas influências familiares e gostos literários. Esse apanhado histórico inicial de cada indivíduo se fez necessário para compreender os motivos das profissionais se dedicaram ao Jornalismo e, em especial, tornarem-se agentes sociais inseridas em um gênero impuro (Dosse, 2015) – a biografia - tensionada por vetores de diversos campos. A seguir, no tópico 6.3 (*Ambiente jornalístico*), discute-se o primeiro contato das 15 jornalistas com as redações, suas trajetórias profissionais, os desafios das mulheres no cotidiano e, no último tópico (6.4 - *Vivência autoral*), a opinião de cada uma sobre como o Jornalismo encara a maternidade, além de revelar bastidores da produção editorial, enquanto biógrafas.

6.3 Ambiente jornalístico

Sete das 15 biógrafas entrevistadas, iniciaram o trabalho profissional no Jornalismo ainda quando cursavam a graduação, por meio da indicação de um professor, pela realização de um concurso para novos repórteres ou por uma oportunidade de estágio. Ademais, ao menos dez tiveram passagem, ou pelo *Jornal do Brasil*, ou por revistas da editora Abril.

Em virtude da quantidade de jornalistas entrevistadas para esta pesquisa, buscou-se organizar este terceiro tópico a partir da sequência dos anos em que as biógrafas concluíram a faculdade de Jornalismo. Diante da Tabela 6, apresentada a seguir, percebe-se que existem cinco décadas diferentes, influenciadas por contextos específicos em torno do Jornalismo e, em paralelo, da escrita biográfica realizada pelos profissionais da imprensa. Por isso, para que haja maior coerência entre as vozes aqui apresentadas, decidiu-se separar as profissionais de acordo com a cronologia das cinco décadas:

Tabela 6 - Cronologia das conclusões de curso das jornalistas biógrafas

Ano de conclusão	Jornalistas biógrafas	Instituição de Ensino Superior (IES)
1973	Leneide Duarte-Plon	Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)
1974	Regina Echeverria	Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP)

1981	Consuelo Dieguez	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUCRJ)
1988	Luciana Hidalgo	Faculdade da Cidade
1991	Cristiane Correa	Faculdade Cásper Líbero
1993	Karla Monteiro	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUCMG)
1995	Daniela Arbex	Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)
1997	Evanize Sydow	Faculdade Cásper Líbero
1998	Adriana Negreiros	Universidade Federal do Ceará (UFC)
1999	Clarisse Meireles	Faculdade da Cidade
2003	Maria Dolores Duarte	Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
2005	Alicia Klein	Universidade Metodista de São Paulo (UMESP)
2011	Janaína Marquesini	Universidade Metodista de São Paulo (UMESP)
	Luana Costa	
	Raquel Munhoz	

Fonte: O autor.

Leneide Duarte-Plon e Regina Echeverria são contemporâneas; esta é quase quatro anos mais nova que Leneide. Quando ambas nasceram, 1947 e 1951, respectivamente, o Jornalismo brasileiro era bem diferente, embora algumas técnicas que ainda se aplicam no século XXI - como o *lead* e o uso da pirâmide invertida - tenham surgido ao longo da década de 1950, adaptadas a partir do que já se realizava nos jornais estadunidenses (Silva, 1991; Lage, 2001; Souza, 2010).

Para chegar até meados do século XX, é preciso voltar no tempo. Desde o Primeiro Reinado³⁵, os múltiplos jornais que existiam no Rio de Janeiro possuíam causas efêmeras, como a independência, a abolição da escravatura ou a proclamação da República. Dos jornais criados no século XIX, por exemplo, poucos atingiriam o centenário de circulação. Destacam-se cinco: o *Diário de Pernambuco*³⁶, fundado em novembro de 1825; o *Jornal do Commercio*³⁷, lançado dois anos depois, no Rio de Janeiro; *A Província de São Paulo*, em janeiro de 1875 e, desde 1889, nomeada como *O Estado de São Paulo*. Na República recém-implantada, em 1889, distinguem-se o *Jornal do Brasil*, posto a rodar em abril de 1891, no Rio de Janeiro; e o *Correio do Povo*, em Porto Alegre, a partir de outubro de 1895. São em dois desses jornais centenários que Leneide e Regina vão estreiar a carreira jornalística.

³⁵ Período equivalente ao reinado de dom Pedro I (1822-1831).

³⁶ Adquirido pelo jornalista e empresário Assis Chateaubriand, em junho de 1931.

³⁷ Comprado em 1959, pelo magnata Assis Chateaubriand, e extinto em 2016.

Na virada para o século XX, alguns dos jornais nascidos nos Oitocentos foram sufocados pela novidade dos anos 1920: o rádio. Outros periódicos conseguiram se sobressair, de acordo com sua finalidade. A figura do repórter, por exemplo, consolidou-se nas investigações realizadas pela equipe de *O Cruzeiro*. Criada em 1928, inspirada na *Life*, a revista semanal ilustrada pertenceu aos Diários Associados, conglomerado midiático mantido pelo empresário Assis Chateaubriand: “É a partir dos anos 40 que jornais matutinos e vespertinos e revistas semanais e mensais duplicam sua circulação – em assinaturas e venda avulsa – para um público ávido de notícias sobre os acontecimentos, em particular, as mudanças políticas, econômicas e sociais” (Bahia, 1990, p. 249). É justamente após o fim da ditadura varguista (1930-1945), contextualizada pela Segunda Guerra Mundial (1939-1945), com a derrocada dos regimes totalitários europeus, que essa revista atingiu o apogeu de qualidade, com abordagens imersivas, aliadas aos detalhes e à valorização das imagens registradas pelos fotógrafos, características que repercutiriam na impressão. Para fugir da concorrência dos jornais e do próprio rádio, as duplas David Nasser e Jean Manzon, Mário de Moraes e Indalécio Wanderley, João Martins e Ed Keffel, Arlindo Silva e Jorge Ferreira, entre outros (Netto, 1998; Carvalho, 2001), reinterpretavam os acontecimentos da semana e inauguraram um novo gênero jornalístico no Brasil: a grande reportagem. Segundo o ex-diretor de *O Cruzeiro*, Accioly Netto (1998), durante os anos 1950, em meio à inovação do aparelho televisor, a tiragem se aproximava dos 850 mil exemplares semanais em território nacional.

Ainda no início daquela década, em maio de 1950, vale lembrar que foi criada a editora Abril, pelo estadunidense de ascendência italiana, Victor Civita, cuja primeira revista foi a *Quatro Rodas*, lançada três meses depois. Além disso, no mesmo ano, outra editora foi fundada no Brasil: a Bloch, do ucraniano Adolpho Bloch, na qual a principal aposta editorial era a revista *Manchete*, publicada a partir de abril de 1952. Na mesma década, em 1955, surge um dos primeiros reconhecimentos dados à imprensa brasileira: o prêmio Esso de Jornalismo, concedido pela multinacional de petróleo norte-americana às melhores reportagens nacionais.

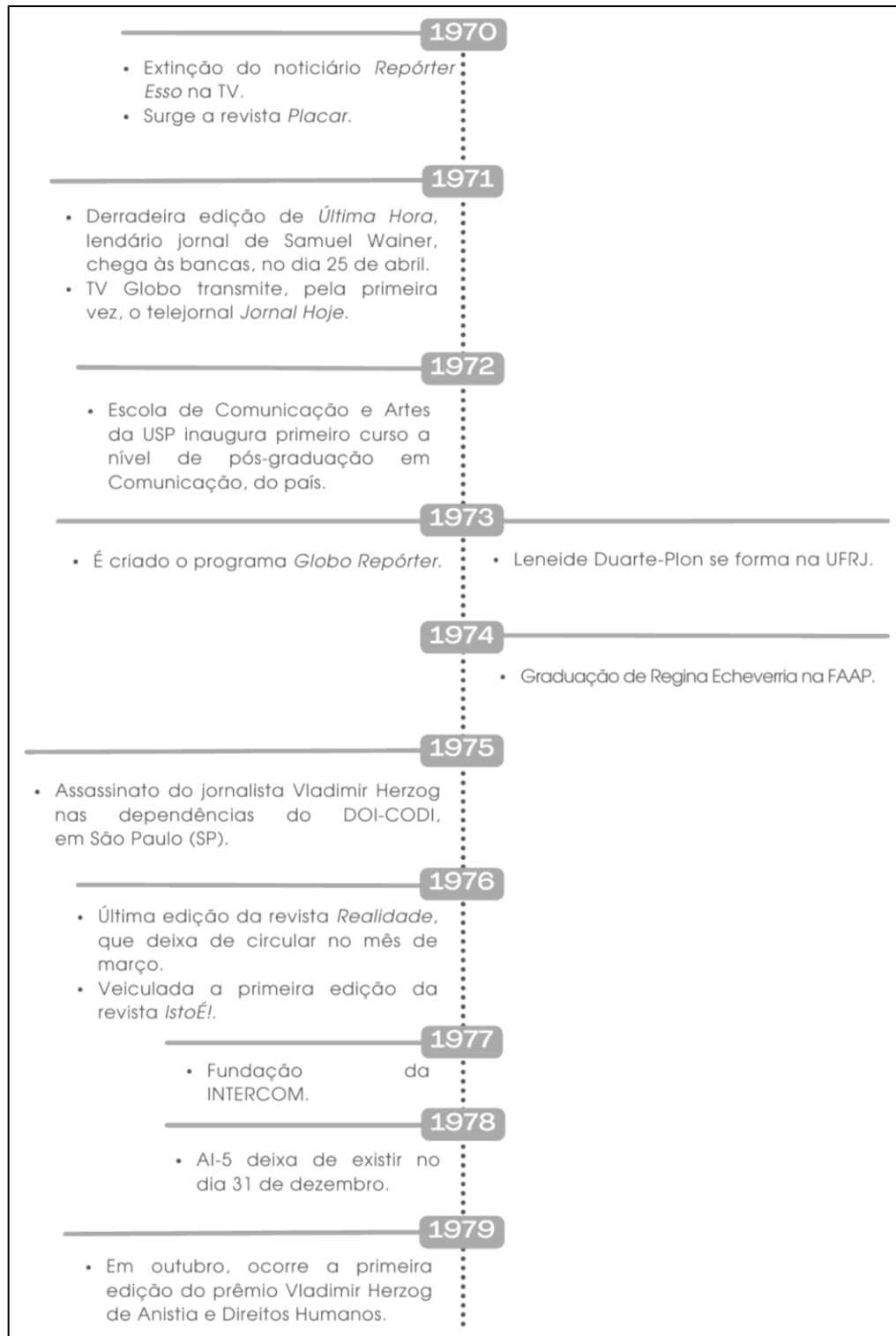
Já nos Estados Unidos, desde 1917, ocorre a cerimônia do prêmio Pulitzer³⁸. Contudo, segundo Bill Kovach e Tom Rosenstiel (2004, p. 169), a investigação jornalística só irá avançar na premiação quando os organizadores reformulam a categoria “Reportagem Local” que, a

³⁸ Nascido em 1847, Joseph Pulitzer foi um imigrante húngaro que trabalhou como jornalista nos Estados Unidos. Após algumas tentativas de compras, ele adquiriu o *New York World*, em 1883 e, para facilitar a comunicação com os imigrantes que chegavam ao país, estabeleceu que os periódicos estampassem temas populares, com manchetes apelativas e uma linguagem acessível – um inglês básico, de fácil compreensão - aliado a um preço baixo, o que lhe propiciou altas tiragens. Segundo Jorge Pedro Sousa (2008), será através de Pulitzer que a Universidade de Columbia começará a ministrar o primeiro curso, a nível de mestrado, em Jornalismo. Faleceu em 1911.

partir de 1964, se intitulará Reportagem Investigativa. A mudança da nomenclatura tinha um recado: ela “[...] marcava o reconhecimento formal pela imprensa escrita de uma nova era no Jornalismo dos Estados Unidos”. Aliás, o que “[...] o Comitê do Pulitzer reconheceu formalmente em 1964 era, na verdade, mais de duzentos anos de crescimento da profissão” (Kovach; Rosenstiel, 2004, p. 171). Tanto é que, oito anos mais tarde, os repórteres do *Washington Post* - Bob Woodward e Carl Bernstein – confirmam esse aspecto investigativo no caso Watergate, ao obter informações sobre a corrupção que envolvia o presidente Richard Nixon e correligionários do partido Republicano (Kovach; Rosenstiel, 2004). A denúncia culminou na abdicação do mandatário, em 1974.

Para esclarecer a dinâmica dos resultados refletidos nos gráficos editoriais apresentados no capítulo quatro, optou-se por elaborar uma linha do tempo de acordo com o ano de formação em Jornalismo das entrevistadas. Abaixo, a Imagem 2, traz aspectos profissionais da década de 1970. À medida em que se avança, percebem-se aspectos específicos da profissão, em um campo jornalístico influenciado por extremos, desde o embate à ditadura militar, como o surgimento de novas tecnologias:

Imagem 2 - Década de 1970



Fonte: O autor

Nota: Arte de Matheus Gastaldon

Como citado na seção 6.2 (*Aspectos biográficos*), o *Jornal do Brasil*, conhecido como *JB*, integrava a leitura diária do pai de Leneide. Acostumada com essa leitura, ela também

acompanhava as notícias estampadas no periódico da família Nascimento Brito. Recordar-se da icônica capa de sábado, 14 de dezembro de 1968, um dia após a promulgação do Ato Institucional número 5 (AI-5), com a manchete “Governo baixa Ato Institucional e coloca Congresso em recesso por tempo ilimitado”. Nela, Leneide lembra da menção à temperatura estampada no alto superior esquerdo, com referência a Brasília, algo que o *Jornal do Brasil* não fazia, já que era sediado no Rio de Janeiro: “*Mas, nesse dia, a meteorologia lá no alto era uma menção ao AI-5 e todas as notícias da primeira página eram em função do AI-5, quer dizer, eram notícias ligadas ao AI-5, mas com metáforas, com soluções pra justamente driblar a censura*”. Estudante do Ensino Superior, no período correspondente ao auge da ditadura militar, sob o governo autoritário de Emílio Garrastazu Médici (1969-1974), Leneide presenciou a prisão de alunos que participavam do movimento estudantil: “*Eu terminei [meu curso] no meio do ano de 1973, mas vários dos colegas da minha turma [...] não concluíram o curso porque foram afastados pela lei da ditadura, o decreto 477*”³⁹ (Duarte-Plon, 2023).

Quando estava prestes a se formar na faculdade, Leneide conta que prestou concurso para participar de um curso organizado por Alberto Dines e Carlos Lemos. O intuito de ambos era renovar a redação, a fim de que jovens estudantes de Jornalismo pudessem estagiar no *Jornal do Brasil*. Nessa prova de seleção, Leneide foi aprovada, assim como ao final do curso:

E comecei minha carreira de jornalista já contratada pelo Jornal do Brasil na melhor época, na melhor fase do Jornal do Brasil, que era a fase do Alberto Dines. E foi a época em que o Jornal do Brasil era o melhor jornal do Brasil, tinha os melhores jornalistas do Brasil, era um jornal de esquerda, de oposição à ditadura, com grandes jornalistas, grandes diretores: Otto Lara Resende, Antônio Callado e o embaixador José Sette Câmara eram os diretores do Jornal do Brasil. O Callado era editorialista, o Otto era diretor, o Dines era o diretor da redação. Era a nata da intelectualidade e dirigiam o Jornal do Brasil (Duarte-Plon, 2023).

A empolgação de Leneide se justifica. O *Jornal do Brasil*, nascido com postura monarquista, no início da República, logo se tornaria referência no Jornalismo pela grandiosidade de suas mudanças. Foi pioneiro em estampar uma página destinada aos esportes; o primeiro a escrever a respeito do rádio (1924) e do cinema falado (1929) (Martins; Luca, 2011). Cada jornalista possuía uma máquina de escrever (Bahia, 1990). Estava sediado num

³⁹ Assinado pelo segundo presidente do período militar, Artur da Costa e Silva, em fevereiro de 1969, o decreto dizia respeito às infrações disciplinares praticadas por professores, alunos, funcionários ou empregados de estabelecimentos de ensino público ou particulares. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1960-1969/decreto-lei-477-26-fevereiro-1969-367006-publicacaoriginal-1-pe.html>. Acesso em 04 out. 2023.

belo edifício arquitetônico junto à Avenida Central, número 110, de acordo com o estilo da urbanização que o então prefeito do Rio de Janeiro, Pereira Passos, impusera à cidade. Nesse endereço, o *JB* abrigou o maior parque gráfico da imprensa nacional, com equipamentos modernos, como linotipos e impressão em cores. Data de 1956 suas primeiras alterações editoriais, inspiradas nas reformas gráficas do *Diário Carioca* e *Última Hora*:

A revolução gráfica racionaliza a produção editorial e torna mais dinâmica a notícia. Tudo no jornal é afetado por novas formas de edição que visam valorizar o conteúdo e o leitor ao mesmo tempo. Não só a aparência que está em causa, mas formalmente a mensagem, basicamente o meio, essencialmente o produto (Bahia, 1990, p. 382).

Outra renovação marcante do *Jornal do Brasil* teve início em 1965, sob tutela do então editor-chefe, Alberto Dines. Ele instituiu uma comissão intitulada “Jornal do Futuro”, que projetou “[...] a adaptação ao estilo brasileiro de um moderno jornal-revista americano, o *Herald Tribune*, criativo, com fotos abertas e texto ágil, então muito discutido no *JB* como exemplo a ser seguido para completar e acentuar as mudanças que já iam completar dez anos (Bahia, 1990, p. 384).

Leneide Duarte-Plon, após sair do *JB*, no início de 1975, voou para Paris, a fim de estudar Sociologia das Religiões e Comunicação e Editoração, na *École Pratique des Hautes Études*. De volta ao Brasil, em 1978, continuou sua trajetória jornalística pela *Folha de São Paulo* (1978), em Brasília, para cobrir a política externa, através de entrevistas com embaixadores e delegações estrangeiras. A partir de 1980, esteve de volta ao Rio de Janeiro. Na cidade, atuou como repórter na Rádio Jornal do Brasil (1980 a 1981), *Veja* (1985 a 1987) e, depois, em *O Globo* (1993 a 1997), como subeditora do suplemento “Jornal da Família” e colaborações no caderno “Prosa e Verso”. O último trabalho de Leneide, em redação, antes de fixar residência na França, foi como subeditora do suplemento “Ideias”, do *JB* (1999 a 2001).

Em São Paulo, Regina Echeverria adentrou o ambiente jornalístico por meio de outro espaço pioneiro. Antes do diário pertencer à família Mesquita, *O Estado de São Paulo* (popularmente chamado *Estadão*) já era conhecido por ter encaminhado Euclides da Cunha à Bahia, a fim de acompanhar o messianismo instaurado na Guerra de Canudos. O veículo passou por embates com o governo de Getúlio Vargas, por ter apoiado a Revolução Constitucionalista de 1932. Foi no contexto ditatorial, na gestão Médici, que Regina ingressou no *Estadão*. Estava no terceiro semestre da FAAP, trabalhava como secretária para pagar a faculdade e sonhava com o *Jornal da Tarde*, o *JT*, outro veículo da família Mesquita. Segundo ela, o convite de estágio surgiu por meio de dois professores, Zé Roberto e Aloísio Queiroz, repórteres do

Estadão. Na época, perguntaram para Regina se ela toparia atuar na editoria de Esportes. O aceite foi na hora, mesmo sem saber que a cesta de basquete valia dois pontos: “*Aí, o que eu fiz? Eu me encostava sempre nos mais velhos, os jornalistas mais velhos ensinaram tudo que eu sei. Tinha um cara no Estadão, o Ney Craveiro, que cobria amadores, como eu. Putz, esse cara foi um gênio na minha vida, me ensinou tudo que eu sei*” (Echeverria, 2023).

A primeira matéria assinada por Regina Echeverria, de acordo com as suas lembranças, foi sobre o pugilista Éder Jofre, campeão brasileiro, em 1958, da categoria peso-galo: “*Veja só, o Éder Jofre, eu tinha ouvido falar dele quando ele ganhou o título, mas eu tinha sete anos*”. Da experiência com o Esporte, Regina afirma que herdou o texto criativo, mais elaborado, pois, necessitava de um texto que pudesse atrair a atenção do leitor, mesmo em dias sem muita movimentação na fonte. A ida para o *JT*, em 1972, foi também via convite. Segundo Regina, o *Estadão* não tinha quase mulher: “*Tinha gente que trabalhava contra mim só porque eu era mulher. Nem conhecia meu trabalho. Mas tinha gente muito legal, que me ajudou: Vai, vai pro Jornal da Tarde, que lá as pessoas são mais modernas, mais livres, mais evoluídas. E foi muito bom*” (Echeverria, 2023). Continua:

Ainda que eu tenha ido trabalhar numa área em que só tinha homens, que era o Esporte, eu não fazia futebol, eu fazia esporte amador, basquete, vôlei [...] e eu tinha uma tática a respeito disso, com qualquer pessoa, homem ou mulher, a maioria homem: Ah, lugar de mulher é na cozinha, eu fingia que não ouvia, que não era comigo. Eu nunca entrei nesse tipo de provocação, porque...pra quê discutir à toa? Eu sei das minhas possibilidades, eu sei como aprendi a escrever, eu sei como eu aprendi a minha profissão, no dia-a-dia, entrevistando gente (Echeverria, 2023).

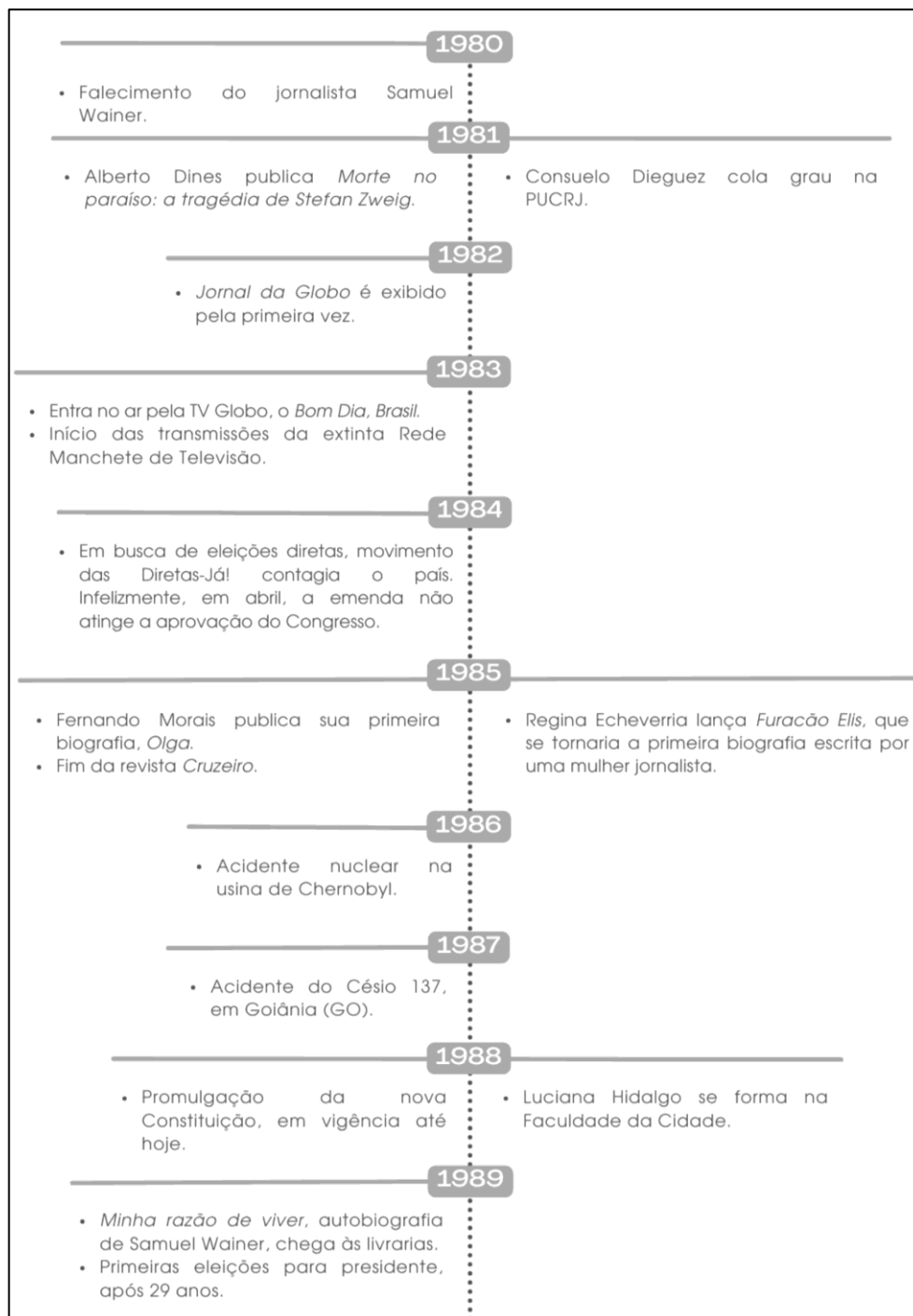
No vespertino paulista, Regina continuou em Esportes, mas logo mudou para Variedades. No *Jornal da Tarde*, cuja primeira edição data de 4 de janeiro de 1966, há uma renovação, com profissionais mais arrojados e interessados em entregar um texto que pudesse dialogar com as novas gerações: “*Jovens recém-saídos da universidade – repórteres de 18, 19 anos se juntaram a editores de 22, 23 anos – formaram uma redação barulhenta, irreverente, que produz um jornal ousado no estilo gráfico, inovador em seu texto leve e popular sem agredir a linguagem*” (Bahia, 1990, p. 385-386). São estilos gráficos e visuais que, segundo Juarez Bahia (1990), tinham sido implantados uma década antes no *JB*, mas que foram melhor desenvolvidos no *JT*. Na década de 1960, semelhante audácia ocorria na editora Abril, com a concepção da revista *Realidade*, também de 1966. Regina Echeverria, após permanecer no *JT*, ainda passaria pelas redações de *Veja*, *IstoÉ!*, *Placar*, *Folha de São Paulo*, *Estadão* e *Caras*.

Os anos de 1970 foram marcados pelo autoritarismo militar nos países do Cone Sul. Além do Brasil (1964-1985), Paraguai (1954-1989), Bolívia (1964-1982), Argentina (1966-1973/1976-1983), Uruguai (1973-1985) e Chile (1973-1990) viveram ditaduras que implantaram censura a jornais, perseguiram oponentes, prenderam e assassinaram jornalistas. O caso brasileiro mais emblemático foi a tortura e morte do jornalista Vladimir Herzog⁴⁰, em 25 de outubro de 1975, nas dependências do Departamento de Operações de Informação - Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI), em São Paulo (SP). O disfarce das brutalidades era mascarado pelo cenário *pão e circo*, protagonizado pelas partidas de futebol. Uma década que começou com o ambiente ufanista do tricampeonato da seleção brasileira de futebol, na Copa do Mundo de 1970, no México, e que ainda presenciou a conquista do primeiro título mundial da Argentina, em 1978, quando esta sediou a Copa do Mundo. Foi também em 1978 que Consuelo Dieguez entrou na faculdade de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUCRJ).

Abaixo, na Imagem 3, uma síntese dos acontecimentos dos anos 1980, uma década em que os brasileiros ainda vivenciavam a ditadura, com esperanças renovadas graças ao movimento das Diretas-Já!, com um presidente eleito indiretamente e que falece antes de assumir o poder, com planos econômicos sem nenhum efeito prático, mas com uma expectativa grande em torno das eleições diretas de 1989, a primeira após 29 anos. No espectro mundial, o cenário também se alterava. A Guerra Fria chegava ao fim, com a simbólica queda do Muro de Berlim, em novembro de 1989, e a posterior reunificação da Alemanha (1990), além do fim da União das Repúblicas Socialistas Soviética (URSS) (1991):

⁴⁰ Em virtude do assassinato, criou-se o prêmio jornalístico Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos, em outubro de 1979, com o intuito de promover a democracia e à cidadania.

Imagem 3 - Década de 1980



Fonte: O autor

Nota: Arte de Matheus Gastaldon

Na graduação, o interesse de Consuelo foi sempre jornal, instigada pelas leituras que o pai fazia da coluna do Castello⁴¹, no *Jornal do Brasil*, e da revista *Veja*, periódico semanal da

⁴¹ Carlos Castello Branco, jornalista piauiense falecido em 1993.

Abril, criado em setembro de 1968 e inspirado nas estadunidenses *Time* e *Newsweek*. Prestes a concluir o curso, ainda em 1981, Consuelo prestou prova para ingressar no programa de estágio do jornal *O Globo*. Após o período de três meses pela redação, o então diretor Evandro Carlos Dornelles perguntou o que a *foca* gostaria de fazer. A resposta veio rápida. Política era a editoria que mais a fascinava. Intrigado, Evandro indagou se Consuelo gostaria de trabalhar em Brasília. O aceite foi instantâneo e, em fevereiro de 1982, Consuelo arrumou as malas para o Distrito Federal, contratada pelo jornal de Roberto Marinho:

E aí cheguei lá, não fiz Política. Me puseram pra fazer Ministério do Trabalho, que não tinha nenhuma importância, zero de importância, era uma coisa bem café com leite e que de repente ganhou uma importância imensa, por causa de uma briga no Governo se aumentava ou não o salário mínimo. E aí eu acabei ficando no centro, assumindo, tendo um protagonismo no jornal, porque o ministério ganhou protagonismo. E acabei que enveredei pela Economia. Aí, logo depois, eu fui fazer Ministério do Planejamento (Dieguez, 2023).

No contexto jornalístico, em 1984, é criado o Prêmio Direitos Humanos de Jornalismo, pela Ordem dos Advogados do Brasil do Rio Grande do Sul (OAB-RS), outro prestígio reconhecido aos textos da imprensa brasileira que versam a respeito da dignidade humana. Já no ano de 1985, o presidente João Batista Figueiredo se despede do mandato, após seis anos (1979-1985) no Palácio do Planalto. Em eleição indireta, Tancredo Neves é eleito, mas falece antes de ser empossado. A faixa presidencial recai para o vice, José Sarney. Ainda na capital federal, em janeiro de 1987, Consuelo migrou para o *Jornal do Brasil*, onde cobriu dois ministérios – o do Planejamento e o da Fazenda. Também passou pelo Banco Central, local que a fez aprender sobre economia. A cobertura girava em torno da bolsa de valores, dólar, câmbio, dívida externa até alcançar o Plano Collor, no início da década seguinte: “*O Banco Central, não sei como está agora, mas naquela época, a gente tinha muito acesso às fontes. Então, você tinha aula de economia, ia pra mesa de câmbio, ia pra mesa de ouro, você via a negociação, então era um negócio impressionante. Aprendi fazendo*” (Dieguez, 2023).

Enquanto Consuelo já estava envolvida com a prática jornalística, em meio às tentativas frustradas dos planos econômicos do Governo Sarney em conter a inflação da década, Luciana Hidalgo cursava Jornalismo na Faculdade da Cidade, local em que iria se formar no ano de 1988, mesma época da promulgação da nova Constituição brasileira. Durante o curso, Luciana escreveu algumas matérias para um jornal de esporte amador do Rio, *Esporte Livre*, pertencente ao atleta de asa delta, Paul Gaiser. Com o objetivo de crescer na profissão, buscou estágio no *JB*, mas, para isso, pediu ajuda ao pai.

O *Jornal do Brasil* ainda era um jornal de qualidade. Tinha, nesse momento, um prédio imponente na avenida Brasil, número 500. Contava com excelente equipe de repórteres e rivalizava com *O Globo* na liderança dos impressos cariocas, além de, nos bastidores, enfrentar dívidas que se acumulavam, em virtude da construção da nova sede e dos investimentos frustrados por um canal de televisão. Em virtude de o pai advogar para alguns jornalistas que atuavam no *JB*, Luciana solicitou, certa vez, se não era possível arranjar um estágio no jornal: “*Meu pai era a pessoa menos política do mundo, ele só acreditava na força do trabalho. E ele disse que não ia fazer isso. Minha mãe, que estava presente, falou: Poxa, faz isso por ela. Sua filha, e aí, depois de muita insistência, ele, bem sem graça, ligou pra casa de um dos amigos*” (Hidalgo, 2023). Quem atendeu foi a esposa desse amigo que, muito simpática, garantiu que o marido iria receber Luciana. Na data e horário combinados, a então estudante de Jornalismo foi até o *JB* e ouviu dessa pessoa que começaria a estagiar no caderno Cidade, junto ao editor Dácio Malta: “*Na época, a Geral tinha um caderno inteiro. Era dentro do jornal, foi uma inovação do Jornal do Brasil. Então, tinha muita gente, muita matéria pra fazer, tinha que fazer um caderno inteiro. Eu comecei ali, mas era assim, os estagiários entravam e saíam*” (Hidalgo, 2023). Em menos de um mês, veio o convite para ser efetivada. Mas, infelizmente, o *JB* não seguiu adiante com a proposta, já que Luciana ainda não possuía o diploma de jornalista.

Dácio Malta saiu e foi exercer o cargo de diretor de redação em *O Dia*. Na vaga do *JB*, assumiu outro jornalista, que decidiu que os estagiários também trabalhariam aos finais de semana. Luciana aceitou, mas em dois meses percebeu que, se continuasse nesse ritmo, não conseguiria terminar a graduação. Além disso, estava farta de cobrir situações violentas na cidade-natal. Quase um ano depois, decidiu que sairia do estágio. No último mês da Faculdade da Cidade, uma das professoras chamou Dácio Malta, o editor com quem Luciana trabalhou no caderno de Cidade do *JB*, para que a turma o entrevistasse. Ele a reconheceu e pediu que o procurasse logo quando finalizasse os estudos. Vinte dias depois, foi até o endereço do periódico. Com algumas mudanças na equipe, a redação estava com vagas abertas. Dácio ofereceu a reportagem na editoria de Geral, mas Luciana sugeriu outra seção: o caderno de Cultura. Segundo ela, os integrantes da nova equipe queriam dar um novo estilo, migrar daquele *O Dia* “[...] *que era sanguinolento, só crime e o estavam transformando num jornal popular. Estava começando todo um processo, demitiram mais da metade da redação. E aí trabalhei dois anos fazendo um jornal de cultura mais popular e eu gostei muito da experiência*” (Hidalgo, 2023).

Consuelo permaneceu oito anos no *Jornal do Brasil*, de 1987 a 1995. Depois disso, morou na Inglaterra, voltou ao Brasil como editora-adjunta de Política, de *O Globo* (1995 a

1997)⁴², trabalhou como chefe de redação na TV Globo (1997 a 1998) e, depois, a convite de Lauro Jardim, migrou para a *Veja* (1998 a 2002), também no Rio de Janeiro: “A *Veja* foi uma grande escola. Foi aí que eu comecei a fazer um outro tipo de texto. O Globo era aquela coisa de quem, como, quando, onde e por quê. No JB você já podia criar um pouco mais, mas na *Veja* era obrigado a criar, porque não era aquela coisa do lead, sublead” (Dieguez, 2023). Nesses quase dez anos em que esteve no *JB*, Consuelo Dieguez foi colega de Luciana Hidalgo, embora atuassem em editorias diferentes. Esta retornou ao *Jornal do Brasil* em 1991, encarregada de ser repórter/redatora da revista *Programa* e do Caderno B: “Eu diria também, no *Jornal do Brasil*, a literatura, o caderno literário, ele não tinha menor prestígio internamente porque o Jornalismo ele se foca na notícia, a cultura é perfumaria e a literatura era uma coisa quase abstrata pra eles” (Hidalgo, 2023).

Ao serem indagadas sobre qual o maior desafio da mulher jornalista no campo profissional, Consuelo Dieguez e Luciana Hidalgo vão ao encontro de uma resposta. Ambas apontam que é a baixa presença das mulheres em cargos de chefia:

Quando eu comecei no Jornalismo, tinha muita pouca mulher na chefia. [...] Eu nunca tive interesse em ser chefe, mas eu acho que tinha pessoas ali que podiam ser e foram preteridas por serem mulheres, eu acho. Então, nesse sentido de comando, o comando nunca está com mulher. Não sei se é porque as mulheres não querem ou se porque não se dá espaço para elas (Dieguez, 2023).

O que eu acho que era bem complicado, e que hoje eu me dou conta, é que as mulheres eram repórteres e quase nenhuma nem ousava pensar em virar editora. Isso era uma realidade. Os cargos de chefia não eram muito pras mulheres e quando eram... eram aquelas mulheres fortes demais, autoritárias (Hidalgo, 2023).

Se, em meados dos anos 1980, começam a surgir livros escritos por jornalistas, que denunciavam atrocidades dos militares, revelavam os bastidores das negociações da ditadura e evidenciavam a história de indivíduos-símbolo da resistência, a década seguinte vai popularizar o livro-reportagem no mercado editorial. Inclusive, é a partir de 1993 que a Câmara Brasileira do Livro, por meio do prêmio Jabuti de Literatura, reconhece a importância da reportagem, quando concede um segmento exclusivo ao gênero, na premiação. Mesma caso ocorre com o gênero Biografia, que começa a laurear os vencedores a partir de 1998. Ruy Castro e Fernando

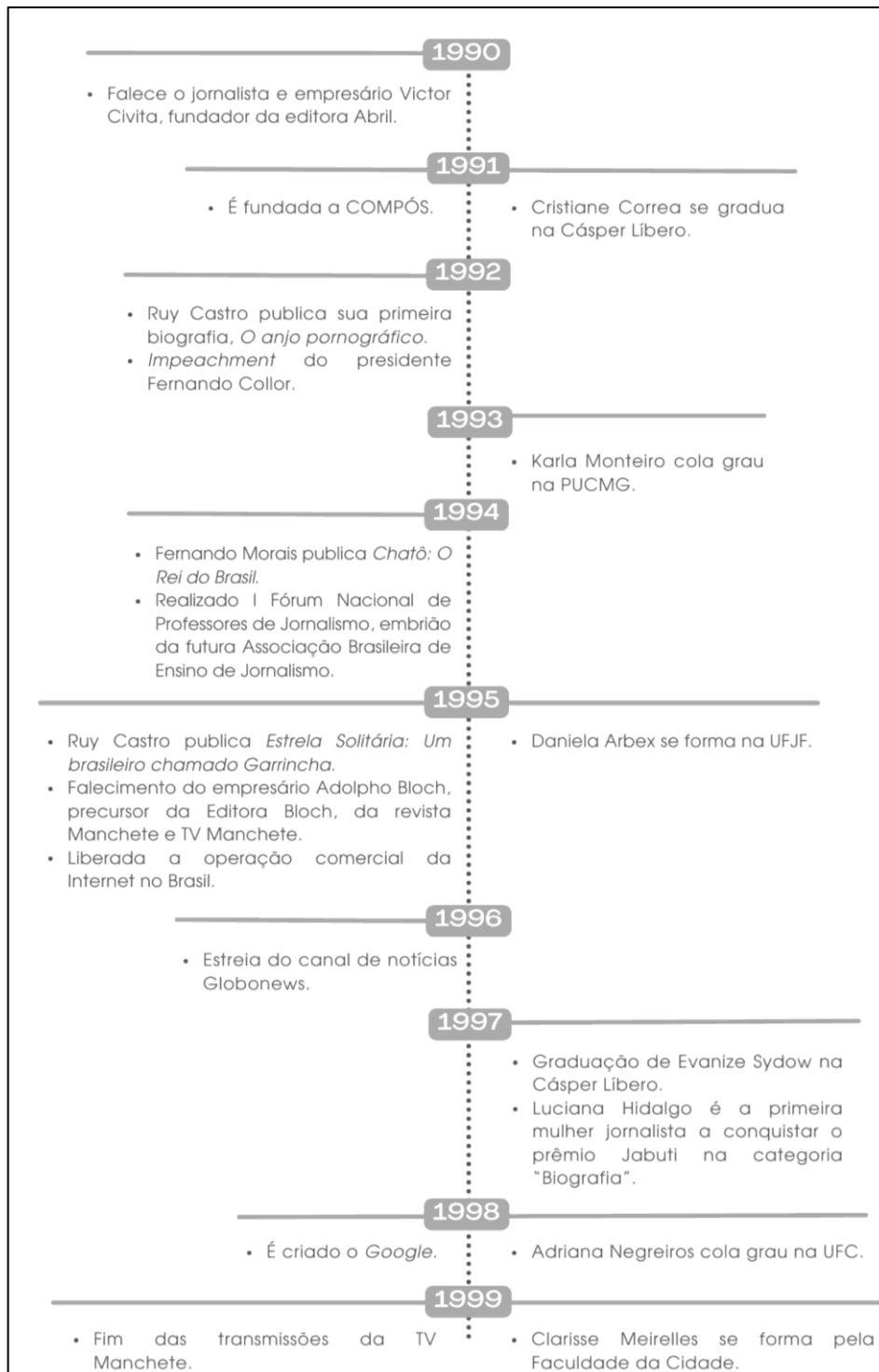
⁴² Neste período, em 1996, Consuelo Dieguez recebeu menção honrosa no prêmio Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos, na categoria “Jornal”, pela matéria “A guerrilha do Araguaia”, assinada com os colegas Adriana Barsotti, Aziz Filho e Amaury Ribeiro Jr.

Morais, por exemplo, tornam-se sinônimos de qualidade, com publicações que alcançaram reconhecimento no campo jornalístico, como as obras *O anjo pornográfico: A vida de Nelson Rodrigues* (1992) e *Chatô: O rei do Brasil* (1994), respectivamente.

Segundo Silvio Waisbord (2000), em *Watchdog Journalism in South America* (2010), o ponto nevrálgico do Jornalismo brasileiro foram as coberturas dos veículos sobre a corrupção do presidente Fernando Collor de Mello (1990-1992). Com a intenção de conter a inflação que o país herdara da década de 1980, o Executivo Federal chegou a confiscar as cadernetas de poupança. O ato se tornou impopular à medida que denúncias, como a do próprio irmão, Pedro Collor, foram publicadas na imprensa. O *collorgate* (Waisbord, 2000) culminou no processo de *impeachment* de Collor, em outubro de 1992.

Abaixo, na Imagem 4, é apresentada a cronologia da década de 1990, um período em que a nova moeda brasileira – o Real - trouxe ao país maior estabilidade econômica. Em 1994, altera-se o chefe do Executivo federal. Sai Itamar Franco, ex-vice-presidente na gestão Collor, e é eleito o sociólogo e então ministro da Fazenda, Fernando Henrique Cardoso, muito influenciado pela boa repercussão do Real. Tragédias esportivas e artísticas também marcam aqueles anos, como o falecimento do piloto Ayrton Senna (1994), no Grande Prêmio de San Marino, em Ímola (Itália); a morte dos integrantes da banda Mamonas Assassinas (1996); do cantor Tim Maia (1998) e do também cantor Leandro, que formava dupla sertaneja com o irmão Leonardo (1998). O Brasil perdeu a final da Copa do Mundo de 1998, na França, embora tenha se sagrado tetracampeão no Mundial anterior, em 1994, nos Estados Unidos. Ainda em 1998, FHC é reeleito para um mandato de mais quatro anos:

Imagem 4 - Década de 1990



Fonte: O autor

Nota: Arte de Matheus Gastaldon

Em meio ao escândalo político de Collor, Cristiane Correa concluía o curso de Jornalismo, na Faculdade Cásper Líbero, em São Paulo (SP). Na época, ela trabalhava como assistente de direção do colégio Magister, educandário em que havia estudado no Ensino

Médio. Quase ao fim da faculdade, em 1991, Cristiane se inscreveu na segunda turma do curso de Focas do *Estadão*: “Quando acabei o curso, estava na hora de começar a trabalhar pra não voltar pra escola. Na minha turma do Estadão, eles não contrataram ninguém. [...] Mas precisava trabalhar, aí o primeiro emprego que arrumei, um mês depois, foi numa assessoria de imprensa” (Correa, 2023). Quase seis anos depois, pediu demissão e foi morar em Londres. Nesse um ano na Inglaterra, teve a oportunidade de ir para Paris, na ocasião da Copa do Mundo da França, em 1998, trabalhar em uma central de notícias do esporte. Durante o evento esportivo, conheceu dois jornalistas da *IstoÉ!*, editores de Esportes e de Economia. No retorno ao Brasil, já em 1999, um desses editores a convidou para integrar a equipe. Receosa, Cristiane ainda não havia trabalhado em redação. Estava com 28 anos. Porém, aceitou. Oito meses depois, em 2000, a *Exame* a chamou para ser editora-assistente e, na revista, permaneceu por 12 anos:

Eu peguei uma fase áurea da Abril. Fiquei do começo de 2000 até o fim de 2011, a empresa tinha grana e tinha ambição de fazer matérias muito grandes, fui fazer matéria no Japão, na Toyota. [...] Mas os primeiros sete, oito anos, meu Deus, eu trabalhava que nem uma louca, eu amava porque era um ambiente de muito estímulo intelectual. Tinha muita gente boa. [...] Um estímulo intelectual muito grande, de aprendizado, sabe? Esse negócio do sempre em movimento. Eu sentia que uma quinzena era diferente da outra, não era a mesma coisa. Muito aberto pra você sugerir pautas. Ninguém era setorista. Você tinha um mar de possibilidades (Correa, 2023).

Mais de uma década na *Exame* fizeram-na assumir o cargo de editora e, depois, editora-executiva. Na carreira jornalística, Cristiane se deparou com um nicho econômico, repleto de empresas, indústrias, mercado financeiro e ações. Os desafios que mais observava no cotidiano eram a desconfiança de terceiros em relação a sua capacidade: “Talvez, quando comecei a cobrir indústria automotiva, os outros jornalistas do setor é que pensavam: O que essa mulher está fazendo aqui? Você vai lá, faz o teu trabalho e dane-se. Eu nunca dei muita bola pra nada disso” (Correa, 2023). Sobre assédio, disse que nunca presenciou entre colegas, mas já aconteceu de fonte assediar repórter: “Na época, você dava um chega pra lá e entrava pro anedotário. A gente achava mais o cara sem noção do que ficar ofendida, entendeu?” (Correa, 2023).

Na época em que Cristiane atuava como assessora de imprensa, as mineiras Karla Monteiro e Daniela Arbex colavam grau em Jornalismo na PUCMG (1993) e UFJF (1995), respectivamente. Karla, por exemplo, conseguiu um estágio no jornal *Hoje em Dia*, em Belo Horizonte (MG), em 1992, durante a faculdade. Mas dois dias depois da formatura, já estava de malas prontas rumo a San Francisco, ao norte do estado da Califórnia, nos Estados Unidos,

e depois, Inglaterra. Quando regressou ao Brasil, em agosto de 1994, começou a trabalhar no *Estado de Minas*, em BH, onde atuou no caderno Cidades. Pela paixão que tinha pelas crônicas de Nelson Rodrigues, Karla se apegou a uma editoria não muito convencional: “*E eu me empolguei muito pelo ambiente de redação, eu gostava de trabalhar, acredite se quiser, na editoria de Polícia. Eu achava muito emocionante aquela coisa de cobrir crime, de ficar em delegacia, de acompanhar os repórteres de Polícia*” (Monteiro, 2023). Seu período no jornal mineiro durou pouco mais de seis meses. Logo estaria de volta à Inglaterra.

Após uma fase sabática, retornou ao Brasil novamente, desta vez, em São Paulo. Era 1997. Começaria sua carreira na editora Abril, casa em que ficaria, entre idas e vindas, por dez anos. Por lá, trabalhou na revista *Arquitetura e Decoração e Veja*. Na revista semanal, Karla recorda de sua primeira grande matéria, reportagem de oito páginas, intitulada “Dormindo com o inimigo”, capa da edição 1570, com a manchete “Peguei AIDS do meu marido”. A partir de 2007, até 2011, trabalhou no Rio de Janeiro, por *O Globo*. No *Extra*⁴³, veículo do mesmo grupo, recorda de um caso que a impressionou bastante: a escrita do perfil do pastor Marcos Pereira da Silva, líder evangélico no Rio, onde os fiéis eram ex-bandidos, ex-assaltantes, ex-chefes do tráfico. Mesmo exposta a lugares mais perigosos, Karla admite não ter sofrido assédio em redação. Mas em algumas fontes do setor político sofria resistência, a ponto de deputados afirmarem que não dariam entrevista, caso o editor não enviasse um repórter homem para atendê-los. Outra situação era com a escolha de pautas:

Eu acho que já vivenciei coisas do tipo: tem uma grande reportagem pra fazer, sei lá, Ah, tem que ir pra Amazônia fazer uma grande reportagem. Se fosse uma coisa mais perigosinha, escolhiam um repórter homem, sabe? E eu sempre briguei muito por esse lugar. [...] O único lugar que eu me lembro de ter que disputar poder com homem era quando era uma matéria que envolvia algum tipo de risco. [...] Eu acho que, de uma forma ou de outra, sempre consegui me impor no trabalho. Engraçado, desde quando eu comecei, eu sempre fui muito confiante, sabe? Nunca eu fui uma pessoa vacilante no trabalho, só em outras coisas da vida, mas no trabalho, não. Eu sei o que eu estou fazendo, eu acho que isso ajuda (Monteiro, 2023).

Ao contrário de Karla, Daniela Arbex seguiu carreira em um único jornal, o *Tribuna de Minas*, em Juiz de Fora (MG). Em setembro de 1995, no mês seguinte ao término dos estudos na universidade, Daniela apareceu com um currículo debaixo do braço, sem experiência alguma, mas com vontade de aprender. O que havia disponível era a cobertura de férias durante

⁴³ Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/rio/saiba-quem-o-lider-evangelico-marcos-pereira-da-silva-como-ele-virou-guia-espiritual-dos-bandidos-mais-afamados-do-rio-464170.html>. Acesso em 10 out. 2023.

15 dias na editoria de Economia. Aceitou a oportunidade. Em janeiro de 1996, o jornal voltou a entrar em contato para que a então jovem de 22 anos cobrisse férias:

Não entendia nada de Economia, nada de números. É muito legal, porque toda matéria que fiz, e depois quando voltei, eu comecei em Economia. Mas eu só fiquei um mês em Economia, não vinguei não, porque eu humanizava os números, eu sempre dava rosto para os números. E aí, era muito diferente de tudo que estava sendo feito ali, entendeu? Tanto é que eles me puseram pra trabalhar no caderno de Geral, que foi maravilhoso, que foi a minha grande escola, porque você faz de tudo (Arbex, 2023).

Ao final do período de férias, Daniela foi contratada, até se desligar, em março de 2019. Nesses 23 anos de atividade profissional no *Tribuna de Minas*, a jornalista colecionou mais de 20 prêmios, com ênfase nos três troféus Esso (2000, 2002, 2012), em cinco indicações e duas menções honrosas no prêmio Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos (2002, 2008). Também recebeu menção honrosa no Lorenzo Natali Media Prize (2002), na Bélgica, com a série de reportagens sobre a causa da morte do guerrilheiro político Milton Soares de Castro, em 1967, história que seria aprofundada no livro *Cova 312* (Geração Editorial, 2015; Intrínseca, 2019). Ainda conquistou o prêmio de Melhor Investigação Jornalística de um Caso de Corrupção na América Latina e Caribe (2009), concedida pelo Instituto Prensa y Sociedad (IPYS), ganho no Peru, a respeito do caso Koji, uma construtora de propriedade do então presidente da Câmara Municipal, Vicente de Paula Oliveira, que vencia as licitações de obras da prefeitura de Juiz de Fora. Ademais, pelo conjunto de reportagens e sua contribuição ao Jornalismo, recebeu o Knight International Journalism Award (2010), em cerimônia realizada nos Estados Unidos, sendo a primeira mulher jornalista brasileira a receber a distinção:

Meu chefe falava: Aqui a gente não publica denúncia, a gente apura denúncia. Então, se alguém me contou, não era suficiente, tem que estar comprovado. Eu tinha que comprovar. Isso me ensinou muito, foi por causa disso que eu comecei a percorrer cartório, ler processo, comecei a tramitar nas varas judiciais. Então, eu tive que me virar. Porque para poder publicar o que eu queria, eu nunca fui escrava da pauta, muito pelo contrário, eu odiava pauta. Acabava com meu dia me dar uma pauta, porque eu acho que quem não se pauta, é pautado. E eu estava na rua. Mesmo sendo muito novinha, eu queria contar aquelas histórias (Arbex, 2023).

A idade também incomodava algumas pessoas. Entre alguns colegas, por acharem que Daniela atrapalhava a classe, por se dedicar horas demais ao trabalho. O horário combinado de chegar à redação era às 13h, mas às 9h30 ela já estava no recinto. Até entre as fontes, a jornalista

percebia que o fato de ser mais jovem atrapalhava. Quando repórter, Daniela enfrentava autoridades e revelava esquemas de corrupção e demais mazelas sociais. Entretanto, ninguém a conhecia por imagem, era uma época sem rede social: “*Me lembro que eu fui entrevistar um médico, depois da série [do dossiê Santa Casa, em que se denunciava a venda de produtos superfaturados para o hospital], ele diz: Puxa, mas é você que é a Daniela? Eu achei que fosse uma mulher grande, alta, é isso aí? Tipo assim*”. Frases machistas nas entrevistas, comentários indiscretos e menosprezo pela idade da então jovem repórter faziam parte dos desafios da profissão:

Eu acho que era isso, a questão mais da minha idade e por ser mulher. Claro que sofri assédio, mas foram poucos, entendeu? Eu não sei se eu também não percebi. A gente não tinha essa percepção e eu me lembro, já sofri assédio [...] e toda mulher sofre, toda. Desde que você é mulher, mentira falar que nunca teve. Tem! E é complicado, mas era em uma época que você não sabia o que fazer com aquilo. Então, eu me lembro das poucas vezes, apesar de ter começado muito novinha, eu sempre fui muito séria. Em todos os sentidos. E sempre me impus muito. Então, não tinha muito espaço (Arbex, 2023).

Seis anos depois de Cristiane Correa ter se formado na Cásper Líbero, Evanize Sydow também colava grau na mesma instituição. Mas quando entrava na universidade, logo na primeira semana, Evanize recorda que um professor comentou com a classe que o Jornalismo era uma carreira em que o profissional precisava se estabelecer até a faixa dos 20 e poucos anos, sob pena de depois estar fora do mercado. Preocupada com a informação, Evanize se pôs a correr atrás, mesmo tendo acabado de ser aprovada em concurso público municipal em São Paulo. Com um mês de faculdade, conseguiu estágio na rádio Gazeta, em São Paulo.

Apesar do rádio, Evanize queria trabalhar com impresso. A chance apareceu também no início da faculdade, quando o jornalista Sergio Gomes, fundador da Oboré⁴⁴, apareceu na turma dela para divulgar o trabalho aos jovens acadêmicos. O projeto se chamava “Repórter 2000”, recém-criado, em dezembro de 1994. Encantada com a proposta, Evanize se interessou, mas havia um impedimento: o valor do curso. Na saída da apresentação de Sergio, a então graduanda correu atrás e se ofereceu para trabalhar na Oboré: “*Eu fui atrás dele e falei: Olha, eu não tenho dinheiro pra pagar esse curso, mas eu quero fazer, eu posso trabalhar pra vocês, posso fazer alguma coisa, eu tenho o meu sábado livre [risos]*” (Sydow, 2023). Ao perceber o interesse de Evanize, Sergio pediu que ela fosse encontrá-lo na sede da Oboré: “*Eu sei que eu fiz todo o*

⁴⁴ A Oboré – Projetos Especiais em Comunicações e Artes é uma empresa que presta serviços de comunicação popular e oferta oficinas aos acadêmicos interessados na temática. Foi fundada por Sergio Gomes da Silva, em 1978.

curso, até hoje a gente é parceiro. E aí, eu fazia a transcrição para eles, de todas as entrevistas. E com esse trabalho de transcrição, eu ganhava o direito de participar do curso. Então, eu fiz vários cursos e conheci várias pessoas” (Sydow, 2023). Duas das pessoas com que Evanize estabeleceu contato, nos tempos de Oboré, tornaram-se protagonistas de futuras biografias assinadas por ela: o então arcebispo de São Paulo, dom Paulo Evaristo Arns, e frei Betto.

Evanize Sydow ingressou na faculdade no mesmo ano em que Adriana Negreiros. Esta, dois anos e seis meses mais nova, estudou Jornalismo na Universidade Federal do Ceará (UFC), em Fortaleza. Embora nascida em São Paulo (SP), Adriana havia migrado ao Nordeste em 1980, aos seis anos, pois os pais – naturais de Mossoró (RN) – queriam retornar à cidade-natal; porém, escolheram a capital cearense por ser uma cidade maior. No Ensino Superior, Adriana se interessou pelas disciplinas práticas, em especial, as técnicas de reportagem, ministradas pelo professor Agostinho Gósson, repórter do *Estadão*, que compartilhava casos de fontes, bem como orientações de como envolver o entrevistado. Dois anos após iniciar a faculdade, em 1996, Adriana se aproximava da prática jornalística. Havia conseguido um emprego no *Diário do Nordeste*, na capital cearense. Seria setorista de Política, com a função de cobrir a Câmara de Vereadores: *“Eu sempre gostei muito de Política, era o tema que mais eu consumia. [...] Quando apareceu a oportunidade, vi que aquilo era a chance da minha vida, achava que era a coisa mais fascinante do mundo. [...] Gostava da confusão, das brigas, da disputa de poder”* (Negreiros, 2023). Sua estadia no jornal durou quatro anos, até 2000.

Nesse tempo, Adriana mudou para a editoria de Reportagens Especiais, onde conseguiu desenvolver outra de suas paixões: a reportagem em profundidade, um tipo de texto que saía do formato *lead*, um espaço *“[...] em que os repórteres poderiam fazer uma reportagem com dimensões maiores, mais caprichadas, se dedicar mais dias ao texto. Como eu estive muito tempo na política, já estava de saco cheio da área, estava mais preocupada com a vida urbana e os personagens anônimos”* (Negreiros, 2023). A mudança fez bem a Adriana e o resultado foi a conquista do primeiro reconhecimento dela como jornalista: o prêmio de Jornalismo Cidade de Fortaleza, concedido pela Prefeitura Municipal, à época. Para essa matéria, a jornalista acompanhou, durante três madrugadas, as pessoas que davam entrada no Instituto José Frota (IJF), o principal hospital de emergência da capital cearense.

A próxima experiência que agregaria ao currículo seria a editora Abril: *“A Veja foi minha grande escola de reportagem. Aprendi a ser uma repórter chata. Os repórteres da Veja eram insuportavelmente chatos e eu era uma delas. Isso aprendi e levo de lição até hoje para os livros”* (Negreiros, 2023). Em 2001, foi a Salvador (BA), para estar próxima do *cacique* político regional da época, Antônio Carlos Magalhães, sem distanciar os olhos de políticos

cearenses em ascensão, como Ciro Gomes e Tasso Jereissati. Após um ano, a *Veja* a mandou pra São Paulo e, da sede da marginal Pinheiros, ficou restrita à editoria de Guia, uma seção que não a motivou muito: “*Tão logo tive a oportunidade, uma vez que estava na Abril, fiz um processo de seleção interna e consegui ser repórter da Playboy. Depois, fui promovida a editora, passei oito anos trabalhando na Playboy e foram meus oito anos mais felizes na vida como jornalista de redação*” (Negreiros, 2023).

A *Playboy* era um dos periódicos da família Civita, importada dos Estados Unidos em 1978. A original, de propriedade de Hugh Hefner, fizera sucesso desde o primeiro número, em 1953, quando publicou fotografias da atriz Marilyn Monroe. De acordo com Adriana, quando ingressou na redação de *Playboy*, em 2004, ainda não possuía uma consciência feminista, com olhar crítico sobre o papel da mulher e o estereótipo feminino que a mídia vendia ao público consumidor. Todavia, atrelado a isso, houve a chance jornalística de vivenciar situações que a amadureceram profissionalmente: “*A minha vida na Playboy foi muito feliz, pois tive oportunidades de fazer matérias que jamais faria em outro lugar. [...] Obviamente, hoje, olho pra aquela experiência com olhar crítico de quem se tornou feminista convicta, mas também sabendo que nada é tão simples assim*” (Negreiros, 2023). Havia uma série de questões problemáticas, que Adriana explica melhor:

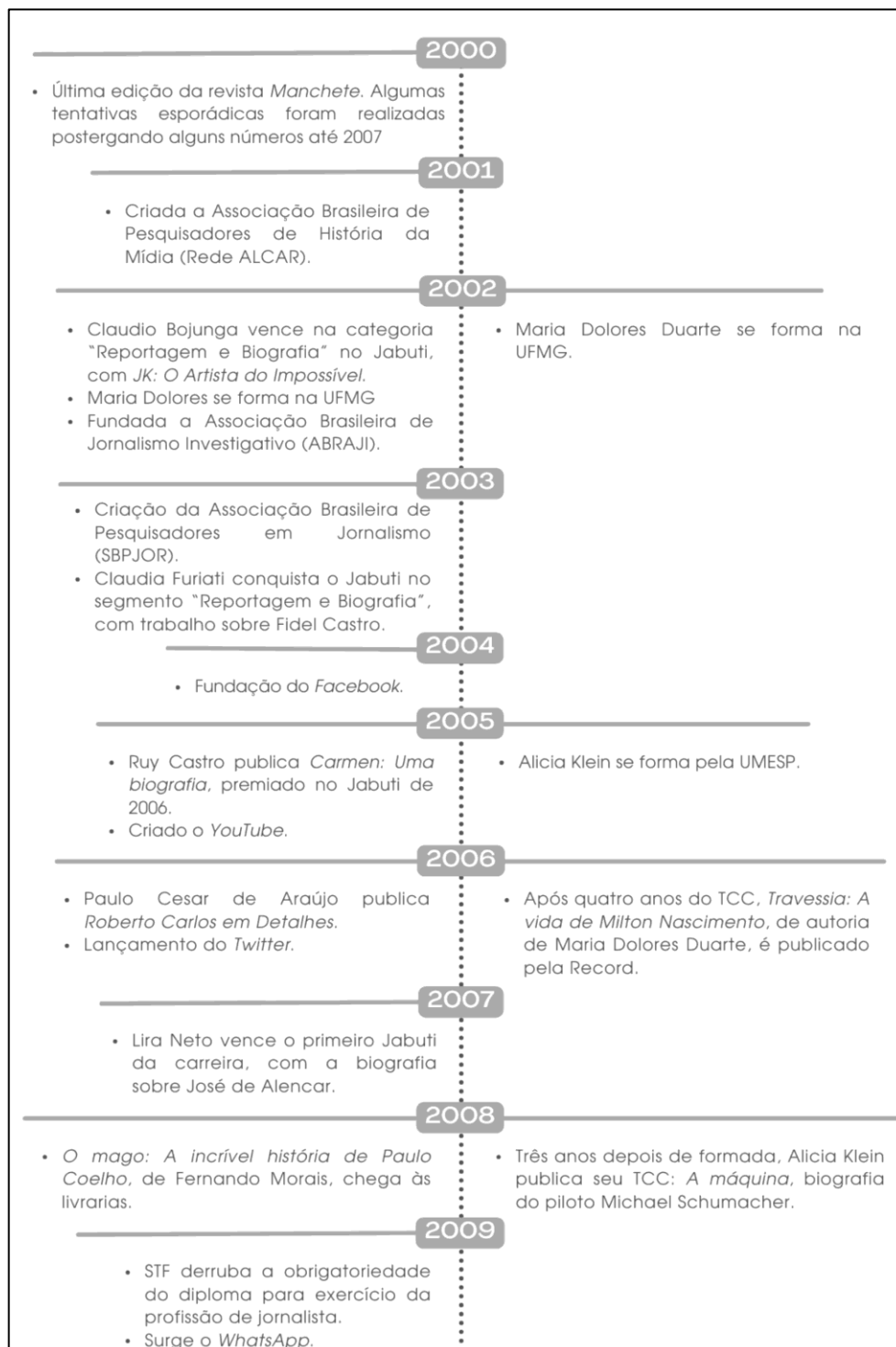
A começar pela revista, uma mulher pelada ao lado de carro, relógio, tratando a mulher como objeto, obviamente, um problema imenso. [...] Sabia que era problemático, mas não parava pra pensar. Eu via que a Playboy era um ambiente muito permissivo, de muita liberdade. Claro que isso é uma coisa muito própria de um sistema liberal, que apregoa o sucesso com a filosofia do Hugh Hefner, que é extremamente problemática, mas pra mim, que trabalhava, achava que aquilo era muito sedutor do ponto de vista jornalístico. As matérias não passavam por nenhum tipo de censura (Negreiros, 2023).

Abaixo, a cronologia dos anos 2000 (Imagem 5), a virada de século, o início de um novo milênio. A Internet, que surgiu comercialmente no Brasil, em meados dos 1990, começava a ganhar espaço no cotidiano das redações, com o uso, cada vez mais natural, dos endereços eletrônicos (*e-mails*). E dividia tarefas com equipamentos – como o *fax*, os computadores com monitores em tubo, *mouse* e teclados, além dos disquetes e *paggers* - que, mais de duas décadas depois, já são considerados obsoletos.

Também é o período em que uma nova geração de jornalistas começa a se dedicar à escrita biográfica. Inclusive, data de 2006, a primeira categoria de “Biografia” no troféu da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA). São dessa década a estreia no gênero

biográfico de jornalistas como Gonçalo Junior, que assinou *O Homem-Abril: Cláudio de Souza e a história da maior editora brasileira de revistas* (Opera, 2003); Ernesto Rodrigues, autor de *Ayrton: O herói revelado* (Objetiva, 2004) e *Jogo duro: A história de João Havelange* (Record, 2007); Paulo Cesar de Araújo, que escreveu *Roberto Carlos em detalhes* (Planeta, 2006) e Nelson Motta, biógrafo de Tim Maia, em *Vale tudo: O som e a fúria de Tim Maia* (2007). Lira Neto aumentou o catálogo biográfico nesse período, com *Castello: A marcha para a ditadura* (Contexto, 2004; Companhia das Letras, 2019); *O inimigo do rei: Uma biografia de José de Alencar* (Globo, 2006); *Maysa: Só numa multidão de amores* (Globo, 2007; Companhia das Letras, 2017) e *Padre Cícero: Poder, fé e guerra no sertão* (Companhia das Letras, 2009). Assim como Lira, outros biógrafos da década anterior também continuariam a publicar novas obras, como Ruy Castro, com *Carmen: Uma biografia* (Companhia das Letras, 2005); Fernando Morais e *O Mago: A incrível história de Paulo Coelho* (Planeta, 2008; Companhia das Letras, 2015), além de Regina Echeverria, autora de *Pierre Verger, um retrato em preto e branco* (Corrupio, 2002), com Cida Nobrega; *Gonzaguinha e Gonzagão, uma história brasileira* (Ediouro, 2006; Leya, 2012); *Mãe Menininha do Gantois, uma biografia* (Ediouro, 2007), também com Cida Nobrega. Logo, mais mulheres também despontariam nesse meio, cujas primeiras experiências remontam à fase acadêmica. É o caso de uma mineira de Três Pontas e de uma paulistana.

Imagem 5 - Década de 2000



Fonte: O autor

Nota: Arte de Matheus Gastaldon

Concomitante a Evanize Sydow e Adriana Negreiros, Clarisse Meireles estava às voltas com o Jornalismo, na Faculdade da Cidade, mesma instituição em que Luciana Hidalgo se graduara, em 1988. Aliás, no terceiro período de faculdade, Clarisse foi convidada por um professor, Sidney Garambone, a estagiar na sucursal carioca de *IstoÉ!*, revista da qual ele era

subeditor. Permaneceu estagiária até se formar, em 1999. Em seguida, conseguiu ser efetivada e trabalhou na revista até 2001: “*Então, eu sempre, quer dizer, desde cedo já fiquei na faculdade e em redação. Então, eu tive essa experiência desde logo. E fiquei mais uns anos na IstoÉ!, foi uma escola muito boa na época*” (Meireles, 2023). Por nunca ter tido interesse em rádio ou televisão, Clarisse continuou a trabalhar em impressos. Inclusive, colaborou com *O Globo* durante menos de um ano e, em seguida, esteve três anos no *Jornal do Brasil*, até passar por um período de assessoria de imprensa.

Enquanto Clarisse Meireles recebia o diploma de Jornalismo no Rio de Janeiro, em 1999, Maria Dolores Duarte ingressava, em abril do mesmo, no curso de graduação, só que em Belo Horizonte. Aos 20 anos, Maria Dolores se mudou com o filho, Daniel, na época, com um ano e seis meses, para residir com a sua avó paterna na capital mineira, enquanto o namorado – hoje, esposo – estudava Direito em Varginha e estagiava no fórum, em Três Pontas, cidade em que ele residia. De acordo com a jornalista, a UFMG “[...] *era muito diferente dos outros cursos de Jornalismo das particulares, por exemplo. Lá era muito teórico e a prática era pouca, mas [...] o que eu achava que ela trazia pra mim era uma formação intelectual sobre como aprender a escrever uma matéria ou fazer uma foto*” (Duarte, 2003). Segundo ela, não houve aproximação dos estudantes com livros biográficos. Sabia-se quem era Ruy Castro, mas as turmas não eram estimuladas a ler ou escrever algo semelhante. Próximo ao fim do curso, como de costume, cogitou-se a temática a ser trabalhada no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Escolheu o trabalho prático – queria fugir das normas técnicas regidas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT); preferiu fazer algo sozinha, ao invés de um trabalho em equipe; em seguida, optou pelo texto impresso, já que era uma das coisas que mais gostava de fazer. Por fim, o assunto. A própria biógrafa, em depoimento ao autor, contou que decidiu por um livro-reportagem sobre Três Pontas, para facilitar a logística junto à criação do primogênito: “*A decisão pela biografia foi por uma questão muito prática, isso tem muito a ver com o fato da maternidade*” (Duarte, 2023). Atenção ao relato:

Aí, dos temas de Três Pontas, são três temas principais: a cafeicultura, que é uma cidade agrícola, cafeicultura é o que move a cidade; o padre Victor, o padroeiro da cidade, que tem uma história superinteressante: ele é um padre negro, escravo, durante a escravidão, e ele acabou conquistando uma posição de muito poder aqui e é venerado até hoje numa sociedade preconceituosa, conservadora; e o Milton Nascimento. Eram os três temas principais. [...] [S]e eu vou ter que gastar um ano ou seis meses dedicados a um trabalho de faculdade pra me formar, eu não vou fazer um trabalho pra entregar, receber minha nota e colocar na gaveta. Eu vou fazer alguma coisa que possa me servir depois, pra alguma coisa, pra abrir porta de maneira prática, que aquilo possa me levar a algum lugar, não quero por na gaveta (Duarte, 2023).

Logo que apresentou o TCC, em janeiro de 2003, Maria Dolores Duarte se inscreveu no curso Abril de Jornalismo, em São Paulo, intensivo de um mês, proporcionado pela editora paulista de revistas: “*Eu não quis me candidatar ao trainee. Da turma toda, lembro que só eu e outro jornalista, de Recife, não quisemos. Eu nunca quis um emprego, sempre optei por ser freelancer para ter liberdade para meus próprios projetos e meu filho*” (Duarte, 2023). O desejo era transformar o TCC⁴⁵ em livro comercial, vendido por uma editora de grande circulação. Para manter a ideia viva, concretizada em 2006, através da Record, Maria Dolores realizou *freelas* fixos para a Abril. De 2003 a 2010, contribuiu com matérias para várias revistas, como *Veja*, *Veja SP*, *Contigo*, *Quatro Rodas*, *Viagem e Turismo*, *Claudia*, *Aventuras na História*, *Exame*, *Bravo*, *Saúde*, *VIP*, além de publicações internas. No momento em que concedeu entrevista para o autor da tese, Maria Dolores se dedicava à produção cultural, área que começou a trabalhar a partir de 2010: “*Não houve nenhum incômodo com a profissão, nem decepção. Eu adorava o Jornalismo e ainda adoro. É que foram surgindo os projetos de produção cultural, os festivais, e acabei enveredando por esse segmento que, financeiramente, era melhor*” (Duarte, 2023).

O lançamento de *Travessia: A vida de Milton Nascimento* se deu em novembro de 2006. No clima de fim de ano, o jornalista baiano Paulo Cesar de Araújo também lançaria uma biografia, o segundo livro assinado por ele. *Roberto Carlos em Detalhes* (Planeta, 2006) chegou com força junto ao mercado editorial, com resenhas nos principais veículos de comunicação. O impacto da publicidade se reverteu em vendas. Após 15 anos de investigações, o biógrafo presenciou a própria pesquisa se tornar indigesta ao biografado. O cantor e compositor capixaba julgou que 14 trechos do livro seriam provocadores: “*Dessas catorze passagens, seis são consideradas injuriosas a Roberto Carlos e oito difamatórias. Nenhuma caluniosa*” (Araújo, 2014, p. 248). Paulo Cesar de Araújo viveria um pesadelo em 2007, após enfrentar o *rei* nos tribunais. O polêmico episódio retornaria à mídia em 2013, com ampla repercussão nacional; porém, dois anos depois, seria solucionado na maior estância jurídica do país. No momento em que o autor da presente tese escreve esta passagem, *Roberto Carlos em Detalhes* se tornou peça de colecionador. A Estante Virtual a comercializa a partir de R\$ 130,00; porém, existem sebos que vendem a obra por até R\$ 900,00.

Nesse mesmo período, Alicia Klein estudava Jornalismo na UMESP, em São Bernardo do Campo (SP): “*Eu nunca me atraí pelo formato da profissão do Jornalismo, especialmente,*

⁴⁵ Os desafios da pesquisa de Maria Dolores Duarte serão detalhados no tópico seguinte (*Vivência autoral*).

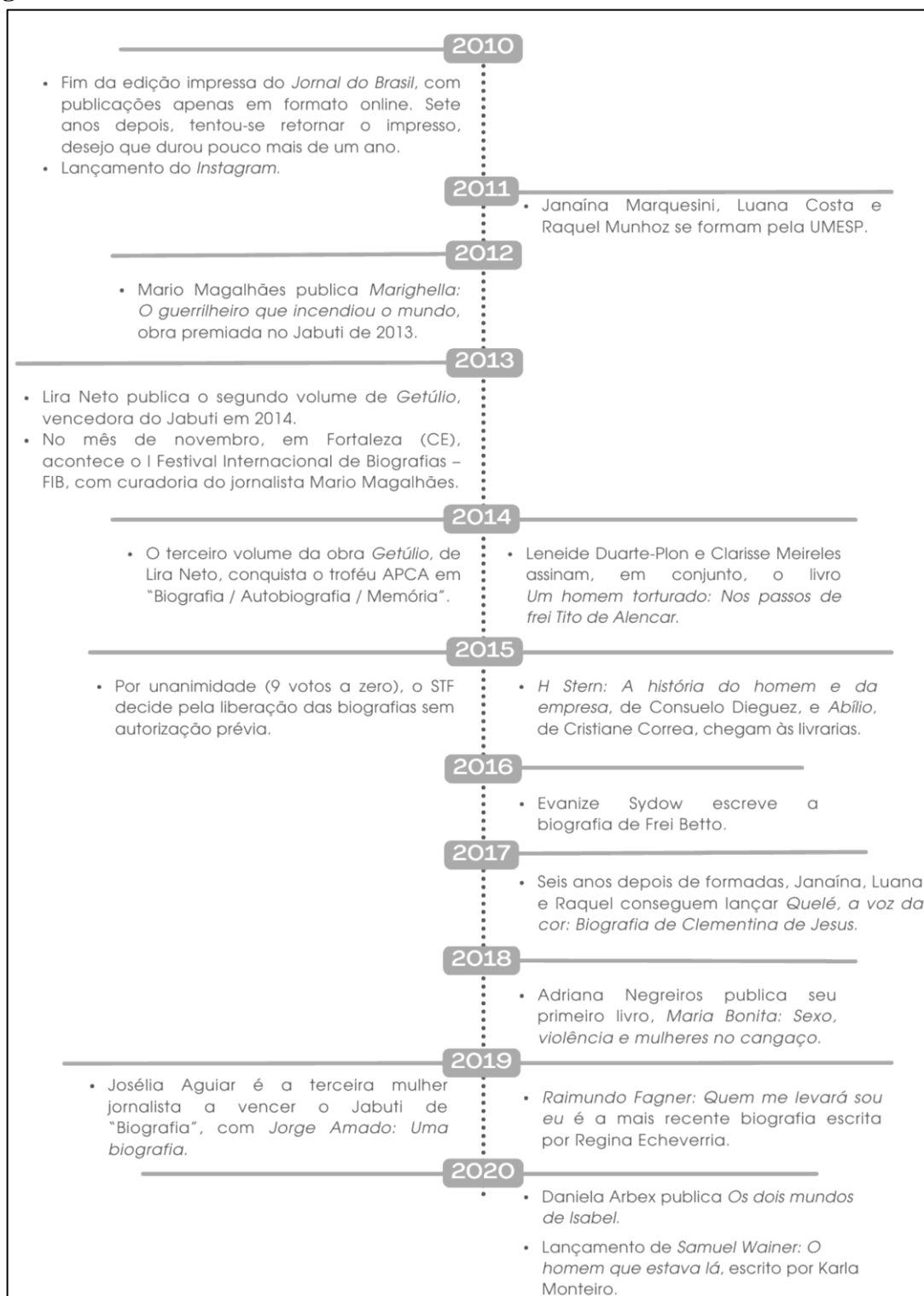
na época, o formato redação, o formato dar plantão, trabalhar muito pra ganhar pouco...e os ambientes de redação ligados ao esporte sempre foram brutalmente machistas” (Klein, 2023). Impactada por esses espaços em que, segundo ela, o assédio era institucionalizado, Alicia cursou a faculdade sem ter muita certeza do que ia fazer com o ensino que era lecionado. Não havia um desejo de trabalhar em redação: “*Eu gostava do rádio e da TV porque eu gosto muito de falar. Gosto muito de escrever também, mas gosto muito de falar, mas eu não me via em nenhum lugar e acho que é parte da razão de eu ter saído do Jornalismo na sequência*” (Klein, 2023). Mesmo sem vontade explícita em praticar o Jornalismo no cotidiano, Alicia contribuiu com a profissão ao escolher uma biografia como TCC, na universidade.

Ainda na UMESP, havia algumas opções para a entrega da defesa final, em 2005, como relata Alicia Klein: “[...] *você podia fazer uma revista, podia fazer um programa de rádio, podia fazer um programa de televisão. Talvez o livro fosse o projeto mais difícil, mas eu já antevi uma possibilidade de aquilo ser um empurrão pra eu conseguir publicar um livro de verdade*” (Klein, 2023). O que, de fato, aconteceu, em 2008⁴⁶, pela editora BestSeller, pertencente ao Grupo Editorial Record.

A década seguinte, a partir dos anos 2010 (Imagem 6), se caracterizará pela intensidade das redes sociais, as novas mídias que aproximaram o Jornalismo ainda mais do público. *Compartilhar* é o verbo que assume o destaque na comunicação, com o desenvolvimento de aplicativos – *Facebook, Instagram, Twitter, WhatsApp* cada vez mais intuitivos. Será a época dos *likes*, comentários e algoritmos. Com a facilidade de registrar os acontecimentos a partir de uma câmera de celular com acesso à Internet móvel, pesquisadores se perguntam como o Jornalismo conseguirá sobreviver e exercer o papel investigativo que lhe cabe por natureza. Frente aos conglomerados de mídia, surgem ainda equipes de Jornalismo independente no país, como *Agência Pública* (2011), *Mídia Ninja* (2013) e *The Intercept Brasil* (2014). No campo social, o Brasil presenciou a primeira mulher a subir a rampa do Palácio do Planalto, em 2011. Dilma Rousseff sofreu o *impeachment* em 2016, no segundo mandato, logo após as crises políticas que se instalaram no país, motivadas pelas manifestações de 2013 e a realização da Copa do Mundo, em 2014. Como consequência da efervescência social, quase 58 milhões de eleitores (55,13%) escolheram um candidato de extrema-direita, o então deputado federal Jair Bolsonaro, presidente que não conseguiu enfrentar a maior crise sanitária global: a pandemia, nos anos de 2020 e 2021.

⁴⁶ Os bastidores da escrita de Alicia Klein serão detalhados no tópico seguinte (*Vivência autoral*).

Imagem 6 - Década de 2010



Fonte: O autor

Nota: Arte de Matheus Gastaldon

De cidades diferentes, com experiências distintas, Janaína Marquesini, Luana Costa e Raquel Munhoz foram se conhecer nas salas de aula da UMESP, a partir de 2008, quando ingressaram no Ensino Superior. Janaína tinha o desejo de trabalhar na redação da *Folha de*

São Paulo. Adentrar a redação, localizada no prédio de onze andares da alameda Barão de Limeira, 425, bairro dos Campos Elíseos, era a sua meta de vida. Até que uma experiência em sala de aula fez o sonho virar frustração. Segundo depoimento de Janaína, a universidade tinha uma parceria com o portal UOL. Quando o aluno produzia algo e tirasse 10 no trabalho, a reportagem era publicada *online* no *site* do UOL. A reportagem em questão foi realizada em suporte audiovisual na cidade de Diadema, juntamente com a colega Raquel Munhoz, e tratava da contaminação do lençol freático provocado por um depósito de combustíveis, posto este localizado no estacionamento de uma grande rede de supermercados: “*Enfim, foi um caos. [...] Pessoas que morreram com problema respiratório, bebês que nasceram com problemas respiratórios e estavam muito doentes. [...] Saía cheiro de gasolina de dentro dos vasos, dos ralos, do ralo da pia. Era um horror*” (Marquesini, 2023). A matéria foi avaliada com nota 10 e, conforme o combinado, seria postada no portal. Porém, o andamento foi interrompido, já que a rede de supermercados era anunciante: “*Aí eu descobri que eu não ia poder fazer isso, que eu não ia poder escrever sobre o que eu queria, que tinha um editor e que o editor cumpria ordens do anunciante, sabe? [...] Eu fiquei tão decepcionada, foi um balde de água fria na minha cabeça*” (Marquesini, 2023).

Luana Costa também admitiu que já esteve fascinada por trabalhar em grande veículo do Sudeste brasileiro, mas o encantamento era com as reportagens especiais para revistas. De acordo com a jornalista, essa vontade estava relacionada à crença do repórter poder se dedicar a um tema específico por tempo ilimitado, mesmo sem saber que poucos anos depois seria ela quem se aprofundaria num assunto específico e, ainda por cima, reconhecida a nível nacional: “*Aquelas reportagens que demoravam meses pra gente fazer e várias entrevistas, investigação? Então, eu gostava disso*” (Costa, 2023). Também flertou com a televisão, mas não a reportagem em si, com o microfone e a canopla, “[...] *mas, talvez, ficar mais na produção, porque eu achava que o dinamismo da TV me atraía muito, sabe? Todo dia era um dia diferente e isso me atraía muito na TV. Só que depois também me decepcionei bastante...*” (Costa, 2023). Seu desânimo se deu com os depoimentos dos professores que, conforme recorda, contavam sobre a realidade intensa, fator que os privava da convivência em família: “*Então, a gente teve uma professora de TV e eu lembro que ela engravidou aos 40 anos. E ela falou: Gente, eu só fui engravidar agora porque a profissão não permite que você case, tenha filhos e tenha uma vida tranquila, viu? E aí ela falou isso e me marcou muito na época*” (Costa, 2023).

Dois anos depois de Janaína, Luana e Raquel concluírem a graduação, em 2011, com a defesa do TCC sobre a cantora Clementina de Jesus, acontecia o I Festival Internacional das Biografias (FIB), em Fortaleza (CE). Na ocasião, em novembro de 2013, Fernando Morais,

Guilherme Fiuza, Humberto Werneck, João Máximo, Josélia Aguiar, Lira Neto, Lucas Figueiredo, Luiz Fernando Vianna, Mário Magalhães, Paulo César de Araújo, Regina Zappa e Ruy Castro discutiram o processo de pesquisa, apuração e escrita, em meio ao debate midiático das biografias não-autorizadas⁴⁷.

Quanto às demais entrevistadas, algumas permaneceram no Jornalismo. Leneide Duarte-Plon reside na França desde 2001 com o esposo. Situada na Europa, colaborou para diversas mídias brasileiras, como *Jornal do Brasil*, *O Globo*, *Folha de São Paulo*, *Observatório da Imprensa* e *Carta Capital*. Aliás, ainda trabalha para a *Carta Capital* e para mais dois sites de informação de esquerda: Forum21 e RED-Brasil Democracia. Já Cristiane Correa saiu da *Exame*, em 2011, para se dedicar ao primeiro livro, *Sonho grande* (Sextante, 2013), pondo fim a uma trajetória de quase três décadas na revista.

Em 2012, Adriana Negreiros trocou de periódico, mas permaneceu na Abril. Tornou-se editora de *Claudia*, revista feminina mensal, criada em 1961, mas com um ambiente mais opressor da perspectiva de gênero do que a *Playboy*: “Aqui [na Playboy] via a mulher como um ser sexual, não havia sacralização. Acho que o estereótipo que sacraliza a mulher pode ser mais opressor do que o estereótipo que a sexualiza. O outro, pelo menos, tem mais um traço de humanidade” (Negreiros, 2023). Segundo a biógrafa de Maria Bonita, *Claudia* desenhava um estereótipo feminino, com compreensões do que seria o feminismo: “A mulher de uma revista feminina é uma mulher meio idiotizada, que só se interessa por moda, beleza, mas que tem interesses limitados, não se interessa por política, economia, violência” (Negreiros, 2023). No ano de 2015, Adriana retornou à USP para estudar Filosofia, graduação que cursou apenas um semestre, em 2009. Sua conclusão aconteceu em 2018.

Regina Echeverria já havia assistido dois dos seus livros serem adaptados ao cinema (*Cazuza: O Tempo Não Pára*, 2004; *Gonzaga: De Pai pra Filho*, 2012), quando foi finalista da categoria “Biografia” do prêmio Jabuti, em 2015, com *A história da princesa Isabel: Amor, liberdade, exílio* (Versal, 2014). No mesmo ano, Consuelo Dieguez publicou o seu primeiro livro biográfico, ao escrever a vida do empresário alemão Hans Stern. Em 2019, Daniela Arbex deixou o jornal *Tribuna de Minas* para se dedicar à carreira de jornalista-escritora. Já tinha três livros publicados. Durante a pandemia, lançou *Os dois mundos de Isabel* (Intrínseca, 2020) e, em seguida, escreveu a respeito da tragédia que ocorreu em Brumadinho (MG), no livro

⁴⁷ Polêmica protagonizada por artistas da Música Popular Brasileira (MPB) em torno do grupo Procure Saber - tais como Caetano Veloso, Chico Buarque, Djavan, Gilberto Gil e capitaneada por Roberto Carlos - que defendiam o prévio consentimento dos biografados para qualquer produção cultural (documentários, filmes, livros, peças de teatro) futura.

Arrastados: Os bastidores do rompimento da barragem de Brumadinho, o maior desastre humanitário do Brasil (Intrínseca, 2022), obra esta que foi premiada em outubro de 2023, na categoria “Livro-reportagem”, do 45º prêmio Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos.

Após sair do Jornalismo, em 2006, Clarisse Meireles se dedica às traduções e revisões, além de alguns trabalhos de comunicação corporativa. Desde 2019, integra, ainda, a direção do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Município do Rio de Janeiro. Luciana Hidalgo saiu do *JB*, em 1995, para se dedicar à pesquisa de seu primeiro livro, a biografia *Arthur Bispo do Rosario: O senhor do labirinto*. Para se sustentar, virou *freelancer*. Por alguns meses de 1998, assumiu a sucursal carioca da revista *Bravo!*, outra publicação que pertenceu ao catálogo da editora Abril, e do caderno literário “Prosa & Verso”, de *O Globo*. Estudou também francês, na Sorbonne. Quando retornou ao Brasil, passou a redatora em *O Globo*, atuou na editora Nova Fronteira, editora-assistente na revista *Veredas* e, por fim, aceitou o convite para retornar a “Prosa & Verso”, de *O Globo*, onde permaneceu como redatora, até setembro de 2002. Após o doutorado, finalizado em 2007, enveredou de vez pela Literatura, área em que também foi premiada no Jabuti, no ano de 2009; desta vez, na categoria “Teoria/Crítica Literária”, com o livro *Literatura da urgência: Lima Barreto no domínio da loucura* (Annablume, 2008). Mesmo com titulação acadêmica, Evanize Sydow não se vê como professora em universidade. Prefere atuar como jornalista, documentarista e pesquisadora da organização Mirar Lejos, em projetos que dialoguem com as temáticas de cultura, direitos humanos e memória, além de ser colaboradora de pesquisas junto com o ex-orientador de mestrado e doutorado, o professor Américo Freire.

Quase uma década após a publicação e posterior proibição da venda do livro *Roberto Carlos em Detalhes*, o Superior Tribunal Federal (STF) pôs fim à discussão que tomava conta do noticiário nacional. Por unanimidade, em 2015, os nove ministros aprovaram a Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADI) 4815, documento este que concluía pela não necessidade de autorização prévia para a publicação de biografias. Na leitura do voto favorável da então presidenta da Corte judiciária, Carmen Lúcia lembrou da discrepância que possa existir em uma nação caso haja somente relatos autorizados:

Não se trata da proteção de qualquer direito da personalidade do biografado, mas de uma disputa puramente mercantil, um verdadeiro leilão da história pessoal de vultos históricos, conduzido, muitas vezes, por parentes que jamais os conheceram. [...] O País se empobrece pelo desestímulo a historiadores e autores em geral, que esbarram invariavelmente em familiares que formulam exigências financeiras cumulativas e, por vezes, contraditórias. Ademais, são igualmente graves as distorções provocadas por uma história contada apenas

pelos seus protagonistas. Trata-se, como se vê, de um efeito silenciador e distorcivo dos relatos históricos e da produção cultural nacional. [...] Afinal, o monopólio da biografia autorizada representa, na prática, a antítese da ideia do pluralismo em relação às visões da história política, artística e social do país (Brasil, 2015).

Neste tópico, buscou-se revelar aspectos profissionais das 15 jornalistas biógrafas. Todas elas, conforme as oportunidades, tiveram experiência com textos, seja na universidade, seja no mercado de trabalho. Esse contato com o impresso despertou interesse e as motivou a fazerem do livro uma alternativa de renda. Dedicar-se exclusivamente ao ramo ainda é um sonho para muitas delas – sete entrevistadas, por exemplo, não retornaram à apuração de uma pesquisa a nível de não ficção. Algumas conseguem viver dos ganhos obtidos pelas obras publicadas, além de cursos e palestras que oferecem. Outras, como mencionado, ainda trabalham em redação ou migraram de área. Contudo, a vivência autoral é ainda utópica, tendo em vista os desafios que as mulheres jornalistas biógrafas enfrentam no cotidiano profissional.

6.4 Vivência autoral

Para o presente eixo de resultados, serão discutidos os bastidores da produção biográfica das 15 jornalistas biógrafas. Qual a metodologia aplicada na investigação? Como foi a busca por uma editora? A maternidade, se ocorreu, interferiu no percurso de escrita? Pelas opiniões ilustradas nos parágrafos a seguir, embora o tempo de apuração para um livro se torne mais dilatado, o trabalho das mulheres continua desafiador.

No tópico passado, observou-se a experiência das jornalistas quando atuavam no mercado jornalístico impresso. A prática do cotidiano, baseada em entrevistas diárias, pesquisa em arquivos e a escrita de grandes reportagens – como os textos em formato *perfil* – associada à leitura de biografias realizadas por jornalistas, torna-se bagagem fundamental para quem se sente disposta a se aventurar pelo ofício de biógrafa. Ao menos oito (Adriana Negreiros, Alicia Klein, Consuelo Dieguez, Evanize Sydow, Janaína Marquesini, Karla Monteiro, Luciana Hidalgo e Maria Dolores Duarte) das 15 entrevistadas citaram, como referência de obra biográfica, os livros *O anjo pornográfico: A vida de Nelson Rodrigues* (Companhia das Letras, 1992, 2022), assinado por Ruy Castro, *Chatô: O rei do Brasil* (Companhia das Letras, 1994, 2011), redigido por Fernando Morais, e *Che Guevara: Uma biografia* (Objetiva, 2012; Companhia das Letras, 2023), escrito pelo jornalista estadunidense Jon Lee Anderson. Ademais, houve quem se inspirasse em livros-reportagem com características do Jornalismo literário (Pena, 2006; Lima, 2009; Martinez, 2016).

Daniela Arbex, por exemplo, disse que o tipo de literatura que mais a marcou, em sua escrita, foram os livros de não ficção. Dentre eles, *Hiroshima* (Companhia das Letras, 2002), do jornalista estadunidense John Hersey, publicado originalmente em 1946. Também impactaram os clássicos *A sangue frio* (Companhia das Letras, 2003) e *Fama e anonimato* (Companhia das Letras, 2004), resultados das apurações do jornalista e escritor Truman Capote, em 1965, e do jornalista Gay Talese, em 1970, respectivamente, além de *Rota 66*⁴⁸ (Globo, 1992; Record, 2003) – este, lançado quando Daniela ainda estava na faculdade de Jornalismo, na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

Consuelo Dieguez também se apaixonou pelo modelo de escrita literária dos repórteres norte-americanos quando foi convidada pelo jornalista Mario Sergio Conti a trabalhar na *piauí*⁴⁹, revista recém-criada, em meados dos anos 2000: “*Eu nem sabia o que era a New Yorker, pra você ter uma ideia. Isso em 2006. Eu nem sabia o que era, eu nunca tinha lido nada. Ele [Conti] me deu um artigo pra ler, que era de um financista que tinha se arruinado. E eu fiquei fascinada com aquilo ali*” (Dieguez, 2023). Ela prossegue sua explicação, ao comparar o tempo de apuração na *piauí* com o da *Veja*:

Na Veja, a gente tinha uma semana, às vezes, a gente tinha duas semanas para fazer. Era um luxo. E aí, por isso, não tive dificuldade quando fui pra piauí. Porque eu já tinha experiência de como contar uma história, que eu tinha aprendido na Veja. Só que muito aprimorada na piauí, porque aí você podia se soltar, aí eu comecei a ler, aí eu fiquei compulsiva. Comecei a ler esses livros todos da New Yorker, perfis, aí fui atrás de tudo pra ler o que tinha pra desenvolver essa escrita mesmo. Aí, eu fiquei absolutamente fascinada (Dieguez, 2023).

Para se inteirar sobre o estilo da revista, releu *Hiroshima*, mas também se aprofundou na leitura de *Filme* (Companhia das Letras, 2005), originalmente redigido pela jornalista da *The New Yorker*, Lillian Ross, em 1952: “*Essa mulher é gênio. Cara, isso aqui é muito maravilhoso. Daí eu comecei a ler essas pessoas e eu fiquei louca por essas pessoas. Porque essa mulher não gravava, cara, pra mim, é impossível fazer qualquer coisa sem gravar*” (Dieguez, 2023). Durante a entrevista, Consuelo vai ao escritório mostrar os livros da estante que a inspiraram a escrever melhor: “*Ah, tem uma coisa aqui que é sensacional, isso aqui eu comprei ainda na*

⁴⁸ Primeiro livro assinado pelo jornalista gaúcho Caco Barcellos a conquistar o prêmio Jabuti na categoria “Reportagem”, em 1993, no mesmo ano de criação desse segmento.

⁴⁹ A revista é reconhecida por um diferencial: a escrita de grandes reportagens, mais aprofundadas e humanizadas, ao estilo do que foi a *Realidade* (1966-1976), no Brasil, e o que ainda é a quase centenária *magazine* estadunidense, *The New Yorker* (1925 - ...).

época do Jornal do Brasil. A arte da entrevista⁵⁰, se você achar...este livro, é absolutamente genial, são várias entrevistas. [...] Cara, esse livro também me ajudou muito no trabalho da piauí, sabia?” (Dieguez, 2023). Também separa outro título que a impactou, *A night to remember*⁵¹: “Isso aqui que eu te falei, que é sobre o Titanic. Ele entrevista os sobreviventes, é genial, daí ele conta...cara, aí, tudo isso ajuda a gente. Ele começa descrevendo o relógio, maravilhoso” (Dieguez, 2023).

A experiência assídua, em jornais e revistas, auxilia na apuração de uma biografia. E esse conhecimento se reflete em reportagens publicadas também em livros. Em depoimento ao autor desta tese, Regina Echeverria mencionou que seu último trabalho em redação foi na *Caras*, publicação mensal de origem argentina e que foi produzida no Brasil pela editora Abril, a partir de novembro de 1993. Na revista, redigiu uma sessão onde ela escrevia sobre a vida do indivíduo, na primeira pessoa: “Então, por isso é que eu acabei fazendo livro, por essa facilidade que eu tinha de fazer perfis. Na verdade, você tinha muito pouco tempo para conhecer alguém. E é muito leviano você afirmar que uma pessoa é assim ou é assado, se você não convive com ela” (Echeverria, 2023). *Caras*, reconhecida por ser uma revista de celebridades, com fotografias de famosos em carros, mansões, escritórios ou em viagens nos cenários do castelo de *Caras*, em Nova York (EUA), da ilha de *Caras*, em Angra dos Reis (RJ), ou da casa de *Caras*, em Itapema (SC), teria, ainda, edições nacionais no Uruguai, Portugal e Angola.

A aproximação ao gênero biográfico também ocorreu de maneira natural para Karla Monteiro. Especialmente, por sua passagem pela revista *Trip*, periódico lançado em 1986, no Brasil, e por *O Globo*: “Porque na *Trip*, eu fazia todos os perfis de todas as capas. Então, eu gostava de fazer perfil e eu entendi que eu tinha um jeito pra aquele negócio, sabe?” (Monteiro, 2023). Quando migrou para o jornal da família Marinho, continuou responsável por todas as capas das revistas de domingo de *O Globo*:

Sempre grandes perfis, grandes reportagens que envolviam muito o ser humano, sabe? No O Globo, eu fiz muita coisa, digamos, Jornalismo social [faz sinal com os dedos indicadores entre aspas], mas muito voltada pra essa coisa de entender as pessoas, os lugares que elas viviam, sabe, desde subir favela e perfilar chefe de morro, então, eu descobri que gostava era desse lugar, sabe? Dentro do Jornalismo, o que eu gostava era isso. Aí foi daí que fui me encaminhando pra biografia (Monteiro, 2023).

⁵⁰ Organizado por Fábio Altman, *A arte da entrevista: Uma antologia de 1823 aos nossos dias* possui 585 páginas e foi lançado pela editora Scritta, em 1995.

⁵¹ Escrito pelo estadunidense Walter Lord e publicado em 1955, a obra inspirou o filme britânico *A night to remember*, de 1958 (no Brasil, o título seria traduzido para *Só Deus por testemunha*). Lord ainda atuou como consultor na megaprodução do longa *Titanic* (1997), do cineasta canadense James Cameron.

Embora presentes em redações, as mulheres jornalistas que se iniciaram no Jornalismo da década de 1990, por exemplo, ainda não estavam próximas ao mercado editorial de livros-reportagem. Como já abordado, houve a publicação isolada de Regina Echeverria, *Furacão Elis*, em 1985, e pouca participação feminina na década seguinte, salvo as obras de Ana Arruda Callado (*Dona Maria José: Retrato de uma cidadã brasileira*, 1995, com Denilde Leitão; *Jenny: Amazona, Valquíria e Vitória-Régia*, 1996; *Adalgisa Nery: Muita amada e muito só*, 1999), Judith Lieblich Patarra (*Iara: Reportagem biográfica*, 1992) e Luciana Hidalgo (*Arthur Bispo do Rosario: O senhor do labirinto*, 1996). O nicho de atuação das jornalistas biógrafas ainda não era tão comum, mas havia o esboço de um futuro campo de trabalho. A sensação era de que as forças desse campo em formação dificultavam sua entrada.

Pierre Bourdieu fala sobre o motivo de alguns serem apreciados e outros, não. Inseridos em um *campo intelectual*, descrito por Bourdieu (1968, p. 105), tal qual um campo magnético, que “[...] constitui um sistema de linhas de força: isto é, os agentes ou sistemas de agentes que o compõem podem ser descritos como forças que se dispendo, opondo e compondo, lhe conferem sua estrutura específica num dado momento do tempo”. A relação do autor e sua obra depende da origem do senso público, daqueles que decidem o valor cultural “[...] sobre quem julga e quem consagra, sobre como é feita a seleção que [...] distingue as que são dignas de serem amadas e admiradas, conservadas e consagradas” (Bourdieu, 1968, p. 120). Prossegue: “A existência de *obras consagradas* e de todo um sistema de regras que define a abordagem sacramental supõe uma instituição cuja função não seja apenas de transmissão e de difusão, mas também de *legitimação*” (Bourdieu, 1968, p. 130).

A busca por legitimação, nesse campo, passa pela identificação entre os pares jornalísticos. Assim como Ruy Castro e Fernando Morais procuraram Alberto Dines para orientação sobre a pesquisa biográfica (Vieira, 2015), algumas das entrevistadas também se guiaram pelas sugestões de quem as precedeu. Antes de escrever o primeiro livro, *Sonho grande*, Cristiane Correa se encontrou com o jornalista Laurentino Gomes, autor de *1808, 1822 e 1889*, além dos três volumes sobre escravidão: “*Laurentino me falou coisas que faço até hoje: primeiro, apura tudo, depois escreve. Se não, tem muito trabalho de reescrever. Ele viu o meu contrato. Ele foi de uma generosidade. Ele é um lord, uma pessoa muito generosa*” (Correa, 2023). Após se decidir pelo protagonista de sua primeira biografia, Karla Monteiro foi pedir conselhos a Lira Neto. Também foi dialogar com o pai de uma amiga de infância: Ruy Castro. Ambos a orientaram sobre planejamento e organização do extenso material.

Durante o percurso da pesquisa, Maria Dolores Duarte conversou com o primo do pai, Jorge Caldeira – autor de *Mauá: Empresário do Império* (1995), *Ronaldo: Glória e drama no futebol globalizado* (2002) e os quatro volumes de *Júlio Mesquita e seu tempo* (2015) - para saber se podia emprestar a ela o programa Folio, onde Caldeira reunia um acervo de sete veículos grandes. Instalação realizada, Maria Dolores aproveitou o que pode em sua pesquisa sobre Milton Nascimento. Ao longo da investigação do livro a respeito de Clementina de Jesus, Janaína Marquesini, Luana Costa e Raquel Munhoz buscaram contato com alguns jornalistas biógrafos. Conseguiram conversar com Lira Neto e com Rodrigo Alzuguir – autor de *Wilson Baptista: O samba foi sua glória* (Casa da Palavra, 2013) - sobre a pesquisa: “*E o Lira Neto nos adotou. Lira Neto foi o cara que me deu o telefone e tudo eu perguntava pra ele*” (Marquesini, 2023).

Mesmo que as 15 entrevistadas sejam jornalistas diplomadas, elas também pertencem a um campo intelectual (Bourdieu, 1968), cuja autoria lhes permite serem também chamadas de *biógrafas*. Algumas delas, inclusive, com mais de uma biografia publicada. Porém, Consuelo Dieguez, Evanize Sydow e Regina Echeverria, por exemplo, admitem que não se consideram escritoras, mas, sim, jornalistas. Nesses casos, a experiência na reportagem fica mais evidenciada:

Eu vou te falar, eu não sei se cheguei a pensar no ponto de ser uma biógrafa. Eu acho que consigo me ver como uma jornalista que faz perfis e que fez um perfil grandão, que virou uma biografia, entendeu? [risos]. Eu acho, nunca fiquei: Ai, sou uma biógrafa agora, que nem agora, quando as pessoas me apresentam: jornalista e escritora. Até hoje, eu ainda tenho: Eu sou escritora? Pra mim, eu sou sempre jornalista. Acho que não pensava em publicar livros. Não foi uma coisa que corri atrás não, sabia? As coisas foram acontecendo (Dieguez, 2023).

Mas em termos de escrita, apesar de eu ser jornalista com mestrado e doutorado em História, mas eu sou jornalista, enfim, a gente acaba não se desvencilhando disso. Eu sempre digo, as pessoas falam: Mas você é escritora. Eu digo: Eu não sou escritora, eu sou jornalista, eu não sou escritora, escritor é o Machado de Assis. Eu sou jornalista (Sydow, 2023).

Se eu não fosse jornalista, eu acho que não trabalharia com nada. Eu nasci para ser jornalista, eu nunca me vi fazendo outra coisa nesses tantos anos. [...] Eu vou te dizer uma coisa: eu sou uma rata de redação. É isso que eu acho. Eu podia ter nascido ali, ter vivido ali, ter morrido ali, porque eu me encontrei com essa gente, com os meus pares, as pessoas que eu mais gostei de conhecer, quem eu tive relações profundas e de todos os tipos. [...] Porque eu nunca escrevi ficção, então, eu acho que não sou escritora, eu sou biógrafa. É diferente. Eu sou jornalista, pra mim, escritor é quem escreve ficção (Echeverria, 2023).

O fato delas se reconhecerem como integrantes de uma *tribo jornalística* (Traquina, 2008) não se limita ao diploma conquistado na universidade. Essa identificação dialoga com a *práxis* do campo, os hábitos e as particularidades do nicho de atuação, como as experiências de entrevista e a posterior construção de grandes reportagens. A prática da escrita de perfis, em jornais e revistas, corroborou, inclusive, a decisão das 15 entrevistadas em escolher um protagonista para biografar. Entretanto, a decisão pela personagem principal foi diferente para cada uma delas.

Três obras de cinco autoras desta seleção (Alicia Klein, Janaína Marquesini, Luana Costa, Maria Dolores Duarte e Raquel Munhoz) foram resultados de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Jornalismo. Alicia optou pelo piloto de Fórmula 1, o alemão Michael Schumacher, pela paixão que ela nutria pelo esporte; Maria Dolores escolheu o cantor Milton Nascimento para facilitar a logística, já que era seu conterrâneo de Três Pontas (MG); Janaína, Luana e Raquel se aproximaram de Clementina de Jesus após conhecerem o disco *O canto dos escravos*, gravado em 1982, e terem se encantado com as vozes e os ritmos da cantora carioca.

Não há um modelo de biografado ideal. A escolha pelo protagonista é muito particular, varia para cada autor. Entretanto, o jornalista Ruy Castro (2022, p. 40) – que escreveu obras biográficas sobre o dramaturgo Nelson Rodrigues, o jogador de futebol Garrincha e a cantora Carmen Miranda – chama atenção para um aspecto, ao opinar que “[...] o biografado vivo torna o trabalho impossível”. Essa inviabilidade não anula uma possível publicação futura. Mas enfrentará desafios no caminho:

Ao se biografar alguém que esteja vivo, esse alguém precisará ser intensa e extensamente ouvido pelo biógrafo. Afinal, quem mais autorizado do que ele para responder sobre a própria vida? O problema é o conceito, sempre magnífico, que todo biografado faz de si mesmo – e que ele tentará impor ao biógrafo, porque é aquele que ele quer que prevaleça junto ao leitor -, de modo que, ao servir de fonte sobre si próprio para o biógrafo, o biografado tenderá a mentir, omitir ou abrihantar informações sobre certos episódios de sua vida que ele mesmo julga menos primorosos (Castro, 2022, p. 40).

Metade dos protagonistas retratados nos 12 livros elaborados pelas 15 jornalistas entrevistadas para esta tese são de biografados falecidos (Arthur Bispo do Rosario, Clementina de Jesus, Hans Stern, Maria Bonita, Samuel Wainer e Tito de Alencar). Adriana Negreiros debutou no gênero biográfico com a história de Maria Bonita e a decisão, além de evidenciar a história de uma mulher, se baseou no fato da biografada estar falecida: “*Eu sempre prefiro escrever uma biografia de alguém morto. Eu acho que eu não tenho plano de escrever uma biografia de alguém que esteja vivo, porque a história não terminou. Acho que prefiro quando*

a vida já está concluída” (Negreiros, 2023). Karla Monteiro também pensa parecido: “Então, eu acho que eu prefiro as pessoas que já faleceram, que já estão com a história ali, fechada, e eu prefiro que tenha uma perspectiva de tempo, sabe? Acho que biografar gente que está vivo ou contemporâneo, não sei...” (Monteiro, 2023). Embora Regina Echeverria tenha biografado personagens vivas, como José Sarney e Raimundo Fagner, por exemplo, a jornalista paulista diz que prefere aqueles que já não estejam mais vivos: “Prefiro os falecidos porque morto não reclama [que nem o Ruy fala] e ele tem toda razão” (Echeverria, 2023).

Maria Dolores Duarte procurou por Ruy Castro em um evento literário da Associação Cultural Sempre um Papo, em Belo Horizonte, a fim de contar que estava dedicada a biografar o cantor e compositor Milton Nascimento. O conselho do jornalista foi direto - *Não mexe com isso* - mesma recomendação dos orientadores da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG): “Eu tinha 23, 24 anos, ele ainda falou que biografado vivo era terrível. Isso ele até tem razão, eu dei sorte, [...] que é uma coisa muito atípica. Porque ela não foi autorizada, ele [Milton] leu depois de pronto, mas ele me abriu as portas, inclusive, do acervo pessoal dele” (Duarte, 2023). Cristiane Correa, por sua vez, admitiu ter adquirido um aprendizado ao escrever os seus três livros: “Quando eu estava escrevendo o *Sonho grande*, tinha coisas que eu escrevia e falava: Cara, isso aqui seria interessante pra sair na semana que vem, mas alguém que vai ler daqui a um ano, qual a importância? É diferente o peso que as coisas têm, porque está num espaço mais longo” (Correa, 2023). Todavia, ao contrário de Adriana, Karla e Regina, discorda do jornalista Ruy Castro, quando este afirma que somente o protagonista falecido seria o tipo de biografado ideal: “Eu não sei se precisa estar morto, mas eu acho que tem que tomar cuidado pra não estar no meio de um calor. Porque a vida útil de um livro é muito diferente da vida útil [...] de revista. E a outra coisa que é muito diferente é que você não pode errar. Porque não tem errata” (Correa, 2023). Cristiane sabia de histórias de autores que lançaram biografias, mas por conter alguns erros, o biografado havia conseguido recolher os exemplares da obra publicada: “Então, eu era muito apavorada com isso, de não ter erro, pra não deixar margem, do tipo, vem um cara com advogado que vai dizer que vai recolher os livros. Porque daí matou o lançamento, acabou, não recupera” (Correa, 2023).

Dos 12 protagonistas dos livros assinados pelas 15 jornalistas, somente três (Clementina de Jesus, Isabel Salomão de Campos e Maria Bonita, biografadas pelo trio Janaína Marquesini, Luana Costa e Raquel Munhoz, Daniela Arbex e Adriana Negreiros, respectivamente) eram também sobre mulheres. Todavia, grande parte das obras surgiu como uma forma de evidenciar personagens escondidas pela história oficial. Outras, mesmo conhecidas no campo de atuação, ainda são anônimas para os demais brasileiros que não estejam familiarizados com o legado

daquele protagonista. Abaixo, as 12 obras produzidas pelas 15 jornalistas, de acordo com a ordem cronológica de publicação. A fim de melhor compreensão, serão revelados os bastidores da confecção biográfica, da razão pelo biografado à metodologia aplicada:

Arthur Bispo do Rosario: O senhor do labirinto

Jornalista biógrafa: Luciana Hidalgo

Biografado: Arthur Bispo do Rosario

Editora: Rocco

Ano: 1996

Número de páginas: 204

Tamanho: 23 cm x 15,8 cm

ISBN 978-85-3252-671-7



A primeira vez que a carioca Luciana Hidalgo ouviu falar do artista Arthur Bispo do Rosario foi ainda na Faculdade da Cidade, escola superior em que ela se diplomou como jornalista, em 1988. Durante uma aula de Português, ministrada pela professora Suzana Vargas, conheceu o ex-fotógrafo do *Jornal do Brasil* na década de 1970, Hugo Denizart. O profissional apresentara um filme de 30 minutos, intitulado *Arthur Bispo do Rosario: O prisioneiro da passagem*⁵², produzido por ele, em 1982. Após a mostra, Denizart participou de um bate-papo com os acadêmicos.

Anos depois, na década de 1990, Luciana voltaria a se deparar com o legado do artista sergipano, falecido em julho de 1989. Foi por meio de uma matéria publicada, em 1994, no Caderno B do *JB*, quando ainda trabalhava neste periódico. O texto discorria sobre a obra abandonada do artista, na Colônia Juliano Moreira, em Jacarepaguá, no Rio de Janeiro: “*Então, o que aconteceu foi basicamente isso. Eu vi a matéria e isso me acendeu a coisa do personagem e, obviamente, havia já um caminho aberto no Jornalismo pra biografias com a biografia do Ruy Castro, O anjo pornográfico, que eu tinha lido, gostado muito*” (Hidalgo, 2023). À época, publicar um livro não estava nos planos: “*Eu vi aquilo ali, eu sempre fui uma pessoa muito modesta. Eu não pensava alto, eu nunca na minha vida tinha pensado, naquela época, até então, escrever um livro. Isso tudo, eram coisas muito...eu pensava no hoje*” (Hidalgo, 2023). Chegou a conversar com o ex-marido, também jornalista, se não seria interessante uma

⁵² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PjgP1LYLZOU&t=109s>. Acesso em 14 nov. 2023.

biografia a respeito do Bispo. O personagem era incrível e a história, muito mais. Com o apoio dele, Luciana iniciou a pesquisa a passos lentos, apenas para se aproximar do protagonista.

A biografia conta a trajetória de Arthur Bispo do Rosario, interno da Colônia Juliano Moreira, no período de 1939 a 1989, numa época em que o tratamento manicomial brasileiro era feito à base de eletrochoques e lobotomias⁵³. Durante as seis décadas em que esteve no espaço psiquiátrico, Bispo permaneceu alheio ao que ocorreu no Brasil e no mundo. Na empreitada em busca das várias *personas* que constituíam o biografado, e para compreender quem ele era, antes de ingressar no então hospício⁵⁴, Luciana se deparou com o apagamento das histórias de pessoas que viveram nesses espaços; algumas delas, tratadas como anônimas:

Colar pedaços desse modo foi uma série de achados e perdidos. Quis saber mais sobre Arthur Bispo do Rosario, o homem por trás do artista e do esquizofrênico-paranóico diagnosticado pela psiquiatria. Procurei o cidadão brasileiro, ex-marinheiro e pugilista, eleitor e trabalhador. Investiguei impressões digitais, registros policiais, documentos, prontuários médicos. Deparei com a boa vontade de fontes e esbarrei na memória fraca do país. Resultado: as pegadas de Bispo surgem e desaparecem numa sequência de altos e baixos (Hidalgo, 1996, p. 7).

Quando visitou a Colônia Juliano Moreira, no início da pesquisa, Luciana não disse que trabalhava no *Jornal do Brasil*. Apenas comentou com o diretor que era para um futuro livro. Entretanto, naquela época – primeira metade dos anos 1990 - pesquisar sobre uma pessoa que ingressara na instituição, na década de 1930 e ali permaneceu por mais de meio século, era uma grande dificuldade. Encontrar pessoas que com ele conviveram, foi um desafio à parte. A começar pelos ex-trabalhadores do então manicômio, que residiam em casas próximas da instituição, mesmo aposentados: “*Eu não me contentei em falar só com pessoas que tinham conhecido o Bispo na década de 1980. Então, eu consegui a ajuda preciosa de um funcionário que ia comigo nas casas distantes dos funcionários aposentados. Eles, sim, contaram as histórias escabrosas do hospício*” (Hidalgo, 2023).

Em fevereiro de 1995, Luciana teria uma mudança profissional. Pediu demissão do *JB* para viver de *freelas*, como assessora de imprensa, na área da Cultura. Enquanto isso, o então esposo contatou a editora Rocco para saber se haveria interesse em uma obra sobre o artista

⁵³ Intervenções cirúrgicas na base do cérebro, com objetivo de curar doenças mentais, como a esquizofrenia e a depressão. A prática foi proibida no Brasil, em 1955.

⁵⁴ Aqui, *hospício* será tratado como sinônimo de *manicômio*, pois assim eram denominados os espaços onde as pessoas com transtornos mentais eram referidas, em meados do século XX. Entretanto, estas expressões não são mais utilizadas. Sugere-se a nomenclatura de *hospitais psiquiátricos*. A saber: as primeiras tentativas de estabelecer uma legislação psiquiátrica no Brasil datam da década de 1970. Contudo, somente em abril de 2001 é que foi sancionada a Lei da Reforma Psiquiátrica (10.216/01).

Bispo do Rosario, já que o companheiro havia publicado um livro pela mesma editora: “*Eles gostaram muito da ideia do personagem. Era realmente uma ideia inusitada. No entanto, eu achei que gostaram, mas estavam empurrando com a barriga*” (Hidalgo, 2023). Após ter apresentado o projeto, a editora demorou para dar um retorno a respeito do planejamento da obra. O gancho necessário para a decisão foi a notícia de que as peças do acervo de Bispo haviam sido escolhidas para representar o Brasil na 46ª Bienal de Veneza, a ser realizada em 11 de junho de 1995: “Bispo foi *reconhecido* pelo que mais prezava: a união dos povos, a supressão de fronteiras. Pessoas dos mais diversos credos, nacionalidades e raças emocionaram-se, derramaram lágrimas e reverenciaram aquele novo mundo na Bienal de Veneza” (Hidalgo, 1996, p. 199). Com a matéria em mãos, Luciana encaminhou um *fax* para a então gerente editorial, Vivian Wyler. Tão logo recebeu o recado, a editora emitiu o aval positivo:

A Rocco disse sim, mas ela deu um valor simbólico, simbólico mesmo, que não dava para você viver nem meio mês com aquilo. Nada. Eu fiz pela minha paixão. Trabalhava nesses trabalhos de freela para fazer essa pesquisa. E era no meu carrinho, na época, eu sempre lembro disso, eu tinha um Chevette sem ar-condicionado. Nossa, quando chegou o verão, pra ir pra Colônia... mas eu me largava na Colônia mesmo, foi um trabalho de repórter (Hidalgo, 2023).

O valor simbólico pago pela Rocco, segundo Luciana, foi em torno de R\$ 1000,00. Com esse pagamento, a jornalista comprou passagem e viajou sozinha até Japarutuba (SE), a fim de pesquisar sobre o passado do Bispo e verificar se haveria familiares dele ainda vivos. Na cidade-natal do biografado, teve ajuda de uma funcionária da Prefeitura local: “*Era uma jovem, também como eu, muito simpática e que meio me adotou, a Rosa. Nunca esqueço [...] Minha amiga até hoje no Facebook, a gente tem uma amizade muito legal, ela me hospedou na casa dela por uma semana*” (Hidalgo, 2023). Nos sete dias em que ficou no município, descobriu que ninguém nunca tinha ouvido falar na família Bispo do Rosario. Mesmo aqueles com o mesmo sobrenome do parente famoso. Em meio a esse desafio de encontrar parentes ou conhecidos, Luciana se orgulha de um feito:

Agora, o que eu consegui de mais importante, aí, realmente, o achado jornalístico, é que pela primeira vez eu tive, a gente teve certeza de que ele tinha nascido lá, porque eu achei o registro do batismo na igreja. Foi um grande achado, esse foi um grande achado de jornalista. Porque [...] escrevia Japarutuba nos andartes, mas ele não dizia pra ninguém. Como ele era um ser superior, ele não dizia de onde ele vinha, ele não dizia que era nordestino, que era do Sergipe, nada (Hidalgo, 2023).

Finalizada a obra, Luciana entregou o resultado para que o então marido lesse, antes ainda de encaminhar para a editora, no segundo semestre de 1996: “*Eu li a biografia que ele escreveu e dei várias sugestões, corriji coisas e depois ele fez também isso com o meu livro. Embora ele tenha feito até bem pouco, mas o fato dele ter gostado muito e elogiado muito, isso me deu segurança pra enviar pra Rocco como estava*” (Hidalgo, 2023). Na editora, houve um copidesque que preparou os originais, com algumas sugestões que ora foram acatadas, ora não: “*Realmente foi um livro...a escrita em si foi relativamente rápida. Eu acho que foi porque eu faço isso até hoje. Eu só sento pra escrever quando eu sei que está pronto. Dentro, de mim. Se não, eu prefiro não escrever*” (Hidalgo, 2023).

Com tiragem inicial de três mil exemplares e 15 capítulos redigidos, *Arthur Bispo do Rosario: O senhor dos labirintos* foi lançado em novembro de 1996: “*Tudo foi uma coisa totalmente surreal, o interesse foi absurdo. É um negócio que é difícil acontecer de novo, porque houve realmente uma procura enorme da mídia. Isso não me surpreende, pelo fato de que nós, jornalistas, gostamos de coisas curiosas*”. O sucesso do livro, segundo a modéstia de Luciana, se justifica pelo protagonista ser um personagem curioso: “*Então, eu acho que o personagem é que levou a tudo isso, não era meu nome, eu não era uma jornalista dita sucesso pra um livro meu vender. Não existia isso*” (Hidalgo, 2023).

A obra foi reconhecida com o Jabuti de Literatura, em 1997, na categoria “Reportagem”, troféu este que tornou Luciana Hidalgo a primeira mulher jornalista a conquistar a premiação com uma biografia. O livro, ainda, foi adaptado para o cinema, no filme *O Senhor dos Labirintos*, em 2014, sob direção de Geraldo Motta.

*_*_*_*_*

Travessia: A vida de Milton Nascimento

Jornalista biógrafa: Maria Dolores Duarte

Biografado: Milton Nascimento

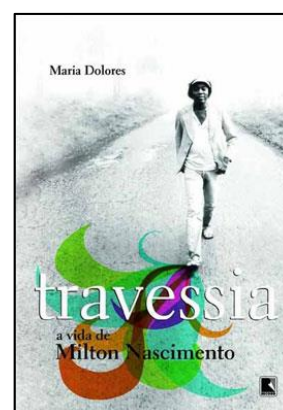
Editora: Record

Ano: 2006

Número de páginas: 420

Tamanho: 23 cm x 16 cm

ISBN 978-85-0107-643-4



Resultado do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da mineira Maria Dolores Duarte, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em Belo Horizonte, a obra trata sobre a trajetória do cantor e compositor mineiro Milton Nascimento, nascido em Três Pontas. Como mencionado no tópico 6.2 - Ambiente jornalístico -, a escolha pelo intérprete das canções *Travessia* (1967), *Maria, Maria* (1978), *Caçador de mim* (1981), *Bola de meia, bole de gude* (1988) e *Quem sabe isso quer dizer amor* (2005) foi decidida após averiguar o percurso logístico, a fim de facilitar a maternidade.

A então acadêmica já era mãe e decidiu entregar um trabalho impresso sobre a cidade-natal, Três Pontas, com o intuito de ficar mais perto do primeiro filho, Daniel. Inspirada pela biografia de Ruy Castro, sobre Nelson Rodrigues, Maria Dolores Duarte se aprofundou na vida do mais célebre trespontano: “*Era um livro-reportagem pra faculdade. Uma vez decidido, eu comecei a procurar biografias [...] e o primeiro livro que eu li foi O anjo pornográfico e adorei*” (Duarte, 2023). Ofereceu a ideia aos docentes que ministravam a disciplina sobre planejamento de TCC, mas a ideia os assustou:

Aí, eu lembro que eu levei pro professor e falei:

- Então, eu vou fazer um livro-reportagem e eu estou querendo fazer uma coisa mais ou menos igual a esse livro aqui [*O anjo pornográfico*] [risos].

Nossa Senhora, eles não me deram a menor bola.

- Não, não mexe com isso não, não é pra você ainda, não é o momento (Duarte, 2023).

Em seguida, a UFMG entrou em greve e Maria Dolores retornou a Três Pontas. Na cidade, foi conversar com Josino, seu Zino, pai de Milton Nascimento. A futura jornalista ouvia muito falar do principal personagem da cidade, já o tinha visto na comunidade, as famílias até eram próximas; porém, não tinha uma vivência íntima. Conhecia os versos “Amigo é coisa pra se guardar/Debaixo de sete chaves/Dentro do coração/Assim falava a canção que na América ouvi” (*Canção da América*, 1979), sabia que ele era o autor da composição *Coração de estudante* (1983), mas nunca se considerou uma fã.

Durante um mês, a futura jornalista frequentou as tardes da casa de seu Zino, para conhecer um pouco da infância do cantor. Foi através do pai de Milton, o primeiro entrevistado, que a história do cantor começou a ser esboçada, por meio das fotos, livros e objetos que o pai lhe apresentou. A mãe de Milton, dona Lídia, já era falecida, mas Maria Dolores a conhecia de tempos passados. Com as histórias na memória, a estudante foi ouvir todos os 34 discos e CDs gravados. Ao retornar para BH, a decisão estava tomada:

- Olha, já resolvi meu TCC, eu descobri a história do Milton [...], só precisa passar pro papel. Está pronta a história. Então, eu vou fazer. Meu TCC vai ser a biografia do Milton Nascimento.

E eu não consegui orientador. Ninguém topou. Eu explicava:

- Ó, eu já fiz aqui tudo que eu preciso fazer, eu vi nos livros, no do Ruy Castro, principalmente. [...]

Aí, eu não consegui orientador, mas eu falei: Eu vou fazer isso, só preciso achar alguém que aceite me orientar, *não podia fazer sem* (Duarte, 2023).

O aceite ocorreu de maneira surpreendente, através de um familiar. A madrinha de Maria Dolores é ginecologista. Certa vez, uma nova paciente foi se consultar, pois a médica dela estava com problemas. Entre conversas e explicações, a parente descobriu que a mulher era coordenadora do curso de Jornalismo da UFMG, Carmen Dulce Diniz. Logo, falaram sobre o caso da afilhada. Caso resolvido, a professora aceitou orientá-la: “*E aí, eu fiz um cronograma. Eu estaria com o livro pronto igual O anjo pornográfico em seis meses [risos]*” (Duarte, 2023). Detalhe: essa situação ocorreu em 2001. Ela teria que se formar em 2002. Para vencer o prazo, elaborou um cronograma para quatro meses:

Um mês eu leio todos os livros e o material que eu preciso pra coletar informação. Aí, a partir desse material, eu monto um roteiro de entrevistas. Em outro mês, eu entrevisto, fiz uma lista lá de umas 70 pessoas. Essas 70 pessoas faço por telefone, presencial, um de manhã, de tarde, uma hora pra cada um. No outro mês, eu organizo o material. No quarto mês eu escrevo, entrego e formo. Foram quatro anos [risos]. Dimensionei errado [risos] (Duarte, 2023).

Mesmo se tratando de um biografado cantor e compositor, Maria Dolores sempre teve em mente escrever um TCC longe dos termos técnicos da escala musical e mais voltado ao público em geral. Para leitura de base, não havia bastante conteúdo. A jornalista recorda da obra *Os sonhos não envelhecem* (Geração, 2002), do Marcio Borges, sobre as memórias do grupo Clube da Esquina, mas que abrangia só uma fase da vida de Milton. Alguns textos sobre música, em que o trespontano aparecia como coadjuvante e muito material nos 14 jornais e cinco revistas que pesquisou, conforme apontado pela biógrafa, na seção “Bibliografia”, ao final do livro *Travessia: A vida de Milton Nascimento*. Das entrevistas, o primeiro da lista tinha que ser o próprio biografado:

Aí, o primeiro era o Milton, que eu falei: Eu posso fazer a biografia, o meu trabalho de faculdade, entrevistando ele ou não. Se ele não quiser me dar entrevista, eu acho que é muito menos rico, mas eu consigo fazer entrevistando o entorno. *E aí eu tentava. Apesar dele ser de Três Pontas, eu não quis fazer o que todo mundo aqui em Três Pontas faz, que é pedir pra uma das irmãs ou*

pro pai. Eu falei: Não, eu vou fazer uma coisa profissional. Eu vou ligar lá no escritório dele, no Rio de Janeiro e falar que eu estou fazendo isso, que eu quero uma entrevista com ele. Eu consegui falar, mas eu nunca tinha retorno. Falei no escritório, sabe quando se fala: Eles vão te dar retorno, mas não dão retorno? (Duarte, 2023).

O destino ajudou novamente. Era domingo, final da Copa do Mundo de 2002, sediada no Japão e Coreia do Sul. Dia 30 de junho, oito e meia da manhã. Brasil e Alemanha na final. A empolgação tomava conta do país. Antes do árbitro italiano Pierluigi Collina apitar o início da partida, a mãe de Maria Dolores – Cintia - recebeu parentes e amigos em casa para assistir ao jogo: “*E aí, quando vê, ele [Milton] entra na casa da minha mãe com a irmã. Sem ninguém saber, ele apareceu aqui, a irmã ia lá assistir, ele foi. Aí falei: É hoje! [risos]. E aí, quando vagou um lugar, eu sentei do lado dele*” (Duarte, 2023). A estudante explicou o caso, disse estar se formando em Jornalismo na UFMG e que o TCC era um livro-reportagem, uma biografia sobre a vida e a carreira de Milton: “*Falei: Você me dá uma entrevista?, Dou. E foi esse o nosso único combinado. [...] E assim, ela não é uma biografia autorizada nem desautorizada. Não tem nenhum acordo com ele, [...] a não ser essa conversa no dia desse jogo. Ele leu o livro só depois de pronto*” (Duarte, 2023). Após o aval de Milton, Maria Dolores ligou para o escritório e conseguiu entrevistá-lo no Rio, apenas dois meses depois: “*Eu pedia o telefone sempre dos escritórios, eu nunca pedi pro Milton pedir pra ninguém me receber. Nunca teve esse assunto. Eu só entrevistava ele e às vezes ele falava Olha, lembrava de um caso, você precisa entrevistar o fulano, daí anotava o nome*” (Duarte, 2023).

Quanto mais se aproximava da história, mais informações descobria. Mesmo desconhecida, sem lastro profissional, ainda acadêmica de Jornalismo, Maria Dolores ligava para os empresários dos artistas. Se apresentava e, com segurança, contava que estava na apuração de uma biografia sobre Milton Nascimento, o Bituca, apelido do cantor: “*E aí, lá no Chico, falaram: Olha, ele não está recebendo ninguém, porque ele está terminando um livro..., era Budapeste [Companhia das Letras, 2003] na época, ...mas como é pra biografia do Milton, ele vai te receber. E aí, eu entrevistei na cobertura dele no Leblon*” (Duarte, 2023). Maria Dolores acelerou a pesquisa para tentar entregar o trabalho final da graduação dentro do prazo, mas não foi possível. A biografia se mostrou uma tarefa difícil, tendo em vista o desafio de contemplar todas as particularidades da vida de um indivíduo dentro de um livro. É a chamada *ilusão biográfica* (Bourdieu, 2001). Após ter atrasado um semestre, decidiu, ainda, que precisava pedir prorrogação e o conselho do curso concordou em fornecer mais dois meses. Na apresentação do TCC, ela só não alcançou a nota máxima, pois havia atrasado a entrega:

Eu fiz a vida do Milton até ele sair de Três Pontas. Eu apresentei isso pra me formar. O meu TCC foi essa parte, que não mudou quase nada do que está no livro. São os primeiros três capítulos do livro, é o que eu apresentei na faculdade pra me formar; se não, eu não ia me formar nunca. [...] Mas eu já tinha entrevistado o Chico Buarque, o Gilberto Gil, só Caetano que entrevistei depois. Já tinha entrevistado o Lô [Borges], todos do Clube da Esquina, Lô, Beto [Guedes], Marcio Borges, o Milton já tinha entrevistado bastante. Então, na minha apresentação, eu lembro que levei um Power Point com áudio e eu pus um trequinho da entrevista do Chico pra mostrar minha pesquisa, do Gil, do Milton, do Wagner Tiso (Duarte, 2023).

Para cada fato exposto, a jornalista entrevistava, ao menos, três pessoas. A memória é falha e pode ser traiçoeira na recordação. Ademais, a memória pode estar acompanhada por influências atuais, que repercutem na lembrança do passado: “*Então, o livro não é uma versão do que ele [Milton] me disse. O que ele disse, que foi a pessoa que mais eu entrevistei, serviu como fio condutor. Mas pra cada evento, eu perguntava pra mais outras duas pessoas que estiveram presentes ou participaram*” (Duarte, 2023). O intuito era cruzar as informações e montar a versão que ela julgava a mais coerente.

Depois de entregar o TCC, Maria Dolores realizou o curso Abril de Jornalismo, em São Paulo, mas optou em não trabalhar na editora de revistas: “*Eu não quis continuar porque eu tinha filho e eu não queria um emprego. Eu sou desempregada desde sempre, porque eu falava: Se eu tiver um emprego, eu não tenho como ficar com o meu filho. Então, eu sempre trabalhei muito, mas nunca tive um emprego*” (Duarte, 2023). Prestava *freelas* para algumas revistas e, com o valor ganho, conseguia bancar as idas a Belo Horizonte e ao Rio de Janeiro.

Após 66 entrevistados, e com mais quatro anos de pesquisa, entrevista e redação, a jornalista foi buscar uma editora. Ainda na faculdade, havia conhecido o colombiano Gabriel García Márquez e que passou a ser um dos seus autores favoritos. Descobriu qual era a editora que publicava os livros traduzidos dele no Brasil – a Record – já que, “[...] *pra mim, vai ser uma honra ter o livro na editora*” (Duarte, 2023) do mesmo autor de *Relato de um naufrago*, *Cem anos de solidão*, *O amor nos tempos do cólera* e *Notícia de um sequestro*. Certo dia, quando precisou ir até a sede da Abril, na Marginal Pinheiros, procurou o e-mail da responsável editorial. Encontrou. A diretora editorial era Luciana Villas-Boas:

Aí, eu mandei pra ela um e-mail com o primeiro capítulo, porque eu tinha medo de roubar, sabe, aquelas coisas? E falei: Biografia Milton Nascimento. Oi Luciana, tudo bem? Meu nome é Maria Dolores, e meu nome dá a impressão de gente mais velha porque eu era muito nova na época. Aí eu falei: Meu nome é Maria Dolores, eu escrevi a biografia do Milton Nascimento, entrevistei, entre outros, daí pus todos os figurões, Milton, Chico, Caetano, Gil, ..., aí foi pondo quem eu achava que era importante e falei: Segue o

capítulo 1, gostaria de saber se a Record tem interesse em publicar. *Fui tomar um café naquelas máquinas da Abril e na hora que eu voltei tinha uma resposta: Querida, temos interesse sim. Você está em São Paulo? Irei na próxima semana. Assinei o contrato em dez dias* (Duarte, 2023).

A Record, segundo Maria Dolores, realizou uma revisão ortográfica com apontamentos técnicos onde o texto estava, às vezes, incoerente ou confuso. Títulos foram os mesmos que ela entregou. Embora tenha opinado, a única coisa que ela não decidiu foi a capa. Mas tanto Luciana, quanto Andreia Amaral, que a acompanhou em seguida, deram o apoio na divulgação dos cinco lançamentos: Belo Horizonte, na Associação Sempre um Papo; São Paulo, na Livraria Cultura; Rio de Janeiro, na Casa de Cultura Lauro Alvim, em Ipanema, além da Estação Cultura, em Alfenas (MG) e Três Pontas (MG), no espaço Verdes Eventos.

Maria Dolores não teve financiamento de pesquisa. Com exceção do auxílio da prima Mariana Mariano, da cunhada Paula Terra e das amigas Dolores Resende e Tânia Resende, que a ajudaram na transcrição das fitas, fez tudo sozinha. Em novembro de 2006, o livro foi publicado pela Record com 20 capítulos, numa tiragem inicial de cinco mil exemplares. Antes de terminar essa quantidade, a editora fez mais uma impressão de três mil. Na seção “Agradecimentos”, ao fim da biografia, Maria Dolores refere os desafios, mas esclarece o que representou essa dedicação biográfica: “Não se trata da história completa e fiel de uma vida, o que seria impossível, mas um retrato a partir de uma pesquisa detalhada e uma vontade sincera de passar para o papel uma história incrível, de um personagem incrível” (Duarte, 2006, p. 391). A obra foi, inclusive, traduzida no Japão (Du Books, 2019). Há alguns anos fora de estoque, o livro *Travessia: A vida de Milton Nascimento* novamente chegou às livrarias em 2022, pela mesma editora Record, na ocasião dos 80 anos de nascimento do cantor mineiro.

*_*_*_*_*

A máquina: Michael Schumacher, o melhor de todos os tempos

Jornalista biógrafa: Alicia Klein

Biografado: Michael Schumacher

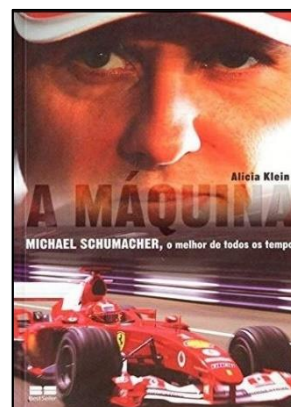
Editora: BestSeller (Grupo Editorial Record)

Ano: 2008

Número de páginas: 272

Tamanho: 21 cm x 13,7 cm

ISBN 978-85-7684-185-2



Outro exemplo de livro oriundo do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), *A máquina* foi produzida pela paulista Alicia Klein quando esta concluiu a faculdade de Jornalismo, pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP), em 2005. Os bastidores do projeto lembram um pouco o contexto que influenciou Maria Dolores Duarte diante da escolha por Milton Nascimento. No caso de Alicia, não havia maternidade; porém, escolheu um assunto cujo interesse remontava à infância: o esporte. Nada de futebol, tênis ou vôlei, o que mais causava nostalgia eram as corridas dominicais da Fórmula 1.

Segundo a jornalista, ela se define como parte de uma geração Michael Schumacher, já que era muito nova quando Ayrton Senna⁵⁵ reinava nas pistas da Fórmula 1. Alicia, por exemplo, tinha oito anos de idade, quando o brasileiro conquistou o tricampeonato mundial da categoria, em 1991. Após o falecimento de Senna, três anos depois, o alemão começou a despontar ainda mais nas corridas e se tornaria uma das principais referências do automobilismo pelos 15 anos seguintes.

Schumacher venceu sete títulos mundiais (1994, 1995, 2000, 2001, 2002, 2003, 2004), sendo os cinco últimos consecutivos, pela escuderia italiana Ferrari, quando corria ao lado de outro brasileiro, Rubens Barrichello. Ser heptacampeão, à época, simbolizou a superação do recorde do argentino Juan Manuel Fangio, já que este detinha cinco títulos mundiais, em 1951, 1954, 1955, 1956 e 1957. Ao lado de outros nomes do automobilismo, como o finlandês Mika Häkkinen, o britânico Damon Hill, o colombiano Juan Pablo Montoya, o escocês David Coulthard, Schumacher elevou a potência da Fórmula 1, além de revalorizar a marca Ferrari. Somente por esses atributos, segundo Alicia, o piloto alemão precisava ser reconhecido por meio de uma biografia no Brasil, já que a única que ela conhecia, fora da Alemanha, estava publicada em Portugal:

Então, me pareceu uma oportunidade de buscar e trazer informações que o público brasileiro não tinha, imaginando que tivesse outras pessoas por aí, como eu, da minha geração e um pouco mais novas, que também gostassem dele, também quisessem saber mais, além dos aficionados de Fórmula 1 em geral, que teriam interesse, gostando ou não gostando dele. Então, me pareceu uma oportunidade também de um nicho de mercado (Klein, 2023).

⁵⁵ O piloto Michael Schumacher ganhou o Grande Prêmio de San Marino, em Ímola, realizado no dia 1º de maio de 1994, corrida na qual o brasileiro faleceu após bater contra a mureta, na curva Tamburello. Atualmente, esse trecho foi remodelado na pista italiana.

O que motivou Alicia, em sua pesquisa, foi entender a origem do piloto alemão. O que movia esse sujeito, que veio de origem humilde, garoto prodígio das equipes que integrou? A intenção era “[...] *tentar descobrir o máximo possível do lado pessoal porque eu acho fascinante. Eu acho que a gente só consegue entender as pessoas, mesmo profissionalmente, se a gente sabe de onde elas vêm. Qual a sua relação com a família e, enfim, qual a sua história*” (Klein, 2023). Há 15 anos, a Internet não dispunha de tanta informação na rede para consulta de dados; assim, Alicia se concentrou em muito acervo de jornal, inclusive, da imprensa alemã. Por lá, por explícita razão, já se acompanhava “[...] *a carreira dele há mais tempo do que a imprensa internacional. Ele sempre [...] deu preferência à imprensa alemã pra entrevistas exclusivas. [...] Eu tentei uma entrevista com ele, mas, naquela época, [...] a lista de espera para a mídia não alemã era de dois anos*” (Klein, 2023). Ademais, conseguiu conversar com, aproximadamente, 20 jornalistas, alguns até estrangeiros.

Cerca de 30 a 40% da versão do livro foi parte do trabalho final da graduação. Após formada na UMESP, soube, por meio de um colega, que a editora BestSeller estava interessada na publicação de biografias: “*Aí, eu enviei os quatro primeiros capítulos do livro e eles toparam, gostaram muito da ideia, fecharam. Só que a gente combinou que ia esperar ele encerrar a carreira, o que foi bom, porque me deu tempo de tornar o livro um produto mais completo*” (Klein, 2023). A primeira aposentadoria dele se deu no ano de 2006.

Paralela à apuração para o desenvolvimento do livro, já com o contrato da editora, Alicia começou a trabalhar no meio literário. Atuou no site Publishnews, canal de informações a respeito da indústria livreira. Também passou a realizar a preparação, edição e revisão de livros, direto de casa: “*Então, me permitia seguir num projeto de fazer o livro que, obviamente, não era nenhum dinheiro que pudesse pagar todos os meus boletos, então eu precisava de um trabalho que fosse flexível e isso, sim, me ajudou profundamente*” (Klein, 2023). De acordo com o que foi acordado junto à BestSeller, *A máquina* foi publicada após a aposentadoria do esportista. Em março de 2008, o livro chegou às livrarias com 15 capítulos, em uma primeira tiragem com 10 mil exemplares; em seguida, mais uma impressão de dois mil:

Eu fico imaginando como teria sido hoje, até em questão de espaço e tudo com as redes sociais. Não tinha nada, não tinha nem Facebook ainda. Então, foi um impacto muito maior na mídia esportiva porque, na literária, eu acho que existe uma relação um pouco de olhar pro esporte como uma coisa menos intelectual. [...] Mas houve um interesse grande, eu lembro que eu fiz alguns programas, agora nem vou lembrar quais, de rádio, de TV também, mas todos ligados ao automobilismo. A notícia era a biografia do Schumacher, então, ela era uma notícia de esporte. Ela não era uma notícia do mundo literário, até porque a Fórmula 1, ela não é o futebol. Ela é nichada. Ela tinha, nessa

época, muito mais fãs do que tem hoje. Talvez, pela presença, pelo resquício do sucesso dos brasileiros (Klein, 2023).

Entretanto, Schumacher retornou às pistas em 2010, após a equipe Mercedes anunciar, no fim de 2009, a contratação do piloto para três temporadas. Sua última corrida ocorreu em 2012, no Grande Prêmio do Brasil, no autódromo de Interlagos. Um ano depois, no dia 29 de dezembro, Schumacher se acidentou, após um passeio de esqui, nas montanhas dos Alpes franceses:

Pois é, e uma das coisas que eu me arrependo um pouco é de não ter... eu não tinha tempo, na verdade, na época, mas eu também não corri atrás, eu não instiguei, especialmente, na época do acidente, mais do que na segunda aposentadoria. Eu fui procurada, inclusive, pra dar entrevista, pra falar sobre ele, porque o assunto Schumacher voltou. O livro [...] voltou pra uma posição de destaque dentro das livrarias, ali, durante um mês, dois meses, mas eu não corri atrás, já era uma época em que eu estava trabalhando loucamente. Mas eu me arrependo de não ter tentado cavar um espaço pra fazer isso acontecer (Klein, 2023).

Michael Schumacher entrou na história do automobilismo. Resgatou a imagem da marca Ferrari e se tornou ídolo, à imagem de outros atletas que dominavam a cena esportiva da primeira metade dos anos 2000, tais quais o suíço Roger Federer e as irmãs estadunidenses Serena e Venus Williams, no tênis, ou do estadunidense Michael Phelps, nas piscinas. Desde 2020, Schumacher divide o recorde de sete títulos mundiais da Fórmula 1, pois foi igualado pelo piloto inglês Lewis Hamilton, após vencer nos anos de 2008, 2014, 2015, 2017, 2018 e 2019.

*_*_*_*_*_*

Um homem torturado: Nos passos de frei Tito de Alencar

Jornalistas biógrafas: Leneide Duarte-Plon e Clarisse Meireles

Biografado: Frei Tito de Alencar Lima

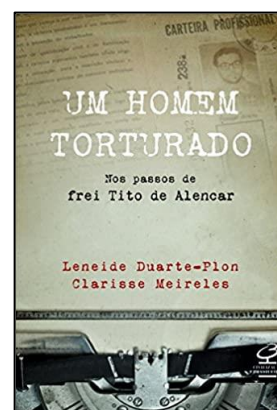
Editora: Civilização Brasileira (Grupo Editorial Record)

Ano: 2014

Número de páginas: 420

Tamanho: 22,6 cm x 15,2 cm

ISBN 978-85-2001-240-6



A decisão de Leneide Duarte-Plon em biografar o frei cearense Tito de Alencar Lima surgiu na França, durante o colóquio “Langage et violence”⁵⁶, organizado pelo *Centre Primo-Levi*, uma associação de Paris que acolhe exilados e pessoas que sofreram tortura. Nos dias 17 e 18 de junho de 2011, intelectuais debateram sobre a temática, entre eles, o médico psicanalista Jean-Claude Rolland, que ministrou uma conferência intitulada “Soigner, témoigner”⁵⁷. A ideia da jornalista era entrevistá-lo para a *Carta Capital*, já que foi o profissional quem tratou do ex-religioso no último ano de vida, em um hospital psiquiátrico de Lyon. Um amigo editor – Alcino Leite Neto –, ao saber do caso, sugeriu que Leneide continuasse com a investigação sobre o sacerdote. Para a empreitada, que englobava leituras, pesquisa em arquivos e entrevistas, Leneide convidou a filha, a também jornalista Clarisse Meireles.

Classificada pelas autoras como uma reportagem biográfica (Duarte-Plon; Meireles, 2014), o livro a respeito do frade da ordem dominicana, Tito de Alencar Lima, transporta os leitores para o período brutal da ditadura militar brasileira (1964-1985), por meio das sessões de tortura que ocorreram nos porões dos departamentos de polícia, especialmente aquelas comandadas pelo delegado Sergio Fleury, no Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), em São Paulo (SP). Após a prisão na capital paulista, Tito foi um dos 70 presos liberados das celas, rumo ao Chile. Mais tarde, exilou-se na França, em um país diferente, com hábitos distintos do que estava acostumado no Brasil. Embora distante das perseguições físicas, a saúde mental nunca mais foi a mesma. Tito foi encontrado, por colegas, enforcado, em uma árvore, próximo a um lixão, em agosto de 1974.

Criada no Rio de Janeiro, Leneide viveu a ditadura de perto e já sabia da história de Tito. Ela havia se formado em Jornalismo na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em 1973, e logo atuaria nas redações cariocas, a começar pelo extinto *Jornal do Brasil*. Entretanto, Clarisse não conhecia a história a fundo. Para ela, algumas etapas do processo de pesquisa foram mais difíceis:

Ele lutava contra essa dor da alma que ficou. Não só no corpo, mas a tortura, ela fere a alma do torturado. Então, tudo isso foi muito duro pra mim, vários momentos eu até falava pra Leneide que era difícil, que eu achava um livro muito difícil e, enfim, não é pra ser fácil mesmo, é uma história do nosso país, que é tão difícil e, por isso mesmo, tem que ser contada, lembrada o tempo todo (Meireles, 2023).

⁵⁶ Tradução livre: Linguagem e violência.

⁵⁷ Tradução livre: Curar, testificar.

A investigação iniciou em 2011 e contou com 35 entrevistados, inclusive com a maioria dos frades que conviveram com ele em São Paulo, no convento de Perdizes, e em L'Arbresle, no convento Sainte-Marie de La Tourette. Frei Betto, por exemplo, já havia publicado alguns livros sobre a época, como *Batismo de sangue* (Civilização Brasileira, 1982) e *Diário de Fernando: Nos cárceres da ditadura militar brasileira* (Rocco, 2009), sobre os bilhetes que recebeu do frei Fernando de Brito, quando ambos estavam presos em 1969. Magno Vilela, ex-frade, possuía um acervo de cartas, ora datilografadas, ora escritas à mão, além de fotografias que trocou com Tito, um arquivo que aproximou as jornalistas do passado do protagonista: “*E eu acho que foi uma oportunidade também maravilhosa, além da abertura de todos eles pra contar suas histórias e a convivência com o Tito, mencionar essas cartas que me fizeram...assim...como se sentir mesmo, ouvir a voz, digamos, do Tito*” (Meireles, 2023). Entrevistaram, ainda, por telefone, a irmã de Tito, Nildes de Alencar Lima. Ela praticamente havia criado o biografado, já que ele era o filho mais moço dentre os 15 irmãos: “*Ela teve muito essa relação maternal com ele. [...] Era adolescente quando ele nasceu. E a gente teve essa sorte de entrevistá-la e de conhecê-la depois, quando lançamos o livro em Fortaleza*” (Meireles, 2023), durante a noite de autógrafos na Assembleia Legislativa, em 2014. Inclusive, no Ceará, “[...] *a casa onde ele nasceu é um memorial, uma casa museu, que é dirigido pela sobrinha dele, a Lúcia de Alencar, é sobrinha da Nildes. Ela é socióloga, uma pessoa culta, muito militante, ela tem uma militância pelos direitos humanos*” (Duarte-Plon, 2023).

Concentrada em ambas as jornalistas, a pesquisa não foi dividida por núcleos ou etapas; pelo contrário, toda a apuração foi compartilhada. Se possível, as entrevistas eram realizadas pelas duas autoras: “*Formamos uma equipe, entendeu? A gente fez o máximo possível juntas, tanto em entrevistas, quanto em pesquisas, e as leituras dos livros que a gente tinha de ler*” (Duarte-Plon, 2023). O contato com a Civilização Brasileira surgiu mais tarde, devido a um amigo em comum, que apresentou as jornalistas à editora. Esta logo demonstrou interesse pela importância histórica e, segundo mãe e filha, ofereceu um ambiente harmônico de trabalho. A Civilização Brasileira foi, para Leneide, “[...] *muito aberta, mas o nome do livro, o tamanho do livro, número de capítulo, isso tudo foi decidido pela Clarisse e por mim. [...] A capa é que eles nos deram algumas opções e a gente escolheu juntamente com a editora. Mas, na realidade, nós tivemos absoluta e total liberdade*” (Duarte-Plon, 2023).

Com uma tiragem inicial de cinco mil exemplares, a primeira edição de *Um homem torturado: Nos passos de frei Tito de Alencar* foi publicada com 20 capítulos, em abril de 2014, no ano que completava quatro décadas do falecimento do biografado. Finalista do 57^a Prêmio Jabuti de Literatura, em 2015, na categoria “Reportagem e Documentário”, o livro foi traduzido

na França sob o título *Tito de Alencar (1945-1974): Un dominicain brésilien martyr de la dictature*⁵⁸ (Karthala, 2020).

*_*_*_*_*

H Stern: A história do homem e da empresa

Jornalista biógrafa: Consuelo Dieguez

Biografado: Hans Stern

Editora: Record

Ano: 2015

Número de páginas: 272

Tamanho: 23 cm x 15,8 cm

ISBN 978-85-0110-664-3



A carioca Consuelo Dieguez já era repórter da revista *piauí* quando foi convidada pela família Stern, em 2012, a escrever a história do empresário fundador da joalheria que leva o sobrenome do patriarca. Na época, a jornalista pode se aprofundar em um assunto que aprecia bastante nas leituras de *História: a Segunda Guerra Mundial (1939-1945)*. O protagonista, Hans, junto com a família, emigrou para o Brasil fugido da perseguição nazista, especialmente após a *Kristallnacht*⁵⁹, em novembro de 1938.

Quando Consuelo aceitou o convite da família, a HStern estava prestes a completar sete décadas de atuação no mercado de joias. No início, a obra seria restrita para parentes e funcionários. No escritório da empresa, a família apresentou caixas e mais caixas de materiais à futura biógrafa, todos preservados pelo falecido Hans, a maioria deles oriundos da época em que ele havia chegado ao Brasil como imigrante refugiado da ditadura de Adolf Hitler. Documentos, poucas fotos e muitas cartas:

A virada na tua vida, sabe, sem você poder fazer absolutamente nada, não é você que está mudando na vida, as circunstâncias dão uma guinada na sua vida que, de uma hora pra outra, você é filho de um empresário, tem todas as esperanças. Na hora seguinte, você não é mais nada, você é um pária, a tua vida vira de cabeça pra baixo. Então, eu comecei vendo os álbuns de fotografia, fiquei muito comovida com aquilo. Porque era coisa tão pacífica, aquela família, os amigos, os passeios no lago, e aí cê começa a imaginar:

⁵⁸ Tradução livre: *Tito de Alencar (1945-1974): Um mártir dominicano brasileiro da ditadura*.

⁵⁹ Tradução livre: *Noite dos Cristais*. Episódio anterior ao conflito da Segunda Guerra, em que soldados nazistas apedrejaram, saquearam e queimaram estabelecimentos comerciais judeus e sinagogas.

Meu Deus, imagina, dez anos depois disso já não existia mais, já estava tudo arruinado. *Mas aí, eu achei as cartas. [...] E eu comecei a ver a tradução e comecei a ficar fascinada, fiquei louca, comecei a ler aquilo tudo, Segunda Guerra, fiquei maluca* (Dieguez, 2023).

O fascínio por contar histórias empolgou Consuelo na empreitada biográfica. Ela conversou com familiares, amigos e colegas de empresa: *“Eu fiquei tão emocionada e eu só vi o Hans uma vez. Rapidamente. Mas eu gostava das pessoas falando dele. Funcionários que conheceram ele...só o vi uma vez, nem pensava, nem sonhava em fazer livro”* (Dieguez, 2023). Ao acessar os arquivos e associá-los aos depoimentos das entrevistas, Consuelo refletiu o que representou esse momento nevrálgico da Noite dos Cristais, antessala das perseguições que se acentuariam contra os judeus na Segunda Guerra.

Durante a fase de pesquisa, quando participou da Festa Literária de Cachoeiro (FLICA), na Bahia, a jornalista se encontrou com o então diretor da Record, Carlos Andreazza. Consuelo comentou com ele sobre o assunto e o editor quis que a futura obra fosse publicada pela sua editora. Resultado: a família Stern aprovou a proposta de Andreazza e o lançamento da obra foi programada para dezembro de 2015, na ocasião dos 70 anos da empresa, numa única tiragem de 10 mil exemplares:

A única ideia que a joalheira deu foi essa de capa, diagramação e papel. Eu fui escrevendo, eles iam aprovando os capítulos. Não sei, não teve muita combinação, é claro que eu sabia que não poderia fazer um monstro. Eu acho que isso, o fato de ser jornalista, ajuda também, tem que saber até onde vai o interesse. E como jornalista a gente sabe. O leitor consegue ler muito mais do que um capítulo, eu vou chegar a um tal nível de detalhe que eu vou cansar o leitor? Então, tem muito do Jornalismo aí, da minha experiência de piauí. De saber o que é interessante contar, o que é bom de contar e o que é bom de ler. Então, eu não ia extrapolar. E era tudo muito fascinante nessa primeira parte (Dieguez, 2023).

Após entrevistar cerca de 25 pessoas e reunir o material sobre o biografado, a família e a empresa, Consuelo partiu para a escrita. Programou 29 capítulos. Durante essa etapa, necessitou recorrer à Internet. Conseguiu, por exemplo, descrever as características do navio Cap Norte, que trouxe a família de Hans ao Brasil, graças a imagens disponíveis na rede. Ademais, por meio das cartas, a jornalista observou que o rapaz se admirava com as canções das festas populares. Outra vez, a saída foi pesquisar na rede mundial de computadores: *“Por exemplo, ele fala da música, era o Carnaval, fala que a vida de casado é boa, mas de solteiro é melhor. Daí fui ver quais eram as músicas que estavam tocando naquele Carnaval quando ele chega. Aí, era uma pesquisa assim”* (Dieguez, 2023).

Mesmo não viajando à cidade alemã da família Stern - Essen, quase na fronteira oeste com a Holanda - Consuelo conseguiu contextualizar o período anterior ao conflito bélico. Para isso, “[...] peguei todos esses livros de Segunda Guerra pra estudar junto. Ali, eu vi aquele momento da Noite dos Cristais, eu fui ler de novo o Ascensão e queda do Terceiro Reich, a primeira parte que o cara descreve também muito bem, é um livro jornalístico também” (Dieguez, 2023). O livro em questão, originalmente *The rise and fall of the Third Reich*, foi publicado pelo jornalista estadunidense William Lawrence Shirer, em 1960. No Brasil, houve traduções pela Civilização Brasileira (1962, 1967, 1975) e pela Agir (2008, 2017).

Nas palavras da entrevistada, a experiência da biografia – um ano e meio de pesquisa e seis meses de escrita - foi como um bálsamo. Além de se aprofundar em um tema necessário para compreender o século XX, Consuelo pode revisitar a Rio de Janeiro dos anos 1940, como se ela pudesse se transportar a um período em que a capital federal era litorânea, os cassinos ainda estavam permitidos e a noite carioca era badalada com apresentações das vozes do rádio: “*O que será pro menino alemão, culto, cujo pai lia Goethe, ouvia música clássica, quer dizer, perde toda a vida na Alemanha, todas as referências, desaba no Brasil, chega aqui num verão carioca, sabe, vai pro Leme. Então, eu fico imaginando que devia ser a visão do paraíso*” (Dieguez, 2023). A descrição do adolescente Hans, captada por Consuelo, serviu de mote ao terceiro capítulo do livro, intitulado “Alumbramento”, sobre a chegada do rapaz ao Brasil, através da Baía de Guanabara.

Sete anos depois do lançamento da biografia *H Stern: A história do homem e da empresa*, em 2022, inclusive durante as comemorações do centenário de nascimento do fundador Hans Stern, a joalheria se inspirou na biografia escrita por Consuelo Dieguez para nomear, na época, um precioso objeto da nova coleção, exposta no hotel Copacabana Palace. De acordo com a postagem na própria conta do *Instagram* (@consudieguez), no dia 17 de novembro de 2022, o colar foi nomeado “Alumbramento”: “*Eu imaginava o que ele estava sentindo ao chegar aqui, eu acho que era a visão do Paraíso. [...] Se ele fosse definir numa joia o que ele viu quando ele chegou ao Rio de Janeiro, era aquilo ali*” (Dieguez, 2023).

Abilio: Determinado, ambicioso, polêmico

Jornalista biógrafa: Cristiane Correa

Biografado: Abilio Diniz

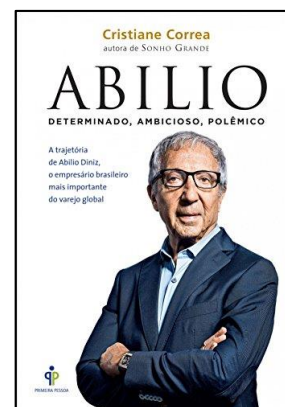
Editora: Primeira Pessoa (Sextante)

Ano: 2015

Número de páginas: 272

Tamanho: 22,8 cm x 15,8 cm

ISBN 978-85-6837-702-4



A editora Sextante apareceu na vida da paulista Cristiane Correa por meio de um amigo que residia no Rio de Janeiro. Este colega era sócio em uma grande assessoria de imprensa; porém, decidiu vender a parte dele e se tornar sócio de um selo de livros biográficos, na Sextante. Com esse contato, conheceu Marcos Pereira, proprietário da editora. Sempre quando Cristiane viajava ao Rio para alguma entrevista, Marcos perguntava à jornalista se não tinha vontade de fazer um livro. Há algum tempo, ela tentava persuadir o empresário Jorge Paulo Lemann, além de convencer Marcel Telles e Beto Sicupira, para que contassem a história do trio empresarial e a transformasse num livro. No fim, as entrevistas deram certo e os originais, finalizados: “*Aí, eu mostrei o livro pro dono da Sextante. O livro passou por revisão ortográfica, nada de mudar... Ele fez uma leitura, digamos, crítica, mas não é que ah, mudou alguma coisa, mudou o título de não sei o quê, inverteu tal coisa. Não, foi muito tranquilo, muito mesmo*” (Correa, 2023).

Após o ótimo resultado colhido com *Sonho grande* (Sextante, 2013) - vendeu mais de 600 mil exemplares em oito países -, Cristiane permaneceu na Sextante. Com esse respaldo e a experiência de 12 anos na revista *Exame*, a jornalista cogitou biografar outro empresário, Abilio Diniz: “*A gente tem uma tendência de achar que é autorizada porque durante muito tempo só havia biografias autorizadas. E biografias de empresários brasileiros era um negócio que não se tinha, então, ou muito pouco, talvez a do Barão de Mauá, mas quem está vivo, não tinha*” (Correa, 2023). Ela faz referência à obra assinada por Jorge Caldeira, *Mauá: Empresário do Império* (Companhia das Letras, 1995). O prazo de entrega, estipulado no novo contrato, foi de dois anos: “*Mas também, eu sabia que se atrasasse um pouco, ninguém ia me encher o saco. Pra mim, é bom também ter um prazo, porque se não, tu fica muito no sossego. É bom ter um calorzinho. Então, achava que dois anos era um tempo razoável*” (Correa, 2023). De acordo com as recordações de Cristiane, não houve imposição sobre o tamanho da obra ou dos nomes

dos futuros 20 capítulos. Inclusive, a conversa *a posteriori*, sobre o próprio título do trabalho, foi discutida em conjunto, de maneira colaborativa.

Dono de uma vida repleta de dramas familiares e disputas administrativas, o biografado já possuía razões para a confecção de uma biografia: “*E eu acho o Abilio, como personagem, um personagem mais rico que os três [empresários de Sonho grande], porque a vida dele é meio que um filme. Tem tudo, tem briga familiar, tem sequestro, tem tudo. Então, eu tinha vontade de fazer um livro sobre o Abilio*” (Correa, 2023). Algo da trajetória dele tinha sido pincelado em uma obra autoral - *Caminhos e escolhas* (Elsevier, 2004)⁶⁰ - baseado em gestão e liderança. Como Cristiane já conhecia Abilio das entrevistas que tinha feito, quando era editora na *Exame*, enviou um *e-mail* para ele, a fim de saber se havia interesse na ideia do livro. O empresário respondeu sugerindo uma reunião:

Aí ele me chamou, fui conversar, e ele disse:

- Eu vou poder ler antes?
- Não, não vai poder ler antes.
- Mas eu não vou ficar vendo capítulo a capítulo?
- Não, você vai ver o livro quando ele for lançado.
- Ah, tá... [...] então, eu queria que você fosse bater um papo com a Geyze [Geyze Diniz, esposa de Abilio].

Fui conversar, claro, as pessoas têm que saber quem eu sou, vou entrar na vida delas. Conversei com a advogada dele, a Renata. Daí, a gente teve uma última conversa com o Abilio, eu e o dono da editora. Pra ficar bem claro:

- Abilio, o que quero de você? Entrevista. Só. Não quero mais nada. *Porque ele pensava que fosse um projeto que o contratado tinha que pagar.* Não, meu negócio comercialmente é com o Marcos [Marcos da Veiga Pereira, proprietário da editora Sextante]. Ele é o [dono] da editora. Meu contrato é com ele. Não tenho contrato com você. Com você não tenho nada. A única coisa que eu quero é entrevista. Mas também eu queria dizer o seguinte: se você não der as entrevistas, eu vou fazer o livro do mesmo jeito, como eu fiz com o *Sonho grande*. Eu acho que fica mais legal você participando, mas aí você que define.

Daí tudo bem, topou (Correa, 2023).

Segundo a jornalista, não houve influência de Abilio ao longo da pesquisa, sequer teve indicações de fontes por parte de familiares: “*Não houve nenhum tipo de interferência porque eram empresas que eu já conhecia muita gente, eu já tinha feito muita matéria, então, eu já navegava fácil. [...] Conhecia um monte de executivo, ex-executivo, gente que trabalhou com ele, gente que gosta, gente que detesta*” (Correa, 2023). Cristiane conta um pouco do processo de apuração e escrita na seção de Agradecimentos de *Abilio*:

⁶⁰ Um ano após a publicação de Cristiane Correa, Abilio lançou *Novos caminhos, novas escolhas* (Objetiva, 2016), com novas abordagens empreendedoras, além de discutir equilíbrio, fé e saúde.

Abilio me concedeu quase uma dezena de entrevistas. Sua esposa, Geyse, e os filhos Ana Maria, João Paulo e Pedro Paulo também me receberam e se dispuseram a elucidar um sem-número de dúvidas que surgiram durante o processo de produção da obra. [...] Um livro como este, porém, exigiu a busca de muito mais fontes além do clã Diniz. Foram quase noventa entrevistas com funcionários e ex-funcionários do Pão de Açúcar, fornecedores da rede varejista, consultores, banqueiros, advogados e amigos do empresário. Com alguns cheguei a me encontrar pessoalmente quatro vezes. Muitos deles preferiram manter-se no anonimato (Correa, 2015, p. 225).

Na leitura de *Abilio*, observam-se trechos em que as fontes não participaram dos depoimentos, caso dos ex-executivos Augusto Cruz e Cássio Casseb, como indicado no trecho a seguir: “Nenhum dos dois concordou em dar entrevistas para este livro. Enigmático, Casseb limitou-se a dizer por *e-mail* que *a verdade é filha do tempo, e não da autoridade*. Cruz absteve-se de responder aos pedidos de entrevista” (Correa, 2015, p. 125). Páginas adiante, mais um apontamento, antes de uma citação: “Ou, como narra alguém que acompanhou a disputa de perto (e prefere não ser identificado)” (Correa, 2015, p. 175). Sobre as declarações que recebeu de entrevistados em *off*, Cristiane diz não se incomodar:

Não, eu usei muito do jeito de fazer os livros da experiência que eu tinha, fazendo reportagem na Exame. Acho que, como na Exame, sempre foram matérias mais longas, com muitos entrevistados, muitas vezes, segui os mesmos princípios. Entrevista em off faz parte do jogo, não tenho problema nenhum. [...] Acho que a não participação dos irmãos do Abilio não prejudicou a narrativa [...] inclusive, no livro do Abilio, que é o com mais cara de biografia, meu princípio sempre foi: Eu vou falar da vida pessoal do cara, mas o que tem a ver com o negócio. No caso dele, como era uma empresa familiar, muita coisa tem a ver com o negócio próprio. [...] Então, a família dele não quer falar, isso só mostra o tanto que é uma família turbulenta. Eu insisto bastante, claro, nosso papel é insistir, mas quem não quer falar, beleza. E eu acho que não falar é um sinal de alguma coisa. O silêncio também é (Correa, 2023).

Na construção da biografia, a metodologia aplicada foi semelhante à preparação das matérias que realizava na *Exame*. No caso dos livros que escreveu, todas as etapas funcionaram da mesma maneira. A começar pela pesquisa bibliográfica, fase esta em que Cristiane leu uma dezena de livros para se inteirar do assunto, além de ter buscado informações em jornais e revistas. Essa preparação foi fundamental para se sentir segura na realização das entrevistas. Por ter lido muito material,

[...] consigo tirar mais do entrevistado tendo feito uma pesquisa prévia. É lógico que não é tão matemático assim e, ao longo do processo, eu vou top

com matéria de jornal que não tinha visto, ou alguém vai recomendar um livro que eu não tinha visto, mas eu gosto de dar uma mergulhada no tema primeiro. Depois, ir para as entrevistas e, quando acabam as entrevistas, começar a escrever (Correa, 2023).

Cristiane admite que há um momento em que as entrevistas começam a dar sinais de repetição. É o momento de finalizar a pesquisa e iniciar a escrita do livro: “*Tem uma hora que você já percebe que estamos andando atrás do próprio rabo e não há mais essa necessidade. E também nisso tem ajuda do negócio do prazo: se tem um prazo de dois anos, não posso ficar fazendo entrevista 18 meses, porque tenho 24 meses para fazer um livro*” (Correa, 2023). A biógrafa confessa que detesta escrever à toa. Na época da revista, se a reportagem precisasse ter quatro páginas, máximo de 200 linhas, ela não desperdiçava tempo escrevendo dez a mais. Para os livros, é a mesma coisa. É possível estender, mas por que alongar? Para Cristiane, *livro bom é livro pronto* (Correa, 2023).

Com tiragem inicial de 20 mil exemplares, em julho de 2015, *Abilio* esteve entre os dez finalistas da categoria “Biografia” do 58º prêmio Jabuti de Literatura, em 2016. Na ocasião, o vencedor foi *Mário de Andrade - Eu Sou Trezentos: Vida e Obra*, do filósofo Eduardo Jardim. Quase uma década da publicação original, a obra já somou pouco mais de 100 mil cópias vendidas. Diferente do livro anterior, *Sonho grande*, Cristiane revela que ainda não houve interesse em traduzir a biografia *Abilio*.

*_*_*_*_*

Frei Betto: Biografia

Jornalista biógrafa: Evanize Sydow (com o historiador Américo Freire)

Biografado: Carlos Alberto Libânio Christo, o frei Betto

Editora: Civilização Brasileira (Grupo Editorial Record)

Ano: 2016

Número de páginas: 448

Tamanho: 22,8 cm x 15,4 cm

ISBN 978-85-2001-300-7



Antes de lançar *Frei Betto: Biografia*, a paulista Evanize Sydow já havia se aventurado pelo gênero biográfico, ainda na graduação de Jornalismo, na Faculdade Cásper Líbero. Para o

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), pesquisou a vida do cardeal dom Paulo Evaristo Arns (1921-2016), juntamente com a colega Marilda Ferri. Catarinense de nascimento e ex-arcebispo da Arquidiocese de São Paulo (1970-1998), dom Paulo foi uma figura ímpar na Igreja Católica brasileira daquele período, ao se tornar uma voz de resistência frente às prisões, torturas e mortes cometidas pela ditadura militar, em especial, as que ocorriam nas dependências do Departamento de Operações de Informação - Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI), órgão ligado ao Exército. Na época da universidade, ambas as acadêmicas tinham conhecido o religioso em uma palestra proferida por ele na Oboré, uma empresa que presta serviços de comunicação popular em São Paulo:

Assim, um belo dia, eu saí lá da Oboré, depois da entrevista do dom Paulo, virei pra Marilda e falei:

- Ah, Marilda, vamos fazer a biografia do dom Paulo?

Aí ela virou, isso no primeiro ano de Jornalismo. Ela falou pra mim:

- Será?

Eu falei: Vamos?

- Está bom, vamos.

Como se fosse, vamos ali escrever uma nota no jornal, entendeu? E foi. E essa inocência entre aspas, a gente manteve até o final, pra você ter ideia. Nós éramos duas maluquinhas, a gente não tinha a menor noção do que a gente estava fazendo, inclusive, isso está escrito na introdução do livro. A gente não tinha nenhuma noção do tamanho do desafio que a gente tinha e acho que só por isso a gente conseguiu fazer o livro (Sydow, 2023).

A demora foi grande para alcançar uma audiência com o cardeal Arns. Ao convidá-lo, o futuro biografado se surpreendeu com a ideia, mas logo indagou qual seria a primeira pergunta. Não havia. Nenhuma tinha se preparado para o momento. Somado o texto entregue para o TCC e depois, quando publicado, Evanize e Marilda conversaram com 118 pessoas, inclusive, com o então presidente da República, Fernando Henrique Cardoso. Pesquisaram em arquivos de bibliotecas, jornais e revistas localizadas em Brasília, Petrópolis (RJ), Rio de Janeiro e São Paulo. Foram a Forquilha (SC) e Curitiba (PR). Visitaram Belo Horizonte (MG), Bragança Paulista (SP), Mariana (MG), Novo Hamburgo (RS), São Félix do Araguaia (MT) e Sorocaba (SP). Viajaram à Argentina e também à Itália, com uma carta de recomendação de dom Paulo, com o intuito de acessar os documentos do Vaticano e entrevistar alguns bispos e cardeais. Após defendido, em dezembro de 1997, o TCC foi publicado sob o título *Dom Paulo Evaristo Arns: Um homem amado e perseguido* (Vozes, 1999; Expressão Popular, 2017):

Eu me lembro que, quando eu lancei a biografia do dom Paulo, uns amigos meus, que eram de redação e me entrevistaram por conta da biografia, eles falaram: Ah, Evanize, meu sonho é viver essa sua vida. Porque eu estou aqui te entrevistando, mas hoje eu tenho que fazer cinco entrevistas diferentes, vai fazer cinco matérias diferentes. Isso na época, já tem 22 anos. Imagina hoje, essa coisa de ter que produzir dez matérias todo dia. É uma batida que não... quando eu trabalhava em rádio, eu tinha essa batida. Você tem que dar conta do recado. Mas depois que eu fiz esse meu primeiro livro, eu descobri que isso não era pra mim, essa doideira de redação diária (Sydow, 2023).

Evanize voltou a se aproximar de uma trajetória de vida quando pesquisou, no mestrado, realizado na Fundação Getúlio Vargas (FGV), as cartas do crítico literário Alceu Amoroso Lima, durante os primeiros quatro anos da ditadura militar brasileira (1964-1968). Mesmo depois de entregar a dissertação, em 2007, ela continuou a parceria com o orientador, professor Américo Freire. Da experiência do contato com as entidades assistenciais e humanitárias, na Oboré, além do apoio e orientação que recebeu na pesquisa sobre dom Paulo Evaristo Arns, Evanize conheceu o frade mineiro e jornalista Carlos Alberto Libânio Christo, o frei Betto⁶¹.

O sacerdote é uma personalidade midiática no Brasil, mas especialmente, no exterior. No momento em que se escreve esta tese – novembro de 2023 – frei Betto somava 74 publicações nacionais e traduzidas. Reconhecido pela assessoria a movimentos populares em favor dos Direitos Humanos, o frade integrou a equipe do primeiro mandato (2003-2006) do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Ademais, recebeu o título de Doutor Honoris Causa pela Universidade de Havana (Cuba, 2015) e pela Universidade José Martí (México, 2017).

Em 2012, após cinco sessões de depoimentos ao acervo de História Oral do Centro de Documentação e Pesquisa de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da FGV (Freire; Sydow, 2016), com 12 horas de gravações, Evanize perguntou se o religioso toparia ser biografado. O aceite foi imediato. Mais uma vez, a jornalista iria se deparar com um protagonista vivo. Ao fim de *Frei Betto: Biografia*, a dupla de autores revelou os desafios e os porquês pela opção de escrita. Ambos aconselham que a pergunta norteadora “[...] poderia ser assim resumida: afinal de contas, quem é esse personagem? Essa questão, de pronto, pode se desdobrar em outras duas, igualmente importantes: como é possível defini-lo? E mais: qual foi, de fato, o seu papel para a História?” (Freire; Sydow, 2016, p. 400). Para respondê-las, tanto Américo, quanto Evanize, assumiram algumas diretrizes:

A primeira delas: não iríamos escrever a biografia definitiva de Betto ou de qualquer outro personagem. Até porque não acreditamos nisso. Todo livro é

⁶¹ Frei Betto integrou o júri do prêmio *Casa de las Americas*, em 1985, um dos principais reconhecimentos literários da América Latina.

circunstancial e histórico e responde às exigências de sua época. Também partimos do pressuposto de que, sob nenhuma hipótese, nossa empatia pelo biografado poderia dar fundamento a um relato unidimensional, heroico ou santificado da vida de Frei Betto, e muito menos haveria de servir de pretexto para o leitor ter em mão um livro recheado de elogios vazios e segredos de polichinelo. Era nosso objetivo, ao lançarmos mão do método biográfico, explorar em profundidade o singular – no caso, a vida de um personagem – como porta de entrada para o estudo de temas e problemas mais amplos (Freire; Sydow, 2016, p. 399).

Uma das soluções encontradas pelos autores foi recontar a vida do sacerdote a partir de temáticas, em fractais, como sugere o pesquisador Felipe Pena (2004): “Optamos ainda por um fluxo narrativo em que a linha cronológica, por vezes, cederia lugar ao estudo de temas que atravessassem os marcos temporais” (Freire; Sydow, 2016, p. 399-400). Apesar de se tratar de um profissional vinculado à religião, também buscaram distanciamento dos aspectos divinos, sem idolatria ou predestinação, como explica Evanize: “*Se você olhar a biografia do frei Betto, [...] eu não entro nessa questão religiosa, eu nem me sinto à vontade pra falar muito disso. Claro, eu falo numa questão mais de análise geral ou de contextualização. Mas eu não entro nessas questões porque não é a minha praia*” (Sydow, 2023).

Quando iniciaram a empreitada, que duraria meia década, o projeto não estava assinado com nenhuma editora. A procura por Américo e Evanize se deu após o jornalista Ancelmo Gois publicar uma nota em sua coluna de *O Globo*. Três ou quatro editoras propuseram acordo, mas foi a Civilização Brasileira quem levou a melhor: “*A gente sempre pensou num volume só e aí a editora respeitou muito. Claro, teve uma revisão, a editora respeitou muito o tamanho, o conteúdo, etcétera, não interferiu nada e nós fizemos o livro que a gente queria fazer*” (Sydow, 2023), ao se lembrar da parceria com a editora Andreia Amaral. Ao contrário de outras jornalistas biógrafas, Evanize conseguiu se dedicar ao projeto *Frei Betto: Biografia* por quase cinco anos, graças ao auxílio da Lei Federal de Incentivo à Cultura – a lei Rouanet – com patrocínio da empresa Souza Cruz: “*São duas pessoas e uma equipe. Tem pessoas que ajudaram na revisão, pesquisa, tem uma série de coisa, a gente viajou pra caramba. Tudo isso custa muito dinheiro. É impossível quase você fazer um livro desses sem apoio*” (Sydow, 2023). Na rota de viagens, paradas obrigatórias em Belo Horizonte (MG), terra do protagonista, Vitória (ES), onde morou um tempo, e Rio de Janeiro. Também visitaram países da América Latina - Argentina, Cuba e Nicarágua – e da Europa. Neste caso, passagem pela França.

Publicado em novembro de 2016, pela Civilização Brasileira, em uma tiragem inicial de cinco mil exemplares (Sydow, 2023), o livro com 24 capítulos foi um dos dez finalistas da categoria “Biografia”, no 59º Prêmio Jabuti de Literatura, em 2017. Neste mesmo ano, foi

traduzido para o idioma espanhol com o título *Frei Betto, una biografía* (José Martí, 2017) e lançado durante a XXVI Feira Internacional do Livro de Havana, em Cuba. Também recebeu uma versão em língua inglesa, intitulado *Frei Betto: The Political-Pastoral work of a Dominican friar in Brazil and beyond*⁶² (Liverpool University Press, 2020).

*_*_*_*_*

Quelé, a voz da cor: Biografia de Clementina de Jesus

Jornalistas biógrafas: Janaína Marquesini, Luana Costa e Raquel Munhoz (com o jornalista Felipe Costa)

Biografada: Clementina de Jesus

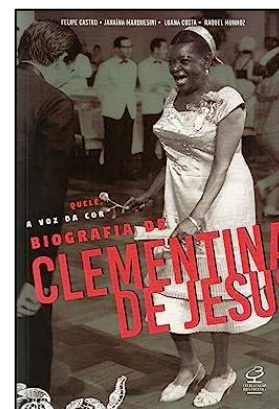
Editora: Civilização Brasileira (Grupo Editorial Record)

Ano: 2017

Número de páginas: 364

Tamanho: 22,6 cm x 15,2 cm

ISBN 978-85-2001-311-3



Outra pesquisa originada do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), que resultou em obra comercial, *Quelé, a voz da cor* foi o livro de estreia do quarteto Felipe Costa, Janaína Marquesini, Luana Costa e Raquel Munhoz. Ao se aproximarem do fim da graduação de Jornalismo, ainda no terceiro ano, os professores da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP) começaram a orientar os acadêmicos para o trabalho final. Porém, os autores sentiram resistência no próprio curso antes de se formarem, em 2011, devido ao tema escolhido.

Na época, na instituição, havia a regra de que o TCC deveria ser um produto inédito de comunicação: “Então, a gente tinha que escolher, se a gente quisesse ir por esse campo de livro-reportagem, uma coisa incomum, que não tivesse ainda publicado” (Costa, 2023). A primeira ideia foi biografar o cantor e compositor baiano Tom Zé. Porém, Luana relembra que foi Janaína quem lhes apresentou Clementina de Jesus. Sem pretensão, Janaína mostrou as canções da cantora aos colegas, apenas por curiosidade. Era o disco *O canto dos escravos*, última gravação de Clementina, “[...] um disco muito forte, de resgate dos cantos de trabalho dos negros em situação de escravidão de Minas Gerais que, enfim, é um resgate relacionado a um livro de um linguista mineiro chamado Aires da Mata Machado Filho” (Costa, 2023), autor

⁶² Tradução livre: *Frei Betto: O trabalho político-pastoral de um frade dominicano no Brasil e além.*

de *O negro e o garimpo em Minas Gerais* (Itatiaia, 1985). Naquele momento, cada uma ainda estava em outros grupos, com pretensões distintas de TCC. Raquel, por exemplo, pensava em fazer alguma coisa de caráter fotográfico. Interessadas pelas vozes do LP, as jornalistas quiseram saber quem eram os indivíduos por trás dos microfones: Clementina de Jesus, Tia Doca e Geraldo Filme. Decidiram-se por Clementina. Segundo as autoras, os professores não acreditavam na potencialidade do projeto:

E aí, por exemplo, a gente tinha que correr atrás pra dar certo. Então, o nosso TCC foi recusado na faculdade, porque ele não tinha vínculo comercial. E aí a gente falou: Como assim, a gente não vai poder escrever sobre Clementina? A gente quer, e aí a gente começou uma verdadeira saga. Dá outro livro como a gente conseguiu convencer o colégio de professores (Munhoz, 2023).

Não tem relevância, ninguém sabe dela, ela não existe, ela não é nada, e não sei o quê, não tem relevância jornalística e vocês não vão conseguir ir pro Rio de Janeiro, vocês estão viajando, escolhe outro tema. *Aí, a gente fazia e mandava o mesmo tema* (Marquesini, 2023).

A gente, na época, não refletiu sobre isso, mas que hoje a gente tem certeza que a Clementina não era relevante por racismo. E machismo também. Ela é uma mulher negra, que não teve tanta fama, que mesmo ela tendo cantado com Clara Nunes, mesmo ela tendo frequentado os mesmos espaços que Cartola e tudo mais, ela não teve a mesma abrangência de fama que essas pessoas. Então, pra faculdade, ela realmente era um tema que não tinha relevância e a gente, hoje, consegue refletir que isso era puro racismo. [...] O que determina a relevância? (Costa, 2023).

Após ser recusado três vezes, o projeto foi apresentado em uma versão intitulada *Obra e legado de Clementina*, focada na trajetória musical da cantora. Trazia documentos sobre a vida dela, pois os pesquisadores esmiuçaram os onze vinis gravados, ouviram depoimentos no Museu da Imagem e do Som (MIS)⁶³, em São Paulo, além de entrevistarem produtores e músicos que atuaram com Clementina: “*Ele [o trabalho] podia ter no máximo 100 páginas. A gente chegou em 161*” (Marquesini, 2023). Para conseguir conversar com algumas fontes, tais como os cantores Martinho da Vila e Paulinho da Viola, os acadêmicos se apresentavam como uma equipe que pesquisava a biografia de Clementina: “*O artista mesmo, quando a gente chegava pra falar de Clementina, ele ficava deslumbrado, nunca teve um artista que deu uma entrevista meia boca pra gente. Coisa que o assessor falava: Quinze minutos. A entrevista durava três, quatro horas*” (Munhoz, 2023). O trabalho foi premiado no concurso interno da universidade, foram vitoriosos na categoria “Jornalismo/Livro-reportagem” da Exposição de Pesquisa Experimental em Comunicação (EXPOCOM) durante o XVII Intercom Sudeste, de

⁶³ Disponível em: <https://www.mis-sp.org.br/>. Acesso em 29 nov. 2023.

2012, em Ouro Preto (MG) e premiados na mesma categoria do EXPOCOM na edição 25 do Intercom Nacional, em 2012, sediado em Fortaleza (CE).

Para a ampliação do TCC, depararam-se com pouquíssimo material sobre Clementina, praticamente nada na Internet. Músicas e entrevistas eram inexistentes na plataforma Youtube. Ao perceberem que havia escassez de material, lembraram do livro *Wilson Baptista. O samba foi sua glória* (Casa da Palavra, 2013), escrito por Rodrigo Alzuguir: “*O que o Rodrigo Alzuguir fez com a biografia do Wilson? Ele foi colocando coisas que estavam acontecendo na história, na política, na música, pra gente começar contextualizar o que possivelmente aquele artista estava vivendo ali também*” (Munhoz, 2023). Enquanto Janaína e Raquel focavam na produção do trabalho, através dos contatos e entrevistas no percurso terrestre entre São Paulo e Rio, Felipe e Luana se responsabilizaram pela escrita. Em fins de semana e madrugadas regadas a café e Coca-Cola, o esboço de *Quelé, a voz da cor* tomava forma:

A Raquel, ela organizava muito bem, por tempo cronológico, os eventos que aconteciam. Então, por exemplo: se a gente decupou uma entrevista do MIS, que a Clementina falava que tinha feito um show em mil novecentos e bolinha, em tal lugar, com tal pessoa, aí a gente tinha dividido numa pasta os jornais de Cultura, os cadernos de Cultura dos anos 1970, 1980 e aí a Raquel dividiu por fases, e a gente conferia no jornal se realmente aquele show tinha existido, se estava...enfim, se aquilo ali que a Clementina tinha falado realmente apareceu. [...] Eu escrevia numa narrativa de livros, sabe? Tipo, fazia os parágrafos construídos, a Raquel trazia os trechos de entrevistas, e aí a gente ia colocando os trechos de uma entrevista em cada local. E aí o Felipe veio com a edição final, ele que trouxe o tom ali da mesma narrativa do livro todo, sabe? Foi assim que a gente se dividiu. Não sei se deu pra entender, mas foi realmente um livro escrito a oito mãos, sabe? Porque a gente se dividiu dessa forma e deu muito certo, porque cada um cumpria a sua função ali (Costa, 2023).

Se não bastasse o fato de ter pouco conteúdo sobre a biografada, as jornalistas se depararam com o descaso funerário em relação a Clementina de Jesus, enterrada no cemitério São João Batista, no bairro de Botafogo, no Rio de Janeiro (RJ), em meio a outros artistas musicais de renome nacional, como Carmen Miranda e Tom Jobim: “*A gente não sabia de nada de Clementina, a gente só sabia do velório e aí a gente foi aos cemitérios do Rio de Janeiro. Achar aqueles livros enormes, aquelas coisas antigas, conseguimos localizá-la e ela estava num ossário, numa gavetinha e aquilo, até hoje, mexe muito comigo*” (Munhoz, 2023). Embora soubessem das discriminações que ela sofreu, Raquel admite que não havia muita reflexão sobre questões raciais, talvez por serem mulheres brancas: “*Aí a gente teve o gap, que foi o tempo da formação até o lançamento do livro, a gente ia conhecendo coisas, entrevistando as pessoas,*

lendo, [...] mas acho que a gente não entrava muito, eu pelo menos não tinha o conhecimento que tenho hoje de debates raciais” (Munhoz, 2023). Das autoras, Luana era a que mais tinha proximidade com esse tema, pois havia ingressado em uma especialização sobre Mídia, Informação e Cultura, na Universidade de São Paulo (USP), logo depois de se formar na faculdade, em 2011. Nesse curso, acessou leituras que auxiliaram a compreensão da realidade: *“Sobre várias autoras, sobre algumas questões de sociologia, eu, pelo menos, não tinha. Então, quando ela [Luana] trazia isso, ainda era muito distante da nossa vivência, justamente por sermos mulheres não negras”* (Munhoz, 2023).

A busca por uma editora também foi desafiadora: *“A gente escreveu o livro inteiro sem ter nenhuma perspectiva de editora. Eu não tinha a mínima ideia de como a gente ia conseguir uma editora”* (Marquesini, 2023). O TCC havia chamado atenção de algumas editoras, em especial, devido aos reconhecimentos acadêmicos. Janaína, inclusive, tinha se matriculado em um curso para editores de livros, apenas para conquistar *networking*. Porém, as autoras desejaram que o futuro livro tivesse uma distribuição nacional. Para tanto, optaram por uma casa que pudesse apostar na temática. Ao perceberem que a Civilização Brasileira tinha editado *Quem samba tem alegria: A vida e o tempo de Assis Valente* (Civilização Brasileira, 2015), biografia redigida por Gonçalo Silva Junior, uma das principais referências delas, não tiveram dúvidas: foram bater à porta da editora, no Rio de Janeiro. Na capital fluminense, Janaína e Raquel se deslocaram ao endereço da Civilização Brasileira, no bairro São Cristóvão, sem ter marcado reunião. Apenas com o manuscrito e o livro sobre Assis Valente.

Na recepção, aguardaram por um atendimento. Sem horário agendado, o tempo foi se exaurindo. Até que, pela insistência, conseguiram ser recebidas. Ambas explicaram a ideia da biografia de Clementina para a equipe da Civilização, com algumas das fontes já entrevistadas e a ideia de planejamento para a execução. Ao final da explanação, a editora comunicou que o projeto seria posto em avaliação num conselho onde decidem quais os livros entrarão no projeto do próximo semestre. Por essa época, Janaína e Raquel perambulavam pelo Rio, à procura de uma possível entrevistada: dona Glorinha, a ex-patroa de Clementina. Com cartões de visitas e alguns cartazes no estilo *lambe-lambe*, a dupla colava a informação em postes, muros, pontos de ônibus, padarias e açougues. As únicas duas informações que possuíam eram que ela era portuguesa e morava no Grajaú. A atitude fez das jornalistas pessoas famosas no bairro:

Aí, uma dessas, um repórter da sucursal do Estadão, no Rio, morava no Grajaú e viu o cartaz no açougue. E aí, ele ligou pra gente e quis escrever uma matéria sobre aquela busca. Ele achou aquela história interessante da gente estar fazendo aquela busca e escreveu uma matéria sobre a nossa busca

da dona Glorinha. Saiu no Estadão. E a matéria teve uma repercussão grande, sabe? Um monte de gente veio falar com a gente depois disso. E aí, a editora me ligou e falou: Olha, está todo mundo falando do livro de vocês, por causa da matéria do Estadão. Está todo mundo falando, saiu no Estadão, está todo mundo falando que vai ter a biografia da Clementina. Então, a gente vai fechar o livro com vocês. Então foi por causa dessa matéria do Estadão, que ela [a editora] quis fazer (Marquesini, 2023).

Após 50 entrevistas realizadas e 15 capítulos redigidos, *Quelé, a voz da cor* chegou às livrarias em janeiro de 2017: “A gente teve publicações em grandes veículos do Brasil todo, a gente deu entrevista, a gente correu atrás de muitos lançamentos. A gente fez lançamento em Minas, no Paraná, São Paulo, interior de São Paulo, Rio de Janeiro, na cidade da Clementina [Valença, RJ]” (Munhoz, 2023). A primeira impressão contou com três mil exemplares.

*_*_*_*_*

Maria Bonita: Sexo, violência e mulheres no cangaço

Jornalista biógrafa: Adriana Negreiros

Biografada: Maria Bonita

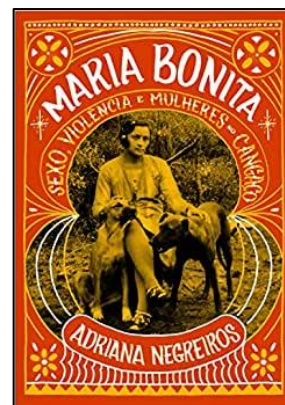
Editora: Objetiva (Grupo Editorial Companhia das Letras)

Ano: 2018

Número de páginas: 296

Tamanho: 21 cm x 13,6 cm

ISBN 978-85-4700-068-4



A paulista Adriana Negreiros soube pelo esposo, Lira Neto, que um selo da editora Companhia das Letras – a Objetiva – estava à procura de autores que escrevessem livros-reportagem. Embora não tenha sido o principal objetivo da carreira, a escrita de uma obra investigativa estava no radar da jornalista. Quando saiu da redação para se tornar *freelancer*, “[...] sabia que esse também era um mercado possível de ser abordado, porque sabia que as editoras tinham uma demanda, uma necessidade por jornalistas escreverem livros de não ficção” (Negreiros, 2023). Diante disso, pensou em resgatar a história do cangaço a partir de um viés feminino. Ao invés de centrar a narrativa no bandoleiro Virgulino Ferreira da Silva, o lendário Lampião, buscou evidenciar a imagem de Maria Gomes de Oliveira, a Maria Bonita, e de outras cangaceiras do bando:

Trabalhei todos esses anos no Sudeste; embora nascida em São Paulo, sou nordestina; portanto, minhas referências são do Nordeste. Havia um desinteresse muito grande por essa porção ao norte do país. Geralmente, se considera que os grandes assuntos estão em São Paulo, máximo Rio de Janeiro e Brasília. Os do Nordeste são, no máximo, assuntos regionais. [...] O cangaço era um tema pelo qual eu já tinha interesse, por uma questão familiar. Tive uma avó que era de Mossoró (RN), cidade que foi invadida pelo bando de Lampião, em 1927. Ela sempre contava que tinha muito medo de ser roubada pelo Lampião, pois se comentava que os cangaceiros roubavam as meninas. Então, eu já tinha a ideia que essa era uma história fantástica do cangaço. E comecei a pensar que poderia surgir um personagem a partir daí (Negreiros, 2023).

Contrato assinado em 2015, com a Objetiva, houve um pequeno adiantamento por parte da editora, mas que, infelizmente, não era ideal para se quitar as contas: *“O trabalho de alguém que se dedica a escrever livros é um trabalho muito complicado, a não ser que você seja rico. Definitivamente, não é meu caso. Um trabalho sempre muito cheio de interrupções, porque é preciso fazer outras coisas para pagar as contas”* (Negreiros, 2023). A saída foi trabalhar com *freelas*, concomitante ao trabalho de biógrafa, já que o repasse dos direitos autorais – 10% do valor de capa – também não era suficiente para pagar os boletos.

Ao se debruçar no passado de Maria Bonita, Adriana necessitou romper com mitologias em torno do cangaço e da visão romantizada pela série *Lampião e Maria Bonita*, produzida pela TV Globo, em 1982. Para isso, precisou se planejar para a produção biográfica. Dividiu-a em três etapas. A primeira foi a pesquisa bibliográfica, momento em que leu e fichou tudo que se dizia sobre o cangaço: *“Passei bom tempo nisso. Guardei anotações, descobri incongruências. Os relatos eram centrados nas figuras masculinas. Havia muita informação sobre Lampião, Corisco. Mas havia pouca informação sobre mulheres. E quando havia, elas eram alvo de muito descrédito”* (Negreiros, 2023). Exemplo dessa explicação é encontrada no excerto a seguir, retirado do prólogo da biografia:

A coragem de desfazer um casamento falido para acompanhar o homem que desejava e a disposição para enfrentar fome, sede e perseguição policial em nome de um grande amor inspiraram gerações de mulheres por décadas. Apesar de esconder o fato de que as cangaceiras eram submetidas a violências constantes na esfera doméstica e privada – embora vivessem ao ar livre do sertão -, essa mitificação não diminui o caráter transgressor da figura de Maria Bonita. Aqueles eram os anos 1930, e mulher decente não abandonava marido, quanto mais para fugir com cangaceiro (Negreiros, 2018, p. 16).

Com essas informações como panorama, Adriana concluiu que a pesquisa bibliográfica havia indicado alguns caminhos. Ao contrário de uma biografia mais tradicional, com início,

meio e fim, a jornalista percebeu que uma alternativa possível era recontar a história a partir de uma ótica individual e diante desse ponto de vista, confeccionar a história coletiva das mulheres no cangaço.

A seguir, partiu para as fontes primárias dos jornais da época, boa parte disponível na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional⁶⁴: *“Nessa pesquisa, me deparei com a ausência imensa de informações sobre as cangaceiras e sobre Maria Bonita. Consegui criar uma linha do tempo a partir dos relatos que eram feitos pelo Lampião e fui cruzando com os jornais da época”* (Negreiros, 2023). Como o casal havia sido assassinado em 1938, não existiam mais pessoas vivas que conviveram com o bando. Também decidiu não ter contato com descendentes de Maria Bonita, como a própria filha do casal, Expedita *“[...] que, assim que nasceu, foi entregue para uma família. Quando os pais morreram, ela tinha cinco anos. Não vi sentido procurar entrevistar, porque o que ela tinha em mente era só a visão construída sobre o cangaço, que era exatamente o que mais queria fugir, a visão romanceada”* (Negreiros, 2023).

Assim, a terceira fase compreendeu as entrevistas e consultas a arquivos dos pesquisadores, com acesso a gravações de áudios, vídeos e relatos transcritos: *“Essas foram as três fontes que utilizei para construir a história. Inclusive, nessa última fase, visitei os locais, até para encontrar essas pessoas, então ali foi a parte mais da reportagem de campo do que nas outras duas”* (Negreiros, 2023). Todas essas etapas, da pesquisa à entrega dos originais, levaram dois anos: *“Essas fases não são estanques, são fases que ocorreram simultâneas. Juntando tudo, foram uns dois anos. O que eu faço, é escrever à medida em que pesquiso. Então, é tudo simultâneo”* (Negreiros, 2023).

Adriana relata que houve muita resistência, por parte das pessoas com quem dialogou para a investigação do livro: *“Eu tive muita gente que conversei que queria muito conduzir minha pesquisa. Esse é o problema que as mulheres enfrentam. Porque esse ambiente do cangaço ainda é muito masculino”* (Negreiros, 2023). Soma-se a isso, a indiferença de homens para com Adriana, pois acreditavam que ela não se preocuparia em realizar algo sério. No máximo, um livro romanceado sobre a Maria Bonita. Outra suposição, levantada no meio, e percebida pela jornalista, foi em relação à identidade regional. Pesquisadores davam a entender que ela não era a pessoa mais indicada para contar essa história, por entenderem – erroneamente – que ela era uma pessoa *“[...] completamente deslocada para escrever sobre isso. Achavam que eu era um jornalista paulista, coisa que nunca fui. Apenas construí a carreira em São*

⁶⁴ Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em 29 nov. 2023.

Paulo. Ainda se fosse, mas isso era uma questão para muitos, era desqualificar as minhas origens nordestinas” (Negreiros, 2023).

Se o percurso da reportagem biográfica foi desafiador, com doses de indiferenças por parte da cultura masculina do cangaço, pode-se dizer que a relação com a editora Daniela Duarte foi das melhores: *“Sempre há prazos, sempre esses prazos são fictícios [risos] [...] Não sei se havia no contrato, mas eu lembro que [...] era pra entregar numa determinada data, acho que até final de 2017 e eu entreguei em maio de 2018”* (Negreiros, 2023), nada que tenha atrapalhado o planejamento dos futuros lançamentos da Objetiva. Adriana acrescenta: *“Eu tenho sorte de ter tido uma editora que não me pressiona, ela é muito compreensiva. Então, ela sempre pergunta: Ah, quando será que você acha que vai ficar pronto pra gente colocar na programação?”* (Negreiros, 2023). Inclusive, a quantidade de 17 capítulos e o título de cada um deles foi ideia da própria Adriana. Apenas o título, Daniela sugeriu alterar: *“Esse título a gente chegou juntas, depois de muita conversa. Eu sugeri alguma coisa, eu lembro que sugeri um título que tinha Lampião, ela disse: Não, não vai dar cartaz a Lampião, o livro é sobre mulheres, e ela tinha toda a razão”* (Negreiros, 2023). A negociação é conjunta, um trabalho de edição baseado em muita conversa e sugestões de trocas.

A biografia de Maria Bonita foi a primeira obra assinada por Adriana Negreiros, publicada em agosto de 2018, na ocasião dos 80 anos de falecimento da protagonista. Finalista na categoria “Ensaio”, no Prêmio Rio de Literatura, em 2019, a obra já está em fase de produção para uma série da plataforma Star +: *“A Maria Bonita vendeu até agora, eu acho, uns 27 mil exemplares, se não me engano, por volta disso. A tiragem inicial, eu não sei, não sei mesmo, eu acho que foram uns três mil, que é a tiragem padrão”* (Negreiros, 2023). Desde 2019, Adriana se dedica à trajetória da artista Dolores Gonçalves Costa, a Dercy Gonçalves, com previsão de lançamento pela Objetiva em 2024: *“Parece que é uma biografia da Dercy, mas é uma biografia do século XX, no final das contas, de uma mulher na indústria do entretenimento ao longo do século XX. De todas as circunstâncias que envolve ser mulher no século XX, no teatro, no rádio, na televisão, no cinema”* (2023). Atualmente, Adriana Negreiros é editora no portal de notícias UOL.

Raimundo Fagner: Quem me levará sou eu

Jornalista biógrafa: Regina Echeverria

Biografado: Raimundo Fagner

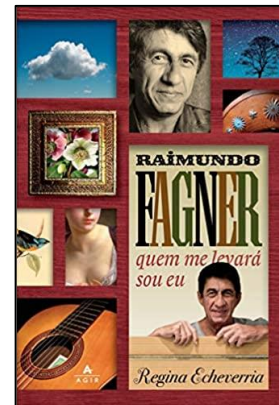
Editora: Agir (Ediouro)

Ano: 2019

Número de páginas: 400

Tamanho: 23 cm x 15,4 cm

ISBN 978-85-2200-117-0



O livro a respeito do cantor e compositor cearense Raimundo Fagner Cândido Lopes, por enquanto, foi a última biografia assinada pela paulista Regina Echeverria. A profissional já era reconhecida por outros títulos sobre personagens da Música Popular Brasileira (MPB), como *Furacão Elis* (Nórdica, 1985; Globo, 1994; Globo, 2002; Ediouro, 2006; Leya, 2012); *Cazuza: Só as mães são felizes* (Globo Livros, 1997) e *Gonzaguinha e Gonzagão: Uma história brasileira* (Ediouro, 2006; Leya, 2012):

Por que eu fiz esse livro, do Gonzaguinha e Gonzagão? Porque a família me chamou e me entregou um material precioso, que eram entrevistas dele, do filho com o pai, muitas, gravadas. E para eu usar esse material, que era rico. Eu pensei em contar a história dos dois, que também era muito interessante. E como eu conheci bem o Gonzaguinha, ele ia na minha casa, a gente se conhecia bem, éramos amigos, eu acabei fazendo esse livro, que eu gostei muito, e, depois, o Breno Silveira o transformou num filme (Echeverria, 2023).

Assim como havia ocorrido com biografados anteriores, Regina também tinha sido procurada: “Na verdade, eu fui bem escolhida, eu raramente escolhi. Na verdade, escolhi a princesa [Isabel], escolhi a Elis. O resto acho que foi tudo mais ou menos escolhida” (Echeverria, 2023). Não seria diferente com o novo protagonista: “O Fagner é meu amigo desde que ele começou a carreira, conheci ele bem novinho, bem começando a carreira” (Echeverria, 2023). Intérprete de músicas que integram o cancioneiro popular brasileiro como *Canteiros*⁶⁵ (1973), *Revelação*⁶⁶ (1978), *Noturno* (1980)⁶⁷, *Fanatismo* (1981), *Deslizes* (1987), *Borbulhas de amor* (1991), *Pedras que cantam*⁶⁸ (1991), *Espumas ao vento* (1997), entre outras, Fagner

⁶⁵ Composição de Fagner, motivado pelos versos do poema *Marcha*, de Cecília Meireles, além dos trechos das canções *Hora do almoço*, de Belchior, e *Águas de março*, de Tom Jobim.

⁶⁶ Integrou a trilha da novela *Cara a cara*, exibida na TV Bandeirantes, entre abril a dezembro de 1979.

⁶⁷ A canção foi tema de abertura da novela *Coração alado*, folhetim escrito pela autora Janete Clair e transmitida pela TV Globo (1980-1981).

⁶⁸ Outra canção que foi tema de novela da TV Globo (janeiro a julho de 1992). Desta vez, *Pedras que cantam* embalou a abertura da novela *Pedra sobre pedra*, escrita por Dias Gomes.

fez parte de uma geração de músicos nordestinos que marcou a década de 1970, tais como o pernambucano Dominginhos, o também pernambucano Alceu Valença, o cearense Belchior, o baiano Moraes Moreira e o paraibano Zé Ramalho. Com letra de Belchior, por exemplo, Fagner gravou um dos primeiros sucessos da carreira, *Mucuripe* (1973). Aliás, a canção foi apresentada pela primeira vez em 1971, no Festival de Música Jovem, de Brasília, um ano após Fagner se mudar do Ceará para estudar Administração, na Universidade de Brasília (UnB).

O título da biografia assinada por Regina – *Quem me levará sou eu* – faz alusão à canção que consta numa das faixas do quinto disco da carreira de Fagner, intitulado *Eu canto: Quem viver chorará*, gravado em 1978. Os versos da primeira estrofe “Amigos, a gente encontra/O mundo não é só aqui/Repare naquela estrada/Que distância nos levará”, resumem um pouco da trajetória do cearense. Inclusive, a sugestão do nome da biografia foi dada à autora por Marta Lopes, irmã do biografado: “*Eu adoro porque isso aí é o Fagner, quem me levará sou eu, é ele e a cabeça dele. Pra ele não tem os outros, entendeu? Ele é assim. Eu acho a voz dele inacreditável [...]. É o que eu digo, se você tirar o sotaque, você vai ver uma voz tipo Nelson Gonçalves*” (Echeverria, 2023), compara a jornalista ao cantor gaúcho, intérprete de *A volta da boêmia* (1967) e *Naquela mesa* (1974).

Marta Lopes, irmã do músico, e uma das três pessoas a quem Regina dedicou a biografia, foi uma das principais fontes de informação, já que a familiar reuniu um acervo das cartas que o irmão encaminhava à família, quando residiu em cidades diferentes, como Brasília e Rio de Janeiro, e até no exterior, com passagens por Buenos Aires e Paris: “*Sendo bibliotecária, ela guardou recortes e mais recortes com entrevistas, reportagens e tudo o que estava ligado a ele, no que foi ajudada pelo próprio Fagner, que também costuma guardar a memória dos seus percursos*” (Echeverria, 2019, p. 314). Fagner, o protagonista, também colaborou: “*O Fagner me ajudava: Vamos ver, Fagner, vamos lá, infância, sabe? Já sabia mais ou menos as pessoas que eu tinha. Ah, fulano, tem que ouvir porque tem uma passagem importante comigo, assim, assim*” (Echeverria, 2023).

Fagner é um sujeito múltiplo. Na verdade, não só de fontes da área musical se constituem este livro biográfico. Entre os mais de 60 entrevistados, Regina conversou com personalidades do esporte, como o jogador Arthur Antunes Coimbra, o Zico, no Rio de Janeiro, mas sem sucesso com Edson Arantes do Nascimento, o rei Pelé. Segundo a jornalista, este lhe “*[...] mandou apenas uma resposta muito burocrática, não falou comigo, acho que ele já estava doente*” (Echeverria, 2023). Da política cearense, a biógrafa procurou Tasso Jereissati e Ciro Gomes, ambos ex-governadores do estado, nos períodos 1987-1991/1995-2002 e 1991-1994, respectivamente. Na editora Agir, pertencente ao Grupo Ediouro, Regina teve acompanhamento

dos editores Daniel Stycer e Janaína Senna. Apesar dos cerca de três anos de pesquisas, viagens, entrevistas e a própria escrita, a biógrafa brinca que o trabalho só finalizou quando o texto foi tirado da mão dela:

É complicado, não é fácil. Aí você tem que ter um bom editor. Chega, Regina, pode mandando os originais pra gente ir lendo, sempre foi assim pra mim. Nessa parte, eu sou bem caxias, eu gosto de cumprir os prazos e tudo. Quando você faz o contrato, você já sabe quando vai ter que entregar. Então, eu percebi que precisava de sempre mais de um ano pra fazer alguma biografia. Menos de um ano não dava pra fazer, é muito louco isso (Echeverria, 2023).

O livro *Raimundo Fagner: Quem me levará sou eu* contém 25 capítulos e foi publicado em março de 2019, seis meses antes do músico completar 70 anos. Com auxílio da Lei de Incentivo à Cultura e patrocínio da empresa 3corações, a obra teve lançamentos nas cidades de Fortaleza (CE), Brasília (DF), Belo Horizonte (MG), Salvador (BA) e Teresina (PI), entre outras.

*_*_*_*_*

Os dois mundos de Isabel: A saga da menina que nasceu no sertão mineiro, em 1924, e com apenas 9 anos passou a ver e ouvir coisas que ninguém compreendia

Jornalista biógrafa: Daniela Arbex

Biografada: Isabel Salomão de Campos

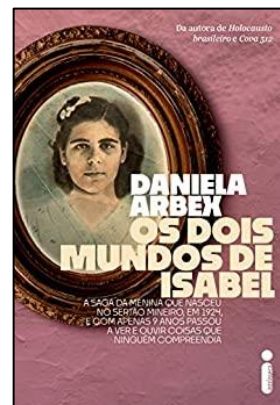
Editora: Intrínseca

Ano: 2020

Número de páginas: 304

Tamanho: 23 cm x 15,4 cm

ISBN 978-85-5100-658-0



A mineira Daniela Arbex já era uma jornalista multipremiada no *Tribuna de Minas*. Também era reconhecida nacionalmente pelos três livros-reportagem anteriores – *Holocausto brasileiro* (Geração, 2013; Intrínseca, 2019), *Cova 312* (Geração, 2015; Intrínseca, 2019), *Todo dia a mesma noite* (Intrínseca, 2018) - quando lançou *Os dois mundos de Isabel* (Intrínseca, 2020), recontando a trajetória da fundadora da entidade A Casa do Caminho, em Juiz de Fora

(MG), a médium Isabel Salomão de Campos. Entretanto, sua biografia de estreia foi desafiadora:

Então, é uma coisa engraçada, eu não me sinto uma biógrafa, eu nem sei se eu fiz direito. Porque, na verdade, a minha escola é livro-reportagem. Mas como eu sou uma narradora, uma contadora de histórias, eu tentei fazer, no livro da dona Isabel, que acabou virando uma biografia, mas é engraçado, porque não gira em torno dela só. Eu acho até que eu cometi uma ousadia [risos] (Arbex, 2023).

Seguidora da doutrina espírita, Daniela já conhecia Isabel Salomão desde os 15 anos de idade. Foi a partir do contato que teve com o trabalho social do então Lar do Caminho, que Daniela definiu a futura profissão e decidiu “[...] dedicar minha carreira à defesa dos direitos humanos, dando voz aos socialmente mudos” (Arbex, 2020, p. 289-290). Além disso, dona Isabel fora uma importante conselheira da jornalista durante toda a sua vida. Vez ou outra pedia orientações espirituais, quando algo não ia bem numa pauta jornalística. Depois do lançamento de *Todo dia a mesma noite*, no Rio Grande do Sul, Daniela a procurou para propor a biografia, de acordo com trecho assinalado no posfácio:

- Sabe, dona Isabel, voltei do Sul pensando em Jornalismo. Na última década, venho trabalhando na investigação de histórias pouco conhecidas dos brasileiros, com a intenção de dar visibilidade a questões relevantes. E venho refletindo sobre o impacto de seu trabalho e sobre o quanto é necessário registrá-lo.
 - E o que te impede – ela perguntou.
 - Somos amigas – respondi, evocando a premissa da imparcialidade jornalística.
 Ela deu de ombros, sorrindo:
 - Uai! E tem que ser minha inimiga para contar a minha história? (Arbex, 2020, p. 291).

A médium é uma anônima perante o público em geral, mas tem uma relevância nacional no meio espírita. Mesmo sendo uma liderança atuante do espiritismo, em uma Minas Gerais reconhecida por outros médiuns masculinos, como Chico Xavier (1910-2002) e Zé Arigó (1921-1971), a biografia foi confeccionada tendo alguns aspectos em mente: “*Eu optei primeiro pela dona Isabel, por ela ser mulher*” (Arbex, 2023). Mas, mesmo se ela não fosse espírita, “[...] só pelo fato dela, aos nove anos, ver e ouvir coisas que ninguém via, aos 14 fundar uma escola [...] pra filhos de lavradores. Você tem, naquela década, mais de 15 milhões de brasileiros acima de 10 anos analfabetos” (Arbex, 2023). Pela coragem e o destemor, uma mulher à frente do seu tempo.

Daniela justificou outras razões para dona Isabel ter merecido uma biografia. Nascida em 1924, numa época em que a mulher ainda nem votava no Brasil, num meio familiar de oito homens, descendentes de libaneses, Isabel residia na zona rural mineira, no antigo Sertão do Rio Novo, a 50 quilômetros de Juiz de Fora (MG), sem acesso a nada. Aos 22 anos, em 1946, um ano após o término da Segunda Guerra Mundial, a médium já falava publicamente sobre o espiritismo no país – embora, até 1940, essa doutrina não fosse reconhecida oficialmente pelo censo como uma religião no Brasil: *“Olha só, então, ela era representante de uma religião também marginalizada e invisível, a mulher não tinha valor nenhum naquela época, muito menos falar publicamente, e ela levanta a voz pra falar publicamente de uma religião que era totalmente desconhecida”* (Arbex, 2023).

No momento de apresentar a proposta para a Intrínseca, Daniela achava que a editora não compraria a pauta. Entretanto, foi surpreendida quando o dono da editora, Jorge Oakim, disse ter adorado a ideia: *“O Jorge é um cara fora da curva, não é porque eu trabalho com eles, não, mas ele é um cara muito aberto, muito apaixonado por literatura, acredita no mercado, enfim”* (Arbex, 2023). A principal fonte de referência foi a própria protagonista, Isabel Salomão de Campos. Só com ela, foi mais de um ano de entrevistas. Porém, como nunca tinha sido biografada, havia poucos materiais registrados sobre dona Isabel e, assim, Daniela precisou realizar o trabalho de campo: *“Tudo o que ela me contava, a partir da memória dela, eu ia atrás daquele personagem que ela citava. Eu ia investigar quem era aquela pessoa, onde a pessoa estava, estava viva, estava morta. Fiz um trabalho que é jornalístico, de pesquisa, sim”*. Para isso, conversou com cerca de 150 pessoas.

Por biografar uma médium e lidar com experiências espirituais, Daniela viveu um dilema. A preocupação era que as pessoas não dessem credibilidade à obra, já que ela não poderia comprovar todos os acontecimentos: *“Mas, afinal, prevaleceu a ideia de que vivemos em um Estado laico e democrático e que o Jornalismo deve ser aberto a tudo. [...] Foi então que me dei conta de que medo não combina com nada do que tinha feito até agora na minha carreira”* (Arbex, 2020, p. 294). Ela continua:

[Ele] foi o livro que eu mais demorei pra escrever, você acredita? Foi o mais difícil, exatamente por causa do espiritismo, porque era uma coisa tão...tanto é que eu falo isso no posfácio, como era uma coisa muito de dentro, eu fiz o processo inverso de todos os livros, eu quis sair, quis ir pra fora, me afastar. Foi muito difícil escrever o livro dela. Então, eu levei seis meses, média eu levo cinco meses (Arbex, 2023).

Tanto o título da obra, quanto dos capítulos foram definidos pela autora e, segundo Daniela, a editora respeitou: “Agora, a revisão deles é caninana, te tira o couro, então, são seis meses de revisão [risos], porque eles são muito exigentes. Tem sugestões que eu acato e tem sugestões que eu não acato. E eles também, tudo bem, se eu não quiser” (Arbex, 2023). Um exemplo dessa atenta correção foi quando precisou esclarecer algumas nomenclaturas do espiritismo: “Igual a revisora falou: Dani, muita gente não sabe o que é um centro espírita, você tem que explicar. Ah, muita gente não sabe o que é um passe, pra mim era óbvio, entendeu? Então, me deu muito trabalho” (Arbex, 2023). O esforço valeu a pena. A obra alcançou os leitores que se identificam com outras religiões e até os que se declaram ateus: “Mas isso só foi possível porque não teve um viés espírita pra escrever. Isso eu fazia questão. Eu não queria escrever para os espíritas, entendeu? Eu queria falar da mulher. Tanto é que ela mesma nunca tinha se dado conta de que era uma voz da invisibilidade feminina da época” (Arbex, 2023).

Identificada com reportagens cujas temáticas percorrem lutos, traumas e silenciamentos, o desejo da jornalista sempre foi poder evidenciar o desconhecido, lembrar do que estava esquecido: “Eu acho, o que eu procuro deixar, o que eu quero deixar, se alguém falar: Dani, o que você quer com o seu Jornalismo?, eu acho que é a construção da memória coletiva do Brasil, eu acho que é um dos grandes papéis do Jornalismo” (Arbex, 2023). Essa preocupação dos brasileiros em enxergar o passado, com o intuito de preservação da história, ainda é muito recente. Os livros-reportagem e as biografias são peças-chave para que esse caminho de olhar para trás não seja esquecido. Porém, um fato ainda inquieta Daniela: “Uma coisa que me incomoda muito, não em relação aos nossos grandes autores, é essa coisa da biografia ser um puxa-saquismo, como se aquela pessoa fosse irrepreensível. E a gente não é irrepreensível, a gente é ser humano, a gente tem complexidades” (Arbex, 2023). A jornalista ilustra essa explicação ao revelar um pouco dos bastidores:

Eu me lembro de uma passagem que a dona Isabel diz:

- Ah, não queria que você dissesse que eu andava descalça. E eu disse pra ela:
- Dona Isabel, é a vida da senhora, não posso esconder das pessoas.
- Mas eu tinha sapato [risos], me lembro direitinho.
- Mas a senhora não usava, entendeu? Essas coisas aí que a jornalista falou mais alto:
- Mas você vai contar que eu benzia as pessoas? Poxa vida, ninguém sabe que eu benzia.
- Claro que eu vou contar, isso é maravilhoso, a senhora tinha nove anos quando a senhora fazia isso. Então, ela tinha vergonha de certas coisas, sabe? Aí, eu fui jornalista, isso eu não posso omitir (Arbex, 2023).

Lançado em agosto de 2020, em meio à pandemia, com 10 mil exemplares de tiragem inicial, *Os dois mundos de Isabel* contou com 25 capítulos e foi prefaciado pelo jornalista Caco Barcellos: “*Ela não foi traduzida, nem nenhuma outra obra, mas o Holocausto brasileiro foi publicado em Portugal. Então, isso é um outro caminho que eu quero trilhar, sabe? Dentro dos meus ideais, de ter meus livros publicados fora do Brasil*” (Arbex, 2023). Enquanto isso, novidades surgem no meio audiovisual. Em postagem em conta própria do *Instagram* (@daniela.arbex), no dia 12 de junho de 2023, Daniela confirmou que o livro sobre dona Isabel Salomão de Campos será adaptado para uma série no Globoplay.

*_*_*_*_*

Samuel Wainer: O homem que estava lá

Jornalista biógrafa: Karla Monteiro

Biografado: Samuel Wainer

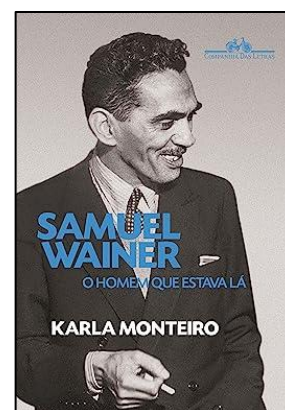
Editora: Companhia das Letras

Ano: 2020

Número de páginas: 576

Tamanho: 23 cm x 15,6 cm

ISBN 978-85-3593-333-8



Karla Monteiro se aproximou do gênero biográfico quando leu, ainda na faculdade de Jornalismo da PUC-MG, a obra *O anjo pornográfico: A vida de Nelson Rodrigues* (Companhia das Letras, 1992, 2022), de Ruy Castro. O livro foi um divisor para a estudante mineira, que viria a se formar em 1993. Influenciada por autores brasileiros clássicos – como Machado de Assis e Guimarães Rosa – e pela literatura *beatnik*, Karla ainda não tinha referência alguma sobre biografia: “*E foi a primeira biografia que eu li e eu fiquei louca pelo Nelson Rodrigues. Comecei a ler tudo de Nelson Rodrigues, eu comprei toda aquela coleção que o Ruy Castro editou na época, que tinha A vida como ela é, tinha todas as peças de teatro, então, foi mesmo um start, sabe?*” (Monteiro, 2023).

Outro livro que a marcou foi *Chatô: O rei do Brasil* (Companhia das Letras, 1994, 2016), de Fernando Morais, a respeito do empresário dos Diários Associados e fundador da TV Tupi, Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Mello. Na mesma época, também leu a autobiografia de Samuel Wainer, *Minha razão de viver* (Record, 1987; Planeta, 2005),

organizada pelo jornalista Augusto Nunes. As duas obras se tornaram leitura obrigatória para qualquer acadêmico ou profissional de Jornalismo dos anos 1990.

Já formada e com experiência em redações de jornais e revistas, em 2011, Karla saiu de *O Globo* e foi morar um ano na Índia, experiência registrada em *Karmatopia: Uma viagem à Índia* (Civilização Brasileira, 2014), uma literatura mesclada pelo *on the road* do estadunidense Jack Kerouac e do Jornalismo *gonzo* do seu conterrâneo Hunter Thompson. Ao retornar ao Brasil, foi convidada a escrever uma grande reportagem, que resultaria no *Sob Pressão: A rotina de guerra de um médico brasileiro* (Foz, 2014; Globo Livros, 2017), livro que inspirou o seriado de cinco temporadas (2017-2022) da TV Globo, protagonizado pelos atores Júlio Andrade e Marjorie Estiano. No ano de 2015, Karla viajou para Bali, na Indonésia, pela *Folha de S. Paulo*, a fim de cobrir o caso do brasileiro Rodrigo Gularte, condenado à pena de morte por traficar drogas no país. Para a pauta, foi acompanhada pelo repórter fotográfico João Wainer, neto de Samuel.

Indignada com as manifestações contra a então presidenta da República, Dilma Rousseff, Karla comentou com João: “*Cara, o melhor personagem pra se entender a imprensa brasileira, o contexto que ela está inserida, como ela se coloca nos momentos de graves crises política no Brasil é o Samuel Wainer*” (Monteiro, 2023). Quando voltou, a jornalista tinha sido chamada pela editora Companhia das Letras a fazer um perfil biográfico da ex-dona do Banco Rural, Kátia Rabello, condenada, em 2013, após o escândalo do Mensalão. Contudo, descartou a ideia e propôs um livro a respeito de Samuel Wainer: “*Eles adoraram a ideia, porque o Samuel, o livro original, a autobiografia dele, vendeu horrores. Então, eles sabiam que era um personagem...como eles dizem, um personagem sexy, [...] é um cara que [...] é muito influente na imprensa brasileira*” (Monteiro, 2023).

O jornalista Samuel Wainer (1912-1980) é um daqueles vultos que transitam pelo imaginário jornalístico. Repórter e futuro empresário, Wainer acompanhou de perto os bastidores do Poder Executivo durante os mandatos de Getúlio Vargas, Juscelino Kubitschek e João Goulart, cobriu momentos marcantes da história mundial, como o julgamento do alto escalão nazista, no tribunal de Nuremberg, e a criação do Estado de Israel. Revolucionou o Jornalismo brasileiro com *Diretrizes* e *Última Hora*, revelou profissionais como Joel Silveira, Francisco de Assis Barbosa, Paulo Francis, Alberto Dines, mas também somou desafetos com colegas de ofício, como Assis Chateaubriand e Carlos Lacerda.

A jornalista decidiu biografar o fundador do jornal *Última Hora* após elencar dois motivos. Primeiro, por gostar de fazer perfil. Segundo, por achar que Samuel era um personagem interessante e que fugia aos padrões de donos de jornais: era imigrante judeu, foi

repórter com experiências internacionais, não era de família com posses e, por consequência, não herdou algum diário, tal como Júlio de Mesquita Filho (*O Estado de São Paulo*), Paulo Bittencourt (*Correio da Manhã*) e Roberto Marinho (*O Globo*). Além disso, Karla também o achava charmoso, um sujeito que se relacionava com mulheres interessantes: “*Um cara que viveu o mundo, que participou de grandes coberturas, que morou na Europa no pós-guerra. Eu tinha muito interesse por ele, como repórter, então, eu achava que ele era um personagem perfeito pra contar essa história, sabe?*” (Monteiro, 2023).

Mesmo sendo uma repórter experiente, com passagem pelos grandes perfis da *piauí*, por exemplo, Karla necessitou organizar o material da biografia de maneira que as informações não se perdessem. Pediu conselhos a Lira Neto e seguiu a orientação de Ruy Castro: abriu uma pasta no computador para cada ano vivido do protagonista, bem como para as personagens do entorno do Samuel. Nos primeiros dois anos de investigação, Karla se dedicou às leituras sobre a história do Brasil, de tudo que já foi publicado por e sobre Samuel, além de tentar encontrar além, ir atrás do que não foi publicado.

Em seguida, iniciou a fase das entrevistas: “*Quando você começa a escrever, você continua apurando, porque é um monte de lacuna. Putz, não tenho isso, aí tem que resolver, entendeu? É um trabalho paralelo*” (Monteiro, 2023). Escrever uma biografia é montar um quebra-cabeças, tendo uma história macro como cenário, mas com o protagonista e os coadjuvantes em ação. Contudo, ao mesmo tempo em que coletava arquivos de jornais, precisou também se manter, de alguma maneira. Afinal, o adiantamento que a editora forneceu, financiou a apuração da biógrafa somente por um tempo: “*Durante a pesquisa, fiz muitos freelas, muitos. Não dá pra ficar só na escrita, tem que manter um trabalho paralelo, que é bem chato, inclusive, porque você está tão focado no negócio, aí tem que parar, fazer perfil, fazer matéria, fazer entrevista, sabe?*” (Monteiro, 2023). Indagada se acredita na existência de um jeito feminino para narrar determinados acontecimentos, Karla concorda com a possibilidade:

Tipo, na biografia do Samuel, eu acho que se fosse um homem, jamais daria tanta atenção pras mulheres dele, da importância delas, sabe? Da Bluma, da Danuza, acho que tem um jeito, sim, um jeito de olhar pro personagem, que é um jeito feminino, sabe? Que é prestar atenção nas relações que ele teve, prestar atenção no jeito dele de tratar filho, de tratar mulher, porque isso vai identificar a personalidade dele, como ele é na vida, se ele é um babaca em casa, ele provavelmente vai ser um babaca no trabalho, na vida. Então, acho que tem um jeito (Monteiro, 2023).

Com o resultado da primeira biografia em mãos, Karla dedicou o volume com as mais de 500 páginas ao editor Otávio Marques da Costa. Pela paciência na correção dos títulos e

respeito com o texto da autora, a biógrafa acredita que nunca tinha tido um *editor de verdade* (Monteiro, 2023), apesar de suas mais de duas décadas de experiência jornalística: “*Eu acho impossível, completamente impossível, fazer uma biografia boa se você não tiver um bom editor, sabe? Tem muita biografia aí, que eu fico olhando, eu falo: Pô, se o cara tivesse tido um editor, porque é muito prolixo, livros muito prolixos, sabe?*” (Monteiro, 2023). Sobre a possibilidade de publicação no exterior, Karla admite que até “[...] *gostaria que acontecesse uma tradução, mas muito difícil. Biografia é muito difícil ser comprada por outro país. Primeiro, o custo de tradução é altíssimo, a probabilidade de venda é pequena, então, muito difícil. A não ser Portugal, Portugal pode ser*” (Monteiro, 2023). No momento, não há nenhuma perspectiva.

Durante a investigação e, após a publicação, a biógrafa não teve maiores problemas com parentes do biografado, talvez, pelo fato dos familiares serem de imprensa - a ex-esposa Danuza Leão, o filho Samuel Wainer Filho e o neto João Wainer trabalharam em jornais: “[A] *família do Samuel era muito fácil, nunca se meteram, nunca perguntaram nada, cederam todos os materiais. Nunca, absolutamente nunca, me deram um telefonema pra perguntar nada*” (Monteiro, 2023). Com mais de 70 entrevistas, em cinco anos de pesquisas, o livro foi lançado em setembro de 2020, composto por 29 capítulos: “*A Companhia sempre faz tiragem de cinco mil. Então, a gente está indo pra terceira edição. Nem é tanto, biografia costuma vender muito, mas é ao longo dos anos. Hoje, três mil livros é um best seller, vou te dizer, as editoras fazem, normalmente, três mil*” (Monteiro, 2023).

O livro *Samuel Wainer: O homem que estava lá* esteve entre os dez finalistas da categoria “Biografia, Documentário e Reportagem” do 63º Prêmio Jabuti de Literatura, em 2021. A obra também foi vendida com a intenção de se produzir uma adaptação audiovisual. Todavia, desde 2021, Karla Monteiro investiga a vida do político gaúcho Leonel de Moura Brizola (1922-2004). A intenção era continuar no mesmo período de vida do Samuel e, para isso, indicou à editora o nome do antropólogo Darcy Ribeiro (1922-1997), conterrâneo da mãe dela, nascido em Montes Claros (MG) e autor, dentre outras obras, de *O povo brasileiro* (Companhia das Letras, 1995). Conforme as recordações de Karla, foi o editor Otávio Marques da Costa quem sugeriu o nome de Brizola: “*Na verdade, o Brizola tem muito a ver com a história do Samuel. O Samuel Wainer foi muito ligado ao Jango, ao PTB⁶⁹, a história, não é que é parecida, mas é a mesma época. Então, é uma época que eu já tinha estudado bastante*”

⁶⁹ O Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) foi criado no ano de 1945, apoiado pelo ex-presidente Getúlio Vargas com o intuito de amparar a classe operária e os sindicatos laborais. Foi extinto em 1965, quando os militares promulgarão o Ato Institucional número 2 (AI-2), que previa o fim do pluripartidarismo.

(Monteiro, 2023). Eleitora do gaúcho nas eleições presidenciais de 1989, Karla achava o político imbatível nos debates: “*Aí, comecei a ler um pouco sobre o Brizola, vi umas entrevistas dele e o Brizola é fascinante. [...] Eu fiquei apaixonada [...]. Então, eu me arrisquei, embora seja muito difícil pra mim, porque a minha relação com o Rio Grande do Sul era zero até então*” (Monteiro, 2023).

O planejado são dois volumes pela Companhia das Letras. A previsão de lançamento do primeiro é em 2024, tomo este que cobrirá a vida de Brizola até 1979, quando ele retorna do exílio de 15 anos no Uruguai, Estados Unidos e Portugal.

*_*_*_*_*

O tempo de apuração é relativo. Mario Magalhães (2012), por exemplo, demorou nove anos até por um ponto final na biografia de Carlos Marighella. Lira Neto (2022) dedicou meia década de sua vida para vencer a trilogia sobre Getúlio Vargas. Para entregar *Carmen: Uma biografia*, Ruy Castro (2022) também levou cinco anos, até porque teve de superar um câncer na base da língua. No caso das mulheres jornalistas, é difícil alcançar esse tempo de pesquisa. Em alguns casos, mesmo a investigação sendo um resultado de uma dedicação quase exclusiva, a biógrafa pode não conseguir contemplar as informações desejadas nos objetivos iniciais.

Karla Monteiro, por exemplo, gostaria de ter ido mais a fundo na origem judaica de Samuel Wainer. As poucas informações que conseguiu resgatar foram graças à colaboração do jornalista Alberto Dines, já que o pai dele pertencia a mesma comunidade dos Wainer. Ademais, houve o desejo de reescrever a trajetória de Samuel na Rússia, em especial, como a família dele saiu efetivamente de lá: “*O que eu consegui foi muito superficial. Não fui para fora, eu conversei com algumas pessoas, alguns jornalistas que moram lá na região. Os judeus foram dizimados, não tem nada, não existe documentação, não existe nem cemitério judeu lá na Bessarábia*” (Monteiro, 2023). Alicia Klein reconhece que teve dificuldade em não conseguir checar algumas informações de bastidores das corridas, que eram publicadas em *sites* não oficiais. Mesmo sendo histórias interessantes, ela não as podia usar no livro, pois não tinha como confirmar o relato: “*Eu lembro que, [...] pra sentir o feeling daquela corrida, eu entrava no acervo da Folha que, graças a Deus, já estava online, e pegava a matéria do dia seguinte, a coluna do dia seguinte, aí fazia a mesma coisa com a mídia estrangeira, pra ver como era retratado diferente*” (Klein, 2023).

Durante a pesquisa sobre o frei Tito, Clarisse Meireles relembra que ela e a mãe não conseguiram informações do biografado em um certo período da vida dele. Foi uma época em

que o frade saiu do convento de Paris e viveu alguns meses no quarto de um apartamento de uma senhora, ao norte da capital francesa: “*E sobre esse período não tem muitos registros, mas aí, é mais uma... curiosidade. Ele, como não vivia em comunidade com os outros frades, não se sabe tão bem o que ele fez, como ele viveu, como ele passava os dias dele*” (Meireles, 2023). Outro fato que não pode ser comprovado foi a ida do então delegado do DOPS, Sérgio Fleury, a Paris:

E outra questão que, aí, também não sei se algum dia poderá ser descoberta, confirmada, é que ele [frei Tito], em Paris, mais de uma vez, teria visto, ou achado que viu, o Fleury. E outras pessoas acham que o Fleury pode ter ido pra Paris porque existem, isso é fato, existem registros de que os serviços de informação franceses colaboravam com a repressão brasileira. Isso é um fato. Agora, se o Fleury foi efetivamente pra lá, não existem registros ainda. Será que algum dia se saberá? Até hoje, a gente não tem confirmação (Meireles, 2023).

Essas dúvidas só não são maiores do que a incerteza de viver como biógrafa no Brasil. Na visão de Consuelo Dieguez (2023), o mercado editorial, no âmbito de não ficção, para jornalistas escritoras, está aquecido. Inclusive, cita uma nova geração de colegas autores de livros-reportagem, como Bernardo Esteves, Fabio Victor, Guilherme Amado, Juliana Dal Piva, Patrícia Campos Melo e Thais Oyama: “*As pessoas estão querendo muito não ficção, me parece, e o jornalista está sendo muito demandado, os trabalhos são muito bons, as investigações são muito boas*” (Dieguez, 2023). Daniela Arbex vai ao encontro de Consuelo, ao concordar que o mercado está tão em ascensão, que as plataformas de *streaming* estão interessadas em adaptar bom livros de jornalistas: “*E o que esses canais estão enlouquecidos? Atrás de conteúdo. Nós temos conteúdo para oferecer. Então, isso também está alimentando o mercado. Eu nunca imaginei, na minha carreira, que eu fosse fazer conteúdo pra televisão*” (Arbex, 2023), admitiu a jornalista mineira, que já teve quatro dos cinco livros vendidos para a televisão. Cristiane Correa faz coro às duas jornalistas, ao revelar que, se o autor tiver um bom projeto, editoras darão um retorno positivo. O problema será, segundo ela, ter que trabalhar quase de graça: “*Você vai receber um adiantamento que é praticamente simbólico e você precisa pensar em como é que você se mantém enquanto está escrevendo o livro. Por isso que, normalmente, as pessoas fazem livro enquanto estão fazendo outra coisa. Porque é muito difícil*” (Correa, 2023).

O nicho da indústria livreira é interessante mas, para Evanize Sydow, sobreviver como biógrafa talvez não seja a melhor opção para pagar as contas mensais: “*Mas em termos de mercado, para profissional, [...] eu nunca olhei pra esse mercado como aquele que vai me dar*

um retorno que eu não, sabe, eu não preciso mais pensar em trabalhar, em fazer outras coisas, entendeu? Pelo menos, pra mim, nunca foi assim” (Sydow, 2023). Associado a isso, Regina Echeverria, autora de 11 biografias no país, aponta que há, ainda, o baixo retorno financeiro: *“Porque eu acho que o autor brasileiro ganha muito pouco, ele ganha 10% do preço de capa. E eles acham que isso é muito dinheiro. E eu nunca ganhei dinheiro com livro. [...] Se eu não tivesse patrocínio, eu não conseguiria fazer nenhum livro de não ficção”* (Echeverria, 2023). Por ser uma atividade muito laboriosa, Alicia Klein pontua que o saldo comercial é pequeno, tendo em vista a profunda dedicação que a prática exige: *“É uma jornada muito trabalhosa e de retorno financeiro incerto. Na maioria, na vasta maioria dos casos, é um retorno financeiro pequeno. Poucas pessoas conseguem viver disso no Brasil”* (Klein, 2023).

O maior desejo das jornalistas que se dedicam a pesquisar a trajetória de uma personagem seria possuir um tempo exclusivo para isso, com uma bolsa de pesquisa, patrocínio ou lei de incentivo à cultura. O mais adequado seria exercer a própria atividade em um período sabático, semelhante reivindicação de Virginia Woolf (1985) na obra *Um teto todo seu*. Caso fosse possível, Consuelo Dieguez adoraria trabalhar assim, tal qual a escritora britânica Agatha Christie: *“Se eu pudesse ficar [...] escrevendo assim, velhinha, num hotel, lá em Istambul, [risos] maravilhoso. Ia lá, pegava o Expresso Oriente, um quarto só pra ela, com a máquina de escrever dela. Não, não dá pra viver, quer dizer, meu caso, não. Isso é uma coisa que, é uma pena”* (Dieguez, 2023). Já Adriana Negreiros indica que é até possível viver do ato de escrever; porém, poucos conseguem depender apenas dos direitos do livro. As dificuldades apontadas pela jornalista envolvem as vendas baixas, associadas aos pequenos valores correspondentes aos direitos autorais, razões essas que levam os pretendentes a novos biógrafos a assumirem uma vida mais espartana:

Acho que o ideal seria se a gente pudesse se dedicar a só escrever livros. Porque daí, a gente produziria muito mais, com muito mais qualidade, porque é um trabalho que exige muita concentração. É um trabalho muito absorvente. Então, essas interrupções são muito prejudiciais pro ritmo do trabalho. Mas elas são necessárias pra que a gente possa sobreviver. Eu acho que é possível sim [viver da biografia], mas não é tranquilo, não é fácil, é sempre matando um leão por dia. Pelo menos, no meu caso, é assim (Negreiros, 2023).

Além que já foi mencionado, Raquel Munhoz relembra que o trabalho de muitos biógrafos ocorre por amor, mesmo, como foi o caso dela e das colegas Janáfina Marquesini e Luana Costa. A inviabilidade de conseguir abrir mão dos próprios trabalhos dificultou o exercício da atividade de biógrafa - ainda mais em um período pré-pandemia, onde as reuniões

por meio de programas como o Google Meet, Microsoft Teams ou Zoom Meetings sequer existiam - já que “[...] *pra viver esse tipo de sonho, que é escrever um livro, é uma dedicação louca porque você tem que...o entrevistado fala que só pode dar entrevista na terça, duas horas da tarde e você tem que dar um jeito de ir [...] pra falar com o cara, senão vai perder aquilo ali*” (Munhoz, 2023). Indo ao encontro dessa ideia, Karla Monteiro resume que a atividade da biógrafa é equivalente a um sacerdócio: afinal, o profissional está dedicado 100% ao protagonista:

Olha, eu vou falar por mim. [...] É praticamente um sacerdócio, você não ganha dinheiro. Você faz aquilo porque ama escrever, porque ama pesquisar, mas renda, você não tem. Além de fazer a biografia, você tem que trabalhar. [...] Então, é meio por aí, sabe? Tipo, biografia, se eu não estou no escritório escrevendo e pesquisando, eu estou lendo, vendo filmes a respeito, vivendo um cotidiano. Imagina isso, associado a cuidar de uma casa, a cuidar de filho, sabe? (Monteiro, 2023).

No início do presente capítulo, o Gráfico 23 ilustrou a presença desproporcional de homens e mulheres jornalistas autores de biografias. Nesse segmento, a partir da realidade brasileira, também se encontram ainda muitas obras escritas por estrangeiros. Para as biógrafas entrevistadas, a razão não é a falta de interesse das mulheres jornalistas em se dedicar à escrita biográfica. Investir todo o tempo, exclusivamente, no gênero biográfico, ainda é utopia para a maioria delas. Embora Cristiane Correa e Daniela Arbex consigam se manter com a venda de livros, além da realização de palestras, isso não significa que a vida financeira esteja ganha:

Olha, é muito difícil viver como autora de livros de não ficção. Acho que esses seis anos que eu fiquei escrevendo livros, eu praticamente vivi disso e da plataforma que os meus livros se tornaram, por exemplo, o lance de palestra. [...] Quando eu paro de fazer livro, aí a bicicleta para de andar, aí você tem que arrumar uma outra atividade. Mas é muito difícil, e também vai depender do padrão de vida que cada um quer, então, nos primeiros dois anos do Sonho grande e do Abílio, eu não fazia nada além dos livros e das palestras sobre os livros, entendeu? Era uma vida, pro que eu entendo de vida, era uma vida bem confortável, estava ótimo, eu estava bem feliz, mas é uma raridade (Correa, 2023).

É um grande desafio viver de livro-reportagem, sabe, Felipe. Mas eu vou te dizer uma coisa: eu ganho muito mais do que ganhava no jornal, mas eu tenho também que mudar a minha relação com a forma de gastar o dinheiro. [...] Hoje, eu vivo da venda de livros, só que esse recebimento, ele é semestral, então, você recebe duas vezes ao ano, você tem que pegar aquele dinheiro e dividir ele por 12. Pra começar, tem que mudar a sua forma de se relacionar. E o que está sendo uma grande fonte de renda pra mim, além da venda de direitos? Palestra, uma grande fonte de renda. Eu ganhei mais o ano que

passou [2022], com a palestra, do que eu ganhava o ano inteiro no jornal, com salário (Arbex, 2023).

Viver da biografia é quase impossível para Maria Dolores Duarte. Por ser um trabalho meticuloso, com entrega após dois, três ou quatro anos de profundas pesquisas, o *feedback* é moroso. Soma-se a isso o efeito sobrecarregado de se trabalhar sozinha, sem estar integrada a uma equipe ou sem apoio de assistentes ao longo da investigação:

Eu acho que [...], pra fazer uma coisa bem feita, é um projeto de médio a longo prazo. De curto prazo, jamais. De médio, se você tiver um suporte, às vezes, alguém pra ajudar, assistente [...]. Eu não tive, eu fiz tudo sozinha. Então, é um trabalho de longo prazo, com um retorno financeiro, que a gente tem que pagar conta, muito pequeno. Diante do tempo de dedicação, dedicação do custo que você tem pra fazer aquilo, eu penso que tem muito a ver com a vida prática. A mulher, principalmente, ainda mais com filho, a gente não tem tanto tempo pra se dedicar a um projeto paralelo, como foi meu caso (Duarte, 2023).

Se não bastasse todo esse cansaço, com prazos junto à editora e as atividades paralelas que auxiliam no pagamento das contas mensais, as mulheres também se deparam com a maternidade, como lembrado pela referência de Maria Dolores Duarte. As 15 jornalistas biógrafas entrevistadas são independentes, defendem a posição feminina na sociedade, lutam pelos direitos sociais e dispensam qualquer alcunha do conservadorismo. No quesito pessoal, algumas casaram e se divorciaram ou, depois de separadas, aceitaram o matrimônio de novo. Algumas dividem residência em um relacionamento não formalizado e, ainda, há as que preferem viver sozinhas. No quesito maternidade, no momento das entrevistas, sete (Adriana Negreiros, Alicia Klein, Daniela Arbex, Janaína Marquesini, Leneide Duarte-Plon, Maria Dolores Duarte, Regina Echeverria) eram mães e oito (Clarisse Meireles, Consuelo Dieguez, Cristiane Correa, Evanize Sydow, Karla Monteiro, Luana Costa, Luciana Hidalgo e Raquel Munhoz) não possuíam filhos.

A maternidade interferiu, de alguma maneira, no dia-dia da profissão de Adriana Negreiros. Após o nascimento das duas filhas – Emília e Alice -, evitava viajar muito a trabalho e isso a tornou menos disponível para determinadas pautas. Na medida do possível, Adriana admitiu que conseguiu lidar com essas questões sem que elas viessem a prejudicar nas redações: *“Mas também porque eu tinha uma rede de apoio, um marido participativo, escolas. Uma situação bem específica, de bastante privilégio. Para a maioria das mulheres, a maternidade representa um momento de declínio na carreira”* (Negreiros, 2023). Esse era o maior medo de Daniela Arbex:

Então, você sabe que, quando eu tive o Diego, eu achei que a minha carreira tinha acabado. Nossa, o que eu fui arrumar, meu Deus? Hoje, sei que foi depressão pós-parto, naquela época eu não sabia, foi muito difícil pra mim, eu olhar pra ele e pensar: Meu Deus e a minha carreira? [...] E aí, interessante, que a minha carreira explodiu depois que eu fui mãe. Então, explodiu mesmo, as coisas começaram a acontecer de um jeito...eu tinha muita culpa no começo, porque pensava que meu filho não ia gostar tanto de mim, porque eu viajava muito e eu era uma mãe muito ausente. [...] Aliás, eu acho que não lembro de ter chegado em nenhuma pauta, nenhuma viagem ou algum local que não chorasse todos os dias no hotel, me sentindo muito culpada. Mas eu precisava entender por que é que eu estava fazendo aquilo. E aí eu comecei a pensar também: Puxa, eu estou fazendo isso porque no futuro o meu filho vai crescer sabendo que o Brasil teve um holocausto. E isso foi me fortalecendo (Arbex, 2023).

Além disso, Daniela aponta que a maternidade lhe forneceu um olhar diferenciado, uma percepção ainda mais afetiva: *“Minha carreira literária, ela veio depois do meu filho. Eu estreei na literatura, eu entreguei o livro Holocausto brasileiro em 2012 e meu filho não tinha nem um ano. Eu me lembro, eu escrevendo, o meu filho já dando os primeiros passos e puxando minha calça pra pedir colo”* (Arbex, 2023). No caso desse livro, em especial, a dedicação para com a escrita percorreu a madrugada, das 23h às 5h, durante cinco meses. Só havia tempo para dormir duas horas, das 5h às 7h. Em outra oportunidade, quando acompanhou a busca pela justiça dos pais que perderam os filhos no incêndio da boate Kiss, em Santa Maria (RS), na madrugada de um domingo, dia 27 de janeiro de 2013, o lado maternal de Daniela aflorou novamente:

No livro Todo dia a mesma noite, as mães todas diziam pra mim: Eu não estava do lado do meu filho quando ele mais precisou de mim, fico até arrepiada, loucura, sabe por quê? Porque as mães nunca vão estar o tempo todo ao lado do filho, mas eu só consegui entender isso, sendo mãe. Porque a mãe acha que, se estivesse junto, o filho não teria sofrido, o filho não teria morrido, é louco isso, e eu ficava pensando: Poxa, eu não estou do lado do meu. Eu pirei com isso, eu fiquei muito mal com isso, eu fiquei dois anos...eu engordei 10 quilos no livro da Kiss, perdi cabelo, eu não conseguia me reconhecer. Foi muito difícil. [...] Então, eu consegui acessar muito o mundo dessas mães, isso me ajudou demais. Muito mesmo (Arbex, 2023).

Adriana Negreiros sentiu isso quando se deparou com a história dos bebês que eram arrancados das mulheres do cangaço, tão logo pariam. A máxima do bando era não carregar crianças no grupo – o choro dos pequenos poderia despertar a atenção da polícia: *“Quando fui escrever sobre cangaceiras que tinham filhos e que precisavam dar essas crianças tão logo nascessem, [...] aquilo, para uma mulher que teve filho, essa mulher vai contar essa história de uma maneira diferente de uma mulher que não teve filhos”* (Negreiros, 2023).

A maternidade também está muito imbricada com a decisão de Maria Dolores Duarte em escrever a biografia *Travessia: A vida de Milton Nascimento*. Basicamente, a jornalista optou por pesquisar alguma coisa na qual pudesse fazer direto de Três Pontas (MG), para ficar com o filho Daniel: “*Então, eu sempre quis dar prioridade, é lógico que eu tenho que trabalhar, não sou de família que tem dinheiro, tive sempre que trabalhar, mas eu só escolhi trabalhos que eu pudesse fazer e conciliar com a maternidade*” (Duarte, 2023). Na época da entrega do livro, Maria Dolores escrevia nas horas vagas, geralmente à tarde, quando o mais velho estava na escola, ou quando a criança estava dormindo. Hoje, mãe de mais dois rapazes – Antônio e Francisco -, a jornalista revela que aprendeu a se concentrar em meio aos ruídos:

Eu consigo escrever e ler em qualquer lugar, no meio de qualquer barulho, desde que não me chamem. Se eu estou aqui trabalhando, a criança está aqui ou se eu estou lendo e a criança está ali e não me chama, eu vou bem; agora, se começa, Mãe! Maria!, aí eu saio da minha concentração, aí eu já não consigo fazer. Então, é sempre assim: se faz na hora em que a criança está dormindo. Sempre nesses momentos, aquilo [a escrita] nunca ocupa o momento principal do dia (Duarte, 2023).

Para Janaína Marquesini, a razão de se ter poucas mulheres autoras de biografias é simples. Basta “[...] *tirar das nossas costas a carga de ter que fazer tudo, que aí sobra tempo pra gente conseguir fazer o que a gente quer*” (Marquesini, 2023). Mãe desde abril de 2019, quando nasceu o filho Ilê, Janaína reconhece que já sente o peso da maternidade: “*E eu tenho um companheiro que segura a bronca comigo. Agora, eu fico pensando, como que era lá atrás, a geração da minha mãe, enfim. E ainda a nossa geração. Que escraviza as mulheres no ambiente doméstico, que escraviza as mulheres na criação dos filhos*” (Marquesini, 2023). Naquele mesmo ano de 2019, Alicia Klein deu à luz ao filho Caetano, seis meses antes do início da pandemia: “*O meu filho me tornou uma pessoa muito mais eficiente e [...] capaz de estabelecer limites. Eu era workaholic antes do meu filho, hoje eu não sou. Então, tem esse viés, que é positivo, mas sem querer romantizar...era uma coisa que eu tinha muito receio de não conseguir fazer*” (Klein, 2023). Alicia reconhece o privilégio de ter uma família que dê suporte e um companheiro participativo - como indicaram Adriana, Daniela, Janaína e Maria Dolores – e sequer consegue imaginar como é a vida de uma mãe solo: “*Eu tenho várias amigas que são mães solo e eu, sinceramente, não acho que tenha nada mais difícil no mundo do que criar um filho sozinho*” (Klein, 2023).

O debate a respeito da maternidade também se estende às jornalistas que não são mães. No caso de Luciana Hidalgo, por exemplo, ela decidiu escolher e optou em não ter filhos: “*Eu*

fui protelando pra mais velha, pra mais velha e depois eu vi que eu não queria, porque também eu queria morar fora, eu morei na França um tempão. Queria ser mais livre. Eu acho que, nesse sentido, o pai consegue ser mais livre se ele quiser, e a mãe, não” (Hidalgo, 2023). Luciana acredita que a mulher fica mais presa: *“Em todos os sentidos, mesmo dividindo as funções e tudo, é sempre a mulher que segura a onda. Principalmente nos primeiros anos, depois acho que isso pode ter um outro desenho, mas nos primeiros anos, não tem muito jeito”* (Hidalgo, 2023).

No mesmo raciocínio, Consuelo Dieguez reflete sobre o peso maior de responsabilidade que recai nas mulheres com filhos. O cotidiano é mais árduo, com preocupações a respeito da saúde da criança, das atividades na escola, entre outras funções: *“Eu acho que elas fazem um esforço muito maior. É exigido delas um esforço muito maior que não é exigido de mim, entendeu? Pra fazer a mesma coisa que eu faço, o sacrifício delas é maior. Mas elas fazem, não deixam de fazer, eu fico só imaginando o quanto é mais sofrido”* (Dieguez, 2023). Cristiane Correa lembra que a dificuldade não é exclusiva das mães jornalistas, mas abrange qualquer profissão. E a autocobrança materna se torna um empecilho no desenvolvimento da carreira profissional: *“Acho que as mulheres fazem cobranças com elas mesmas, que não deveriam fazer. Exemplo: eu nunca entrevistei um executivo que vai se sentir muito culpado se ele perder alguma coisa do filho dele na escola. A mulher, se ela perder alguma coisa [...], ela fica se sentindo péssima”* (Correa, 2023). Ademais, é mais que necessário a parceria de um companheiro ou companheira que possa dividir os afazeres: *“E eu vejo que você precisa ter em casa um parceiro que entenda. Ah, a mulher tem que viajar a trabalho, alguém tem que ficar com o filho, então ajuda. Se você está com uma pessoa que não ajuda, aí é difícil”* (Correa, 2023).

Luciana Hidalgo recorda de um casal de jornalistas que atuavam no *Jornal do Brasil*. Nos fins de semana de plantão, caso alguma pessoa cancelasse ficar com os filhos deles naquela noite, os pais os levavam para a redação: *“Eu acho que é difícil, eu acho que é um trabalho, uma jornada tripla”* (Hidalgo, 2023). Em outros casos, quando é apenas a mãe que trabalha em um veículo de imprensa, a cobrança da chefia, em momentos de fechamento do jornal, pode ser indiferente às mulheres que são mães. Karla Monteiro e Adriana Negreiros relembram da época em que presenciaram situações semelhantes nos trabalhos delas:

Existe uma cultura da madrugada, uma cultura de fim de semana, de que você está sempre à disposição do jornal, principalmente, na época que eu trabalhava, por exemplo, na Veja, você chegava na quarta-feira, 11h da manhã, saía três, quatro da manhã. [...] E eu nunca vi colher de chá ou, não

é colher de chá, um respeito com a questão da mulher que é mãe, sabe, que tem que ir embora, que tem que buscar o filho, sabe? Sempre foi: Se vira, aí, isso não é problema nosso. A cultura das editorias sempre foi essa, eu imagino a dificuldade dessas mulheres pra conciliarem jornal e maternidade, sabe? Eu não consigo nem imaginar como elas conseguem, sabe, porque é realmente muito difícil, é um dia-dia que te consome muito (Monteiro, 2023).

Eu nunca ocupei cargos de chefia no Jornalismo. Nunca fui diretora de redação de um grande jornal. Mas imagino que, para uma mulher com filhos pequenos, ocupar cargos de chefia seja muito mais desafiador que para um homem. Muito limitado, ninguém pergunta para o homem com quem estão os filhos, enquanto eles fecham o jornal. Para as mulheres, sempre vão perguntar com quem estão as crianças enquanto elas estão virando noite pra fechar a primeira página. [...] Quando tive as minhas duas filhas, trabalhava em uma revista mensal, tinha uma rotina de trabalho que a presença delas não era algo complicado, mas para jornalistas do dia-dia, aí o desafio maior se impõe, porque o cuidado das crianças recai muito mais sobre as mulheres do que sobre os homens (Negreiros, 2023).

Pelos depoimentos apresentados, viver exclusivamente como autora de biografias não é a melhor indicação para uma jornalista. Embora haja um reconhecimento, com lançamentos, entrevistas e possíveis premiações, o retorno financeiro ainda é pequeno – somente 10% do valor de capa voltam ao autor. Por mais que seja uma opção de suporte para que a jornalista escreva sem amarras a uma pauta diária, a biografia se torna uma alternativa financeira, de aproximação com o mercado editorial. Como também mencionado, além de ter que trabalhar em mais de um emprego, para manter a prática biográfica, as jornalistas precisam dimensionar mais cuidadosamente o tempo quando elas assumem a maternidade.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma história da biografia, no Brasil, ainda está para ser escrita (Vilas-Boas, 2002). Timidamente, a academia começa a encarar esse gênero, especialmente, na área da Comunicação. Com um nicho de mercado delimitado, investigações na universidade evoluíram, com interesses, objetos e métodos diversificados, o que ajudou na formação de novos pesquisadores. Porém, como apontado no capítulo dois (*O interesse pela vida alheia e sua tradição: Revisão teórica dos estudos biográficos nas áreas da História e do Jornalismo*), em uma busca pelos periódicos científicos mais bem avaliados da área, a quantidade de textos sobre a temática ainda é irrisória.

De acordo com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), agência de fomento à pesquisa científica do Governo Federal, o Jornalismo, bem como todas as graduações vinculadas à área da Comunicação Social – Cinema, *Design*, Fotografia, Produção Audiovisual, Produção Multimídia, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas – é classificado como pertencente à grande área de conhecimento das Ciências Sociais Aplicadas. Isto significa que é um curso que forma indivíduos que possam voltar o olhar à sociedade, de maneira pragmática. Assim, durante esta tese, assumi o comprometimento de utilizar uma linguagem horizontal, de fácil leitura, que respeitasse as normas gramaticais; porém, sem os rebuscamentos acadêmicos que dificultam a coerência entre os parágrafos e isolam a compreensão da temática apenas entre os membros pertencentes às instituições de ensino superior.

Falar das questões de gênero - ou de outras tensões sociais, como as desigualdades raciais - é apenas o ponto de partida de um problema secular que atravessa a colonização brasileira. Mas, como já dito, meu intuito foi divulgar a investigação para o público externo, ou seja, aos milhares de cidadãos que não conseguem acessar o muro invisível – porém, muito alto – que ainda segrega o público *letrado do ignorante*, *o inteligente do inculto*, *o erudito do popular*. Afinal de contas, quando entrei na graduação de Jornalismo, em 2010, na Universidade do Vale do Itajaí (UNIVALI), fui orientado, em uma das primeiras aulas, que o repórter precisa escrever de um jeito coerente e compreensível para que todos entendam. Todos. Da mesma maneira, o cientista social deve traduzir ao público leigo os resultados da investigação. Para os muitos anônimos que vivem o cotidiano na construção civil, no comércio, em indústrias ou escritórios, a fundamentação teórica ou a escolha da metodologia aplicada em um trabalho científico pode soar estranho e distante da realidade. Por isso, reitero: cabe a nós justificarmos aos leitores a razão da pesquisa, os objetivos que pretendemos alcançar, durante o tempo

dedicado a ela e de que forma os resultados irão intervir no cotidiano social daquele indivíduo, naquela história de vida.

A partir do momento em que iniciamos uma pesquisa, optamos por uma temática cujo empenho e satisfação possam caminhar lado a lado. A investigação é subjetiva. E minha dúvida inicial, a que me aproximou dos estudos biográficos, ainda no mestrado, foi tentar compreender o motivo das pessoas se interessarem pela vida alheia. É provável que o grande público não saiba, mas ele participa ativamente da formação de um campo de estudos, um espaço biográfico, como nos ensina Leonor Arfuch (2010). Estamos mergulhados em um círculo vicioso de curiosidades, perfis, lugares, anos, objetos que, conectados, nos levam a múltiplas e diversificadas histórias biográficas. São inúmeros *reality shows*, cinebiografias, documentários, peças de teatro, *talks shows* ou futilidades efêmeras, nas redes sociais. No caso, a tese voltou o olhar às biografias impressas em livros.

Diante do problema de pesquisa discutido nestas páginas, centrado em responder sobre qual a contribuição das mulheres jornalistas ao gênero biográfico brasileiro, a tese buscou identificar, primeiramente, a produção biográfica de mulheres jornalistas à história do Jornalismo brasileiro (1990-2020). Como objetivos específicos, apresentou a evolução do mercado editorial biográfico no Brasil, debatido no capítulo três (*Uma cultura para consumo: Evolução do mercado editorial e a massificação do gênero biográfico no Brasil*); elaborou um mapa dos protagonistas biografados, durante o período selecionado, ilustrado ao longo do capítulo cinco (*A memória biográfica do feminino: Ausência de pluralidades em três décadas (1990-2020) de mercado editorial brasileiro*). Por fim, a tese discutiu sobre a autoria das mulheres jornalistas, enquanto biógrafas, abordado no capítulo seis (*Mulheres jornalistas, mulheres biógrafas: Contribuições delas para a história do Jornalismo brasileiro*).

Para tanto, julguei necessário realizar uma revisão teórica, tanto no campo da História, quanto no do Jornalismo, ao longo do capítulo dois, além de revisitar a história da escrita e também da leitura, no capítulo três. A evolução do livro representou mais do que um acesso à informação ou um local de refúgio para leitores: ele se tornou um objeto cultural, uma mercadoria com valor simbólico, que agrega um imaginário de conhecimento. Dados da mais recente pesquisa Retratos da Leitura no Brasil – 5ª edição¹, divulgada em 2020, sob coordenação do Instituto Pró-Livro, com apoio da Associação Brasileira de Livros e Conteúdos Educacionais (ABRELIVROS), Câmara Brasileira do Livro (CBL) e Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL), reforçam essa reflexão: 56% dos entrevistados, em 2019, indicaram

¹ Disponível em: https://cbl.org.br/pesquisas_de_mercado_categoria/4-retratos-da-leitura-no-brasil/. Acesso em 12 jul. 2023.

que a leitura significa conhecimento. Tanto é verdade, que essa sapiência pode ser observada nas gravações das reportagens televisivas realizadas presencialmente, ou de maneira virtual: muitas das fontes concedem entrevistas – ou até os repórteres apresentam as matérias - em frente a uma estante repleta de livros organizados. Se planejado ou não, o certo é que o poder emanado de uma prateleira de títulos coloridos confere credibilidade e segurança.

Ao longo dos anos, livros biográficos serviram para reforçar aspectos de liderança, virilidade, bravura, características essas socialmente associadas ao gênero masculino. Havia a preocupação com a fabricação de futuros heróis, modelos de comportamento, ídoles preservadas. Militares e monarcas, por exemplo, buscaram, no registro biográfico, a oportunidade de eternizar as conquistas e o próprio legado. Em períodos ditatoriais, almeja-se coesão nacional em torno de uma figura mítica, que possa simbolizar o orgulho por um passado exitoso. Recorre-se, então, às figuras de grandes personalidades (homens) que simbolizam esse panteão nacional. No século passado, da Era Vargas (1930-1945) até o otimismo embalado pelo governo de Juscelino Kubitschek (1956-1960), as incipientes biografias do então mercado editorial engrandeciam os heróis do Império e os estadistas da República.

O primeiro incentivo à publicação de livros que honrassem o patriotismo data do Estado Novo varguista (1937-1945) e coincidiu com o apogeu do rádio, em que as vozes de artistas provocavam imaginações sobre como as celebridades viviam no Olimpo privado (Morin, 1989). Datam desse período a publicação de *O duque de ferro: Aspectos da figura de Caxias* (1933), escrito por Eugênio Vilhena de Moraes; *Fagundes Varela* (1940), de Edgard Cavalheiro; *Santos Dumont* (1940), biografado por Gondin da Fonseca e *O patriarca: Gênio da América* (1941), livro sobre José Bonifácio, biografado por Amando Caiuby. Já na década de 1970, quando a ditadura civil-militar atingiu seu apogeu, o mercado editorial – mesmo sob censura -, publicou algumas obras que fortaleceram a identidade brasileira, na tentativa de se desvincular do indivíduo perfeito e intocável. Dessa época, *A vida turbulenta de José do Patrocínio* (1972) e *A vida vertiginosa de João do Rio* (1978), ambas de Raimundo Magalhães Jr, são bons exemplos. Contudo, as biografias de pessoas comuns, especialmente as *derrotadas* pelo regime – motivadas pelo fim da censura e, talvez, influenciadas pelo movimento da Nova História (Burke, 1991) -, vieram à tona somente após 1985.

Mais do que simples curiosidade ou devoção, os sujeitos procuram laços de identidade com aqueles que possam promover essa sensação de pertencimento. Mesmo que de forma efêmera, a leitura de livros biográficos suscita uma viagem ao passado, uma visita para aquilo que é privado, um transporte aos bastidores daquilo que quase ninguém sabe – exceto o protagonista da biografia em questão e o biógrafo, que decidiu pesquisar sobre ele. A sociedade

é recheada de múltiplas e sucessivas histórias de vida, permeada de pluralidades. Entre elas, as de anônimos ou conhecidos das mais diferentes idades e nações. Todavia, oito em cada dez biografias, publicadas no Brasil entre 1990 a 2020, tratam da vida de homens, além de 53% dos biografados serem oriundos da Europa ou da América do Norte (Estados Unidos e Canadá). A sociedade não está totalmente representada.

Preocupou-me quais os tipos de narrativas que chegam ao mercado e são consumidos pelos leitores. Não apenas no sentido qualitativo, crítico em si, mas a predominância absurda dos mesmos rostos de personalidades. Embora não seja uma surpresa inferir que homens e mulheres apresentam desequilíbrio nas funções que ocupam na sociedade, nunca é exagero reforçar, com dados quantitativos, o quanto essa representação é desigual. O que mais choca é o abismo de diferenças no segmento cultural, setor este que deveria mais incluir, ao invés de segregar. Mulheres são maioria no Brasil – segundo informado pelo Panorama Censo 2022²: elas representam 51,5% da população brasileira -, mas não são lembradas em biografias. As editoras são premiadas em concursos literários, com protagonistas homens, brancos, que simbolizam uma dominação colonial maquiada e que ainda repercute em solo brasileiro. Novamente, o predomínio não se limita no aspecto político, econômico ou sexual. A luta por maior participação também tem um novo endereço no campo da cultura: a indústria do livro.

De novo, esquecemos que a sociedade lembra daquilo que é deixado lembrar (Halbwachs, 1990). A história do Brasil foi construída à base de sangue, violência, insultos e preconceitos. Um território constituído por muitos retrocessos, intensas restrições e tímidas conquistas. A história *oficial* brasileira é formada por homens, brancos, heterossexuais, de classe social abastada, a maioria oriunda das capitais. O próprio perfil dos protagonistas, abordados pelas dez editoras (Grupo Editorial Record, Grupo Companhia das Letras, L&PM Editores, Globo Livros, Planeta do Brasil, Rocco, Intrínseca, Ediouro, Sextante e o Grupo Editorial Scortecci) que mais publicaram biografias no Brasil, no período de 1990 a 2020, sustenta essa questão: 1) *homem*, que reforça o sistema patriarcal; 2) *européu*, que reflete uma quase ausência de exemplos nacionais, uma nação dependente de personalidades externas ao país; 3) *com liderança política*, isto é, protagonistas com poder social, sem muito espaço para coadjuvantes do cotidiano. Por mais curioso que possa parecer, o esquecimento é um aliado desse trabalho, um incentivo para que nós, como pesquisadores, não desistamos dessa tamanha responsabilidade que é investigar ciência em meio à memória.

² Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>. Acesso em 01 jan. 2024.

Tendo em vista esse vazio, a presente tese se propôs a elaborar uma radiografia das biografias do Brasil e demonstrou o quão necessários são os debates sobre a participação do feminino na sociedade. Apesar da presente pesquisa se esforçar em iluminar uma lacuna da história das mulheres no Jornalismo brasileiro, também reconhece que os resultados aqui obtidos são apenas uma parcela de uma questão mais ampla enraizada na sociedade, até porque, a proporção autoral entre homens e mulheres continua desigual. A cada dez biografias publicadas no Brasil, sete são assinadas por jornalistas do sexo masculino. Se especificarmos somente os 121 jornalistas brasileiros biógrafos, a imensa maioria (98 ou 81%) são homens. Apenas 23 (19%) mulheres jornalistas brasileiras foram encontradas no recorte temporal de 30 anos (1990 a 2020) do mercado editorial. Das 23, foi possível entrevistar 15 delas. Em ordem alfabética: Adriana Negreiros; Alicia Klein; Clarisse Meireles; Consuelo Dieguez; Cristiane Correa; Daniela Arbex; Evanize Sydow; Janaína Marquesini; Karla Monteiro; Leneide Duarte-Plon; Luana Costa; Luciana Hidalgo; Maria Dolores Duarte, Raquel Munhoz e Regina Echeverria. Todas as jornalistas são do Sudeste brasileiro, região onde também se concentram os veículos de comunicação com abrangência nacional, bem como editoras com circulação em todo o território brasileiro.

Autoras de 12 livros biográficos - pois Clarisse Meireles e Leneide Duarte-Plon assinaram *Um homem torturado: Nos passos de frei Tito de Alencar* e Janaína Marquesini, Luana Costa e Raquel Munhoz escreveram *Quelê, a voz da cor: Biografia de Clementina de Jesus* - as jornalistas reuniram informações da vida de biografados das mais diferentes áreas sociais. Nove deles eram protagonistas masculinos (Abilio Diniz, Arthur Bispo do Rosario, Frei Betto, Frei Tito de Alencar, Hans Stern, Michael Schumacher, Milton Nascimento, Raimundo Fagner, Samuel Wainer) e somente três (Clementina de Jesus, Isabel Salomão de Campos e Maria Bonita) pertenciam ao sexo feminino.

Pesquisar sobre a história da *biografia*, no Jornalismo brasileiro, também significou revisitar o passado de cada uma das 15 jornalistas entrevistadas. Os três eixos de análise (*Aspectos biográficos*, *Ambiente jornalístico* e *Vivência autoral*) aplicados no desenvolvimento da tese, sustentaram particularidades das biografias e revelaram nuances do amadurecimento profissional. A partir dessas trajetórias, pode-se compreender como ocorreu a escolha pelo Jornalismo, por exemplo, influenciadas pelas leituras de livros ou jornais, na infância e adolescência. Segundo as entrevistadas, não houve interferências familiares na escolha da faculdade, embora algumas possuíssem parentes que estudaram ou trabalharam na imprensa.

Portanto, com o intuito de alcançar o objetivo geral desta tese, que foi identificar a produção biográfica de mulheres jornalistas e sua contribuição para a história do Jornalismo

brasileiro (1990-2020), conclui-se que o estudo de histórias de vida pode ser considerado uma estratégia para descobrir o legado de pioneirismo e singularidade das 15 mulheres que integram a seleção deste percurso acadêmico.

Em primeiro lugar, todas as entrevistadas frequentaram a universidade e são graduadas em Jornalismo. Talvez, pela formação acadêmica, as autoras não se reconheçam como biógrafas ou escritoras – mas, sim, jornalistas. A vontade de ouvir o Outro também se fez presente a partir do ambiente jornalístico, em redações de jornais e revistas, experiência que repercutiu na investigação de grandes reportagens. A maioria exerceu as técnicas de apuração e de entrevista, além de terem tido o hábito da redação de perfis, outro tipo comum de narrativa biográfica (Lima, 2009), mais descritiva e intimista, praticamente um requisito para quem deseja escrever uma biografia. Também buscam legitimação no campo, ao dialogarem com outros repórteres que já publicaram livros. Essa comunicação entre os pares identifica um nicho jornalístico de produção, onde há um cuidado com a qualidade, tendo em vista que a biografia é um exemplo referencial sobre a prática da reportagem. Detalhe: quando houve a necessidade de se aconselhar com algum jornalista a respeito dos bastidores editoriais, os nomes mais lembrados foram Lira Neto e Ruy Castro, referências masculinas da escrita biográfica.

Todavia, além dos desafios enfrentados, por serem mulheres no cotidiano jornalístico, como assédios sexuais, desconfiança profissional ou desigualdade salarial, a vivência autoral das 15 jornalistas entrevistadas denota a dificuldade que existe em se manterem como biógrafas no Brasil. O baixo valor de remuneração – a cada livro vendido, apenas 10% do preço de capa retornam às autoras - aliado ao longo tempo investido na apuração e escrita de cada obra, tornam inviável o desejo de viver da produção desse tipo de texto. Ademais, cita-se a maternidade como ponto nevrálgico. Sete delas (Adriana Negreiros, Alicia Klein, Daniela Arbex, Janaína Marquesini, Leneide Duarte-Plon, Maria Dolores Duarte, Regina Echeverria), na ocasião das entrevistas, possuíam filhos e declararam o quão desafiador é associar a função materna com a vida profissional.

Desse modo, falar sobre a competência das 15 biógrafas jornalistas foi também recontar um pouco sobre a história do Jornalismo brasileiro e da mulher neste Jornalismo. Consuelo Dieguez, Leneide Duarte-Plon, Luciana Hidalgo e Regina Echeverria lembraram suas vivências nas décadas de 1970 e 1980. Pode-se falar de periódicos que foram descontinuados, em virtude de dívidas ou da diminuição de funcionários. As versões impressas do *Jornal da Tarde* e do *Jornal do Brasil*, por exemplo, não existem mais. O império de papel da editora Abril se reduziu a menos de uma dezena de revistas: *Veja*, *Superinteressante*, *Quatro Rodas*, *Veja Saúde*, *Claudia*, *Você RH*, *Você S/A*, *Guia do Estudante* e *piauí*.

Adriana Negreiros, Clarisse Meireles, Cristiane Correa, Daniela Arbex, Evanize Sydow e Karla Monteiro contribuíram com aspectos do Jornalismo dos anos 1990. Influenciadas por publicações biográficas assinadas por Ruy Castro e Fernando Morais, como *O anjo pornográfico: A vida de Nelson Rodrigues* (Companhia das Letras, 1992) e *Chatô: O rei do Brasil* (Companhia das Letras, 1992), respectivamente, as jornalistas encontraram, no livro-reportagem biográfico, um produto jornalístico que, no futuro, tornar-se-ia uma alternativa de trabalho.

Já a geração de Alicia Klein, Janaína Marquesini, Luana Costa, Maria Dolores Duarte e Raquel Munhoz, a partir dos anos 2000, escolheu a biografia a partir de uma opção de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Igualmente inspiradas por obras escritas por jornalistas brasileiros, tal qual na década anterior, essas mulheres se destacaram por conseguir publicar os trabalhos apresentados no final de seus cursos. Entre as hipóteses levantadas para essa possibilidade, destacam-se 1) a popularização da leitura de livros-reportagem e também de biografias, entre os acadêmicos; 2) um maior contato com os jornalistas autores de obras a nível de não ficção; e 3) o aval, por parte das faculdades, em aceitar a confecção e posterior entrega de produtos jornalísticos - como o livro-reportagem - no TCC.

Diante disso, admite-se haver uma espécie de *nostalgia biográfica* nessas pesquisas que abordam saberes passados, motivados pelos recortes pré-determinados do tempo. As 15 entrevistadas cederam suas memórias de diferentes etapas da vida - infância, adolescência e adultez - para que eu pudesse confeccionar uma história da biografia - e das próprias biógrafas - a partir de uma ótica feminina. Protagonistas são ora lembradas e homenageadas, ora silenciadas e esquecidas. Da mesma forma, o público que consome essas leituras, ou que está inserido em um espaço biográfico (Arfuch, 2010), busca afinidade, sintonia, uma identificação que adquire teor afetivo, quando evidenciado.

Ao tentar iluminar o trabalho das mulheres jornalistas biógrafas, a tese se esforça em responder ao comentário de Vilas-Boas (2002, p. 12): “Infelizmente, estudos sobre biografias são ocasionais nas universidades brasileiras. [...] Tampouco se encontra à disposição uma teoria biográfica geral ou uma história da biografia no Brasil”. No meu caso, uma história contada a partir da visão menos enaltecida. Mais de duas décadas se passaram desde a citação de Vilas-Boas (2002) e a presente investigação que se propôs a sanar essa lacuna ainda presente nos estudos da história sobre o Jornalismo brasileiro.

Também é importante mencionar que os presentes resultados, refletidos nas páginas anteriores, não traduzem o cenário total do mercado editorial brasileiro. Porém, são apontamentos urgentes e imediatos que precisam ser discutidos, principalmente por levarem

em conta as dez editoras com mais publicações biográficas no Brasil: Grupo Editorial Record, Grupo Companhia das Letras, L&PM Editores, Globo Livros, Planeta do Brasil, Rocco, Intrínseca, Ediouro, Sextante e o Grupo Editorial Scortecci.

Creio, ainda, que propostas como a minha possam estimular permanentes relações entre o passado e o presente, além de estabelecer possíveis conexões com o futuro. Cabe aos pesquisadores da universidade, em associação com os governos, as instituições, as entidades científicas, as editoras e o próprio Jornalismo, decifrar os transtornos sociais, propor alternativas e oferecer mecanismos culturais para que a população possa ser, cada vez mais, incluída em seu cotidiano.

A presente tese de doutorado apresentou a biografia enquanto livro-reportagem como prática jornalística (Vieira, 2015; Maciel, 2018). O intuito, desde o princípio, foi celebrar a profissional jornalista, diplomada, e dar o devido reconhecimento às profissionais que buscam a informação e escrevem livros-reportagem em formato biográfico, em especial, as 15 selecionadas que aceitaram conversar comigo. Antes de serem biógrafas, essas autoras também são repórteres. Mais que apenas publicar, quero valorizar o saber ouvir, a vocação de investigar, a boa apuração, a escrita com qualidade. Por mais revelações e menos silêncios. Por mais profissionais e menos amadores.

REFERÊNCIAS

LIVROS

ABREU, Márcia. Duzentos anos: Os primeiros livros brasileiros. *In*: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (Orgs.). **Impresso no Brasil**: Dois séculos de livros brasileiros. São Paulo: Editora Unesp, 2010, p. 41-66.

ADICHE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. A indústria cultural: O esclarecimento como mistificação das massas. *In*: ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. **Dialética do Esclarecimento**: Fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, p. 99-138.

ASLAN, Reza. **Zelota**: A vida e a época de Jesus de Nazaré. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: Formas e transformações da memória cultural. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica**: História da imprensa brasileira. São Paulo: Ática, 1990.

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa**: Brasil, 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BARCELLOS, Marília de Araújo. As pequenas e médias editoras diante do processo de concentração: Oportunidades e nichos. *In*: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (Orgs.). **Impresso no Brasil**: Dois séculos de livros brasileiros. São Paulo: Editora Unesp, 2010, p. 317-329.

BAUMAN, Zygmunt. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo**: A transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BECKER, Howard S. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Hucitec, 1997.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: Teoria e metodologia. São Bernardo do Campo: Umesp, 2004.

BELTRÃO, Luiz. O livro de atualidade. *In*: MARQUES DE MELO, José; SANTOS, Marli dos (Orgs.). **Mutações na comunicação**: Ampliando as fronteiras do Jornalismo. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2016, p. 205-235.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. *In*: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: Ensaio sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 2012, p. 179-212.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. *In*: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: Ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 2012, p. 241-252.

BIGNOTTO, Cilza. Monteiro Lobato: Editor revolucionário? *In*: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (Orgs.). **Impresso no Brasil**: Dois séculos de livros brasileiros. São Paulo: Editora Unesp, 2010, p. 121-138.

BOMPARD, Jean-Jacques. **Livreiros do Novo Mundo**: De Briançon ao Rio de Janeiro. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Editora da USP; São Paulo: Editora da Unesp, 2021.

BORGES, Jorge Luis. Funes, o memorioso. *In*: BORGES, Jorge Luis. **Ficções**. Porto Alegre: Editora Globo, 1982, p. 89-97.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: Lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. *In*: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001, p. 183-191.

BOURDIEU, Pierre. Campo intelectual e projeto criador. *In*: POUILLON, Jean (Org.). **Problemas do estruturalismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1968, p. 105-145.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega**. Petrópolis: Vozes, 1987, vol. 2.

BRANDÃO, Junito de Souza. **Mitologia grega**. Petrópolis: Vozes, 1987, vol. 3.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia**: De Gutenberg à Internet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia (a idade da fábula)**: Histórias de deuses e heróis. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

BULHÕES, Marcelo. **Jornalismo e literatura em convergência**. São Paulo: Ática, 2007.

BURKE, Peter. **A fabricação do rei**: A construção da imagem pública de Luís XIV. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

BURKE, Peter. **A Revolução Francesa da historiografia**: A Escola dos *Annales* (1929-1989). São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BURKE, Peter. **Uma história social do conhecimento**: De Gutenberg a Diderot. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAMPBELL, Joseph. **As transformações do mito através do tempo**. São Paulo: Cultrix, 1997.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. São Paulo: Cultrix, 2010.

CAMPBELL, Joseph. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2019.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **Livros proibidos, ideias malditas: O DEOPS e as minorias silenciadas**. São Paulo: Ateliê, PROIN – Projeto Integrado Arquivo do Estado/USP; Fapesp, 2002a.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci (Org.). **Minorias silenciadas: História da censura no Brasil**. São Paulo: Editoria da Universidade de São Paulo, Imprensa Oficial do Estado, Fapesp, 2002b.

CASAGRANDE, Ferdinando. **Jornal da Tarde: Uma ousadia que reinventou a imprensa brasileira**. Rio de Janeiro: Record, 2019.

CASA NOVA, Vera. **Lições de almanaque: Um estudo semiótico**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

CAVALLO, Guglielmo. Entre *volumen* e *códex*: A leitura no mundo romano. In: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (Orgs.). **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 1998, vol. 1, p. 71-102.

CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (Orgs.). **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 1998, vol. 1.

CHARAUDEAU, Patrick. A patemização na televisão como estratégia de autenticidade. In: MENDES E. & MACHADO I. L. (Orgs.). **As emoções no discurso**. Campinas: Mercado Letras, 2007. Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/A-patemizacao-na-televisao-como.html>. Acesso em 26 nov. 2020.

CHARTIER, Roger. **Inscrever e apagar: Cultura escrita e literatura, séculos XI-XVIII**. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

CHARTIER, Roger. **O que é um autor? Revisão de uma genealogia**. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

CHAYTOR, H. J.. Ler e escrever. In: CARPENTER, Edmund; MCLUHAN, Marshall (Orgs.). **Revolução na comunicação**. Rio de Janeiro: Zahar, 1980, p. 145-153.

CHOLLET, Mona. **Bruzas: A força invencível das mulheres**. Belo Horizonte: Âyiné, 2022.

CONNERTON, Paul. **Como as sociedades recordam**. Oeiras: Celta, 1993.

COSSON, Rildo. **Fronteiras contaminadas**: Literatura como Jornalismo e Jornalismo como literatura no Brasil dos anos 1970. Brasília: Editora UnB, 2007.

COSTA, Cristiane. **Pena de aluguel**: Escritores jornalistas no Brasil, 1904-2004. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

CUNHA, Aguinaldo Cristofani Ribeiro da (Org.). **APCA 60 anos**. São Paulo: Monolito, 2017.

DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea**: Um território contestado. Vinhedo: Horizonte, 2012.

DARNTON, Robert. **Edição e sedição**: O universo da literatura clandestina no século XVIII. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

DAVIS, Natalie Zemon. **Culturas do povo**: Sociedade e cultura no início da França moderna. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**: Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1998.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias íntimas**: Sexualidade e erotismo na história do Brasil. São Paulo: Planeta, 2011.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. *In*: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2008, p. 62-83.

DUTRA, Eliana de Freitas. Leitores de além-mar: A Editora Garnier e sua aventura editorial no Brasil. *In*: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (Orgs.). **Impresso no Brasil**: Dois séculos de livros brasileiros. São Paulo: Editora Unesp, 2010, p. 67-88.

ECO, Umberto. **O nome da rosa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

EISENSTEIN, Elizabeth L. **A revolução da cultura impressa**: Os primórdios da Europa Moderna. São Paulo: Ática, 1998.

EL FAR, Alessandra. Ao gosto do povo: As edições baratíssimas de finais do século XIX. *In*: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (Orgs.). **Impresso no Brasil**: Dois séculos de livros brasileiros. São Paulo: Editora Unesp, 2010, p. 89-100.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2006.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Estudos Culturais: Uma introdução. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 133-166.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Os estudos culturais. *In*: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga (Orgs.). **Teorias da Comunicação**: Conceitos, escolas e tendências. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 151-170.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos: Mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem.** Rio de Janeiro: Rocco, 2018.

FARO, José Salvador. **Realidade, 1966-1968: Tempo da reportagem na imprensa brasileira.** Canoas: Editora da Ulbra/AGE, 1999.

FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henri-Jean. **O aparecimento do livro.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: Mulheres, corpo e acumulação primitiva.** São Paulo: Elefante, 2017.

FERREIRA, Athos Damasceno. **Gabinetes de leitura e bibliotecas do Rio Grande do Sul no século XIX.** Série I – Pesquisas e Monografias. Porto Alegre: Centro Regional de Pesquisas Educacionais do Sul, 1973, vol. 18.

FERREIRA JÚNIOR, Carlos Antonio Rogé. **Literatura e Jornalismo, práticas políticas: Discursos e contradiscursos, o Novo Jornalismo, o Romance-Reportagem e os Livros-reportagem.** São Paulo: Edusp, 2003.

FIGUEIREDO, Eurídice. **A literatura como arquivo da ditadura brasileira.** Rio de Janeiro: 7 Letras, 2017.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. *In:* FOUCAULT, Michel. **Estratégia, poder-saber.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, p. 203-222.

FOUCAULT, Michel. O que é um autor? *In:* FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Lisboa: Nova Vega, 2006, p. 29-87.

FRANZ, Marie-Louise Von. **A interpretação dos contos de fadas.** São Paulo: Paulus, 1990.

FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916).** São Paulo: Companhia das Letras, 2010, vol. 12.

FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923).** São Paulo: Companhia das Letras, 2011, vol. 15.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

GALEANO, Eduardo. **De pernas pro ar: A escola do mundo a avesso.** Porto Alegre: L&PM, 2002.

GALEANO, Eduardo. **Mulheres.** Porto Alegre: L&PM, 2007.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. *In:* BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático.** Petrópolis: Vozes, 2013, p. 64-89.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GILMONT, Jean-François. Reformas protestantes e leitura. *In*: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (Orgs.). **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 1999, vol. 2, p. 47-77.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: O cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2002.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: Sua história**. São Paulo: Edusp, 2017.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. São Paulo: Paz e Terra, 1989.

HOGGART, Richard. **As utilizações da cultura: Aspectos da vida da classe trabalhadora**. Lisboa: Presença, 1973, vol. 1.

HOGGART, Richard. **As utilizações da cultura: Aspectos da vida da classe trabalhadora**. Lisboa: Presença, 1975, vol. 2.

HOHLFELDT, Antonio. As origens antigas: A comunicação e as civilizações. *In*: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga (Orgs.). **Teorias da Comunicação: Conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 61-98.

HOHLFELDT, Antonio. O repórter Euclides da Cunha em Canudos. *In*: BETTIOL, Maria Regina Barcelos; HOHLFELDT, Antonio (Orgs.). **Euclides da Cunha, intérprete do Brasil: O diário de um povo esquecido**. Porto Alegre: Edipucrs, 2011, p. 16-32.

INGLIS, Fred. **Uma breve história da celebridade**. Rio de Janeiro: Versal, 2012.

JUNG, Carl Gustav. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

KORACAKIS, Teodoro. Uma história em processo: A Companhia das Letras de 1986 a 2006. *In*: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (Orgs.). **Impresso no Brasil: Dois séculos de livros brasileiros**. São Paulo: Editora Unesp, 2010, p. 289-301.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do Jornalismo: O que os jornalistas devem saber e o público exigir**. São Paulo: Geração, 2004.

LAGE, Nilson. **A reportagem: Teoria e prática de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LAGO, Cláudia. Antropologia e Jornalismo: Uma questão de método. *In*: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (Orgs.). **Metodologia de pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 48-66.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: História & histórias.** São Paulo: Ática, 1991.

LAKATOS, Eva; MARCONI, Marina. **Fundamentos de metodologia científica.** São Paulo: Atlas, 2017.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber: Manual de metodologia de pesquisa em ciências humanas.** Minas Gerais: Editora UFMG, 2008.

LE BON, Gustave. **As opiniões e as crenças.** Ed. Ridendo Castigat Mores, 2001. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/lebon.pdf> Acesso em 26 nov. 2020.

LE GOFF, Jacques. **Heróis e maravilhas da Idade Média.** Petrópolis: Vozes, 2011.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Campinas: Editora Unicamp, 2003.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: De Rousseau à Internet.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

LEPORE, Jill. **A história secreta da Mulher-Maravilha.** Rio de Janeiro: BestSeller, 2017.

LERNER, Gerda. **A criação da consciência feminista: A luta de 1.200 anos das mulheres para libertar suas mentes do pensamento patriarcal.** São Paulo: Cultrix, 2022.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado: História da opressão das mulheres pelos homens.** São Paulo: Cultrix, 2019.

LIMA, Alceu Amoroso. **O Jornalismo como gênero literário.** Rio de Janeiro: Agir, 1960.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: O livro-reportagem como extensão do Jornalismo e da literatura.** São Paulo: Manole, 2009.

LIMA, Guilherme Cunha; MARIZ, Ana Sofia. Editora Civilização Brasileira: Novos parâmetros na produção editorial brasileira. In: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (Orgs.). **Impresso no Brasil: Dois séculos de livros brasileiros.** São Paulo: Editora Unesp, 2010, p. 253-270.

LIMA, Luiz Costa. **Teoria da cultura de massa.** São Paulo: Paz e Terra, 2011.

LIMA, Samuel Pantoja *et al.* **Perfil do jornalista brasileiro 2021: Características sociodemográficas, políticas, de saúde e do trabalho.** Florianópolis: Quorum Comunicações, 2022. Disponível em: <https://perfildojornalista.ufsc.br/>. Acesso em 10 jul. 2023.

LÖWENTHAL, Leo. **Literature and mass culture: Communication in society.** New Brunswick: Transaction Publishers, 2016, vol. 1.

LUKÁCS, György. **O romance histórico.** São Paulo: Boitempo, 2011.

MARTINEZ, Monica. **Jornada do herói: A estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em Jornalismo.** São Paulo: Annablume, 2008.

MARTINEZ, Monica. **Jornalismo literário**: Tradição e inovação. Florianópolis: Insular, 2016, vol. 10.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de. **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2011.

MATOS, Olgária Chain Feres. **A Escola de Frankfurt**: Luzes e sombras do Iluminismo. São Paulo: Moderna, 1993.

MATTELART, Armand; MATTELART, Michele. **História das teorias da comunicação**. São Paulo: Loyola, 2005.

MAUÉS, Flamarion. **Livros contra a ditadura**: Editoras de oposição no Brasil, 1974-1984. São Paulo: Publisher Brasil, 2013.

MCLUHAN, Marshall. **A Galáxia de Gutenberg**: A formação do homem tipográfico. São Paulo: Nacional, Editora da USP, 1972.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 2011.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista**: O diálogo possível. São Paulo: Ática, 2005.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Notícia, um produto à venda**: Jornalismo na sociedade urbana e industrial. São Paulo: Summus, 1988.

MELO, José Marques de. **Sociologia da imprensa brasileira**: A implantação. Petrópolis: Vozes, 1973.

MORIN, Edgar. **As estrelas**: Mito e sedução no cinema. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX**. O Espírito do Tempo – I, Neurose. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

NATALI, Marcos Piason. **A política da nostalgia**: Um estudo das formas do passado. São Paulo: Nankin, 2006.

NETTO, Accioly. **O império de papel**: Os bastidores de O Cruzeiro. Porto Alegre: Sulina, 1998.

NICHOLAS, Lynn H.. **Europa saqueada**: O destino dos tesouros artísticos europeus no Terceiro Reich e na Segunda Guerra Mundial. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

OLINTO, Antonio. **Jornalismo e literatura**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1955.

ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira**: Cultura brasileira e indústria cultural. São Paulo: Brasiliense, 2001.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

PARKES, Malcolm. Ler, escrever, interpretar o texto: Práticas monásticas na Alta Idade Média. *In*: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (Orgs.). **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 1998, vol. 1, p. 103-122.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru: EDUSC, 2005.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2016.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história**: Operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PROPP, Vladimir. **Morfologia do conto maravilhoso**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber**: Eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO), 2005, p. 117-142.

REIMÃO, Sandra. Ditadura militar e censura a livros: Brasil (1964-1985). *In*: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (Orgs.). **Impresso no Brasil**: Dois séculos de livros brasileiros. São Paulo: Editora Unesp, 2010, p. 271-288.

REIMÃO, Sandra. **Mercado editorial brasileiro, 1960-1990**. São Paulo: Com-Arte Fapesp, 1996.

ROBLES, Martha. **Mulheres, mitos e deusas**: O feminino através dos tempos. São Paulo: Aleph, 2019.

ROMANCINI, Richard. História e Jornalismo: Reflexões sobre campos de pesquisa. *In*: LAGO, Claudia; BENETTI, Marcia (Orgs.). **Metodologia de pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007, p. 23-47.

RÜDIGER, Francisco. A escola de Frankfurt. *In*: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga (Orgs.). **Teorias da Comunicação**: Conceitos, escolas e tendências. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 131-150.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **Memória coletiva e teoria social**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, São Paulo: Annablume, 2012.

SCHUDSON, Michael. **Descobrimo a notícia**: Uma história social dos jornais nos Estados Unidos. Petrópolis: Vozes, 2010.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Repensando a cultura, a literatura e o espaço da autoria feminina. *In*: NAVARRO, Márcia Hoppe (Org.). **Rompendo o silêncio**: Gênero e literatura na América Latina. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1995. pp 182-189.

SCHWARTZENBERG, Roger-Gérard. **O Estado espetáculo**. Rio de Janeiro: Difel, 1978.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**: A intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. **O adiantado da hora**: A influência americana sobre o Jornalismo brasileiro. São Paulo: Summus, 1991.

SILVA, Deonísio da. **Nos bastidores da censura**: Sexualidade, literatura e repressão pós-64. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn (Orgs.). **Identidade e diferença**: A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 73-102.

SODRÉ, Muniz. **Best-seller**: A literatura de mercado. São Paulo: Ática, 1985.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história breve do Jornalismo no Ocidente**. Porto: Universidade Fernando Pessoa e Centro de Investigação Media & Jornalismo, 2008. Disponível em: <https://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-uma-historia-breve-do-jornalismo-no-ocidente.pdf>. Acesso em 12 out. 2023.

SOUZA, Candice Vidal e. **Repórteres e reportagens no Jornalismo brasileiro**. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TALESE, Gay. **O reino e o poder**: Uma história do *New York Times*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

THOMPSON, John B.. **Ideologia e cultura moderna**: Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 2009.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: História oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TORRESINI, Elizabeth W. Rochadel. Duzentos anos: Breve história da circulação de livros, das livrarias e editoras no Rio Grande do Sul (séculos XIX e XX). *In*: BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia (Orgs.). **Impresso no Brasil**: Dois séculos de livros brasileiros. São Paulo: Editora Unesp, 2010, p. 235-252.

TODOROV, Tzvetan. **Memória do mal, tentação do bem**: Indagações sobre o século XX. São Paulo: Arx, 2002.

TORRESINI, Elizabeth Wenhausen Rochadel. **Editora Globo: Uma aventura editorial nos anos 30 e 40**. São Paulo: Com-Arte; Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1999.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo: A tribo jornalística - Uma comunidade interpretativa transnacional**. Florianópolis: Insular, 2008.

VALLEJO, Irene. **O infinito em um junco: A invenção dos livros no mundo antigo**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2022.

VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e sociedade na Grécia Antiga**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.

WAISBORD, Silvio. **Watchdog Journalism in South America**. New York: Columbia University Press, 2000.

WEBER, Max. **Economia e sociedade: Fundamento da sociologia compreensiva**. São Paulo: Editora UnB, 2004.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Presença, 1999. Disponível em: <https://www.inovaconsulting.com.br/wp-content/uploads/2016/09/teorias-da-comunicacao-by-mauro-wolf.pdf>. Acesso em 12 mai. 2021.

WOOLF, Virginia. **Profissões para mulheres e outros artigos feministas**. Porto Alegre: L&PM, 2013.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

ANAIS DE EVENTOS CIENTÍFICOS

HOHLFELDT, Antonio. O projeto da Enciclopédia e seus registros sobre o Jornalismo. *In: XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (INTERCOM)*. **Anais eletrônicos ...** 2007, p. 1-16. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/r0483-1.pdf>. Acesso em 02 abr. 2022.

MOURA VIEIRA, Karine; ADAM, Felipe. Olga e Maria Bonita: Memórias e espaços biográficos em reconstrução. *In: 18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor)*. **Anais eletrônicos ...** 2020, p. 1-15. Disponível em: <http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/sbpjour/sbpjour2020/paper/viewFile/2605/1402>. Acesso em 14 mai. 2020.

SOUZA, Licia Oliveira. A biografia no Brasil: Tendências do mercado editorial nos primeiros anos do século XXI. *In: XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom)*. **Anais eletrônicos ...** 2014, p. 1-15. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2014/resumos/R9-0789-1.pdf>. Acesso em 03 set. 2021.

VIEIRA, Karine Moura. Teoria da prática: O discurso de si e a construção de uma noção de autor na produção de biografias por jornalistas brasileiros. *In*: 11º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor). **Anais eletrônicos ...** 2013, p. 1-18. Disponível em: <https://conferencias.unb.br/index.php/ENPJor/XIENPJOR/paper/view/2695/530>. Acesso em 7 jul. 2020.

ARTIGOS CIENTÍFICOS, DOCUMENTOS E REPORTAGENS

BARBOSA, Marialva. Biografias improváveis: O si mesmo de um outro como imaginação historiadora. **Revista Brasileira de História da Mídia**. São Paulo, v. 10, n. 2, p. 27-47, jul/dez 2021. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/12958>. Acesso em 02 abr. 2021.

BARBOSA, Marialva. Cenários de transformação: Jornalismo e História no século XX. **Famecos: Mídia, cultura e tecnologia**. Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 458-480, mai/ago 2012. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/12324>. Acesso em 25 mai. 2022.

BOYM, Svetlana. Mal-estar na nostalgia. **História da historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography**. Ouro Preto, v. 10, n. 23, p. 153-165, abril 2017. Disponível em: <https://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/1236>. Acesso em 27 jul. 2022.

BRAGA, José Luiz. A prática da pesquisa em Comunicação: Abordagem metodológica como tomada de decisões. **E-compós**. Brasília, v. 14, n. 1, p. 1-33, jan/abr 2011. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/665>. Acesso em 17 ago. 2020.

BRASIL. Supremo Tribunal Federal. Ação Direta de Inconstitucionalidade nº 4815. Requerente: Associação Nacional dos Editores de Livros. Relator: Ministra Carmen Lúcia. Brasília, 10 jun. 2015, p. 257. Disponível em: <http://redir.stf.jus.br/paginadorpub/paginador.jsp?docTP=TP&docID=10162709>. Acesso em 15 fev. 2018.

BURKE, Peter. A invenção da biografia e o individualismo renascentista. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, p. 83-97, 1997. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2038>. Acesso em 01 out. 2021.

CAPRINO, Mônica Pegurer; PERAZZO, Priscila Ferreira. História oral e estudos de comunicação e cultura. **Revista FAMECOS (Online)**. Porto Alegre, v. 18, n. 3, p. 801-815, set/dez 2011. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/10385>. Acesso em 7 jul. 2020.

CHARTIER, Roger. Leituras e leitores populares: A Bibliothèque bleue e a literatura de colportage. **Revista Desenredo**. Passo Fundo, v. 1, n. 1, p. 104-119, jan/jun 2005. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/480>. Acesso em 15 jul. 2022.

GALVÃO, Walnice Nogueira. A voga do biografismo nativo. **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 19, n. 55, p. 350-366, 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10115>. Acesso em 22 mar. 2022.

LAGE, Nilson; FARIA, Tales; RODRIGUES, Sérgio. *Diário Carioca*: O primeiro degrau para a modernidade. **Estudos em Jornalismo e Mídia**. Florianópolis, v. 1, n. 1, p.132-144, setembro 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2195>. Acesso em 22 mar. 2022.

MAIA, Marta Regina. A história oral como recurso metodológico na entrevista jornalística. **Contracampo**. Niterói, v. 18, n. 15, p. 137-150, 2006. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17437>. Acesso em 7 jul. 2020.

MARKENDORF, Marcio. Reflexões sobre a memória biográfica no meio audiovisual contemporâneo. **Anuário de Literatura**, Florianópolis, v. 18, n. 1, p. 16-28, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2013v18n1p16>. Acesso em: 10 jul. 2023.

MARTINEZ, Monica. A história de vida como instância metódico-técnica no campo da Comunicação. **Comunicação & Inovação**. São Caetano do Sul, v. 16, n. 30, p. 75-90, jan/abr 2015. Disponível em: https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/2622. Acesso em 1 jun. 2022.

MARTINEZ, Monica. Reflexões sobre Jornalismo e história oral: Um campo com mais convergências do que dissonâncias. **Revista Observatório**. Palmas, v. 2, n. 1, p. 76-91, jan/abr 2016. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/1869>. Acesso em 7 jul. 2020.

MARTINO, Luís Mauro Sá. Lendo “The People’s Choice” no seu 70º aniversário: Do “líder de opinião” aos “influenciadores digitais”. **Intercom – RBCC**. São Paulo, v. 41, n. 3, p. 1-12, 2018. Disponível em: <http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/3034>. Acesso em 26 nov. 2020.

MILLIOT, Jim. **The PW Publishing Industry Salary Survey 2022**. 2022. Disponível em: <https://www.publishersweekly.com/pw/by-topic/industry-news/publisher-news/article/91157-the-pw-publishing-industry-salary-survey-2022.html>. Acesso em 23 jun. 2023.

MUSIEDLAK, Didier. Biografia e História: Reflexões metodológicas. **Esboços**, Florianópolis, v. 13, n. 15, p. 103-109, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/237>. Acesso em 05 abr. 2022.

NORA, Pierre. Entre memória e história: A problemática dos lugares. **Projeto História**. São Paulo, v. 10, p. 7-28, dezembro 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em 7 dez. 2020.

ORTIZ, Renato. As celebridades como emblema sociológico. **Sociologia & Antropologia**. Rio de Janeiro, v. 6, n. 3, p. 669-697, set/dez. 2016. Disponível em:

http://www.sociologiaeantropologia.com.br/wp-content/uploads/2016/12/v6n03_04.pdf. Acesso em 15 ago. 2021.

PEREIRA, Fábio; NEVES, Laura Maria. A entrevista de pesquisa com jornalistas: Algumas estratégias metodológicas. **Intexto**. Porto Alegre, UFRGS, n. 29, p. 35-50, dezembro 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/41898>. Acesso em 7 jul. 2020.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941>. Acesso em 7 dez. 2020.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf. Acesso em 7 dez. 2020.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. A história oral nos estudos de Jornalismo: Algumas considerações teórico-metodológicas. **Contracampo**. Niterói, v. 32, n. 2, p. 73-90, abr/jul 2015. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17543>. Acesso em 7 jul. 2020.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Mercado da nostalgia e narrativas audiovisuais. **E-Compós**. Brasília, v. 21, n. 3, p. 1-15, set/dez 2018. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/1491>. Acesso em 10 nov. 2020.

SACRAMENTO, Igor. The biography through a communicational perspective / A biografia do ponto de vista comunicacional. **MATRIZES**. São Paulo, v. 8, n. 2, p. 153-173, jul/dez 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/90452>. Acesso em 14 out. 2021.

SCHMIDT, Benito Bisso. Construindo biografias...Historiadores e jornalistas - Aproximações e afastamentos. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 10, n. 19, p. 3-21, 1997. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2040>. Acesso em 14 out. 2021.

SELIGMAN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma: A questão dos testemunhos de catástrofes históricas. **Psicol. clin.** Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 65-82, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pc/v20n1/05.pdf>. Acesso em 7 dez. 2020.

VAZ, Tyciane Cronemberger Viana. Prêmio Jabuti: Do incentivo à leitura à promoção da cultura brasileira. **Bibliocom**. São Paulo, v. 5, n. 1, p. 15-23, 2014. Disponível em: <http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/bibliocom/article/view/2039>. Acesso em 26 nov. 2020.

DICIONÁRIOS

BIOGRAFIA. In: DEVOTO, Giacomo; OLI, Gian Carlo (Orgs.). **Il dizionario della lingua italiana**. Firenze: Le Monnier, 1995.

BIOGRAFIA. *In*: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2004.

BIOGRAFIA. *In*: HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles (Orgs.). **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

BIOGRAFIA. *In*: MICHAELIS. **Moderno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 2002.

BIOGRAFÍA. *In*: LASSO DE LA VEJA Y JIMÉNEZ-PLACER, Javier; RUBERT Y CANDAU, José María (Orgs.). **Diccionario enciclopédico Labor**. Barcelona: Labor: 1967.

BIOGRAPHIE. *In*: ROBERT, Petit. **Dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française**. Paris: Le Robert, 2011.

BIOGRAPHY. *In*: CAMBRIDGE. **International dictionary of english**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

ENTREVISTAS

ARBEX, Daniela [15/05/2023]. Entrevistador: Felipe Adam. Porto Alegre, *online*: Google Meet. 1 arquivo .mp4 (3h09min).

CORREA, Cristiane. [09/05/2023]. Entrevistador: Felipe Adam. Porto Alegre, *online*: Google Meet. 1 arquivo .mp4 (2h32min).

DIEGUEZ, Consuelo. [11/05/2023]. Entrevistador: Felipe Adam. Porto Alegre, *online*: Google Meet. 1 arquivo .mp4 (2h34min).

DUARTE, Maria Dolores Pires do Rio. [25/04/2023]. Entrevistador: Felipe Adam. Porto Alegre, *online*: Google Meet. 1 arquivo .mp4 (2h01min).

DUARTE-PLON, Leneide; MEIRELES, Clarisse. [26/04/2023]. Entrevistador: Felipe Adam. Porto Alegre, *online*: Microsoft Teams. 1 arquivo .mp4 (2h30min).

ECHEVERRIA, Regina. [27/04/2023]. Entrevistador: Felipe Adam. Porto Alegre, *online*: Google Meet. 1 arquivo .mp4 (2h08min).

HIDALGO, Luciana. [28/04/2023]. Entrevistador: Felipe Adam. Porto Alegre, *online*: Microsoft Teams. 1 arquivo .mp4 (2h12min).

KLEIN, Alicia. [24/04/2023]. Entrevistador: Felipe Adam. Porto Alegre, *online*: Microsoft Teams. 1 arquivo .mp4 (1h21min).

MARQUESINI, Janaína; COSTA, Luana; MUNHOZ, Raquel. [02/05/2023]. Entrevistador: Felipe Adam. Porto Alegre, *online*: Microsoft Teams. 1 arquivo .mp4 (2h34min).

MONTEIRO, Karla. [05/05/2023]. Entrevistador: Felipe Adam. Porto Alegre, *online*: Google Meet. 1 arquivo .mp4 (1h39min).

NEGREIROS, Adriana. [11/05/2023]. Entrevistador: Felipe Adam. Porto Alegre, *online*: Google Meet. 1 arquivo .mp4 (1h32min).

SYDOW, Evanize. [19/05/2023]. Entrevistador: Felipe Adam. Porto Alegre, *online*: Microsoft Teams. 1 arquivo .mp4 (1h57min).

OBRAS BIÓGRAFICAS DAS ENTREVISTADAS

ARBEX, Daniela. **Os dois mundos de Isabel**: A saga da menina que nasceu no sertão mineiro, em 1924, e com apenas 9 anos passou a ver e ouvir coisas que ninguém compreendia. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

CASTRO, Felipe *et al.* **Quelé, a voz da cor**: Biografia de Clementina de Jesus. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CORREA, Cristiane. **Abilio**: Determinado, ambicioso, polêmico. Rio de Janeiro: Primeira Pessoa, 2015.

DIEGUEZ, Consuelo. **H Stern**: A história do homem e da empresa. Rio de Janeiro: Record, 2015.

DUARTE, Maria Dolores Pires do Rio. **Travessia**: A vida de Milton Nascimento. Rio de Janeiro: Record, 2006.

DUARTE-PLON, Leneide; MEIRELES, Clarisse. **Um homem torturado**: Nos passos de frei Tito de Alencar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

ECHEVERRIA, Regina. **Raimundo Fagner**: Quem me levará sou eu. Rio de Janeiro: Agir, 2019.

FREIRE, Américo; SYDOW, Evanize Martins. **Frei Betto**: Biografia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

HIDALGO, Luciana. **Arthur Bispo do Rosario**: O senhor do labirinto. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

KLEIN, Alicia. **A máquina**: Michael Schumacher, o melhor de todos os tempos. Rio de Janeiro: BestSeller, 2008.

MONTEIRO, Karla. **Samuel Wainer**: O homem que estava lá. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

NEGREIROS, Adriana. **Maria Bonita**: Sexo, violência e mulheres no cangaço. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

REFERÊNCIAS BIOGRÁFICAS E TEÓRICAS SOBRE BIOGRAFIAS

AGUIAR, Josélia. **Jorge Amado**: Uma biografia. São Paulo: Todavia, 2018.

ANDRADE, Mariza Guerra de. **Anel encarnado**: Biografia e história em Raimundo Magalhães Junior. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

ARAÚJO, Paulo Cesar. **O réu e o rei**: Minha história com Roberto Carlos, em detalhes. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: Dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.

BRUCK, Mozahir Salomão. **Biografias e literatura**: Entre a ilusão biográfica e a crença na reposição do real. Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2009.

CAIUBY, Amando. **O patriarca**: Gênio da América. São Paulo: Nacional, 1941.

CALMON, Pedro. **Memórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.

CARVALHO, Ítala Gomes Vaz de. **A vida de Carlos Gomes**. Rio de Janeiro: A Noite, 1937.

CARVALHO, Luiz Maklouf. **Cobras criadas**: David Nasser e *O Cruzeiro*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2001.

CASTRO, Ruy. **A vida por escrito**: Ciência e arte da biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

CASTRO, Ruy. **O anjo pornográfico**: A vida de Nelson Rodrigues. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CAVALHEIRO, Edegar. **Biografias e biógrafos**. Curitiba: Guaíra, 1943.

COUSINEAU, Phil. **A jornada do herói**: Vida e obra de Joseph Campbell. São Paulo: Saraiva, 1994.

DINES, Alberto. **Morte no paraíso**: A tragédia de Stefan Zweig. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

DOSSE, François. **O desafio biográfico**: Escrever uma vida. São Paulo: Edusp, 2015.

ECHEVERRÍA, Regina. **Furacão Elis**. São Paulo: Leya, 2012.

FÉLIX, Moacyr (Org.). **Ênio Silveira**: Arquiteto de liberdades. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

FONSECA, Gondin da. **Santos Dumont**. Rio de Janeiro: Vecchi, 1940.

GOBBI, Maria Cristina. Método biográfico. *In*: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2008, p. 84-97.

HOHLFELDT, Antonio. Exercícios biográficos: Arqueologia cultural. *In*: GUTFREIND, Cristiane Freitas (Org.). **Narrar o biográfico: A comunicação e a diversidade da escrita**. Porto Alegre: Sulina, 2015, p. 41-79.

MAGALHÃES, Mário. **Marighella: O guerrilheiro que incendiou o mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

MAGALHÃES Jr. Raimundo. **Deodoro: A espada contra o Império**. São Paulo: Nacional, 1957.

MAGALHÃES Jr. Raimundo. **Rui, o homem e o mito**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

MORAIS, Eugênio Vilhena de. **O duque de ferro: Aspectos da figura de Caxias**. Rio de Janeiro: Calvino Filho, 1933.

MORAIS, Fernando. **Chatô: O rei do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

NETO, Lira. **A arte da biografia: Como escrever histórias de vida**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

NETO, Lira. **Getúlio: Dos anos de formação à conquista do poder (1882-1930)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

PENA, Felipe. **Teoria da biografia sem fim**. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.

PEREIRA, Lucia Miguel. **A vida de Gonçalves Dias**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1943.

TÉRCIO, Jason. **Em busca da alma perdida: Biografia de Mário de Andrade**. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2019.

VIANA FILHO, Luiz. **A verdade na biografia**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1945.

VIANA FILHO, Luiz. **A vida de Joaquim Nabuco**. São Paulo: Nacional, 1952.

VIANA FILHO, Luiz. **A vida do Barão do Rio Branco**. São Paulo: Martins, 1958.

VILAS-BOAS, Sergio. **Biografia e biógrafos: Jornalismo sobre personagens**. São Paulo: Summus, 2002.

VILAS-BOAS, Sergio. **Biografismo: Reflexões sobre as escritas da vida**. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

TESES E DISSERTAÇÕES

ADAM, Felipe. **A história do Jornalismo brasileiro através das biografias de profissionais da imprensa publicadas pelas editoras universitárias (1998-2018)**, 2020. Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2020. Disponível em: <https://tede2.uepg.br/jspui/handle/prefix/3164>. Acesso em 26 nov. 2020.

BARZ, Rodrigo. **Jornalismo e literatura: As complexificações narrativas jornalísticas de cunho biográfico**, 2014. Universidade de Santa Cruz do Sul, Santa Cruz do Sul, 2014. Disponível em: <https://repositorio.unisc.br/jspui/handle/11624/731>. Acesso em 29 out. 2021.

CATALÃO JÚNIOR, Antonio Heriberto. **Jornalismo *best-seller*: O livro-reportagem no Brasil contemporâneo**, 2010. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araçatuba, 2010. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/103497>. Acesso em 7 jul. 2020.

FERRÃO NETO, José Cardoso. **Mídia, oralidade e letramento no Brasil: vestígios de um mundo dado a ler**, 2010. Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/3988>. Acesso em 24 jan. 2022.

MACIEL, Alexandre Zarate. **Narradores do contemporâneo: Jornalistas escritores e o livro-reportagem no Brasil**, 2018. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/29836>. Acesso em 7 jul. 2020.

ORMANEZE, Fabiano. **A biografia como divulgação científica: Uma análise de discurso da coleção "Grandes Cientistas Brasileiros"**, 2013. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/270817>. Acesso em 15 out. 2021.

PROCÓPIO-XAVIER, Mariana Ramalho. **A configuração discursiva de biografias a partir de algumas balizas de História e Jornalismo**, 2012. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/LETR-96TEX7>. Acesso em 29 out. 2021.

SANTOS, Bruna Raquel de Oliveira e. **Limites e possibilidades da biografia: Um estudo acerca dos relatos biográficos sobre o cantor Wilson Simonal**, 2014. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014. Disponível em: http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Comunicacao_SantosBR_1.pdf. Acesso em 29 out. 2021.

SILVA, Paulo Ferracioli. **A batalha das biografias na arena midiática da democracia: Uma análise de enquadramento da deliberação mediada jornalística**, 2017. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/46180>. Acesso em 29 out. 2021.

VIEIRA, Karine Moura. **Do fazer um saber - A construção do biografar: O discurso de autoria sobre a prática jornalística na produção de biografias por jornalistas brasileiros**, 2015. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2015. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/4993>. Acesso em 7 jul. 2020.

APÊNDICE A - Livros biográficos mais vendidos de não ficção (2010-2019)

Ano	Título	Autor	Editora	Exemplares vendidos	Posição ranking
2010	<i>Vida</i>	Keith Richards	Globo Livros	17.338	7°
	<i>Nelson Mandela - Conversas que tive comigo</i>	Nelson Mandela	Rocco	12.749	8°
	<i>Justin Bieber: Uma biografia não autorizada</i>	Chas Newkey-Urden	Prumo	7.779	12°
	<i>Ricardo Amaral apresenta Vaudeville</i>	Ricardo Amaral	Leya	7.542	14°
	<i>Eu sou Ozzy</i>	Ozzy Osbourne com Chris Ayres	Benvirá	6.700	15°
	<i>50 anos a mil</i>	Lobão	Nova Fronteira	6.208	16°
	<i>Justin Bieber Ruth Cardoso - Fragmentos de uma Vida</i>	Tori Kosara Ignácio de Loyola Brandão	Prumo Globo Livros	5.856 3.302	17° 20°
2011	<i>Steve Jobs</i>	Walter Isaacson	Companhia das Letras	109.658	1°
	<i>50 anos a mil</i>	Lobão	Nova Fronteira	25.593	9°
	<i>O livro do Boni</i>	José Bonifácio de Oliveira Sobrinho	Casa da Palavra	24.364	10°
	<i>O X da questão: A trajetória do maior empreendedor do Brasil</i>	Eike Batista	Primeira Pessoa	16.406	16°
	<i>A parisiense</i>	Ines de La Fressange / Sophie Gachet	Intrínseca	13.336	18°
	<i>O discurso do Rei</i>	Peter Conradi / Mark Logue	José Olympio	12.984	19°
2012	<i>Nada a perder</i>	Edir Macedo	Planeta do Brasil	293.898	1°

	<i>O x da questão: A trajetória do maior empreendedor do Brasil</i>	Eike Batista	Primeira Pessoa	109.213	2°
	<i>Steve Jobs</i>	Walter Isaacson	Companhia das Letras	57.843	4°
	<i>Encantadores de vidas</i>	Eduardo Moreira	Record	33.704	12°
	<i>30 minutos e pronto</i>	Jamie Oliver	Globo Livros	30.702	13°
	<i>Nunca fui santo</i>	Marcos Reis e Mauro Beting	Universo dos Livros	26.819	15°
	<i>O livro do Boni</i>	José Bonifácio de Oliveira Sobrinho	Casa da Palavra	16.762	19°
	<i>One Direction: Uma biografia</i>	Danny White	Best Seller	16.290	20°
2013	<i>Nada a perder 2</i>	Edir Macedo	Planeta do Brasil	849.600	1°
	<i>Nada a perder</i>	Edir Macedo	Planeta do Brasil	196.566	2°
	<i>Casagrande e seus demônios</i>	Casagrande e Gilvan Ribeiro	Globo Livros	41.231	4°
	<i>Uma prova do céu: A jornada de um neurocirurgião à vida após a morte</i>	Dr. Eben Alexander III	Sextante	40.745	5°
	<i>Carlos Wizard: Sonhos não têm limite</i>	Ignácio de Loyola Brandão	Gente	27.701	9°
	<i>Kardec</i>	Marcel Souto Maior	Record	24.581	13°
	<i>Dirceu</i>	Otávio Cabral	Record	24.004	14°
	<i>Demi Lovato: 365 dias do ano – Staying strong</i>	Demi Lovato	Best Seller	23.279	15°
	<i>Eu sou Malala</i>	Christina Lamb	Companhia das Letras	23.047	16°
	<i>Crianças francesas não fazem manha: Os segredos</i>	Pamela Druckermann	Fontanar	22.015	18°

	<i>parisienses na arte de criar filhos</i>				
	<i>Receitas Dukan: Minha dieta em 300 receitas</i>	Pierre Dukan	Best Seller	21.270	19°
2014					
2014	<i>Nada a perder 3</i>	Edir Macedo	Planeta do Brasil	870.094	1°
	<i>Nada a perder 2</i>	Edir Macedo	Planeta do Brasil	85.526	3°
	<i>Demi Lovato: 365 dias do ano – Staying strong</i>	Demi Lovato	Best Seller	67.947	4°
	<i>Assassinato de reputações</i>	Romeu Tuma Júnior	Topbooks	62.199	5°
	<i>Aparecida</i>	Rodrigo Alvarez	Globo Livros	60.909	6°
	<i>Eu sou Malala</i>	Christina Lamb	Companhia das Letras	50.089	8°
	<i>O diário de Anne Frank</i>		Record	37.447	10°
	<i>Guga, um brasileiro</i>	Gustavo Kuerten	Sextante	34.256	11°
	<i>Carlos Wizard: Sonhos não têm limite</i>	Ignácio de Loyola Brandão	Gente	30.717	12°
	<i>A estrela que nunca vai se acabar</i>	Esther Earl	Intrínseca	30.412	13°
	<i>Crianças francesas não fazem manha: Os segredos parisienses na arte de criar filhos</i>	Pamela Druckermann	Fontanar	30.152	14°
	<i>Getúlio 1945-1954</i>	Lira Neto	Companhia das Letras	28.561	15°
<i>Bela cozinha</i>	Bela Gil	Globo Estilo	26.711	17°	
2015					
2015	<i>Nada a perder 3</i>	Edir Macedo	Planeta do Brasil	316.465	3°
	<i>Muito mais que Cinco minutos</i>	Kéfera Buchmann	Paralela	197.461	4°
	<i>Morri para viver</i>	Andressa Urach	Planeta do Brasil	97.307	5°
	<i>O diário de Anne Frank</i>		Record	85.966	6°

	<i>Maria</i>	Rodrigo Alvarez	Globo Livros	80.925	7°
	<i>Bela cozinha</i>	Bela Gil	Globo Estilo	75.901	8°
	<i>Correr</i>	Drauzio Varella	Companhia das Letras	43.998	12°
	<i>Cozinha prática</i>	Rita Lobo	Senac São Paulo	40.237	13°
	<i>A teoria de tudo</i>	Jane Hawking	Única	40.033	14°
	<i>Abílio</i>	Cristiane Corrêa	Primeira Pessoa	38.436	15°
	<i>Brasil: Uma biografia</i>	Lilia Moritz Schwarcz	Companhia das Letras	34.253	17°
	<i>Sniper americano</i>	Chris Kyle	Intrínseca	30.811	19°
	<i>Diários da presidência, vol. 1</i>	Fernando Henrique Cardoso	Companhia das Letras	30.469	20°
2016	<i>Muito mais que Cinco minutos</i>	Kéfera Buchmann	Paralela	104.548	1°
	<i>O diário de Anne Frank</i>		Record	95.315	2°
	<i>Lava Jato</i>	Vladimir Netto	Primeira Pessoa	80.931	3°
	<i>Tá gravando. E agora?</i>	Kéfera Buchmann	Paralela	63.462	5°
	<i>Maria</i>	Rodrigo Alvarez	Globo Livros	59.357	6°
	<i>Rita Lee: Uma autobiografia</i>	Rita Lee	Globo Livros	43.729	8°
	<i>Bela cozinha 2</i>	Bela Gil	Globo Estilo	41.111	9°
	<i>Tá todo mundo mal: O livro das crises</i>	Jout Jout	Companhia das Letras	34.407	11°
	<i>O que tem na geladeira?</i>	Rita Lobo	Panelinha	29.360	15°
	<i>Humano demais</i>	Rodrigo Alvarez	Globo Livros	24.341	17°
	<i>Novos caminhos, novas escolhas</i>	Abílio Diniz	Objetiva	24.131	19 ^a
	<i>Cozinha prática</i>	Rita Lobo	Senac São Paulo	21.299	20°
2017	<i>Rita Lee: Uma autobiografia</i>	Rita Lee	Globo Livros	98.083	2°
	<i>Na minha pele</i>	Lázaro Ramos	Objetiva	54.751	5°
	<i>O diário de Anne Frank</i>		Record	40.937	6°

	<i>Novos caminhos, novas escolhas</i>	Abílio Diniz	Objetiva	31.450	7°
	<i>O livro de Jô: Uma autobiografia desautorizada – volume 1</i>	Jô Soares e Matinas Suzuki Jr.	Companhia das Letras	29.550	10°
	<i>Leonardo da Vinci</i>	Walter Isaacson	Intrínseca	26.229	12°
	<i>Hebe: A biografia</i>	Artur Xexéo	Best Seller	22.174	15°
	<i>Humano demais</i>	Rodrigo Alvarez	Globo Livros	15.966	17°
	<i>O que tem na geladeira?</i>	Rita Lobo	Panelinha	14.606	20°
2018	<i>O diário de Anne Frank</i>		Record	47.359	8°
	<i>Jesus: O homem mais amado da história</i>	Rodrigo Alvarez	Leya	45.377	9°
	<i>Aprendizados</i>	Gisele Bündchen	Best Seller	30.502	11°
	<i>Leonardo da Vinci</i>	Walter Isaacson	Intrínseca	16.990	18°
	<i>O livro de Jô: Uma autobiografia desautorizada – volume 1</i>	Jô Soares e Matinas Suzuki Jr.	Companhia das Letras	16.960	19°
2019	<i>Minha história</i>	Michelle Obama	Objetiva	85.199	3°
	<i>Aprendizados</i>	Gisele Bündchen	Best Seller	55.743	6°
	<i>Prólogo, ato, epílogo</i>	Fernanda Montenegro	Companhia das Letras	34.789	10°
	<i>O diário de Anne Frank</i>		Record	14.992	15°
	<i>Furacão Anitta</i>	Léo Dias	Agir	14.857	16°

**APÊNDICE B - Prêmio Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) /
Eixo Literatura¹ (2006-2020)**

Ano	Categoria	Autor	Profissão	Obra	Protagonista	Ocupação	Editora
2020	-	-	-	-	-	-	-
2019	Biografia, Autobiografia e Memória	Jason Tércio	Jornalista	<i>Em Busca da Alma Brasileira: Uma Biografia de Mário de Andrade</i>	Mário de Andrade	Escritor	Sextante
2018	Biografia, Autobiografia e Memória	Luís Cláudio Villafañe G. Santos	Historiador	<i>Juca Paranhos, o Barão do Rio Branco</i>	José Maria da Silva Paranhos Júnior	Diplomata	Companhia das Letras
2017	Biografia, Autobiografia e Memória	Lilia Moritz Schwarcz	Historiadora	<i>Lima Barreto: Triste visionário</i>	Afonso Henriques de Lima Barreto	Jornalista	Companhia das Letras
2016	Biografia / Autobiografia / Memória	Rita Lee	Cantora	<i>Rita Lee: Uma autobiografia</i>	-	Artista musical	Globo Livros
2015	Biografia / Autobiografia / Memória	Julio Maria	Jornalista	<i>Elis Regina: Nada será como antes</i>	Elis Regina Carvalho Costa	Artista musical	Master Books
		Jorge Caldeira	Jornalista	<i>Júlio Mesquita e seu tempo: Volume I, II, III e IV</i>	Júlio Mesquita	Jornalista	Mameluco
2014	Biografia / Autobiografia / Memória	Lira Neto	Jornalista	<i>Getúlio (1945 – 1954): Da volta pela consagração popular ao suicídio</i>	Getúlio Dornelles Vargas	Líder político	Companhia das Letras

¹ Para mais informações, acessar o trabalho de Cunha (2017).

2013	Biografia / Memória	Celso Lafer	Advogado	<i>Norberto Bobbio: Trajetória e Obra</i>	Norberto Bobbio	Filósofo	Perspectiva
2012	Biografia	Mário Magalhães	Jornalista	<i>Marighella: O Guerrilheiro que Incendiou o Mundo</i>	Carlos Marighella	Líder político	Companhia das Letras
2011	-	-	-	-	-	-	-
2010	Biografia	Boris Fausto	Historiador	<i>Memórias de um Historiador de Domingo</i>	-	-	Companhia das Letras
2009	Biografia / Auto- biografia	Paulo Markun	Jornalista	<i>Cabeza de Vaca</i>	Álvar Núñez Cabeza de Vaca	Navegador	Companhia das Letras
2008	Biografia	Humberto Werneck	Jornalista	<i>O Santo Sujo: A vida de Jayme Ovalle</i>	Jayme Ovalle	Artista musical	Cosac Naify
2007	-	-	-	-	-	-	-
2006	Biografia	Luiz Chagas e Mônica Tarantino		<i>Pretobrás: Por que eu não pensei nisso antes?</i>	Itamar Assumpção	Artista musical	Ediouro

Fonte: O autor.

APÊNDICE C - Prêmio Literário Biblioteca Nacional - "Prêmio Sérgio Buarque de Holanda" (Ensaio Social)¹ (2005-2020)

Ano	Categoria	Autor	Profissão	Obra	Protagonista	Ocupação	Editora
2020	Ensaio Social	Eduardo Matos de Alencar	Sociólogo	<i>De quem é o comando? O desafio de governar uma prisão no Brasil</i>	-	-	Record
2019	Ensaio Social	Heloisa Murgel Starling	Historiadora	<i>Ser republicano no Brasil Colônia: A história de uma traição esquecida</i>	-	-	Companhia das Letras
2018	Ensaio Social	Lilia Moritz Schwarcz	Historiadora	<i>Lima Barreto: Triste visionário</i>	Afonso Henriques de Lima Barreto	Jornalista	Companhia das Letras
2017	Ensaio Social	Angela de Castro Gomes e Patricia Hansen	Historiadora (2)	<i>Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política</i>	-	-	Civilização Brasileira
2016	Ensaio Social	Douglas Attila Marcelino	Historiador	<i>O corpo da Nova República: funerais presidenciais, representação histórica e imaginário político</i>	-	-	Editores FGV
2015	Ensaio Social	Marcelo Godoy	Jornalista	<i>A casa da vovó: Uma biografia do DOI-Codi (1969-1991), o centro de sequestro, tortura e morte da ditadura militar</i>	-	-	Alameda
2014	Ensaio Social	Milton Ohata	Acadêmico	<i>Eduardo Coutinho</i>	Eduardo Coutinho	Cineasta	Cosac Naify
2013	Ensaio Social	Joel Birman	Médico	<i>O sujeito na contemporaneidade</i>	-	-	Civilização Brasileira

¹ Disponível em <https://www.bn.gov.br/explore/premios-literarios/premio-literario-biblioteca-nacional>.

2012	Ensaio Social	Cleonice Bardinelli	Acadêmica	<i>Gil Vicente: Autos</i>	-	-	Casa da Palavra
2011	Ensaio Social	Marisa Midore Deaecto	Historiadora	<i>O império dos livros: Instituições e práticas de leitura na São Paulo oitocentista</i>	-	-	Edusp
2010	Ensaio Social	Manuela Carneiro da Cunha	Antropóloga	<i>Cultura com aspas</i>	-	-	Cosac Naify
2009	Ensaio Social	Ronaldo Vainfas e Lúcia Bastos Pereira das Neves	Historiador (2)	<i>Dicionário do Brasil Joanino, 1808-1821</i>	-	-	Objetiva
2008	Ensaio Social	Carlos Fico	Historiador	<i>O Grande Irmão: Da operação Brother Sam aos anos de chumbo</i>	-	-	Civilização Brasileira
2007	Ensaio Social	Maria Francisca Pinheiro Coelho	Socióloga	<i>José Genoíno: Escolhas políticas</i>	José Genoíno	Líder político	Centauro
2006	Ensaio Social	Angélica Madeira	Letras	<i>Livro dos Naufrágios: Ensaio sobre a história trágico-marítima</i>	-	-	Ed. UnB
2005	Ensaio Social	Maria Luiza Penna	Filósofa	<i>Luiz Camillo: Perfil Intelectual</i>	Luiz Camillo	Historiador	Editora UFMG

Fonte: O autor.

APÊNDICE D - Prêmio Jabuti de Literatura - "Reportagem"¹ (1993-2020)

Ano	Categoria	Autor	Profissão	Obra	Protagonista	Ocupação	Editora
2020	Biografia, Documentário e Reportagem (Eixo: Ensaio)	Laurentino Gomes	Jornalista	<i>Escavidão, Vol. I: do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares</i>	-	-	Globo Livros
2019	Biografia, Documentário e Reportagem (Eixo: Ensaio)	Josélia Aguiar	Jornalista	<i>Jorge Amado: Uma biografia</i>	Jorge Leal Amado de Faria	Jornalista	Todavia
2018	x	x	x	x	x	x	x
2017	Reportagem e Documentário	Roberta Paduan	Jornalista	<i>Petrobras: Uma história de Orgulho e Vergonha</i>	-	-	Companhia das Letras
2016	Reportagem e Documentário	Daniela Arbex	Jornalista	<i>Cova 312</i>	-	-	Geração
2015	Reportagem e Documentário	Marcelo Godoy	Jornalista	<i>A Casa da Vovó: Uma Biografia do DOI-Codi (1969-1991), o Centro de Sequestro, Tortura e Morte da Ditadura Militar</i>	-	-	Alameda Casa Editorial
2014	Reportagem	Laurentino Gomes	Jornalista	<i>1889</i>	-	-	Globo Livros

¹ Disponível em: <https://www.premiojabuti.com.br/premiados-por-edicao/>.

2013	Reportagem	Audálio Dantas	Jornalista	<i>As Duas Guerras de Vlado Herzog: Da Perseguição Nazista na Europa à Morte Sob Tortura no Brasil</i>	Vladimir Herzog	Jornalista	Civilização Brasileira
2012	Reportagem	Miriam Leitão	Jornalista	<i>Saga brasileira: A longa luta de um povo por sua moeda</i>	-	-	Record
2011	Reportagem	Laurentino Gomes	Jornalista	1822	-	-	Nova Fronteira
2010	Reportagem	Ruy Casrto	Jornalista	<i>O Leitor Apaixonado: Prazeres à Luz do Abajur</i>		-	Companhia das Letras
2009	Reportagem	Vanessa Barbara	Jornalista	<i>O Livro Amarelo do Terminal</i>	-	-	Cosac Naify
2008	Reportagem	Laurentino Gomes	Jornalista	1808	-	-	Planeta
2007	Reportagem	Eliane Brum	Jornalista	<i>A vida que ninguém vê</i>	-	-	Arquipélago Editorial
2006	Reportagem	Taís Moraes e Eumano Silva	Jornalista e Jornalista	<i>Operação Araguaia: Arquivos Secretos da Guerrilha</i>	-	-	Geração Editorial
2005	Reportagem e biografia	Klester Cavalcanti	Jornalista	<i>Viúvas da terra: Morte e impunidade nos rincões do Brasil</i>	-	-	Planeta
2004	Reportagem e biografia	Caco Barcellos	Jornalista	<i>Abusado: O dono do Morro Dona Marta</i>	-	-	Record
2003	Reportagem e biografia	José Inácio de Melo Souza	Historiador	<i>Paulo Emilio no Paraíso</i>	Paulo Emílio Salles Gomes	Crítico de cinema	Record
		Cláudia Furiati	Jornalista	<i>Fidel Castro</i>	Fidel Castro	Líder político	Revan
2002	Reportagem e biografia	Luiz Eduardo Soares	Antropólogo	<i>Meu casaco de general</i>	-	-	Companhia das Letras

		Marcus Vinícius de Freitas	Acadêmico	<i>Hartt: Expedições pelo Brasil Imperial</i>	-	-	Metalivros
2001	Reportagem	Carlos Cartaxo	Acadêmico	<i>A Família Canuto e a Luta Camponesa na Amazônia</i>	-	-	Duas Ou Mais Editoras
		Fernando Moraes	Jornalista	<i>Corações Sujos</i>	-	-	Companhia das Letras
		José Carlos Blat e Sérgio Saraiva	Promotor público e Jornalista	<i>O Caso da Favela Naval</i>	-	-	Contexto
2000	Reportagem	Dráuzio Varella	Médico	<i>Estação Carandiru</i>	-	-	Companhia das Letras
		Flávio Tavares	Jornalista	<i>Memórias do Esquecimento</i>	-	-	Globo Livros
		Mário Sérgio Conti	Jornalista	<i>Notícias do Planalto</i>	-	-	Companhia das Letras
1999	Reportagem	Simonetta Persichette	Jornalista	<i>Imagens da Fotografia Brasileira</i>	-	-	Estação Liberdade
1998	Reportagem	George Sanguinetti	Médico	<i>A Morte de P. C. Farias</i>	-	-	Scipione
1997	Reportagem	Luciana Hidalgo	Jornalista	<i>Arthur Bispo do Rosário</i>	Arthur Bispo do Rosário	Artista	Rocco
		Marco Antônio Uchoa	Jornalista	<i>Crack, o Caminho das Pedras</i>	-	-	Ática
		José Arbex Jr. e Claudio J. Tognolli	Jornalista e Jornalista	<i>O Século do Crime</i>	-	-	Boitempo
1996	Reportagem	Domingos Meirelles	Jornalista	<i>As Noites das Grandes Fogueiras</i>	-	-	Record

1995	Reportagem	Orlando Villas Boas e Cláudio Villas Boas	Aventureiros	<i>A Marcha para o Oeste</i>	-	-	Globo Livros
1994	Reportagem	Yvonne Bezerra de Mello	Educadora	<i>As Ovelhas Desgarradas e seus Algozes</i>	-	-	Civilização Brasileira
		Carlos Amorim	Jornalista	<i>Comando Vermelho</i>	-	-	Record
		Sérgio Sister e Ary Diesendruck	Jornalista e Cineasta	<i>São Paulo - Brasil</i>	-	-	Callis Editora
1993	Reportagem	André Barcinski	Jornalista	<i>Barulho: Uma Viagem pelo Underground do Rock</i>	-	-	Pauliceia
		Gilberto Dimenstein	Jornalista	<i>Meninas da Noite</i>	-	-	Ática
		Luciano Suassuna e Luis Costa Pinto	Jornalista e Jornalista	<i>Os Fantasmas da Casa da Dinda</i>	-	-	Contexto
		Caco Barcellos	Jornalista	<i>Rota 66: A Historia da Policia que Mata</i>	-	-	Globo Livros
		Gustavo Krieger, Luiz Antônio Novaes e Tales Faria	Jornalista, Jornalista, Jornalista	<i>Todos os Sócios do Presidente</i>	-	-	Ascritta

Fonte: O autor.

APÊNDICE E - Prêmio Jabuti de Literatura - "Biografia"¹ (1998-2020)

Ano	Categoria	Autor	Profissão	Obra	Protagonista	Ocupação	Editora
2020	Biografia, Documentário e Reportagem (Eixo: Ensaios)	Laurentino Gomes	Jornalista	<i>Escravidão, Vol. I: do primeiro leilão de cativos em Portugal até a morte de Zumbi dos Palmares</i>	-	-	Globo Livros
2019	Biografia, Documentário e Reportagem (Eixo: Ensaios)	Josélia Aguiar	Jornalista	<i>Jorge Amado: Uma biografia</i>	Jorge Leal Amado de Faria	Jornalista	Atualmente
2018	Biografia (Eixo: Ensaios)	Claudio Bojunga	Jornalista	<i>Roquette-Pinto: O corpo a corpo com o Brasil</i>	Edgard Roquette-Pinto	Jornalista	Casa da Palavra
2017	Biografia	Luiz Bernardo Pericás	Historiador	<i>Caio Prado Júnior: Uma biografia política</i>	Caio Prado Junior	Historiador	Boitempo
2016	Biografia	Eduardo Jardim	Filósofo	<i>Mário de Andrade: Eu sou Trezentos: Vida e Obra</i>	Mário de Andrade	Poeta	Edições de Janeiro
2015	Biografia	Daniel Aarão Reis	Historiador	<i>Luís Carlos Prestes: Um revolucionário entre dois mundos</i>	Luís Carlos Prestes	Líder político	Companhia das Letras

¹ Disponível em: <https://www.premiojabuti.com.br/premiados-por-edicao/>.

2014	Biografia	Lira Neto	Jornalista	<i>Getúlio: Do Governo Provisório à Ditadura do Estado Novo (1930-1945)</i>	Getúlio Dornelles Vargas	Líder político	Companhia das Letras
2013	Biografia	Mário Magalhães	Jornalista	<i>Marighella: O guerrilheiro que incendiou o mundo</i>	Carlos Marighella	Líder político	Companhia das Letras
2012	Biografia	José Paulo Cavalcanti Filho	Advogado	<i>Fernando Pessoa: Uma quase autobiografia</i>	Fernando Pessoa	Escritor	Record
2011	Biografia	Gilberto Freyre	Sociólogo	<i>De Menino a Homem: De mais de trinta e de quarenta, de sessenta e mais anos</i>	-	-	Globo Editora
2010	Biografia	Ricardo Alexandre	Jornalista	<i>Nem vem que não tem: A vida e o veneno de Wilson Simonal</i>	Wilson Simonal de Castro	Artista musical	Globo Livros
2009	Biografia	Lilia Moritz	Historiadora	<i>O sol do Brasil</i>	Nicolas-Antoine Taunay	Pintor	Companhia das Letras
2008	Biografia	José Murilo de Carvalho	Historiador	<i>Dom Pedro II</i>	Dom Pedro II	Monarca	Companhia das Letras
2007	Biografia	Lira Neto	Jornalista	<i>O Inimigo do Rei</i>	José Martiniano de Alencar	Jornalista	Globo Livros
2006	Biografia	Ruy Castro	Jornalista	<i>Carmen: Uma Biografia</i>	Maria do Carmo Miranda da Cunha	Artista musical	Companhia das Letras
2005	Reportagem e biografia	Klester Cavalcanti	Jornalista	<i>Viúvas da terra: Morte e impunidade nos rincões do Brasil</i>	-	-	Planeta
2004	Reportagem e biografia	Caco Barcellos	Jornalista	<i>Abusado: O dono do Morro Dona Marta</i>	-	-	Record

2003	Reportagem e biografia	José Inácio de Melo Souza	Historiador	<i>Paulo Emilio no Paraíso</i>	Paulo Emílio Salles Gomes	Crítico de cinema	Record
		Cláudia Furiati	Jornalista	<i>Fidel Castro</i>	Fidel Castro	Líder político	Revan
2002	Reportagem e biografia	Luiz Eduardo Soares	Antrópologo	<i>Meu casaco de general</i>	-	-	Companhia das Letras
		Marcus Vinícius de Freitas	Acadêmico	<i>Hartt: Expedições pelo Brasil Imperial</i>	-	-	Metalivros
2001	Ensaio e Biografia	Ronaldo Rogério de Freitas Mourão	Astrônomo	<i>A Astronomia na Época dos Descobrimentos</i>	-	-	Lacerda Editores
		Renato Janine Ribeiro	Filósofo	<i>A Sociedade Contra o Social</i>	-	-	Companhia das Letras
		Marcos Antonio de Moraes (org)	Acadêmico	<i>Correspondência: Mário de Andrade</i>	-	-	Duas Ou Mais Editoras
2000	Ensaio e Biografia	Alfredo Bosi	Historiador	<i>Machado de Assis: O enigma do olhar</i>	Machado de Assis	Escritor	Ática
		Ivan Teixeira	Acadêmico	<i>Mecenato Pombalino e Poesia Neoclássica</i>	-	-	Edusp
		Evaldo Cabral de Mello	Historiador	<i>O Negócio do Brasil</i>	-	-	Topbooks
1999	Ensaio e Biografia	Faya Ostrower	Artista plástica	<i>A Sensibilidade do Intelecto</i>	-	-	Campus

1998	Ensaio e Biografia	Marcelo Gleiser	Físico	<i>A Dança do Universo</i>	-	-	Companhia das Letras
------	--------------------	-----------------	--------	----------------------------	---	---	----------------------

Fonte: O autor.

APÊNDICE F – Carta às jornalistas biógrafas

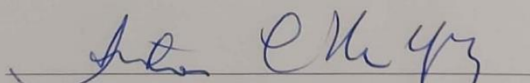
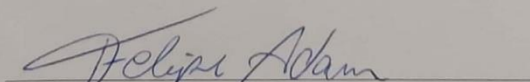
PUCRS

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO,
ARTES E DESIGN
FAMECOSPontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social**Carta**

Estimadas,

O jornalista e doutorando em Comunicação, **Felipe Adam**, matriculado na Escola de Comunicação, Artes e Design (FAMECOS) da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), realiza pesquisa a respeito de mulheres jornalistas brasileiras que realizam biografias no país. Com previsão de defesa em fevereiro de 2024, a tese em andamento - intitulada *QUANDO AS JORNALISTAS ASSUMEM O PROTAGONISMO: Memória do gênero biográfico brasileiro pela ótica feminina (1990- 2020)* - foi aprovada na banca de qualificação realizada em outubro do presente ano.

Com o intuito de iluminar a contribuição das mulheres biógrafas à história do jornalismo brasileiro, optou-se em aplicar a entrevista qualitativa, com questões semiestruturadas e abordagem em profundidade. Para que a etapa seja efetiva e facilite a logística de ambas as partes, optou-se em realizar as entrevistas com as jornalistas via sistema do Zoom Meetings. É com este sentido que tomamos a iniciativa de contactá-la. Desde logo, agradecemos sua compreensão e sua colaboração para a pesquisa.


Dr. Antonio Carlos Hohlfeldt (Orientador da pesquisa)
Msc. Felipe Adam (Doutorando e autor da pesquisa)

Porto Alegre (RS), dezembro de 2022.

APÊNDICE G - Questionário

EIXO 1: ASPECTOS BIOGRÁFICOS

- Nome completo. Idade. Naturalidade.
- Possui irmãos? Se sim, quantos?
- Relacionamento afetivo. Filhos?
- Quem foram as suas referências de cuidado? O seu pai e a sua mãe eram presentes?
- Formação / IES (sigla) / Ano / Localidade.
- Como foi a sua criação enquanto menina? A educação era baseada em um modelo rígido, conservador ou mais liberal?
- Quais os gêneros que a senhora aprecia enquanto leitura? E os autores que mais admira?
- Existe alguma personagem da literatura que lhe marcou ou alguma escritora que lhe serviu de inspiração?
- Gosta de ler biografias? Se sim, existe alguma obra que lhe marcou? Por quê?
- A senhora já leu biografias em outras línguas? Se sim, quais? E em qual suporte?
- Por que a senhora escolheu o jornalismo como profissão? Houve influências familiares?
- Como foram os estudos de jornalismo na faculdade? Havia alguma disciplina que mais lhe interessava?
- Em qual área desejava atuar após graduada? Sonhava estar empregada em algum veículo de comunicação?
- Se não fosse jornalista, trabalharia com o quê?
- Por fim, por que as pessoas se interessam tanto pela vida alheia?

EIXO 2: AMBIENTE JORNALÍSTICO

- Como foi seu ingresso nas redações?
- Conte um pouco de sua trajetória profissional.
- Quais as características que mais lhe recorda do ambiente de trabalho?
- Quais eram as editorias em que trabalhou? Havia segregação de gênero quanto às pautas? (Exemplo: a editoria de Polícia/Segurança era mais voltada aos homens em detrimento às mulheres)
- Qual a reportagem que mais lhe marcou? Por quê?
- Recebeu alguma premiação a respeito de uma matéria?
- A maternidade, se ocorreu, interferiu no percurso da profissão? Como?
- Qual o maior desafio da mulher jornalista no campo profissional?

- Qual o legado social que a senhora acredita ser a principal função do jornalismo?
- Se a senhora fosse professora de jornalismo, o que diria para uma turma de calouros (primeiro semestre) a respeito do que é ser jornalista?

EIXO 3: VIVÊNCIA AUTORAL

- Em que momento a senhora pensou em escrever um livro?
- Por que uma biografia? A senhora chegou a procurar algum jornalista que pudesse lhe aconselhar a respeito da escrita biográfica?
- Como se deu a escolha da personagem principal? Quais os motivos para essa decisão?
- Como foi a busca por uma editora?
- Procurou alguma pessoa para pedir conselho ou orientação a respeito da escrita do livro?
- Já foi convidada para escrever uma biografia encomendada (autorizada) ou até atuar enquanto *ghostwriter*?
- A senhora recebeu algum tipo de financiamento público/privado para custear sua pesquisa e, posteriormente, o período de escrita?
- Qual a metodologia de investigação aplicada na pesquisa biográfica?
- A senhora se recorda quantas pessoas foram entrevistadas?
- Houve algum problema com familiares do biografado?
- Precisou acessar informações de arquivos registrados em bibliotecas, universidades, museus ou jornais?
- A senhora poderia me contar possíveis dificuldades ou desafios ao longo da investigação?
- Ao longo do percurso de investigação biográfica, a senhora possuiu alguma rede familiar de apoio ou o trabalho foi extremamente solitário?
- Quando a senhora decidiu que a pesquisa já estava finalizada e era o momento de iniciar a escrita do livro?
- Acredita que possa existir um jeito feminino de narrar determinados acontecimentos?
- Como foi a sua relação junto aos editores? Existe algum prazo para o término da pesquisa e a entrega dos originais? Como se deu a decisão do tamanho da obra, divisão por capítulos e título da biografia, por exemplo?
- Qual foi a tiragem inicial do livro em questão? Desde o lançamento, você tem ideia de quantos exemplares foram vendidos até agora?
- A biografia em questão foi traduzida para algum idioma. Se sim, quais?
- Para a senhora, o que é uma biografia? Qual a função social desse gênero de não-ficção?
- Do seu ponto de vista, quem merece ou deve ser lembrado para a posteridade?

- Se puder, cite nomes de pessoas que mereceriam ser biografados.
- Em sua opinião, quais os motivos para se ter poucas mulheres biografadas no Brasil?
- Para escrever uma biografia, a senhora prefere um protagonista vivo ou morto?
- Qual a sua análise a respeito do mercado de trabalho em âmbito editorial para jornalistas escritores?
- Pretende se dedicar exclusivamente ao gênero biográfico? É possível viver como autora de livros no país?
- No segmento biográfico, ainda se tem muitas biografias escritas por estrangeiros. A senhora acredita que haja pouco interesse de jornalistas – especialmente mulheres – em se dedicar à escrita biográfica?
- Existe algum interesse em transformar o livro em filme ou documentário? Como foi o processo de adaptação da obra para o audiovisual?

ANEXO A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE): Alicia Klein



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Nós, o doutorando Felipe Adam e o professor Dr Antonio Carlos Hohlfeldt, responsáveis pela pesquisa **Quando as jornalistas assumem o protagonismo: Memória do gênero biográfico brasileiro pela ótica feminina (1990-2020)** estamos fazendo um convite para você participar como voluntária nesse estudo.

Esta pesquisa pretende identificar a produção biográfica de mulheres jornalistas à história do jornalismo brasileiro (1990-2020), além de apresentar a evolução do mercado editorial biográfico brasileiro; elaborar um mapa dos protagonistas biografados, durante o período selecionado no Brasil; e discutir a autoria das mulheres jornalistas, enquanto biógrafas. Acreditamos que ela seja importante porque, diante do fenômeno das biografias no Brasil, existe um nicho de trabalho jornalístico – tanto em função da produção, quanto de vendagem do segmento – e esta investigação objetiva desbravar questões ainda não debatidas na universidade, como a participação das mulheres jornalistas auras de biografias.

Para sua realização será feita a aplicação da entrevista qualitativa com questões semiestruturadas e abordagem em profundidade, na modalidade virtual, via () Google Meet / (X) Microsoft Teams. As ocasiões serão gravadas, apenas com o intuito de facilitar o registro e posterior transcrição das falas, sem transmissão no Youtube, nem compartilhada em qualquer rede social. A ideia é se concentrar na trajetória de cada entrevistada, a começar pelas influências familiares, o ingresso no curso de Jornalismo, a estreia nas redações, o interesse por biografias, a decisão pelo mercado editorial, a escolha da personagem principal, a metodologia aplicada na pesquisa biográfica, possíveis dificuldades e desafios ao longo da investigação, para que assim se possa traçar um esboço da realidade individual. Sua participação constará como convidada. O projeto não apresenta quaisquer riscos significativos, na medida em que se trata de entrevistas aplicadas de maneira remota, visando conhecer detalhadamente os processos de concretização das narrativas biográficas em estudo.

Os benefícios que esperamos do estudo são novas abordagens a respeito da pesquisa jornalística em âmbito biográfico, uma área ainda pouco debatida no Brasil. Embora se tenha trabalhos que dialoguem com a participação feminina no jornalismo, quase nenhuma investigação aborda a inserção das jornalistas como biógrafas brasileiras. Assim, este trabalho tenta contribuir para uma compreensão de uma parcela da história, ainda não debatida, sobre o jornalismo brasileiro.

Durante todo o período da pesquisa você tem o direito de sanar qualquer dúvida ou pedir qualquer informação sobre o estudo, bastando para isso entrar em contato, com o professor orientador **Dr. Antonio Carlos Hohlfeldt**, no telefone (51) 99981-5613 ou no e-mail a_hohlfeldt@yahoo.com.br. Também poderá ser contatado o autor do projeto, doutorando Felipe Adam, no telefone (47) 99988-5855 ou no e-mail felipeadam91@gmail.com. Para garantia de esclarecimentos, você poderá entrar em contato a qualquer hora.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

Você tem garantido o seu direito de não aceitar participar ou de retirar sua permissão, a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo ou retaliação, pela sua decisão. As informações desta pesquisa serão confidenciais, e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas.

Caso você tenha qualquer dúvida quanto aos seus direitos como participante de pesquisa, entre em contato com Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (CEP-PUCRS) em (51) 33203345, Av. Ipiranga, 6681/prédio 50 sala 703, CEP: 90619-900, Bairro Partenon, Porto Alegre – RS, e-mail: cep@pucls.br, de segunda a sexta-feira das 8h às 12h e das 13h30 às 17h. O Comitê de Ética é um órgão independente constituído de profissionais das diferentes áreas do conhecimento e membros da comunidade. Sua responsabilidade é garantir a proteção dos direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes por meio da revisão e da aprovação do estudo, entre outras ações.

Ao assinar este termo de consentimento, você não abre mão de nenhum direito legal que teria de outra forma. Não assine este termo de consentimento a menos que tenha tido a oportunidade de fazer perguntas e tenha recebido respostas satisfatórias para todas as suas dúvidas. Se você concordar em participar deste estudo, você rubricará todas as páginas e assinará e datará duas vias originais deste termo de consentimento. Você receberá uma das vias para seus registros e a outra será arquivada pelo responsável pelo estudo.

Eu, Alicia Klein, após a leitura deste documento e de ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado, ficando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade e esclarecimentos sempre que desejar.

Diante do exposto, expresso minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo, autorizando o uso, compartilhamento e publicação das informações resultantes da entrevista para a confecção da tese de doutorado, publicação de artigos e participação em eventos científicos, sem o anonimato das participantes da pesquisa.

Porto Alegre (RS), 24, de abril de 2023.

Alicia Klein
Assinatura da participante da pesquisa

Dr. Antônio Carlos Hohlfeldt
Dr. Antônio Carlos Hohlfeldt (Orientador da pesquisa)

Felipe Adam
Msc. Felipe Adam (Doutorando e autor da pesquisa)

ANEXO B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE): Maria Dolores Duarte



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Nós, o doutorando Felipe Adam e o professor Dr Antonio Carlos Hohlfeldt, responsáveis pela pesquisa *Quando as jornalistas assumem o protagonismo: Memória do gênero biográfico brasileiro pela ótica feminina (1990-2020)* estamos fazendo um convite para você participar como voluntária nesse estudo.

Esta pesquisa pretende identificar a produção biográfica de mulheres jornalistas à história do jornalismo brasileiro (1990-2020), além de apresentar a evolução do mercado editorial biográfico brasileiro; elaborar um mapa dos protagonistas biografados, durante o período selecionado no Brasil; e discutir a autoria das mulheres jornalistas, enquanto biógrafas. Acreditamos que ela seja importante porque, diante do fenômeno das biografias no Brasil, existe um nicho de trabalho jornalístico – tanto em função da produção, quanto de vendagem do segmento – e esta investigação objetiva desbravar questões ainda não debatidas na universidade, como a participação das mulheres jornalistas autoras de biografias.

Para sua realização será feita a aplicação da entrevista qualitativa com questões semiestruturadas e abordagem em profundidade, na modalidade virtual, via Google Meet / () Microsoft Teams. As ocasiões serão gravadas, apenas com o intuito de facilitar o registro e posterior transcrição das falas, sem transmissão no Youtube, nem compartilhada em qualquer rede social. A ideia é se concentrar na trajetória de cada entrevistada, a começar pelas influências familiares, o ingresso no curso de Jornalismo, a estreia nas redações, o interesse por biografias, a decisão pelo mercado editorial, a escolha da personagem principal, a metodologia aplicada na pesquisa biográfica, possíveis dificuldades e desafios ao longo da investigação, para que assim se possa traçar um esboço da realidade individual. Sua participação constará como convidada. O projeto não apresenta quaisquer riscos significativos, na medida em que se trata de entrevistas aplicadas de maneira remota, visando conhecer detalhadamente os processos de concretização das narrativas biográficas em estudo.

Os benefícios que esperamos do estudo são novas abordagens a respeito da pesquisa jornalística em âmbito biográfico, uma área ainda pouco debatida no Brasil. Embora se tenha trabalhos que dialoguem com a participação feminina no jornalismo, quase nenhuma investigação aborda a inserção das jornalistas como biógrafas brasileiras. Assim, este trabalho tenta contribuir para uma compreensão de uma parcela da história, ainda não debatida, sobre o jornalismo brasileiro.

Durante todo o período da pesquisa você tem o direito de sanar qualquer dúvida ou pedir qualquer informação sobre o estudo, bastando para isso entrar em contato, com o professor orientador **Dr. Antonio Carlos Hohlfeldt**, no telefone (51) 99981-5613 ou no e-mail a_hohlfeldt@yahoo.com.br. Também poderá ser contatado o autor do projeto, doutorando **Felipe Adam**, no telefone (47) 99988-5855 ou no e-mail felipeadam91@gmail.com. Para garantia de esclarecimentos, você poderá entrar em contato a qualquer hora.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

Você tem garantido o seu direito de não aceitar participar ou de retirar sua permissão, a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo ou retaliação, pela sua decisão. As informações desta pesquisa serão confidenciais, e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas.

Caso você tenha qualquer dúvida quanto aos seus direitos como participante de pesquisa, entre em contato com Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (CEP-PUCRS) em (51) 33203345, Av. Ipiranga, 6681/prédio 50 sala 703, CEP: 90619-900, Bairro Partenon, Porto Alegre – RS, e-mail: cep@pucrs.br, de segunda a sexta-feira das 8h às 12h e das 13h30 às 17h. O Comitê de Ética é um órgão independente constituído de profissionais das diferentes áreas do conhecimento e membros da comunidade. Sua responsabilidade é garantir a proteção dos direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes por meio da revisão e da aprovação do estudo, entre outras ações.

Ao assinar este termo de consentimento, você não abre mão de nenhum direito legal que teria de outra forma. Não assine este termo de consentimento a menos que tenha tido a oportunidade de fazer perguntas e tenha recebido respostas satisfatórias para todas as suas dúvidas. Se você concordar em participar deste estudo, você rubricará todas as páginas e assinará e datará duas vias originais deste termo de consentimento. Você receberá uma das vias para seus registros e a outra será arquivada pelo responsável pelo estudo.

Eu, Maria Dolores Ruiz de Rio Branco, após a leitura deste documento e de ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado, ficando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade e esclarecimentos sempre que desejar.

Diante do exposto, expresso minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo, autorizando o uso, compartilhamento e publicação das informações resultantes da entrevista para a confecção da tese de doutorado, publicação de artigos e participação em eventos científicos, sem o anonimato das participantes da pesquisa.

Porto Alegre (RS), 25, de abril de 2023.

Maria Dolores Ruiz de Rio Branco

Assinatura da participante da pesquisa

Antonio Carlos Hohlfeldt
Dr. Antônio Carlos Hohlfeldt (Orientador da pesquisa)

Felipe Adam
Msc. Felipe Adam (Doutorando e autor da pesquisa)

ANEXO C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE): Leneide Duarte-Plon



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
PRO-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Nós, o doutorando Felipe Adam e o professor Dr Antonio Carlos Hohlfeldt, responsáveis pela pesquisa **Quando as jornalistas assumem o protagonismo: Memória do gênero biográfico brasileiro pela ótica feminina (1990-2020)** estamos fazendo um convite para você participar como voluntária nesse estudo.

Esta pesquisa pretende identificar a produção biográfica de mulheres jornalistas à história do jornalismo brasileiro (1990-2020), além de apresentar a evolução do mercado editorial biográfico brasileiro; elaborar um mapa dos protagonistas biografados, durante o período selecionado no Brasil; e discutir a autoria das mulheres jornalistas, enquanto biógrafas. Acreditamos que ela seja importante porque, diante do fenômeno das biografias no Brasil, existe um nicho de trabalho jornalístico – tanto em função da produção, quanto de venda do segmento – e esta investigação objetiva desbravar questões ainda não debatidas na universidade, como a participação das mulheres jornalistas autoras de biografias.

Para sua realização será feita a aplicação da entrevista qualitativa com questões semiestruturadas e abordagem em profundidade, na modalidade virtual, via () Google Meet / (X) Microsoft Teams. As ocasiões serão gravadas, apenas com o intuito de facilitar o registro e posterior transcrição das falas, sem transmissão no Youtube, nem compartilhada em qualquer rede social. A ideia é se concentrar na trajetória de cada entrevistada, a começar pelas influências familiares, o ingresso no curso de Jornalismo, a estreia nas redações, o interesse por biografias, a decisão pelo mercado editorial, a escolha da personagem principal, a metodologia aplicada na pesquisa biográfica, possíveis dificuldades e desafios ao longo da investigação, para que assim se possa traçar um esboço da realidade individual. Sua participação constará como convidada. O projeto não apresenta quaisquer riscos significativos, na medida em que se trata de entrevistas aplicadas de maneira remota, visando conhecer detalhadamente os processos de concretização das narrativas biográficas em estudo.

Os benefícios que esperamos do estudo são novas abordagens a respeito da pesquisa jornalística em âmbito biográfico, uma área ainda pouco debatida no Brasil. Embora se tenha trabalhos que dialoguem com a participação feminina no jornalismo, quase nenhuma investigação aborda a inserção das jornalistas como biógrafas brasileiras. Assim, este trabalho tenta contribuir para uma compreensão de uma parcela da história, ainda não debatida, sobre o jornalismo brasileiro.

Durante todo o período da pesquisa você tem o direito de sanar qualquer dúvida ou pedir qualquer informação sobre o estudo, bastando para isso entrar em contato, com o professor orientador Dr. Antonio Carlos Hohlfeldt, no telefone (51) 99981-5613 ou no e-mail a_hohlfeldt@yahoo.com.br. Também poderá ser contatado o autor do projeto, doutorando Felipe Adam, no telefone (47) 99988-5855 ou no e-mail felipeadam91@gmail.com. Para garantia de esclarecimentos, você poderá entrar em contato a qualquer hora.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

Você tem garantido o seu direito de não aceitar participar ou de retirar sua permissão, a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo ou retaliação, pela sua decisão. As informações desta pesquisa serão confidenciais, e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas.

Caso você tenha qualquer dúvida quanto aos seus direitos como participante de pesquisa, entre em contato com Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (CEP-PUCRS) em (51) 33203345, Av. Ipiranga, 6681/prédio 50 sala 703, CEP: 90619-900, Bairro Partenon, Porto Alegre – RS, e-mail: cep@pucls.br, de segunda a sexta-feira das 8h às 12h e das 13h30 às 17h. O Comitê de Ética é um órgão independente constituído de profissionais das diferentes áreas do conhecimento e membros da comunidade. Sua responsabilidade é garantir a proteção dos direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes por meio da revisão e da aprovação do estudo, entre outras ações.

Ao assinar este termo de consentimento, você não abre mão de nenhum direito legal que teria de outra forma. Não assine este termo de consentimento a menos que tenha tido a oportunidade de fazer perguntas e tenha recebido respostas satisfatórias para todas as suas dúvidas. Se você concordar em participar deste estudo, você rubricará todas as páginas e assinará e datará duas vias originais deste termo de consentimento. Você receberá uma das vias para seus registros e a outra será arquivada pelo responsável pelo estudo.

Eu, LENEIDE DUARTE-PLON, após a leitura deste documento e de ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado, ficando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade e esclarecimentos sempre que desejar.

Diante do exposto, expresso minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo, autorizando o uso, compartilhamento e publicação das informações resultantes da entrevista para a confecção da tese de doutorado, publicação de artigos e participação em eventos científicos, sem o anonimato das participantes da pesquisa.

Porto Alegre (RS), 26 de abril de 2023.

Lenéide Duarte-Plon

Assinatura da participante da pesquisa

Antonio Carlos Hohlfeldt
Dr. Antonio Carlos Hohlfeldt (Orientador da pesquisa)

Felipe Adam
Msc. Felipe Adam (Doutorando e autor da pesquisa)

ANEXO D - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE): Clarisse Meireles

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Nós, o doutorando **Felipe Adam** e o professor **Dr Antonio Carlos Hohlfeldt**, responsáveis pela pesquisa **Quando as jornalistas assumem o protagonismo: Memória do gênero biográfico brasileiro pela ótica feminina (1990-2020)** estamos fazendo um convite para você participar como voluntária nesse estudo.

Esta pesquisa pretende identificar a produção biográfica de mulheres jornalistas à história do jornalismo brasileiro (1990-2020), além de apresentar a evolução do mercado editorial biográfico brasileiro; elaborar um mapa dos protagonistas biografados, durante o período selecionado no Brasil; e discutir a autoria das mulheres jornalistas, enquanto biógrafas. Acreditamos que ela seja importante porque, diante do fenômeno das biografias no Brasil, existe um nicho de trabalho jornalístico – tanto em função da produção, quanto de vendagem do segmento – e esta investigação objetiva desbravar questões ainda não debatidas na universidade, como a participação das mulheres jornalistas auras de biografias.

Para sua realização será feita a aplicação da entrevista qualitativa com questões semiestruturadas e abordagem em profundidade, na modalidade virtual, via () Google Meet / (X) Microsoft Teams. As ocasiões serão gravadas, apenas com o intuito de facilitar o registro e posterior transcrição das falas, sem transmissão no Youtube, nem compartilhada em qualquer rede social. A ideia é se concentrar na trajetória de cada entrevistada, a começar pelas influências familiares, o ingresso no curso de Jornalismo, a estreia nas redações, o interesse por biografias, a decisão pelo mercado editorial, a escolha da personagem principal, a metodologia aplicada na pesquisa biográfica, possíveis dificuldades e desafios ao longo da investigação, para que assim se possa traçar um esboço da realidade individual. Sua participação constará como convidada. O projeto não apresenta quaisquer riscos significativos, na medida em que se trata de entrevistas aplicadas de maneira remota, visando conhecer detalhadamente os processos de concretização das narrativas biográficas em estudo.

Os benefícios que esperamos do estudo são novas abordagens a respeito da pesquisa jornalística em âmbito biográfico, uma área ainda pouco debatida no Brasil. Embora se tenha trabalhos que dialoguem com a participação feminina no jornalismo, quase nenhuma investigação aborda a inserção das jornalistas como biógrafas brasileiras. Assim, este trabalho tenta contribuir para uma compreensão de uma parcela da história, ainda não debatida, sobre o jornalismo brasileiro.

Durante todo o período da pesquisa você tem o direito de sanar qualquer dúvida ou pedir qualquer informação sobre o estudo, bastando para isso entrar em contato, com o professor orientador **Dr. Antonio Carlos Hohlfeldt**, no telefone (51) 99981-5613 ou no e-mail a_hohlfeldt@yahoo.com.br. Também poderá ser contactado o autor do projeto, doutorando **Felipe Adam**, no telefone (47) 99988-5855 ou no e-mail felipeadam91@gmail.com. Para garantia de esclarecimentos, você poderá entrar em contato a qualquer hora.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

Você tem garantido o seu direito de não aceitar participar ou de retirar sua permissão, a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo ou retaliação, pela sua decisão. As informações desta pesquisa serão confidenciais, e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas.

Caso você tenha qualquer dúvida quanto aos seus direitos como participante de pesquisa, entre em contato com Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (CEP-PUCRS) em (51) 33203345, Av. Ipiranga, 6681/prédio 50 sala 703, CEP: 90619-900, Bairro Partenon, Porto Alegre – RS, e-mail: cep@pucls.br, de segunda a sexta-feira das 8h às 12h e das 13h30 às 17h. O Comitê de Ética é um órgão independente constituído de profissionais das diferentes áreas do conhecimento e membros da comunidade. Sua responsabilidade é garantir a proteção dos direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes por meio da revisão e da aprovação do estudo, entre outras ações.

Ao assinar este termo de consentimento, você não abre mão de nenhum direito legal que teria de outra forma. Não assine este termo de consentimento a menos que tenha tido a oportunidade de fazer perguntas e tenha recebido respostas satisfatórias para todas as suas dúvidas. Se você concordar em participar deste estudo, você rubricará todas as páginas e assinará e datará duas vias originais deste termo de consentimento. Você receberá uma das vias para seus registros e a outra será arquivada pelo responsável pelo estudo.

Eu, CLARISSE DUARTE DE MEIRELES, após a leitura deste documento e de ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado, ficando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade e esclarecimentos sempre que desejar.

Diante do exposto, expresso minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo, autorizando o uso, compartilhamento e publicação das informações resultantes da entrevista para a confecção da tese de doutorado, publicação de artigos e participação em eventos científicos, sem o anonimato das participantes da pesquisa.

Porto Alegre (RS), 26 de abril de 2023.

CE 30
Assinatura da participante da pesquisa

Antonio Carlos Hohlfeldt
Dr. Antonio Carlos Hohlfeldt (Orientador da pesquisa)

Felipe Adam
Msc. Felipe Adam (Doutorando e autor da pesquisa)

ANEXO E - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE): Regina Echeverria



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
PRO-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Nós, o doutorando Felipe Adem e o professor Dr. Antonio Carlos Hohlfeldt, responsáveis pela pesquisa Quando as jornalistas assinam o protagonismo: Memórias do gênero biográfico brasileiro pela data feminista (1990-2020) estamos fazendo um convite para você participar como voluntária nesse estudo.

Esta pesquisa pretende identificar a produção biográfica de mulheres jornalistas à história do jornalismo brasileiro (1990-2020), além de apresentar e avaliar o mercado editorial biográfico brasileiro; elaborar um mapa dos protagonistas biografados, durante o período selecionado no Brasil; e discutir a autoria das mulheres jornalistas, enquanto biógrafas. Acreditamos que ele seja importante porque, diante do fenômeno das biografias no Brasil, existe um nicho de trabalho jornalístico – tanto em função da produção, quanto de venda do segmento – e esta investigação objetiva desbravar questões ainda não debatidas na universidade, como a participação das mulheres jornalistas autoras de biografias.

Para sua realização será feita a aplicação de entrevista qualitativa com questões semiestruturadas e abordagem em profundidade, na modalidade virtual, via Google Meet / () Microsoft Teams. As ocasiões serão gravadas, apenas com o intuito de facilitar o registro e posterior transcrição das falas, sem transmissão no Youtube, nem compartilhada em qualquer rede social. A ideia é se concentrar na trajetória de cada entrevistada, a começar pelas influências familiares, o ingresso no curso de Jornalismo, a estreia nas redações, o interesse por biografias, a decisão pelo mercado editorial, a escolha de personagem principal, a metodologia aplicada na pesquisa biográfica, possíveis dificuldades e desafios ao longo da investigação, para que assim se possa traçar um esboço da realidade individual. Sua participação constará como convidada. O projeto não apresenta quaisquer riscos significativos, na medida em que se trata de entrevistas aplicadas de maneira remota, visando conhecer detalhadamente os processos de concretização das narrativas biográficas em estudo.

Os benefícios que esperamos do estudo são novas abordagens a respeito da pesquisa jornalística em âmbito biográfico, uma área ainda pouco detalhada no Brasil. Embora se tenha trabalhos que dialoguem com a participação feminina no jornalismo, quase nenhuma investigação aborda a inserção das jornalistas como biógrafas brasileiras. Assim, este trabalho tenta contribuir para uma compreensão de uma parcela de história, ainda não debatida, sobre o jornalismo brasileiro.

Durante todo o período da pesquisa você tem o direito de saber qualquer dúvida ou pedir qualquer informação sobre o estudo, bastando para isso entrar em contato, com o professor orientador Dr. Antonio Carlos Hohlfeldt, no telefone (51) 99981-5613 ou no e-mail a_hohlfeldt@yahoo.com.br. Também poderá ser contatado o autor do projeto, doutorando Felipe Adem, no telefone (47) 99988-5855 ou no e-mail felipeadem916@gmail.com. Para garantir do seu anonimato, você poderá entrar em contato a qualquer hora.

Av. Itália, 3091 – Prédio 50 – Sala 703 – CEP 91201-900 | Porto Alegre, RS – Brasil
Fone: (51) 3320-3343 | E-mail: eap@pucrs.br | www.pucrs.br

Escaneado com CamScanner



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

Você tem garantido o seu direito de não aceitar participar ou de retirar sua permissão, a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo ou retaliação, pela sua decisão. As informações desta pesquisa serão confidenciais, e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas.

Caso você tenha qualquer dúvida quanto aos seus direitos como participante de pesquisa, entre em contato com Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (CEP-PUCRS) em (51) 33203345, Av. Ipiranga, 6681/prédio 50 sala 703, CEP: 90619-900, Bairro Partenon, Porto Alegre – RS, e-mail: cep@pucls.br, de segunda a sexta-feira das 8h às 12h e das 13h30 às 17h. O Comitê de Ética é um órgão independente constituído de profissionais das diferentes áreas do conhecimento e membros da comunidade. Sua responsabilidade é garantir a proteção dos direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes por meio da revisão e da aprovação do estudo, entre outras ações.

Ao assinar este termo de consentimento, você não abre mão de nenhum direito legal que teria de outra forma. Não assine este termo de consentimento a menos que tenha tido a oportunidade de fazer perguntas e tenha recebido respostas satisfatórias para todas as suas dúvidas. Se você concordar em participar deste estudo, você rubricará todas as páginas e assinará e datará duas vias originais deste termo de consentimento. Você receberá uma das vias para seus registros e a outra será arquivada pelo responsável pelo estudo.

Eu, REGINA ECHEUSERRIA após a leitura deste documento e de ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado, ficando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade e esclarecimentos sempre que desejar.

Diante do exposto, expresso minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo, autorizando o uso, compartilhamento e publicação das informações resultantes da entrevista para a confecção da tese de doutorado, publicação de artigos e participação em eventos científicos, sem o anonimato das participantes da pesquisa.


Porto Alegre (RS), 27 de abril de 2023

Regina Echeuserria
Assinatura da participante da pesquisa

Antonio Carlos Hohlfeldt
Dr. Antonio Carlos Hohlfeldt (Orientador da pesquisa)

Felipe Adam
Msc. Felipe Adam (Doutorando e autor da pesquisa)

ANEXO F - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE): Luciana Hidalgo


Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
 PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Nós, o doutorando **Felipe Adam** e o professor **Dr Antonio Carlos Hohlfeldt**, responsáveis pela pesquisa **“Quando as jornalistas assumem o protagonismo: Memória do gênero biográfico brasileiro pela ótica feminina (1990-2020)”** estamos fazendo um convite para você participar como voluntário nesse estudo.

Esta pesquisa pretende identificar a produção biográfica de mulheres jornalistas à história do jornalismo brasileiro (1990-2020), além de apresentar a evolução do mercado editorial biográfico brasileiro; elaborar um mapa dos protagonistas biografados, durante o período selecionado no Brasil; e discutir a autoria das mulheres jornalistas, enquanto biógrafas. Acreditamos que ela seja importante porque, diante do fenômeno das biografias no Brasil, existe um nicho de trabalho jornalístico – tanto em função da produção, quanto de vendagem do segmento – e esta investigação objetiva desbravar questões ainda não debatidas na universidade, como a participação das mulheres jornalistas auroras de biografias.

Para sua realização será feita a aplicação da entrevista qualitativa com questões semiestruturadas e abordagem em profundidade, na modalidade virtual, via () Zoom Meetings / Google Meet / () Microsoft Teams / () Skype. As ocasiões serão gravadas, apenas com o intuito de facilitar o registro e posterior transcrição das falas. A ideia é se concentrar na trajetória de cada entrevistada, a começar pelas influências familiares, o ingresso no curso de Jornalismo, a estreia nas redações, o interesse por biografias, a decisão pelo mercado editorial, a escolha da personagem principal, a metodologia aplicada na pesquisa biográfica, possíveis dificuldades e desafios ao longo da investigação, para que assim se possa traçar um esboço da realidade individual. Sua participação constará como convidada. O projeto não apresenta quaisquer riscos significativos, na medida em que se trata de entrevistas aplicadas de maneira remota, visando conhecer detalhadamente os processos de concretização das narrativas biográficas em estudo.

Os benefícios que esperamos do estudo são novas abordagens a respeito da pesquisa jornalística em âmbito biográfico, uma área ainda pouco debatida no Brasil. Embora se tenha trabalhos que dialoguem com a participação feminina no jornalismo, quase nenhuma investigação aborda a inserção das jornalistas como biógrafas brasileiras. Assim, este trabalho tenta contribuir para uma compreensão de uma parcela da história, ainda não debatida, sobre o jornalismo brasileiro.

Durante todo o período da pesquisa você tem o direito de sanar qualquer dúvida ou pedir qualquer informação sobre o estudo, bastando para isso entrar em contato, com o professor orientador **Dr. Antonio Carlos Hohlfeldt**, no telefone (51) 99981-5613 ou no e-mail a_hohlfeldt@yahoo.com.br. Também poderá ser contatado o autor do projeto, doutorando **Felipe Adam**, no telefone (47) 99988-5855 ou no e-mail felipeadam91@gmail.com. Para garantia de esclarecimentos, você poderá entrar em contato a qualquer hora.

Av. Ipiranga, 6681 – Prédio 50 – Sala 703 | CEP 90619-900 | Porto Alegre, RS – Brasil
 Fone: (51) 3320-3345 | E-mail: cep@pucrs.br | www.pucrs.br



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

Você tem garantido o seu direito de não aceitar participar ou de retirar sua permissão, a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo ou retaliação, pela sua decisão. As informações desta pesquisa serão confidenciais, e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas.

Caso você tenha qualquer dúvida quanto aos seus direitos como participante de pesquisa, entre em contato com Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (CEP-PUCRS) em (51) 33203345, Av. Ipiranga, 6681/prédio 50 sala 703, CEP: 90619-900, Bairro Partenon, Porto Alegre - RS, e-mail: cep@pucrs.br, de segunda a sexta-feira das 8h às 12h e das 13h30 às 17h. O Comitê de Ética é um órgão independente constituído de profissionais das diferentes áreas do conhecimento e membros da comunidade. Sua responsabilidade é garantir a proteção dos direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes por meio da revisão e da aprovação do estudo, entre outras ações.

Ao assinar este termo de consentimento, você não abre mão de nenhum direito legal que teria de outra forma. Não assine este termo de consentimento a menos que tenha tido a oportunidade de fazer perguntas e tenha recebido respostas satisfatórias para todas as suas dúvidas. Se você concordar em participar deste estudo, você rubricará todas as páginas e assinará e datará duas vias originais deste termo de consentimento. Você receberá uma das vias para seus registros e a outra será arquivada pelo responsável pelo estudo.

Eu, LUCIANA HIDALGO, após a leitura deste documento e de ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado, ficando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade e esclarecimentos sempre que desejar.

Diante do exposto explico minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo, autorizando o uso, compartilhamento e publicação das informações resultantes da entrevista para a confecção da tese de doutorado.

Porto Alegre (RS), 28, de abril de 2023.

Luciana Hidalgo

Assinatura da participante da pesquisa

Dr. Antonio Carlos Hohlfeldt
Dr. Antonio Carlos Hohlfeldt (Orientador da pesquisa)

Felipe Adam
Msc. Felipe Adam (Doutorando e autor da pesquisa)

ANEXO G - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE): Janaína Marquesini



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Nós, o doutorando **Felipe Adam** e o professor **Dr Antonio Carlos Hohlfeldt**, responsáveis pela pesquisa **Quando as jornalistas assumem o protagonismo: Memória do gênero biográfico brasileiro pela ótica feminina (1990-2020)** estamos fazendo um convite para você participar como voluntária nesse estudo.

Esta pesquisa pretende identificar a produção biográfica de mulheres jornalistas à história do jornalismo brasileiro (1990-2020), além de apresentar a evolução do mercado editorial biográfico brasileiro; elaborar um mapa dos protagonistas biografados, durante o período selecionado no Brasil; e discutir a autoria das mulheres jornalistas, enquanto biógrafas. Acreditamos que ela seja importante porque, diante do fenômeno das biografias no Brasil, existe um nicho de trabalho jornalístico – tanto em função da produção, quanto de vendagem do segmento – e esta investigação objetiva desbravar questões ainda não debatidas na universidade, como a participação das mulheres jornalistas auroras de biografias.

Para sua realização será feita a aplicação da entrevista qualitativa com questões semiestruturadas e abordagem em profundidade, na modalidade virtual, via () Google Meet / (X) Microsoft Teams. As ocasiões serão gravadas, apenas com o intuito de facilitar o registro e posterior transcrição das falas, sem transmissão no Youtube, nem compartilhada em qualquer rede social. A ideia é se concentrar na trajetória de cada entrevistada, a começar pelas influências familiares, o ingresso no curso de Jornalismo, a estreia nas redações, o interesse por biografias, a decisão pelo mercado editorial, a escolha da personagem principal, a metodologia aplicada na pesquisa biográfica, possíveis dificuldades e desafios ao longo da investigação, para que assim se possa traçar um esboço da realidade individual. Sua participação constará como convidada. O projeto não apresenta quaisquer riscos significativos, na medida em que se trata de entrevistas aplicadas de maneira remota, visando conhecer detalhadamente os processos de concretização das narrativas biográficas em estudo.

Os benefícios que esperamos do estudo são novas abordagens a respeito da pesquisa jornalística em âmbito biográfico, uma área ainda pouco debatida no Brasil. Embora se tenha trabalhos que dialoguem com a participação feminina no jornalismo, quase nenhuma investigação aborda a inserção das jornalistas como biógrafas brasileiras. Assim, este trabalho tenta contribuir para uma compreensão de uma parcela da história, ainda não debatida, sobre o jornalismo brasileiro.

Durante todo o período da pesquisa você tem o direito de sanar qualquer dúvida ou pedir qualquer informação sobre o estudo, bastando para isso entrar em contato, com o professor orientador **Dr. Antonio Carlos Hohlfeldt**, no telefone (51) 99981-5613 ou no e-mail a_hohlfeldt@yahoo.com.br. Também poderá ser contatado o autor do projeto, doutorando **Felipe Adam**, no telefone (47) 99988-5855 ou no e-mail felipeadam91@gmail.com. Para garantia de esclarecimentos, você poderá entrar em contato a qualquer hora.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

Você tem garantido o seu direito de não aceitar participar ou de retirar sua permissão, a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo ou retaliação, pela sua decisão. As informações desta pesquisa serão confidenciais, e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas.

Caso você tenha qualquer dúvida quanto aos seus direitos como participante de pesquisa, entre em contato com Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (CEP-PUCRS) em (51) 33203345, Av. Ipiranga, 6681/prédio 50 sala 703, CEP: 90619-900, Bairro Partenon, Porto Alegre – RS, e-mail: cep@pucls.br, de segunda a sexta-feira das 8h às 12h e das 13h30 às 17h. O Comitê de Ética é um órgão independente constituído de profissionais das diferentes áreas do conhecimento e membros da comunidade. Sua responsabilidade é garantir a proteção dos direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes por meio da revisão e da aprovação do estudo, entre outras ações.

Ao assinar este termo de consentimento, você não abre mão de nenhum direito legal que teria de outra forma. Não assine este termo de consentimento a menos que tenha tido a oportunidade de fazer perguntas e tenha recebido respostas satisfatórias para todas as suas dúvidas. Se você concordar em participar deste estudo, você rubricará todas as páginas e assinará e datará duas vias originais deste termo de consentimento. Você receberá uma das vias para seus registros e a outra será arquivada pelo responsável pelo estudo.

Eu, Janaína Maquellini Borges, após a leitura deste documento e de ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado, ficando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade e esclarecimentos sempre que desejar.

Diante do exposto, expresso minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo, autorizando o uso, compartilhamento e publicação das informações resultantes da entrevista para a confecção da tese de doutorado, publicação de artigos e participação em eventos científicos, sem o anonimato das participantes da pesquisa.

Porto Alegre (RS), 02, de maio de 2023.

Janaína Maquellini Borges
Assinatura da participante da pesquisa

Antonio C. Meyer
Dr. Antônio Carlos Hohlfeldt (Orientador da pesquisa)

Felipe Adam
Msc. Felipe Adam (Doutorando e autor da pesquisa)

ANEXO H - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE): Luana Costa



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Nós, o doutorando **Felipe Adam** e o professor **Dr Antonio Carlos Hohlfeldt**, responsáveis pela pesquisa **Quando as jornalistas assumem o protagonismo: Memória do gênero biográfico brasileiro pela ótica feminina (1990-2020)** estamos fazendo um convite para você participar como voluntária nesse estudo.

Esta pesquisa pretende identificar a produção biográfica de mulheres jornalistas à história do jornalismo brasileiro (1990-2020), além de apresentar a evolução do mercado editorial biográfico brasileiro; elaborar um mapa dos protagonistas biografados, durante o período selecionado no Brasil; e discutir a autoria das mulheres jornalistas, enquanto biógrafas. Acreditamos que ela seja importante porque, diante do fenômeno das biografias no Brasil, existe um nicho de trabalho jornalístico – tanto em função da produção, quanto de vendagem do segmento – e esta investigação objetiva desbravar questões ainda não debatidas na universidade, como a participação das mulheres jornalistas auroras de biografias.

Para sua realização será feita a aplicação da entrevista qualitativa com questões semiestruturadas e abordagem em profundidade, na modalidade virtual, via () Google Meet / (X) Microsoft Teams. As ocasiões serão gravadas, apenas com o intuito de facilitar o registro e posterior transcrição das falas, sem transmissão no Youtube, nem compartilhada em qualquer rede social. A ideia é se concentrar na trajetória de cada entrevistada, a começar pelas influências familiares, o ingresso no curso de Jornalismo, a estreia nas redações, o interesse por biografias, a decisão pelo mercado editorial, a escolha da personagem principal, a metodologia aplicada na pesquisa biográfica, possíveis dificuldades e desafios ao longo da investigação, para que assim se possa traçar um esboço da realidade individual. Sua participação constará como convidada. O projeto não apresenta quaisquer riscos significativos, na medida em que se trata de entrevistas aplicadas de maneira remota, visando conhecer detalhadamente os processos de concretização das narrativas biográficas em estudo.

Os benefícios que esperamos do estudo são novas abordagens a respeito da pesquisa jornalística em âmbito biográfico, uma área ainda pouco debatida no Brasil. Embora se tenha trabalhos que dialoguem com a participação feminina no jornalismo, quase nenhuma investigação aborda a inserção das jornalistas como biógrafas brasileiras. Assim, este trabalho tenta contribuir para uma compreensão de uma parcela da história, ainda não debatida, sobre o jornalismo brasileiro.

Durante todo o período da pesquisa você tem o direito de sanar qualquer dúvida ou pedir qualquer informação sobre o estudo, bastando para isso entrar em contato, com o professor orientador **Dr. Antonio Carlos Hohlfeldt**, no telefone (51) 99981-5613 ou no e-mail a_hohlfeldt@yahoo.com.br. Também poderá ser contatado o autor do projeto, doutorando **Felipe Adam**, no telefone (47) 99988-5855 ou no e-mail felipeadam91@gmail.com. Para garantia de esclarecimentos, você poderá entrar em contato a qualquer hora.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

Você tem garantido o seu direito de não aceitar participar ou de retirar sua permissão, a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo ou retaliação, pela sua decisão. As informações desta pesquisa serão confidenciais, e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas.

Caso você tenha qualquer dúvida quanto aos seus direitos como participante de pesquisa, entre em contato com Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (CEP-PUCRS) em (51) 33203345, Av. Ipiranga, 6681/prédio 50 sala 703, CEP: 90619-900, Bairro Partenon, Porto Alegre – RS, e-mail: cep@pucls.br, de segunda a sexta-feira das 8h às 12h e das 13h30 às 17h. O Comitê de Ética é um órgão independente constituído de profissionais das diferentes áreas do conhecimento e membros da comunidade. Sua responsabilidade é garantir a proteção dos direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes por meio da revisão e da aprovação do estudo, entre outras ações.

Ao assinar este termo de consentimento, você não abre mão de nenhum direito legal que teria de outra forma. Não assine este termo de consentimento a menos que tenha tido a oportunidade de fazer perguntas e tenha recebido respostas satisfatórias para todas as suas dúvidas. Se você concordar em participar deste estudo, você rubricará todas as páginas e assinará e datará duas vias originais deste termo de consentimento. Você receberá uma das vias para seus registros e a outra será arquivada pelo responsável pelo estudo.

Eu, Adama Larissa Costa, após a leitura deste documento e de ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado, ficando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade e esclarecimentos sempre que desejar.

Diante do exposto, expresso minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo, autorizando o uso, compartilhamento e publicação das informações resultantes da entrevista para a confecção da tese de doutorado, publicação de artigos e participação em eventos científicos, sem o anonimato das participantes da pesquisa.

Porto Alegre (RS), 02 de maio de 20 23.

Adama Larissa Costa

Assinatura da participante da pesquisa

Antonio C. Meyer
Dr. Antônio Carlos Hohlfeldt (Orientador da pesquisa)

Felipe Adam
Msc. Felipe Adam (Doutorando e autor da pesquisa)

ANEXO I - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE): Raquel Munhoz



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Nós, o doutorando Felipe Adam e o professor Dr Antonio Carlos Hohlfeldt, responsáveis pela pesquisa **Quando as jornalistas assumem o protagonismo: Memória do gênero biográfico brasileiro pela ótica feminina (1990-2020)** estamos fazendo um convite para você participar como voluntária nesse estudo.

Esta pesquisa pretende identificar a produção biográfica de mulheres jornalistas à história do jornalismo brasileiro (1990-2020), além de apresentar a evolução do mercado editorial biográfico brasileiro; elaborar um mapa dos protagonistas biografados, durante o período selecionado no Brasil; e discutir a autoria das mulheres jornalistas, enquanto biógrafas. Acreditamos que ela seja importante porque, diante do fenômeno das biografias no Brasil, existe um nicho de trabalho jornalístico – tanto em função da produção, quanto de vendagem do segmento – e esta investigação objetiva desbravar questões ainda não debatidas na universidade, como a participação das mulheres jornalistas auroras de biografias.

Para sua realização será feita a aplicação da entrevista qualitativa com questões semiestruturadas e abordagem em profundidade, na modalidade virtual, via () Google Meet / (x) Microsoft Teams. As ocasiões serão gravadas, apenas com o intuito de facilitar o registro e posterior transcrição das falas, sem transmissão no Youtube, nem compartilhada em qualquer rede social. A ideia é se concentrar na trajetória de cada entrevistada, a começar pelas influências familiares, o ingresso no curso de Jornalismo, a estreia nas redações, o interesse por biografias, a decisão pelo mercado editorial, a escolha da personagem principal, a metodologia aplicada na pesquisa biográfica, possíveis dificuldades e desafios ao longo da investigação, para que assim se possa traçar um esboço da realidade individual. Sua participação constará como convidada. O projeto não apresenta quaisquer riscos significativos, na medida em que se trata de entrevistas aplicadas de maneira remota, visando conhecer detalhadamente os processos de concretização das narrativas biográficas em estudo.

Os benefícios que esperamos do estudo são novas abordagens a respeito da pesquisa jornalística em âmbito biográfico, uma área ainda pouco debatida no Brasil. Embora se tenha trabalhos que dialoguem com a participação feminina no jornalismo, quase nenhuma investigação aborda a inserção das jornalistas como biógrafas brasileiras. Assim, este trabalho tenta contribuir para uma compreensão de uma parcela da história, ainda não debatida, sobre o jornalismo brasileiro.

Durante todo o período da pesquisa você tem o direito de sanar qualquer dúvida ou pedir qualquer informação sobre o estudo, bastando para isso entrar em contato, com o professor orientador Dr. Antonio Carlos Hohlfeldt, no telefone (51) 99981-5613 ou no e-mail a_hohlfeldt@yahoo.com.br. Também poderá ser contatado o autor do projeto, doutorando Felipe Adam, no telefone (47) 99988-5855 ou no e-mail felipeadam91@gmail.com. Para garantia de esclarecimentos, você poderá entrar em contato a qualquer hora.

Raquel



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

Você tem garantido o seu direito de não aceitar participar ou de retirar sua permissão, a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo ou retaliação, pela sua decisão. As informações desta pesquisa serão confidenciais, e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas.

Caso você tenha qualquer dúvida quanto aos seus direitos como participante de pesquisa, entre em contato com Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (CEP-PUCRS) em (51) 33203345, Av. Ipiranga, 6681/prédio 50 sala 703, CEP: 90619-900, Bairro Partenon, Porto Alegre – RS, e-mail: cep@pucls.br, de segunda a sexta-feira das 8h às 12h e das 13h30 às 17h. O Comitê de Ética é um órgão independente constituído de profissionais das diferentes áreas do conhecimento e membros da comunidade. Sua responsabilidade é garantir a proteção dos direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes por meio da revisão e da aprovação do estudo, entre outras ações.

Ao assinar este termo de consentimento, você não abre mão de nenhum direito legal que teria de outra forma. Não assine este termo de consentimento a menos que tenha tido a oportunidade de fazer perguntas e tenha recebido respostas satisfatórias para todas as suas dúvidas. Se você concordar em participar deste estudo, você rubricará todas as páginas e assinará e datará duas vias originais deste termo de consentimento. Você receberá uma das vias para seus registros e a outra será arquivada pelo responsável pelo estudo.

Eu, Raquel Cavalheiro Souza Luthoz, após a leitura deste documento e de ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado, ficando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade e esclarecimentos sempre que desejar.

Diante do exposto, expresso minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo, autorizando o uso, compartilhamento e publicação das informações resultantes da entrevista para a confecção da tese de doutorado, publicação de artigos e participação em eventos científicos, sem o anonimato das participantes da pesquisa.

Porto Alegre (RS), 02, de maio de 2023.

Raquel Cavalheiro Souza Luthoz
Assinatura da participante da pesquisa

Antonio Carlos Hohlfeldt
Dr. Antônio Carlos Hohlfeldt (Orientador da pesquisa)

Felipe Adam
Msc. Felipe Adam (Doutorando e autor da pesquisa)

ANEXO J - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE): Karla Monteiro

DocuSign Envelope ID: BC17F7FD-86FC-4275-BE4D-A02C4674F89A



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Nós, o doutorando Felipe Adam e o professor Dr Antonio Carlos Hohlfeldt, responsáveis pela pesquisa **Quando as jornalistas assumem o protagonismo: Memória do gênero biográfico brasileiro pela ótica feminina (1990-2020)** estamos fazendo um convite para você participar como voluntária nesse estudo.

Esta pesquisa pretende identificar a produção biográfica de mulheres jornalistas à história do jornalismo brasileiro (1990-2020), além de apresentar a evolução do mercado editorial biográfico brasileiro; elaborar um mapa dos protagonistas biografados, durante o período selecionado no Brasil; e discutir a autoria das mulheres jornalistas, enquanto biógrafas. Acreditamos que ela seja importante porque, diante do fenômeno das biografias no Brasil, existe um nicho de trabalho jornalístico – tanto em função da produção, quanto de vendagem do segmento – e esta investigação objetiva desbravar questões ainda não debatidas na universidade, como a participação das mulheres jornalistas auras de biografias.

Para sua realização será feita a aplicação da entrevista qualitativa com questões semiestruturadas e abordagem em profundidade, na modalidade virtual, via () Google Meet / () Microsoft Teams. As ocasiões serão gravadas, apenas com o intuito de facilitar o registro e posterior transcrição das falas, sem transmissão no Youtube, nem compartilhada em qualquer rede social. A ideia é se concentrar na trajetória de cada entrevistada, a começar pelas influências familiares, o ingresso no curso de Jornalismo, a estreia nas redações, o interesse por biografias, a decisão pelo mercado editorial, a escolha da personagem principal, a metodologia aplicada na pesquisa biográfica, possíveis dificuldades e desafios ao longo da investigação, para que assim se possa traçar um esboço da realidade individual. Sua participação constará como convidada. O projeto não apresenta quaisquer riscos significativos, na medida em que se trata de entrevistas aplicadas de maneira remota, visando conhecer detalhadamente os processos de concretização das narrativas biográficas em estudo.

Os benefícios que esperamos do estudo são novas abordagens a respeito da pesquisa jornalística em âmbito biográfico, uma área ainda pouco debatida no Brasil. Embora se tenha trabalhos que dialoguem com a participação feminina no jornalismo, quase nenhuma investigação aborda a inserção das jornalistas como biógrafas brasileiras. Assim, este trabalho tenta contribuir para uma compreensão de uma parcela da história, ainda não debatida, sobre o jornalismo brasileiro.

Durante todo o período da pesquisa você tem o direito de sanar qualquer dúvida ou pedir qualquer informação sobre o estudo, bastando para isso entrar em contato, com o professor orientador **Dr. Antonio Carlos Hohlfeldt**, no telefone (51) 99981-5613 ou no e-mail a_hohlfeldt@yahoo.com.br. Também poderá ser contatado o autor do projeto, doutorando Felipe Adam, no telefone (47) 99988-5855 ou no e-mail felipeadam91@gmail.com. Para garantia de esclarecimentos, você poderá entrar em contato a qualquer hora.

Av. Ipiranga, 6681 – Prédio 50 – Sala 703 | CEP 90619-900 | Porto Alegre, RS – Brasil
Fone: (51) 3320-3345 | E-mail: cep@pucrs.br | www.pucrs.br



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

Você tem garantido o seu direito de não aceitar participar ou de retirar sua permissão, a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo ou retaliação, pela sua decisão. As informações desta pesquisa serão confidenciais, e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas.

Caso você tenha qualquer dúvida quanto aos seus direitos como participante de pesquisa, entre em contato com Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (CEP-PUCRS) em (51) 33203345, Av. Ipiranga, 6681/prédio 50 sala 703, CEP: 90619-900, Bairro Partenon, Porto Alegre – RS, e-mail: cep@pucls.br, de segunda a sexta-feira das 8h às 12h e das 13h30 às 17h. O Comitê de Ética é um órgão independente constituído de profissionais das diferentes áreas do conhecimento e membros da comunidade. Sua responsabilidade é garantir a proteção dos direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes por meio da revisão e da aprovação do estudo, entre outras ações.

Ao assinar este termo de consentimento, você não abre mão de nenhum direito legal que teria de outra forma. Não assine este termo de consentimento a menos que tenha tido a oportunidade de fazer perguntas e tenha recebido respostas satisfatórias para todas as suas dúvidas. Se você concordar em participar deste estudo, você rubricará todas as páginas e assinará e datará duas vias originais deste termo de consentimento. Você receberá uma das vias para seus registros e a outra será arquivada pelo responsável pelo estudo.

Eu, Karla Monteiro, após a leitura deste documento e de ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado, ficando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade e esclarecimentos sempre que desejar.

Diante do exposto, expresso minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo, autorizando o uso, compartilhamento e publicação das informações resultantes da entrevista para a confecção da tese de doutorado, publicação de artigos e participação em eventos científicos, sem o anonimato das participantes da pesquisa.

Porto Alegre (RS), 05, de maio de 20 23.

DocuSigned by:

Karla Monteiro

F80465966094404...

Assinatura da participante da pesquisa

Antonio C. U. Meyer
Dr. Antonio Carlos Hohlfeldt (Orientador da pesquisa)

Felipe Adam
Msc. Felipe Adam (Doutorando e autor da pesquisa)

ANEXO K - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE): Cristiane Correa

DocuSign Envelope ID: 573A2278-AE20-4995-8F4D-B62C96B447D1



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Nós, o doutorando Felipe Adam e o professor Dr Antonio Carlos Hohlfeldt, responsáveis pela pesquisa **Quando as jornalistas assumem o protagonismo: Memória do gênero biográfico brasileiro pela ótica feminina (1990-2020)** estamos fazendo um convite para você participar como voluntária nesse estudo.

Esta pesquisa pretende identificar a produção biográfica de mulheres jornalistas à história do jornalismo brasileiro (1990-2020), além de apresentar a evolução do mercado editorial biográfico brasileiro; elaborar um mapa dos protagonistas biografados, durante o período selecionado no Brasil; e discutir a autoria das mulheres jornalistas, enquanto biógrafas. Acreditamos que ela seja importante porque, diante do fenômeno das biografias no Brasil, existe um nicho de trabalho jornalístico – tanto em função da produção, quanto de vendagem do segmento – e esta investigação objetiva desbravar questões ainda não debatidas na universidade, como a participação das mulheres jornalistas auras de biografias.

Para sua realização será feita a aplicação da entrevista qualitativa com questões semiestruturadas e abordagem em profundidade, na modalidade virtual, via () Google Meet / () Microsoft Teams. As ocasiões serão gravadas, apenas com o intuito de facilitar o registro e posterior transcrição das falas, sem transmissão no Youtube, nem compartilhada em qualquer rede social. A ideia é se concentrar na trajetória de cada entrevistada, a começar pelas influências familiares, o ingresso no curso de Jornalismo, a estreia nas redações, o interesse por biografias, a decisão pelo mercado editorial, a escolha da personagem principal, a metodologia aplicada na pesquisa biográfica, possíveis dificuldades e desafios ao longo da investigação, para que assim se possa traçar um esboço da realidade individual. Sua participação constará como convidada. O projeto não apresenta quaisquer riscos significativos, na medida em que se trata de entrevistas aplicadas de maneira remota, visando conhecer detalhadamente os processos de concretização das narrativas biográficas em estudo.

Os benefícios que esperamos do estudo são novas abordagens a respeito da pesquisa jornalística em âmbito biográfico, uma área ainda pouco debatida no Brasil. Embora se tenha trabalhos que dialoguem com a participação feminina no jornalismo, quase nenhuma investigação aborda a inserção das jornalistas como biógrafas brasileiras. Assim, este trabalho tenta contribuir para uma compreensão de uma parcela da história, ainda não debatida, sobre o jornalismo brasileiro.

Durante todo o período da pesquisa você tem o direito de sanar qualquer dúvida ou pedir qualquer informação sobre o estudo, bastando para isso entrar em contato, com o professor orientador **Dr. Antonio Carlos Hohlfeldt**, no telefone (51) 99981-5613 ou no e-mail a_hohlfeldt@yahoo.com.br. Também poderá ser contatado o autor do projeto, doutorando Felipe Adam, no telefone (47) 99988-5855 ou no e-mail felipeadam91@gmail.com. Para garantia de esclarecimentos, você poderá entrar em contato a qualquer hora.

Av. Ipiranga, 6681 – Prédio 50 – Sala 703 | CEP 90619-900 | Porto Alegre, RS – Brasil
Fone: (51) 3320-3345 | E-mail: cep@puccrs.br | www.puccrs.br



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

Você tem garantido o seu direito de não aceitar participar ou de retirar sua permissão, a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo ou retaliação, pela sua decisão. As informações desta pesquisa serão confidenciais, e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas.

Caso você tenha qualquer dúvida quanto aos seus direitos como participante de pesquisa, entre em contato com Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (CEP-PUCRS) em (51) 33203345, Av. Ipiranga, 6681/prédio 50 sala 703, CEP: 90619-900, Bairro Partenon, Porto Alegre – RS, e-mail: cep@pucls.br, de segunda a sexta-feira das 8h às 12h e das 13h30 às 17h. O Comitê de Ética é um órgão independente constituído de profissionais das diferentes áreas do conhecimento e membros da comunidade. Sua responsabilidade é garantir a proteção dos direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes por meio da revisão e da aprovação do estudo, entre outras ações.

Ao assinar este termo de consentimento, você não abre mão de nenhum direito legal que teria de outra forma. Não assine este termo de consentimento a menos que tenha tido a oportunidade de fazer perguntas e tenha recebido respostas satisfatórias para todas as suas dúvidas. Se você concordar em participar deste estudo, você rubricará todas as páginas e assinará e datará duas vias originais deste termo de consentimento. Você receberá uma das vias para seus registros e a outra será arquivada pelo responsável pelo estudo.

Eu, Cristiane Correa, após a leitura deste documento e de ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado, ficando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade e esclarecimentos sempre que desejar.

Diante do exposto, expresso minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo, autorizando o uso, compartilhamento e publicação das informações resultantes da entrevista para a confecção da tese de doutorado, publicação de artigos e participação em eventos científicos, sem o anonimato das participantes da pesquisa.

Porto Alegre (RS), 09, de maio, de 2023.

DocuSigned by:
Cristiane Correa
C141F0405928472...

Assinatura da participante da pesquisa

Antônio Carlos Hohlfeldt
Dr. Antônio Carlos Hohlfeldt (Orientador da pesquisa)

Felipe Adam
Msc. Felipe Adam (Doutorando e autor da pesquisa)

ANEXO L - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE): Adriana Negreiros



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Nós, o doutorando **Felipe Adam** e o professor **Dr Antonio Carlos Hohlfeldt**, responsáveis pela pesquisa **Quando as jornalistas assumem o protagonismo: Memória do gênero biográfico brasileiro pela ótica feminina (1990-2020)** estamos fazendo um convite para você participar como voluntária nesse estudo.

Esta pesquisa pretende identificar a produção biográfica de mulheres jornalistas à história do jornalismo brasileiro (1990-2020), além de apresentar a evolução do mercado editorial biográfico brasileiro; elaborar um mapa dos protagonistas biografados, durante o período selecionado no Brasil; e discutir a autoria das mulheres jornalistas, enquanto biógrafas. Acreditamos que ela seja importante porque, diante do fenômeno das biografias no Brasil, existe um nicho de trabalho jornalístico – tanto em função da produção, quanto de venda do segmento – e esta investigação objetiva desbravar questões ainda não debatidas na universidade, como a participação das mulheres jornalistas auras de biografias.

Para sua realização será feita a aplicação da entrevista qualitativa com questões semiestruturadas e abordagem em profundidade, na modalidade virtual, via (Google Meet / () Microsoft Teams. As ocasiões serão gravadas, apenas com o intuito de facilitar o registro e posterior transcrição das falas, sem transmissão no Youtube, nem compartilhada em qualquer rede social. A ideia é se concentrar na trajetória de cada entrevistada, a começar pelas influências familiares, o ingresso no curso de Jornalismo, a estreia nas redações, o interesse por biografias, a decisão pelo mercado editorial, a escolha da personagem principal, a metodologia aplicada na pesquisa biográfica, possíveis dificuldades e desafios ao longo da investigação, para que assim se possa traçar um esboço da realidade individual. Sua participação constará como convidada. O projeto não apresenta quaisquer riscos significativos, na medida em que se trata de entrevistas aplicadas de maneira remota, visando conhecer detalhadamente os processos de concretização das narrativas biográficas em estudo.

Os benefícios que esperamos do estudo são novas abordagens a respeito da pesquisa jornalística em âmbito biográfico, uma área ainda pouco debatida no Brasil. Embora se tenha trabalhos que dialoguem com a participação feminina no jornalismo, quase nenhuma investigação aborda a inserção das jornalistas como biógrafas brasileiras. Assim, este trabalho tenta contribuir para uma compreensão de uma parcela da história, ainda não debatida, sobre o jornalismo brasileiro.

Durante todo o período da pesquisa você tem o direito de sanar qualquer dúvida ou pedir qualquer informação sobre o estudo, bastando para isso entrar em contato, com o professor orientador **Dr. Antonio Carlos Hohlfeldt**, no telefone (51) 99981-5613 ou no e-mail a_hohlfeldt@yahoo.com.br. Também poderá ser contatado o autor do projeto, doutorando **Felipe Adam**, no telefone (47) 99988-5855 ou no e-mail felipeadam91@gmail.com. Para garantia de esclarecimentos, você poderá entrar em contato a qualquer hora.

Av. Ipiranga, 6681 – Prédio 50 – Sala 703 | CEP 90619-900 | Porto Alegre, RS – Brasil
Fone: (51) 3320-3345 | E-mail: cep@pucrs.br | www.pucrs.br



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

Você tem garantido o seu direito de não aceitar participar ou de retirar sua permissão, a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo ou retaliação, pela sua decisão. As informações desta pesquisa serão confidenciais, e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas.

Caso você tenha qualquer dúvida quanto aos seus direitos como participante de pesquisa, entre em contato com Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (CEP-PUCRS) em (51) 33203345, Av. Ipiranga, 6681/prédio 50 sala 703, CEP: 90619-900, Bairro Partenon, Porto Alegre – RS, e-mail: cep@pucls.br, de segunda a sexta-feira das 8h às 12h e das 13h30 às 17h. O Comitê de Ética é um órgão independente constituído de profissionais das diferentes áreas do conhecimento e membros da comunidade. Sua responsabilidade é garantir a proteção dos direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes por meio da revisão e da aprovação do estudo, entre outras ações.

Ao assinar este termo de consentimento, você não abre mão de nenhum direito legal que teria de outra forma. Não assine este termo de consentimento a menos que tenha tido a oportunidade de fazer perguntas e tenha recebido respostas satisfatórias para todas as suas dúvidas. Se você concordar em participar deste estudo, você rubricará todas as páginas e assinará e datará duas vias originais deste termo de consentimento. Você receberá uma das vias para seus registros e a outra será arquivada pelo responsável pelo estudo.

Eu, ADRIANA NEGREIROS DANTAS, após a leitura deste documento e de ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado, ficando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade e esclarecimentos sempre que desejar.

Diante do exposto, expresso minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo, autorizando o uso, compartilhamento e publicação das informações resultantes da entrevista para a confecção da tese de doutorado, publicação de artigos e participação em eventos científicos, sem o anonimato das participantes da pesquisa.

Porto Alegre (RS), 11 de Maio de 2023

Adriana Negreiros Dantas

Assinatura da participante da pesquisa

Antonio Carlos Hohlfeldt
Dr. Antonio Carlos Hohlfeldt (Orientador da pesquisa)

Felipe Adam
Msc. Felipe Adam (Doutorando e autor da pesquisa)

ANEXO M - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE): Consuelo Dieguez

DocuSign Envelope ID: 3632B71D-EE37-4B56-BEEA-F0A22C7F5E3B



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Nós, o doutorando Felipe Adam e o professor Dr Antonio Carlos Hohlfeldt, responsáveis pela pesquisa **Quando as jornalistas assumem o protagonismo: Memória do gênero biográfico brasileiro pela ótica feminina (1990-2020)** estamos fazendo um convite para você participar como voluntária nesse estudo.

Esta pesquisa pretende identificar a produção biográfica de mulheres jornalistas à história do jornalismo brasileiro (1990-2020), além de apresentar a evolução do mercado editorial biográfico brasileiro; elaborar um mapa dos protagonistas biografados, durante o período selecionado no Brasil; e discutir a autoria das mulheres jornalistas, enquanto biógrafas. Acreditamos que ela seja importante porque, diante do fenômeno das biografias no Brasil, existe um nicho de trabalho jornalístico – tanto em função da produção, quanto de vendagem do segmento – e esta investigação objetiva desbravar questões ainda não debatidas na universidade, como a participação das mulheres jornalistas auroras de biografias.

Para sua realização será feita a aplicação da entrevista qualitativa com questões semiestruturadas e abordagem em profundidade, na modalidade virtual, via (x) Google Meet / () Microsoft Teams. As ocasiões serão gravadas, apenas com o intuito de facilitar o registro e posterior transcrição das falas, sem transmissão no Youtube, nem compartilhada em qualquer rede social. A ideia é se concentrar na trajetória de cada entrevistada, a começar pelas influências familiares, o ingresso no curso de Jornalismo, a estreia nas redações, o interesse por biografias, a decisão pelo mercado editorial, a escolha da personagem principal, a metodologia aplicada na pesquisa biográfica, possíveis dificuldades e desafios ao longo da investigação, para que assim se possa traçar um esboço da realidade individual. Sua participação constará como convidada. O projeto não apresenta quaisquer riscos significativos, na medida em que se trata de entrevistas aplicadas de maneira remota, visando conhecer detalhadamente os processos de concretização das narrativas biográficas em estudo.

Os benefícios que esperamos do estudo são novas abordagens a respeito da pesquisa jornalística em âmbito biográfico, uma área ainda pouco debatida no Brasil. Embora se tenha trabalhos que dialoguem com a participação feminina no jornalismo, quase nenhuma investigação aborda a inserção das jornalistas como biógrafas brasileiras. Assim, este trabalho tenta contribuir para uma compreensão de uma parcela da história, ainda não debatida, sobre o jornalismo brasileiro.

Durante todo o período da pesquisa você tem o direito de sanar qualquer dúvida ou pedir qualquer informação sobre o estudo, bastando para isso entrar em contato, com o professor orientador **Dr. Antonio Carlos Hohlfeldt**, no telefone (51) 99981-5613 ou no e-mail a_hohlfeldt@yahoo.com.br. Também poderá ser contatado o autor do projeto, doutorando **Felipe Adam**, no telefone (47) 99988-5855 ou no e-mail felipeadam91@gmail.com. Para garantia de esclarecimentos, você poderá entrar em contato a qualquer hora.

Av. Ipiranga, 6681 – Prédio 50 – Sala 703 | CEP 90619-900 | Porto Alegre, RS – Brasil
Fone: (51) 3320-3345 | E-mail: cep@pucrs.br | www.pucrs.br



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

Você tem garantido o seu direito de não aceitar participar ou de retirar sua permissão, a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo ou retaliação, pela sua decisão. As informações desta pesquisa serão confidenciais, e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas.

Caso você tenha qualquer dúvida quanto aos seus direitos como participante de pesquisa, entre em contato com Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (CEP-PUCRS) em (51) 33203345, Av. Ipiranga, 6681/prédio 50 sala 703, CEP: 90619-900, Bairro Partenon, Porto Alegre – RS, e-mail: cep@pucls.br, de segunda a sexta-feira das 8h às 12h e das 13h30 às 17h. O Comitê de Ética é um órgão independente constituído de profissionais das diferentes áreas do conhecimento e membros da comunidade. Sua responsabilidade é garantir a proteção dos direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes por meio da revisão e da aprovação do estudo, entre outras ações.

Ao assinar este termo de consentimento, você não abre mão de nenhum direito legal que teria de outra forma. Não assine este termo de consentimento a menos que tenha tido a oportunidade de fazer perguntas e tenha recebido respostas satisfatórias para todas as suas dúvidas. Se você concordar em participar deste estudo, você rubricará todas as páginas e assinará e datará duas vias originais deste termo de consentimento. Você receberá uma das vias para seus registros e a outra será arquivada pelo responsável pelo estudo.

Consuelo Dieguez

Eu, _____, após a leitura deste documento e de ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado, ficando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade e esclarecimentos sempre que desejar.

Diante do exposto, expresso minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo, autorizando o uso, compartilhamento e publicação das informações resultantes da entrevista para a confecção da tese de doutorado, publicação de artigos e participação em eventos científicos, sem o anonimato das participantes da pesquisa.

Porto Alegre (RS), 11, de maio de 2023.

DocuSigned by:

Consuelo Dieguez

E33D7282949B490...

Assinatura da participante da pesquisa


Dr. Antônio Carlos Hohlfeldt (Orientador da pesquisa)


Msc. Felipe Adam (Doutorando e autor da pesquisa)

ANEXO N - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE): Daniela Arbex



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
PRO-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Nós, o doutorando Felipe Adam e o professor Dr Antonio Carlos Hohlfeldt, responsáveis pela pesquisa **Quando as jornalistas assumem o protagonismo: Memória do gênero biográfico brasileiro pela ótica feminina (1990-2020)** estamos fazendo um convite para você participar como voluntária nesse estudo.

Esta pesquisa pretende identificar a produção biográfica de mulheres jornalistas à história do jornalismo brasileiro (1990-2020), além de apresentar a evolução do mercado editorial biográfico brasileiro; elaborar um mapa dos protagonistas biografados, durante o período selecionado no Brasil; e discutir a autoria das mulheres jornalistas, enquanto biógrafas. Acreditamos que ela seja importante porque, diante do fenômeno das biografias no Brasil, existe um nicho de trabalho jornalístico – tanto em função da produção, quanto de vendagem do segmento – e esta investigação objetiva desbravar questões ainda não debatidas na universidade, como a participação das mulheres jornalistas autoras de biografias.

Para sua realização será feita a aplicação da entrevista qualitativa com questões semiestruturadas e abordagem em profundidade, na modalidade virtual, via Google Meet / () Microsoft Teams. As ocasiões serão gravadas, apenas com o intuito de facilitar o registro e posterior transcrição das falas, sem transmissão no Youtube, nem compartilhada em qualquer rede social. A ideia é se concentrar na trajetória de cada entrevistada, a começar pelas influências familiares, o ingresso no curso de Jornalismo, a estreia nas redações, o interesse por biografias, a decisão pelo mercado editorial, a escolha da personagem principal, a metodologia aplicada na pesquisa biográfica, possíveis dificuldades e desafios ao longo da investigação, para que assim se possa traçar um esboço da realidade individual. Sua participação constará como convidada. O projeto não apresenta quaisquer riscos significativos, na medida em que se trata de entrevistas aplicadas de maneira remota, visando conhecer detalhadamente os processos de concretização das narrativas biográficas em estudo.

Os benefícios que esperamos do estudo são novas abordagens a respeito da pesquisa jornalística em âmbito biográfico, uma área ainda pouco debatida no Brasil. Embora se tenha trabalhos que dialoguem com a participação feminina no jornalismo, quase nenhuma investigação aborda a inserção das jornalistas como biógrafas brasileiras. Assim, este trabalho tenta contribuir para uma compreensão de uma parcela da história, ainda não debatida, sobre o jornalismo brasileiro.

Durante todo o período da pesquisa você tem o direito de sanar qualquer dúvida ou pedir qualquer informação sobre o estudo, bastando para isso entrar em contato, com o professor orientador Dr. Antonio Carlos Hohlfeldt, no telefone (51) 99981-5613 ou no e-mail a_hohlfeldt@yahoo.com.br. Também poderá ser contatado o autor do projeto, doutorando Felipe Adam, no telefone (47) 99988-5855 ou no e-mail felipeadam91@gmail.com. Para garantia de esclarecimentos, você poderá entrar em contato a qualquer hora.

Av. Ipiranga, 6681 – Prédio 50 – Sala 703 | CEP 90619-900 | Porto Alegre, RS – Brasil
Fone: (51) 3320-3345 | E-mail: cep@pucrs.br | www.pucrs.br



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

Você tem garantido o seu direito de não aceitar participar ou de retirar sua permissão, a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo ou retaliação, pela sua decisão. As informações desta pesquisa serão confidenciais, e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas.

Caso você tenha qualquer dúvida quanto aos seus direitos como participante de pesquisa, entre em contato com Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (CEP-PUCRS) em (51) 33203345, Av. Ipiranga, 6681/prédio 50 sala 703, CEP: 90619-900, Bairro Partenon, Porto Alegre – RS, e-mail: cep@pucrs.br, de segunda a sexta-feira das 8h às 12h e das 13h30 às 17h. O Comitê de Ética é um órgão independente constituído de profissionais das diferentes áreas do conhecimento e membros da comunidade. Sua responsabilidade é garantir a proteção dos direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes por meio da revisão e da aprovação do estudo, entre outras ações.

Ao assinar este termo de consentimento, você não abre mão de nenhum direito legal que teria de outra forma. Não assine este termo de consentimento a menos que tenha tido a oportunidade de fazer perguntas e tenha recebido respostas satisfatórias para todas as suas dúvidas. Se você concordar em participar deste estudo, você rubricará todas as páginas e assinará e datará duas vias originais deste termo de consentimento. Você receberá uma das vias para seus registros e a outra será arquivada pelo responsável pelo estudo.

Eu, Daniela Alex, após a leitura deste documento e de ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado, ficando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade e esclarecimentos sempre que desejar.

Diante do exposto, expresso minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo, autorizando o uso, compartilhamento e publicação das informações resultantes da entrevista para a confecção da tese de doutorado, publicação de artigos e participação em eventos científicos, sem o anonimato das participantes da pesquisa.

Porto Alegre (RS), 15 de maio de 2023.

Assinatura da participante da pesquisa

Dr. Antonio Carlos Hohlfeldt (Orientador da pesquisa)

Msc. Felipe Adam (Doutorando e autor da pesquisa)

ANEXO O - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE): Evanize Sydow



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
PRO-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Nós, o doutorando Felipe Adam e o professor Dr Antonio Carlos Hohlfeldt, responsáveis pela pesquisa **Quando as jornalistas assumem o protagonismo: Memória do gênero biográfico brasileiro pela ótica feminina (1990-2020)** estamos fazendo um convite para você participar como voluntária nesse estudo.

Esta pesquisa pretende identificar a produção biográfica de mulheres jornalistas à história do jornalismo brasileiro (1990-2020), além de apresentar a evolução do mercado editorial biográfico brasileiro; elaborar um mapa dos protagonistas biografados, durante o período selecionado no Brasil; e discutir a autoria das mulheres jornalistas, enquanto biógrafas. Acreditamos que ela seja importante porque, diante do fenômeno das biografias no Brasil, existe um nicho de trabalho jornalístico – tanto em função da produção, quanto de vendagem do segmento – e esta investigação objetiva desbravar questões ainda não debatidas na universidade, como a participação das mulheres jornalistas auroras de biografias.

Para sua realização será feita a aplicação da entrevista qualitativa com questões semiestruturadas e abordagem em profundidade, na modalidade virtual, via () Google Meet / (X) Microsoft Teams. As ocasiões serão gravadas, apenas com o intuito de facilitar o registro e posterior transcrição das falas, sem transmissão no Youtube, nem compartilhada em qualquer rede social. A ideia é se concentrar na trajetória de cada entrevistada, a começar pelas influências familiares, o ingresso no curso de Jornalismo, a estreia nas redações, o interesse por biografias, a decisão pelo mercado editorial, a escolha da personagem principal, a metodologia aplicada na pesquisa biográfica, possíveis dificuldades e desafios ao longo da investigação, para que assim se possa traçar um esboço da realidade individual. Sua participação constará como convidada. O projeto não apresenta quaisquer riscos significativos, na medida em que se trata de entrevistas aplicadas de maneira remota, visando conhecer detalhadamente os processos de concretização das narrativas biográficas em estudo.

Os benefícios que esperamos do estudo são novas abordagens a respeito da pesquisa jornalística em âmbito biográfico, uma área ainda pouco debatida no Brasil. Embora se tenha trabalhos que dialoguem com a participação feminina no jornalismo, quase nenhuma investigação aborda a inserção das jornalistas como biógrafas brasileiras. Assim, este trabalho tenta contribuir para uma compreensão de uma parcela da história, ainda não debatida, sobre o jornalismo brasileiro.

Durante todo o período da pesquisa você tem o direito de sanar qualquer dúvida ou pedir qualquer informação sobre o estudo, bastando para isso entrar em contato, com o professor orientador Dr. Antonio Carlos Hohlfeldt, no telefone (51) 99981-5613 ou no e-mail a_hohlfeldt@yahoo.com.br. Também poderá ser contatado o autor do projeto, doutorando Felipe Adam, no telefone (47) 99988-5855 ou no e-mail felipeadam91@gmail.com. Para garantia de esclarecimentos, você poderá entrar em contato a qualquer hora.





Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

Você tem garantido o seu direito de não aceitar participar ou de retirar sua permissão, a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo ou retaliação, pela sua decisão. As informações desta pesquisa serão confidenciais, e serão divulgadas apenas em eventos ou publicações científicas.

Caso você tenha qualquer dúvida quanto aos seus direitos como participante de pesquisa, entre em contato com Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (CEP-PUCRS) em (51) 33203345, Av. Ipiranga, 6681/prédio 50 sala 703, CEP: 90619-900, Bairro Partenon, Porto Alegre – RS, e-mail: cep@pucrs.br, de segunda a sexta-feira das 8h às 12h e das 13h30 às 17h. O Comitê de Ética é um órgão independente constituído de profissionais das diferentes áreas do conhecimento e membros da comunidade. Sua responsabilidade é garantir a proteção dos direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes por meio da revisão e da aprovação do estudo, entre outras ações.

Ao assinar este termo de consentimento, você não abre mão de nenhum direito legal que teria de outra forma. Não assine este termo de consentimento a menos que tenha tido a oportunidade de fazer perguntas e tenha recebido respostas satisfatórias para todas as suas dúvidas. Se você concordar em participar deste estudo, você rubricará todas as páginas e assinará e datará duas vias originais deste termo de consentimento. Você receberá uma das vias para seus registros e a outra será arquivada pelo responsável pelo estudo.

Eu, EVANIZE MARTINS SYDOW, após a leitura deste documento e de ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado, ficando claro para mim que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade e esclarecimentos sempre que desejar.

Diante do exposto, expresso minha concordância de espontânea vontade em participar deste estudo, autorizando o uso, compartilhamento e publicação das informações resultantes da entrevista para a confecção da tese de doutorado, publicação de artigos e participação em eventos científicos, sem o anonimato das participantes da pesquisa.

Porto Alegre (RS), 19, de maio de 2023.

Evaniz Martins Sydow

Assinatura da participante da pesquisa

Dr. Antônio Carlos Hohlfeldt
Dr. Antônio Carlos Hohlfeldt (Orientador da pesquisa)

Felipe Adam
Msc. Felipe Adam (Doutorando e autor da pesquisa)



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Av. Ipiranga, 6681 – Prédio 1 – Térreo
Porto Alegre – RS – Brasil
Fone: (51) 3320-3513
E-mail: propesq@pucrs.br
Site: www.pucrs.br